# LIVRO PRIMEIRO DA SEXTA DECADA DA HISTORIA DA INDIA.

## CAPITOLO I.

*De como foi eleito pera Gouernador da India dom Ioaõ de Caſtro. E da armada com q̃ partio pera a India no anno de 1545. & de como chegou a Goa: & tomou poſſe da gouernança. E das couſas em q̃ proueo. E da viagem q̃ M[illegible] tim Afonſo de Souſa t[illegible] ate o Reino.*

CHEGADA a armada de Diogo da Sylueira a Portugal, & informado Elrey dom Ioaõ o terceiro delle das couſas da India: & vendo as cartas de Martim Afonſo de Souſa, & a inſtancia com que lhe pedia mandaſſe ſoceſſor, & que o meſmo mãdaua pedir por Diogo da Sylueira: Indoſe Elrey pera Euora paſſar o inuerno, começou de tratar de negocios, & entrar na eleiçaõ da peſſoa que auia de mãdar por Gouernador da India: pera cujo cargo lhe inculcou o Ifante dom Luis ſeu irmaõ a dõ Ioaõ de Caſtro filho de dom Aluaro de Caſtro Gouernador da caſa do ciuel (que ja tinha andado d'antes na India, como no capitolo 5. do 7. liuro da quinta decada fica dito) a quem, pollas partes que tinha, era muito affeiçoado. E como o Ifante dom Luis tinha ja muito obrigado a Elrey pello grande amor & corteſia com que o trataua, nomeou a dom Ioaõ de Caſtro [illegible] Gouernador da India em Ia[illegible] de quarenta & cinco: & lhe a[illegible]u ſeis naos com dous mil h[illegible]ns.

[illegible]om o deſpacho deſta armada correo o Conde da Caſtanheira. Nos requerimentos ſe dizia q̃ naõ ficara dom Ioaõ de Caſtro ſatisfeito: porque como ya contra o goſto dos do conſelho, que o teriaõ de ir outro com aquelle cargo, naõ lhe reſponderaõ bem, do que elle andaua pejado. Mas o Ifante dom Luis lhe diſſe que ſe embarcaſſe, & ſe calaſſe, que como eſtiueſſe na India ſegundo as nouas que delle vieſſem, aſsi ſe lhe reſponderia: com o que ſe calou & auiou, mandando negocear ſeus filhos dom Aluaro, & dom Fernando de Caſtro pera irem com elle.

Aqui ſe conta hũa couſa de dom Ioaõ de Caſtro, que ſe lhe

notou por doudice, como outras muitas que o naõ eraõ. Esta foi, que passando vm dia pella porta de vm calceteiro, vio estar hũas calsas de veludo mũy ricas, & de muito feitio, & detendo o cauallo as pedio,& olhou:& depois de notar a obra q̃ era coriosa, pergũtou cujas eraõ? O calceteiro naõ o conhecẽdo, disse q̃ eraõ de vm filho do Gouernador q̃ ya pera a India. Dom Ioaõ de Castro, dandolhe a paixaõ, tomou hũa tisoura & as cortou todas em retalhos, & disse ao calceteiro, dizei a esse moço q̃ faça armas,& foi passando.

Em fim como o tempo da embarcaçaõ se ya chegãdo, foi Elrey concluindo cõ os negocios da India,despachãdo Rax Xarrafo,Guazil de Ormuz, pera se ir naquella armada,porq̃ auia muitos annos q̃ o tinha no reino, (como na coarta Decada,no capitulo terceiro do liuro sexto fica dito.) E naõ continuamos cõ elle,por q̃ de industria o guardamos pera este lugar.

Depois deste Mouro chegar ao reino,que foi no anno de vinte & sete, o teue Elrey no castello de Lixboa muitos annos sem o ouuir, & depois a seu requerimẽto o mandou leuar á Rolaçaõ, a onde lhe elle fez hũa mũy elegante fala sobre suas cousas, alegandolhe os seruiços que lhe tinha feitos,& cõtandolhe os muitos agrauos,& tyrannias que sempre recebera dos capitaẽs de Ormuz, concluindo q̃ de tudo fizera muitas vezes queixas a S. A. por cartas, & isso mesmo aos Gouernadores da India,& que nem vm nem outro lhe remedeara suas queixas, por onde lhe pareceo, que S. A. naõ fazia conta da fortaleza d'Ormuz : & que elle por remir sua vexacaõ fizera o que fez.

Elrey o ouuio bem,& parecendolhe que tinha justiça, o mãdou pera Monte mór o nouo,entregue ao capitaõ mór dos Ginetes, em hũa prisaõ liure,pera que podesse ir á cassa,& passear pella villa. Ali esteue ate a entrada deste anno, que o despachou pera ir com dom Ioaõ de Castro, & lhe fez merce dos cargos de Guazil, & Iuiz da Alfandega d'Ormuz, pera elle & pera seu filho, & que podesse mãdar a cidade de Goa cada anno vinte caualos,& que os tirasse pera os reinos do Decan forros dos direitos, & outras merces & honras : E ao despidirse, lhe disse Elrey, que folgaria de ver naquelle reino algũa cousa sua pera lhe fazer merces. Desta palaura entendeo o Guazil, que Elrey ficaua ainda desconfiado delle : & beijandolhe a maõ lhe respondeo, que elle satisfaria S.A. & assi se embarcou satisfeito. Contaõ deste Guazil muitas grandezas; antre ellas hũa foi, naõ querer aceitar merce a Elrey de dinheiro, mandandolhe dar muito, & muitas vezes. E que com saber mũy bem a lin-

goa Portugueza, nunca quis vsar della: & dizia muitas vezes, que o homẽ honrado, naõ auia de mudar ley, nem lingoa.

Antre muitas cousas que Elrey proueo pera a India, & que deu por regimento ao Gouernrdor, foi que prouesse tres Veadores da fazenda em Goa, que yaõ nomeados: vm pera a ribeira das armadas de Goa, outro pera os Contos, & outro pera a carga das Naos do Reino em Cochim. E posto que algũs digaõ, que lhe pareceo a Elrey ser asi necessario, pello grande crecimẽto em q̃ yaõ as cousas da India; o que se tem por mais certo he, que o fez por naõ ter tãta confiança de dom Ioaõ de Castro, nem o auer por homem de muito negocio.

Despachadas as cousas todas, o Gouernador se embarcou, & se fez á vela meado Março, indo elle embarcado na Nao Saõ Thome. Os capitaẽs de sua conserua eraõ, dõ Ieronymo de Meneses, d'Alcunha o Bacalhao, filho herdeiro de dõ Anrique de Meneses irmaõ do Marquez de villa Real. Era este fidalgo casado cõ hũa filha de dom Aluaro de Castro irmaõ do Gouernador, que ya prouido da fortaleza de Baçaim: foi muito estranhada sua ida á India, porq̃ tinha q̃ comer, & era filho mais velho de seu pay: ao menos seu irmaõ dõ Francisco de Meneses o sentio tãto asi por isso, como por ir despachado com Baçaim, q̃ quando chegou a Goa, fingiose doẽte pello naõ ir buscar: porq̃ dizia elle q̃ tinha escrito a Elrey, que Baçaim era cousa pouca, & que naõ tirara della cousa algũa: & q̃ vendo elle que seu irmaõ lho pedira, aueria q̃ o enganara, & que lhe naõ escreuera verdade. Os outros capitaẽs eraõ Iorge Cabral, que tãbem ya prouido com Baçaim. Dom Manoel da Sylueira, que leuaua a capitania d'Ormuz, Simaõ d'Andrade, & Diogo Rebello, que auiaõ de tornar com a carga. E tendo estas Naos boa viagem tomaraõ Moçambique, a onde o Gouernador achou Simaõ de Mello, com a gente da sua nao que se tinha perdido, (como na quinta Decada, no capitulo sexto, do liuro decimo fica dito.) q̃ o Gouernador repartio pella armada: & fazendose d'ali á vela, foraõ tomar a barra de Goa todas as naos a dez de Setẽbro, tirãdo a de Diogo Rebello, que era a nao Sancto Spirito, que ficou inuernando na costa de Melinde.

A cidade fez grande recebimẽto ao Gouernador, & Martim Afonso de Sousa lhe entregou a India na forma acostumada, por termos, & papeis que disso fez Cosme Anes, q̃ ya prouido do cargo de Secretario. A primeira cousa em que o Gouernador proueo, foi nos cargos dos Veadores da fazenda, que vinhaõ nomeados em segredo. Simaõ Botelho (como ja

diſſemos) pera a Ribeira, o licenciado Manoel de Mergulhaõ pera os Contos,& Bras d'Araujo pera á carga das naos. Mandou Elrey pello Gouernador aluara de fidalgo de ſua caſa a Cogecemaçadim,com grande acoſtamento, & lhe eſcreueo cartas cheas de mimos,& honras, o que tudo o Gouernador lhe mãdou logo;& hũa prouiſaõ pera as ſuas naos poderem nauegar pera Meca, & pera os mais portos que quizeſſe liuremente,ſem noſſas armadas entenderem com ellas: o que Cogecemaçadim eſtimou muito,& o teue por merce & honra aſsinalada: mandando viſitar o Gouernador com preſentes & couſas corioſas. O Guazil d'Ormuz tãto que deſembarcou em terra,logo deſpidio recado a Ormuz a chamar ſeu filho Rax Nordim, porque determinaua naõ ſe ir pera Ormuz ſem o deixar emGoa,pera o mandar o anno ſeguinte pera o Reino, por acabar de ſatisfazer ao goſto d'Elrey : & tanto que chegou a Goa o entregou ao Gouernador, & elle ſe embarcou pera Ormuz.

O Gouernador achou Mealecan preſo na torre da menagem, & tomando informaçaõ de ſuas couſas, o mandou ſoltar, & lhe fez muitas honras, mandandolhe dar caſas, aſsinandolhe dous mil Xerafins pera ſeu entretimento: & deſpachou Simaõ de Mello pera ir entrar na fortaleza de Malaca, & com elle Diogo Soarez de Mello , que eſtaua prouido pello Gouernador Martim Afonſo de Souſa da capitania de Patane, alem de Malaca, pera fazer ir os mercadores da China,deſpachar ſuas fazendas a Malaca: porque por naõ pagarem direitos, tinhaõ feito naquelle porto eſcalla, no que a fazenda d'Elrey recebia notauel perda. E vendo quaõ neceſſario era acodirſe áquillo, o deſpachou, paſſandolhe grandes prouiſoẽs ſobre aquelle negocio : dandolhe hũa fermoſa Galeota, com corenta Portugueſes; & aſsi ſe fizeraõ á vela por fim de Setembro,& de ſuas viagens adiante daremos rezaõ.

O Gouernador mandou dar grande auiamento as Naos da carreira , pera irem a Cochim tomar a carga. E porque Martim Afonſo de Souſa andaua pera ſe embarcar , o mandou requerer Baſtiaõ d'Afonſeca feitor de Goa, por cento corẽta & oito mil, oito centos & vinte & cinco pardaos d'ouro,dos quatrocẽtos mil, q̃ diſſemos na quinta Decada,no capitulo primeiro do liuro decimo,lhe dera Cogecemaçadim emMarço, quãdo ſe foi ver com elle em Cananor; que carregou em receita ſobre o meſmo feitor, ficandolhe em ſi, & paſſandolhe eſcritos razos, que lhe daria delles deſpeza, ou lhos entregaria . E como

Martim

Martim Afonſo de Souſa, deſeja-
ua de leuar o dinheiro a Elrey,
pois o cauára,(porque o Gouerna-
dor apertaua por elle) mandoulhe
dizer, que em Cochim pera onde
ya o entregaria ao veador da fa-
zenda, pois era pera a carga das
Naos.Com iſto quietou oGouer-
nador, & elle ſe embarcou pera
Cochim,pera onde foi tambem o
licẽceado Manoel de Mergulhaõ
pera fazer a carga. E ſendo em
Cochim, andou Martim Afonſo
de Souſa dilatando de dia em dia,
a entrega dos cento quarenta &
oito mil oito centos & vinte &
cinco pardaos d'ouro,ate ſer tem-
po de ſe embarcar, que deſenga-
nou o veador da fazenda, dizen-
dolhe,que o dinheiro que elle ca-
uara naõ queria q̃ o Gouernador
ſe lograſſe delle,que em Portugal
o entregaria a Elrey; & com iſto
ſe embarcou naNao SaõThome,
deu á vela a treze de Dezembro,
indo embarcado com elle Aleixos
de Souſa, & Iorge de Souſa Chi-
chorro irmaõs: & Fernaõ da Syl-
ua Cõmendador & Alcaide mor
de Alpalhaõ, Martim Correa da
Sylua,Iorge Pimentel,Afonſo Pe-
reira de Lacerda, Chriſtouaõ de
Sá, dom Ioaõ Coutinho,filho ba-
ſtardo de dom Gõçalo Coutinho
de Caparica,&outros.Foi eſta nao
taõ leſtes,& negociada q̃ no con-
ués naõ leuou mais, q̃ algũas ca-
poeiras,amarras,&pipas d'agoa pe
ra ſe gaſtarem nos primeiros dias.

Naõ deixou Martim Afonſo
de Souſa embarcar nella matalo-
tagem a peſſoa algũa, porque a to-
dos os que ſe embarcaraõ deu de
comer, ate aos grumetes. E teue
taõ boa viagẽ que ſorgio na barra
de Lixboa a treze de Iunho do
anno de corenta & ſeis, couſa nũ-
ca acontecida ate entaõ: E a meſ-
ma viagem faraõ todas as naos q̃
partirem taõ cedo,& taõ leſtes co-
mo foi eſta. E em quanto as naos
foraõ proprias d'Elrey, & a carga
dellas corria por ſua conta,fizeraõ
ſempre ſuas viagens,& aconteciaõ
poucos deſaſtres: mas depois que
ſe contrataraõ á mercadores, &
que a carga dellas correo por el-
les, ſaõ acontecidas grandes per-
das & deſauenturas, porque a co-
biça do ganho as faz carregar de
feiçaõ,que nem lhe fica lugar pe-
ra ſe marearem, nem pera leuarẽ
bem hũa amarra: E aſsi afogou
& ſumio o mar a muitas com o
ſobejo pezo que lhe poem : & a
mór parte das que ſaõ deſapare-
cidas ſe preſume que foi nos pri-
meiros dias com qualquer tẽpo,
porque nem yaõ pera ſe poderẽ
marear, nem alijar couſa algũa,
& aſsi as comeo o mar. E na bar-
ra de Cochim ſe foi hũa nao (pel-
lo grande, & eſpantoſo pezo que
tinha) ao fundo : porque como
lhe meteraõ mais d'aquillo com
que podia, naõ pode o mar com
ella, & aſsi a ſorueo. E ſe eſtas
deſordens ſe naõ emmendaõ,naõ

deixará de auer todos os annos, grandes desaſtres, & deſtruiçoẽs: & porque ſobre eſta materia auemos de falar a diante mais largamente,o deixamos agora. Eſte anno naceo o Principe Carlos em Valladolid a oito de Iunho, & a Raynha dona Maria ſua mãy faleceo d'ahi a quatro dias.

## CAPITVLO II.

*Da diſsimulaçaõ com que Cogeçofar mandou viſitar o Gouernador. E das pazes que ſe fizeraõ com Elrey de Cananor. E dos recados que paſſaraõ antre o Gouernador, & o Idalxa ſobre Mealecan.*

COMO Cogeçofar andaua com a tençaõ danada, preparando com mũy grãde ſegredo as couſas neceſſarias pera o cerco, que com Soltaõ Mahamude tinha aſſentado de pór á fortaleza de Dio, na entrada de Mayo ſeguinte,tempo em que naõ podeſſe ſer ſocorrida da India. E como corria neſte negocio com diſsimulaçaõ, quis ſegurar dom Ioaõ Maſcarenhas capitaõ d'aquella fortaleza,& o mãdou viſitar, & fazerlhe queixas de Manoel de Souſa de Sepulueda quebrar o contrato das pazes, em lhe mandar deſmanchar as paredes, pedindolhe quiſeſſe conſentir em ſe tornarem a alcuantar, porq̃ pera iſſo mandaua officiaes. Dom Ioaõ Maſcarenhas recebeo bem eſte Embaixador, por quem lhe mandou reſponder, que elle era ſeu ſeruidor, & que em quanto ali eſtiueſſe por capitaõ, q̃ moſtraria por obras: mas que no negocio das paredes naõ podia deixar bolir ſem recado do Gouernador dom Ioaõ de Caſtro, que nouamente era chegado, & que naquelle particular correſſe com elle: & que dandolhe elle licença eſtaua muito preſtes pera com ſua peſſoa, & todos os ſeus ſoldados, ajudar a carretar a pedra pera ellas. Com eſta repoſta (por encobrir mais ſua peçonha) deſpidio logo vm capitaõ dos principaes da corte pera ir viſitar o Gouernador, & a confirmar com elle as pazes,& lhe mandou vm preſente de duas peças de borcado de Turquia, & cinco de veludo de Meca de Cores,tres de chamalotes azeitonadas, & vm leito dourado ſobre preto. Eſte Embaixador foi muito bem recebido,& ouuido: & o Gouernador o deſpachou logo, confirmandolhe as pazes em todos os capitolos,tirando no da parede ſobre o que ſe tornou a tomar conſelho, & ſe aſſentou, que ſeria grande afronta do eſtado ſe tal ſe lhe concedeſſe. Cõ eſte deſengano ficou Soltaõ Mahamude mũy malenconizado: porque como trataua

de

de leuar aquelle negocio por via de comprimẽtos, & disimulaçaõ, sentio muito a mudãça que se lhe fazia nos apontamentos, & isto lhe accendeo mais o desejo que tinha de tomar aquella fortaleza: pera o que mandou em muito segredo dar pressa as cousas necessarias pera o cerco.

O Gouernador teue visitaçoẽs, & Embaixadores de todos os Reys visinhos: & o do Idalxá lhe requereo com muita instancia que lhe comprisse os contratos que estauaõ assentados antre elle & o Gouernador Martim Afonso de Sousa, nas materias de Mealecan: que ou o mandasse pera onde estaua assentado, ou lhe tornasse as suas terras de Sallete, & Bardes. O Gouernador lhe respondeo, que elle era chegado de nouo, & que tomaria informaçaõ d'aquelle negocio, & faria nelle o que fosse justiça: & que pera mandar Mealecan pera fora de Goa, tempo auia ate Abril que era a mouçaõ de Malaca & Maluco. Com este entretimento quietou o Idalxá por entaõ, mas elle naõ largou Ioaõ Fernandez de Nigreiros, que o Gouernador Martim Afonso de Sousa, pouco antes que acabasse lhe tinha mandado por Embaixador, aquem elle tinha retendo cõ mais de vinte Portugueses sobre este mesmo negocio, com lhos o Gouernador mandar pedir: antes lhe estreitou as prisoẽs, porque bem entendeo, que aquillo do Gouernador eraõ comprimentos, & naõ ousaua de romper a guerra, porq̃ tinha vm muito grande freyo em Mealecan: porque receaua que se se posesse em campo, ouuesse algũa perturbaçaõ em seus capitaẽs: & asi disimulou por entaõ ate ver em que aquillo paraua: porq̃ a todo o tempo que lhe bem viesse podia lãçar maõ das suas terras.

Cogecemacadim com as cartas, & honras d'Elrey, & do Gouernador, despidio logo vm homem seu, com hũa grande visitaçaõ ao Gouernador dos parabens de sua vinda, & agardecimentos da merce que lhe Elrey fazia, & vm mũy arrezoado presente de Carlás finisimas, Beitilhas, Rambotins, & outras peças ricas, & coriosas, & hũa muito fina alcatifa grande, & de muito preço, o que tudo foi aualiado em tres mil cruzados; mandando offerecer ao Gouernador tudo o que delle comprisse pera o seruiço d'Elrey de Portugal, cujo vassalo era. O Gouernador recebeo este homem bem, & lhe fez muitas honras, mandando entregar o presente ao Thisoureiro d'Elrey, & carregarlho em receita pera sua fazenda: & naõ quis tomar pera si cousa algũa, porque em todo seu tempo viueo taõ puro, & desinteressado, que ate cousas muito poucas que lhe dauaõ, mandaua que se vendessem pera Elrey. E despidio

eſte homem muito ſatisfeito, eſcreuendo a Cogecemaçadim hũa carta muito honrada, & de grandes agardecimentos: & aſsi eſcreueo a Elrey de Cananor outra chea de mimos, pondo a culpa da morte de Pocarale ao capitaõ q̃ o matou, pedindolhe, que pois Martim Afonſo de Souſa, em cujo tempo aquellas couſas aconteceraõ, era ido pera o Reino, que quiſeſſe correr com elle em paz & amizade, porque Elrey ſeu ſenhor lhe encomendaua muito, que correſſe com as couſas de ſeu ſeruiço muito a ponto, & que de ſua parte eſtaua preſtes pera tudo, mandandolhe as cartas d'Elrey, porq̃ todos os annos lhe eſcreuia, encomẽdãdo a Cogecemaçadim foſſe terceiro nas pazes, ſobre o que eſcreueo ao capitaõ Diogo Aluarez Tellez. Todas eſtas cartas foraõ dadas, & o Cogecemaçadim ſe meteo de por meyo, & tratou o negocio das pazes, & de temperar Elrey de feiçaõ, que o moderou, & o tornou á amizade antiga, & ſe ouue algũa ſatisfaçaõ, nos a naõ achamos na India por ſer tudo perdido. O Gouernador depois de eſcreuer pera o Reino, ficou entendendo em algũs negocios de juſtiça, & fazenda: deſpachando dom Ieronimo de Meneſes pera á capitania de Baçaim, & Antonio de Souſa Coutinho pera a de Chaul, que lhe Elrey mandou, pellos muitos ſeruiços que lhe fez no cerco dos Rumes em Diu, a onde elle eſteue por capitaõ do baluarte do mar.

## CAPITVLO III.

### *Do que aconteceo a Diogo Soarez de Mello, indo pera Patane, & de como foi ter a Pegû; & foi em companhia d'aquelle Rey contra o de Arracaõ: & do que lhe ſoçedeo ate chegar a Patane.*

PArtidos Simaõ de Mello, & Diogo Soarez de Mello, como atras diſſemos no primeiro capitulo, pera Malaca: depois de paſſarem a ilha de Ceilaõ, & entrarem no grande golfo de Nicubar, lhes deu taõ grãde tempo, que eſteue Diogo Soarez de Mello perdido: & foilhe neceſſario ir arribando em popa á vontade dos ventos. Simaõ de Mello como ya em vm Galeaõ forte & poſſante, ſofreo o tempo, & depois que lhe paſſou ficandolhe os geraes, foi tomar Malaca em fim de Outubro, & tomou poſſe da fortaleza com que começou a correr. Diogo Soarez de Mello foi lançado com aquelle tempo na coſta de Pegú, & ſendolhe ja paſſada a Mouçaõ pera Malaca, pareceolhe milhor ficar naq̃lle porto que ir buſcar outro, porque ja

auia

auia de eſperar ate Abril; & chegando áquella barra, achou nella Aluaro de Souſa, vm fidalgo que foi caſado com hũa irmã de dom Chriſtouaõ de Moura (o grande priuado d'Elrey dom Felipe, Marquez de Caſtel Rodrigo, & Commendador mór d'Alcantara, & oje ſegunda vez Viſorrey dos Reinos de Portugal.) Eſte Aluaro de Souſa eſtaua ali com vm Galeaõ fazẽdo aquellas viagens, & feſtejou muito Diogo Soarez de Mello, porque era muito ſeu parente, deixandoſe ficar no Bandel, fazendo ſeu negocio.

Andaua naquelle tẽpo o Bramá Rey de Pegú ajuntando vm muito groſſo exercito, pera ir cõtra o Rey de Arracaõ que era ſeu vaſſalo, porque ſe lhe tinha rebelado. Aluaro de Souſa como ya muitas vezes á cidade, & falaua com Elrey, lhe fez a ſaber como era chegado á quelle porto vm grande capitaõ Portuguez, que ya pera a banda de Malaca, que trabalhaſſe de o leuar comſigo naquella jornada, porque era muito bom caualeiro, & leuaua outros fidalgos, & bons ſoldados. Elrey mandou logo pedir a Diogo Soarez de Mello, ſe viſſe com elle, por que importaua muito. Diogo Soarez foi a elle, acompanhado de todos os ſeus, muito luſtroſamente veſtidos; Elrey o recebeo muito bem, & lhe fez muitas honras & gaſalhados, & lhe pedio logo, que em quanto lhe naõ fazia tempo pera ſua jornada, o quiſeſſe acompanhar naquella pera que eſtaua de caminho, & que a elle & a todos os ſeus faria muitas merces. Diogo Soarez de Mello ſe lhe offereceo com muito goſto: & aſſentaraõ que elle & Aluaro de Souſa foſſem por már com toda a armada, & que Elrey iria por terra, mandandolhes logo dar hũa quãtidade de dinheiro pera partirem com ſeus ſoldados.

Preſtes o exercito, & negociada a armada, mandou Elrey que o foſſem eſpérar ſobre a barra de Arracaõ, indo Aluaro de Souſa no ſeu Galeaõ, & Diogo Soarez de Mello na ſua Galeota, & todos os Portugueſes que eſtauaõ em Pegú em outra que Elrey tinha, & perto de ſeſſenta embarcaçoẽs outras da terra, em que yaõ algũs capitaẽs Pegús com gente d'Elrey; & dada a vela foraõ ſeguindo ſeu caminho. Elrey tambem começou a marchar, leuando vm milhaõ de homẽs, & tres mil Alifantes, & vm grande numero de embarcaçoẽs, que nauegaõ por aquelles rios, q̃ ſaõ muitos & grandes, & retalhaõ todo aquelle Reino, que ſaem de hũa meſma vea com o Gange, & tem como elle ſuas correntes, & innundaçoẽs.

Diuidẽ o Reino de Arracaõ do de Pegú outros alpes mayores, & mais intrataueis, que os que diuidem Italia de França; & de Alemanha,

manha, por onde era neceſſario abrirſe caminho, porque lho naõ deixou a natureza, & pera iſſo ya o Bramá negociado de todas as couſas neceſſarias; & chegando a elles começou a por as maõs á obra, metendo nella duzentos mil gaſtadores, q̃ os começaraõ a cortar por hũa parte que lhes pareceo milhor de abrir; mas como tudo eraõ penedias aſperiſsimas, & muito ingremes, & a ſerra que ſe auia de cortar, tinha perto de duas legoas de groſſura foi luzindo a obra pouco; com Elrey mandar dobrar a gẽte que andaua no ſeruiço della; & deixalos emos por hora em ſeu trabalho, por continuarmos com a armada.

Partidos Aluaro de Souſa, & Diogo Soarez de Mello de Pegú, tanto que entraraõ no már de Bẽgála, lhes deu vm tempo taõ groſſo, que os ouuera de comer, & como os Pegús naõ ſaõ homens do mar, & os ſeus nauios yaõ mal aparelhados, algũs ſe ſoſſobraraõ, & outros deraõ á coſta. Aluaro de Souſa foi correndo no ſeu Galeaõ pera a banda de Ceilaõ, & vendo que o tempo lhe naõ daua lugar pera mais, correo a ilha por fora, & foi demandar a coſta da India. Diogo Soarez de Mello na ſua Galeota, & a outra de Pegú em que yaõ os Portugueſes, chegaraõſe á terra, & á ſombra della ſorgiraõ, a onde eſtiueraõ em grande perigo; & todauia crecendo o tempo lhes foi neceſſario leuarenſe, o que fizeraõ com muito trabalho; & dãdo traquetes foraõ correndo tormenta pera a banda de Pegú, & quis Deos que ferraraõ aquelle porto, aonde entraraõ ſem ſaberẽ nouas de Aluaro de Souſa.

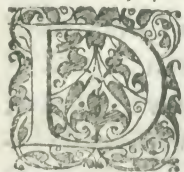
Diogo Soarez de Mello deſpidio logo vm ſoldado chamado Luis Aluarez em companhia de alguns Pegús, pera ir dar nouas a Elrey do que paſſaua: & a pedirlhe que pois o tempo era gaſtado (por ſer já em Março) lhe mandaſſe licença pera ir a onde o Gouernador o mandaua: & que lhe fizeſſe merce da fuſta que mandou em ſua companhia. Eſte homem foi em doze dias a onde Elrey eſtaua occupado na obra da Serra, que era infinita, de que ya já deſconfiando, & dandolhe o recado de Diogo Soarez de Mello, & contandolhe o ſoceſſo da jornada, & perdiçaõ de ſua armada, & que de Aluaro de Souſa naõ auia nouas, ficou Elrey muito triſte & magoado: & mandando logo leuar maõ da obra, tornou a voltar pera Pegù. E porque ya deuagar, deſpedio Luis Aluarez com repoſta á Diogo Soarez de Mello, mandandolhe os agardecimẽtos de ſeu trabalho, & vm preſente de tres moças muito fermoſas, & vm moço filho d'Elrey de Chalaõ, & Poraõ, que catiuou quando tomou aquelles Reinos, que podia auer perto de dous an-

nos:

nos: & asſi lhe concedeo a fuſta que lhe pedio,& tudo o mais que lhe foſſe neceſſario pera ſua jornada. E eſcreueo a ſeus Veadores da fazenda, que tudo ſe lhe deſſe em abaſtança: & lhe mandou rogar muito,que quando ſe tornaſſe pera Goa tomaſſe aquelle porto, & que ſe viſſe com elle, por que era muito ſeu amigo, & deſejaua de lhe fazer merces. Eſte recado chegou a Diogo Soarez de Mello, q̃ eſtimou muito o preſente,por que era muito pera iſſo. E tendo licença d'Elrey ſe fez preſtes,negociando a fuſta de que lhe elle fez merce: & tomando as couſas neceſſarias deu á vela pera Malaca, a onde chegou: & dahi ſe partio pera Patane: eſcreuẽdo Simaõ de Mello capitaõ de Malaca áquelle Rey que eſtaua de paz com o Eſtado, da qualidade, partes, & peſſoa de Diogo Soarez de Mello,pedindolhe o fauoreceſſe em quanto eſtiueſſe em ſeu porto. E aſsi ficou Diogo Soarez de Mello fazendo ir os mercadores a Malaca,com o que aquella Alfandega começou a crecer nas rendas.

## CAPITVLO IIII.

*Da chegada d'Elrey de Maluco a Goa. E de como o Gouernador dom Ioaõ de Castro o tornou a mandar pera ſeu reino. E Bernaldim de Souſa foi entrar naquella fortaleza. E do que aconteceo na viagem a Fernaõ de Souſa de Tauora. E dos partidos com que Ruy Lopez de Villalobos ſe entregou.*

Anno 1546.

DOM Iorge de Caſto,que trazia Elrey Aeiro de Maluco (que na quinta Decada, no capitulo quinto,do liuro decimo,fica dito, que deixamos em Malaca) partio d'aquella fortaleza taõ cedo, que chegou a Goa em Feuereiro deſte anno de corenta & ſeis, em que com o fauor diuino entramos. O Gouernador recebeo aquelle Rey com muita honra, mandandoo agaſalhar,& darlhe todo o neceſſario. E porque era tempo de prouer nas couſas de Malaca, & Maluco: principalmente nas d'aquelle reino,a onde por morte d'Elrey dom Manoel,que morreo em Malaca,naõ ficaua outro herdeiro ſenaõ eſte Aeiro, que podeſſe gouernar: poſto que Elrey dõ Ioaõ de Portugal, ficou no teſtamento do Rey mortono meado por herdeiro dos reinos de Maluco, (como no fim da quinta Decada, no capitulo decimo do liuro decimo fica dito.) Tomando o Gouernador o parecer dos fidalgos & capitaẽs ſobre aquellas couſas, ſe aſſentou,que pois Iurdaõ de Freitas

capitaõ

capitaõ de Maluco,naõ mandaua aquelle Rey por culpas que delle tiueſſe, ſenaõ por ſe recear q̃ com a chegada d'Elrey dom Manoel feito Chriſtaõ,ouueſſe algũa alteraçaõ; que ſe tornaſſe a gouernar aquelle reino da maõ d'Elrey de Portugal.

Aſſentado iſto, o Gouernador em vm dia ſolenne,tendo pera iſſo dado recado aos vereadores, fidalgos,capitaẽs,& officiaes da fazenda & juſtiça,em ſala publica inueſtio Elrey Aeiro no reino de Maluco, & o aleuantou por eſſe, com condiçaõ, & declaraçaõ, que recebia aquelle reino da maõ d'Elrey de Portugal; & que todas as vezes que o quiſeſſe lho tornaria a entregar liure & deſembargado á peſſoa que elle mandaſſe: do q̃ tudo ſe fizeraõ autos aſsinados por Elrey, & jurou nas maõs do Gouernador de ſer ſeruidor & vaſſalo d'Elrey de Portugal, elle & todos os q̃ delle herdaſſem aquelle reino; o que tudo ſe fez com o mór apparato & ſolennidade que pode ſer.

E pera ir fazer eſta inueſtidura deſte reino, mandou o Gouernador dom Ioaõ de Caſtro a Bernaldim de Souſa que ſe fizeſſe preſtes, porque auia de ir a Maluco leuar aquelle Rey,por comprir aſſi ao ſeruiço d'Elrey de Portugal. Bernaldim de Souſa lhe diſſe,que elle pera o ſeruir viera á India, & que em tudo o faria com muito goſto. O Gouernador lhe deu todas as couſas que lhe pedio, aſsi pera a viagem, como pera o prouimento da fortaleza,& aos quinze dias de Abril ſe embarcou, entregandolhe o Gouernador pella maõ Elrey Aeiro,que foi acompanhando ate o terreiro dos paços, a onde ſe deſpidio do Gouernador muito ſatisfeito das honras, & merces que lhe fez: & aſsi ſe moſtrou ſempre agardecido: tanto, que podemos dizer, que o mataraõ por ſeruiço d'Elrey de Portugal,como em ſeu lugar diremos. Embarcados todos foraõ ſeguindo ſua viagem em que os deixaremos,por continuarmos com Fernaõ de Souſa de Tauora, que no fim da quinta Decada, no capitulo decimo,do liuro decimo,deixamos partido de Malaca pera Maluco de ſocorro contra os Caſtelhanos.

Foi eſte capitaõ ſeguindo ſua viagem ſem achar contraſtes ate ſorgir no porto de Talangame da ilha de Ternate em Nouembro paſſado. Iurdaõ de Freitas o foi buſcar, & lhe deu conta do eſtado em que as couſas d'aquellas ilhas eſtauaõ, & do que tinha paſſado com os Caſtelhanos que Elrey de Tidore tinha muito mimoſos, & eſtaua com elles taõ ſoberbo, que cuidaua que mũy cedo ſeria ſenhor de todas aquellas ilhas. Fernaõ de Souſa deſembarcou na fortaleza a onde ſe agaſalhou Ruy Lopez

Lopez de Villalobos, tanto que ſoube ſer chegado vm capitaõ nouo ſem ſaber quem era, deſpidio vm Eſpanhol em hũa Corocora com hũa carta pera elle, toda chea de comprimentos, offerecimentos, & deſculpas, reſumindoſe em lhe pedir, que quiſeſſe correſsem em paz, & amizade, como era rezaõ tiueſſem duas naçoẽs, vaſſalos de dous Reys taõ conjuntos em parenteſco, & mais em terras taõ apartados, antre Mouros & Gentios, que por natureza eraõ imigos mortaliſsimos de Chriſtaõs, porque naõ amauaõ a algum ſenaõ por ſeu intereſſe, ou grande neceſsidade. Fernaõ de Souſa vẽdo a carta taõ palauroſa, & taõ copioſa de comprimentos, (couſa de que os Eſpanhoes naõ ſaõ auaros) reſpondeolhe por outra muito breue, que continha o ſeguinte.

SENHOR

O Gouernador da India me mandou neſta armada, ſabẽdo q̃ era chegada outra de Eſpanhoes a eſtas ilhas, contra os contratos que eſtaõ feitos antre os Reys de Portugal, & Caſtella. A mim me chamaõ Fernaõ de Souſa de Tauora, & aſsi como ſou pequeno de corpo, ſou muito curto de comprimentos, v. m. ſe determine porque eu naõ venho cá, ſenaõ a fazer o ſeruiço d'Elrey de Portugal, como me he mandado. Aqui eſtá eſta fortaleza a onde ſe pode agaſalhar, ate ſe ir pera Eſpanha, porque naõ he rezaõ, que perturbe o comercio & trato deſtas ilhas que ſaõ d'Elrey de Portugal, & quando o naõ quizer fazer, farſea o que conuem.

Com eſta carta aſsi ſeca deſpidio o Eſpanhol, que paſmou de ver em homem taõ pequeno tamanha determinaçaõ: porque Fernaõ de Souſa de Tauora era vm dos pequenos homẽs de Portugal, mas muito grande de animo, & ſaber. Ruy Lopez de Villalobos pella carta bem entendeo que aquelle homem era de concluſaõ. E porque naõ tinha, nem gente, nem armada pera ſe defender, mandou tratar com Fernaõ de Souſa de Tauora ſobre ſe verem ambos, onde, & como lhe a elle pareceſſe. E correndo ſobre iſto recados de parte a parte, vieraõ a concluir que ſe viſſem cada vm em ſua Corocora, com leuar cada vm tres cõpanheiros, & que foſſem as viſtas no mar antre Ternate & Tidore, tanta diſtancia de hũa como de outra. E ao dia limitado, embarcouſe Fernaõ de Souſa de Tauora na ſua Corocora mũy bem negociado, leuando por cõpanheiros, Lionel de Lima, Manoel de Miſquita, & Ioaõ Galuaõ, & vm pagẽ nacido na India que ſe chamaua Caceres, q̃ eſte anno de nouenta & ſete em que iſto eſcreuemos

mos,faleceo nesta cidade de Goa, onde sempre viueo rico & honrado,& chamauase Gaspar de Caceres, de quem nos soubemos o socesso desta jornada, porq̃ daua de tudo muito boa rezaõ. Ruy Lopez de Villalobos partio de Tidore em outra Corocora muito ligeira, leuãdo comsigo don Alonso Anriquez,Bernardo de la Torre,Gonçalo d'Auila, & vm pagem Naraual.

Chegadas as embarcaçoẽs hũa á outra proa com proa, a onde os capitaẽs yaõ em pé,& sobre quem entraria primeiro vm na outra se passou vm grande espaço em comprimentos,& todauia Ruy Lopez de Villalobos saltou na de Fernaõ de Sousa de Tauora, que o leuou nos braços,& isso mesmo aos cõpanheiros. Recolhidos ao toldo que estaua alcatifado,& com algũs coxins de brocado & veludo se assentaraõ todos.Fernaõ de Sousa de Tauora,depois de passarem as palauras de comprimentos,disse que elle era ali vindo por mandado do Gouernador da India, por saber que eraõ chegadas naos d'Espanha áquellas ilhas contra os cõtratos que estauaõ feitos antre os Reys de Castella,& Portugal,que logo ali mostrou (porque os trazia muito autenticos,)& cõtinhaõ em soma,q̃ o Emperador Carlos Quinto auia por bem, que nenhũ vassalo seu,asi dos portos dos reinos de Castella,como da noua Espanha, fossem as ilhas de Maluco, em quanto durasse o tẽpo do concerto que sobre ellas tinha feito, com Elrey dom Ioaõ de Portugal seu cunhado, sob pena, que o dito Rey de Portugal podesse mãdar prender, & castigar, qualquer capitaõ ou capitaẽs Espanhoes q̃ a ellas fossem,como reueis,& quebrantadores da paz & amizade q̃ antre ambos os Reys auia, (como milhor se veraõ na nossa coarta Decada, no capitulo primeiro, do liuro setimo.)

Depois de lidos estes contratos, & lhos mostrarem pera os verem á sua vontade,lhe disse Fernaõ de Sousa de Tauora, que lhe pedia muito naõ quisesse quebrantar,& perturbar esta paz & amizade antre estes Reys tantas vezes conjuntos em parentesco: que em lugar do castigo que o Emperador mandaua que se lhe desse,quisesse ir com elle pera a India com todos os seus, & que se lhe daria todo o necessario,& se lhe naõ buliria em nauio,artelharia,nem fazenda. E' que os que se quisessem ir pera o reino, lhes daria o Gouernador embarcaçaõ franca & liure: & que os que quisessem ficar em Goa, & pella India, nas cidades, & fortalezas d'Elrey de Portugal, seriaõ nellas agasalhados como naturaes,& que vsariaõ dos priuilegios & liberdades, de q̃ vsauaõ os cidadoẽs & moradores Portugueses. Ruy Lopez vendo

os

os papeis, & considerando os partidos que Fernaõ de Sousa de Tauora lhe cometia,veyo a concluir que os aceitaua, pois que asi era seruiço do Emperador: & que elle & todos os da sua companhia se iriaõ pera a fortaleza de Ternate dentro em tres dias primeiros seguintes, com condiçaõ que Elrey de Tidore ficasse na graça dos Portugueses, & tornassem a correr em amizade como dantes. Disto se fez vm auto por vm d'aquelles companheiros, em que Ruy Lopez & os seus se asinaraõ, com Fernaõ de Sousa de Tauora, & seus companheiros.

Acabado este auto com grandes exteriores de alegria de todos, despidio Fernaõ de Sousa de Tauora o seu pagem Caceres na Corocora de Ruy Lopez,peraque fosse ao seu Galeaõ buscar de jantar,por que tinha deixado recado que se lhe fizesse, pera conuidar os Castelhanos, o que se fez em quanto se tresladaraõ os papeis, & Caceres voltou muito depressa com o jantar, & foraõ todos seruidos muito bem,& com muita abastança de tudo o que na terra auia. Ali estiueraõ em conuersaçaõ ate bem tarde, dando Fernaõ de Sousa de Tauora a Ruy Lopez de Villalobos algũas peças coriosas da India, que pera isso leuaua já, & o mesmo fez aos companheiros, que todos se despidiraõ muito contentes & satisfeitos: ficando Fernaõ de Sousa de Tauora, com Ruy Lopez de Villalobos de o ir visitar a Tidore d'ahi a tres dias, primeiro que se elle passasse pera Ternate, pera o fazer amigo cõ aquelle Rey.

## CAPITVLO V.

### *Do que mais passou Fernaõ de Sousa de Tauora com os Castelhanos: & de como foraõ todos contra o Rey de Geilolo, & o cercaraõ na sua fortaleza. E de como se recolheraõ sem fazerem cousa algũa.*

CHEGADO Ruy Lopez de Villalobos a Tidore,começou a auer antre os seus grandes murmuraçoẽs sobre os contratos que fizera com Fernaõ de Sousa de Tauora: estranhãdolhe muito fazer hũa cousa como aquella sem parecer de todos, (porque estauaõ mais com o olho no interesse do crauo que esperauaõ leuar a noua Espanha, que no seruiço de seu Rey) auendo que naõ podiaõ tambem ser os Portugueses taõ puros, que lhe comprissem os contratos em todo: pelo que começou a auer alteraçoẽs, & bandos contra Ruy Lopez de Villalobos, fazendose cabeça delles dom Alonso Anriquez, que se a-

chou preſente aos contratos, & lhe pareceraõ bem, & ſe aſsinou nelles, pondoſe todos em armas pera matarem Ruy Lopez de Villolobos, que ſe recolheo em ſuas caſas com cincoenta arcabuzeiros, trabalhando por apaſiguar don Alonſo Anriquez, ſem o poder reduzir á rezaõ, porque eſtauaõ todos determinados a lhe naõ obedecer naquelle particular, nem ſe paſſarem a Ternate, no que Elrey os fauorecia em ſegredo, pello proueito que tinha de ter comſigo os Eſpanhoes: & tambem porque ficaua odiado com os Portugueſes, de quem ja determinaua de ſe naõ fiar.

Deſtes alteraçoẽs naõ ſabia Fernaõ de Souſa de Tauora couſa algũa, & eſtaua preſtes pera recolher os Caſtelhanos por quem eſperaua no cabo dos tres dias aſſinados, como tinhaõ aſſentado. Ao terceiro dia pella menhã ſe embarcou Fernaõ de Souſa de Tauora em hũa Corocora com os meſmos companheiros que da outra vez leuou, & partio pera Tidore a viſitar Ruy Lopez de Villalobos como lhe tinha prometido, porque aquelle dia por noite eſperaua que ſe paſſaſſem todos os Eſpanhoes a Ternate. E antes de chegar a Tidore vm tiro de eſpingarda, chegou a elle hũa Corocora mũy ligeira, em que ya vm criado de Ruy Lopez de Villalobos, por quem lhe mandaua pedir por merce, que naõ quiſeſſe por entaõ chegar a terra, porque compria aſsi ao ſeruiço d'Elrey de Portugal, & que ficaſſem as viſitaçoẽs pera o dia ſeguinte. Fernaõ de Souſa de Tauora, que naõ ſabia o que ya em Tidore, ficou apaixonado, cuidando que eſte recado de Ruy Lopez de Villalobos era eſtar arrependido dos concertos que eſtauaõ feitos: & diſſe ao homem que diſſeſſe a ſeu amo, que aquelle recado lhe ouuera de mandar primeiro que partira de Ternate, & que pois já eſtaua taõ perto, naõ auia de deixar de o ver & viſitar, & com iſſo mandou remar pera diante. Ruy Lopez di Villalobos da ſua janella vio ir ambas as Corocoras, & endireitarem cõ a terra: & porque naõ ouueſſe algũa alteraçaõ nos do bando, ſayo de caſa muito apreſſado com os cincoenta arcabuzeiros, & foi eſperar na praya a Fernaõ de Souſa de Tauora, que chegando a terra ſaltou nella com os cõpanheiros. Ruy Lopez de Villalobos o recebeo muito bẽ, & tomãdoo em meyo dos arcabuzeiros ſe foi recolhẽdo pera ſua caſa, dando ordem pera que os arcabuzeiros ficaſſem ſempre em guarda: feſtejãdo muito a Fernaõ de Souſa de Tauora, dandolhe muito bem de jantar, & ſobre meſa lhe deu conta de tudo o que era paſſado, & de como dõ Alonſo Anriquez com os Eſpa-

nhoes

nhoes estauaõ bandeados contra elle, & que essa fora a rezaõ porq̃ lhe mandara pedir que naõ chegasse a terra, por escusar algũa vniaõ, porque queria primeiro ver se os podia quietar. Fernaõ de Sousa de Tauora sentio muito aquelle negocio, & teue a Ruy Lopez de Villalobos por homem de muita honra & primor. E parecendolhe necessario temperar aquellas cousas, mandou pedir a dom Alõso Anriquez, que se quisesse ver com elle da maneira que ordenasse, porque compria assi ao seruiço do Emperador: & tantos recados correraõ de parte a parte, que lho concedeo dom Alonso Anriquez, mandandolhe dizer, que as vistas fossem jũto das casas de Ruy Lopez de Villalobos com dous companheiros. E chegados ao lugar ordenado, por taes modos se ouue Fernaõ de Sousa de Tauora, com dom Alonso Anriquez, & tantas obrigaçoẽs lhe pos, & tãtas cousas lhe disse, que o quietou, ficando com elle de ir moderar os do seu bando, & de logo tornar a elle, como fez, deixando os seus apaziguados, & Fernaõ de Sousa de Tauora leuou dom Alonso Anriquez pella maõ a casa de Ruy Lopez de Villalobos, & os fez amigos, & pella mesma maneira a todos os mais. Elrey tambem veyo a casa de Ryu Lopez de Villalobos a visitar Fernaõ de Sousa de Tauora, que o recebeo com muita honra, & se fizeraõ amigos: & deixando tudo quieto se despidio de todos, ficando elles de se irem pera a fortaleza ao outro dia, como fizeraõ: recebendoos Fernaõ de Sousa de Tauora com muitas honras; agasalhando na fortaleza a Ruy Lopez de Villalobos, dom Alonso Anriquez, & Bernardo de la Torre: & a os mais mandou dar casas pella cidade, com que ficaraõ satis feitos. Ali ficaraõ todos correndo com grande amizade, naõ lhe tocando Fernaõ de Sousa de Tauora em suas fazendas, nem em cousa algũa sua.

E porque aquelle negocio que era o principal a que Fernaõ de Sousa de Tauora particularmente foi, estaua acabado, determinou de entrar no de Catabruno, Rey de Geilolo. E praticando com Iurdaõ de Freitas sobre suas cousas, & tomando informaçaõ dellas, soube como aquelle tyranno matara o seu Rey, & tinha inquietas todas aquellas ilhas, auexando muito aquella Czristandade, (que era muita) & que por mar & por terra fazia guerra aos Portugueses, defendendolhes os mantimentos & nauegaçoẽs com suas armadas. E praticando aquelle negocio cõ os capitaẽs Portugueses & Castelhanos, assentaraõ que era necessario acodir áquillo, & castigar aquelle tyranno, o que se auia de fazer cõ ir todo o poder dos Portugueses, & Castelhanos, & de to-

da a ilha, offerecendose Ruy Lopez de Villalobos pera isso. Fernaõ de Sousa de Tauora mandou pedir á Raynha,& aos Regedores do reino, que os quisessem ajudar com suas Corocoras, & com toda a gente que podessem, o que elles lhe concederaõ, mandando fazer prestes aque lhes pareceo. Ruy Lopez de Villalobos,dom Alonso Anriquez, Bernardo de la Torre, que entraraõ no conselho,com todos os Espanhoes se fizeraõ prestes. E como Fernaõ de Sousa de Tauora desejaua de se tornar áquelle anno pera a India, deu tanta pressa a estas cousas,que em Feuereiro pos todo o poder no mar, indo elle no seu Galeaõ,& Iurdaõ de Freitas no Saõ Ioanilho de Ruy Lopez de Villalobos, & os Espanhoes repartidos por toda a armada, & as Corocoras de Ternate em que ya vm dos Regedores: & dando á vela em poucos dias foraõ sorgir no porto de Geilolo; a onde o tyranno Catabruno tinha hũa fermosa fortaleza, mũy bem prouida de gente, artelharia, & & mantimentos pera dous annos, em que elle estaua muito confiado, esperando pellos Portugueses, de cuja jornada elle logo foi auisado, & por isso se tinha repairado muito á sua vontade : mandando fazer derredor do muro mũy grãdes cauas cheas de estrepes perigosissimos.

Fernaõ de Sousa de Tauora tanto que sorgio tomou conselho com os Espanhoes,& com os seus capitaẽs, & com a gente de Ternate, sobre o modo que teria em se cometer á fortaleza : & assentouse, que a batessem os Galeoẽs pella banda do mar,(por ficar a tiro de bataria.) E com o poder todo se cometesse por assaltos.

Ordenado tudo o que era necessario, desembarcaraõ os nossos vm pouco afastados da fortaleza, tendo algũas escaramuças com os Geilolos que lhes sairaõ a defender a desembarcaçaõ: mas a pezar de todos,& com dano seu se foraõ assentar perto da fortaleza, onde fizeraõ seus valos, & trincheiras mũy fortes,& defensaueis,& assestaraõ algũas peças de campo nos lugares mais commodos pera a bataria. Auia no exercito antre Portugueses & Espanhoes coatro centos, toda gente mũy limpa & escolhida, & mil & quinhentos Ternatezes.

Prestes & negociado tudo pera a bataria, foraõse os Galeoẽs chegando perto á terra,& começaraõ de hũa & de outra parte a bater o muro com taõ grande força, que lhe derribaraõ os altos, que logo foraõ repairados. Catabruno,que era homem esforçado, & animoso,naõ se contentando com se defender dentro na fortaleza, saya cada dia fora a dar assaltos aos nossos,& a trauar com elles escaramuças,de que sempre ouue dano.

Nisto

Nisto se foraõ gastando algũs dias, naõ cessando a bataria, que naõ fez mais que derribar o muro pellos altos.

Fernaõ de Sousa de Tauora sendo informado do modo de como o tyranno estaua prouido, & fortificado, entendeo que auia mister muito vagar, pera se concluir aquelle negocio: & vendo que se lhe ya gastando o tempo, determinou de cometer a fortaleza á escala vista, & meter daquella feita todo o resto, ou pera a tomar, ou pera se desenganar. E preparandose de escadas, alauancas, picoẽs, machados, & todos os mais petrechos desta sorte: em vindo o dia limitado de madrugada sairaõ todos do arrayal postos em armas, & foraõ cometer a fortaleza, leuando a dianteira Ioaõ Galuaõ, & Bernardo de la Torre. E chegandose aos muros pera lhe encostarem as escadas, deraõ nas trapeiras que estauaõ cubertas, em que cairaõ muitos encrauandose nos estrepes, que eraõ mũy agudos, & acodindolhes os outros, tiraraõ os viuos com muito trabalho, & risco: porque de cima do muro chouiaõ sobre elles espingardadas, & frechadas, de que a mór parte sairaõ empenados.

Vendo Fernaõ de Sousa de Tauora aquelle negocio, tocou a recolher, porque lhe naõ matassem toda a gente, ficando muito enfadado de Iurdaõ de Freitas, sendo capitaõ de Ternate, naõ ter intelligencias pera saber de como os imigos estauaõ fortificados, & dõde se auiaõ os nossos de guardar, & poslhe toda a culpa desta jornada.

Vendo Catabruno que os Portugueses se recolhiaõ quasi desbaratados, ficou taõ soberbo, que sayo da fortaleza com perto de tres mil homẽs, & com grande determinaçaõ os foi cometer, estando ja recolhidos dos valos pera dentro. Vendo Fernaõ de Sousa de Tauora aquelle atreuimento lhe sayo ao campo, & lhe apresentou batalha que elle naõ refusou: & assi trauados todos se começaraõ a ferir & matar com muita crueza, fazendo os Portugueses, & Espanhoes neste dia cousas taõ assinaladas, que com dano muito conhecido dos imigos os arrancaraõ do campo.

Ao outro dia tornou Catabruno a prouar sua ventura, lançãdo diante algũs dos seus; pera obrigar aos nossos a lhes sairem, porque desejaua de se tornar a baralhar com elles. Estes corredores chegaraõ perto dos valos, aquem sayo Ioaõ Galuaõ com cem homẽs, & dando nelles os foi arrancando do campo. Catabruno como vio a cousa trauada arrebentou cõ grande poder sobre os nossos, que lhe tiueraõ o rosto com grande determinaçaõ, & antre todos se trauou hũa muito aspera batalha, em que

Ioaõ Galuaõ, depois de ter bem moſtrado o valor & esforço de ſua peſſoa, quis a fortuna que acabaſſe naquelle feito de muitas & mũy grandes feridas, que elle eſtimou pouco, a te as forças o deſempararem.

Os ſeus vendoo morto ſe foraõ recolhendo desbaratados, mas ſairaõlhes os capitaẽs Portugueſes, & Eſpanhoes aos recolher, o que naõ poderaõ fazer ſem ſe trauarem cõ os imigos, a que aſsinalaraõ bem de ſeu ferro: & ouueraõ por ſeu partido recolherẽſe pera a ſua fortaleza. Fernaõ de Souſa de Tauora ſentio tanto a morte de Ioaõ Galuaõ, que ſe viſtio de preto, por ſer muito ſeu amigo. E deſenganandoſe d'aquelle negocio, entendendo, ou imaginando que Iurdaõ de Freitas eſtaua ja contra ſeu goſto, auendo corenta dias que ali eraõ chegados, ſe tornou a embarcar, & ſe recolheo a Ternate, a onde pouco depois faleceo de febres Ruy Lopez de Villalobos. Fernaõ de Souſa de Tauora como foi tẽpo ſe partio pera Malaca, leuando comſigo os Eſpanhoes, & o ſeu Galeaõ Saõ Ioanilho: & em Malaca ſe encontraraõ com Bernaldim de Souſa, & com Elrey Aeiro: & ali eſtiueraõ ate ſer tempo de partirem vns pera Maluco, & outros pera a India.

## CAPITVLO VI.

### *Das intelligencias que Cogeçofar teue com vm Ruy Freire, eſtando em Surrate, ſobre lhe entregar a fortaleza de Diu. E da gente que naquella ilha entrou diſsimuladamente.*

VENDO o Gouernador dom Ioaõ de Caſtro, que ſe gaſtaua o veraõ, proueo as fortalezas do Norte de gente, & moniçoẽs, principalmente a de Diu, pera onde mãdou duzentos homẽs, debaixo das capitanias de dom Ioaõ, & dom Pedro d'Almeida, filhos de dom Lopo d'Almeida, de Gil Coutinho, & de Luis de Souſa, filho do Chanceler mór do reino. Eſtaua neſte tempo Cogeçofar em Surrate, ajũtando as couſas neceſſarias pera o cerco que determinaua por á fortaleza de Diu, tanto que entraſſe o mez de Mayo, em que ſe naõ podia eſperar ſocorro de Goa. E como traſſaua de contino em ſua imaginaçaõ modos & ardijs cõtra aquella fortaleza, tentou vm muito diabolico, que ſe o Deos naõ atalhara, naõ podera deixar de ſe perder, & foi deſta maneira.

Eſtaua no meſmo tempo em Surrate vm Portuguez, morador em Diu, chamado Ruy Freire, taõ familiar amigo de Cogeçofar, de muitos

muitos tempos atras, que tinha delle tença: & quando ya a Goa, lhe negociaua peças & brincos, & ainda fazendas que por elle mandaua as naos do reino, & a mór parte do veraõ residia em Surrate, onde em quanto estaua comia & bebia com o Cogeçofar. Em fim era tanta sua amizade que o cometeo pera lhe dar entrada na fortaleza de Diu, prometendolhe hũa soma douro,& hũas aldeas de muita importancia. E como o diabo o vẽceo cõ taõ grãde interesse, vieraõ a se concertar,que se viesse o Ruy Freire pera Diu,& que elle Cogeçofar, seria naquella ilha na entrada de Mayo: & que como la estiuesse lãçasse peçonha (que lhe logo deu) na cisterna donde todos bebiaõ,& que trabalhasse por dar fogo á casa da poluora. E quando naõ tiuesse lugar pera isso, ordenasse chaues falsas, pera lhe abrir vm postigo da fortaleza de noite quãdo lhe elle fizesse vm sinal. E q̃ quando tambem isto naõ podesse vir a effeito, que entaõ o meteria hũa noite escura dentro na fortaleza pella banda do mar,onde elle pousaua,& sobre quem tinha hũas varandas baixas,por onde com escadas de corda podia meter dẽtro toda a gente que quisesse. Ordenado isto antre elles desta maneira,o Ruy Freire se fez prestes pera se ir pera Diu.

Andaua ali tambem vm mourisco estante em Diu, chamado Francisco Rodriguez, de quem o Ruy Freire era amicissimo,& sentindo nelle natureza pera ser seu companheiro em taõ grande maldade,& peruersidade,lhe deu conta do negocio, sem o Cogeçofar saber,prometendolhe vm grande quinhaõ de tudo o que lhe dessem. O mourisco naõ foi muito de rogar,& aceitou acompanhalo,& ajudalo em tudo. Com esta determinaçaõ se foraõ pera Diu,a onde como homẽs de casa começaraõ a notar a casa da poluora, pera verem por onde se lhe podia pór o fogo: (descuidandose por entaõ da cisterna,pello permitir Deos nosso Senhor assi,porque bem lhe poderaõ lançar a peçonha, se logo o tentaraõ.

Partidos estes homẽs, despidio logo Cogeçofar vm capitaõ com quinhentos Turcos,que lhe Elrey de Zebit tinha mandados de Meca,com regimento que se fossem meter na cidade de Diu, & que com a mór dissimulaçaõ que podessem defendessem venderse na cidade lenha, nem mantimentos, por os Portugueses os naõ comprarem, porque naõ queria se declarasse a guerra ate elle chegar: & pera segurar dom Ioaõ Mascarenhas lhe escreueo pello mesmo capitaõ hũa carta cuja sustancia era esta.

Que Elrey lhe tinha feito merce d'aquella ilha,& que ficaua pera ir tomar posse della, & que o

que

que diſto mais eſtimaua era ficar taõ ſeu vizinho pera de mais perto o ſeruir: que lhe pedia muito tiueſſe lembrança da ſua taõ antiga amizade,& que entendeſſe que todos os Portugueſes teriaõ nelle muitos fauores & gazalhados,aſsi em ſuas fazendas,como em tudo o mais que lhes delle compriſſe: & que aquelle capitaõ que mandaua diante lhe faria merce fauorecer,& ajudar, & que o trataſſe como ſeu vaſſalo, porque ya fazer certos negocios que lhe importauaõ,pera o que lhe auia de ſer neceſſario ſeu fauor: & que ſe naõ pejaſſe com elle,porque naõ ya ſenaõ pera o ſeruir.

Chegado eſte capitaõ a Diu aos quinze d'Abril,mandou a carta a dom Ioaõ Maſcarenhas, que vendoa taõ chea de comprimentos,naõ deixou de lhe parecer nouidade: & diſsimulando com o negocio,mandou fazer ſeus offerecimentos ao capitaõ Turco: & ordenou logo comprar á formiga todos os mantimentos & lenha q̃ pode: lançando ſuas eſpias pera ſaber a determinaçaõ do Turco, & deſpidindo outras pera á corte a ſaber o que lá ſe trataua. Cogeçofar deu ordem pera que de todos os lugares vizinhos a Diu ſe leuaſſem todos os mantimentos q̃ auia, & ſe recolheſſem na ilha os que podeſſem, & os mais ſe poſeſſem na villa dos Rumes, a onde mandou fazer grãdes ſeleiros pera iſſo: & aſsi começaraõ a ſe recolher hũa grande ſoma delles.

Dom Ioaõ Maſcarenhas foi auiſado pellas eſpias da cidade dos muitos mantimentos que nella ſe recolhiaõ, & com muita preſſa: & com iſſo lhe fizeraõ os moradores queixume, que ja na cidade lhe negauaõ lenha,arroz,& mais couſas,& que as praças eraõ de todo aleuantadas, eſtando ate entaõ cheas de tudo, & comprando nellas os noſſos o que queriaõ pellos preços ordinarios. Dom Ioaõ Maſcarenhas bem entendeo o negocio: & logo mandou com muita preſſa recolher pera a fortaleza (porem com diſsimulaçaõ,porque queria que os imigos ſe declaraſſem primeiro) todos os pedreiros, cauouqueiros, carpinteiros,& todos os mais officiaes que viuiaõ fora: & aſsi maſtos,vergas, tauoado,madeira, & tudo o deſta ſorte: & mandou pello lingoa vm recado ao capitaõ Turco,cuja ſuſtancia era.

Que lhe parecia nouidade fecharemſe as tendas na cidade, & naõ ſe venderem as couſas que ate entaõ os Portugueſes comprauaõ por ſeu dinheiro: & que Cogeçofar lhe eſcreuera, que aceitara aquella cidade pera ſerem amigos de mais perto,mais firmes,& mais verdadeiros, que elle o naõ moſtraua nas couſas que defendia, q̃ aquillo eraõ indicios de guerra: que logo mandaſſe abrir as tẽdas

& ven-

& vender aos Portuguefes todas as coufas de que tiueffem necefsidade, fenaõ que elle iria em peffoa á cidade, & as faria abrir, & o caftigaria por trefpaffar os mandados de Cogeçofar.

O Turco mandoufelhe defculpar com affirmar que tal naõ fabia, que feria aquillo algũa defordem dos feus foldados por algum intereffe: que elle tiraria deuaffa do cafo, & que os que achaffe culpados na perturbaçaõ das pazes feriaõ logo caftigados, porque elle naõ era ali vindo fenaõ pera conferuar a antiga amizade dos Portuguefes, porque afsi lho mandaua Cogeçofar. E logo mandou lãçar pregoẽs que fe vendeffem aos Portuguefes, todas as coufas como dantes, franca, & liberalmente, fob pena de morte.

Dom Ioaõ Mafcarenhas bem via que tudo eraõ inuençoẽs, mas difsimulaua com iffo por fe aproueitar do tempo, mandando cõprar pellos cafados todo o mantimento, lenha, madeira, murroẽs, & tudo o mais que achaffem, & podeffem. Nefta conjunçaõ chegaraõ as efpias da corte, & affirmaraõ que na cidade de Champanel, fe ajuntaua vm exercito taõ poderofo de gente, artelharia, & moniçoẽs, que affombraua o mundo, & que claramente fe dizia fer contra aquella fortaleza de Diu. Dom Ioaõ Mafcarenhas naõ perdendo com aquellas nouas feu animo, & confelho, defpidio logo hũa embarcaçaõ cõ cartas aos capitaẽs de Chaul, & Baçaim, em q̃ lhe daua conta do eftado em que ficaua, pedindolhes, que com muita preffa o focorreffem com gente, & moniçoẽs: & que auifaffem ao Gouernador, & lhe mandaffem as cartas que lhe efcreueo entaõ: & com iffo ficou dando preffa as coufas que fe recolhiaõ, & naquella liberdade que durou fó tres dias, fe meteo na fortaleza hũa grande foma de tudo, porque logo fe tornaraõ a aleuantar as praças, com a chegada do outro exercito que entrou na ilha a vinte d'Abril, com que fe começou a romper o fegredo da guerra.

Dom Ioaõ Mafcarenhas foi auifado logo, & no mefmo dia defpidio outra embarcaçaõ, com cartas aos capitaẽs da outra cofta, em que lhes pedia o focorreffem, por que eftaua com pouco mais de duzentos homẽs: & o mefmo efcreueo ao Gouernador dom Ioaõ de Caftro. Ao outro dia depois que efte exercito chegou fe tornaraõ a fechar as praças, & logo o capitaõ mandou recolher os Portuguefes, & naõ confentio irem mais a cidade.

E infpirãdo Deos em vm Abexim, (pera que fe defcobriffe a maldade de Ruy Freire,) fe fayo da cidade a onde poufaua, & fe foi á fortaleza, & diffe aos porteiros q̃ o leuaffem ao capitaõ, o que logo foi

foi feito,& lhe disse que tinha cousas de importancia que tratar com elle: & recolhendose pera hũa camara lhe disse, que elle era natural do reino da Abassia nacido Christaõ,mas que fora catiuo moço, & feito Mouro por força, & que no seu coraçaõ confessaua a Deos verdadeiro,& que elle o mouera ao vir auisar de hũa grande traiçaõ que lhe estaua ordenada: & que em paga d'aquelle seruiço que lhe fazia,naõ queria mais delle, senaõ que ordenasse, quando fosse tempo, com que se podesse passar a sua patria. E entaõ lhe contou todos os tratos que estauaõ feitos antre Ruy Freire & Cogeçofar, sem lhe nomear o Ruy Freire,mas somente dizerlhe, que estaua o Cogeçofar concertado cõ vm Portuguez da fortaleza pera deitar peçonha na cisterna, & dar fogo ao Almazem da poluora, & pera o meter dentro na fortaleza. Dom Ioaõ Mascarenhas ficou cõfuso, & embaraçado com aquelle negocio,& reuoluendo mil cousas pella fantesia,cuidando se poderia aquillo ser ardil do Cogeçofar, pera lançar zizania na fortaleza, & pera fazer desacoroçoar os Portugueses todos.Mas por outra parte a confiança do Abexim (q̃ lho affirmou muitas vezes, dandose por penhor de sua verdade) lhe fazia crer que aquillo era obra de Deos,que queria que aquella fortaleza se naõ perdesse. E tendo tudo aquillo em segredo, defendeo ao Abexim, que naõ dissesse a pessoa viua cousa algũa deste negocio: encomendandoo ao Alcaide mór que o agasalhasse,& o tratasse muito bem,liuremente, poré cõ resguardo,& olho nelle: & começou a tirar muito em segredo inquiriçaõ d'aquelle negocio sem achar rásto algũ. Mas como Deos nosso Senhor tinha postos seus diuinos olhos naquella fortaleza, fundada sobre ossos de tantos caualeiros & martyres de Christo, naõ querendo que seus templos fossem profanados de Mouros, ordenou que aquella verdade se descobrisse por outra via, & foi desta maneira.

Auia na fortaleza hũa molher Turca de naçaõ, casada com vm homẽ da terra, que se fez ali Christaõ,viuia bem,& era muito amiga de Deos: Costumaua esta molher ir á cidade a comprar algũas cousas,& nestas idas foi conhecida de vm d'aquelles Turcos por natural, & tomou amizade com ella de feiçaõ,que a persuadio a se deixar ficar na cidade, descobrindolhe o segredo que o Abexim tinha dito ao capitaõ: affirmandolhe, q̃ tanto que Cogeçofar chegasse se lhe entregaria a fortaleza: porque vm Portuguez que pousaua sobre o mar o auia de meter nella por hũa varanda que tinha. A Turca como boa molher disimulou cõ o negocio, mostrando folgar com

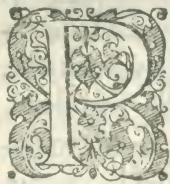
o aui-

o auiſo: & diſſe que ya negociar ſuas couſas pera ſe tornar pera a cidade. E indoſe pera a fortaleza deſcobrio ao capitaõ tudo o que paſſara com o Turco, do que elle ficou marauilhado.

E vendo que conformaua com o que o Abexim lhe tinha dito, deu muitas graças a Deos por taõ grande merce, conhecendo que aquillo era obra ſua. E diſsimulando com o caſo foi correr as eſtancias todas como que as queria prouer, & aſsi as caſas da banda do már, & achou as de Ruy Freire com a varanda, por onde facilmente ſe podia meter gente dentro na fortaleza. E notando bem tudo, ſem fazer caſo de couſa algũa, tirou outra vez em muito ſegredo deuaſſa, & achou que Ruy Freire, & Franciſco Rodriguez andauaõ ſempre juntos, & viuiaõ ambos, & que foraõ os derradeiros Portugueſes que vieraõ de Surrate. E vendo que os indicios eraõ baſtantes pera lançar maõ delles, naõ o quis fazer pellos naõ infamar, a te naõ auer proua mais clara: mas vſou de vm ardil de capitaõ bom Chriſtaõ, & bom homem, que foi deſpidir o Ruy Freire em hũa embarcaçaõ ligeira com cartas pera o Gouernador, em que por cifras lhe daua conta do negocio, pedindolhe o mãdaſſe ter a bom recado: & ao Ruy Freire encomendou de palaura, que trabalhaſſe por lhe tornar com a repoſta, por que importaua muito, & que lhe faria merce, pello ſegurar.

Depois de elle partido, mãdou em outra embarcaçaõ o mulato Frãciſco Rodriguez, com outras cartas pera o capitaõ de Chaul, da meſma maneira, pera que o mandaſſe ter em reſguardo, por que o tiraua de Diu por ſer Mouriſco, & naõ cõfiar delle, ſem lhe deſcobrir o porque o mandaua. Vm partio a vinte & vm d'Abril, & o outro a vinte & tres.

## CAPITVLO VII.

*De como Ruy Freire chegou a Goa com as cartas que o capitaõ da fortaleza de Diu mãdaua ao Gouernador dõ Ioaõ de Caſtro: & elle mandou de ſoccorro ſeu filho dõ Fernando, & outros fidalgos em noue nauios. E da chegada de Cogeçofar a Diu. E do terceiro auiſo que dõ Ioaõ Maſcarenhas teue. E dos recados que antre ambos correraõ.*

PARTIDO Ruy Freire de Diu, como ventauaõ os Ponentes rijos, em ſete dias foi a Goa, & dando as cartas ao Gouernador, em que

 o certi-

o certificaua de tudo, mandou logo com grande pressa lançar ao már noue nauios, em que mandou embarcar seu filho dom Fernando. As nouas correraõ logo pella cidade de Goa, a que acodiraõ todos os fidalgos a se offerecerem ao Gouernador pera a jornada, & os primeiros que chegaraõ esses mandou que se embarcassem, que foraõ dom Francisco d'Almeida, filho de dom Lopo d'Almeida, que ja tinha dous irmaõs em Diu. Bastiaõ de Sá filho de Ioaõ Rodriguez de Sá, vea dor da fazenda do Porto, a quem os soldados na India chamauaõ o çapeca (que he hũa moeda a mais pequena que ha em Goa) por ser elle muito pequeno, mas grande no animo, & no cõselho. Diogo de Reinoso: Pero Lopez de Sousa: Diogo da Sylua: Antonio da Cunha: & outros dous a que naõ achamos os nomes: & em tres dias os fez o Gouernador á vela, embarcandosse por soldados muitos outros fidalgos & caualeiros, desejosos de ganharem honra.

O Gouernador entregou seu filho dom Fernando de Castro a Diogo de Reinoso, & escreueo a dom Ioaõ Mascarenhas, que ficaua descansado, & naõ receaua todo o poder d'Elrey de Cambaya, pois o tinha naquella fortaleza, que lá lhe mandaua seu filho pera ser seu soldado, que lhe pedia o ensinasse, & o posesse nos lugares mais arriscados, & q̃ se fosse necessario todo o inuerno o socorreria. E mãdou embarcar naquelles nauios vm Armenio com cartas pera o reino, em que daua cõta a Elrey do estado em q̃ a India ficaua, encomendando a dom Ioaõ Mascarenhas q̃ logo desse auiamento, pera o lançarem na costa de Pór, pera dali partir por terra pera Ormuz, & dali passar ao reino. O Gouernador mandou ficar Ruy Freire em Goa com dissimulaçaõ, escreuẽdo a dom Ioaõ Mascarenhas lhe mandasse a certeza d'aquelle negocio. E em quãto estes nauios seguem sua viagem cõtinuaremos com as cousas de Diu.

Dom Ioaõ Mascarenhas, tanto que se declarou a tẽçaõ dos Mouros, tratou logo de se repairar, & fortificar, mandando quebrar a põte que ya do postigo do baluarte Sanctiago, por cima da caua a te a outra banda, & mandou fazer outra leuadissa, pera que se fosse necessaria se podesse seruir por ella. Nestas cousas gastou a te noue de Mayo, que chegou Cogeçofar a Diu, com o resto do exercito, que logo se passou á cidade, onde se aposentou. O estrepito & ruido das armas, & da gente, foi logo sentido na fortaleza, onde todos trabalhauaõ em sua fortificaçaõ. Aquelle dia se passou sem mais nouidade, & tanto que anoitceeo chegou á porta da fortaleza hũa escraua que ficara na

cidade,

cidade, que vinha fugindo d'aquella confusaó que nella vio, & bradou aos guardas que a recolhessem, por que tinha muitas cousas que falar com o capitaõ, que compriaó muito ao bem da fortaleza: Foi esta escraua logo recolhida, & leuada a dom Ioaõ Mascarenhas, que se apartou com ella, & lhe disse: Sabe senhor capitaõ que Deos he comtigo. Eu me achei em hũa parte, onde vns Mouros de casa de Cogeçofar estauaõ praticando sem se recearem de mim, & diziaõ que seu amo vinha mũy aluoroçado, cuidando q̃ esta noite lhe entregassem esta fortaleza, & depois de ser na cidade, sabendo que o homem com quẽ pera isso estaua concertado era ido pera Goa, ficou muito triste: por isso vé senhor o que te cũpre, & naõ te descuides em cousa algũa: sabe a verdade disto, por que sem duuida se te tem ordido treiçaõ, por que este homem em que elles vinhaõ confiados, (segũdo os Mouros diziaõ,) tinha determinado de deitar peçonha na cisterna, & de dar fogo ao almazẽ da poluora, & depois meter os Mouros nesta fortaleza por sua casa.

O capitaõ vendo quanto todos aquelles auisos conformauaõ, acabou de cõfirmar a presunçaõ que auia de Ruy Freire, & do Mourisco Francisco Rodriguez. E dando muitas graças a Deos, entregou a escraua a vm homẽ seu, pera que a prouesse de tudo o necessario, & lhe mandou dar hũa quantidade de dinheiro: & tratãdo todas estas cousas cõ muito grãde dissimulaçaõ a auisou que naõ falasse cousa algũa. E como era de noite repartio os coartos das vigias, & foi elle roldar a fortaleza toda, & a parte de sobre o már, entrando em todas as casas por naõ fazer caso: & chegando á de Ruy Freire, esteue vendo a varanda muito deuagar, & notou bem que por ella se podiaõ meter os imigos dentro muito facilmente: & achando ali vm sobrinho do Ruy Freire, o mãdou pera o baluarte do már, com lhe dar a entender que o fazia por lhe melhorar a estãcia, & logo tapou a varanda de pedra & cal: & as casas entregou a vm capitaõ de muita confiança, com algũs soldados. Ao outro dia pella menham visitou a casa da poluora, & achou rota hũa forte argamassa, que a cobria por cima a maneira de abobada, & nella vm grande buraco, por onde determinauaõ de lhe dar o fogo: & vendo taõ grãdes & manifestos sinaes de treiçaõ, deu muitas graças de nouo ao altissimo Deos por tãtas merces, quãtas lhe tinha feitas com os auisos. E sem dar conta a pessoa algũa do que passaua mandou mudar a poluora pera outra casa, que mandou fortificar bem, prouendoa de continuas guardas de muita confiança: & a cisterna mandou cercar,

& fechar com ſuas portas, que tambem entregou a peſſoas mũy apuradas.

Eſte dia que foraõ dez do mes, chegou vm mercador gentio, morador na cidade, muito conhecido dos da fortaleza, á porta della, & diſſe aos guardas, que leuaua vm recado de Cogeçófar pera o capitaõ: & dandoſſelhe recado o mandou leuar diante de ſi, & elle lhe diſſe: Que Cogeçofar lhe mãdaua dizer, que tinha muitas couſas que tratar com elle, que lhe enuiaſſe vm homem de recado pera as communicar. O capitaõ posto que entendeo ſerem tudo inuençoẽs de Cogeçofar, tomou parecer ſobre aquelle negocio, cõ os fidalgos, & capitaẽs: & aſſentouſe que ſe ſoubeſſe o que queria. Com iſto elegeo o capitaõ vm Simaõ Feyo homem hõrado, ſeſudo, & de experiencia, q̃ poderia notar mũy bem as couſas. E indo em companhia do mercador foi leuado a Cogeçofar, q̃ lhe diſſe, que Elrey Soltaõ Mahamude lhe mandaua fazer a parede q̃ por contrato das pazes q̃ fizeraõ cõ o Viſorrey dõ Garcia de Noronha, eſtaua aſſentada, q̃ Manoel de Souſa de Sepulue do impedira. E que alẽ diſſo, mãdaua Elrey pedir ao capitaõ de Diu duas couſas, que como amigo lhe podia conceder.

A primeira, que todos os nauios dos mercadores de Cambaya podeſſem nauegar liuremente por toda a coſta de ſeu Reino ſem cartazes dos capitaẽs d'Elrey de Portugal: por que era menoſcabo ſeu, & de ſeu eſtado tamanha obrigaçaõ.

A ſegunda, q̃ as naos dos mercadores naõ foſſem conſtrangidas a tomar aquella fortaleza de Diu: mas q̃ podeſſem ir vender ſuas fazendas aos portos que lhes bẽ vieſſe. Pello que lhe pedia muito por merce, tomaſſe logo reſoluçaõ naquelle negocio, porque eſtimaria (pois vinha ſer ſeu viſinho) naõ auer antre elles quebras, antes muita paz, & amiſade. Com iſto deſpidio Simaõ Feyo, que o capitaõ ouuiò preſentes todos os fidalgos, & capitaẽs, que pera iſſo chamou: & vendo a forma do recado, lhe mãdou logo a repoſta pello meſmo Simaõ Feyo, em que dizia: Que aquellas couſas que pedia ſe auiaõ de tratar com o Gouernador da India, porque elle naõ tinha poderes pera innouar, nem alterar os capitulos das pazes, que eſtauaõ feitas. Cogeçofar lhe tornou a mandar dizer, que Elrey naõ lhe mandaua tratar aquellas couſas ſe naõ com elle como capitaõ & Gouernador d'aquella fortaleza: & que quando lhe elle naõ quiſeſſe diffirir a ellas, que mandaria elle correr com a parede como lhe mandauaõ, & que ſe elle lha defendeſſe, ſeria o quebrantador das pazes. Com eſta reſoluçaõ entendeo claramente o capitaõ q̃ lhe

lhe vinha Cogeçofar a fazer guerra. E tomando conselho sobre aquellas cousas, desejando de naõ ser elle o primeiro que quebrasse a paz, se naõ o imigo, pera na guerra lhe ficar mais justiça, se assentou, que lhe mandasse dizer, que se naõ vinha a mais que a fazer as paredes conforme ao contrato das pazes, que bastaua pera isso vm Tanadar seu, & naõ tomar tamanho trabalho, nem vir com tamanho exercito. Com este recado tornou Simaõ Feo, leuando o tresllado do contrato das pazes, pera que lho mostrasse: E que lhe dissesse mais, que se os elle quisesse quebrar, & fazer a parede fora do termo, & grandeza que estaua naquelles capitulos, que soubesse de certo que lho auia de defender: & que esperaua em Deos que o auia de ajudar contra elle, como contra quebrantador das pazes feitas pello seu Rey.

Dado este recado a Cogeçofar, & lendolhe o contrato das pazes, vendo o capitaõ taõ justificado, como naõ queria senaõ guerra, lançou maõ de Simaõ Feo, & o prendeo: & logo mandou publicar a guerra pella cidade, o que se fez com grande aluoroço de instrumentos, & bombardadas. E no mesmo dia foi vm grande escoadraõ de Turcos com suas bandeiras desenroladas dar vista á fortaleza, fazendo suas algazaras, & dando hũa grande salua de arcabuzaria: & com outras bizarrias, & soberbas de que aquella barbara naçaõ vsa: O capitaõ os mandou tambem saluar com algũas bombardas de que alguns ficaraõ estirados no campo, em sinal, & penhor dos muitos que por ali se auiaõ de espedaçar: & logo mandou embandeirar os baluartes, porque se visse na cidade o aluoroço com que os esperauaõ, vestindosse muito galante elle & todos.

E porque os baluartes naõ estauaõ ainda prouidos de capitaẽs, o fez logo, pondo dom Ioaõ d'Almeida em Sanctiago, & com elle dom Pedro seu irmaõ, com trinta soldados. E no baluarte Saõ Thome pos Luis de Sousa. No de Saõ Ioaõ pos Gil Coutinho. E no de Saõ Iorge, Antonio Paçanha, com trinta soldados cada vm. A couraça encarregou a Antonio Rodriguez feitor d'Elrey: & a torre de sobre a porta, ao Alcaide mór da fortaleza Antonio Freire: & por estas estancias repartio cento & cincoenta soldados, de duzentos que auia na fortaleza: & dos cincoenta tomou algũs pera andarem com elle, & os mais pos em guarda da cisterna, & casa da poluora. Feito isto ajũtou todos no terreiro da fortaleza, & posto no meyo delles lhes fez esta breue fala.

*Fala que o Capitaõ da fortaleza de Diu dom Ioaõ Maſcarenhas fez aos capitaẽs dos baluartes & ſoldados, animandoos & perſuadindoos á defenſaõ da fortaleza.*

BEm podera, muito valeroſos capitaẽs, & esforçados caualeiros, eſcuſar de vos fazer eſtas lembranças, por que aquem tem tantas obrigaçoẽs pera tudo, nenhũa couſa os moue mais, que o ſangue, a opiniaõ, & a honra, aſsi particular de cada vm, como em geral deſta noſſa naçaõ Portugueſa, que todos tanto deſejamos cõſeruar: mas ſatisfaço niſto a minha obrigaçaõ, pellas muitas que carregaõ ſobre mim, como homem que á de dar conta deſta fortaleza, que eu pretendo defender, com taõ valeroſos companheiros, naõ ſó a todo o poder d'Elrey de Cambaya, mas ainda ao do graõ Túrco, ſe com elle ſe ajuntar. E pera iſto tomara que naõ eſtiueramos rodeados deſtes muros, por que entaõ moſtraramos a todos como naõ ha outros mais fortes peitos q̃ nunca ſe renderaõ a bombardas, trabucos, nem a outro algũ ameaço de morte. E alem de voſſo esforço & valor, que me aſſegura a victoria, ainda mo faz mais a juſtiça que de noſſa parte temos, porque bem viſtes como me juſtifiquei com eſtes imigos, por que quis foſſem elles os quebrantadores da paz, pera nos ficar na guerra todo o direito. Naõ me embaraça tomarnos eſte cerco em tempo que duuidoſamẽte poderemos ſer ſocorridos de Goa, (pellas grãdes tempeſtades do inuerno que entra) porque temos vm Deos juſtiçoſo, que nos a de dar a victoria, aſsi pela rezaõ que de noſſa parte temos, como por que auemos de defender ſua ſancta fè, & a honra de noſſo Rey, que com tanto cuſto ſeu, & trabalho de ſeus vaſſalos, trouxe a ley do ſagrado Euangelho tantas mil legoas, por tantos riſcos & perigos, & a tem dilatada por todo eſte Oriente, & ainda antre as mais barbaras naçoẽs delle. Eſtes Mouros alem de quebrantadores da paz, pelejaõ por defenderem as mintiras do ſeu falſo Profeta, que eſtá no inferno: padecẽdo tormentos eternos: Por iſſo ó Portugueſes dinos de immortal nome & fama, aqui vos conuem moſtrar a differença que ha de naçaõ a naçaõ. Coſtumados ſois todos a perigos & trabalhos, por quẽ tendes alcançado grandes victorias, & engrandecido voſſa patria & nome. Agora neſte trance naõ aja algum que naõ trabalhe por fazer immortal a fama Portugueſa, pondo os olhos em Deos que tendes brando, & benigno: & depois nos feitos de voſſos antepaſſados, & nas grandes proezas, & caualarias, que noſſos parentes, & amigos

amigos ha bem poucos annos obraraõ neste lugar, onde alcançaraõ victorias que pareciaõ milagrosas, destes & de outros imigos mais poderosos, & de hũa armada que podera assombrar a toda Europa se la passara: pera asi vos accenderdes no desejo de vos igualardes com elles, & alcançardes a fama que elles alcançaraõ.

Acabada esta fala, todos com os coraçoẽs mũy determinados, & desejosos de se verem ja as maõs com os imigos lhe responderaõ: q̃ todos estauaõ aluoroçados pera desenganarem aquelles barbaros, & que em quanto os elle gouernasse os estimauaõ pouco: & dali se foraõ todos armar o mais custosamente que poderaõ, pondosse de plumas & cores alegres, & foraõ dar vista ao capitaõ, que tambem se vestio de escarlata, & em sua companhia foraõ correr as estancias, & a tomar posse dellas. O capitaõ mandou saluar a cidade com toda a artelharia, que foi hũa mostra muito pera arrecear. E que naõ deixou de por grandes descõfianças nos imigos.

## CAPITOLO XIII.

*Do conselho que Cogeçofar tomou com seus capitaẽs, sobre o modo de como cercaria a fortaleza. E de como assentaraõ ganhar primeiro o baluarte do mar. E de hũa grande machina que pera isso armaraõ: & de como o capitaõ lha mandou queimar. E das cousas que mais passaraõ a te chegar dom Fernando de Castro.*

VENDO Cogeçofar perdida a occasiaõ de Ruy Freire, que lhe auia de entregar a fortaleza, em que elle vinha mais confiado, que no poder que trazia, por que bem sabia que lhe auia de ser muito difficultoso tomala por armas aos Portugueses, de quem ja tinha tanta experiencia. E fazendo ajũtamento de seus capitaẽs, praticou com elles sobre o modo de como se poria o cerco, & por que parte poderiaõ bater a fortaleza: & debatido antre elles este negocio, foi assentado, que se ganhasse primeiro o baluarte do már pera dous effeitos. O primeiro, pera defenderem os socorros que viessem pera a fortaleza. E o segundo, pera dali abaterem por aquella parte do már que era mais fraca, & por onde se podia tomar com mais facilidade: & que nisto se metesse todo o cabedal, porque sem isto ficaria todo o seu trabalho perdido, & naõ fariaõ mais que gastar o tempo, & as moniçoens.

Aſſentado iſto praticaraõ ſobre o modo de como ſe cometeria o baluarte: & lembrandolhe a Cegeçofar a grande machina que no outro cerco fizeraõ pera abalroarem & entrarem o caſtello da villa dos Rumes, aſſentou que pera eſtoutro negocio ſeria de mais effeito: porque de maré chea podia abordar o baluarte por qualquer parte que quiſeſſem, por eſtar fundado ſobre vm penedo que eſtá no meyo do rio. E parecendo bẽ a todos, mandou logo armar ſobre hũa fermoſa nao das que nauegauaõ pera Meca, tres caſtellos mũy grandes de madeira: vm na proa, outro na popa, & outro no meyo, liados, & atraueſſados com groſſas vigas, em que mandou meter muitos artificios de fogo, barris d'alcatraõ, & de outros materiaes, pera lançarem dentro no baluarte, muitos dardos, lanças, pedras, & outros inſtrumentos de guerra: encomẽdando aquelle negocio a vm Sangiaco, com duzentos Turcos, pera como foſſem agoas viuas, na marẽ da noite abordar com a nao o baluarte, & ganhalo, o que lhe fora muito facil ſe Deos o naõ deſcobrira. Porque como o capitaõ trazia eſpias mũy fieis antre os imigos, logo foi auiſado d'aquella fabrica, que eſtaua ſurta vm pouco abaixo da Alfandega com toda a gente ja dentro, eſperando pellas agoas viuas. E naõ fazendo rumor algum por naõ aluoroçar a gente, tomou Iacome Leite capitaõ mór da armada d'aquella fortaleza, homem muito determinado, & lhe deu conta d'aquelle negocio em muito ſegredo, encomendandolhe q̃ trabalhaſſe por queimar áquella machina.

Iacome Leite o ouue por muito grande aluitre, & logo ſe foi negociar. Tinha elle dous nauios de remo no mar chegados á couraça, com ſuas eſquipaçoẽs dentro: & ſem dar conta a ſeus ſoldados, mãdou embarcar dez em cada nauio, metendo nelles muitas lanças de fogo, & panelas de poluora: & ſendo meyo coarto da modorra, tomou o remo no mór ſilencio que pode: & no começo da enchente da maré ſe deixou ir na vea da agoa: & pouco antes de chegarem á nao foraõ viſtos das vigias que eſtauaõ nella bem alerta, & começaraõ a bradar. Os Turcos q̃ eſtauaõ dentro acodiraõ a bordo com as armas nas maõs, pera verem o que aquillo era. Iacome Leite aos primeiros gritos apertou o remo pera fazer o aque yaõ, primeiro q̃ os Turcos ſe podeſſem determinar. E pondo as proas na nao, cada vm por ſua parte lhe lançou logo dentro hũa grãde ſoma de panelas de poluora: & o nauio que ficou da banda da proa, cortou logo as amarras a nao. Os Turcos tambem lançaraõ ſobre os noſſos muitos tiros, arremeſſos, & muito fogo. A nao como ficou deſamarrada,

rada,começou a cabecear, & a leuala a maré pera dentro, naõ cessando antre os nossos, & os Turcos os arremessos, & espingardadas. Isto foi logo ouuido da terra, & o exercito todo se pos em armas, & acodindo á praya se meteraõ muitos em algũas embarcaçoẽs pera irem socorrer á nao: mas quis a boa fortuna de Iacome Leite, que algũas das panelas de poluora que se arremessaraõ dentro, caissem em vm dos castellos, que estauaõ cheos de materiaes pestiferos, & pegando o fogo de hũa cousa em outra, foi dar na poluora, cuja força & furor lançou logo pellos ares as cubertas da nao, & os castellos, auoando abrazados os mais dos Turcos que dentro estauaõ. A nao ficou entregue ás labaredas que foraõ taes, que descobriaõ a cidade, & a gente do exercito que se embarcaua com muita pressa. Iacome Leite vendo sua boa fortuna, virou as proas a terra, & apontou os falcoẽs nos cardumes dos imigos que feruiaõ, & desparando nelles as cargas fez hũa muito grande destruiçaõ: & tomando o remo em punho se foi recolhendo, com sete companheiros feridos, & queimados, deixãdo acabado vm feito dino de perpetua memoria: & chegados á fortaleza foraõ todos recebidos nos braços do capitaõ, & de todos os mais cõ louuores muito publicos.

Cogeçofar acodio ao cais da Alfandega, & vendo a grande machina em que fundaua suas esperanças abrazada, & desfeita, ficou pasmado, por que na nao perdeo mũy grande quantidade de moniçoẽs, & muitas peças grossas de artelharia, com que determinaua de bater a fortaleza do baluarte do mar, depois que o tomasse: & sobre tudo sintio os Turcos que elle estimaua muito, com cujo esforço & industria esperaua de acabar aquelle cerco, & deitar os Portugueses fora d'aquella ilha. E arrebentando em blasfemias disse mal á sua ventura: & depois fez voto a Mafamede, de se naõ aleuantar de sobre aquella fortaleza, a te a naõ arrazar, & tomar. Mas bem differente era o pensamento do capitaõ della, & de todos os mais, por que toda a noite gastaraõ em danças, & folias, auendo aquelle principio de vitoria por vm muito certo sinal de sempre a alcançar d'aquelles imigos. Assi ficaraõ tres dias fortificandosse vns & outros, ordenando as cousas necessarias pera a bataria.

Neste tempo foi tambem o capitaõ pellas espias auisado, que se esperaua no exercito, por hũa grãde cafila de mantimentos que lhes auia de vir por már, de toda aquella costa de Balsar, a te Damaõ: pello que logo despedio Iacome Leite, com tres nauios bem negociados, pera que a fosse esperar a te a ilha dos Mortos. E saindosse de

noite

noite pella barra fora, foi corrẽdo aquella costa,por onde encontrou algũas Cotias,carregadas de mantimentos,que tomou,naõ dando a vida se naõ a algũs que guardou pera embandeirar os seus nauios quando entrasse em Diu:& depois de deixar feito hũa mũy grande destruiçaõ,se foi recolhendo,& entrou dahi a poucos dias pella barra, com as vergas cheas d'aquelles estandartes, & hũa grãde cafila de mantimentos, que se recolheraõ na fortaleza:& as Cotias todas depois de descarregadas, se lhes mãdou dar fogo no meyo do rio,pera que os imigos as vissem bem, o que foi pera todos elles hũa muito grande dór & tristeza. Cogeçofar andaua como areado, & vẽdo que lhe mandauaõ tomar os seus nauios por aquella costa: despidio com muita pressa recado a Surrate,que armassem vinte fustas, & q̃ se fossem lançar sobre a barra de Diu, asśi pera segurarem os seus nauios, como pera defenderem a entrada aos nossos se viessem de socorro da India. Dom Ioaõ Mascarenhas escreueo aos capitaẽs de Baçaim & Chaul, que trabalhassem muito por impedirem a nauegaçaõ aos Mouros por aquella costa de Balsar,& Damaõ, por q̃ lhes naõ fossem mantimentos ao exercito: o que elles fizeraõ armando alguns nauios, que em poucos dias tomaraõ dous Tauris grandes, & quinze Cotias carregadas de mantimentos, metendo todos os que nellas acharaõ á espada:

## CAPITVLO IX.

*De como Cogeçofar começou a fazer a parede. E das cousas que socederaõ com a chegada de dom Fernando de Castro. E de vm grande feito que fez Diogo da Nhaya Coutinho.*

VENDO Cogeçofar que sem ter começado a guerra, tinha recebido tantas perdas (porque logo teue auiso da destruiçaõ que a armada fez pella outra costa) andaua como fora de siso, & de juizo: porque receaua roim fim áquelle negocio, & mandou com muita pressa por as maõs na obra da parede,(ou pera lhe milhor chamarmos,do muro,) o que começou a fazer com vm grande numero de officiaes. Esta parede se fabricou pouco mais de vm tiro de besta da fortaleza, pello começo donde depois esteue o jogo da bolla: & foi cortando da borda do rio, por aquelle tezo acima a te o már, & tinha quinze palmos de largo. E porque de dia naõ podiaõ trabalhar,por causa da nossa artelharia, & arcabuzaria, que lhe mataua muitos obreiros, trabalhauaõ de

noite, abrindo por baixo do chaõ caminhos intricados, & em caracol, pera a gente poder passar ao seruiço segura das bombardadas. E asi fizeraõ hũa fabrica de ruas, trauessas, & encruzilhadas, que parecia vm laberinto de Creta: mas nem com isso deixauaõ de morrer muitos: por que a nossa arcabuzaria lá os ya descubrir, & derribar. O capitaõ mandaua de noite bater os lugares onde sentiaõ trabalhar, derribandolhes a obra que yaõ fazendo, por partes. Mas com tudo, como os officiaes eraõ muitos foi o muro crecendo, & sobindo nelle alguns baluartes fortes cõ bombardeiras rasteiras, em q̃ Cogeçofar mandou assentar bazaliscos, lioẽs, & outras peças grossas, com que determinaua de bater a fortaleza. E defronte do baluarte Sanctiago se pos vm coartao, que lançaua pilouro de treze palmos em roda, que se entregou a vm bombardeiro Frances arrenegado, homem mũy destro em seu officio, que o assestou por escoadria taõ certa na parte em que a cisterna estaua, que lhe lançaua nella todos os pilouros que queria. Vẽdo Cogeçofar a parede ja aleuantada, mandou logo fazer valos, & trincheiras naquella parte baixa do jogo da bolla, pera se passar pera ali com o seu exercito, corrẽdo com hũa cousa & com outra á mór pressa que podiaõ.

Dom Fernando de Castro, que deixamos partido de Goa, no capitolo 7. do primeiro liuro, foi seguindo sua viagem a te Baçaim, leuando ja ameassos do inuerno, & tomando ali algũas cousas atrauessou logo o golfo, que achou taõ soberbo & alterado, q̃ se vio muitas vezes perdido com toda a armada: & passando por todos aquelles medos chegou a Diu em fim de Mayo, o que foi pera todos os nossos a mór alegria que podia ser: & embandeirando os nauios cometeraõ a barra, entrando por ella dentro, esbombardeãdo, & saluando a cidade dos Mouros, deitando nella algũs pilouros, por final dos mais com que auiaõ de seruir & ospedar os imigos: & asi foraõ sorgir no cais a onde desembarcaraõ, achando ja dom Ioaõ Mascarenhas, com todos os fidalgos, que os leuaraõ nos braços cõ grande aluoroço de todos. E recolhidos pera a fortaleza, os leitos dourados, & camas molles em que os agasalharaõ, pera repousarem do trabalho do caminho, foraõ os baluartes, guaritas, & mais lugares do muro, por onde o capitaõ os repartio. Os da fortaleza ficaraõ muito vfanos com este socorro, q̃ ainda que pequeno em numero, era muito grande na estimaçaõ, pello grande valor & esforço dos capitaẽs, & soldados que nelle vinhaõ. Esta noite passaraõ os nossos em grandes regozijos, & festas, lançando muitos foguetes, & outros

tros artificios de fogo por esses áres, pera mostrarem aos imigos o aluoroço cõ que todos estauaõ, & o pouco temor q̃ delles tinhaõ.

Ao outro dia em amanhecẽdo apareceo sobre a barra a armada que Cogeçofar mandou fazer em Surrate, que vindo correndo a costa de Diu, encontrou algũs nauios q̃ os capitaẽs de Baçaim & Chaul mandauaõ com gente & prouimentos: & como yaõ espalhados, dous delles foraõ cair nas maõs dos imigos que os abalroaraõ: & posto que os poucos Portugueses que nelles vinhaõ, pelejaraõ mũy valerosamente, & venderaõ muito bem suas vidas, (que todos quiseraõ antes perder que ficar catiuos) foraõ mortos & espedaçados. Outros algũs nauios auendo vista desta armada dos imigos, & conhecendoa, tornaraõ a voltar pera a outra costa. Os imigos com aquella preza & victoria chegaraõ á barra de Diu embandeirados a dar vista a os nossos saluando a fortaleza de longe. Dom Fernando de Castro lhes quisera sair, mas o capitaõ lho naõ consentio, por que bem sabia que os imigos o naõ auiaõ de esperar, & que seria trabalho perdido tornar a negociar as fustas, que estauaõ ja recolhidas na couraça: & asi se naõ fez por entaõ cousa algũa, nem foi necessario: por que logo ao outro dia desapareceo a armada, que tãbem receou que lhe saissem os nossos. Esta armada andou por aquella costa, des da ilha dos mortos, a te Madre faual em quanto o tempo lhe deu lugar: & como entrou o inuerno recolheose a Surrate, sem fazer mais presas que aquellas primeiras.

Dom Ioaõ Mascarenhas ao outro dia depois que dom Fernando de Castro chegou, mandou negociar vm catur muito ligeiro, em q̃ mandou embarcar o Armenio q̃ auia de passar ao reino, por quem tambem escreueo a Elrey o estado em que aquella fortaleza ficaua. Este homem foi lançado na costa de Pór, & dali em trajos de Iogue (que he hũa gente que se preza de Religiosa, & que nos trajos mostra grande desprezo do mundo: por que naõ trazem mais vestido que hũas capas como os mãtos dos capuchinhos, feitas de farrapos que achaõ nos monturos,) Foi caminhando a te o Cinde, a onde achou ainda embarcaçaõ pera Ormuz, em que se meteo, & foi ter áquella fortaleza, & deu as cartas do Gouernador a Luis Falcaõ, em que lhe encomendaua muito desse logo ordem pera que aquelle homem se partisse pera o reino: o que elle fez, negociandosse com os mercadores de Baçorá que o leuaraõ, & o passaraõ a Babylonia pello rio Eufrates acima, & dali tomou seu caminho em companhia de cafilas que sempre as ha: & foi seguindo sua derrota.

E por

E por que naõ achamos as particularidades desta jornada, passamos por ellas, & de sua chegada ao reino a diante daremos rezaõ.

Cogeçofar foi continuando cõ as obras da fortificaçaõ, a te as pór em sua perfeiçaõ: passando o seu exercito pera aquella parte, repartindo pellos lugares da bataria perto de sessenta peças grossas, de bazaliscos, saluagens, aguias, & camelos: & da outra miuda hũa grãde quantidade: mandando fazer muitas escadas, hũa grande soma de piçoẽs, alauancas, cudilins, padiolas, & em fim toda a mais cousa desta qualidade, que lhe pareceo necessaria pera aquelle negocio. Dom Ioaõ Mascarenhas naõ estaua descuidado, que tambem de dia & de noite trabalhaua em sua fortificaçaõ, vendo & notãdo tudo o de que tinha necessidade, esperando cada dia pellos combates, com vm animo muito determinado, & seguro.

Mas como desejaua muito saber de certo o intento & determinaçaõ dos imigos, eralhe necessario pera isto tomar algum lingoa de que se podesse informar. Isto praticou algũas vezes com os fidalgos, caualeiros, & soldados, de que presumia que prestariaõ pera este feito: foi hũa dellas em tempo que se achou presente Diogo da Nhaya Coutinho, natural de Sanctarem, fidalgo de nobre geraçaõ, de grande valor, & notaueis forças, q̃ disimulando seu intento, vindo a noite sem dar cõta a pessoa algũa, mais que a vm soldado, a quem pedio vm capacete emprestado, (por ser o bom fidalgo taõ pobre que a te isto lhe faltaua, sobejandolhe o animo pera pelejar com os imigos) lançandosse por hũa corda do muro abaixo, acompanhado de sua espada, & hũa lança. E indosse pera a parte donde os imigos estauaõ, pouco afastado do caminho se pós deitado com grande silencio, esperando algum bom encontro. Em pouco espaço vio vir dous Mouros bem despostos, que vinhaõ praticando, & bem descuidados de imaginarem o que lhes aconteceo. Bem sintio Diogo da Nhaya Coutinho serem dous, & receou cometelos, naõ por que se naõ atreuesse a pelejar com ambos, & com mais: mas por que temeo que brigando com ambos, de força auia d'auer roido, & podia ser ouuido, & elle naõ poder pór em effeito o negocio a que ya: mas tomando conselho com a necessidade do caso, & do tempo, determinou cometelos. E deixãdoos passar, leuantousse, & deu a vm tal golpe cõ a lança que logo o derribou: & remetendo ao segundo o leuou nos braços, sem lhe valer pernear, morder, nem bracejar, & asi asido chegou com elle á porta da fortaleza a que bradou que lhe abrissem depressa, & abrindolhe a porta deu com elle dentro,

de que o capitaõ & os mais fidalgos & caualeiros ficaraõ pasmados, & marauilhados, de taõ raro socesso, que festejaraõ, muito alegres, & contentes.

E por que será roubo que lhe faremos, calarmos o mais que na mesma noite lhe aconteceo, contarey o que fez, por que fiquemos satisfazendo asi a nossa obrigaçaõ (que he dizermos as cousas que neste cerco aconteceraõ) como a seu merecimento & esforço, com fama depois de morto, já que na vida lhe faltou ventura de ter com q̃ matasse a fome. Prometeo este fidalgo ao soldado, que lhe emprestou o capacete, de lho tornar a trazer, certificandolhe, que antes deixaria a vida que o proprio capacete. Na briga & reuolta q̃ teue com os Mouros lhe cayo da cabeça sem o elle sintir, nem achar menos, senaõ depois de entrar na fortaleza, & o soldado lho pedir. Senhor, disse elle, eu o vou buscar. E tornando a decer por onde decera a primeira vez, auendo que pella porta o naõ deixaria o capitaõ sair, se foi á parte onde teue a briga, & achando o capacete o trouxe, & tornou a sobir, & o entregou a seu dono. Bem merecia este fidalgo por isto que fez por seu Rey, que enxergaramos nos nelle as merces que estes feitos estaõ pedindo: mas pois as naõ teue, naõ lhe faltemos nos com o deixarmos nesta nossa escritura dado a conhecer, aos que o naõ alcançaraõ.

*Fim do Primeiro Liuro.*

---

LIVRO

# LIVRO SEGVNDO DA SEXTA DECADA DA HISTORIA DA INDIA.

## CAPITOLO I.

*De como Elrey Soltaõ Mahamude chegou a Diu. E de um assinalado feito que seis soldados fizeraõ, em que tomaraõ um Mouro. E das asperas batarias que deraõ â fortaleza.*

ACABADAS todas as obras, asi da parede, como dos valos, & trincheiras, desejou Cogeçofar de ver Elrey as primeiras batarias, porque lhe pareceo que nellas se auerigua sse tudo, mandandolhe recado a Champanel, onde elle estaua com o resto de sua potẽcia, pera acodir a onde fosse necessario. E tanto que teue recado se abalou aforrado com só dèz mil de caualo: & tanta pressa se deu q̃ chegou á villa dos Rumes dez dias depois da chegada de dom Fernando de Castro. E ao outro dia depois de sua chegada se passou á ilha pera de mais perto ver a notomia que Cogeçofar lhe prometia de fazer naquella fortaleza. E á sua entrada na cidade lhe fez Cogeçofar taõ grandes recebimẽtos, & foraõ os instrumentos tãtos, que se ouuiraõ na fortaleza, enxergando na villa dos Rumes nouas bandeiras, mas pareceolhes que era gẽte que chegaua de refresco, naõ imaginando que podia ser Elrey. E pera saberem d'aquella nouidade, mandou o capitaõ dom Ioaõ Mascarenhas dizer a Fernaõ Carualho (que estaua no baluarte do mar) que mandasse algũas pessoas de recado, de noite, no batel do seruiço, pera ver se podiaõ auer as maõs algum Mouro, de quem podessem saber o que ya na cidade.

Fernaõ Carualho, tanto que foi o coarto da modorra, despidio o batel com seis soldados que pera aquillo escolheo, cujos nomes ficaraõ em esquecimẽto aos d'aquelle tempo: (porque os destes homẽs que naõ naceraõ illustres, & fizeraõ cousas abalizadas, naõ lhes luziraõ, nem em historias, nem em merces, & satisfaçoẽs: porque he muito antiga esta miseria Portuguesa, naõ saber dar lugar as virtudes, nem engrandecer honrosos pensamentos, antes acanhalos, & desprezalos, pellos verem auentajar nas obras a algũs, que se contentaõ da gloria de seus passados.)

E esta he a rezaõ porque muitos naõ trabalhaõ por obrarem grandes proezas,porque antes querem poupar as vidas,que arriscalas sem esperança de galardaõ.(Mas diante d'aquelle famoso Antigono,naõ se daua lugar se naõ as virtudes, & ao valor ganhado por proprio braço,& naõ aos que os herdaraõ de seus auós,como elle disse áquel le mancebo,que por nacer nobre, queria proceder a outros que o naõ eraõ, tendo mais merecimentos.

E tornãdo a nossa historia. Partidos os seis valerosos soldados,foraõ pello rio acima em grande silencio,sem tocarem com os remos na agoa, por naõ serem sentidos na terra: & no lugar em que está a Alfandega viraõ estanciamuito perto do mar em que naõ sentiraõ vigias: & parecendolhes que estariaõ dormindo se chegaraõ á terra,& saltaraõ nella muito manso, & com grande determinaçaõ cometeraõ a estancia em que estauaõ sessenta Mouros, sepultados todos em vm profundo sono, como homẽs que ali se naõ receauaõ de cousa algũa: & dando nos primeiros que acharaõ, mataraõ nelles á vontade: & ao tom dos golpes, & dos gritos acordaraõ os outros, andando ja o ferro dos valentes seis companheiros sobre elles: & naõ sabendo o que aquillo era, nem donde se auiaõ de guardar, embaraçauaõse vns com os outros,por que sem verem o q̃ era, sentiaõ o cruel ferro dos seis Portugueses em suas carnes, & de outras partes as vozes & ais dos que ficauaõ estirados. E foi a cousa de feiçaõ, que aos gritos dos d'aquella estãcia,se poseraõ todas as mais em armas,cuidando que todos os Portugueses dauaõ nelles. Os seis soldados que andauaõ encarnissados nos Mouros,sentindo que chegaua soccorro, se foraõ recolhendo ao seu batel, & naõ sem muito trabalho & risco, por que apertaraõ tanto com elles, que lhes mataraõ dous: & quis a ventura que os coatro ao recolher deraõ com vm Mouro na praya,que por ventura ya fogindo da morte, & liandosse vm com elle, acodindolhe os outros deraõ com elle no batel, & tomando o remo se foraõ saindo: indo a pos elles grandes nuues de frechas,& pilouros. Chegados á couraça bradaraõ as guardas, que os recolheraõ dentro: & leuando o Mouro ao capitaõ lhe contaraõ o socesso:elle os abraçou a todos,louuandoos, & engrandecendoos publicamente.E recolhẽdosse com o Mouro,& lingoa,delle soube, que as festas que se fizeraõ eraõ á chegada d'Elrey, q̃ era vindo pera ver tomar aquella fortaleza: & asi deu rezaõ de todas as mais cousas que lhe perguntaraõ,que o capitaõ estimou muito saber, mandando ter o Mouro a bom recado, & aos soldados deu

dinhei-

dinheiro de ſua caſa.

Taõ afrõtados ficaraõ os Mouros deſte ſoceſſo, por ſer no meſmo dia que o ſeu Rey chegou, q̃ deſejauaõ de ir todos morrer ao pé dos muros da fortaleza. Cogeçofar andaua como doudo, ſem ſaber o que diſſeſſe, nem fizeſſe: & tomara ſer antes alejado da outra maõ, que terſe taõ penhorado com Elrey, em negocio que taõ roins principios teue. Ao outro dia chegaraõ vns poucos de Mouros á fala com os do baluarte ſaõ Ioaõ, & lhes diſſeraõ muitas iniurias, & vituperios: affirmandolhe que cedo teriaõ o pago d'aquelle atreuimẽto, & de naõ entregarẽ logo aquella fortaleza ao grande Rey Soltaõ Mahamude que era chegado. Os noſſos lhes reſponderaõ que folgauaõ muito com ſua vinda, por q̃ muito cedo ſeria dependurado de hũa d'aquellas ameyas, pello atreuimento que teue de mandar cercar fortaleza em que eſtauaõ Portugueſes, que a auiaõ de defender a todo o mundo junto, quãto mais a elle, & aos ſeus, que eraõ vns coitados, couardes, & biguairins, de q̃ naõ faziaõ conta algũa.

Todas eſtas couſas ſoube Elrey, de que ſe ouue por taõ afrontado, & offendido, que mandou a Cogeçofar, que logo começaſſe a bataria, o que elle fez na força do meyo dia, com mũy grande terror & eſpanto: batẽdo os tres baluartes, Saõ Ioaõ, Saõ Thome, & Sanctiago, com oito peças cada vm, & o coartao na parte da ciſterna, que cada vez que deſparaua, parecia que todo mundo ſe abalaua: & certo que pos grande eſpanto, & cauſou muito temor: Os capitaẽs dos baluartes, que eraõ dom Ioaõ d'Almeida, Luis de Souſa, & Gil Coutinho, tambem lhe reſponderaõ com ſua artelharia, batendo as eſtancias dos imigos com grãde furor, andando cada vm reformãdo as ruinas que a artelharia fazia. A grita, o rugido das armas, os fuzis do fogo, o fumo da artelharia que eſcurecia o ſol, tudo repreſentaua o dia final do juizo. No baluarte Sanctiago de Luis de Souſa, onde eſtaua dom Fernando de Caſtro, começou a fazer a bataria mais dano, por ſer mais fraco: mas logo tudo era reformado, & repairado de nouo.

O capitaõ dom Ioaõ Maſcarenhas, que neſte dia começou a moſtrar os quilates de ſua prudencia, & esforço, tinha dado tal ordem a tudo, que em ſe pedindo pedra, madeira, tauoas, panellas de poluora, pilouros, & todas as mais couſas neceſſarias, logo eraõ dadas: por que eſte trabalho encomendou a alguns homẽs velhos, com muitos eſcrauos, & marinheiros, & aſsi nunca faltou couſa algũa.

Dom Fernando de Caſtro como era moço, & nunca ſe tinha viſto em outro perigo, deſejou de ſe aſsinalar neſte, & aſsi deu mo-

ſtras de ſeu grãde valor, & animo, de que a fortuna lhe começou logo a ter inueja. Todos os mais fidalgos & caualeiros trabalharaõ em quanto durou o eſpantoſo cõbate, mũy animoſamente. Vns ajudando a carregar, & bornear as peças da artelharia: outros em reformar as roinas, & em outras ſemelhantes & neceſſarias occupaçoẽs, de ſorte, que todos deraõ mui to grandes eſperanças, no animo com que acodiaõ a todas as couſas, & na alegria que moſtrauaõ nos trabalhos, de hũa muito certa, & grande victoria. A bataria durou a te ſe pór o Sol, que ceſſou, deixando os baluartes todos deſtroidos, & arraſados das ameyas & para peitos, ficando a artelharia toda dell.s quaſi deſcuberta. O capitaõ dom Ioaõ Maſcarenhas naõ tomando repouſo toda a noite trabalhou em reedificar os baluartes, ſendo todos os fidalgos & caualeiros os pedreiros, & officiaes da obra: a que deraõ tanta preſſa, que quando amanheceo eſtaua tudo renouado, como ſe nunca fora derribado, do que os imigos paſmaraõ.

Ao outro dia tornaraõ a continuar a bataria com grande braueza, tornando a arruinar os baluartes por outros lugares, andando ſempre os capitaẽs mũy prontos em repairar tudo, batendo tãbem eſpantoſamente as eſtancias dos imigos, em que o dia dantes fizeraõ bem de dano: como tambẽ eſte em que lhe mataraõ muitos. Deſta maneira foraõ continuãdo os combates naquelles tres baluartes coatro dias, aleuantãdo os noſſos de noite, o que lhes derribauaõ de dia, com muito trabalho, & preſteza. O coartao q̃ eſtaua fronteiro ao baluarte Sanctiago, que o Frances regia tinha feito na fortaleza grande dano, porq̃ derribou caſas, arruinou edificios, & lançou algũs pilouros na ciſterna, que Deos ſempre guardou, por que nella eſtaua o remedio de tudo: & andauaõ todos aſſombrados, por que cada vez que a tiraua fazia vm terremoto, que parecia que tremia o ár, & a terra.

Mas enfadado Deos noſſo Senhor de ſofrer áquelle arrenegado tantas offenſas, & afrontas: indireitou vm dardo que ſe arremeſſou da fortaleza, ſem ſe ſaber de que maõ, & tomando o Frances pellos peitos o derribou morto. Eſta perda ſentio Cogeçofar muito, por que aquelle homem era o mais importante que tinha no ſeu exercito, pera o meneo da artelharia, & da bataria: & lcgo em ſeu lugar pós outro arrenegado, que naõ ſabendo a eſcoadria, nem a medida do ponto do coartao, todos os pilouros que tiraua cayaõ ſobre o ſeu exercito, matando muitos dos ſeus: que iſto foi tambem obra da diuina maõ de Deos, por que ſó áquelle

tiro

tiro se receaua na fortaleza mais que todos os outros, por que fazia mór dano.

## CAPITVLO II.

### *De como os Mouros continuaraõ a bataria, & Elrey se foi da cidade por vm roim agouro que tomou. E do monte da rama que os imigos aleuantaraõ defronte do baluarte Saõ Thome.*

FOISE continuando a bataria em que os nossos sofreraõ muito grandes trabalhos, por que naõ largauaõ de dia nem de noite as armas das costas, nem das maõs as achegas pera a reformaçaõ dos lugares derribados, sendo tudo assi em hũa parte como na outra, vozes, clamores, gritos, estrondos, fogo, fumo, trouoẽs, & tempestades, da cruel & horrenda artelharia, que quasi tinha ensurdecidos todos os da fortaleza. E auendo dez dias que duraua esta confusaõ, estando Elrey vendo hũa aspera & geral bataria, que se daua á fortaleza, desparando vm camelo de vm dos baluartes, guiou Deos o pilouro de feiçaõ, que entrou pella estancia em que Elrey estaua, & matou vm priuado seu muito junto delle, ficando todo borrifado do seu sangue. E como os Mouros saõ muito agourentos, assi este tomou aquillo a taõ roim sinal, & mao pronostico, que logo se foi pera a cidade, & no mesmo dia se passou á outra banda, & dahi pella posta caminhou pera Amadabá, taõ assombrado, que lhe pareceo que ainda o pilouro ya a pos elle: ficando com a gẽte de caualo que trouxe, vm capitaõ Abexim chamado Iuzarcan homem de grande autoridade, esforço, & conselho, & grande senhor no reino de Cambaya. Cogeçofar sentio muito a ida d'Elrey, porque lhe pareceo que ya desconfiado, & pera mostrar assi a elle como a os nossos que nenhũa cousa lhe causaua temor, mandou dobrar a bataria pera fazer algũa entrada na fortaleza: por que determinaua, ou perderse de todo, ou ganhala: & assi foraõ continuando sem cessarem, a te arrazarem todos os altos dos baluartes Saõ Ioaõ, Saõ Thome, & hũa grande parte da cortina do muro que corria de vm ao outro. Luis de Sousa, & Gil Coutinho capitaẽs delles, com os mais fidalgos & caualeiros, sofreraõ aquelles combates cõ animo muito grande acodindo logo a todas as cousas necessarias, pelejãdo, trabalhando, & animando os soldados, tendolhe ja mortos algũs, & feridos muitos: & certo que quanto mayor era o perigo, tanto mais parecia que creciaõ forças, &

animo de nouo a todos pera ſuſtentar tudo,& acudir a tãta couſa, como era pelejar,& reformar.

Dom Ioaõ Maſcarenhas vẽdo os baluartes arrazados acodio áquella parte, & vendo que eſtaua a fortaleza muito arriſcada pella cortina,tratou de o fazer por dentro vm contra muro,& vendo que naõ tinha parte commoda pera iſſo, mandou logo na rotura armar vm cubello alto & grande no meyo,de traues, que ſeruia de triangulo,& ſe corria delle pera ambos os baluartes corrẽdo com vm pedaço de muro,pera tornar a fechar aquella parte,com que ficaua mais forte. Eſta obra ſe começou com grande preſſa: & porque faltauaõ ſeruidores, por ſerem mortos algũs,& outros eſtarem doẽtes, acodiraõ as molheres da fortaleza, aſsi caſadas como viuuas a acarretar os materiaes, como ja fizeraõ outras no outro cerco paſſado: & a que ordenou iſto foi hũa Iſabel Madeira dona honrada caſada cõ meſtre Ioaõ Surugiaõ, Chriſtaõ velho,de quem tinha dous filhos, & hũa filha: eſta foi eleita por capitoa de todas, formandoſſe vm muito grande eſcoadraõ dellas,de que as principaes eraõ Gracia Rodriguez molher de Ruy Freire, Iſabel Diaz caſada com o feitor d'Elrey, Catherina Lopez molher de Antonio Gil, & Iſabel Fernandez,que depois ſe chamou a velha de Diu, dina do ſobre nome que lhe deraõ, pellas couſas que neſte cerco fez,como em ſeu lugar diremos. Eſtas com ſeus filhos & eſcrauos, tomaraõ á ſua conta acarretarem a pedra, & terra pera as obras, que traziaõ com ceſtos ſobre ſuas cabeças, de algũas caſas q̃ o capitaõ mandou derribar dentro na fortaleza,& o meſmo fizeraõ as traues,tauoado, & a todas as mais couſas que ſe pediaõ. Eſte trabalho começaraõ a continuar com tanta preſſa & alegria, que deu a todos hũa certa confiança de bõ fim naquella guerra, com o que ficaraõ os homens mais deſaliuados pera acodirem as batarias. A obra foi crecendo de feiçaõ, que em breues dias ſe pos o cubello em pé, de que encarregou Antonio Paçanha,varaõ de conſelho,& de muito esforço, dandolhe corenta eſpingardeiros. O capitaõ andaua muito vfano & alegre,de ver a alegria, & goſto com que aquelle eſcoadraõ feminino acodia as couſas,aſsi de dia como de noite,porque o auia por vm mũy bom pronoſtico,& aſsi as ya ver muitas vezes á obra, louuandoas com palauras muito honroſas, & de muito agardecimento. A eſtancia q̃ era de Antonio Paçanha, deu o capitaõ a vm Ioaõ de Venezeanos cõ algũs ſoldados: Em quanto a obra do cubello durou, naõ ceſſou a bataria, que deu muito trabalho aos que andauaõ na obra, mas quis Deos que naõ fizeſſe dano,

ainda que eſtoruaua,& impidia os officiaes, mas de noite ſe fez a mór parte della.

Cogeçofar tanto que vio o baluarte em pé, (com que ficauaõ aquellas partes caidas muito ſeguras) mandou fabricar defronte do baluarte Saõ Thome, outro mayor que elle,de terra & rama,pera lhe ficar ali em padraſto, & entulhar a caua: por que determinaua de entrar por ali a fortaleza. Eſta obra ſe começou a fazer de noite, por que de dia a noſſa artelharia, & arcabuzaria,lho defendia:E ſentindo o capitaõ que de noite trabalhauaõ, mandou fazer nos baluartes tantas luminarias que aclarou todo o campo,& ſe deſcobriaõ muito bem os officiaes que andauaõ na obra: & aſſeſtando ali a artelharia, começaraõ a lhe dar bataria,com que lhe mataraõ muita parte dos trabalhadores, & os mais largando o trabalho ficou tudo deſemparado:porque alem dos pilouros, chouiaõ ſobre os q̃ acarretauaõ as couſas tantos dardos, pedras,& panelas de poluora, que lhes naõ dauaõ lugar a apareceré. E poſto que iſto canſaua, & quebrantaua muito aos noſſos, o perigo em que eſtauaõ lhes daua forças pera tudo.Mas Cogeçofar naõ deſiſtindo da obra, mandou fazer nouas ruas por baixo do chaõ, pera paſſarem os ſeus encubertos pera a obra: mas ainda aſsi naõ deixou de lhes cuſtar muito, & a poder de mortes dos miſeros officiaes,& trabalhadores, acabou o baluarte que ficou taõ alto, que deſcobria todo o de Saõ Thome: E em cima delle mandou Cogeçofar pór muitas aruores groſſas com toda ſua rama, que ſe traziaõ ali a poder de força,pera ſeruirem de tranqueiras aos ſeus: & pos ali vm fermoſo eſcoadraõ de Turcos, & de outras naçoẽs eſtrangeiras, naõ ceſſando em todo eſte tẽpo a bataria nas outras partes,com que derribauaõ os baluartes de dom Ioaõ d'Almeida, & de Antonio Freire Alcaide mór da fortaleza, mas logo o capitaõ acodio a reformar tudo: em cuja obra dom Ioaõ d'Almeida, & ſeus irmaõs moſtraraõ bem o valor de ſuas peſſoas, comprindo muito á riſca com as obrigaçoẽs do ſangue de que procediaõ: pelejando, & trabalhando ſem tomarem repouſo algum. Cogeçofar vendo a fortaleza taõ desbaratada por todas as partes,& o muito trabalho que os Portugueſes paſſauaõ em as reformar, auendo que naõ poderiaõ já ſofrer mais, & que ſe entregariaõ com alguns partidos: por que ſe naõ podia eſperar de corpos humanos, o que aquelles homens tinhaõ paſſado, & paſſauaõ,auia tãtos dias, ſem tomarem hũa ſó hora de deſcanſo, & pera lhes naõ dar folego, & os apertar mais por todas as partes, mandou nouamente abrir caminhos por debai-

xo da terra,pera as eſtancias de A-lonſo de Bonifacio,Luis de Souſa, & Gil Coutinho, a te ſairem á caua, por que determinaua de a entulhar, pera cometer a fortaleza por âſſalto : & tanto trabalharaõ neſte negocio, que ainda que foy á cuſta de muitos dos ſeus, que a noſſa eſpingardaria ſempre peſcaua, chegaraõ a onde pretendiaõ, trabalhando dom Ioaõ Maſcarenhas muito por lho defender.

E por que o lugar de q̃ ſe mais receauaõ, & de que mór dano recebiaõ, era o baluarte do monte da rama, mandou o capitaõ fazer vm terripleno no tauoleiro da igreja, que era o mais alto da fortaleza,pera o deſcubrir, & ali mãdou aſſeſtar vm bazaliſco,& outras peças groſſas, & encomẽdou ao Cõdeſtabre da fortaleza, homẽ mũy experimentado em ſeu officio, q̃ trabalhaſſe muito por derribar aquelle monte. E dãdo elle recado aos do baluarte Saõ Thome, pera que ſe recolheſſem a partes ſeguras, por cima delle o começou a bater,& quis Deos que em quinze dias o desfizeſſe todo, matando muitos dos que nelle eſtauaõ.

Iſto ſentio Cogeçofar muito,& mandou correr com o entulho da caua, mandando cobrir as ruas ſoterraneas (por onde corriaõ os trabalhadores) com palmeiras,rama, & terra, pera andarem por baixo ſeguros. E ordenou grandes & fortes mantas pera as bocas das ruas que ſayaõ á caua pera ſeu emparo : & aſsi meſmo mandou fazer muitas pranchas de vigas ſolhadas com tauoas,pera atraueſſarem a caua de hũa parte á outra,cobrindoas por cima de rama & terra molhada por cauſa do fogo, ſem os noſſos lho poderem defender: poſto que pera iſſo lhes lançaraõ infinitos artificios de fogo. Tanto que os imigos tiueraõ lançadas as pranchas começaraõ a entulhar a caua, trazendo por baixo das ruas a faxina,terra,& outras couſas ſem perigo algum.

## CAPITVLO III.

*De como os noſſos furtaraõ o entulho aos Mouros : & de como mataraõ Cogeçofar. E do ſocorro que o capitaõ mandou pedir a Goa. E de como os imigos entulharaõ a caua: & de outras couſas.*

FORAM os Mouros correndo com a obra do entulho cõ muita preſſa ſem ſe lhes poder defẽder, o que deu grandes cuidados ao capitaõ, traçando em ſua imaginaçaõ algum modo pera poder impidir aquella obra,que era de muito perigo,praticando, & tomando conſelho com todos ſobre iſſo. Algũs homens velhos lhe diſſeraõ, q̃

no

no muro de fronte donde a caua ſe entulhaua eſtaua vm antigo & pequeno poſtigo, que o tempo foi eſcondendo com terra & ciſco, q̃ de cima do muro ſe lançaua, por onde ſe podia muito bem furtar o entulho a os imigos. Naõ pareceo iſto mal ao capitaõ,& indo o logo ver pella banda de dentro, pareceolhe que podia aquelle ſer o milhor remedio de todos. E logo deu ordem com que ſe fizeſſem algũas mantas muito fortes,que mandou armar por cima do poſtigo,lançadas como pontes, & mãdou abrir & deſentulhar o poſtigo,que ficaua eſcondido debaixo das mantas. E de noite os moços,& marinheiros, com ceſtos por baixo foraõ furtando o entulho á formiga pera dentro, eſtando ſempre gente em guarda pera os animar, & fazer trabalhar. E ainda que os Mouros na obra do entulho corriaõ com grande numero de ſeruidores, & crecia muito, de noite punhaõ os noſſos tanta diligencia, reueſandoſſe vns & outros,que lhes furtauaõ a mór parte ſem os Mouros o ſentirem. O entulho fazia vm modo de piramide muito largo no pé,& agudo na ponta : & todauia vendo elles ſempre a obra em vm ſer, & que lhes naõ crecia mais de vm certo limite, andauaõ embaraçados.

Os noſſos trabalhadores yaõ por baixo ſolapando a modo de mina : & aſsi lhe fizeraõ taõ grande vaõ, que naõ podendo com o pezo,esborralhouſe pello pè,caindo toda aquella machina, do que Cogeçofar ficou paſmado, por q̃ nunca entenderaõ,nem ſentiraõ q̃ lhe furtauaõ o entulho : & caindo no engano começaraõ de defender o trabalho, pondoſſe vm grãde eſcoadraõ á borda da caua,dõde lançauaõ grãdes penedos,muitas panelas de poluora, & outras couſas com que offendiaõ os noſſos trabalhadores. Dom Ioaõ Maſcarenhas os mandou ſocorrer por mais ſoldados,que ſayaõ pollo poſtigo fora, & trauauaõ com os Mouros,ateandoſſe de parte a parte vm fermoſo jogo de arcabuzaria, de que todos receberaõ aſſas de dano,acodindo a mór parte dos fidalgos & caualeiros áquelle negocio,que era de importancia. E antre eſtes foi Antonio Freire,que eſta noite fez obras merecedoras de maiores louuores: mas a fortuna inuejoſa dellas, ordenou, q̃ lhe deſſem hũa eſpingardada de que cayo logo morto, o què ſe ſintio bem antre todos os da fortaleza, por que eſte era vm dos homens, que mais ſuſtentaua o pezo, & o trabalho d'aq̃lle cerco,cõ ſeu esforço,conſelho, & com ſeu dinheiro, de que deu muito a muitos. Durou eſta noite a briga vm grande eſpaço,em que os noſſos apertaraõ tãto os Mouros, que os fizeraõ recolher. Mas dom Ioaõ Maſcarenhas naõ tomando repouſo, mandou

dou

dou com muita preſſa carretar muitas traues,tauoas,& portas,que tudo foi leuado por aquellas valeroſas matronas (que neſte cerco á ſeu modo tiueraõ taõ grande quinhaõ como todos.)E tudo iſto mãdou atraueſſar de noite des do poſtigo a te a outra parte, a onde ficou aleuantado vm grande mõte do entulho,& fazendo hũa forte ponte a cobrio de terra & rama molhada,por cauſa do fogo,& por baixo ficaraõ os noſſos defendendo a obra do entulho mais á ſua vontade, & em dano dos imigos, ſem elles lhe poderem empecer, & quãdo amanheceo eſtaua tudo acabado.

Dada a noua diſto á Cogeçofar,acodio ali,& vendo a obra deſenganouſe de poder por ali entulhar a caua,& cheo de paixaõ começou a esbrauejar contra os ſeus, porque naõ defenderaõ aquillo: & de todo deſconfiou do cerco, por ver a grande diligencia & preſteza com que os noſſos ſe repairauaõ,& lhe desfaziaõ ſuas traças. E no pezar que aqui moſtrou parecia que lhe denunciaua o coraçaõ algum grande mal ſeu. E eſtando ali dando ordem ao que ſe auia de fazer, ordenou Deos, & naõ permitio que tardaſſe mais o caſtigo a eſte imigo de ſua ſancta fé (nacido & criado nella) que deſparaſſem da fortaleza algũas bombardas naquella multidaõ de gēte que com elle ſe ajuntou, & indireitando vm dos pilouros com elle, tomandoo pella cabeça lha fez logo em pedaços,borrifando os q̃ eſtauaõ derredor com ſeus mioIos,& aquella peruerſa & maldita alma,foi leuada dos Diabos as penas perpetuas do inferno, a onde ſerá atormentada em quanto Deos durar. Profetiſado eſtaua ja pella triſte mãy (q̃ ainda viuia em Otranto catholicamente) o lugar a que auia de ir parar: por que todos os annos lhe eſcreuia cartas, em que lhe lēbraua que era Chriſtaõ, pedindolhe que deixaſſe os enganos da falſa ley de Maſamede em que andaua embebido: & nos ſobre eſcritos das cartas lhe punha aſsi. Pera Cogeçofar meu filho ás portas do inferno. O ſeu corpo foi logo leuado dali cõ grãde dor & triſteza de todos, & lhe foraõ dar ſepultura em hũa das meſquitas da ilha com a mayor põpa q̃ podia ſer. Iuntos logo todos os capitaēs elegeraõ em ſeu lugar ſeu filho Rumecan,taõ mao, peruerſo,& ardiloſo como ſeu pay que logo ali iurou a Maſamede ſobre o corpo do pay, de tomar cruel vingança de ſua morte,& de naõ dar vida a peſſoa algũa da fortaleza.E começando a correr com ſua obrigaçaõ, a primeira couſa q̃ fez,foi mandar abrir ſeis ruas por debaixo do chaõ que yaõ todas diffirir na caua de fronte do noſſo poſtigo, por onde lhe furtaraõ o entulho, que quaſi yaõ fechar ſobre

bre

ſobre a ponte que os noſſos fizeraõ, por baixo donde furtauaõ o entulho: & ſobre ella lançaraõ pedras de tamanha grandeza & pezo, que fizeraõ render as traues, & deraõ com toda a ponte embaixo, tratando mal alguns dos ſeruidores.

Vendo dom Ioaõ Maſcarenhas eſte mao ſoceſſo, mandou tapar o poſtigo, por que lhe naõ aconteceſſe por elle algum deſaſtre, ficando os Mouros deſapreſſados pera irem continuando com a obra do entulho, como fizeraõ por ſeis partes, que creceo tanto, que cobria ja o poſtigo. O capitaõ andaua muito penſatiuo, porque via que os imigos acabaraõ todas as obras que queriaõ ſem lhas elle poder defender: & que lhe ya ja faltando gente, por ſer algũa morta,& outros doentes, & feridos: mas naõ pera que com tudo iſto perdeſſe vm ponto de ſeu grande animo, porem via que lhe tardaua o ſocorro de Goa, & que yaõ faltando mantimentos, que era mór guerra que a que lhe faziaõ os imigos: pello que mandou recolher todos os que auia pellas caſas, pera ſe deſpenderem por regra: deſejando de certificar ao Gouernador o perigo em que eſtaua: mas via o inuerno taõ encarniçado, & cruel, que auia que nenhum homem ſe quereria arriſcar.

Entendida eſta vontade pello vigairo da fortaleza, (que era vm Sacerdote honrado, & bom homem, que naquelle cerco tinha moſtrado muita charidade com todos, & por ſer eſte, communicaua o capitaõ com elle ſo ſeus mores ſegredos, como foi eſte) ſe lhe foi offerecer pera ir a Chaul leuar as cartas pera ſe enuiarem ao Gouernador, & ainda ir a Goa ſe foſſe neceſſario. O capitaõ eſtimou aquillo muito, & mandou logo negociar vm catur ligeiro em que ſe embarcou, com cartas por tres ou coatro vias pera o Gouernador: leuando por regimento que naõ fizeſſe mais que tocar Baçaim, & Chaul, & deſſe as cartas que leuaua pera aquelles capitaens, em que lhes pedia o ſocorreſſem com muita preſteza, por q̃ ficaua em trabalhos, & que deſpidiſſem logo as cartas pera o Gouernador por differentes patamares,que ſaõ caminheiros de pé. O Vigairo deu á vela & foi ſeguindo ſua derrota, onde o deixaremos a te tornar a elle.

Os Mouros foraõ continuando cõ o entulho a te de todo igualarem a caua. E pella parte em q̃ eſtaua Gil Coutinho, que ſe naõ podia entulhar, atraueſſaraõ grãdes maſtos com tauoas pregadas pera paſſarem por cima a picar o muro, o que tambem ſe lhe naõ pode defender, por que tudo faziaõ

ziaõ por baixo de repairos,& ruas. Dom Ioaõ Maſcarenhas acodio áquella parte, & vendo a ponte lãçada,mãdou logo cõ muita preſſa fazer hũa groſſa cadea de ferro taõ comprida,que podeſſe chegar do baluarte abaixo, em que mandou amarrar grandes ſacas de gunes cheas de poluora,ſalitre,enxofre,& outros materiaes com fogo arteficioſo por dentro, & as mandou lançar de cima ſobre as pontes,ficando as cadeas prezas as argolas das peças groſſas: & ſendo embaixo tomaraõ o fogo com tamanha braueza, q̃ pegou nos maſtos de feiçaõ,que em pouco eſpaço os desfez em cinza, & em caruaõ, queimando & abrazando a muitos dos que por baixo andauaõ. Rumecan acodio logo áq̃lla parte,& mandou trazer outros maſtos & tauoas,de q̃ ordenou outras pontes que ſe lançaraõ no meſmo lugar,ſobre o que ſe ateou vm grã de jogo de bombardadas,& eſpingardadas, de que os imigos receberaõ mũy grande dano, matandolhes, & derribandolhes muitos dos que andauaõ em o trabalho, cujos lugares ſe tornauaõ a encher logo de outros de refreſco: & tantos ſe arriſcaraõ, & trabalharaõ, que a pezar dos noſſos cobriraõ as pontes de terra & rama, por cauſa do fogo, ordenandolhes paredes pellas ilhargas, & outras pello meyo, que ſe cobriraõ por cima de outras vigas, ſobre q̃ ſe armou vm forte terrado pera os debaixo ficarem ſeguros: o que tudo ſe fez á cuſta das vidas de muitos.

Feita eſta obra começaraõ a picar o baluarte Saõ Ioaõ,no que gaſtaraõ alguns dias, auendo da noſſa parte toda a reſiſtencia poſsiuel: mas em fim elles fizeraõ vm portilhaõ por onde cabiaõ dez homẽs juntos: mas dom Ioaõ Maſcarenhas mandou fazer por dẽtro vm repairo muito forte com que ficou ſeguro,ſem os Mouros darem fé delle. Rumecan como vio aquelle lugar aberto, determinou de entrar por elle: & pera o fazer mais a ſeu ſaluo, mandou dar vm aſſalto geral á fortaleza por todas as partes, pera por ellas ſe repartirem os noſſos poucos, & lhes ficar aquelle lugar com menos riſco: mas acharaõ tal reſiſtẽcia, que com perda de muitos dos Mouros os fizeraõ afaſtar, fazendo todos os fidalgos, capitaẽs, & caualeiros Portugueſes eſte dia obras mũy dinas de muito mayor eſcritura,que naõ eſpecificamos,por naõ gaſtarmos o tẽpo em louuor de homens, cujos feitos contados ſingellamẽte,& ſem ornamẽto de palauras(de q̃ aquelles famoſos eſcritores Gregos & Romanos vſauaõ no contar dos feitos dos ſeus) podem eſcurecer a todos. O capitaõ em tudo mereceo ſempre mais q̃ todos, por

que

que cada vm pelejaua, & tinha cuidado do seu lugar, & elle dos de todos, prouendo, mandando, & gouernando, com muito animo, & prudencia, sem tomar hũa hora de descanso, & em todas as cousas taõ alegre & contente, que dobraua o esforço, & animo aos seus em o verem.

## CAPITVLO IIII.

*Do recado que Rumecan mandou ao capitaõ por Simaõ Feo. E do grande & aspero combate que os imigos deraõ â fortaleza. E de como entraraõ o baluarte Saõ Thome.*

PASSADO o combate, tanto que anoiteceo, ouuiraõ os do baluarte Sanctiago chamar de fora pellos da vigia, dizendo que lhe chamassem o capitaõ, que lhe queriaõ dizer certas cousas que importauaõ, declarandosse que era Simaõ Feo, o que lhe queria falar. Este recado se deu logo ao capitaõ, que assomou ao baluarte, & mandou perguntar a Simaõ Feo que era o que lhe queria? Que lhe disse. Doome tanto de todos, & vejo tudo taõ arriscado, que pedi licença pera vos vir falar. Bem vedes esses muros todos derribados, as cauas entupidas, & vos faltos de tudo, cansados das vigias & trabalhos, perdidos muitos companheiros na guerra, o socorro longe, & taõ impedido com o inuerno, o poder d'Elrey de Cambaya grande, & que cada dia pode vir mais: Rumecan capitaõ geral desejoso de vos naõ perderdes todos, pella grande amisade que seu pay teue sempre com os Portugueses, folgará de auer algum bom meyo iusto & honesto pera se escusar tanto dano. Por isso sou de parecer que diuieis de vos entregar a elle, porque está apostado a vsar com todos de muita brandura, & liberalidade: & sendo d'outra maneira, & insistindo em vossa contumacia, cerrareis as portas a toda a misericordia, & sereis grauissimamente castigados, por isso dos males escolhei o menor, por que he conselho de prudentes.

O capitaõ entendendo que lhe faziaõ dizer aquellas cousas por força, mandoulhe dizer que bem entendia que aquellas palauras & conselhos naõ eraõ seus: por que bem sabia elle que os Portugueses naõ costumauaõ a entregar hũa parede velha, q̃ primeiro naõ morressem todos cem mil mortes sobre sua defensaõ: que aquella

fortaleza eſtaua ainda pera ſe defender a todo o poder do Turco, quanto mais a vm taõ pequeno, & taõ fraco como era o d'Elrey de Cambaya: & que eſperaua em Deos de muito cedo os ir buſcar a ſuas eſtancias,& quebrarlhes ſua ſoberba: & que bem ſe ſabia pello mundo que os Portugueſes naõ ſe venciaõ,nem de trabalhos, nem de medos, nem da meſma morte: que ſe foſſe,& naõ tornaſſe ali mais com aquelles aluitres, por que o mandaria foſtigar rijamente com aquella artelharia. Simaõ Feo que eſtaua amarrado por muitos que o tinhaõ, calouſe, & os Mouros ſem dizerem couſa algũa ſe recolheraõ, & o leuaraõ a Rumecan, a quem contaraõ tudo o que paſſara, de que elle ficou aceſo em ira & furor, & ja deſejaua a menham pera dar vm aſſalto á fortaleza, em que eſperaua de arrematar aquelle negocio. Nos noſſos auia bem differente penſamento, por que ſe reformaraõ o milhor que poderaõ, & ſe prepararaõ pera os eſperar, & deſenganar: por que bem entendiaõ que o Rumecan os auia de cometer com toda ſua potencia.

Ao outro dia em amanhecendo apareceo derredor da fortaleza todo o exercito dos Mouros, com todas ſuas inſignias, & bandeiras deſenroladas,tocando muitos inſtrumentos, dando todos taõ grandes, & eſpantoſos gritos, & bramidos, que podera aquelle barbaro aparato pór, & cauſar medo a muitos mil milhares de caualeiros ſaõs, & folgados, o que naõ fez a taõ poucos homens (que naõ paſſauaõ de duzentos) taõ quebrantados, mal tratados, canſados, & taõ moidos, de nunca deſpirem as armas, nem dormirem hũa hora inteira: antes crecendolhe a todos nouo furor, parecendolhes pouco o que viaõ, ſe poſeraõ em ſeus lugares eſperando os imigos que vinhaõ arremetendo com o baluarte Saõ Ioaõ, com tantos eſtrondos, que parecia que o mundo ſe fundia: Luis de Souſa capitaõ do baluarte, & dom Fernando de Caſtro que com elle eſtaua, acompanhados de Baſtiaõ de Sá, Diogo de Reinoſo, Pero Lopez de Souſa, Diogo da Sylua, Antonio da Cunha, & de todos os mais capitaens,que com elle tinhaõ vindo de ſocorro, ſe lhes apreſentaraõ com grande valor & confiança, fazendo todos taes couſas, que naõ ha palauras com que ſe poſſaõ engrandecer como merecem.

O poder dos imigos vinha repartido em duas partes. Rumecan com todos os Turcos & eſtrangeiros, & com toda a gente de ſeu pay, cometeo o baluarte Saõ Thome: & Iuzarcã com todo o mais

o mais poder o de Saõ Ioaõ. Rumecan lançou diante quinhentos Turcos com escadas pera encostarem ao baluarte, como fizeraõ: cometendo a sobida com grande determinaçaõ, sendo fauorecidos dos mais com muita espingardaria. Os que sobiraõ chegaraõ a pór as maõs em cima nos muros, mas tornaraõ a virar por detras feitos pedaços, leuando outros a pos si. As bombardadas soauaõ em todas as partes, por que em todas se batia. Do baluarte do mar fizeraõ grande estrago nos imigos, por que os tomauaõ em descuberto, & empregauaõ bem nelles sua moniçaõ: Rumecan apertou com o baluarte que tinha á sua conta, fauorecendo outros que de nouo sobiaõ a elle, com tantas espingardadas, & frechadas, dardos, & pedras, que parecia chouer tudo isto dos ares sobre os nossos, que desestimando tudo, nunca largaraõ os lugares, offendendo tambem aos imigos com todo o genero de instrumentos de morte, que achauaõ, deitando sobre elles grandes cantos, muito fogo, infinitos dardos: o que tudo se empregaua tambem, que era grãde destruiçaõ, por cair sobre aquelle cardume que estaua ao pé do baluarte amontoado, fazendo nelles tal estrago, que poderaõ enternecer outros peitos, que naõ foraõ taõ barbaros, & crueis, como os dos seus capitaens, que lhes naõ daua cousa algũa de verem tantos dos seus espedacados, abrazados, & com as entranhas abertas.

Dom Ioaõ Mascarenhas exercitou aqui bem o officio de prudente & esforçado capitaõ, vendo, notando, prouendo em tudo, pelejando, animando, & esforçando aos seus com palauras de muita confiança & honra. O exercito das matronas fez aqui tambem seu officio, acodindo aos baluartes em que pelejauaõ, carregadas de lanças, dardos, panellas de poluora, pedras, & de outras muitas cousas desta qualidade pera empecerem aos imigos, que repartiaõ pellos que pelejauaõ. E algũas dellas se metiaõ antre aquelles valerosos soldados, & caualeiros, que estauaõ acesos em furor, chamandolhes filhos, caualeiros de Christo, pelejay por vossa fé, que Deos tendes que vos á de fauorecer, (ajudando tambem a lançar sobre os imigos os instrumẽtos de sua perdiçaõ.) E a boa velha Isabel Fernandez, que teue aquelle honrado sobre nome, da velha de Diu, que ja pera aquelle tempo trazia muitos bolos de asucar, & bocados doces: corria os baluartes, & aos que via mais cansados & fracos, lhes metia nas bocas algũa d'aquellas cousas, dizendolhes, esforçay filhos, pelejai caua-

leiros,que a Virgem noſſa Senhora eſtá com voſco.

Iuzarcan que foi cometer os baluartes Saõ Thome, & Saõ Ioaõ, achou taõ grande reſiſtencia em dom Ioaõ d'Almeida, & em Gil Coutinho ſeus capitaens, que recebeo de ſuas maõs outro taõ grãde eſtrago como o de Rumecan. Em todas as partes crecia a crueza,& furor cada vez mais,ſendo ja tantos os mortos, que eſtoruauaõ os viuos, principalmente nos baluartes, que ali onde cayaõ ficauaõ.Somente os feridos eraõ logo recolhidos a curar por aquellas matronas,& leuados a caſa de Iſabel Madeira, a onde ſeu marido Meſtre Ioaõ ſempre eſtaua, pello naõ deixar o capitaõ entrar nos lugares da peleja, pella neceſsidade que delle auia: & aſsi curaua a todos com muito amor & charidade,fazendolhe ſua molher os fios, & batendolhe os ouos, alimpãdolhes as feridas por ſua maõ, agazalhandoos em ſua propria caſa, fazendolhes de comer, & dandolhes ſeus mimos,como ſe todos foraõ ſeus filhos. O meſmo fizeraõ as outras donas,repartindo antre ſi eſtas obras de charidade, que todas exercitauaõ com muito goſto, & diligencia: & pode bem ſer que ſe ellas naõ foraõ que morrera a mór parte dos ſoldados á mingoa.

Nos baluartes (principalmẽte no de Saõ Thome que eſtaua mais danificado)crecia a crueza muito, por que os imigos no lugar de dez que lhe matauaõ ſe punhaõ logo vinte: mas nós nos baluartes naõ : por que o que caya ali ficaua,ſem auer outro que ſe poſeſſe em ſeu lugar: & certo que parecia,que ainda aquelles corpos aſsi eſpedaſſados ſe queriaõ aleuantar, pera tomarem vingança de ſeu dano. Os viuos trabalhauaõ tudo o que podiaõ por ſe naõ ſentir o defeito & falta dos que cayaõ feridos ou mortos, enchendo vm ſó o lugar q̃ foi de tres, & de coatro, pelejando com tanto furor & esforço,que parecia que as forças dos mortos ſe vniaõ & ajuntauaõ ás dos viuos. Baſtiaõ de Sá, deſejando de alcançar vm nome eterno,& de illuſtrar com façanhas,aquelle ſeu antigo apellido, fez obras dinas de grandes louuores, matando & ferindo nos imigos, com muito animo & valor : a te q̃ o derribaraõ de hũa cruel frechada,que o tomou por cima do giolho, por antre os miudos, de que ſe mais naõ pode ſuſtentar na perna, & aſsi foi recolhido com magoa de todos, por perderem vm taõ grande defenſor d'aquella fortaleza, & companheiro em ſeus trabalhos. Iſabel Madeira o leuou pera ſua caſa,& o agaſalhou,& ſeu marido o curou com muito reſguardo.

Pois dos ſoldados que ſe aqui acharaõ,a que o deſcuido ſepultou

os nomes em esquecimento: por certo que bem se poderaõ fazer delles muitos & mũy grandes capitulos, pellas grandes cousas que obraraõ, tanto sobre tudo o que se pode crer. E posto que a miseria Portuguesa de que ha taõ pouco nos queixamos, vos deixasse escurecidos, & apagados, vos ó valerosos soldados, que neste cerco sobistes o nome Portuguez a te as estrellas, & pella fortaleza de vossos braços lhe fizestes ganhar vm nome eterno: naõ vos poderaõ tirar aos que aqui morrestes, defendendo a honra de vosso Deos, & do vosso Rey, outra gloria mayor & mais segura de que estareis todos gozando, & onde vossos nomes seraõ taõ patentes, & conhecidos, antre os cortezaõs do ceo, & vossos feitos illustrados com outros titulos tanto mayores que todos os que a terra vos podia dar, (que saõ os de martyres de Christo) que naõ tenhaes inueja a cousa algũa. E todos os mais que d'aqui escapastes, & que a fortuna vos guardou pera mais comprida vida, a todo o tempo auia Deos de permitir que fosseis gozar do galardaõ de vossas obras: Por que se os Gẽtios auiaõ (como o diz Marco Tullio no sexto de sua Republica) que todo o que ajudasse a conseruar a Patria tinha vm certo & determinado lugar no ceo: quanto com mais rezaõ podemos os Catholicos esperar que todo o que naõ só ajudou a sustentar a Patria, mas ainda a defender, & dilatar a fé de Christo, lhe aia elle em nenhum tempo de negar o galardaõ de seus merecimentos. E posto que o mundo os negasse a estes, q̃ mór premio & gloria podiaõ elles alcançar, que verẽ que suas obras foraõ famosas & grandes.

E tornando ao fio de nossa historia. Os imigos como eraõ muitos, & recreciaõ cada vez mais, sobiraõ o baluarte Saõ Thome a pezar dos golpes dos nossos, que nenhum dauaõ em vaõ: mas assi os empregauaõ, que tinhaõ ao pé do muro vm grande numero & mõte de mortos & viuos misturados: vns sem pernas, outros sem braços, outros com as entranhas passadas, com tamanhos & taõ viuos gemidos das afliçoẽs, & ansias da morte, que causauaõ medo & pauor. Vendo os nossos os imigos em cima do baluarte, animãdosse vns aos outros, com coraçoẽs de lioẽs brauos remeteraõ com elles determinodos a morrerem, ou aos deitarem fora: & de tal maneira, & com tanto esforço pelejaraõ, q̃ os mesmos Mouros ficaraõ passados, & com mortes de muitos os foraõ arrancando do baluarte. Ao que alguns soldados valerosos bradaraõ por Sanctiago, metendosse d'enuolta com os imigos, como lioẽs esfaimados, & que os queriaõ comer aos bocados: & de feiçaõ apertaraõ com elles, que os

fizeraõ lançar do baluarte abaixo, onde muitos se fizeraõ em pedaços: & ainda fora o dano mayor se os mais delles naõ cairaõ sobre aquella grande multidaõ de mortos, que ao pé delle estauaõ: & sobre elles lançaraõ logo grandes alcanzias de poluora, acabando ali, banhados em sangue, & abrazados em fogo. Este foi o dia em que todos os que se acharaõ neste baluarte, poderaõ com muita rezaõ dizer aquillo que disse Cesar d'aquella grande batalha que em Espanha teue com os filhos de Pōpeyo: que todas as vezes que pelejara o fizera pello interesse da vitoria: mas que aquella pelejara pella vida. Asi aqui nesta batalha se viraõ os nossos em estado que pelejaraõ só por sua defensaõ, & naõ pella da fortaleza. Rumecan vendo taõ grande estrago tocou a recolher, leuando dos seus menos quinhentos: & afastado mandou dar fogo aos bazaliscos, & saluagens, que estauaõ apontados naquelle baluarte, em que os pilouros com grandes terremotos foraõ fazendo muitas roinas: posto que auia ja pouco que derribar nelle, por estar quasi arrazado a te o entulho. Taõ escaldados ficaraõ os Mouros deste socesso, q̄ nunca mais ousaraõ cometer os baluartes descubertamente, mas quasi todos os dias faziaõ remetiduras com todo o exercito, tornandosse logo a recolher como viaõ os nossos postos em defēsaõ: & tendo a artelharia prestes a desparauaõ junta pera os tomarem em discuberto: mas de todas estas vezes liurou Deos a os nossos, porque de todas ellas nenhum perigou. E algũas noites cometeraõ as estancias com grandes estrondos, só a fim de inquietarem os nossos. Neste tempo eraõ ja sessenta Portugueses mortos, sem acharmos antre elles algum de nome: posto q̄ todos o mereceraõ mũy honrado, pois he certo que os que receberaõ mayor dano, esses se offereceraõ aos mayores perigos, & a mesma morte.

## CAPITVLO V.

### *De outro muito grande & aspero combate, que Rumecan deu â fortaleza com todo o poder: & das cousas que nelle socederaõ.*

VENDO Rumecã quaõ mal lhe sociadiaõ as cousas d'aquelle cerco, pareceolhe que Mafamede estaua irado contra elle: por q̄ pello grande poder que tinha, & pouco dos Portugueses, & defenderemse delle em hũa fortaleza arrazada a te o chaõ, ouue que seriaõ peccados cometidos contra o seu Profeta. E querendoo aplacar ordenou de noite grandes procissoens

ſoens ſaindo da cidade em romaria ás meſquitas da ilha,com todo o exercito poſto em ordem, com grandes & fermoſas luminarias,& com muitos clamores & vozes,pedindo ſocorro a Mafamede.E entrando nas meſquitas fizeraõ grãdes oraçoẽs,& ſuperſtiçoens, ſaindo pera fora, & entrando pera dẽtro,andando á roda muitas vezes, & iſto com tamanhos gritos, & prantos, como quando no tempo de hũa geral, & contagioſa infermidade os Chriſtaõs em ſuas prociſſoens,cantando ſuas Ladaynhas por toda a cidade, a certos paſſos ſe leuanta aquella geral & piadoſa voz de todos, bradando pella miſericordia de Deos,com muitas lagrimas & gemidos.

Foi tudo iſto viſto do baluarte do mar que deſcobria o campo todo: & parecendo a Fernaõ Carualho aquillo nouidade, meteoſe em vm pequeno batel,& foi á fortaleza dar conta ao capitaõ do q̃ vira: Bem pareceo a dom Ioaõ Maſcarenhas q̃ aquillo era algũa ſuperſtiçaõ, pera ao outro dia lhe darem geral aſſalto : & deſpidindo Fernaõ Carualho lhe encomẽdou que de lá o fauoreceſſe com a artelharia: & logo foi correr toda a fortaleza,animando & esforçando a todos, pedindolhes que eſtiueſſem apercebidos, por que ao outro dia auiaõ de ſer cometidos com todo o poder, mandando cõ muita preſteza encher em todos os baluartes muitas tinas d'agoa pera o repairo do fogo, & prouer as eſtancias de muitas lanças, alabardas,panellas de poluora, pilouros, pedras, & em fim de toda a mais couſa com que ſe podeſſe offender aos imigos: negociando, & dando ordem a tudo o mais que lhe pareceo neceſſario,com muita prudencia, & conſelho. Era eſte dia veſpora do Apoſtolo Sanctiago,Padroeiro das Eſpanhas,& em rompendo o coarto d'alua, apareceo toda a fortaleza cercada á roda de todo o poder dos imigos poſtos em armas com muitas bandeiras deſenroladas, & em meyo de todas hũa muito grande, em q̃ eſtaua pintada a figura de Mafamede, taõ fea, & medonha, como foraõ ſuas obras, que tirauaõ eſte dia por grande reliquia, auendo q̃ nelle ſe arremataria a vitoria que elles tinhaõ por muito certa. Vinhaõ tocando os inſtrumentos de guerra, com ſóm & eſtrondo taõ confuſo, & triſte, que parecia hũa denunciaçaõ do final juizo : Porque com iſſo as vozarias,gritos, & alaridos d'aquelles barbaros,repreſentauaõ os triſtes condenados as penas eternas, em ſuas lamentaçoens,& blasfemias. Com eſta repreſentaçaõ,(que por ainda ſer eſcuro fazia tudo mais medonho.) remeteraõ com os baluartes Saõ Ioaõ,& Saõ Thome, & cõ a guarita de Antonio Paçanha,que eſtaua antre ambos, repartindoſſe o

poder

poder em tres eſcoadroens pera eſtes lugares, em que logo aruoraraó muitas eſcadas, por onde os mais ouſados começaraó a ſobir com grande determinaçaó:& chegando a cima foraó recebidos nas maós dos noſſos, que ja eſtauaó preſtes, onde pagaraó ſeu atreuimento, tornando os primeiros a virar ſobre os de detras, de pernas a cima eſpedaçados,leuando muitos apos ſi. Mas como a multidaó delles era grande, naó ſe deixaua ſintir aquella perda: foraó logo tantos outros que ſubiraó,que entulharaó os lugares.pondoſſe muitos ſobre o baluarte de barba a barba com os noſſos. Aqui foi o retinir das armas, os gritos, & eſtrondos de vns & outros, os inſtrumentos que ſe naó deixauaó de tocar,a artelharia que fazia ſeu terremoto,de ſorte que tudo fazia taó grande confuſaó, que parecia que toda a machina do mundo ſe ſouertia. Eſte foi o dia em que os Portugueſes moſtraraó todo o preço & valor de ſuas peſſoas. Luis de Souſa, dom Fernando de Caſtro,com os capitaens & fidalgos de ſua companhia, poſtos diante de todos aos trabalhos, naó pelejauaó como homens taó quebrantados,& canſados de tantos dias,ſe naó como ſe áquella hora chegaraó de ſocorro muito folgados. Os tres irmaós dom Ioaó, dom Franciſco,& dom Pedro d'Almeida,fizeraó taó grandes couſas,que ſe naó podem particulariſar. Antonio Paçanha com ſeus companheiros no cubello tiueraó mũy grande trabalho, porque foraó mũy rijamente cometidos do poder de Iuzarcan.Em fim todos em todas as partes fizeraó taes façanhas,ꝗ paſmauaó os imigos, porꝗ naó ſó pelejauaó com ambos os braços,mas ainda com os pés,com que deitauaó grandes galgas, ſobre os que eſtauaó aos pès dos baluartes: & com as bocas ainda o faziaó mais,por que hora afrontauaó os imigos,hora conſolauaó & animauaó aos amigos & companheiros,com que lhes dauaó forças a vns,& quebrantauaó aos outros: & taes andauaó todos, que ſe deſejauaó lançar em baixo ſobre os imigos, que muitas vezes arrãcaraó dos baluartes,fazendoos virar pera tras feitos em pedaços. A furia crecia em todas as partes cada vez mais: o dano era mayor aſsi em vns como em outros, os gritos rompiaó os ares, tudo era confuſaó & eſpanto.O capitaó dõ Ioaó Maſcarenhas com ſeu animo,nunca rendido a trabalhos,nẽ amedos,com ſua prudencia & cõſelho gouernaua tudo, correndo de vm lugar a outro, mandando trazer as couſas que ſe pediaó: no que tinha dado tal ordẽ, que em bradando por panelas de poluora, ja ali auia quem lhas meteſſe nas maós: por lanças, por dardos, & em fim por tudo o mais, ꝗ era tudo

do trazido as costas,& cabeças,d'aquellas honradas,& animosas matronas.

A velha Isabel Fernãdez corria os baluartes cõ seus bolos,& bocados doces,esforçando a todos,acodindo aos fracos com aquella refeiçaõ, metendolha nas bocas por naõ desoccuparem as maõs que estauaõ offendendo aos imigos, aleuantando a vez a toda a parte a que chegaua pera que todos a ouuissem, pera se della quisessem algũa cousa a dar: dizendo, Ah filhos,caualeiros de Christo, pelejai que elle he com vosco , vede o de que tendes necessidade que logo se vos dará. E assi todas as vezes q̃ entraua nos baluartes , que a ouuiaõ,assi se animauaõ todos tanto, que pelejauaõ com alegria,& sem receyo. As outras companheiras estauaõ repartidas pellos baluartes da briga,& em caindo vm morto logo o afastauaõ por naõ ser estoruo aos viuos : & os feridos eraõ logo leuados por ellas a casa de Isabel Madeira pera serem curados.

Rumecan posto q̃ vio o estrago que era feito nos seus,naõ desistia do negocio , por que determinaua de ou tomar d'aquella vez a fortaleza, ou perderse de todo: & assi fazia chegar os capitaes ao assalto,o que os mais delles faziaõ com vergonha , por verem quaõ mal recebidos eraõ do nossos, em cima . Aqui se dobrou a crueza, porque se meteo todo o resto no cometimento dos baluartes,tornãdo os Turcos do terço de Rumecan a caualgar o baluarte Saõ Thome,á custa de tantas mortes , que era espanto: Porque os nossos vẽdo q̃ só em Deos,& nos seus braços estaua o remedio de sua saluaçaõ, com o coraçaõ no ceo pedindo fauor & ajuda, & com os braços á defensaõ,pelejauaõ todos taõ valerosamente, que com fazerem tanto,naõ auia,quẽ naõ tiuesse inueja do companheiro que apar de si tinha,das grandes proezas que lhe via obrar.

Desta vez esteue a cousa taõ arriscada,que começou a correr hũa voz pella fortaleza,que ja os Mouros estauaõ senhores do baluarte Saõ Thome. E chegando aos soldados que vigiauaõ as casas da bãda do mar, largando tudo acodiraõ a elle,entrando de refresco cõ aquelle furor & ira , que a noua q̃ ouuiraõ acendeo nelles : & taes cousas fizeraõ , que tornaraõ os q̃ pelejauaõ no baluarte a ficar com mais folego: por que os imigos vẽdo o socorro pararaõ alguns,& outros se lançaraõ dos muros abaixo. Do baluarte do már naõ cessaua a artelharia, q̃ em roda viua naõ fazia se naõ carregar, & descarregar nos imigos,q̃ eraõ tãtos,& estauaõ taõ apinhoados , q̃ nenhũ tiro se erraua:& assi fizeraõ nelles, em quanto durou o assalto,muito grande estrago.

CAPI-

## CAPITOLO VI.

*De como os Mouros entraraõ pella banda da rocha. E de vm valeroso feito que hũa molher fez. E de como acodio o capitaõ, & os lançou fora. E de como mataraõ Iuzarcã.*

ESTANDO o assalto neste estado, Iuzarcan que andaua pella outra parte da banda do már, mandando pelejar os seus, foi rodeando pella banda da rocha, por ver se auia por ali lugar por onde podesse entrar na fortaleza, & lá junto do baluarte Sanctiago sentio tudo calado, & quieto, & pareceolhe que estaua sem guarda, como defeito asi era: por que os soldados que ali estauaõ por aquellas casas, tinhaõ ido soccorrer o baluarte, como ja dissemos. E chamando vm Ságiaco de cem Turcos, lhe encomendou que sobisse por hũas casas que estauaõ encostadas á igreija de Sanctiago, que tinhaõ hũa varanda baixa, em q̃ logo aruoraraõ algũas escadas, por que sobiraõ alguns Turcos em muito silencio. Chegando á varanda entraraõ dentro: & vm delles mais atreuido foi passando, & abrio hũa porta q̃ ya pera hũa camara, em que estaua hũa molher casada, Turca de naçaõ, que ao estrondo se aleuantou, & dãdo com o Turco ficou toda trespassada de medo. O Turco vendoa assi tomoua por vm braço, & lhe disse: que naõ ouuesse medo, que elle a seguraua: que soubesse que a fortaleza era tomada, que lhe desse algum dinheiro que elle a saluaria, & tomaria á sua conta.

A pobre molher dãdolhe Deos forças, & alento, lhe disse, que esperasse que ya dentro buscarlho: & saindosse pera fora abrio a porta da rua manso, & entrou em casa de outra visinha, & lhe disse que os Turcos ficauaõ em sua casa: ao que a outra começou a bradar alto chamando por nossa Senhora que lhe valesse, a cujos gritos acodio outra molher tambem visinha, a que naõ achamos nome: & sabendo que eraõ os Turcos entrados na casa da outra, remeteo a hũa chuça, & como lioa raiuosa sayo pella porta fora, & foi demãdar a casa em que estauaõ: & chegando á porta vio que vm Turco lançaua a cabeça fora, pera ver o que ya na rua. A valerosa molher com vm animo varonil remeteo a elle dizendo: Ah perro que ás minhas maõs ás de morrer: & com grande valor & esforço se pós as chuçadas com o Turco, que fechou a porta, ficando ella de fora pera os naõ deixar sair.

As outras vizinhas foraõ gritãdo pellas ruas, & encontrando cõ o capitaõ lhe disseraõ, que acodisse á fortaleza que era entrada pella ban-

la banda da rocha. O capitaõ ſem ſe toruar lhes diſſe q̃ ſe callaſſem que tal naõ era: & logo deſpidio vm dos tres homens que com elle yaõ, pera que foſſe buſcar algũs ſoldados, a alguns lugares que eſtiueſſem menos apreſſados. E ao outro mandou que foſſe pellas ruas, & todos os que achaſſe encaminhaſſe pera aquella parte, auiſandoos que lhes naõ diſſeſſem o pera que: por que ſe aquillo chegaſſe as orelhas dos que pelejauaõ nos baluartes, deſemparalos yaõ, & perderſeya tudo. O capitaõ cõ vm ſó pagem que lhe ficou, que ſempre o acõpanhaua cõ o guiaõ de Chriſto, foi pera a parte pera onde as molheres o encaminharaõ, & pello caminho ſe lhe ajuntaraõ dous ſoldados, vm chamado Andre Bayaõ, mũy bõ caualeiro, & ao outro naõ ſoubemos o nome: & chegãdo á porta a onde os Turcos eſtauaõ, achou aq̃lla valeroſa molher, (qual outra Poncella de França) q̃ ſem medo algũ tinha os Turcos encurralados na caſa, tendolhe tomada a porta, que defendia com tamanha ira & furor, que fez paſmar a todos.

O capitaõ vendo aquelle eſpectaculo, ficou alegre & confiado, vendo como a te a natureza tinha em ſeu fauor, pois aſsi mudaua vm coraçaõ taõ ſogeito a medo & a temor, em outro taõ determinado que ſem moſtras de receo eſtaua offerecida a morrer pella defenſaõ de ſua fortaleza. O capitaõ chegando a ella, com palauras de muito louuor lhe perguntou o q̃ era? ao que lhe reſpondeo, q̃ Turcos dentro naquella caſa. O capitaõ parou bradando por hũa panella de poluora: áquella hora ſaya de dẽtro de hũa daquellas caſas vm Abexim, que ficou diante de dom Ioaõ Maſcarenhas paſmado: o capitaõ vẽdoo aſsi o tomou por vm braço, & o arremeſſou por diãte delle, dizẽdolhe q̃ foſſe trazer hũa panella de poluora, & ao paſſar por diante delle lhe deraõ hũa eſpingardada de cima de vm eirado da igreija, onde ja eſtauaõ algũs Turcos, do q̃ o Abexim cayo morto aos pés do capitaõ, que quis Deos polo por ſeu emparo, por q̃ ſe naõ executaſſe nelle a cruel eſpingardada, por q̃ fora total perdiçaõ d'aquella fortaleza.

Aquelle tempo chegou vm ſoldado com hũa panella de poluora, & tomandolha o capitaõ remeteo com a caſa a onde os Turcos eſtauaõ, & dandolhe vm grande couce, deu com as portas dentro, & lançou a panela quebrandoſſe em meyo dos Turcos, (que eraõ mais de trinta os q̃ eſtauaõ dentro) & acendẽdoſſe a poluora da panella, & dãdo por elles os abrazou. O capitaõ a pos a panella entrou a caſa cuberto de hũa rodela de aço, & hũa fermoſa eſpada na maõ, & com elle os tres ou coatro ſoldados que com elle

eſtauaõ : & dando em os Turcos, a poder de golpes os leuaraõ a te a varanda, fazendoos lançar,com a preſſa, della abaixo ſobre a rocha, a onde ſe fizeraõ em pedaços.

Feito iſto ſayoſe o capitaõ pera fora, & vio q̃ eſtauaõ ſobre o eirado da igreija vm cardume de Turcos com dous guioẽs deſenrolados,& vinhaõ ja decendo pera o muro, pera dali (que era baixo) ſaltarem dentro na fortaleza. A eſte tempo vinhaõ ja chegando algũs ſoldados, & debaixo ſe poſeraõ as eſpingardadas com os Turcos que de cima tambem faziaõ o meſmo. O capitaõ bradou por hũa eſcada que logo lhe trouxe hũa molher,& encoſtandoa ao eirado começaraõ algũs dos noſſos a ſobir,& outros debaixo aos fauorecer com a arcabuzaria : mas era taõ pequena a eſcada que naõ cabia por ella mais que vm & vm,& o primeiro que a cima chegou tornou a virar ſobre os debaixo cõ algũas lançadas.

Neſte tempo acodiaõ ja ſoldados áquella parte, & vendo os Turcos ſobre o muro,q̃ era baixo, poſeraõſe as eſpingardadas a elles, derribãdo algũs. Pella banda da rocha vinhaõ ſobindo mais Turcos, por que Iuzarcan q̃ embaixo eſtaua os ya fauorecendo cõ mais ſoccorro, & aſsi poucos & poucos ſobiraõ tantos, que entulharaõ aquelle lugar, ateandoſe antre elles & os noſſos hũa cruel briga,por ſer toda de eſpingardadas, a que naõ auia repairo. O capitaõ andaua animando os ſeus, & bradãdo por eſcadas, que lhe trouxeraõ, mais capazes : & arrimandoas ao muro, começaraõ a ſobir os noſſos,fauorecendoos o capitaõ debaixo, dizendolhes : Ah valeroſos & esforçados caualeiros,dia he eſte, pera deixardes de voſſa naçaõ hũa perpetua memoria ao mũdo. Os golpes retiniaõ, os arremeſſos de ambas as partes eraõ muitos : & os q̃ ſobiaõ tanto trabalharaõ, q̃ a poder de golpes que receberaõ ſe poſeraõ em cima do muro, onde os primeiros começaraõ maõ por maõ hũa aſpera batalha cõ os Turcos, ſuſtentando o pezo delles em quanto outros ſobiaõ de refreſco. E pondoſſe em cima chamando pello Apoſtolo Sanctiago,em cuja caſa eſtauaõ arremeteraõ com os imigos,& cõ vm grande impetu & furor os leuaraõ de arrancada : & vendoos embaraçados vns com os outros,os apertaraõ de feiçaõ,que os fizeraõ lançar do muro abaixo ſobre a rocha a onde ſe fizeraõ em pedaços, naõ eſcapando vm ſó.

Deſpejado o muro entrou o capitaõ nas caſas por onde ſobiraõ, & prouẽdo aquelle lugar de guarda, voltou pera os baluartes. Iuzarcan vendo o eſtrago dos ſeus ſe foi recolhẽdo o milhor que pode,por q̃ vinha ja a menham eſclarecendo,

recendo, & de todas as partes se descobriaõ os imigos claramẽte, varejandoos com a artelharia, & com a arcabuzaria, que antre elles fazia bem de dano.

Chegado o capitaõ aos baluartes, & vendo o perigo & crueza da batalha, & as marauilhas que os nossos faziaõ, leuantou a voz pera os animar dizendo. Ah senhores fidalgos, capitaens, & caualeiros de Christo, fazeiuos oje acabar de conhecer a estes barbaros, porque naõ queiraõ prouar mais vosso ferro: fazei que este dia do bemauenturado Apostolo Sanctiago seja muito ditoso & glorioso á vossa naçaõ: Aqui me tendes com vosco por companheiro em vossos trabalhos. Ah senhores demos nestes imigos da fé de Christo, & deitemolos fora: & querendo passar adiante o detiueraõ todos, naõ lhe cõsintindo que se posesse em lugar de perigo. E cobrando todos nouo animo, & rebentando de furor, remeteraõ aos imigos, & com morte de muitos, deraõ com elles dos muros a baixo.

No mesmo tempo encaminhou Deos nosso Senhor vm pilouro de vm camello, & tomando a Iuzarcan de meyo a meyo o desfez em pedaços. Esta noua correo logo pellos seus que acodiraõ ao lugar a onde estaua feito pedaços pera o leuarem. Rumecan tanto que o soube quisera morrer de pezar: & tocando a recolher o fez pera a cidade, com tamanha malenconia & tristeza, que naõ ousaua pessoa algũa a lhe falar. Os nossos ficaraõ desaliuados, & bem cansados. Perderaõse neste grande assalto sete Portugueses, ficando perto de trinta feridos. Dos Mouros morreraõ mil dos principaes, & foraõ mil & quinhentos feridos, de que depois acabaraõ muitos: & perderaõ a mór parte das suas bandeiras, & a do seu Mafamede leuaraõ toda rota & esfarrapada, que foi pera elles hũa afronta muito grande.

Dom Ioaõ Mascarenhas vendosse desapressado, & os imigos recolhidos, deu grandes louuores a Deos nosso Senhor por taõ grande vitoria, mandando enterrar os mortos, & curar os feridos com muito grande cuidado. Ao outro dia despidio o capitaõ vm nauio com cartas pera o Gouernador dom Ioaõ de Castro, em q̃ lhe daua conta de todos os socessos, por que logo soube da morte de Iuzarcan, & dos imigos que na batalha morreraõ. E porque Bastiaõ de Sá estaua muito mal de sua perna, o fez o capitaõ embarcar pera se ir curar a Baçaim, a onde ao outro dia que a fusta partio chegou arrazada d'agoa. Desembarcou Bastiaõ de Sá, & dom Ieronymo de Meneses capitaõ da

fortaleza o foi buſcar, & o leuou pera ſua caſa a onde o mandou curar com todo o cuidado, & reſguardo: & o nauio partio logo pera Goa.

## CAPITVLO VII.

*D'algũas couſas que paſſaraõ em Goa. E de como o Gouernador dom Ioaõ de Caſtro mandou ſeu filho dom Aluaro de Caſtro de ſocorro a Diu. E dos aſſaltos que os os Mouros deraõ âquella fortaleza, de que ſe recolheraõ desbaratados.*

DEPOIS do Gouernador deſpedir ſeu filho dom Fernando de Caſtro ficou eſperando por recado do q̃ lhe ſocedera na viagem, mandando encomendar as couſas de Diu a Deos por todos os Religioſos, ſintindo em eſtremo tomalo eſte ſucceſſo em tempo que naõ podia ſocorrer aquella fortaleza em peſſoa: & ſendo entrada do més de Iunho, chegou á barra de Goa velha a nao Spirito ſancto, de que era capitaõ Diogo Rebello da conſerua do Gouernador, que elle receaua foſſe perdida: que (como diſſemos no capitulo primeiro do liuro primeiro) foi tomar Melinde, a onde eſperou os ponentes que lhe entraraõ em Abril: & dando á vela pera Goa, tendo grandes calmarias, no caminho gaſtou todo aquelle tempo: & com muito trabalho foi ferrar Goa velha, a onde o Gouernador mandou logo embarcaçoens por dentro dos rios a buſcar os doentes, & a deſcarregar a nao. E depois do més de Iulho chegaraõ as cartas de dom Ioaõ Maſcarenhas, que eraõ as que o Vigairo leuou, & ſe mandaraõ de Baçaim & Chaul por terra. E ſabendo por ellas o grande aperto em que aquella fortaleza eſtaua, ſe foi logo pór na ribeira dos nauios, & fez logo lançar ao már os que eſtauaõ milhor negociados: & mandou chamar ſeu filho dom Aluaro de Caſtro, a quem diſſe que ſe fizeſſe preſtes pera ir ſocorrer a fortaleza d'Elrey. Eſtas nouas ſe eſpalharaõ logo por Goa a que acodiraõ todos os fidalgos, & capitaens, a ſe offerecerem pera aquelle negocio, ſendo o primeiro dom Franciſco de Meneſes, a que o Gouernador aceitou os offerecimentos, mandandolhe que ſe preparaſſe pera o outro dia ſe partir com alguns nauios diante, em quanto dõ Aluaro de Caſtro ſe fazia preſtes, o que elle fez com muita diligencia, acodindolhe muitos ſoldados, & alguns fidalgos mancebos ſeus parentes, & amigos pera o acõpanharẽ: & em dous dias ſe pós no

no mar com ſete nauios, de cujos capitaẽs naõ achamos os nomes. Aos vinte & ſete de Iulho ſe fez á vela: & de ſua viagem adiante daremos rezaõ.

O Gouernador ficou negociando o mais ſocorro com muita preſſa: & tres dias depois de dom Frãciſco de Meneſes, foi fazer á vela ſeu filho, que ſayo pella barra de Goa a velha, deſpedindoo cõ muitas bençoens, eſcreuendo por elle a dom Ioaõ Maſcarenhas, & de nouo a dom Franciſco de Meneſes, ( ſem embargo de lho ja ter pedido) que ali lhe mandaua dõ Aluaro de Caſtro ſeu filho, pera naõ fazer mais que o que elles lhe mandaſſem, & aſsi lhe deu a elle por regimento. Os capitaens dos nauios (que eraõ dezanoue)foraõ, dom Iorge de Meneſes, que depois ſe chamou Baroche, dõ Duarte de Meneſes filho do Conde da Feira, Luis de Mello de Mendoça, & Iorge de Mendoça ſeu irmaõ, dom Antonio de Tayde, Garcia Rodriguez de Tauora, Lopo de Souſa, Nuno Pereira de Lacerda, Athanaſio Freire, Pero de Tayde Inferno, dom Ioaõ de Tayde, Balthesar da Sylua, dom Duarte Deça, Antonio de Sá, Belchior Moniz, Lopo Vaz Coutinho, Franciſco Tauarez, & Franciſco Guilherme.

Partido dom Aluaro de Caſtro, ficou o Gouernador negociãdo vm carauelaõ carregado de moniçoens, & mantimentos, pera mandar a pos elle: & por ſer nauio muito pezado, & naõ poder remar, era muito arriſcado naquelle tẽpo, & por tal naõ ouſaua de cometer com elle a algũas peſſoas que elle deſejaua, por que o naõ queria entregar ſenaõ a hũa de muita confiança, por ſer couſa muito importante. E praticando iſto com Manoel de Souſa de Sepulueda, elle lhe diſſe, que lhe inculcaria vm fidalgo, que por debaixo do már o leuaſſe a Diu, & que eſte era Antonio Moniz Barreto. Andaua eſte fidalgo agrauado do Gouernador por couſas leues, & naõ ſe offereceo pera ir naquelles nauios, por naõ querer pedir ao Gouernador couſa algũa, & andaua negociando vm pera ſe partir: & de todas ſuas couſas daua conta a Manoel de Souſa de Sepulueda, de quem era muito amigo. O Gouernador lhe diſſe, que naõ ſe atreuia a cometer Antonio Moniz Barreto com aquelle negocio, que era vm fidalgo que andaua ſeparado, & agrauado delle: que ſe elle o quiſeſſe acabar com elle, que folgaria muito de elle ir no nauio, ainda que naõ foſſe mais que a te o entregar a ſeu filho dom Aluaro de Caſtro. Manoel de Souſa de Sepulueda foi logo buſcar Antonio Moniz Barreto, & lhe deu cõta do que tinha paſſado cõ o Gouernador, & lhe aconſelhou que logo ſe foſſe embarcar naquelle

nauio, por que era o mayor ſeruiço que podia fazer a Elrey. Antonio Moniz Barreto vẽdo aquillo, diſſe que o faria. E tomando alguns amigos que tinha grangeados pera irem com elle, ſe foi logo embarcar, ſem ſe ver com o Gouernador, porque eſtaua ja o nauio em Goa velha: & o Gouernador ſabendo delle, o mandou logo fazer á vela pello Veador da fazenda: & foi ſeguindo ſua jornada com tempo mũy forte: & delle, & de dom Aluaro de Caſtro, a ſeu tempo daremos rezaõ, por guardarmos a ordem da hiſtoria, & tornarmos as couſas de Diu.

Andaua Rumecan mũy enuergonhado, & muito mais o eſtaua Elrey, (que todos os dias era auiſado do q̃ ſe paſſaua) de ver hũa fortaleza toda arrazada, & poſta por terra, & com taõ pouca & canſada gente, naõ ſó ſe defender a tamanho exercito: mas ainda alcãçarem os de dentro taõ grandes vitorias, & teremlhe mortos dous taõ grandes capitaens, & mais de dous mil homens. E tendo recado deſte derradeiro ſoceſſo, mandou reprender a Rumecan, & a todos os mais capitaens, da fraqueza, & couardia que nelles auia: do que elles tomados, & afrontados determinaraõ de meter todo o reſto do poder, & ou tomarem a fortaleza d'aquella feita: ou morrerem todos em cima de ſeus baluartes, & aſsi ſe lhes compriraõ ſeus deſejos. E pera lhes ficar mais facil a entrada da fortaleza, mandou Rumecan fabricar defronte do baluarte Sanctiago vm muito grande Beſtiaõ, & taõ alto, que igualaua com elle, pera ſe irem chegando, & pera ficarem caualeiros ao baluarte, pera o fazerem deſpejar. Dom Ioaõ Maſcarenhas vendo obra taõ periudicial, determinou de a mandar desfazer, & o encarregou a dom Ioaõ, & a dom Pedro d'Almeida ſeu irmaõ, dandolhes pera iſſo cem eſcolhidos ſoldados.

E aos coatro dias d'Agoſto ao coarto da modorra ſairaõ por hũa bombardeira em muito ſilencio, & com hũa grande & reſoluta determinaçaõ, foraõ cometer o Beſtiaõ: & dãdo de ſupito nos Mouros, que nelle eſtauaõ bem deſcuidados d'aquelle ſobreſalto, mataraõ, & eſpedaçaraõ nelles bem as ſuas vontades: por que muitos receberaõ a morte, ſem darẽ fé della, ſe naõ depois que ſe viraõ ſepultados no inferno: & outros as feridas, & ſuas dores os deſpertaraõ. E como os tomaraõ de ſobreſalto, naõ tratauaõ de mais que de ſaluar as vidas, largando tudo, ficando os noſſos ſenhores do Beſtiaõ, que começaraõ a desfazer. Os que yaõ fogindo deraõ nouas no exercito do dano que receberaõ, ſem ſaberem dar rezaõ do q̃ era: por que naõ ſintiraõ mais que cortaremnos, ſem verem ſe eraõ os noſſos cento, ſe quinhentos. Rumecan

mecan acodio logo lá com todo o exercito, posto em armas, mas ja foi a tempo que os nossos tinhaõ desmanchado tudo: & em sintindo os imigos se foraõ recolhendo com muita ordem, & se meteraõ na fortaleza sem se perder algum, deixando mortos perto de trezentos dos imigos.

Vendo Rumecan aquelle dano, mandou aleuantar logo hũas muito grossas paredes defronte do baluarte Saõ Ioaõ: & a segunda noite que se começaraõ, lançou o capitaõ por hũa bombardeira catorze soldados, que pera isso escolheo, que dando de supito nos que vigiauaõ as paredes, achandoos dormindo cortaraõ os que alcançaraõ, & os mais aos gritos dos q̃ matauaõ foraõ fogindo: & ficando tudo despejado, derribaraõ as paredes com muitos seruidores q̃ pera isso leuauaõ. A reuolta foi ouuida no arrayal, & acodio vm grande tropel de Turcos, & sendo sintidos dos nossos, deixando tudo derribado se foraõ recolhendo a seu saluo.

Afrontado Rumecan d'aquella ousadia, deu recado a todos os capitaens, que ao outro dia auia de dar vm geral assalto, pera o que se prepararaõ. E em rompendo a luz da manham, começaraõ a aparecer os imigos com suas bandeiras desenroladas, leuando diante de todas outra noua, em que estaua a figura de Mafamede, taõ fea, & disforme, que causaua medo, leuaua os cabellos (que eraõ muito cõpridos, & espalhados) por cima do rosto, & das costas: & cõ esta medonha visaõ a que se todos encomendaraõ, remeteraõ com a fortaleza, tocando todos os seus instrumentos, & dando tamanhos gritos, que ensurdeciaõ o mundo. Os dianteiros que eraõ os Rumes & Turcos, começaraõ á sobir pellas paredes derribadas dos baluartes Saõ Thome, & Saõ Ioaõ, com hũa muito confiada determinaçaõ, de morrerem todos ou os ganharem, lançando os de detras grandes panellas de poluora, & varejando os altos dos baluartes cõ sua arcabuzaria pera afugentarẽ os nossos, & os seus que subiaõ terem lugar de caualgar em cima.

Mas os Portugueses naõ temẽdo, & tendo em nada aquellas carrancas, esperaraõ os imigos com a mesma determinaçaõ, de ou morrerem todos, ou de desbaratarem de todo aquelles barbaros: & naõ tardaraõ mais em virarem os Turcos de pernas a cima, q̃ em quanto os nossos lhe naõ alcançaraõ: mas como lhe poderaõ chegar, logo lhes mostraraõ quaõ caro lhes auia de custar, quererem por os pés em cima dos baluartes, pagãdo muitos com a morte sua porfia, & atreuimento: porque assi como cayaõ dez, sobiaõ vinte, indo á porfia todos a buscar seu dano: & todauia como eraõ muitos,

& vinhaõ com aquella barbara determinaçaõ, cometeraõ todos os baluartes mũy denodadamẽte, fazendo todos os seus capitaens & companheiros marauilhas nas armas. E posto que em todas as partes auia trabalho,& risco: todauia o de Luis de Sousa, em que estaua dom Fernando de Castro, com os capitaẽs de sua cõpanhia, esteue mais apertado que todos, por que carregaraõ ali os mais escolhidos do exercito, & tambem estaua mais aberto, & damnificado, que os outros: mas os valerosos defensores delle fizeraõ tais cousas, que se naõ pode imaginar de taõ poucos braços poder sair tamanho estrago como se via ao pé do baluarte nos inimigos, a onde estauaõ tantos estirados, que pera os outros chegarem, era forçado passar por cima de corpos q̃ estauaõ ainda palpitando, & reuoluendosse no seu sangue, com as ansias,& affliçoens da morte. As vozes, os gritos, os bramidos, em todas as partes (por que em todas se pelejaua) era cousa muito horrenda & medonha. Os baluartes quasi se naõ viaõ, por que estauaõ escondidos em nuuẽs de fogo, & fumo, das muitas panellas de poluora, & bombardadas que delles sayaõ,& que sobre elles cayaõ. De hũa parte chamauaõ por nossa Senhora, & pello Apostolo Sanctiago: da outra pello falso & enganoso Mafamede, constrangendo os capitaens Mouros aos seus, a sobirem, o que elles receauaõ fazer, pellos muitos que viaõ voltar feitos pedaços sobre elles. Os capitaens, fidalgos, & soldados Portugueses mereceraõ muito, por que fizeraõ tanto, que de cada vm se poderaõ fazer muitos capitulos: Por que este foi o dia em que se elles mais assinalaraõ que todos: por pelejarem em meyo de chamas,& labaredas: por que em todos os baluartes era tanto o fogo, que parecia que ardia o mundo. Os que andauaõ vestidos de couro (de que muitos se proueraõ pera sua defensaõ) passaraõ bẽ, mas os mais foraõ queimados por muitas partes, acodindo as tinas d'agoa pera matarem o fogo, que lhe andaua pellos vestidos, que eraõ de algodaõ, tornando logo a seus lugares: & como que vinhaõ de refresco, assi entrauaõ furiosos, que pareciaõ lioens famintos.

Do baluarte do már nunca cessou a bataria, descarregando todas suas cargas nos Mouros, que lhe ficauaõ por hũa ilharga descubertos, em que fizeraõ tal estrago, que de naõ poderem sofrer tanto se afastaraõ, ficandolhes trezentos & mais mortos aos pès dos baluartes, leuando dous mil feridos, & abrazados. Dos Portugueses foi cousa milagrosa, que neste temeroso assalto naõ perigou algum, posto que ouue muitos feridos, & queimados. O capitaõ em quanto du-

rou

rou o aſſalto naõ deſcanſou: correndo todos os baluartes muitas vezes,& os proueo de todas as couſas neceſſarias,que tudo lhe era logo trazido por aquellas honradas & animoſas molheres.

Afaſtados os imigos, mandou o capitaõ repairar os baluartes, & curar os feridos com muita diligencia. E vendo o grande & importante repairo que era pera o fogo, veſtidos de couro, mandou deſarmar ſeus apoſentos dos ricos & fermoſos guadamecis q̃ tinha, & os mandou cortar todos em veſtidos, que repartio pellos que abrangeraõ.

## CAPITVLO VIII.

*De outras batarias que deraõ â fortaleza. E de como chegou a ella o Vigairo que foi com recado a Chaul & Baçaim. E de vm grande aſſalto que os Mouros deraõ. E das grandes fomes, & neceſsidades q̃ auia na fortaleza. E de vm muito honroſo & valeroſo feito que fez Martim Botelho.*

PASSADO eſte aſſalto, de que Rumecan ficou bem eſcandalizado, mandou que ſe proſeguiſſe no entulho da caua, des do baluarte Saõ Ioaõ, a te o de Sanctiago, recebendo ſempre grande dano da noſſa artelharia, que lhe derribou os caminhos por onde paſſauaõ,onde ficauaõ enterrados muitos ſeruidores. Vendo Rumecan aquelle dano mandou fabricar dous Beſtiaens naquella parte de muito groſſas & fortes taipas, em que ſe aſſeſtaraõ dous lioens, a que fizeraõ ſeus repairos,& mantas, & com elles bateraõ fortemẽte o baluarte Saõ Thome, a te lhe cegarem vm camelo, cõ que lhes tinhaõ feito grande dano: & com iſto lhes ficou tempo mais occaſionado pera entulharem a caua. Eſta obra tinhaõ tomado á ſua cõta os Ianiſſaros, que neſte cerco mais ſe auentajaraõ de todos, & aſsi o pagauaõ tambem mais,porque ja eraõ mortos nos aſſaltos perto de coatro centos.

Ao outro dia depois diſto paſſar, chegou á fortaleza o padre Vigairo,que como diſſemos no capitulo terceiro deſtè liuro ſegundo, foi a Baçaim & Chaul a pedir ſocorro, que deu o recado áquelles capitaens, que logo deſpidiraõ as cartas pera o Gouernador,& começaraõ a fazer preſtes gente & nauios pera mandarem de ſocorro,acodindo todos a Baçaim,pera dali atraueſſarem como lhes o tẽpo deſſe jazigo. E vendo o Vigairo a muita gente que ali ficaua pera ſe embarcar, quis leuar a Diu aquellas nouas. E poſto q̃ o tẽpo

era grosso,se embarcou no seu nauio com noue soldados, & se meteo no golfo, a onde deu em mares taõ grossos & cruzados,que os comiaõ, vendosse muitas vezes alagados,mas á força do trabalho, & diligencia de todos chegaraõ a Diu o dia que o camelo se cegou, (como acima dissemos.) Tanto q̃ da fortaleza viraõ entrar aquelle nauio, foi grande o aluoroço em todos, por que a pos elle podiaõ vir outros: & ja naõ ficauaõ taõ descõfiados de socorro como estauaõ. O Catur foi sorgir á couraça por onde entrou o Vigairo com os seus soldados,que foraõ recebidos todos nos braços do capitaõ, & mais fidalgos, com palauras de grande louuor. O Vigairo disse a dom Ioaõ Mascarenhas,que em Baçaim ficauaõ quinhentos homens,com nauios prestes & negociados pera partirem em lhes o tẽpo dando lugar,& que naõ tardariaõ cinco dias. Estas nouas se espalharaõ por toda a fortaleza,que foraõ festejadas com folias, danças,& outras mostras de alegria: o que tudo foi ouuido no arrayal,a onde a fama lhes leuou logo as nouas de tudo, com que Rumecan ficou muito triste. E vendo q̃ cada dia lhes podia vir socorro, determinou de concluir aquelle negocio primeiro que elle chegasse. Pello que encomendou a seus capitaens que se batessem todas as estancias, & se preparassem pera darem o derradeiro assalto, em que esperaua de arrematar a vitoria.

Nesta conjunçaõ chegou outro capitaõ chamado tambem Iuzarcan,que Soltaõ Mahamude mandaua em lugar do morto, que era tio d'estoutro: pera que ficasse em seu lugar com sua gente. A bataria se começou a dar,que durou todo aquelle dia,& parte da noite,& ao outro dia as tres horas da tarde, q̃ sairaõ os Mouros dos seus exercitos com todo o poder, leuando diante suas bandeiras desenroladas: & ao som de muitos & mũy desordenados instrumentos,remeteraõ com a fortaleza, auendo q̃ d'aquella feita a leuariaõ nas maõs. E chegando os primeiros & mais escolhidos ao baluarte Saõ Thome que estaua todo arrazado, começaraõ a subir por elle com grande soberba & arrogãcia. Luis de Sousa, dom Fernando de Castro, com seus capitaens, & dom Francisco d'Almeida, que dom Ioaõ Mascarenhas mandou aquelle dia passar pera ali: receberaõ os imigos como sempre,quebrandolhe logo aquelle furor & orgulho que leuauaõ, lançando todos os q̃ alcançaraõ das paredes abaixo, feitos em pedaços. Mas como eraõ muitos, logo tornaraõ a encher os lugares,recrecendo a crueza & furia da batalha por todas as partes, tanto, que parecia que se desfazia o mundo em gritos &

brami-

bramidos. O capitaõ acodio logo ao baluarte Saõ Thome,que estaua mais arriscado,mãdandoo prouer de panellas de poluora, lanças de fogo,pedras,& de todos os mais instrumentos mortaes,que tudo as honradas matronas leuauaõ sobre suas cabeças : por que tanto que auia rebate, logo acodiaõ com o seu escoadraõ ao trabalho, dando com isso mũy grande aliuio aos homẽs, que se naõ occupauaõ em mais que em menear as maõs em dano dos imigos,porque tudo o q̃ pediaõ pera aquelle effeito, achauaõ logo ali prestes,que as honradas molheres eraõ as que prouiaõ, repartindo tudo por elles, sem receo de pilouros,nem fogo,em que os baluartes se desfaziaõ: antes cõ muito animo metidas antre os soldados que pelejauaõ,os animauaõ & esforçauaõ, metendolhes nas maõs as panellas de poluora,& algũas tambem as arremessauaõ sobre os imigos, que desprezauaõ todas aquellas cousas,& se metiaõ pella morte sem receo de cousa algũa. Sobre o baluarte chouia fogo: por que este dia quiseraõ os Mouros despender toda sua moniçaõ: & o que mais empeceo aos nossos,foi terem o vento contra si, que todo o fumo, & pó, do entulho,que os imigos reuoluiaõ com os pés,os cegaua a todos: mas elles fechando os olhos, & apertando os dentes,serrauaõ cõ os Mouros denodadamẽte, matãdo tãtos, que naõ lhes escapauaõ se naõ os que naõ podiaõ alcançar.

No baluarte Saõ Ioaõ tambem ouue grande trabalho: por que foi cometido de Iuzarcan com todo o seu poder,trabalhando pello subirem: mas os seus capitaens com os fidalgos & caualeiros que os acompanhauaõ, lho defenderaõ muito bem, fazendo nos imigos mũy grande estrago. Bem lhe pareceo a Iuzarcan que o leuasse logo nas maõs,por estar todo razo, & sem emparo algum : & porque naõ tinha ainda experimentado o ferro Portuguez, que o esforço & animo dos nossos lhe fizeraõ parecer aquelle baluarte taõ forte como se nunca fora batido, nẽ dãnificado : porque se poseraõ aquelles valerosos defensores por muro, & a meyas delle taõ immoueis, que naõ auia bombardadas & espingardadas, nem chamas de fogo, nem ainda a mesma morte, que os abalasse, nem mouesse do lugar em que se punhaõ, fazendo tanto dano nos imigos, que ja cansauaõ de matar nelles.

Na guarita de Antonio Paçanha, tambem ouue grande confusaõ & baralha, mas em todos os lugares que os imigos cometiaõ, naõ achauaõ outra cousa mais, que generos de mortes, & desenganos de sua contumacia, mostrandolhes que quando cuidassem que estauaõ mais cansados, entaõ os auiaõ de achar mais

fortes

ſortes,& promptos, pera lhes defenderem a ſua fortaleza. E aſsi (por naõ particularizarmos tantas miudezas) os trataraõ em todas as partes taõ mal,que os fizeraõ afaſtar,com morte de mil & ſeiscentos, que ficaraõ eſtirados, & eſpedaçados aos pés das eſtancias, leuando muito mayor copia de feridos,& abrazados. Rumecan paſmaua de ver aquelle eſtrago feito por taõ poucos homens, & blasfemaua contra o ſeu Mafamede, por que cuidaua que lhe podia elle dar couſa que naõ foſſem danos,& perdiçaõ.

Iuzarcan,(que eſta foi a primeira vez,que vio, & experimentou as obras dos Portugueſes) ficou admirado: & bem entendeo que todo aquelle trabalho era em vaõ, por que naõ eraõ aquelles os homés a que ſe tomaua a ſua fortaleza,por mais raza, & disbaratada q̃ eſtiueſſe: & aſsi ficou dali com taõ grandes desconfianças, que quaſi corria com ſeu cargo por demais.

Dos noſſos morreraõ neſte aſſalto tres, & ficaraõ feridos trinta & cinco,mandando o capitaõ enterrar vns,& curar outros: & reformar os baluartes o milhor que pode, no q̃ gaſtou toda aquella noite, ſem dormirem todos, nem repouſarem. Ia neſte tempo eraõ mortos aſsi na guerra, como de doenças, cento & cincoenta Portugueſes: & naõ auia ſaõs mais q̃ duzentos & cincoenta,que o tempo que lhes reſtaua da peleja, gaſtauaõ em repairar os muros, & em derribarem os edificios da fortaleza,& caſas dos caſados,pera repairo das roinas, & em desfazeré minas, & em outros muitos trabalhos, em que aquellas matronas lhes eraõ companheiras, ſem lhes ficar hũa hora pera repouſarem. Mas o que mais os atormentaua, & punha em cuidados, era a falta que auia ja de mantimentos,por q̃ tinhaõ chegado a eſtado,que o alqueire de trigo que ſe achaua, valia a tres cruzados. & hũa gralha ſe a tomauaõ, coatro, & cinco: (por que depois de faltarem as galinhas,ſe dauaõ eſtas aos purgados, por que acodiaõ muitas aos corpos mortos, & ſobre os muros as matauaõ á eſpingarda.) E por eſta maneira todas as mais couſas a te chegarem a eſtado, que comeraõ,gatos,caẽs, & alguns legumes podres, & danados, & com iſto andauaõ todos taõ contentes, & taõ esforçados, como ſe tiueraõ tudo de ſobejo. O capitaõ ſupria a eſtas faltas com tudo o que tinha, & ſe ſe achaua por dinheiro, naõ perdoaua a deſpezas por remediar aquellas neceſsidades.

As moniçoens eraõ acabadas,& naõ auia mais poluora que a que ſe fazia cada dia, que eraõ coatro arrobas, que deſpendia o bazaliſco cada vez que a tiraua:mas poupauaſſe muita por faltarem ja panellas

nellas pera ella, que era o principal instrumẽto com que se defendiaõ: de maneira que naõ ficauaõ ja mais, que os braços, & as armas de maõs. O capitaõ prouia a tudo com muita prudencia: & porque faltauaõ as panellas pera a poluora, inuentou duas telhas dos telhados juntas, hũa com outra, com os vaõs pera dentro, & breadas pellas ilhargas, & as bocas tapadas com betume, & cheas de poluora por dentro com murroẽs atadas pello meyo dellas, com as pontas acesas, ficaraõ seruindo: & foi muito grande inuençaõ, por q̃ leuauaõ mais poluora que as panellas, & faziaõ mór dano nos imigos. Neste estado estauaõ as cousas, que era o mais miserauel q̃ podia ser, sem os nossos mostrarẽ, nem auer nelles hũa pequena tristeza, nem desconfiança, antes alegres, & taõ confiados, que lhes parecia que tinhaõ a vitoria certa.

Dom Ioaõ Mascarenhas andaua vm pouco malenconizado, por que naõ sabia o que se passaua no exercito, nem tinha espias que o auisassem de cousa algũa. E por que os do baluarte de sobre a barra lhe disseraõ que algũas noites viaõ chegar alguns Mouros a te a ponte da fortaleza, & que ali se deixauaõ estar sem saberem o pera que, & que os mais que sempre vinhaõ seriaõ de oito a te dez. Certificandosse d'aquillo, determinou de ver se podia colher algum delles pera se informar do que la ya: & encomendou aquelle negocio a vm caualeiro da sua obrigaçaõ, chamado Martim Botelho, homem de animo, & muito determinado. Este escolhendo dez companheiros no coarto da modorra, os lançaraõ pellas bombardeiras da couraça com só espadas & rodelas por irem mais leues, & tomando o caminho da ponte, de longo da agoa muito encubertos, se foraõ lançar no posto que os Mouros costumauaõ a ir demãdar, que era na entrada da ponte, & ali baqueados no chaõ se deixaraõ estar. Naõ tardou muito que naõ ouuissem rumor, & a pos isso enxergaraõ gente que se vinha chegando pera a ponte, que seriaõ quasi dezoito pessoas. E entrando a ponte a onde os nossos estauaõ agachados, á sombra dos parapeitos que fazia de hũa & da outra parte: & sendo em meyo delles, se leuantaraõ todos a la vna, & deraõ nelles taõ de supito, & com tamanha pressa, que os naõ sẽtiraõ se naõ nas carnes que os nossos começaraõ a cortar ás suas vontades, falando alto pera que os do baluarte os ouuissem, que estauaõ pera isso alerta, que em sẽtindo os os começaraõ a fauorecer, cõ as trombetas. Os Mouros ficaraõ taõ sobresaltados que se naõ souberaõ determinar, & todauia sentindosse cortar leua-

raõ das armas,& poſeraõſe em defenſaõ, trauandoſſe antre todos hũa perigoſa batalha: mas os valentes ſoldados Portugueſes deſejoſos de ganharem honra & credito com o ſeu capitaõ, apertaraõ tanto com os Mouros, que os fizeraõ voltar: ſomente vm Noby de naçaõ (homem de opiniaõ, & grande caualeiro, que quis antes morrer que fugir) ficou na entrada da ponte ſuſtentando o pezo dos noſſos,pelejando vm arrezoado eſpaço com todos muito valeroſamente. Martim Botelho vendo o esforço d'aquelle Mouro deſejou de o auer as maõs, & pondoſſe diante dos companheiros endireitou com elle pera o ferir. O Noby tinha hũa mea lança, cõ que lhe atirou vm golpe, que lhe Martim Botelho tomou na rodela,& largandolha no ferro cerrou com elle, & o liou: o Noby tambem o fez com elle caindo ambos,& tornandoſſe logo aleuantar ſem ſe deſaſirem andaraõ trauados vm eſpaço,& poſto que o Noby era membrudo,grande,& muito forçoſo: Martim Botelho que nada lhe faltaua d'aquellas partes,fechando os dentes o arcou, & leuantou nos ares, indoſe recolhẽdo com elle pera a fortaleza,ſofrẽdo grande trabalho, por q̃ o Noby perneaua,mordia,&arranhaua: os mais companheiros naõ ouſauaõ de o ajudar,pello naõ eſtoruarẽ,& aſsi chegaraõ á porta da fortaleza, bradando pellos de cima. Ia a eſte tempo o Noby eſtaua ſeguro, por que todos eſtauaõ azidos nelle: & dandoſſe recado ao capitaõ, acodio com hũa companhia de ſoldados, & mandou abrir vm pequeno poſtigo (que deixou de tapar pera algũa neceſsidade) por onde os recolheo a todos dentro. Martim Botelho lho entregou. O Noby como ſe vio dẽtro, deixouſe cair no chaõ fingindoſſe morto.O capitaõ entendendo que aquillo era manha,diſſe a vm ſoldado que o picaſſe com a ponta da eſpada, o que elle fez de feiçaõ, que em a ſentindo ſe leuantou com tanta preſſa que deu materia de riſo a todos. E recolhendoſſe pera caſa fez ſó com a lingoa perguntas ao Noby, & delle ſoube tudo o que quis: affirmandolhe que Rumecan eſtaua deſcontente,& deſconfiado d'aquelle negocio, & que eraõ ja mortos no exercito quaſi cinco mil homens dos milhores delle: & que todos os mais eſtauaõ ali contra ſua võtade. O capitaõ o mandou por a bom recado,ficando deſaliuado do pejo que trazia,de naõ ter auiſo do que paſſaua.

CAPI-

## CAPITVLO IX.

*De como Rumecan mandou minar o baluarte Saõ Ioaõ. E do ardil de que vsou de hũa falsa espia pera segurar os nossos: & de como arrebentou o baluarte: & da morte de dom Fernando de Castro, & de outros fidalgos, & caualeiros.*

COM o socesso passado, & com tardar ò socorro que Rumecan tinha mandado pedir a Elrey, ficou taõ desconfiado, que receoso de chegar cada dia a armada q̃ se fazia em Baçaim, & que com sua chegada lhe acontecesse vm desastre, mandou aleuantar a artelharia das estancias,& recolhela a cidade. Isto foi logo sentido dos nossos, com o que lhes dobrou o animo,entendendo as desconfianças dos imigos, & ouueraõ o negocio por acabado. Rumecan andaua tal,que se com sua honra podera aleuantar o cerco, sempre o fizera,mas ja lhe conuinha ir com aquelle negocio ao cabo, ou pera bem, ou pera mal. E chamando alguns officiaes de minas, lhes encarregou que minassem o baluarte Saõ Ioaõ,pera onde se tinha passado dom Fernando de Castro, com Diogo de Reynoso, & algũs capitaens de sua conserua. A mina se começou a fazer por aquella parte que ficaua sobre a caua,porque como dissemos no capitulo nono do liuro decimo da quinta decada, quando Manoel de Sousa de Sepulueda alargou o sitio da fortaleza por aquella parte, chegou com aquelle baluarte á caua, & vm grande pedaço delle ficou sobre vm entulho, & o mais sobre a rocha. Isto sabia Rumecan, pello que mandou que se minasse a parte de sobre o entulho, começandosse a por as maõs á obra cõ muitos officiaes, o que se fazia pór debaixo de ruas cubertas a te o pé do baluarte, sem os nossos o sentirem. E pera mór dissimulaçaõ,mandou Rumecan que se picasse o muro por todas as partes, por que se naõ entendesse a mina. E por que tambem se naõ precatassem tanto d'aquella parte,mandou armar muitos caualos de madeira grossa, & os fez chegar ao baluarte Saõ Thome, como que determinaua de cometer por elle a fortaleza: por que com o tento naquella machina, se descuidassem do baluarte Saõ Ioaõ.

O capitaõ vẽdo a fabrica dos caualos,receou os muito,&acodindo áquella parte, mãdou com muita pressa fazer vns reuezes de vigas muito grossas nas ilhargas do baluarte, que lançauaõ muito pera fora, pera dali descobrirem

bem os imigos, donde os começaraõ a fostigar com ſoma de arcabuzaria, & com alguns falcoens, com que lhe fizeraõ bem de dano: naõ deſiſtindo com tudo os Mouros da obra, nem os noſſos de os eſcandalizar. E andando continuando na obra da mina, chegou hũa noite ao pé do muro hũa peſſoa, (que o Rumecan tinha mũy bem enſayado) & bradou pellos de cima, pera que o recolheſſem, que tinha muitas couſas que tratar com o capitaõ, que lhe importauaõ muito. O capitaõ lhe mandou lançar hũa eſcada de corda, por onde ſobio a cima. Era eſte homem vm mercador, Guzarate de naçaõ, & por as grandes promeſſas que o Rumecan lhe fez, ſe offereceo a ir com aquelle engano. Leuado ao capitaõ lhe diſſe, que elle vinha tocado da maõ de Deos, & queria ſer Chriſtaõ: & que elle o mouera a lhe vir dar aquelle auiſo, que ſoubeſſe de certo, que os Magores eſtauaõ ja em campo pera tornarem ſobre o reino de Cambaya com muito groſſo poder, & que Soltaõ Mahamude eſtaua por iſſo em grande confuſaõ: & que era chegado de refreſco a Diu vm grande capitaõ chamado Mojatecan, pera recolher o campo todo, & o leuar, & que por iſſo os dias paſſados recolheraõ a artelharia: que aquellas couſas eſtauaõ em ſegredo, por naõ auer alteraçaõ, mas que os capitaens tinhaõ determinado de dar vm muito cruel aſſalto á fortaleza, primeiro que ſe partiſſem d'aquella ilha, por verem ſe a podiaõ tomar, & que ja ſe preparauaõ pera elle. O capitaõ lhe diſſe, que lhe agardecia o auiſo, & eſtimaua muito quererſe fazer Chriſtaõ, què elle lhe prometia de lhe fazer honras, & merces: & o mandou recolher, & ter a bom recado. E ſegundo noſſo juizo, eſte ardil deſta eſpia, foi pera os Portugueſes ſe deſcuidarem, & pera o capitaõ naõ puxar tanto pello ſocorro de Baçaim que ſe eſperaua cada dia, & pera que eſcreueſſe ao Gouernador que ſe naõ abalaſſe, por que tudo o que o Guzarate diſſe era mintira: ainda que ſó era verdade o que diſſe da vinda de Mojatecan, que o dia d'antes tinha chegado de ſocorro com dez mil homens.

Algũ aluoroço cauſaraõ nos da fortaleza as nouas cuidando ſeré verdadeiras, por que já deſejauaõ de ſe acabarem ſeus trabalhos, ainda que foſſe á cuſta do grande aſſalto que eſperauaõ. Os imigos yaõ continuando na obra da mina ſem baterem a fortaleza, o que foi pera os della muito grande aliuio, por que ficaraõ tendo alguns dias de folego. Andaua neſte tempo dom Fernando de Caſtro doente de febres, & ſabendo q̃ ſe eſperaua por vm grande aſſalto,

mandouſe leuar pera o baluarte Saõ Ioaõ, ſem o capitaõ lho poder defender, por que deſejaua de ſe naõ bulir a te cobrar mais alento.

Os Mouros acabaraõ a obra da mina, & dia do Bemauẽturado martyr Saõ Lourenço, que cae a dez d'Agoſto, na força do meyo dia, apareceraõ os imigos com todo o poder, ſuas bandeiras deſenroladas, tocando todos os inſtrumentos de guerra, com vm ruſtico & mal ordenado ſom, & com taõ grandes clamores, vozes, & alaridos, que parecia que ſe ſouertia aquella ilha: Com eſta deſordenada confuſaõ ſe foraõ chegando á fortaleza com tantas carrancas, q̃ poderaõ cauſar mũy eſpãtoſo medo, a outros muitos mais, & mais folgados homens, & que naõ eſtiueraõ em fortaleza taõ rota, & deſbaratada; & taõ mal prouida de tudo como aquella eſtaua. Mas eſſes poucos que eraõ eſtauaõ taõ animados & contentes, que em nada eſtimauaõ aquellas couſas. O capitaõ acodio ao baluarte Saõ Thome pera ver o campo, & pera dali prouer no que lhe pareceſſe. Os imigos foraõ remetẽdo ao baluarte Saõ Ioaõ com aquelle tropel, confuſo, ſem guardarem ordem de milicia, nem diſtinçaõ de bandeiras, & inſignias: mas tudo miſturado, & baralhado, como bar baros que eraõ. E chegando ao baluarte cometeraõ a ſubida, pellas quebradas, achando primeiro no caminho muitos ſinaes do que encima eſperaua por elles, q̃ eraõ muitas das telhas de poluora que ôs obrazou, muitas bombardadas, & eſpingardadas, de que muitos cairaõ eſpedaçados. Os imigos como aquella arremettida foi pera ſegurar os do baluarte, porque determinauaõ de lhe dar fogo, tornaraõ a recuar pera tras como que fogiaõ.

Dom Ioaõ Maſcarenhas que eſtaua no baluarte Saõ Thome, vendo aquelle termo naõ lhe pareceo medo, mas logo entendeo, que aquillo era ardil pera darem fogo a algũa mina: & mandou dizer a dom Fernando de Caſtro, q̃ ſe recolheſſe com todos, & deixaſſe o baluarte, por que entendia q̃ eſtaua minado, & que aquelle afaſtar dos imigos era pera lhe darem fogo. Com eſte recado ſe começaraõ a ſair alguns: o que viſto por Diogo de Reynoſo, diſſe alto.

Naõ á Deos de permitir que por medo algum cometaõ Portugueſes fraqueza, & que ſe diga no mundo, que com temor da morte largaraõ o lugar que ſuſtentauaõ. Pode bem ſer, ſeja iſto ardil pera cuidarmos que querem dar fogo a algũas minas pera nos afaſtarmos, & elles terem lugar de entrarem, & ganhar eſte baluarte, o que ſerá cauſa de ſe perder eſta fortaleza. Por iſſo ſenhores vede o que fazeis, naõ deſempareis eſte ba-

luarte que he d'Elrey: & se a ventura nos tem aqui guardado nosso fim, naõ queiramos mais ditosa, nem mais honrosa morte, & affirmouos que o q̃ se sair daqui o ey de pregoar, por fraco & couarde.

Com estas palauras se detiueraõ todos, & tornaraõ alguns dos que se tinhaõ ido. Os Mouros tãto que se afastaraõ deraõ fogo as minas que arrebentaraõ com taõ grãde estrondo, q̃ parecia cairem os ceos. O fumo que era espesso, escuro, & medonho, cobrio toda a fortaleza de feiçaõ, que se naõ viaõ vns aos outros. Todos aquelles que estauaõ no baluarte, naquelle lugar que caya sobre a caua, foraõ voando pellos ares, & vns cairaõ dentro feitos pedaços, outros pera fora sobre o arrayal dos imigos ainda viuos, outros foraõ abrazados & feitos em cinza. Vm soldado foi cayr fora no campo com a sua lança na maõ, sem a largar, viuo & sem lesaõ, que foi logo espedaçado dos imigos. Dos que estauaõ neste baluarte coube milhor sorte a dom Diogo de Souto Mayor, que voando polo ár co a força do fogo cayo dentro na fortaleza com hũa lança nas maõs por que veyo escorregando a te o chaõ onde ficou, sem lesaõ algũa. Todos os que estauaõ na parte do baluarte que ficaua sobre a rocha, cairaõ dentro na caua, vns com pernas quebradas, outros com braços, outros com focinhos, & outros com outros membros, mas escaparaõ alguns. Morreraõ nesta desauentura, quasi sessenta pessoas das principaes da fortaleza, & os de nome foraõ: dom Fernando de Castro, em idade de dezanoue annos, mancebo em que o mundo tinha postos os olhos, pellas grandes esperanças que de si daua: mas parece que a fortuna inuejosa do que prometia, ordenou que acabasse com tal genero de morte, pera mayor magoa do velho pay. Morreraõ mais dom Ioaõ d'Almeida, Gil Coutinho, Ruy de Sousa, Diogo de Reinoso, Luis de Mello, Aluaro Ferreira, Tristaõ de Sá, & outros. Escaparaõ treze pessoas, as tres morreraõ dali a dous dias, os mais viueraõ, & antre estes foi dom Pedro d'Almeida, que ficou taõ abrazado, que muitos dias se naõ aleuantou da cama.

## CAPITVLO X.

*De como os Mouros cometeraõ o baluarte Saõ Ioaõ, & do grande valor com que cinco homens o defenderaõ, & de outras cousas.*

VENDO os Mouros tamanho estrago, & o baluarte todo arrazado, remeteraõ a elle com grandes

des gritas, & alaridos, pera o ganharem, mas acharaõ nas roinas cinco homens que se lhes apresentaraõ com muito grande esforço, que acodiraõ áquella parte, por q̃ estaua só, & a defenderaõ sós como se foraõ quinhentos: estes foraõ Antonio Paçanha, Bento Barbosa, Bertolameu Correa, Mestre Ioaõ, que naquelle tempo naõ quis estar em casa: & do quinto naõ achamos o nome em parte algũa, se naõ em Ieronymo Corte Real, neste cerco que fez em verso, que diz que era Bastiaõ de Sá, sem declarar, se era o filho de Ioaõ Rodriguez de Sá, se outro: por que pera ser aquelle, temolo deixado em Baçaim, curandosse da sua perna, a onde se foi polo mandar o capitaõ, num catur em que mandou o segundo recado a Baçaim a pedir socorro ao capitaõ, & com cartas pera o Gouernador, em que lhe daua conta de tudo o que a te entaõ era acontecido, como está dito no fim do capitolo sexto do segundo liuro. E em toda a India naõ achamos homem deste tẽpo que nos soubesse tirar esta duuida, basta qualquer que seja. Os imigos (como yamos dizendo) entrãdo por meyo d'aquellas nuuens de fumo, cuidando acharem a entrada franca, & que d'aquella feita ganhassem a fortaleza, deraõ com aquelles cinco Heitores, que lha defenderaõ com tanto valor & animo, fazendo taes cousas, que pasmaraõ os imigos, & que naõ especificamos, por que naõ temos palauras bastantes pera os engrandecer.

Aqui poderamos com muita rezaõ dizer, o que Lucio Floro dos Romanos, engrandecendo suas obras, q̃ se se naõ acharaõ escritas em Annaes, que se poderaõ ter por fabulosas: & nos dizemos destes cinco caualeiros, (& de todos os mais que neste cerco se acharaõ) que se naõ ouuera ainda viuas tãtas testemunhas de suas grandezas: & se naõ estiueraõ ainda taõ frescas na memoria de todos os homens, as façanhas que neste, & no outro cerco fizeraõ os Portugueses, que nos naõ atreueramos a escreuelas: ainda que naõ faremos mais, que contar seus feitos puros, & sem ornamento de palauras, por que elles mesmos ficaõ sendo o louuor de quem os obrou. E ainda podemos dizer mais: que aquelles dos Romanos, vieraõ a ser celebrados no mũdo mais pella eloquencia & facundia de seus Escritores, que por sua grandeza: por que elles nunca pelejaraõ contra bazaliscos, saluagens, quartaos, & outros instrumentos diabolicos, arroinadores do mundo, & destruidores de todo o esforço, & valor delle, como o fizeraõ estes nossos Portugueses, cujos feitos naõ sabemos se a inueja (ainda de seus naturaes) causou ficarem muitos em esquecimento.

E tornando a noſſa hiſtoria. Andando a couſa trauada com taõ deſigual partido como era o de treze mil homens, (que tantos cometeraõ o baluarte) contra cinco ſós, chegou o capitaõ com quinze companheiros, com o animo taõ ſeguro, & inteiro, como ſe naõ vira tudo taõ arriſcado, & em tamanho perigo: & pondoſſe na defenſaõ do baluarte, animãdo, & esforçando os ſeus, fez tantas couſas, que paſmauaõ os imigos, q̃ trabalhauaõ tudo o que podiaõ por concluirem aquelle negocio, andando afrontados de ſe defenderẽ de tamanho poder taõ poucos homens, & mais em vm baluarte taõ arrazado, & deſcuberto: & aſsi pelejauaõ como homens q̃ naõ temiaõ a morte, que muitos recebiaõ das maõs deſtes poucos. A crueza era grande, os gritos, alaridos, eſtrondos, & barbara vozaria dos Turcos & Mouros: era tudo de feiçaõ que cauſaua medo. Eſteue aqui a couſa por muitas vezes taõ arriſcada, que a cada momento tinhaõ os das outras eſtancias rebate, que a fortaleza era entrada. O eſcoadraõ feminino deſemparando as caſas, ſe foraõ ao baluarte pera nelle morrerem, em companhia d'aquelles esforçados defenſores, & dos charos conſortes que algũas ali tinhaõ, leuando ſobre ſuas cabeças poluora, pedras, & outras couſas pera offenderem aos imigos, metendoſſe no meyo dos que pelejauaõ com animos varonis: esforçando, & animãdo aos que pelejauaõ.

A boa Iſabel Fernandez com hũa chuça nas maõs, ſe meteo no meyo d'aquelle conflicto, dizendo: Ah filhos, pelejemos pella fé de Chriſto, & moſtremos a eſtes imigos della, que temos Deos por nos que nos fauorece. E como andaua pella fortaleza hũa voz que o baluarte era perdido, deſempararaõ alguns capitaens as eſtancias, & foraõ lhe acodir: & ao meſmo tempo chegou o Padre Vigairo com vm crucifixo leuantado em hũa haſtea, & entrou pello baluarte com aquella diuina bandeira de noſſa redempçaõ aruorada: & pondoſſe no meyo de todos leuantou a voz dizendo:

Ah caualeiros de Chriſto, aqui tendes a figura de voſſo Deos que vos naõ á de deſemparar, aqui o vereis com as maõs & pés crauados, & lado aberto derramando ſeu precioſiſsimo ſangue por voſſo reſgate: derramay vos tambem o voſſo agora pello reſgatar a elle, por que naõ vá ter a poder de ſeus imigos. Pelejai valeroſos Portugueſes, & defendey voſſo Deos, que elle eſtá com voſco neſtes trabalhos, pera vos ajudar a defender. Aqui o tendes, ponde os olhos & o coraçaõ nelle, por-

que

que delle vos a de vir o esforço contra voſſos inimigos. E aſsi ſe apreſentou diante no mór perigo. Os que eſtauaõ aceſos na batalha, ouuindo a voz, leuantando os olhos, que viraõ o crucifixo aruorado, bradando por miſericordia, remeteraõ com os imigos como lioens brauos, & lançandoſſe no meyo delles fizeraõ taõ grande eſtrago, que foi eſpanto.

O capitaõ naõ ſe deſcuidou de ſua obrigaçaõ, porque vendo o baluarte com gente baſtante pera ſua defenſaõ, & que os imigos ja começauaõ a afracar, ſayoſe delle, & mandou ajuntar todos os officiaes, & eſcrauos: & ordenou logo pella banda de dentro daquelle baluarte, hũa muito forte tranqueira de pedra & terra, que toda foi acarretada as cabeças d'aquellas honradas molheres, poſto que das meſmas roinas do baluarte acharaõ á maõ a mór parte: & aſsi vns trabalhauaõ, & outros pelejauaõ, ſuſtentando o pezo da batalha, que durou a te ſe por o ſol, & o mundo ſe encher de treuas, que os imigos ſe afaſtaraõ com perda de trezentos, a fora oito centos feridos & queimados. Dos noſſos morreraõ alguns, & dos cinco a que podemos dar o ſobre nome de Manlios Capitolinos, morreo ſó meſtre Ioaõ, que foi perda geral, aſsi por ſeu officio, como por ſeu esforço, charidade, & outras partes de homem muito honrado. Pelejou eſte dia de feiçaõ, que lhe tiueraõ todos inueja, & depois que o capitaõ chegou de ſocorro, nunca ſe quis ſair do ſeu lugar, com ter muitas feridas, trabalhando todos pello pouparem, & aſsi acabou ataſſalhado.

Iſabel Madeira ſua molher, que andaua na obra da tranqueira com as mais companheiras, em lhe dando a triſte noua, correo áquella parte com muitas que a ſeguiraõ; & achando o amado conſorte eſpedaçado, o aleuantou nos braços ajudada de ſuas amigas, & o leuou pera ſua caſa, a onde o chorou com muita honra, enterrandoo logo com grande dór & triſteza de todos. E acabado o funebre auto tornou muito ſegura, & com grande coraçaõ á obra da tranqueira que durou toda a noite, que ſe acabou muito larga & forte, com o que aquella parte ficou mũy ſegura.

Tanto que amanheceo foi o capitaõ recolher os mortos, & antre elles acharaõ o bem logrado mancebo dom Fernando de Caſtro (que aſsi lhe podemos chamar) pois morreo de feiçaõ, que mais ſe lhe pode ter inueja que magoa, acharaõlhe a cabeça toda pizada. O capitaõ com todos os fidalgos o leuaraõ á igreija, & todos os mais, a onde foraõ enterrados juntos, tirando dom Fernando, que

do, que o puseraõ separado dos outros. Muitos dias durou o roim cheiro dos corpos mortos. E queimados que ficaraõ enterrados nas roinas do baluarte, o que deu a todos muito grande trabalho. Com isto ficou a fortaleza em tal estado, que auiaõ que se naõ poderia defender, asi por rota, como por falta de tudo.

E praticando dom Ioaõ Mascarenhas com os capitaens sobre o que fariaõ, por que se lhes acabauaõ as moniçoens, ouue alguns de parecer, que tanto que de todo se acabassem, que se encrauasse a artelharia, & que saissem todos a os imigos, & morressem pelejando com elles em campo, & asi pareceo a todos bem. Com esta resoluta determinaçaõ se foraõ remedeando o milhor que poderaõ.

*Fim do Segundo Liuro.*

# LIVRO TERCEIRO DA SEXTA DECADA DA HISTORIA DA INDIA.

## CAPITVLO I.

*Do que aconteceo na viagem a dom Aluaro de Castro a te Chaul. E de como Antonio Moniz Barreto, & Garcia Rodriguez de Tauora chegaraõ a Diu: & do que fez Rumecan.*

PARECE rezaõ que continuemos cõ dom Francisco de Meneses, & com dõ Aluaro de Castro, que no capitolo 7. do 2. liuro deixamos partidos de Goa, que foraõ seguindo sua viagem com taõ grã des tempestades, que cada dia se viaõ alagados & perdidos: por q̃ o vento era traueſſaõ, & os mares taõ aleuantados que sobiaõ ás nuuens, & pera lhes porem as popas, auiaõ de arribar pera a terra, a onde ficauaõ arriscados a varar. E encomendandosse a Deos, foraõ rompendo por todas aquellas tẽpestades, que alem de vento rijo, & mares grossos, auia taõ grandes chuueiros, & sarraçoens, que quasi naõ differençauaõ o dia da noite. Alguns nauios por de todo se verem perdidos foraõ arribando á terra, & tomaraõ algũas enceadas & rios, os mais foraõ sua derrota. Dom Francisco de Meneses q̃ era partido diante, chegou a Baçaim alagado, & desaparelhado, a onde seu irmaõ dom Ieronymo de Meneses o reformou, & negociou, & logo se meteo no golfo pera atrauessar a Diu, mas achouo taõ feroz & tempestuoso, que lhe foi forçado tornar a arribar a Baçaim, a onde chegou alagado. Ali se deixou ficar pera esperar outra conjunçaõ: mas vendo que o tempo naõ cessaua, & que a fortaleza podia estar em muito trabalho, tornouse a embarcar, & cometeo outra vez o golfo, que achou como de primiro: & querendo forçar o nauio, se desaparelhou de todo, & tornou a voltar pera Baçaim, com tudo alijado ao mar.

Ao outro dia chegou dom Aluaro de Castro com a mór parte dos nauios taõ destroçados, dos mares & ventos, que lhe foi forçado reformalos, no que se deteue tres dias, & nelles chegou Antonio Moniz Barreto no carauelaõ das moniçoens, que naõ passou menor trabalho que todos elles: & sorgindo na barra o entregou a

dom

dom Aluaro de Castro, por que determinaua passar a Diu em algum nauio pequeno, pera o que se foi a terra fazer prestes. Estando aqui reformandosse, creceo o tempo de tal maneira, que esteue o carauelaõ quasi perdido. E porque era a mais importante cousa que ya de socorro, acodio dom Aluaro de Castro com alguns capitaens & nauios pera lhe valerẽ. Antonio Moniz Barreto acodindo á praya achou hũa galueta de vm mercador prestes, & esquipada de marinheiros, & embarcandosse nella foi acodir ao carauelaõ que estaua em perigo, & nenhum nauio dos outros lhe podia chegar com vento & mares: mas Antonio Moniz Barreto forçãdo a galueta que era leue, & andaua na babugem da agoa, teue tal vẽtura, que chegou ao carauelaõ, & o socorreo, & fazendolhe dar traquete o meteo pera dentro. E vẽdo que a galueta sofreo tamanhos mares, determinou de passar nella a Diu, & afretou a seu dono á sua vontade, & se negociou pera ao outro dia se partir em tanto segredo, que naõ deu conta a pessoa algũa: por que coatro ou cinco companheiros que determinaua de leuar, em casa os tinha, & ao embarcar os leuaria comsigo como fez ao outro dia. E estando na praya chegou Garcia Rodriguez de Tauora, & vendoo embarcar lhe pedio o quisesse leuar comsigo, do que Antonio Moniz Barreto se escusou, com lhe dizer, que elle era vm fidalgo taõ honrado que se chegasse a Diu, auiaõ todos de dizer que a galueta era sua, & que elle naquella honra naõ queria companheiro. Garcia Rodriguez de Tauora lhe disse, que elle naõ se queria embarcar senaõ por seu soldado, & que asi o diria, & lhe daria ainda disso vm assinado cada vez que lho pedisse. Com isto lhe naõ pode Antonio Moniz Barreto negar a embarcaçaõ, metendosse nella, que naõ leuaua outra cousa mais que áuila, que he arroz torrado, lanhas, & cocos pera mantimento, & pera beberem: porque nenhũa outra agoa nem cousa de comer se podia arriscar, nem guardar.

Estando ja embarcados chegou á praya Luys de Mello de Mendoça, primo de Antonio Moniz Barreto pera se embarcar com elle: & vendo como a galueta ya pejada, lhe pedio que se passasse a Diu, lha tornasse logo a mandar pera se elle ir nella, & elle lho prometeo.

Indosse ja desamarrando chegou á borda da praya vm soldado chamado Miguel Darnide (q̃ depois viueo muitos annos em Lixboa, & Elrey se seruio delle) q̃ era da obrigaçaõ de Antonio Moniz Barreto: este soube áquella hora que se partia, & bradãdo por elle lhe disse, pois que he isso senhor,

nhor, determinais ir a Diu sem mim. Antonio Moniz Barreto lhe respondeo, que a galueta era pequena pera elle. (E era verdade, por que Miguel d'Arnide era taõ agigantado, que trazia na cinta vm montante por espada ordinaria.) E vendo elle que o naõ queria recolher, toma a espingarda na boca, & lançouse ao már á galueta que ya com o cabo solto. Antonio Moniz Barreto, vendo aquella honrosa porfia, ainda que ya de largo ja, & juntamente sua determinaçaõ, voltou a elle & o recolheo. E saindo pella barra fora deu á vela, & começou atrauessar, & a engolfarse. E entrando naquelle brauo & empolado golfo, deraõ naquelles marouços que os comiaõ. A galueta como era pequena & leue, faziaõ os mares della o que queriaõ. E entrandoa por todas as partes, & quasi cobrindoa, ella sordio sempre por diante, & foi passando & furando aquellas medonhas & temerosas ondas. Neste risco & trabalho passaraõ todo aquelle dia, & parte do outro, sem dormirẽ nẽ repousarem toda a noite, & ao segundo á tarde foraõ auer vista da terra ja perto da fortaleza, q̃ foraõ demãdar, chegãdo ja de noite. Antonio Moniz Barreto ya receoso, que tiuesse acontecido algum desastre á fortaleza: & indo entrando a barra, disse que ninguem falasse a te verem se da fortaleza chamauaõ por elles. E disse em segredo a vm soldado muito de sua obrigaçaõ, que fosse de proa, & que ao sorgir estiuesse prestes, & fazẽdolhe elle vm certo sinal (que lhe deu) cortasse o cabo, & mandasse afastar a galueta pera fora. Indo ja dentro, foraõ sorgir junto do cais, sem falarem, nem de cima os verem por ser escuro: & asi estiueraõ em silencio pera verem se ouuiaõ algũa cousa, & sentiraõ falar os Mouros que estauaõ nas estancias á entrada da ponte, & virem alguns chegãdo pera a praya, por que ja viaõ a galueta. Antonio Moniz Barreto auendo que era tudo perdido, bradou ao soldado que estaua de proa, que cortasse o cabo: mas o soldado, por que lho elle tinha dito em segredo, & que lhe faria pera isso sinal, vendo que lho dizia alto, auendoo por opiniaõ lhe respõdeo, que o fosse elle cortar.

Outros contaõ isto d'outra maneira: & dizem que tinha Antonio Moniz Barreto posto aquelle soldado na proa, por ser homẽ de recado, & q̃ presentes todos lhe dissera que se sintisse Mouros cortasse o cabo, & que o soldado bem os sintira, mas que naõ bolira, pello que Antonio Moniz Barreto q̃ estaua perto, lhe disse, que cortasse o cabo muito passo sem o ouuir alguem, & que o soldado virãdo pera elle quasi agastado, lhe disse, q̃ o cortasse elle, & deixando a proa se recolhera pera dentro, dando-

lhe a desconfiança de poderem algũa hora dizer, que elle cortara o cabo de medo. E estando nisto foraõ sintidos do baluarte de sobre a barra, & bradando as vigias perguntaraõ o que era? Ouuindo Antonio Moniz Barreto falar Portugueses, se foi chegando á couraça, & se deu a conhecer.

Alguns dizem que ao perguntar de cima, respondera vm homem de proa, que vinha ali Garcia Rodriguez de Tauora, por que era elle de sua obrigaçaõ: do q̃ enfadado Antonio Moniz Barreto estiuera pera o arrepelar, bradando entaõ alto, sou Antonio Moniz Barreto. E dando recado ao capitaõ acodio com grande aluoroço á couraça, mandando abrir hũa bombardeira por onde os recolheo dentro, leuandoos nos braços com grande prazer & aluoroço de todos: por que ali acodiraõ todos os fidalgos & caualeiros, a os receber. Dom Ioaõ Mascarenhas pergũtou á orelha a Antonio Moniz Barreto por dom Aluaro de Castro, & onde ficaua: ao que lhe respondeo alto que todos o ouuissem, dom Aluaro, senhor, fica com sessenta nauios aqui em Madrefaual, & naõ tardará dous dias. Estas nouas correraõ logo pella fortaleza, que causaraõ geral alegria em todos. O capitaõ recolheo aquelles fidalgos, & os foi agasalhar, Antonio Moniz Barreto no baluarte saõ Thome, & a Garcia Rodriguez de Tauora no de saõ Ioaõ: & depois de recolhidos apartou Antonio Moniz Barreto o capitaõ, & lhe disse, que dom Aluaro de Castro ficaua ainda em Baçaim sem poder atrauessar, por naõ fazer tempo.

Ao outro dia que foraõ catorze d'Agosto (coatro dias depois do desastrado socesso do baluarte saõ Ioaõ) despidio Antonio Moniz Barreto a galueta, pera vir seu primo Luis de Mello de Mendoça, em que o capitaõ mãdou embarcar vm soldado dos da mina que ficou sem maõs, por quem escreueo a dom Aluaro de Castro que se apressasse, por que estaua em grande aperto: auisando a todos os da galueta, que naõ dissessem a pessoa algũa da morte de dom Fernando, nem do desastre do baluarte. Este nauio atrauessou o golfo com muito grande trabalho, & risco, & ao outro dia foi tomar Baçaim, a onde logo se souberaõ as nouas de Antonio Moniz Barreto, & Garcia Rodriguez de Tauora serem chegados a Diu: com o que todos se aluoroçaraõ pera cometerem a jornada. E deixaremos os de Baçaim por vm pouco, por continuarmos com as cousas do cerco.

Sabendo Rumecan o grãde dano que as minas fizeraõ, & da morte do filho do Gouernador, & de tãtos fidalgos, & caualeiros, tornou a mandar plantar a artelharia,

que tinha recolhido, nos lugares em que d'ãtes estaua: por que sem duuida ouue que tomaria a fortaleza pella pouca gente que lhe ficaua, & logo com muita pressa mandou minar o baluarte Sanctiago, & picar o lanço do muro que ya pera elle: o que tudo se fazia por baixo de ruas & pontes, sem os nossos os verem, posto que bem ouuiaõ o tom, sem saberem em que parte era.

O capitaõ receandosse do cubello de Antonio Paçanha, mandoulhe fazer por dentro grandes & fortes repairos, & abrir escutas, pera ouuirem se o minauaõ. Os Mouros acharaõ o muro taõ forte que o naõ poderaõ romper com picoens: o que sabido por Rumecan, mandou trazer muito vinagre com que molharaõ o muro, & depois lhe applicaraõ muito fogo, com o que se começou a desfazer, (como o ja Anibal fez aos caminhos dos Alpes, por onde passou) pello que se verá, que naõ faltaraõ a estes capitaens todos os ardis dos passados, & que naõ pelejauaõ os Portugueses na India com homẽs nús, & despidos, & taõ barbaros como alguns os fazem, se naõ contra taõ grandes capitaens como foraõ os Carthaginenses, & contra mais bombardas das com que os Romanos nũca pelejaraõ. O muro começou a cair, & no recãto antre o cubello, & o baluarte saõ Thome, começaraõ os Mouros hũa mina, que foi sintida dos nossos: o capitaõ lhe mandou logo fazer hũa contra mina: & pella banda de dentro foi aleuantando vm muro mũy grosso, & forte, em cujo trabalho supriraõ as famosas molheres, com muito trabalho, zelo, & risco.

## CAPITVLO II.

*De alguns assaltos que os Mouros deraõ â fortaleza. E de vns escrauos que della fugiraõ pera os Mouros. E de como os imigos ganharaõ a metade do baluarte Sãctiago.*

CONTINVANdo os imigos na obra das minas, acabaraõ de as fazer dous dias depois da chegada de Antonio Moniz Barreto: & ao outro que foraõ desaseis d'Agosto, querendolhe dar o fogo, sairaõ do arrayal com suas bandeiras desenroladas, com os terrores, & espantos que das outras vezes: & com aquella rustica desordem remeteraõ ao baluarte Sanctiago, como que lhe queriaõ dar assalto. Os nossos que estauaõ ja prestes, esperaraõ por elles com muita confiança. Vendo os imigos o baluarte cheyo de gente, tornaraõse a afa-

ſtar como o fizeraõ o dia do baluarte de ſaõ Ioaõ: & como os noſſos eſtauaõ ja auiſados nelle, ſayraõſe pera fora.Os imigos deraõ o fogo,& chegãdo ás minas, achãdo grande força nos repuxos,que pella banda de dentro eſtauaõ feitos, arrebentou pera fora toda a face do muro com mũy grande braueza,& foi cair ſobre os meſmos imigos: ficando mais de trezentos delles eſpedaçados debaixo das paredes,vazandoſſe o fogo pellas cõtraminas de dentro, ſem fazer mais dano, que ficar a fortaleza toda cuberta de vm eſpeſſo & negro fumo.

Os capitaens, fidalgos, & caualeiros que ſe tinhaõ afaſtado,rompendo por aquellas treuas, tornaraõſe ao baluarte. Os imigos tanto que as minas arrebentaraõ, remeteraõ com o baluarte com todo o poder, & começaraõ a ſobir pellas roinas delle: mas foraõ recebidos dos de cima nas põtas das armas, fazendoos tornar por detras com as entranhas abertas ſobre os ſeus. Aqui foi a mayor, & mais aſpera batalha de todas as q̃ ouue em todo o cerco: por que como os imigos eſtauaõ derredor do baluarte, com mais de vinte mil homens, eraõ tantos os arremeſſos ſobre os noſſos, tanto o fogo, & tantos todos os mais inſtrumentos de mortes,que cobriaõ os ares. Tudo o que ſe via, eraõ labaredas & trouoens: quando ſe ouuia, gritos, bramidos, prantos, & laſtimas dos miſeros, que cayaõ das maõs dos noſſos ſobre os ſeus, abrazados, & feitos pedaços. Os Portugueſes naõ eſtauaõ fora do dano, por que como o fogo era muito, & os arremeſſos taõ baſtos,vns queimados acodiaõ as tinas a ſe banharem na agoa, & outros com as cabeças quebradas, braços, & pernas eſpedaçadas, ſayaõſe a pedir cura: de maneira que em todas as partes auia deſauenturas. As honradas matronas naõ faltaraõ aqui, por que em todos os aſſaltos tiueraõ ſempre cuidado de acodirem ao baluarte, & andauaõ antre os que pelejauaõ, metendolhes nas maõs panellas de poluora, & dandolhes todas as mais couſas que eraõ neceſſarias, & que ſe pediaõ, por que ſe naõ tiraſſem dos ſeus lugares: tanto que vm caya, era tirado por ellas, & leuado a curar. A boa Iſabel Fernandez andaua com hũa chuça nas maõs, & com o ſeyo cheyo de ſeus bocadinhos, hũas vezes pelejando,outras animando a todos,& aos que via fracos acodialhes com ſeus mimos,metendolhos na boca dizendo, esforçay caualeiros de Chriſto,& pelejai por ſua fé, q̃ elle eſtá com voſco.

Antonio Moniz Barreto, & Garcia Rodriguez de Tauora acodiraõ aquella parte: & por ſer eſte o primeiro aſſalto em que ſe acharaõ, ſe aſsinalaraõ tanto

que

que com as armas banhadas em ſangue,& os roſtos cheyos de pó, & ſuor andauaõ como lioens, fazendo tal eſtrago nos imigos, que lhes fizeraõ perder aquelle primeiro furor. No cubello de Antonio Paçanha,& nas mais eſtancias naõ eſtiueraõ ocioſos,antes com ſua artelharia,& arcabuzaria fizeraõ por ſua parte aſſas de dano. Os Mouros vendoſſe taõ mal tratados,foraõſe afaſtando paſmados das couſas que viaõ fazer a taõ poucos Portugueſes: por que ja a eſte tempo naõ auia mais de cento & cincoenta: Perderaõ os Mouros deſta vez duzentos,a fora os trezentos q̃ as minas lhes mataraõ. Rumecan naõ ſe ſabia determinar, por que quanto mór cabedal metia,& quãtos mais ardis inuentaua, tãto menos fazia, & tantas mores perdas recebia.

Mojatecan,que auia pouco era chegado de ſocorro, ficou como aſſombrado do que vira fazer aos Portugueſes: por que como nunca os vio pelejar, tinha delles mũy differente opiniaõ. Rumecan ja naõ ſabia que fizeſſe: & encomendou aos meſtres do campo, que bateſſem a igreija da fortaleza (q̃ parecia de fora por eſtar no mais alto della) por cuidar que niſſo faria grãde offenſa a noſſa religiaõ, & que cauſaria grande magoa nos noſſos, & aſsi foi em poucos dias arrazada,& poſta por terra. Eſtaua neſte tempo a fortaleza taõ deſtroçada por todas as partes, que quẽ de fora a via, parecia que ſe naõ poderia defender, nem ſuſtentar a vm muito pequeno poder,quanto mais a tamanho exercito,a taõ potente artelharia,& a tantos outros inſtrumentos de guerra: por que nem tinha muros, nem couſa que podeſſe emparar os de dẽtro,mais que os ſeus valeroſos peitos, que todos apreſentaraõ as furioſas bõbardas,& as muitas,& mũy amiudadas eſpingardadas, & áquellas eſpeſſas nuuens de frechas, & labaredas de poluora,que cayaõ ſobre todos:& aſsi ſe podia dizer por eſtes o que Agiſilao pellos Lacedemonios, que ſuas cidades naõ tinhaõ outros muros, mais que os peitos dos ſeus cidadaõs.

Eſtando as couſas neſte bem roim eſtado, fogiraõ da fortaleza tres eſcrauos que foraõ leuados a Rumecan, & delles ſoube a miſeria dos Portugueſes, & da fortaleza, & tudo o mais q̃ a te entaõ era ſocedido, affirmãdo que naõ auia ja mais de ſeſſenta homens ſaõs, q̃ podeſſem tomar armas,por que os pouco mais que auia eſtauaõ feridos & doentes. Sabendo Rumecan aquillo,mandou aos capitaens que ſe fizeſſem preſtes pera ao outro dia darem vm grande aſſalto á fortaleza. E aſsi tanto que amanheceo, ſairaõ de ſuas eſtancias cõ ſeus inſtrumentos confuſos,& deſordenados, & remeteraõ com o baluarte ſaõ Thome, começando

vns a ſobir pellas roinas delle, & outros por eſcadas: mas os primeiros que chegaraõ a cima, pagaraõ logo ſeu atreuimẽto com as vidas, achando tal reſiſtencia nos de dentro,& recebendo delles tanto dano,que ouue Rumecan,que os eſcrauos o enganaraõ : por que naõ parecia que pelejauaõ com ſeſſenta, ſe naõ com ſeiscentos. Luis de Souſa capitaõ d'aquelle baluarte, Antonio Moniz Barreto, Garcia Rodriguez de Tauora, dõ Pedro, & dom Franciſco d'Almeida, que ali acodiraõ, & outros fidalgos & caualeiros, moſtraraõ aos imigos o preço & valor de ſuas peſſoas,aſſinalandoſſe Miguel Darnide antre todos. Em fim foi o eſtrago tal nos imigos,que tocou Rumecan a recolher,& afaſtado pera fora, foi cometer a tranqueira do baluarte ſaõ Ioaõ, cuidando que eſtiueſſe vazia: mas naõ foi aſsi, por que a acharaõ taõ forte, & bem guarnecida de caualeiros, que em mũy breue eſpaço de tempo os deſenganaraõ,com mortes de muitos.

O capitaõ em todas eſtas couſas ſempre ſe achou muito alegre, & contẽte por dar animo aos ſeus, prouendo & gouernando tudo cõ muita prudencia & conſelho. Vẽdo Rumecan quaõ mal lhe ſocedia tudo, recolheoſe a ſuas eſtancias mũy anojado,& triſte,mandã do logo fazer na parede que diuidia o exercito da fortaleza muitas ſeteiras, por onde a ſua arcabuzaria começou a laborár, tratando muito mal os noſſos por que eſtauaõ deſabrigados,& tornou a mãdar bater a ciſterna com o quartao, em que lançaraõ muitos pilouros. Eſtá eſta ciſterna á entrada de hũa rua que chamaõ a coua, q̃ foi a caua antiga dos Mouros, a onde ſe recolhia toda a gente inutil,& as molheres ſolteiras. Fazẽſe neſta parte duas ruas de caſinhas pequenas, & naõ tem mais que a ſiruintia pella boca da rua a onde eſtá a ciſterna: que pella outra parte he muito alta. Neſta rua cayaõ muitos pilouros, que matauaõ algũa gente d'aquella. O capitaõ acodio ali, & mandou fazer no topo da rua, hũa tranqueira alta de vigas,pera repairo dos pilouros, q̃ todos entrauaõ pella boca da coua, & mandou furar as caſas por dentro pera ſe ſeruirem reſguardados dos pilouros.

Vendo Rumecan que todauia as minas ſempre faziaõ dano,mandou fazer outras no baluarte Sanctiago, que foraõ ſintidas dos de dentro,mandando logo o capitaõ ordenar ſuas contra minas, & vm muito forte repuxo,de feiçaõ, que quando os imigos lhe deraõ fogo, achou taõ grande reſiſtencia,q̃ deu com parte do baluarte pera a bãda de fora,que cayo ſobre os Mouros,& matou muitos,ſem dos noſſos perigar vm ſó : & quis Deos q̃ ficou o muro ſaõ, ſem receber dano. Os Mouros ao arrebentar da

mina,

mina, remeteraõ com o baluarte com hũa grita, & alaridos, que parecia que se desfazia o mundo, & sobindo pellas partes derribadas o entraraõ, aruorando logo em cima delle suas bandeiras, & guioẽs, rodeandoas de hũa boa copia d'espingardeiros, que dali varejauaõ pera dentro da fortaleza, com o q̃ deraõ mũy grande trabalho aos nossos. Dali se deceraõ ao muro, & foraõ a te a casa do Apostolo Sanctiago, que estaua encostada ao mesmo baluarte, a onde os nossos acodiraõ metendosse nos altos da casa, & asi ficou o baluarte, & a casa a metade dos Mouros, & a outra dos Portugueses, antre quem se trauou hũa muito aspera batalha que durou todo o dia.

Tanto que anoiteceo, mandou o capitaõ fazer hũa grossa parede, antre vns & outros, o que se fez sempre com as armas nas maõs: no que gastaraõ toda a noite sem repousarem: acabada a obra q̃ foi pella menham, mandou o capitaõ pór vm camelo grande á porta da igreija, que ficaua sobre o alto, & descobria a parte que os imigos tinhaõ do baluarte, & dali os mandou varejar: & foi o negocio de feiçaõ, que fez nelles mũy grande estrago. Neste conflicto passaraõ os nossos muito trabalho por serẽ poucos, & terem muitas partes a que acodir: mas sempre Deos os fauoreceo, com dar a todos nouo animo, & forças, pera acodirem a tudo. Os soldados que estauaõ no alto da igreija de Sanctiago, como sempre pelejauaõ em hũa roda viua, ás vezes lançauaõ os imigos fora do que tinhaõ ganhado, & outras se tornauaõ á recolher: Nisto passaraõ dous dias, em que todos os da fortaleza pelejaraõ muito bem, fortificando cada vez mais a parede que estaua no meyo de vns, & de outros: por que tudo o mais estaua seguro, com as grossas paredes que o capitaõ tinha feitas pella banda de dentro. Rumecan tambem se fortificou sobre o entulho do baluarte que arrebẽtou, mandando fazer alguns valos, & tranqueiras pera se segurar nelles. O que tudo se fez sem os nossos lho poderem defender, posto que lhes custou as vidas a muitos.

## CAPITVLO III.

*Dos socorros q̃ partiraõ de Baçaim: & do que aconteceo a Luis de Mello de Mendoça, & aos mais, a te chegarem a Diu. E do grande asalto que os Mouros deraõ, em que ganharaõ parte de todos os baluartes.*

CHEGADA a Galueta em que Antonio Moniz Barreto, & Garcia Rodriguez de Tauora partiraõ

 de

de Baçaim pera Diu: ao outro dia que foraõ catorze d'Agoſto,ſe embarcou nella Luis de Mello de Mendoça com noue companheiros: & a pos elle tãbem dom Iorge & dõ Duarte de Meneſes, ambos em vm catur com deſaſete ſoldados: & dom Antonio de Tayde, & Franciſco Guilherme, cada vm delles em ſeu nauio com quinze companheiros,& deraõ á vela vns a pos os outros : ficando dom Aluaro com os mais nauios negociãdoſſe pera partir ao outro dia.Luis de Mello de Mendoça tanto que ſe foi engolfando,como a galueta era pequena , & eſtroncada , & os mares ſoberbiſsimos , começouſe a alagar por ambos os bordos : por que o tempo era o mais cruel que podia ſer: Os marinheiros começaraõ a deſacoraçoar, & ainda os ſoldados : mas nada Luis de Mello de Mendoça , q̃ com muito animo acodia ás couſas neceſſarias,entregando o leme a vm homem de muito recado , & a eſcota , & mais aparelhos a outros de mais confiança. O tempo era taõ groſſo que o már parecia que feruia, & que debaixo das ondas ſayaõ labaredas de fogo . De cima naõ tinhaõ menos perigo,por que tambem parecia que as cataratas do ceo queriaõ fazer outro ſegũdo diluuio : & com iſſo eraõ taõ grandes & eſpantoſos os fuſis , & relampados,que paſmauaõ todos. Os ſoldados pediraõ a Luis de Mello de Mendoça que quiſeſſe arribar,por que parecia que os elementos todos eſtauaõ conjurados em ſeu dano:& que era temeridade querer ir contra a ira de Deos : por que ſegundo auia neceſsidade de homens em Diu , milhor era pouparemſe pera outra conjũçaõ, que deixaremſe morrer por teima. Luis de Mello de Mendoça, muito ſeguro,& ſem moſtras de algum receo os esforçou,& animou,dizẽdolhes.

Esforçados companheiros naõ vos eſpantem eſtas carrancas , por que algũa couſa he neceſſario que ſoframos pera chegarmos a ſocorrer á fortaleza d'Elrey . A honra naõ ſe ganha ſem riſcos & perigos: com tempo quieto & brando,pouco auia que nos agardecer.Eſta he a meſma galueta em que meu primo Antonio Moniz Barreto paſſou eſte meſmo golfo:& eſtas meſmas tempeſtades,pois nos que me nos temos que elle,que naõ paſſemos por onde o elle fez ? & ainda que naõ fora pella honra que pretẽdemos ganhar, ſó pella infamia em que cairemos, vendonos arribar de medo, nos auiamos de arriſcar a mores perigos : andar por diante,& vá Deos com noſco, que elle nos encaminhará.

Todauia , como a galueta era muito pequena,& os mares taõ ſoberbos & grandes,deixandoſſe vẽcer delles,ficou adornada,& quaſi ſubmergida . Luis de Mello de

Mendoça

Mendoça acodio com os companheiros aos baldes, com que começaraõ a lançar a agoa fora,naõ largando os homens o leme, & a eſcota: & quis Deos que tornou a ſordir a galueta, indo todos a os baldes, deitando a agoa ao már com grandiſsimo trabalho, por q̃ ſe a lançauaõ por vm bordo, tornaualhes a entrar por todos. Vendo os ſoldados vm tamanho perigo,requereraõ a Luis de Mello de Mendoça que arribaſſem: mas elle diſsimulou, mandandolhes que trabalhaſſem. Vendo elles tamanha contumacia, falaraõſe em ſegredo vns com os outros,& determinaraõ de lho fazerem fazer por força.

Diſto foi elle auiſado por vm Gomez de Coadros, de ſua obrigaçaõ,& diſsimulando ſe foi ás armas,& as tomou todas,& as meteo em vm pequeno payol: & poſto em cima delle com hũa eſpada nua na maõ, diſſe com grande colera.

Ninguem ſeja ouſado de falar em arribarmos, por que eu ou ei de morrer,ou ei de chegar a ſocorrer a fortaleza d'Elrey: por iſſo cada vm trabalhe por ſe ſegurar, & naõ temer, que Deos irá comnoſco: & folgai todos de paſſardes comigo a ventura que eu paſſàr: pois naõ tendes que perder mais que eu: & ſe paſſardes riſcos,& perigos: os Portugueſes aſsi ſeruem o ſeu Rey,& pera vencerem todos os trabalhos naceraõ: por iſſo naõ ſejamos ſós os que nos deixemos vencer delles, acuda cada vm ao que lhe he encomendado, & vamos por diante.

Com iſto ſe callaraõ todos, & foraõ trabalhando com os baldes todo o dia & toda a noite. Ao outro dia ja ſobre a tarde, nauegãdo ſempre por baixo da agoa chegaraõ a auer viſta da fortaleza.

Ceſſem aqui os encarecimentos das nauegaçoens de Vliſſes, & de Eneas, que aquelles famoſos Poetas Homero, & Virgilio tanto celebraraõ, em verſos ſuaues & brandos: que iſto que aſsi toſcamente eſcreuemos deſtes noſſos Portugueſes,paſſa por tudo quãto elles fabularaõ.

Tanto que os da galueta viraõ a fortaleza, aſsi ſe alegraraõ como homens que reſuſcitaraõ, & demandando a barra entraraõ por ella com grande riſco & perigo, & foraõ ſorgir á couraça, por onde foraõ recolhidos dentro, & recebidos do capitaõ, & de todos os mais,com muito grande aluoroço. Luis de Mello de Mendoça affirmou ao capitaõ que dom Aluaro de Caſtro teria ja dado a vela, & que naõ tardaria dous dias. Foi eſte fidalgo com ſeus ſoldados poſto no baluarte Sanctiago, de que os imigos tinhaõ ganhado a mayor parte. Ao outro dia que foraõ vinte do mes d'Agoſto, chegaraõ dom Iorge & dom Duarte de Meneſes,

neſes, (que naõ paſſaraõ menos riſcos & trabalhos q̃ Luis de Mello de Mendoça) que foraõ recebidos com grande alegria de todos, & apoſentados no meſmo baluarte.

Com a vinda deſtes tres fidalgos ficaraõ os da fortaleza mais deſaliuados. O capitaõ deſejou de feſtejar os nouos hoſpedes, por q̃ lhes ſintio deſejo de prouarem a maõ com os imigos: & quis que ao dia ſeguinte cometeſſem lançalos fora do baluarte, & pera iſto deu recado a todos, pera que eſtiueſſem preſtes, querendoſſe tambem elle achar em peſſoa naquelle negocio. Tãto que amanheceo ſe foi dom Ioaõ Maſcarenhas ao baluarte com alguns companheiros que dos outros eſcolheo, & cõ todos os mais que nelle eſtauaõ cometeo os Mouros com taõ grãde determinaçaõ, que com morte de muitos delles lhes ganhou os valos que tinhaõ feitos, & os lãçou fora. Rumecan teue logo auiſo d'aquelle negocio, & acodio ali cõ todo o poder, & tornou a caualgar a eſtancia, ſobre que ouue fazerem ſe couſas notaueis, & muitas mortes dos imigos, que tudo faziaõ á cuſta das vidas dos ſeus.

Rumecan tanto que tornou a ganhar aquella parte, deu vm geral aſſalto á fortaleza, cometendo todas as eſtancias, que lhe foraõ defendidas com o valor & esforço acoſtumado, fazendo os noſſos, q̃ tinhaõ chegado de refreſco, couſas muito pera ſe eſcreuerem & imitarem. Eſtando eſte negocio da batalha na força do mayor conflicto, ſe começou a eſcurecer o ſol, & a ſe cobrir o ár de nuuens mũy groſſas, & eſpeſſas, que ſe desfizeraõ em grandes chuueiros ſobre a fortaleza. Vẽdo os Mouros aquella terribel trauoada, & que por cauſa da agoa lhes naõ podia empecer o fogo dos noſſos, (que era o que elles mais receauaõ) remeteraõ mũy determinadamente com os baluartes pera os ganharem: mas os Portugueſes á eſpada & lãça lhes tiueraõ o encontro com muito valor, matando, & eſpedaçando muitos.

Dom Duarte, dom Iorge de Meneſes, dom Franciſco d'Almeida, Antonio Moniz Barreto, Garcia Rodriguez de Tauora, & outros fidalgos & caualeiros, fizeraõ taõ altas proezas, que muitos dos imigos deixauaõ de pelejar pellos verem. O capitaõ correndo todas as partes, & deixando as prouidas, acodio ao baluarte Sanctiago, que eſtaua em mór trabalho: & metẽdoſſe antre todos, animandoos, & esforçandoos, pelejou vm eſpaço grande, em que os noſſos apertaraõ tanto com os imigos, que os fizeraõ afloxar. Dom Ioaõ Maſcarenhas naõ lhe conſintindo o coraçaõ, nem a obrigaçaõ de ſeu officio, deterſe ali muito, fazendo ſuas lembranças áquelles fidalgos,

& caualeiros, tornou a correr as mais estãcias, pera ver com o olho tudo, & prouer no de que ouuesse necessidade: & em todas achou a batalha muito trauada. A fortaleza toda em roda se desfazia em gritos, alaridos, golpes, & estrondos de instrumentos: em fim que tudo era confusaõ. Durou este cõflicto (que foi o mayor de todos os em que aquelles cercados se viraõ) seis horas, a te que o tempo começou a abrir, & o sol tornou a aparecer.

Os Portugueses tornaraõse aproueitar das panellas de poluora, ou das telhas, com que fizeraõ hũa grande & espantosa destruiçaõ nos imigos, que por honra sustentauaõ os lugares á custa das vidas, a te q̃ de todo anoiteceo, que se recolheraõ. Ficaraõ d'esta feita mortos aos pes dos baluartes, coatrocentos, a fora mais de mil que foraõ feridos: & da nossa parte morreraõ alguns, que auiaõ de ser sem nome, por que naõ lhos achamos. Esta noite passaraõ todos os da fortaleza com grande vigia: & ao outro dia em amanhecẽdo entraraõ pella barra os nauios de dom Antonio de Tayde, & Francisco Guilherme, que rompendo a braueza, a força, & impeto dos mares, & ventos, alagados muitas vezes passaraõ sempre adiante, a te descobrirem as torres da fortaleza: que foi pera todos causa de grande aluoroço. Foraõ estes fidalgos recolhidos pella couraça, & postos nos baluartes saõ Ioaõ, & saõ Thome: & affirmaraõ que ao outro dia seria ali dom Aluaro de Castro, com o que mostraraõ por cima dos muros grandes sinaes de alegria, tangendo, & foliando, cousa que os mais dos dias faziaõ acabados os assaltos, pera se alegrarẽ, & alentarem.

## CAPITVLO IIII.

*De outros assaltos que os Mouros deraõ â fortaleza: & de vm muito arriscado feito que que cometeo Antonio Correa por tomar hũa espia, em que foi catiuo. E do grande & aspero martyrio que recebeo.*

VENDO Rumecan q̃ começauaõ a chegar os socorros da India, & que em todo o inuerno naõ tinha feito cousa algũa, estando a fortaleza arrazada, & com taõ pouca gente, & que tinha perdido perto de cinco mil homens: começaraõno a entrar mũy grandes desconfianças d'aquelle negocio: por que bem entendeo que como fosse tempo milhor, auiaõ de vir muitos socorros, & ainda a pessoa do Gouernador: & que como elle chegasse, naõ se auia de deixar

estar

eſtar cercado, antes o auia de ir buſcar a ſuas eſtancias. Cauſauaõ lhe eſtes diſcurſos muito grande malenconia, & triſteza, que elle diſsimulaua o milhor que podia, pellos ſeus o naõ entenderem, & naõ ſe lhe irem, & todauia parecẽdolhe que era obrigaçaõ proſeguir naquelle negocio, mandou fazer hũa grande mina no lanço do muro que ya do baluarte ſaõ Ioaõ a te a guarita de Antonio Paçanha: & começandoſſe a obra foi ſintida dos noſſos. O capitaõ acodio com muita preſſa a fazer ſuas contraminas, & repairos: & outro muro muito groſſo pella banda de dentro, em que trabalhauaõ todos os fidalgos & caualeiros de miſtura, com as honradas matronas.

Os Mouros acabada a mina deraõlhe fogo, & arrebentando deu com o muro pera fora, ficando o q̃ eſtaua feito pella banda de dentro: & ao dar do fogo remeteraõ pera entrar a fortaleza por ali, cuidando ficaſſe tudo aberto, mas achandoſſe com outro muro diante, voltaraõ com todo o poder pera a guarita de Antonio Paçanha, que com a furia do fogo cayo vm bom pedaço: & poſto que á cometeo brauiſsimamente, fez pouco, por que os noſſos lha defenderaõ de feiçaõ, que com grande dano ſeu os fez afaſtar. Em quanto iſto durou, das eſtancias dos imigos bateraõ toda a fortaleza em roda: & como todos os baluartes eſtauaõ razos, cairaõ tantos pilouros dentro, que parecia q̃ chouiaõ, ſem fazerem dano algum nos noſſos, o que ſe notou á milagre: auẽdo que Deos os fauorecia, & tinha os olhos nelles, & aſsi ſe lhes encomendaraõ de coraçaõ: & andauaõ todos taõ contritos, & arrependidos de ſeus peccados, que era grande conſolaçaõ pera elles.

Eſte dia ficou eſte aſsi, recolhẽdoſſe os imigos tambem arrezoadamente eſcalaurados. Rumecan blasfemaua de Mafamede, vendo tantos maos ſoceſſos, & como deſeſperado tornou ao outro dia cometer a fortaleza com todo o poder, fazendoo elle em peſſoa ao baluarte ſaõ Thome, tendo dado recado, que em quanto elle o cometia, ſe bateſſem as outras eſtancias, como fizeraõ. Os imigos remeteraõ com o baluarte com grãde determinaçaõ, trauandoſſe antre elles, & os noſſos, hũa mũy aſpera batalha, em que elles naõ receauaõ perder as vidas, por que como brutos ſe metiaõ pellas armas dos noſſos. E tanto porfiaraõ que ſobiraõ ao baluarte, & tornaraõ a ganhar aquella parte que ja tiueraõ, a onde aruoraraõ ſuas bandeiras. D'ali começaraõ com os noſſos a mais aſpera & cruel batalha que ſe vio, lançando os Mouros tanto fogo ſobre os de dentro, que os abrazaraõ a todos.

Antonio

Antonio Moniz Barreto, que aqui fez grandes marauilhas, ficou todo ardẽdo em chamas ſem largar o lugar, (o que todos fizeraõ pera ſe irem banhar nas tinas da agoa) naõ ficando ali mais que elle, & dous ſoldados que pelejaraõ como lioens: & todauia apertou tanto o fogo com Antonio Moniz Barreto, que ſe foi ſaindo pera ir buſcar as tinas da agoa. Vm d'aquelles ſoldados, que tãbem eſtaua abrazado, fazendo façanhas nunca imaginadas, vendo afaſtarſe Antonio Moniz Barreto: tomou o por vm braço dizendolhe, que he iſto ſenhor Antonio Moniz, a onde ides, & deixais o baluarte d'Elrey? Naõ deixo reſpondeo elle, mas eſtou ardendo viuo, & vou áquellas tinas pera matar eſte fogo. O ſoldado lhe diſſe: em quanto as maõs eſtaõ ſans, & podem pelejar, tudo o outro he nada, tornay ſenhor a voltar, naõ acabem os Mouros de ganhar eſte baluarte. Antonio Moniz Barreto vendo o esforço do ſoldado, voltou, & ſe pós junto delle, tornãdo a pelejar como ſe entrara de nouo n'aquelle lugar.

Aqui eſteue a couſa de todo per dida, por q̃ os imigos, q̃ a cada mo mẽto eraõ ceuados de outros de re freſco, apertaraõ tanto com eſſes poucos q̃ auia no baluarte, q̃ ſempre acontecera vm grande deſaſtre, ſe áquella hora naõ acodiraõ alguns dos noſſos de refreſco, que apertaraõ com os imigos de feiçaõ, que os lançaraõ fora, (fazendo aquelles dous ſoldados, a que naõ achamos os nomes, taes couſas, que paſmou Antonio Moniz, principalmente aquelle que o deteue, a quem elle leuou nos braços depois do combate paſſado, dizẽdolhe palauras de grandes louuores: pedindolhe que quando ſe elle embarcaſſe pera o reino ſe foſſe com elle, que o apreſentaria a Elrey, & lhe diria ſeus feitos, & o faria deſpachar, & aſsi foi q̃ quando Antonio Moniz Barreto chegou ao Reino, o deſembarcou comſigo, & o entregou ao Iffante dom Luis, contandolhe tudo o que com elle lhe acontecera. O Iffante o tomou por ſeu, & lhe fez dar a feitoria de Baçaim, que elle naõ ſiruio por morrer primeiro, & ficou ſempre conhecido pello ſoldado do fogo.)

O que ſe mais louua em Antonio Moniz Barreto, foi a confiança com que contou a Elrey, & ao Iffante, o como o ſoldado o fizera tornar pera o baluarte, indo elle buſcar as tinas da agoa: & que ſem duuida o baluarte ſe perdera, ſe o ſoldado naõ fora. E com eſte homem ſer por iſto dino de outro taõ honroſo ſobre nome, como os Romanos deraõ a Manlio Capitolino por defender o Capitolio a os Gallos, foi o deſcuido Portugues tal, que nem nome, nem ſobre nome ficou delle.

E tornando a noſſa hiſtoria, lãçados os Mouros do baluarte ficaraõ no entulho de fora,de tras dos repairos que tinhaõ feitos, & d'ali as lançadas,& eſpingardadas,pelejauaõ cõ os noſſos todo o dia, ſem tomar deſcanſo. O capitaõ mandou repairar o baluarte, & fazer hũa parede alta & groſſa,com q̃ os noſſos ficaraõ mais ſeguros.

Ao outro dia depois q̃ iſto paſſou, mandou o capitaõ a Antonio Correa q̃ foſſe em vm catur ligeiro á outra banda, & q̃ trabalhaſſe por tomar algũa eſpia, pera ſe informar do que determinaua Rumecan.Embarcado Antonio Correa no coarto da modorra com vinte ſoldados paſſouſe á outra bãda em grande ſilencio, & chegouſe á terra, pera ver ſe ſintia algũa gente,a onde eſtiueraõ a te de madrugada que ſe recolheraõ ſem fazer couſa algũa:& por eſta maneira foraõ cinco noites, ſem fazer preza algũa, do que Antonio Correa andaua triſte. E dizendolhe hũas vigias de vm dos baluartes da fortaleza, que viaõ todas as noites vm fogo no cabo da ilha, determinou de ir ver o que era. E ſaindoſſe pella barra fora foi coſteandoſſe a terra no môr ſilencio que pode: & chegando áquella parte vio o fogo: & pondo á proa em terra vm pouco deſuiado, ſaltou nella ſó com hũa eſpada & rodela, & foi muito encubertamente demandar o fogo: & ſendo perto vio eſtar doze Mouros aſſentados derredor de hũa fogueira aquentandoſſe: o que muito bem pode diuiſar, por que a labareda os deſcobria todos: & voltando pera o catur chamou os ſoldados, & tornou pera dar nelles: & chegando perto viraõ ainda os Mouros. Antonio Correa diſſe aos companheiros muito paſſo, aqui temos boa preza, vamos por duas partes,dez por cada hũa: & demos nelles de ſupito, & tomemos dous as maõs, & todos os mais ſe metaõ a eſpada. Os vijs ſoldados tanto que aquillo viraõ perderaõ o animo,& a vergonha, & diſſeraõ que aquelle negocio era muito arriſcado, que elles naõ queriaõ cometer couſa duuidoſa:por que pella ventura ſeriaõ os Mouros muitos mais que eſtariaõ por ahi derredor que acodiriaõ, & nenhum delles eſcaparia com vida, & ſem eſperarem rezaõ algũa voltaraõ pera o nauio.

Vendo Antonio Correa tamanha infamia & couardia em Portugueſes, couſa taõ alhea delles, magoado d'aquelle negocio, que lhe acrecentou a ira, & furor: encomẽdouſe a Deos,& determinou de cometer os Mouros. E indoos demãdar mũy agachado, ſendo ja perto deu de ſupito nos que alcançou com grandes gritos pera os eſpantar, & ferio alguns bem a ſua võtade. Os Mouros ſobreſaltados eſpertandoos a dór das feridas,

leuaraõ

leuaraõ das armas, & começaraõ de se defender, & vendo q̃ era vm só homẽ, ficaraõ como pasmados, & rodeandoo o começaraõ a perseguir: mas o esforçado caualeiro naõ desmayando, nem temendo cousa algũa, com sua espada & rodela se pós em defensaõ, saltando a hũa & a outra parte mũy ligeiramente, ferindo aos imigos de feridas mortaes. Mas como era vm só, & a briga durou muito, começaraõlhe a faltar as forças, & sobejandolhe o animo: Os Mouros sintindoo enfraquecer, remeteraõ a elle & o liaraõ todos, bracejando elle, mordendo, & fazendo cousas de que os Mouros pasmaraõ. E como desejauaõ de o leuar viuo a Rumecan, o ataraõ, ainda q̃ com bem de trabalho: & com grandes tangeres, & festas o leuaraõ a cidade, & lho apresentaraõ, contandolhe as façanhas que lhe viraõ fazer, mostrando os mais delles muitas & mũy disformes cutilladas q̃ lhe elle deu.

Rumecan o estimou muito, & lhe perguntou pello estado da fortaleza, & que gente tinha, & se se esperaua cedo pello socorro de Baçaim: & se auia nouas de se o Gouernador fazer prestes pera vir socorrer a fortaleza, & por outras muitas cousas. Antonio Correa lhe respondeo a tudo muito differẽte do q̃ o Mouro desejaua, affirmandolhe q̃ na fortaleza auia coatrocẽtos homẽs, & q̃ tinhaõ de refresco muitas muniçoẽs, & q̃ a te o outro dia se espera pello filho do Gouernador, q̃ ja era partido de Baçaim cõ seiscẽtos homẽs, & q̃ o Gouernador em Goa fazia hũa grande armada, & que esperaua pellas naos do reino pera se embarcar, & que sempre traria de ventagem de coatro mil Portugueses, & outras cousas desta sorte, de q̃ Rumecan ficou taõ agastado, que o mandou amarrar ao cabo de vm caualo, & tanto que amanheceo o mandou leuar arrastando pella cidade, pera que todos o vissem, & depois lhe mandou cortar a cabeça.

Todos estes martyrios sofreo o caualeiro de Christo com grande paciẽcia, & cõ o coraçaõ todo em Deos, pedindolhe misericordia, & perdaõ de seus peccados, offerecẽdolhe por elles aquelles tormẽtos & morte, q̃ por hõra de sua sancta fé passaua. E de crér he que sua alma subiria banhada no quẽte sangue a gozar da gloriosa coroa de martyrio, & seria recebida antre os bemauenturados. Sua cabeça foi posta em hũa lãça defrõte dos nossos baluartes saõ Ioaõ, & saõ Thome, onde foi vista tanto que amanheceo. Os vijs & fracos soldados q̃ o deixaraõ, se foraõ meter no nauio, & esperãdo por elle a te amanhecer, vẽdo q̃ tardaua deraõ á vela pera a fortaleza, a õde chegaraõ ao mesmo tẽpo q̃ a cabeça do seu valẽte & esforçado capitaõ aparecia posta na lãça, acõpanhada d'a-

quella infernal turba,q̃ com vozes gritas,& tangeres,mostrauaõ o cõtentamento d'aquella vitoria.

A cabeça foi logo conhecida dos baluartes, & causou em todos hũa grande tristeza,principalmente no capitaõ por perder vm tal,& taõ esforçado companheiro nos trabalhos d'aquella fortaleza. O nauio chegou á couraça, & os soldados se recolheraõ dentro, de quem o capitaõ soube logo a verdade,particularmente de vm delles,que lha cõfessou asi como passara, ficando admirado de tal socesso: por que aquelles homẽs em todo o discurso do cerco tinhaõ feito façanhas, & recebido por muitas vezes muitas feridas: & todauia naõ os quis ver, por que o tempo naõ estaua pera proceder em outra forma contra elles: deixandolhes por castigo a infamia com que ficaraõ, que elles purgaraõ assas bem,depois nos assaltos, asinalandosse diante de todos, & morrendo alguns de muitas feridas que lhes deraõ nos lugares em que estauaõ, sem os quererem largar.

## CAPITVLO V.

*De algũas cousas que mais socederaõ. E do que aconteceo na viagem a dom Aluaro de Castro. E de vm grande motim que ouue dos Portugueses cõtra o capitaõ.*

DESTE socesso de Antonio Correa ficaraõ os Mouros taõ soberbos,que se arriscaraõ alguns a fazerem sortes: como foi vm que ao outro dia determinou de tomar hũa bandeira, que estaua aruorada em hũa guarita, que se fazia antre o baluarte saõ Thome, & Sanctiago: & saindo das estancias só,& muito agachado chegou ao pé da guarita, & sobio pellas quebradas do muro, & chegou ate a bandeira de que ferrou,sem a poder arrancar: & tornou a saltar em baixo, & se recolheo. Como isto foi supitamente feito, naõ tiueraõ os nossos tempo pera lhe atirarem com algũa cousa. O Mouro vendo o pouco risco q̃ correo, desejoso de leuar aquella bandeira a Rumecan,tornou acometer a mesma sorte,& ja naõ pode ser taõ encuberto,que naõ fosse visto d'alguns soldados de vm d'aquelles baluartes: & vendoo cometer a subida prepararaõ as espingardas, & em elle pegando da bandeira lhe deu vm pilouro pellos peitos de que logo cayo, & acodindo alguns d'aquelles soldados, lhe cortaraõ a cabeça, & a aruoraraõ em hũa lança defronte donde estaua a de Antonio Correa,o que Rumecan sintio muito. Os Mouros que estauaõ no entulho do baluarte saõ Thome, foraõ fazendo muros & repairos cada vez mais pera dẽtro,

tro, a te se fazerem senhores da mór parte delle: & sempre o ganharaõ todo, se o capitaõ com sua muita prudencia, & prouidencia naõ acodira logo com vm bazalisco que mandou leuar á porta da igreija, donde se descobria todo o baluarte, & d'ali mandou bater as estancias, & tranqueiras que os Mouros tinhaõ nelle. O que se fez com tanta braueza, que com poucos tiros lhes poseraõ as paredes por terra, desemparando os Mouros o baluarte, que o capitaõ man dou reformar o milhor que pode ser.

E deixaremos estas cousas por vm pouco, por que he rezaõ torne mos a dom Aluaro de Castro: que depois de reformar sua armada muito bem, logo d'ahi a dous dias, depois que partiraõ dom Iorge, & dom Duarte de Meneses deu elle á vela, com cincoenta nauios que ajuntou com os das fortalezas de Chaul, & Baçaim, & começou a atrauessar o golfo: mas como a braueza delle naõ cessaua, & os nauios eraõ grandes, & pejados, naõ podendo sofrer os mares, tornaraõ a arribar em popa, quasi perdidos, & alagados: & foraõ demandar differentes portos: dom Aluaro com a mór parte dos nauios foi ferrar Agaçaim, com todos desaparelhados, & os mantimentos po dres, & alijados ao már. Estaua por capitaõ naquella Tanadaria Luis Xira Lobo, homem fidalgo, que com muita presteza, & diligencia reformou os nauios, & os proueo de todas as cousas necessarias.

Antre os mais nauios que foraõ correndo tormenta pera differentes partes, foi o de que era capitaõ Athanasio Freire: este indo demandar a terra, foise metendo na enceada de Cambaya quasi alagado, & desaparelhado, & em estado que se assentou antre todos, que varassem na primeira terra que podessem tomar, por que era menos mal q̃ deixaremse morrer afogados: & assi foraõ encalhar junto de Surrate, & saindo todos em terra foraõ catiuos da gẽte que acodio, & leuados a Elrey Soltaõ Mahamude, que os mandou meter em hũa masmorra, a onde tinha Simaõ Feo, & outros Portugueses. Ruy Freire feitor de Chaul (que largou o cargo, & se embarcou em vm nauio em companhia de dom Aluaro de Castro com vinte & coatro soldados, & muitos mantimẽtos, & munições, tudo á sua custa) quis sua boa fortuna que o seu nauio sofresse milhor os mares que os outros, & passando a diante foi nauegando aquelle dia & noite com grãde risco & trabalho: & ao outro dia ouue vista da costa de Diu, a que se chegou, & de longo della foi demandar a fortaleza, & entrou pella barra dentro o mesmo dia que socedeo a sorte da bandeira ao Mouro: & sorgindo na couraça

forão recolhidos por ella cõ grande alegria & contentamento de todos. E de Ruy Freire soube o capitão como ja dom Aluaro de Castro vinha cõ toda a armada, por q̃ ainda não sabia de sua arribada. Isto causou em toda a fortaleza grandes aluoroços, fazendosse tantas festas & alegrias, que se sintirão nas estancias dos Mouros, que logo souberão todas as nouas.

Dom Aluaro de Castro, & dom Francisco de Meneses, tanto que se reformarão em Agaçaim, tornarão a cometer o golfo, que ainda acharão colerico & furioso, mas passando por todos os inconuenientes, rompẽdo por riscos, & por perigos, forão auer vista da outra costa, por junto de Mãdrefaual: & juntamente ouuerão vista de hũa nao d'Elrey de Cambaya q̃ vinha de Ormuz. Dõ Aluaro de Castro pos os nauios em armas, & a foi demandar, & chegando perto lhe atirou hũa bombardada a amainar, o que ella logo fez, cõfiada no saluo conduto que trazia, por que tinha partido em tempo de paz com elle. O capitão da nao tomou o Cartaz, & se embarcou com os officiaes no batel, & se foi ao nauio do capitão mór: elle como os teue dentro os represou, & mandou meter gente na nao, & que lhe leuassem todos os mercadores, que logo se meterão em ferros. Feito isto, despidio logo dom Aluaro de Castro a nao ao Gouernador, pera determinar se era de preza, & meteolhe dentro vm capitão com gente. Esta nao em poucos dias foi tomar a barra de Goa, & os mercadores forão desembarcados presos, & a fazenda tirada, q̃ era muito coral, alcatifas, chamalotes, larins, & outras cousas q̃ tudo montaria perto de trinta & cinco mil pardaos: o que tudo foi a muito bom tempo, pera as despezas da armada que se estaua fazendo prestes.

Dom Aluaro de Castro tanto que despidio a nao, foi sua derrota a te tomar a barra de Diu, por onde entrou com toda a armada que passaua de corenta nauios, fermosissimamẽte embandeirados, dãdo hũa soberba salua de artelharia, cujos pilouros forão dar nas estancias dos Mouros, & por dentro da cidade, a onde causarão assas de temor. Da fortaleza lhe responderão com outra salua mais temerosa, por ser com bazaliscos, aguias, saluagens, & outras peças muito grossas. Dom Ioão Mascarenhas acodio com grande aluoroço á porta, & a mandou abrir pera por ella receber dom Aluaro de Castro, que desembarcou no cais, armado elle & todos os da armada, que serião perto de coatrocentos homens: & á porta da fortaleza foi recebido do capitão, com grandes festas, & aluoroços de todos. Dali foi leuado as roinas do baluarte são Ioão, a onde seu irmão

dom

dom Fernando de Castro acabou a vida, pera que nelle tomasse della mũy grande satisfaçaõ : & ali o aposentaraõ com alguns dos seus capitaens. Dom Francisco de Meneses, foi posto no baluarte saõ Thome, de que sempre foi capitaõ Luis de Sousa, & os mais capitaens se repartiraõ pellas outras estancias. Dom Aluaro de Castro mandou desembarcar os mantimẽtos, & moniçoens que nos nauios vinhaõ, de que ja auia bem de necessidade: & com isto ficou a fortaleza muito differente do estado em que d'ãtes estaua, & com muito perto de seiscentos homẽs, que ja enchiaõ os baluartes & estancias.

Dom Aluaro de Castro, o mesmo dia que chegou despidio o seu nauio com cartas ao Gouernador, em que lhe daua conta de sua chegada, & do estado em que achou aquella fortaleza: & dõ Ioaõ Mascarenhas o fez tambem de todos os socessos passados a te entaõ. Vendosse o capitaõ taõ prospero de gente, dauasselhe pouco ja dos imigos, & quis lhes mostrar quaõ cedo os auia de desenganar de todo: mandando logo assestar tres camellos de marca mayor, em tres estancias fronteiras as dos imigos, & as mandou bater fortemente, & fez nellas tal estrago, que foi forçado a Rumecan fortificarse mais.

E por que nas roinas do baluarte saõ Thome, ficou vm façanhoso bazalisco enterrado, tratou o capitaõ de o tirar, pera o que mãdou ordenar cabrestantes & engenhos, mas nada bastou, por muito que todos trabalharaõ. E vendo que era trabalho em vaõ, mandou o liar com dous viradores grossos, pera o segurarem dos imigos: mas nem isto aproueitou, por que os imigos siruindosse por baixo das ruas & pontes, determinaraõ de acabar de derribar aquelle baluarte: & asi o foraõ solapando pellos fundamentos, a te que arrunhou de todo, & cayo pera muitas partes, ficando o bazalisco suspendido nos viradores. Isto socedeo coatro dias depois da chegada de dõ Aluaro de Castro. Vendo os Mouros todo o baluarte derribado, & o bazalisco dependurado, determinaraõ de o ganhar : & asi saindo de suas estancias com todo o poder, & com os terremotos acostumados, remeteraõ com o baluarte por onde começaraõ a sobir, & outros a dar cabos ao bazalisco por que tiraua muita gente pera o leuarem. Dom Francisco de Meneses que ali estaua de refresco acodio com os seus, & remetendo com os imigos, trauou com elles hũa muito arriscada batalha, trabalhando muito os Mouros por se porem em cima do baluarte: Mas como os nossos pelejauaõ ja mais desafogado, & com mais brio, pello nouo socorro, foi-

lhes muito facil, lançarem os imigos fora do baluarte,& os fizeraõ recolher a ſuas eſtácias, com mortes & feridos de muitos dos Mouros. O capitaõ mandou vigiar ſe auia mina pera prouer niſſo.

Os ſoldados da armada de dõ Aluaro de Caſtro, ouuindo falar em minas,tendo ſabido o deſaſtra do ſoceſſo do baluarte ſaõ Ioaõ, receando acõtecerlhes outra deſauentura, & que todos os baluartes eſtiueſſem minados, ajuntandoſſe quaſi coatrocentos poſtos em armas, juramentaraõſe a ſeguirem todos a voz a vm: & depois ſairaõ pellas ruas com grande motim, & arrogancia,bramindo, & gritãdo, dizendo que naõ auiaõ de ſofrer eſtar encurralados, & viremlhe os imigos tomar as peças d'artelharia dos ſeus baluartes, & que naõ queriaõ morrer debaixo de minas, ſe naõ no campo antre os imigos, como caualeiros. Com eſta vniaõ, & determinaçaõ ſe foraõ a caſa do capitaõ,& com palauras arrogantes,& deſordenadas lhe requereraõ que os deixaſſe ir pelejar no campo com os imigos,& que ſe elle tinha ja ganhado muita honra na defenſaõ da fortaleza,que muito mais ganharia pelejando no campo,& naõ aguardar ali a furia, & braueza do fogo das minas:por que naõ era honra dos Portugueſes morrerem encerrados,& de fome, tendo a vitoria taõ certa como todos eſperauaõ. O capitaõ achouſe embaraçado com aquella vniaõ,a que acodiraõ dom Aluaro de Caſtro,& dom Franciſco de Meneſes, (que ja tinhaõ rebate diſto) pera os apaziguarem, ſem poderem acabar com elles couſa algũa.O capitaõ com muita brandura & manſidaõ lhes pedio ſe quietaſſem,& que o ouuiſſem,& ſe lhes naõ deſſe razoens muito licitas pera naõ cometerẽ o que queriaõ, que elle eſtaua preſtes pera lhes fazer a vontade em tudo. E querendo ir por diante com a pratica lha atalharaõ, começando a bradar, que aquillo era couardia & fraqueza:que ſe elle naõ queria ſair ao campo, que elles elegeriaõ antre ſi capitaõ que os guiaſſe,por que naõ auiaõ de ſofrer tanta ſoberba aos imigos, que tenhaõ ouſadia pera lhes leuarem as peças d'artelharia de dentro do baluarte, por que ao outro dia tentariaõ outra couſa de mór afronta, & vituperio pera elles. Vendo o capitaõ aquelle deſatino, diſſe que ſe foſſem quietar, que elle lhes faria as vontades contra a ſua,& contra o ſeruiço d'Elrey, & que ſe fizeſſem preſtes pera o outro dia pella menham,que elle os meteria a onde ſe arrependeſſem. Com iſto ſe foraõ recolhendo, ficando o capitaõ aſſombrado d'aquelle negocio: por que via quaõ arriſcado era. Todo aquelle reſto do dia, & toda a noite trabalharaõ dom Aluaro de Caſtro, & dom Franciſco de

de Meneſes, & o padre Vigairo, com os mais fidalgos, & capitaens pera os moderar, ſem os poderem mouer de ſua pertinacia. Bem differente do que fizeraõ aquelles valentes ſoldados Romanos, que aleuantados contra o ſeu Dictador, Quinto, Fabio, Maximo, pera que deſſe batalha a Anibal, com outra ſemelhante arrogancia & ſoberba á deſtes noſſos Portugueſes: & dándolhes o bom velho Fabio ſuas rezoens, & apontandolhes os inconuenientes que tinha pera naõ romper batalha com os imigos, tiueraõ tanta força & auctoridade ſuas palauras, que os ſogeitaraõ, moderaraõ, & apaziguaraõ de todo. Por que as leys da diſciplina militar, que antre nos falece, os trazia mũy enfreados. E ſe antre as virtudes que os Portugueſes tem, como ſaõ fortaleza, valor, & fidelidade, tiueraõ eſta da diſciplina militar, & da obediencia na guerra, poderaõ fazer em tudo ventagem áquelles antigos Romanos, & ainda a todas as mais naçoens do mundo. Nem ſe pode negar que eſte motim deſtes Portugueſes, foi hũa temeridade guiada de ſeus esforçados & grandioſos animos, que lhes fazia parecer que tudo pera elles era pouco, & facil.

(·:·)

## CAPITVLO VI.

*De como dom Joaõ Maſcarenhas por deſconfiança ſayo a os imigos, & lhes ganhou as primeiras eſtancias, & a parede: & os cometeo no campo a onde foi desbaratado, & morto dom Franciſco de Meneſes, & outros fidalgos.*

AO outro dia tanto que amanheceo, armandoſſe os ſoldados do motim ſe foraõ juntos ao terreiro da fortaleza, chamando a altas vozes pello capitaõ, & pedindo batalha, com palauras mũy ſoberbas, & deſordenadas. Dom Aluaro de Caſtro, & dom Franciſco de Meneſes, acodiraõ logo pera os quietarem com branduras, mimos, & promeſſas, o que tudo era pior: por que quanto mais lhes diziaõ, tanto mais deſtemperados ſe moſtrauaõ. O capitaõ entrandolhe a deſconfiança, diſſe a dom Aluaro de Caſtro, & a dom Franciſco de Meneſes: Ora em fim ſenhores façamoslhes as vontades, & encomendemonos a Deos. E encarregando as eſtancias a ſeus capitaens repartio por ellas cem homens: & de todos os mais, que eraõ perto de quinhentos, fez tres batalhas, dando as duas a dom Aluaro de Caſtro, & a dom Franciſco de Meneſes,

neſes,& a outra tomou pera ſi. E poſtos em ordem ſairaõ da fortaleza pello poſtigo,& remeteraõ cõ as eſtancias, que os imigos tinhaõ á boca da caua, & aos primeiros encontros as ganharaõ com mortes de muitos Mouros, fogindo os mais pera o exercito, indo os noſſos a pos elles. E chegando as paredes (que eſtauaõ ja com as portas fechadas)as começaraõ a ſobir. Dom Aluaro de Caſtro pedio a Iorge de Mendoça,& a ſeu irmaõ Luis de Mello, que o ajudaſſem a ſobir ao muro, & que tiueſſem o olho nelle,o que elles fizeraõ pondoo em cima,& elles logo a pos elle ſaltaraõ da outra banda.O meſmo fez dom Frãciſco de Meneſes com os mais da ſua cõpanhia,ſendo os primeiros Antonio Moniz Barreto,Garcia Rodriguez de Tauora, dom Iorge, & dom Duarte de Meneſes, dom Franciſco,& dõ Pedro d'Almeida irmaõs, & outros fidalgos & caualeiros, que foraõ com grande determinaçaõ pera darem no exercito.

Rumecan,Iuzarcan, & Mojatecan,acodindo cõ ſeus eſcoadroens fora,deraõ com os noſſos, começandoſſe antre todos hũa muito aſpera batalha,mũy deſarranjada, & ſem ordem algũa da noſſa parte. Dom Franciſco de Meneſes tinha ajuntado a ſi a mór parte do ſeu eſcoadraõ, com que cometeo os imigos pello alto do jogo da bolla,(por que ali foi a batalha)& rompendo nelles com grande furia & força,animando, & esforçãdo os ſeus, foraõ fazendo grande deſtroço nos Mouros. O capitaõ cõ o guiaõ de Chriſto que ya vm pouco atras,chegou as paredes vm eſpaço pequeno, depois de dom Aluaro de Caſtro,& dom Franciſco de Meneſes eſtarem ja da outra banda,& achou os principaes ſoldados do motim embaraçados nas paredes,& ſem as ouſarem a ſobir: por que des que viraõ a groſſura & altura dellas ficaraõ como paſmados. Elle vendo os aſsi chegou a elles dizendo alto: Que he iſto,ouſados & atreuidos nas palauras,& taõ timidos & couardes nas obras? que do voſſo brio, & arrogancia,ou pera milhor dizer,o voſſo mal conſiderado esforço?como naõ ſobis eſſas paredes? que medo he o que vos ata as maõs, tendo á taõ pouco a lingoa taõ ſolta? ſeguime que eu vos guiarey a onde eſtaõ os imigos, & quero ver ſe os achaes taõ fracos como dizeis. E cometendo as paredes as ſobio,ſeguindoo todos mais por vergonha que por vontade (bem arrependidos do que tinhaõ cometido.) E ſaltando da outra banda cometeraõ os imigos, que andauaõ barralhados com dom Aluaro de Caſtro: & com aquelle primeiro impeto os arrancaraõ vm pouco do campo. Dom Franciſco de Meneſes,que pella parte de cima pelejaua,tendo feitas muitas couſas di-

nas

nas de quem era, & muito grande estrago nos Mouros: parece que enuejosa a fortuna de sua virtude & esforço, ordenou que lhe desse vm pilouro de vm arcabuz, que o passou de parte a parte, desbaratãdo em vm muito pequeno momento taõ grandes forças, & taõ honrosos pensamẽtos. Os seus em o vendo cair logo se foraõ retraindo desordenadamente. Dom Aluaro de Castro na parte em que pelejaua, carregaua sobre elle vm grande escoadraõ, & foraõ tantas as espingardadas & frechadas sobre os seus, que lhe cayraõ muitos, & a mór parte dos outros começaraõ a perder o campo. Vendosse dom Aluaro perdido se foi recolhendo pera as paredes com o rosto nos imigos, pelejando sempre com muito valor & esforço. Vendo Iorge de Mendoça a cousa taõ arriscada (posto que tinha hũa espingardada em hũa perna) tomou dom Aluaro de Castro nos braços, pera o por encima da parede, mas a fraqueza lho naõ deixou fazer, & todauia acodiolhe seu irmaõ Luis de Mello, que o ajudou a sobir. Neste trance deraõ a dom Aluaro de Castro hũa pedrada na cabeça, de que cayo da outra banda atordoado. Luis de Mello pós tambem o irmaõ em cima da parede, ficando embaixo elle, Antonio Moniz Barreto, Garcia Rodriguez de Tauora, & outros fidalgos, que fizeraõ cousas notaueis, sustentando o impeto dos imigos, em quanto os outros sobiaõ. Aqui deraõ hũa espingardada em Luis de Mello de que cayo, mas foi logo aleuantado pellos companheiros, & posto em cima da parede, & recolhido, & leuado á fortaleza, & depois foi morrer a Chaul da ferida. O capitaõ na parte em que andaua, teue logo auiso da morte de dom Francisco de Meneses, & do desbarato de dom Aluaro de Castro: & no mesmo tempo lhe gritou vm soldado, que acodisse á fortaleza, que era tudo perdido, primeiro que os Mouros entrassẽ nella: & tomando estas nouas com grande paciencia & animo tocou logo a recolher.

Os seus tanto que souberaõ d'aquella desauentura começaraõ a se por em disbarato. Vendo elle a desordem com que alguns se recolhiaõ, acodio a isso, dizendo:

Que he isto soldados, que vergonha he essa? como arriscais assi a fama Portuguesa por vm pequeno temor da morte? a onde vos ides? esperais de vos saluar deixãdo o vosso capitaõ no campo? Tornai valerosos caualeiros, & seguime, que oje auemos de alcançar hũa famosa vitoria: & com isto voltou a ter o encontro aos imigos, que carregauaõ sobre elles como homens vitoriosos. O capitaõ com alguns que o seguiraõ, fizeraõ aqui tudo o que se podia esperar de seu animo & esforço, matando, & derri-

& derribando muitos dos imigos. Aqui mataraõ dom Frãcisco d'Almeida de hũa arcabuzada, tendo feito por seu braço cousas muito notaueis. Dom Ioaõ Mascarenhas vẽdo tudo perdido, andaua como liaõ brauo antre os imigos, com o rosto cheyo de pó, & suór, as armas todas banhadas em sangue, & cortadas por algũas partes, a espada ja sem fios de cortar pellas armas dos imigos: & gritãdolhe vm soldado que se recolhesse por que tudo se perdia, elle o fez com grãde magoa, & dór de seu coraçaõ, leuando os seus mũy bem ordenados, & o rosto sempre nos imigos. Os da companhia de dom Aluaro de Castro, que pelejauaõ encurralados ao muro: fizeraõ todos cousas dinas de muito mayor escritura, por que alı carregou Rumecan com o seu escoadraõ, apertando tanto com elles, que encrauaraõ nas paredes Ruy Freire, Francisco Guilherme, & outros: os mais ajudandosse vns aos outros o milhor que poderaõ sobiraõ o muro. Lopo de Sousa ficou a hũa parte cercado de vm corpo de Mouros, & elle em meyo de todos como liaõ feroz, ferindo a hũa & a outra parte, a te que lhe deraõ com vm dardo de arremesso pollos peitos de que cayo morto. Antonio Moniz Barreto, Garcia Rodriguez de Tauora, dom Duarte, & dom Iorge de Meneses, (que trazia desassete feridas, que o furor lhe naõ deixaua sintir) com outros fidalhos & caualeiros, com o rosto nos imigos & as costas na parede, fizeraõ cousas admiraueis, & naõ esperadas de taõ poucos homens, & taõ cansados, ficando todos em barreira ás frechas dos imigos, de que todos estauaõ bem empenados, & todauia tinhaõ diante de si vm monte de mortos.

Rumecan vendo todos os nossos desbaratados, mandou a Mojatecan, que com cinco mil homẽs fosse demandar a fortaleza, & se metesse nella, por que os que escapassem da batalha naõ tiuessem a onde se acolher, & asi acabassem todos. Mojatecan foi pello muro adiante a te hũa porta que mãdou abrir por onde sayo, & foi demandar o baluarte saõ Thome, cuidãdo que estiuesse sem gente: mas Luis de Sousa com seus companheiros o começaraõ a fostigar de bombardadas & espingardadas, de que lhe mataraõ muitos. O capitaõ foi logo auisado d'aquelle negocio, & recolheose pella bãda da praya em muito boa ordem, voltando aos Mouros de quando em quando, fazendoos afastar a te terem lugar pera caualgarem as paredes, & de cima com a arcabuzaria varejaraõ o campo, pera todos os mais terem tempo de se recolherem, como fizeraõ: & na ponte acharaõ a gente da companhia de dom Aluaro de Castro, que estauaõ fauorecendo os q̃ chegauaõ.

Aqui

Aqui soube o capitaõ, como dom Aluaro de Castro era recolhido na fortaleza com a cabeça taõ mal tratada, que auiaõ todos que naõ escaparia, o q̃ elle sintio em estremo. E recolhendosse á fortaleza mũy anojado foi ver dom Aluaro de Castro, que achou curandosse, & sem fala: encomendãdo ao Suruijaõ, tiuesse muito grande conta com sua cura, & com a de todos os mais feridos, que foi ver curar.

Ficaraõ d'esta caualgada mortos dos nossos, trinta, em que entraraõ os fidalgos que ja nomeamos, & setenta mal feridos, todos capitaens & fidalgos, em que entraua Nuno Pereira, que ficou pior que todos. O capitaõ quisera morrer de paixaõ do feito, & segundo a cousa esteue arriscada, ainda lhe fez Deos mũy grande merce, em se naõ perder de todo. No baluarte saõ Thome pelejauaõ com Mojatecan brauissimamente: & acodindo os que escaparaõ da batalha o fizeraõ recolher com muitos dos seus menos, & feridos.

## CAPITVLO VII.

*De como os Mouros ganharaõ as peças da artelharia do baluarte saõ Thome. E de como Rumecan mandou fazer hũa noua cidade junto da nossa fortaleza. E das naos que este anno de corenta & seis partiraõ do Reino, de que era capitaõ môr Lourenço Pirez de Tauora. E de como dom Manoel de Lima chegou a Goa. E das nouas que deraõ ao Gouernador dos socessos de Diu, & do socorro que mandou.*

AO outro dia depois que passou o triste & desauenturado socesso, achandosse mal Nuno Pereira, pedio licença ao capitaõ pera ir morrer a Goa, a sua casa: a onde era casado de pouco, & rico, & dandolha se embarcou no seu nauio, & se fez á vela: escreuendo dom Ioaõ Mascarenhas ao Gouernador o socesso passado, pedindolhe que se apressasse ao ir socorrer: & de sua viagem adiante daremos rezaõ.

Rumecan vẽdo a grãde vitoria q̃ alcãçou dos Portugueses, ficou taõ soberbo, que ja lhe naõ daua da vinda do Gouernador, & logo mãdou proseguir na obra do baluarte saõ Thome, com tençaõ de o por no andar da caua: & assi o foraõ sol lapando tanto por baixo, que naõ se podendo ja sustentar o pezo do bazalisco (que ficou em vaõ) quebraraõ os viradores, & cayo em baixo, & cõ elle vm fermoso liaõ, q̃

ſempre ali eſteue. Rumecan acodio áquella parte, & os mãdou recolher,ſem os noſſos lhe poderem valer,o que o capitaõ ſintio muito,& o ouue por grande afronta. E vendo o baluarte todo quebrado,mandou fazer pella banda de dentro outro muito forte com degraos pera dentro. Neſta obra pelejaraõ ſempre em todas as eſtancias, por que a quiſeraõ os Mouros diuertir,mas as molheres cõ os officiaes foraõ proſeguindo nella, ficando todos os mais de fora pera a peleja. Deſejaua Rumecan de moſtrar aos noſſos o pouco que receaua a vinda do Gouernador: & pera os deſenganar que eſtaua ali muito deuagar, fez duas couſas: hũa foi,atraueſſar a paſſagem do rio (que paſſa da Alfandega á villa dos Rumes) com pontes ſobre barcas fortiſsimas,& largas,cubertas de terra, & rama, pera paſſarẽ as carretas que traziaõ os mantimentos a te a cidade. Foi eſta obra mũy grande,& feita com grandes deſpezas,por ſer (como diſſemos) ſobre grandes barcas ſurtas, com muitas & groſſas amarras,& auer naquelle canal ſete braças de fundo,& correr a agoa nelle cõ grãde furia. A outra obra foi começar hũa fermoſa cidade na parte a onde tinha o exercito, com fermoſos apoſentos pera ſi, & pera os capitaẽs,& muito grandes & altas meſquitas,o q̃ ſe fez com muita preſſa, & em quanto eſta obra dura daremos conta das couſas que neſte tempo ſocederaõ em Goa.

Os Mouros como he ſeu coſtume, (& como ja o fizeraõ no tẽpo de Antonio da Sylueira, quãdo os Rumes tinhaõ cercado aq̃lla fortaleza) eſpalharaõ por todo o Reino de Cãbaya q̃ tinhaõ tomado a fortaleza de Diu, & aſsi o eſcreueraõ aos Reys Mouros do Balagate. E como ſẽpre a má noua voa, foi de boca em boca ter a ilha de Goa, a onde ſe começou a eſpalhar hũa voz ſurda que foi ter as orelhas do Gouernador,ſẽ ſaber nẽ poder enſecar dõde fora, & quem a leuara. Iſto cauſou em ſeu peito hũa grãde triſteza,poſto q̃ a encobria bem,& receaua q̃ tiueſſe acontecido algũa deſauentura, por q̃ nem tinha nouas do que ya na fortaleza, nẽ da chegada de ſeu filho dom Aluaro de Caſtro: & andando com eſtas malenconias, ſorgio hũa nao na barra de Goa, de ſeis q̃ eraõ partidas do reino,de q̃ era capitaõ mór Lourenço Pirez de Tauora, & os mais capitaẽs eraõ,dõ Ioaõ Lobo, Ioaõ Rodriguez Paçanha, Fernaõ d'Aluarez da Cunha,Aluaro Barradas,& dõ Manoel de Lima,q̃ era o q̃ ſorgio na barra a quinze de Setembro. Vinha eſte fidalgo prouido da fortaleza de Ormuz, a pos dõ Manoel de Sylueira: & alẽ dos merecimentos que tinha pera lhe darem tudo o que pediſſe, teue o ſeu deſpacho eſta occaſiaõ.

Depois q̃ dom Manoel de Lima

chegou a Portugal, agrauado de Martim Afonſo de Souſa (como na quinta Decada, no capitulo ſetimo do liuro decimo temos dito) deixouſe andar em Lixboa, ſem requerer, nẽ ir ver Elrey a Almeirim a onde eſtaua: & affirmauaſſe que eſperaua por Martim Afonſo pera o deſafiar: o que foi entendido dos grandes. E fazendoſſe a armada de Lourenço Pirez de Tauora preſtes pera ſe partir, naõ faltou quem diſſeſſe a Elrey os deſgoſtos com que dom Manoel de Lima andaua: & alguns dizem q̃ o Conde da Caſtanheira dom Antonio de Tayde, que era primo com irmaõ de Martim Afonſo de Souſa, falando com Elrey lhe diſſera, que ſem duuida dõ Manoel de Lima mandaria deſafiar Martim Afonſo de Souſa, que o bom ſeria euitar aquillo, pello deſgoſto que S. A. diſſo auia de ter: q̃ o milhor meyo que auia pera iſſo era deſpachar dõ Manoel de Lima pera a India, & mandalo naquella armada, por q̃ Martim Afonſo de Souſa vinha ja por már, & naõ ſe podiaõ encõtrar, & que metendoſſe o tempo neſte meyo, ſe curariaõ eſtas couſas. Elrey parecẽdolhe aquillo bem, mãdou chamar dom Manoel de Lima, & lhe diſſe, q̃ era ſeu ſeruiço ir á India, por ter nouas de Rumes, & que lhe fazia merce da fortaleza de Ormuz, & de hũa nao pera ir nella por capitaõ. Dom Manoel de Lima, vendo os termos por onde Elrey leuaua aquelle negocio, naõ pode deixar de ſe embarcar, & teue tal vẽtura, q̃ foi tomar Goa, indo todas as mais naos por fora, & com tempos mũy roins tomar Cochim, como adiante diremos. Dõ Manoel de Lima deſembarcou, & foi ao Gouernador, q̃ o recebeo cõ muita hõra, eſtimãdo muito ſua vinda, pellas muitas partes q̃ eſte fidalgo tinha, & muito grande experiencia das couſas da India: & por que tinha nelle vm grande cõpanheiro, pera os trabalhos que ſe lhe offereciaõ.

Poucos dias depois da chegada de dom Manoel de Lima, quãdo o Gouernador eſtaua em mayor agonia, por naõ ter nouas de Diu: entrou pella barra de Goa, o nauio que leuou dom Aluaro de Caſtro. O homem que vinha nelle á entrada da barra de Goa ſoube as nouas que corriaõ nella: & ainda que leuaua as da morte de dom Fernando de Caſtro, embandeirou, & enramou todo o nauio, & foi entrãdo pello rio de Goa, atirando muitas bõbardadas pera alegrar a cidade: A eſte aluoroço acodio toda a gente ao cais a ſaber nouas (que ja naõ podiaõ deixar de ſer boas, pois vinhaõ taõ feſtejadas.) O capitaõ do nauio em deſembarcando foi leuado nos ares a caſa do Gouernador, q̃ eſtaua cõ o Biſpo dom Ioaõ d'Albuquerque, & cõ o padre Frey Antonio do Caſal, cuſtodio dos frades de ſaõ Frã-

ciſco: & chegãdo ao Gouernador, leuantouſſe elle muito depreſſa,& antes que lhe falaſſe o homem,lhe perguntou ſe a fortaleza de Diu eſtaua por Elrey de Portugal? Ao que o homem lhe reſpondeo: ſi eſtá ſenhor,& eſtará em quanto os Portugueſes forem viuos.

Ouuindo o Gouernador iſto, com os olhos arrazados de lagrimas de prazer,ſe ajoelhou, com as maõs leuantadas ao ceo,dãdo graças ao altiſsimo Deos por tamanha merce: & o meſmo fez o Biſpo &Cuſtodio.O Gouernador mãdou logo trazer hũa rica cabaya de borcado,& a lãçou aos hõbros do homem,mandandolhe,q̃ foſſe por toda a cidade dar aq̃llas taõ boas nouas,o que elle fez, acompanhado de vm grande tropel de gente. O Biſpo mandou recado as igreijas que repicaſſem os ſinos, que todo o dia naõ ceſſaraõ.O Gouernador depois deſte aluoroço leo as cartas,& achou nellas as nouas da morte de ſeu filho,fazẽdo o mũdo naquillo ſeu officio, q̃ he naõ dar vm goſto ſem o agoar logo com hũa grande triſteza. Pello que dizia o ſabio mũy bem,q̃ o pezar occupaua os eſtremos do prazer.Por iſſo receaua Philippo pay de Alexãdre dãdolhe tres boas nouas em vm dia,que vieſſem ellas ſem ſeus deſcõtos: & leuantãdo os olhos aos ceos,pedio aos Deoſes,q̃ aquelle grande prazer ſe lhe agoaſſe cõ algum pequeno pezar.

O Gouernador tanto que deu com as triſtes nouas, que lhe cortaraõ bem o coraçaõ, encobrioas de feiçaõ,que ninguem lhas ſintio. Eſtando aſsi neſte aluoroço, naõ ſeriaõ paſſadas duas horas, quando entrou pello rio o nauio de Nuno Pereira, que auia dous dias era falecido,& trazia ſeu corpo:& dãdoſſe as cartas ao Gouernador,por ellas ſoube a grande deſauentura da ſaida do capitaõ, & da morte de dom Franciſco de Meneſes, & de tantos fidalgos, & caualeiros, couſa que o cortou muito: mas a morte do filho o treſpaſſou, porque tãto que foi noite que ſe recolheo metido na ſua camara diſſe mil magoas,chorando rios d'agoa por aquellas venerãdas cans abaixo, naõ dormindo toda a noite q̃ paſſou em viuos ſoſpiros das ſaudades do filho.

Aquelle meſmo dia foi enterrado o corpo de Nuno Pereira em ſaõ Franciſco, acompanhado do Gouernador, Biſpo, Cabido, fregueſias, & de todos os fidalgos, & cidadaõs, fazẽdolhe ſeu officio cõ grande & funeral pompa. Ficaraõ a eſte fidalgo tres filhos, vm macho chamado Duarte Pereira,que tambem morreo em Goa,eſtando deſpoſado com hũa filha de vm cidadaõ rico, & duas filhas, dona Ines que caſou com Afonſo Pereira de Lacerda, cujo filho he Manoel de Lacerda, q̃ foi capitaõ de Chaul,& ainda viue:& dona Ioana

que

que foi casada com dom Ioaõ Lobo irmaõ do Baraõ velho, de quẽ ouue dom Diogo Lobo que oje viue casado na cidade de Goa. E por falecimento de dom Ioaõ Lobo, casou segunda vez com dom Pedro de Sousa, q̃ foi capitaõ de Goa: & agora acabou de ser de Cofala.

Ao outro dia se fez hũa muito solenne procissaõ em q̃ o Gouernador foi vestido de escarlata por encobrir sua tristeza, & por alegrar o pouo, q̃ andaua assombrado das roins nouas que os Mouros espalharaõ. Este mesmo dia despidio o Gouernador, Vasco da Cunha, pera q̃ fosse por todas aquellas costas recolher os nauios da armada de dõ Aluaro de Castro, q̃ estauaõ em differentes portos, & q̃ os leuasse a Diu, escreuendo por elle a dõ Ioaõ Mascarenhas os agardecimẽtos dos trabalhos q̃ tinha passado, rogandolhe, que por nenhũa occasiaõ saisse mais da sua fortaleza, & que assas tinha feito em a defender. E logo a pós Vasco da Cunha despidio o Gouernador seis carauelas carregadas de mantimentos, muniçoens, escadas, picoens, cudilins, enxadas, cestos, padiolas, & de todas as mais cousas desta qualidade, pera effeito do que determinaua: & mandou embarcar coatrocentos espingardeiros. Destas carauelas foi por capitaõ mór Luis d'Almeida: & de suas viagens a diante daremos rezaõ.

## CAPITVLO VIII.

### *De como dom Aluaro de Castro mandou Luis d'Almeida a esperar as naos de Meca, & de como tomou duas: & dos mais danos que algũas armadas que sairaõ de Baçaim & Chaul fizeraõ na enceada de Cambaya.*

VENDO dom Manoel de Lima o trabalho em que a fortaleza de Diu estaua, & que ainda se receauaõ outros mayores, se foi ao Gouernador, & se lhe offereceo pera ir diante com trezentos soldados a sua custa, por que naõ era rezaõ, que estando tantos, & taõ honrados fidalgos, taõ arriscados naquella fortaleza, estiuesse elle em Goa fora d'aquelles trabalhos: por que elle naõ queria a vida, & a fazenda, se naõ pera tudo se despender & gastar em seruiço d'Elrey. O Gouernador lhe agardeceo muito aquelle offerecimento com palauras mũy honradas, dizendolhe, que bem sabia o grande zelo que sempre tiuera do seruiço d'Elrey: mas que a elle lhe naõ conuinha largalo de si, por que se queria aproueitar de seu conselho, & esforço, que se fizesse prestes pera ir em sua companhia em vm nauio ligeiro.

geiro. Dom Manoel de Lima naõ pode fazer outra couſa, mandando logo negociar hũa fuſta que eſcolheo pera iſſo. O Gouernador foi dando grande preſſa a toda a armada, por que eſperaua de ſe partir tanto que lhe vieſſe o ſocorro de Cochim,& Cananor,que tinha mandado pedir. E em quanto iſto tarda daremos rezaõ de Vaſco da Cunha, & de Luis d'Almeida que deixamos partidos de Goa.

Vaſco da Cunha como ya em nauio ligeiro, foi mais apreſſado tomando as bocas dos rios, & enceadas, por onde foi recolhẽdo alguns nauios que por ali ficaraõ deſaparelhados da companhia de dom Aluaro de Caſtro,& os leuou cõſigo a te Baçaim, a onde achou dom Ieronymo de Meneſes muito anojado pella morte de ſeu irmaõ dom Franciſco de Meneſes, & tinha perto de quinze nauios preſtes pera ir em peſſoa ſocorrer a fortaleza de Diu:mas por ter nouas que o Bramaluco ſenhor de Damaõ fazia gente pera vir ſobre aquellas terras tanto que elle partiſſe, ſobreſteue na ida. Vaſco da Cunha tomou os nauios que ali achou,& atraueſſou logo peraDiu, & no meyo do golfo encontrou as carauelas de Luis d'Almeida: & ajuntandoſſe todos entraraõ em Diu,com hũa fermoſa armada toda embandeirada,tocando muitos inſtrumentos, & dando grandes ſaluas de artelharia: o que foi pera vns grandes moſtras de contentamento & aluoroço: & pera outros de mayor dor & triſteza: por que bem entenderaõ os imigos o roim ſoceſſo em que aquella ſua jornada auia de vir a parar: por q̃ lhes lembraua quanto lhes tinha cuſtado o tempo do inuerno,em que os noſſos naõ tiueraõ ſocorro mais q̃ de coatro nauios ſem gente,& que ja entraua o veraõ, & começauaõ a chegar armadas poderoſas, & q̃ ſe eſperaua ainda pello Gouernador: eſtas couſas cauſaraõ grandes deſconfianças em todos.

Dom Aluaro de Caſtro,que tinha poderes em toda a armada do már, ſendo auiſado que em Surrate ſe eſperaua por algũas naos de Meca, com conſelho do capitaõ deſpidio Luis d'Almeida com tres carauelas, de que a fora elle eraõ capitaens Payo Rodriguez d'Araujo,& Pedrafonſo,dandolhes por regimento que ſe foſsẽ pôr na barra de Surrate,& que ahi eſperaſſem as naos que a auiaõ de ir demandar. Dada a vela foraõ ſorgir a onde leuauaõ por regimẽto: & paſſados alguns dias depois de ali eſtarem, viraõ vir de már em fora duas naos enfunadas, hũa mũy grande & fermoſa, & a outra de menos porte: & leuando ancora puſeraõſe as carauelas em armas, & com os traquetes dados as foraõ demandar:& como ellas vinhaõ com vento em popa, em vẽdo as

do as carauelas foraõ virando em outro bordo: mas como as carauelas largaraõ as velas, & eraõ muito ligeiras logo as alcançaraõ. Luis d'Almeida abalroou a nao grãde, em que vinha por capitaõ vm Ianiſſaro, parente de Cogeçofar, que trazia muita gente, & mũy boa artelharia: & ferrando hũa da outra começaraõ hũa muito aſpera batalha, trabalhando vns por entrarem, & outros por ſe defenderem: mas todauia os noſſos entraraõ a nao dos Mouros, & dentro ſe começou antre todos outra noua batalha, em que os noſſos fizeraõ tãto, que cõ morte de muitos Mouros ſe renderaõ os mais, & o capitaõ Ianiſſaro acharaõ ferido de muitas feridas, & Luis d'Almeida o mandou paſſar á ſua carauela pera ſer curado. Payo Rodriguez d'Araujo, bordou a outra naueta q̃ tambem rendeo.

Feito iſto deixaraõſe ficar mais algũs dias, em que tomaraõ algũas embarcaçoens de mantimentos. Pedrafonſo rendeo vm Tabó que vinha de Ormuz com muita fazẽda. E acabandoſſelhes os dias do prouimento, ſe foraõ recolhendo com as naos por popa, & entraraõ pella barra de Diu, com todos os Mouros que catiuaraõ enforcados pellas vergas. Dom Aluaro de Caſtro eſtimou muito o ſoceſſo, & mãdou cortar as cabeças aos Mouros, & lançalos no rio com a enchente, & antre ellas foi tambem a do capitaõ Ianiſſaro, parente de Cogeçofar, que daua por ſi, trinta & dous mil pardaos d'ouro, auẽdo os capitaens que ſe os aceitaſſem fariaõ offenſa a tantos, & taõ honrados fidalgos & caualeiros, como naquelle cerco eraõ mortos. As fazendas das naos foraõ deſembarcadas, & em dinheiro d'ouro & prata & fazendas ſe fizeraõ, cincoenta & coatro mil, trezentos & oitenta & oito pardaos (que tantos achamos nas receitas dos officiaes d'aquelle tempo ſobre quem ſe carregaraõ.) Foi iſto hũa grande ajuda pera as deſpezas da guerra, de q̃ pagaraõ logo a todos ſeus coarteis, & fazendo os capitaens muitas merces, por que tinhaõ pera tudo poder.

Rumecan ouuera de morrer de paixaõ, tanto que as cabeças foraõ conhecidas, por que foraõ dar á praya junto do exercito.

No meſmo tempo ſairaõ algũs nauios de Baçaim, & Chaul, de cujos capitaens naõ achamos os nomes: que entraraõ pella enceada de Cambaya pera defenderem os mantimentos que yaõ pera o exercito, & tomaraõ muitas embarcaçoens carregadas delles, & os Gentios & Mouros dellas, foraõ enforcados nas vergas em Palancos, & com eſtas bandeiras ſe recolheraõ a ſuas fortalezas.

Rumecan mãdou minar a guarita de ſobre a porta em que eſteue Antonio Freire: & proſeguin-

dosse na obra foi sintida dos nossos, a que acodio o capitaõ com muita presteza, & lhe mandou fazer por dentro suas contraminas & repairos, por que se caya aquella torre ficaua por ali a fortaleza toda descuberta. Os Mouros acabaraõ a obra da mina a dez dias de Outubro, em que lhe deraõ fogo arrebentando com grande furor, mas naõ fez mais dano que derribar algũa parte da face de fora, ficando dos soldados que nella estauaõ tres feridos. Com estas cousas andaua Rumecan como doudo, vendo quaõ mal lhe socedia tudo, & mandou com muita pressa abrir no muro da fortaleza (naquella parte que ficaua fronteira á cisterna) dous grandes buracos, em que mãdou assestar dous camellos pera a baterem & derribarem: o que tudo se fez por baixo das ruas & pontes, sem os nossos lho poderem defender: & aos primeiros tiros mandou o capitaõ prouer, por que se lhe arrombauaõ a cisterna perderseyaõ todos. E ordenou com muita pressa hũa parede muito grossa na frontaria da cisterna, que se fez de duas faces entulhada, & ficaua seruindo de bestiaõ: & em cima mandou plantar dous camellos de marca mayor contra os dos imigos, & dos primeiros tiros lhos fez recolher.

Rumecan pasmaua da breuidade com que os nossos repairauaõ tudo, & ja se naõ sabia determinar: & todauia determinou de cansar os nossos, mandando logo fazer outra mina no baluarte Sanctiago, que logo foi sintida & atalhada, como as dantes: & vm pouco afastado do baluarte saõ Thome, mandou o capitaõ fazer hũa grossa parede que foi correndo ate o de Sanctiago, por que se arrebentasse naõ ficassem descubertos: naõ deixando aquellas honradas molheres de exercitar seu officio, (posto que ja na fortaleza auia gẽte bastante pera o trabalho, mas quiseraõ ellas ate o cabo do cerco, ter tambem quinhaõ em todos os trabalhos delle.) Acabada a mina deraõlhe os Mouros fogo ao primeiro de Nouembro: & como tinha contraminas vazouse a força por ellas: & todauia arrebẽtou vm pedaço de parede pera fora.

## CAPITVLO IX.

*De como o Gouernador dom Joaõ de Castro partio pera Diu, & de Baçaim despidio dom Manoel de Lima pera a enceada de Cambaya: & da guerra que por ella fez: & de como as naos que partiraõ do Reino no anno de 1546. de que era capitaõ môr Lourenço Pirez de Tauora, chegaraõ a Cochim, & Lourenço Pirez*

*ço Pirez de Tauora se partio pera Diu de socorro.*

TINHA o Gouernador assentado em cõselho socorrer Diu em pessoa, com todo o poder, & resto da India, pera o que se fazia prestes com mũy grande pressa, esperando pera se partir, pello socorro de Nayres que tinha mandado pedir aos Reys de Cananor, & Cochim. E pera isto tinha mãdado dar embarcaçoens, ordem, & dinheiro se fosse necessario: & tinha mandado recolher todos os mantimẽtos que podessem de toda a costa do Canará: & em quanto estas cousas tardauaõ, negociou a armada, & mandou fazer gẽte da terra pellas ilhas vizinhas á de Goa, donde se ajuntaraõ mil & duzẽtos piaẽs, de que deu a capitania a Vasco Fernandez Tanadar mór da ilha de Goa: dando a cada cento seus Naiques pera os regerem: & mandou fazer alardo de todos os Portugueses que auia em Goa, que o podiaõ acompanhar, & achou perto de dous mil, que mandou exercitar aos Domingos, & dias Sãctos, no campo de saõ Lazaro, a onde mandou fazer a fortaleza de Diu de madeira, & a parede, & estancias dos imigos, assi & da maneira que estauaõ, (por que lhas tinha dom Ioaõ Mascarenhas mandado, mũy bem pintadas) & cõ muitas escadas que repartia pellos capitaens, & elle em pessoa armado, como se ouuesse de entrar em batalha de verdade, com as bandeiras repartidas, & gente posta em ordem, cometiaõ as paredes dos imigos, encostandolhes suas escadas, ensayandosse asi do modo q̃ as auiaõ de aruorar, encostar, & sobir, no que andauaõ muito bem exercitados.

E sendo quinze de Outubro, começaraõ a chegar os socorros de Cananor & Cochim, de muitos nauios & gente: & CogeCemaçadim mãdou ao Gouernador hũa fermosa nao carregada de mãtimentos, arroz, legumes, manteigas, carnes, pescados, & lhe escreueo hũa muito honrada carta, em que lhe offerecia todo o dinheiro que ouuesse mister pera a jornada. E por que ainda vinhaõ atras mais nauios, quis o Gouernador illos esperar a Baçaim, & em desassete de Outubro se fez á vela, entregando primeiro o gouerno ao Bispo dõ Ioaõ d'Albuquerque, & ao capitaõ dom Diogo d'Almeida Freire.

A armada que o Gouernador leuaua, eraõ doze Galeoens, de que a fora elle (que ya em saõ Dinis) eraõ capitaens Garcia de Sá, Iorge Cabral, dom Manoel da Sylueira, Manoel de Sousa de Sepulueda, Iorge de Sousa, Ioaõ Falcaõ, dom Ioaõ Manoel Labastro, Luis Aluarez de Sousa, & outros a que naõ achamos os nomes. Leuaua mais de

de ſeſſenta nauios de remo, cujos capitaens eraõ, dom Manoel de Lima, dom Antonio de Noronha, Miguel da Cunha, dom Diogo de Soto Mayor, o Secretario Antonio Carneiro, com quem ya ſeu filho Vicente Carneiro, Aluaro Perez d'Andrade, dom Manoel Deça, Iorge da Sylua, Luis Figueira, Ieronymo de Souſa, Nuno Fernãdez Pegado, o Ramalho, Lourẽço Ribeiro, Antonio Leme, Aluaro Serraõ, Coſmo Fernãdez, Manoel Lobo, vm catureiro chamado o Rey de Zamzibar, Franciſco d'Azeuedo, Pero de Tayde inferno, Franciſco da Cunha, Antonio de Sá o Rume, Coſmo de Paiua, Vaſco Fernandez Tanadar mór de Goa, que leuaua á ſua conta doze ou quinze nauios, cotias, & Taurins, em que yaõ os Canarins de Goa, & outros nauios de Cananor, & Cochim. E dada a vela em ſeis dias foi ſorgir na barra de Baçaim da banda de fora, a onde dõ Ieronymo de Meneſes ſeu cunhado o foi viſitar, & lhe deu as nouas que auia de Diu, depois da chegada de dom Aluaro de Caſtro. O Gouernador por que eſperaua por mais armada, que em Goa ſe ficaua negociãdo, naõ quis paſſar ſem ajuntar todo o poder. E por naõ eſtarocioſo, quis neſſes dias q̃ auia de ſe deter fazer guerra a Cambaya: pera o que deſpidio dom Manoel de Lima com ſeis nauios ligeiros, com regimento que foſſe por dentro da enceada ás prezas dos nauios que leuauaõ mantimẽtos pera o exercito. E aſsi deſpidio alguns nauios pera ſe irem pór na põta de Diu a eſperar as naos Portugueſas, que auiaõ de vir de Ormuz, pera que as fizeſſem arribar a Baçaim, pera o acompanharem, pera mór terror & eſpanto dos Mouros, como fez: por q̃ fizeraõ voltar tres ou coatro que yaõ ja na volta de Goa.

Dom Manoel de Lima tanto que deu á vela foi corrẽdo a coſta de Damaõ, a te Gandar, & por vezes tomou trinta cotias de mantimentos, mandando eſpedaçar toda a gente que nellas achou, tirãdo ſeſſenta Mouros eſcolhidos, que mandou meter nos nauios, & os pedaços dos corpos mortos mandou meter em algũas das cotias as mais pequenas, que ſe leuaraõ a toa, a te as bocas dos rios, a onde as largaraõ com a enchente da maré, que as leuou a te as pouoaçoens, a onde foi viſto aquelle terribel & medonho eſpectaculo, que encheo a todos de temor & eſpanto, dizẽdo mal aos que foraõ occaſiaõ d'aquella guerra. Dom Manoel de Lima como paſſaraõ os dias limitados, tornouſe pera o Gouernador, onde chegou com os nauios embandeirados com os corpos dos ſeſſenta Mouros que pera iſſo mãdou guardar.

O Gouernador vendo o bom ſoceſſo, logo o tornou a mandar

com

com trinta nauios ligeiros pera q̃ tornasse pella mesma enceada, & fizesse por ella toda a guerra que podesse, naõ perdoãdo a lugar maritimo algum: & que o fosse esperar a ilha dos mortos. Dom Manoel de Lima se fez á vela com os nauios, cujos capitaens eraõ, dom Manoel Deça, Aluaro Perez d'Andrade, Iorge da Sylua, Luis Figueira, Ieronymo de Sousa, vm sobrinho de Francisco Siqueira o Malauar, Nuno Fernandez Pegado, o Ramalho, Lourenço Ribeiro, Autonio Leme, Aluaro Serraõ, Cosmo Fernandez, o Rey de Zãzibar, & outros. Com dom Manoel de Lima, & outros capitaens foraõ embarcados todos os fidalgos Reynois, (que asi chamaõ na India aos que aquelle anno vem do Reyno) dom Fernando, dom Antonio, dom Duarte, todos Limas, parentes do capitaõ mór, dõ Ieronymo, dom Antonio, dom Gemez, todos da geraçaõ dos Deças, Bernabe de Sá, Mathias de Sousa, Miguel Carneiro, filho de Pero d'Alcaçoua Carneiro, que entaõ era Secretario d'Elrey dom Ioaõ, & depois foi Conde das Idanhas, & outros. E em quanto esta armada vay seguindo sua derrota daremos rezaõ das naos do Reyno q̃ faltaõ.

Depois de passarem o cabo de boa Esperança, tendo grandes cõtrastes, & gastandoselhes o tempo, tomaraõ a derrota por fora da ilha de saõ Lourenço, & com muitos riscos & trabalhos foraõ tomar Cochim aos vinte dias de Outubro. E sabendo Lourenço Pirez de Tauora capitaõ mór das naos, do cerco de Diu, & de como o Gouernador ficaua em Goa prestes pera lhe ir socorrer, achando ainda alguns nauios que a cidade negociaua pera lhe mandar, fretou hũa fermosa Galeota, & se embarcou nella com corenta fidalgos, & caualeiros da sua armada, & tomando todos os nauios comsigo, deu á vela pera Goa mũy apressado, & sem se deterem cousa algũa foraõ seguindo sua jornada.

Dom Antonio de Noronha, filho do Visorrey dom Garcia de Noronha, que com elle vinha despachado com a fortaleza de Malaca, negociou hũa carauela, & ajũtando sessenta soldados se embarcou logo pera Diu, & chegando todos á barra de Goa acharaõ ja o Gouernador partido, & sem se deterem passaraõ a diante. Lourenço Pirez de Tauora que ya em nauio ligeiro, chegando a Dabul soube estar ali o Gouernador, & sem lhe querer falar passou adiante, & foi atrauessar de Baçaim, & em dous dias foi auer vista da fortaleza de Diu cercada, & entrãdo pella barra dentro foi sorgir no cais. As vigias, que ja tinhaõ perguntado quem eraõ, deraõ recado ao capitaõ, que acodio com dom Aluaro de Castro, & todos os fidalgos, & capitaens,

capitaens,& mandãdo abrir a porta o receberaõ,& a todos, cõ grandes aluoroços. E recolhendosse na fortaleza,tomou o capitaõ a Lourẽço Pirez de Tauora por seu hospede, & os outros fidalgos foraõ repartidos pellas estancias. De todas estas cousas eraõ os imigos logo auisados,& todos os socorros q̃ entrauaõ de nouo,o mesmo dia dauaõ assaltos, por mostrarem quaõ pouco temiaõ todos : & asi o deraõ este,em que os hospedes prouaraõ a maõ em dano dos imigos. E deixalos emos agora vm pouco, por tornarmos a dom Manoel de Lima.

Que partido de Baçaim foi tomar o rio de Surrate de noite,& de madrugada entrou por elle com a maré, & foi desembarcar em hũa mũy fermosa pouoaçaõ, que se chama dos Abexins,hũa legoa pel lo rio acima da banda do leuante, & cometendoa com grande deter minaçaõ,acharaõ nella mũy gran de resistencia, por que foraõ sintidos,& os moradores estauaõ ja postos em armas, & todauia depois de grande referta foi entrada com morte de muitos Mouros, metendoa toda a ferro,& a fogo,matando toda a cousa viua,que acharaõ pera mayor terror,& espanto : & depois deraõ fogo ás casas,em que arderaõ muitos celeiros de trigo, milho,graõs,& outros legumes,& o mesmo fizeraõ a algũas naos q̃ estauaõ no porto, cujas labaredas foraõ vistas da fortaleza de Surrate,que era de Rumecan, & onde tinha sua molher,& filhos, q̃ causou em todos vm grande temor : & antre as pessoas que os nossos catiuaraõ (que foraõ mais de duzentos) naõ deraõ vida mais que a vm Mouro a quem cortaraõ as maõs, pera ir dar fé do que vira.

Acabado este feito sayosse a armada pera fora, & foi tomar a cidade de Ansote,fermosa, & estendida em vm campo razo,de grandes & custosos edificios. Aqui desembarcaraõ os nossos,dando o capitaõ mór a diãteira a Aluaro Serraõ, & cometendo a cidade em muito boa ordem a entraraõ logo, leuando os imigos diante de si em vm tropel, (que foraõ os que sairaõ fora a esperar os nossos.)Dentro na cidade,posto que ouue grãde baralha, todauia os imigos a desempararaõ, & a deixaraõ aos nossos, que nella fizeraõ a mesma crueza que na dos Abexins, espedaçando muitas & mũy fermosas Baneanas, & Bramanas, (por que as auia ali mũy bellas & aluas.) E asi nellas, como em toda a mais cousa viua que acharaõ,fizeraõ tamanhas, & taõ desumanas cruezas,que excederaõ a natureza Portugueza : por que asi como ella estremou aos seus em valor & esforço a muitos, asi o fez a todos em piedade,& pouca crueza. D'ali se passou a armada a outros lugares vezinhos, que passaraõ a mesma

ma desauentura que os passados. E assi correo dom Manoel de Lima toda aquella enceada, por onde fez taes cousas, q̃ causou & pôs espanto a te na corte de Amadaba: & o que se mais sintio foi, a queima que se fez de todos os mãtimentos que tinhaõ recolhidos, pello que começou o reino todo a padecer mũy grãde falta delles.

O Gouernador dom Ioaõ de Castro, tanto que despidio dom Manoel de Lima, deu pressa a muitas cousas,& recolheo a armada que ya chegando pouco & pouco. E por que os de Diu se animassem, despidio o catureiro chamado Antonio Rodriguez, com cartas ao capitaõ & a seu filho, em q̃ lhes fazia a saber de sua chegada, certificandolhes que logo seria cõ elles: Este homem em coatro dias foi & tornou com a reposta,& assi em quanto se ali deteue cada dous dias tinha recado de Diu, por que trazia naquelle caminho tres catures ordinarios. O Gouernador depois de recolher de todo a armada, deu á vela & foi tomar a ilha dos mortos,a onde se deteue dous dias,em que dom Manoel de Lima chegou com toda sua armada vitoriosa,& chea de prezas.O Gouernador o recebeo com muitas honras,& ao outro dia que foraõ seis de Nouembro se fez á vela pera Diu.

## CAPITVLO X.

*De como o Gouernador dom Joaõ de Castro chegou â fortaleza de Diu, & do conselho que tomou sobre a desembarcaçaõ. E de como se ordenou pera dar batalha aos imigos.*

O MESMO dia que o Gouernador partio da ilha dos mortos, ja sobre a tarde chegou á vista d'aquella taõ destroçada & desbarada fortaleza, o que foi pera todos causa de muito grande aluoroço. E tanto que della começaraõ a enxergar aquella fermosura dos Galeoens & Naos, que pareciaõ montanhas que yaõ á vela, & aquella multidaõ de fustalhas, todas embandeiradas com fermosos toldos,estandartes, & gualhardetes,q̃ enchiaõ todo o már,mandou logo o capitaõ embandeirar os baluartes todos, & desparar toda a artelharia,pera mostrar o aluoroço cõ que os esperauaõ. Lourenço Pirez de Tauora se embarcou logo na sua Galeota,& foi buscar o Gouernador que vinha ja em outra a que se tinha passado, toda toldada de borcado rico. E chegando a ella depois de a saluar saltou dentro. O Gouernador foi auisado logo de como era Lourẽço Pirez

ço Pirez de Tauora,& acodio depressa a bordo ao leuar nos braços, tendo com elle muitas palauras de muitos primores & cortezia: & recolhidos ao toldo soube delle todas as nouas do reino: & de sua viagem: & por ser ja tarde mandou o Gouernador sorgir a armada na ponta da outra banda da terra firme,a onde foi ter com elle dom Ioaõ Mascarenhas, que o Gouernador recebeo com muitas honras: & logo mandou chamar Garcia de Sá, Iorge Cabral, Manoel de Sousa de Sepulueda, & outros fidalgos & capitaẽs velhos, & cõ todos praticou sobre o modo q̃ teria na saida cõtra os imigos,porq̃ elle naõ vinha pera estar cercado,se naõ pera descercar a fortaleza d'Elrey. Depois de debatidas de parte a parte muitas cousas, assentaraõ, q̃ o Gouernador cõ toda a gente desembarcasse de noite,& se recolhesse na fortaleza, sem os imigos o saberem, ficando toda a armada fora:& q̃ o dia q̃ se ouuessem de cometer os imigos entrasse toda a armada pella barra dentro ao sinal de tres foguetes, que deitariaõ da fortaleza: & que na representaçaõ mostrasse que vinha nella o Gouernador com toda a gente, & que pera isso metessem pellas perchas das fustas muitas lãças aruoradas,& que as fustas passassem pella fortaleza, como que queriaõ ir desembarcar na alfandega, a onde forçado os Mouros auiaõ de acodir:& que o Gouernador entaõ saisse da fortaleza com todo o poder pera ganhar as paredes,& estancias mais facilmente,& com menos risco.

Assentado isto tornouse o capitaõ pera a fortaleza, tendo em segredo o que estaua assentado. Toda aquella noite gastou em mandar fazer muita soma de escadas de corda,pera recolher na fortaleza toda a gente em segredo. O Gouernador ao outro dia foi sorgir com toda a armada na baya & pouso das naos,da banda de fora, saluando a fortaleza & a cidade com a mais soberba salua de artelharia que ja mais se vio, por que durou muitas horas. Rumecan tambem lhe respondeo com outra, pera lhe mostrar o pouco que o receaua.O Gouernador mãdou Luis d'Almeida,Antonio Leme,Francisco Fernandez Moricale, em tres carauelas que fossem sorgir defronte das estancias dos imigos, & lhas batessem de dia, & de noite,& mandou recado ao capitaõ do baluarte do már, que os ajudasse de lá. Estas carauelas foraõ sorgir a onde o Gouernador mandou,fazendo grandes arrombadas pera defensaõ da artelharia dos imigos,& começaraõ a dar sua bataria com grande terror, mas tambem das estancias os varejaraõ bem.

Durou isto tres dias & tres noites,em q̃ toda a gente da armada

ſe meteo na fortaleza por eſcadas de cordas, & o Gouernador com todos os capitaens, & fidalgos velhos, pella couraça no mór ſilencio que pode ſer. No exercito tanto que viraõ o grande poder do Gouernador, que o julgauaõ pellas vazilhas da armada q̃ cobriaõ o már, começou a auer antre todos varios pareceres: por que bem ſabiaõ elles que o Gouernador os auia de ir buſcar, & que naõ era bẽ que ſe eſperaſſe tamanho poder. Rumecan andou por todo o ſeu exercito curando aquellas deſconfianças, & prouendo nas couſas q̃ lhe pareceraõ ſer neceſſarias: mãdando pór ſobre as paredes, muitos barris d'alcatraõ, grande quãtidade de pedras, & galgas, pera ſe lançarem ſobre os noſſos ao cometer dellas: & deixou ali quinze mil ſoldados pera ſua defẽſaõ, em q̃ entrauaõ todos os Rumes, Turcos, & mais eſtrangeiros: por ſerem homens de mais confiança. E receãdoſſe que o cometeſſem pello baluarte de Diogo Lopez de Siqueira, (q̃ ficaua da banda do már, a onde a ponta do muro ya fenecer, por auer ali hũa calheta, em q̃ podiaõ pojar nauios de remo) o mandou renouar, & guarnecer de algũas bombardas groſſas, & pós nelle ſetecentos homẽs de guarniçaõ. E na põte q̃ atraueſſaua o rio des da alfandega a te a villa dos Rumes, mandou pór outras bombardas, & outros ſeiſcentos ſoldados, temendoſſe q̃ as fuſtas foſſem ali lançar gente: & aſsi ſe deixou eſtar taõ confiado como quẽ eſtaua em ſua caſa, & que tinha a vitoria por certa.

O Gouernador tãto que ſe vio na fortaleza, chamou todos os fidalgos velhos, & capitaẽs da armada a conſelho, & lhes diſſe: que elle determinaua de cometer as eſtãcias dos imigos, & porque elle naõ queria fazer couſa algũa ſem o parecer de todos, lhes pedia que liurementc lho diſſeſſem: & começando a votar, vns foraõ de parecer q̃ ſe cometeſſem os imigos: & outros que naõ, dizendo que naõ era bẽ ſe arriſcaſſe a India em hũa ſó batalha com taõ deſigual partido como tinhaõ: por que acontecendo vm deſaſtre ſe perderia tudo. E q̃ poſto que alcançaſſem a vitoria, auia Elrey de eſtranhar muito ao Gouernador, & a todos que ali eſtauaõ, conſentirem porſe o Eſtado todo em vm tombo de dado (como lá dizem) ſobre iſto ſe baralhou todo o conſelho, com grandes gritos, porfias, & altercaçoens.

O Gouernador ſe aleuantou, & mandou que ſe callaſſem, & diſſe a Garcia de Sá (que ainda eſtaua por votar) que diſſeſſe ſeu parecer, o que elle logo fez, aleuantandoſſe em pé, com aquella ſua veneranda & longa barba que lhe daua pellos peitos: com aquella ſua autoridade & grauidade,

a que todos tinhaõ mũy grande respeito,pedindo que o ouuissem, por que ainda se naõ quietauaõ. E sospendendosse vm pouco aquelle reboliço, falando o bom velho com o Gouernador lhe disse estas palauras.

Eu senhor nũca serei de parecer q̃ deixeis de dar batalha aos imigos,por duas rezoẽs. Hũa por que vendo os imigos q̃ os receaes, vos viraõ cometer dentro nesta fortaleza: a outra por que naõ conuem á reputaçaõ do Estado, que o Gouernador da India esteja como encurralado,por que pera isso muito milhor fora ficardes senhor em Goa, & mandar todo este poder, que ainda que naõ fizera mais, q̃ segurar & defẽder a fortaleza, naõ daria ousadia aos imigos(como teraõ) se vos virem cercado. Estes Mouros estaõ agora medrosos, & acouardados, por que tẽ os olhos cheyos da grandeza d'aquella armada,em que naõ deuem de cuidar, que em tantas & taõ grandes vazilhas naõ aja mais que tres mil homẽs,mas julgaõ o poder pello apparato della: & ao menos deuem d'esperar sete ou oito mil. E como aõ de estar com esta imaginaçaõ,tantos lhe aõ de parecer os tres mil com que lhe aueis de dar a batalha:& em vos vendo sair desta fortaleza vos aõ de temer & arrecear,& pelejar com temor & desconfiança. Por isso senhor vede o que fazeis, por que no cometer está naõ sõ o credito & opiniaõ do estado, mas ainda a vitoria.E pois temos Deos que nos á de ajudar, & fauorecer, naõ temos que arrecear: que se a eu podera segurar com o penhor da pessoa & da vida,por certo que o fizera.

Tiueraõ tãta força estas palauras q̃ sospenderaõ a todos tanto, que bradaraõ por batalha. O Gouernador foi muito grãde o seu aluoroço,pedindo a todos que se fizessem prestes pera o outro dia, & aquelle gastou todo em ordenar sua gente por esta maneira.

A dianteira encomendou a dõ Ioaõ Mascarenhas com quinhentos homens, pera quem se passaraõ os capitaẽs & fidalgos seguintes. Antonio Moniz Barreto,dom Ioaõ Manoel, Ioaõ Falcaõ, Garcia Rodriguez de Tauora, Antonio da Cunha, dom Manoel da Sylueira,Frãcisco d'Azeuedo Coutinho, Iorge de Sousa, & outros: & asi lhe deu o Gouernador Vasco Fernandez capitaõ mór dos Canarins, com seiscentos escolhidos,& quinhentos Naires d'Elrey de Cochim.

A seu filho dõ Aluaro de Castro ordenou outra cõpanhia de outros quinhentos homẽs, em que entrauaõ todos os fidalgos & capitaens da sua armada.

A dõ Manoel de Lima deu outra tãta gẽte,cõ os mais dos capitaens & fidalgos que com elle se acharaõ na enceada de Cambaya.

O Gouer-

O Gouernador ficou com o resto da gente,que seriaõ quasi mil homens,a fora Canarins, & Malauares: deixando pera o acõpanharem, Lourenço Pirez de Tauora, Garcia de Sá,Iorge Cabral,& Manoel de Sousa de Sepulueda: ordenando ficar o Alcaide mór na fortaleza com trezẽtos soldados. Todo aquelle dia passaraõ em se prepararem,& em se confessarem todos, a que suprio o Custodio de saõ Frãcisco com seus companheiros,que aqui exercitaraõ bem o officio de verdadeiros & charitatiuos Religiosos.

Tanto q̃ amanheceo se armou vm fermoso altar no meyo do terreiro da fortaleza, em q̃ o Custodio disse Missa,& deu o diuino Sacramento da Eucharistia a todos com muito grande veneraçaõ, & deuaçaõ,sendo o Gouernador, capitaens, & fidalgos velhos os primeiros. Acabado este solenne auto,(que foi de mũy grãde alegria, & consolaçaõ pera todos) aleuantousse o Gouernador no meyo de toda aquella multidaõ de soldados,& alçando a voz, lhes fez esta breue pratica.

Muito valerosos & esforçados fidalgos & caualeiros de Christo: se a alegria & desejo de vos ver ás maõs cõ os imigos que em todos vejo,cuidasse que vos procedia de temeridade, confessouos que estiuera menos cõfiado do que estou: mas como sei mũy certo que vos nace da lembrança de quem sois, & da vontade que tendes de imitar no valor & esforço áquelles antigos Portugueses nossos antepassados,naõ ha cousa que me faça recear cousa algũa: por que aquelles naõ só se tiueraõ por satisfeitos de vencerem grandes exercitos em Africa,com pouca & mal prouida gente: mas ainda aos Romanos q̃ nunca foraõ vencidos d'outrem. Lembrouos as grandes vitorias q̃ no cerco passado á bem poucos annos aqui alcançamos,d'outros imigos mais esforçados & poderosos que estes,(que com o fauor diuino auemos de vẽcer muito depressa.) Lembrouos tambem, que a batalha que auemos de ter, á de ser aspera,cruel,& arriscada: & tanto, q̃ ou elles,ou nos auemos de acabar naquelle campo. E quãdo isto for (o que Deos naõ permita) naõ deuem elles de ficar pera se gloriarẽ da vitoria, por que todos auemos de trabalhar por vingar a morte do companheiro que a par delle cair: mas tambem vos affirmo, q̃ a mais desta gente anda forçada,& aõ de trabalhar todos de saluar as vidas,pellas poucas esperanças de honra,& de proueito que disso esperaõ auer: por que as duas cousas que mais fazem arriscar a vida aos amigos de honra, saõ, a honra & fama nesta vida,& galardaõ perpetuo na outra. De nada disto podem estes ter esperanças, por que as honras do seu Rey saõ tratalos

como eſcrauos: a fama com elles ſe acaba: ſo no inferno vaõ gozar do galardaõ de ſuas obras em penas perpetuas. Nos naõ aſsi,q̃ os que d'aqui eſcaparmos, temos por muito certas as honras & merces do noſſo Rey, que nos ama como pay: & os que morrerem ficaraõ viuendo no mundo em fama, & ſuas almas iraõ gozar de hũa bemauenturãça, que naõ tem fim. Por iſſo ſenhores fidalgos & caualeiros de Chriſto, pelejemos confiados, como quem peleja diante de ſeu Deos, & do ſeu Rey, defendendo ſuas hõras, como verdadeiros Chriſtaõs, & filhos. Aqui tendes a figura d'aquelle Chriſto IESV Senhor & Saluador noſſo: (A eſte tẽpo aruorou o Cuſtodio vm deuoto Crucifixo, ſobre hũa haſtia no ár, pera que de todos foſſe viſto) eſte he o que vos á de ajudar, & fauorecer, & debaixo de taõ piadoſa, precioſa, & poderoſa bandeira pelejai ſeguros, & desbaratemos diante delle todos eſtes imigos de ſua ſancta Fé, & nome.

Toda aquella multidaõ, & cõcurſo que eſtaua ſuſpenſo, & callado, ouuindo, dependurado da boca do Gouernador, ouuindolhe com grande atençaõ o que lhes dizia: em vendo aruorar aquella ſacratiſsima figura de noſſa Redençaõ, ſe proſtraraõ todos logo por terra, & com os olhos arrazados de lagrimas, adoraraõ aquel la diuina imagem, pedindolhe miſericordia, fauor, & ajuda, & bradando por batalha. O Gouernador lhes diſſe que ſe fizeſſem preſtes pera o outro dia, repartindo aquelle as eſcadas pellos fidalgos, & capitaens de mais recado: prometendo ao primeiro que ſobiſſe as paredes, ſe foſſe fidalgo, hũa viagem de Bengala: (que entaõ era das mais importãtes da India, por ſe fazer com nauio d'Elrey, & leuar reſgate ſeu.) E ſe foſſe caualeiro, ou ſoldado, duzentos cruzados em dinheiro. Eſte dia a tarde entraraõ na ilha de Diu dous capitaens, Accedecan, & Alucan, com cinco mil homens, que Elrey deſpidio de Amadaba, tanto que teue recado que o Gouernador ficaua em Baçaim.

*Fim do Terceiro Liuro.*

---

LIVRO

# LIVRO QVARTO
# DA SEXTA DECADA
## DA HISTORIA DA INDIA.

### CAPITVLO I.

*De como o Gouernador dom Ioaõ de Castro sayo da fortaleza, & cometeo as estancias dos imigos, & do muito primoroso, & honroso desafio que tiueraõ dom Ioaõ Manoel, & Ioaõ Falcaõ: & de como os nossos ganharaõ as estancias. E dos grandes, & espantosos casos que aconteceraõ a alguns Portugueses.*

AOS onze dias do més de Nouembro, em que a Igreija Catholica celebra a festa de saõ Martinho, Bispo, & Confessor, em rompendo a menham, mandou o Gouernador fazer sinal á armada com os tres foguetes, & elle se pós no terreiro da fortaleza com a bandeira de Christo, armado, pondo em ordem as cousas necessarias: & mãdou ao Alcaide mór que se tirasse as portas fora de seus antigos couces, & que ficasse a fortaleza aberta. E querẽdo ja sair por ellas chegou o padre Custodio, acompanhado dos frades que comsigo leuaua, & vm Crucifixo aruorado em hũa lança, & posto em meyo de todos rezou em voz alta o Euãgelho de saõ Ioaõ, & acabado, fez hũa absoluiçaõ geral a todos, concedẽdolhes remissaõ de todos seus peccados, por virtude dos Breues Apostolicos, que os Summos Pontifices tinhaõ concedido a Elrey dom Manoel de gloriosa memoria, pera todos os que morressem na guerra. Com isto ficaraõ todos taõ animados, & esforçados, que lhes feruiaõ os coraçoens nos peitos.

Aqui aconteceo vm caso espãtoso de honra a tres soldados Reinois, que tinhaõ vindo em companhia de Ruy Lourenço de Tauora, naturaes do Torraõ, patria de Antonio Moniz Barreto, que eraõ parentes vns dos outros, que naõ he bem calarse. Estes soldados desejosos de ganharem fama & honra, tanto que as bandeiras se começaraõ a por em ordem, foraõ demandar Antonio Moniz Barreto, que estaua na diãteira cõ hũa escada que lhe tinhaõ encomendada:

mendada: & chegando a elle lhe deraõ hũa carta de ſua mãy, em q̃ lhos encomendaua muito, pedindolhe, os fauoreceſſe,& agaſalhaſſe,por que eraõ naturaes d'aquella villa,& filhos de homens honrados. Antonio Moniz Barreto leo a carta que o alegrou muito n'aquelle tempo,por ſer de ſua mãy: & diſſe aos ſoldados, que a guardaſſem,que ſe elle eſcapaſſe da batalha lha deſſem, por que faria tudo o q̃ nelle foſſe, aſsi por ſua mãy lho encomendar, como pello elles merecerem. A iſto tomou vm delles a maõ, & diſſe, que as merces & honras q̃ delle queriaõ eraõ ali, que depois naõ auiaõ miſter couſa algũa: & ſe por aquella carta lhes auia de fazer pello tẽpo muitas,ſô hũa naquelle queriaõ delle, & era, lhes entregaſſe aquella eſcada,pera elles a aruorarem a onde lhes elle mandaſſe. Antonio Moniz Barreto vendo a opiniaõ & brio dos ſoldados,lhe entregou a eſcada dizendolhes,vedela ahi,& nella vos entrego toda minha hõra,eu a ey por muito bem arriſcada nas maõs de ſoldados de taõ honroſos penſamentos.

A armada tanto que vio o ſinal que lhe fizeraõ da fortaleza, eſtando ja preſtes & negociada: por que Nicolao Gõçaluez (a quẽ aquelle negocio eſtaua encomendado) tinha aruoradas muitas lanças por todos os nauios, que eſtauõ fermoſamente embandeirados,& tinha cortados muitos murroens em pedaços, & aceſos os repartio pellos moços, & marinheiros, pera que os imigos cuidaſſem que eraõ eſpingardas.E arrancando do poſto em que eſtaua com ſeſſenta nauios de remo,tocãdo muitos tambores,pifaros,& outros muitos inſtrumentos, com tamanhos gritos,& alaridos de moços & marinheiros,que punha medo. E como iſto era de madrugada, fazia parecer aq̃lla couſa mais medonha. Aſsi foraõ entrando pello rio dentro, indo diante a Galeota do Gouernador,com ſeu toldo de brocado,& bãdeira de Chriſto por coadra, pera que cuidaſsẽ os Mouros,que ya elle ahi: & voga arrãcada foraõ paſſando pellas eſtancias dos Mouros, cõ aquellas carrancas, como que queriaõ deſembarcar na ponte da Alfandega.

Rumecan parecendolhe q̃ vinha ali o Gouernador, deixando as eſtancias encomẽdadas a Iuzarcan com oito mil homens: acodio áquella parte acompanhado de Mojatecan,Alucan, & Accedecan, com todo o mais poder. A armada leuaua toda artelharia ceuada: & tanto que emparelhou com as eſtancias foilhes dãdo hũa fermoſa ſalua,de que matou algũs Mouros. O Gouernador que ja eſtaua preſtes,tanto que a armada paſſou pellas eſtancias, ſayo da fortaleza tocando ſuas trombetas, & outros muitos generos de inſtrumentos

bellicos.

bellicos. Dom Ioaõ Mascarenhas capitaõ della, que leuaua a dianteira, foi cingindo a caua, pera ir cometer pello cabo do muro, n'aquella parte em que estaua o baluarte de Diogo Lopez de Siqueira.

Aqui aconteceo vm caso milagroso,& foi,que estauaõ assestadas algũas peças de artelharia pera a ponte,por onde os nossos auiaõ de sair aos imigos,& antre ellas entra na aquella grande, medonha, & temerosa,que oje está na fortaleza de Saõ Giaõ na barra de Lisboa,q̃ estaua carregada de jellalas, que he hũa moeda de cobre grossa & redonda,que tẽ valia de tres reis. Os Mouros tanto que os nossos sairaõ da fortaleza, vendo a ponte entulhada delles puzeraõ fogo as bombardas por coatro vezes, sem de algũa dellas o tomar: & sem duuida que se Deos asi o naõ permitira, d'aquelle só tiro fora o Gouernador desbaratado. E por q̃ naõ passemos por outro milagre, de que os Mouros foraõ testemunhas: elles mesmos affirmaraõ q̃ em quanto a batalha durou,viraõ sobre as ruinas da igreija hũa molher taõ fermosa & resplandecẽte, que com os seus rayos os cegaua a todos: & isto particularmente testemunharaõ os que ficaraõ catiuos na batalha.

E tornando aos da dianteira, tanto que sobiraõ a caua a outra banda remeteraõ com o muro em que começaraõ a aruorar suas escadas. Os imigos como estauaõ á lerta despararaõ nelles sua artelharia: & quis a fortuna que vm pilouro acertasse na escada de Antonio Moniz Barreto,que leuauaõ os soldados da villa do Torraõ,& fazendoa em pedaços,asi ella, como as rachas della mataraõ os tres soldados logo, atalhandosselhes em frol seus taõ honrados pensamentos.

Aqui socedeo outro caso mũy dino de memoria, & foi: q̃ estãdo em Goa desafiadosdom Ioaõ Manoel,com Ioaõ Falcaõ, por certas paixoens que tiueraõ, andando o Gouernador pera se embarcar,& vendo que em tempo de taõ grande necessidade era rezaõ que se poupassem pera socorrerem a fortaleza d'Elrey: concertaraõse ambos, que o primeiro que sobisse a parede dos imigos em Diu, esse ganhasse a honra do desafio. E asi saindo diante de todos, leuando cada vm sua escada remeteraõ cõ o muro,a onde as encostaraõ quasi a vm mesmo tempo. Dom Ioaõ Manoel tinha pedido a Antonio Moniz Barreto que o fauorecesse na sobida, & lhe tiuesse a escada como fez: o mesmo pidio Ioaõ Falcaõ a outros fidalgos seus amigos.

Dom Ioaõ Manoel sobindo pella escada,& lançãdo a maõ direita pera a ferrar da parede ja em cima,lha cortaraõ os Mouros, & acodindo com a esquerda lhe fizeraõ

raõ o meſmo, & vendoſſe ſem maõs,naõ ſintindo o furor de ſeu animo a perda dellas, foi com os cotos dos braços pera ſe pendurar & ſoſpender do muro, trabalhando por ſe por em cima,(por que o deſejo da honra lhe fazia muito faciles todos os riſcos, & perigos: & eſtando quaſi em cima lhe deraõ vm golpe pello peſcoço, que lhe lançaraõ a cabeça fora,atalhãdo á morte hũa das mais honradas opinioens que no mundo naceo. Era eſte fidalgo filho de dom Bernardo Manoel, & d'ũa filha do Conde de Villa noua,neto do grã de dom Ioaõ Manoel, que foi camareiro mór d'Elrey dõ Manoel, & guarda mór, & almotace mór, & capitaõ dos ginetes.

Ioaõ Falcaõ deſejoſo tambem de ganhar a honra do deſafio, ſobio pella eſcada ajudado d'aquelles aquem ſe encomendou,& chegando á borda do muro,foi morto de muitas cotiladas & lançadas, naõ deſmerecendo aqui couſa algũa do outro. Por eſta maneira ſe encoſtaraõ muitas eſcadas de lõgo a lõgo do muro,por que as outras duas companhias de dom Aluaro de Caſtro,& dom Manoel de Lima chegaraõ logo, trabalhando muitos por ſubirem, fauorecendoos os debaixo com ſua eſpingardaria: começandoſſe de parte a parte hũa muito rija, & cruel batalha ſobre a entrada: & todauia algũs dos noſſos caualgaraõ o muro,& ſe poſeraõ em cima ás cutiladas com os Mouros: & como a couſa foi taõ baralhada,& ſobiraõ por tantas partes,naõ ſe pode aueriguar quem foi o primeiro. Mas dos primeiros foraõ Miguel Rodriguez Coutinho, d'alcunha Fios ſecos,cidadaõ nobre de Goa, mũy bom caualeiro: & Coſmo de Paiua. Eſte homem deu aqui grãdes moſtras de ſeu esforço, por que teue ſó o pezo de todos os imigos q̃ carregaraõ áquella parte,& como o muro era largo cercandoo vm monte delles, trabalharaõ pello matar,mas elle defendendoſſe de todos,ferindo & derribando algũs ſe fez taõ temido a todos, que naõ ouſando a lhe chegarem por diãte o perſeguiaõ por detras, & pellas ilhargas com muitos arremeſſos,andando elle ja ferido de muitas feridas: & como eſtaua em meyo de tantos,vm Turco teue tẽpo de lhe dar vm golpe por detras por hũa perna q̃ lha cortou quaſi toda. Vendoſſe o esforçado caualeiro ſem perna, pós o outro giolho no chaõ, & aſsi ſe defendeo grande eſpaço,fazendo couſas notaueis a te que o mataraõ. Aqui neſte tempo ſobio Antonio Moniz Barreto o muro, & achou Miguel Rodriguez Coutinho Fios ſecos,cercado de muitos Mouros, & remetendo com elles os começou a cortar,pondoſſe á ilharga de Miguel Rodriguez Coutinho,& ambos tiueraõ vm grande pezo dos

imigos

imigos que recreceraõ.

Vasco Fernãdez Tanadar mór de Goa, tambem foi dos primeiros que sobiraõ ao muro, & em cima se pós como vm liaõ brauo em meyo dos Mouros, sem receo da morte, fazendo nelles grãde estrago: & sendo mũy perseguido de alguns Turcos, remeteo com vm, & deulhe tal golpe por cima do turbante, que lho cortou todo, & a cabeça a te o meyo, caindolhe a os pés, & abaixandosse pera o acabar de matar, cuidando que estaua ainda viuo, lhe deu outro Turco hũa cotilada pellas costas, que lhe cortou vm grosso cotaõ de malha, & o fendeo pello meyo, caindo sobre o Mouro que tinha aos pés. Ia os nossos sobiaõ com menos trabalho o muro: por que os que estauaõ em cima o tinhaõ frãqueado.

Dõ Ioaõ Mascarenhas foi correndo a parede a te o cabo, a onde estaua o baluarte de Diogo Lopez de Siqueira, que cometeo cõ grãde determinaçaõ: & posto q̃ nelle achou mũy aspera resistencia, o ganhou, com morte dos mais dos Mouros que nelle estauaõ, naõ lhe custando taõ pouco, que naõ perdesse perto de dez homens, em q̃ entrou Francisco d'Azeuedo, q̃ este dia fez cousas em que mostrou bẽ seu valor & esforço: & estando ja em cima do muro, no meyo de vm escoadraõ de Mouros, em que fez mũy grande destruiçaõ: & estã do obrando cousas dinas de quẽ era, lhe deraõ com hũa lança de arremesso, de que acabou cõ muito louuor, passado de parte á parte. Dom Ioaõ Mascarenhas depois de ganhar o baluarte, & o muro d'aquella parte, passouse ao campo da outra bãda, & tocou a recolher os seus á sua bandeira, & formando vm fermoso escoadraõ, foi demandar os imigos, que estauaõ ja em outro, & lhe apresentou batalha ja no campo largo, em que a nossa arcabuzaria jugou bem á sua vontade. Aqui se trauou hũa muito aspera batalha, com grande destruiçaõ dos imigos, em q̃ os nossos pelejaraõ de maneira, que a poder de golpes arrancaraõ os Mouros do campo, & os leuaraõ a te os meterem dentro na cidade.

Os mais capitaens dom Aluaro de Castro, & dom Manoel de Lima, cometeraõ o muro por differentes partes, & depois de muitos casos acontecidos, que se naõ podem particularizar, o sobiraõ, lançando delle os imigos, com grande estrago seu delles, & naõ sem dano, & mortes d'alguns dos nossos. Ganhado o muro se deceraõ abaixo, & formaraõ seus escoadroens, & ao som de tambores & pifaros foraõ cometer Iuzarcan, que estaua com seis mil homens em vm corpo, antre o muro & o exercito, & começaraõ com elle hũa muito trauada & arriscada batalha, que esteue por vm espaço bem suspensa da parte dos nossos, por estarem

com

com Iuzarcan todos os Rumes & Turcos do exercito,que pelejauaõ mũy valerosamente. Quando o Gouernador chegou á parede, ja achou a passagem franca, & sobio por ella com a bandeira de Christo apar de si, que leuaua Duarte Barbudo mũy bom caualeiro, indo cercada de Lourenço Pirez de Tauora,Garcia de Sá, Iorge Cabral,Manoel de Sousa de Sepulueda,& d'outros muitos fidalgos velhos,que leuaraõ sempre o Gouernador em meyo: & decendosse abaixo tocou a recolher, & ajuntou a si dom Aluaro de Castro,& dom Manoel de Lima com suas bãdeiras,que andauaõ em batalha com Iuzarcan: & tendo ja aquelle poder junto, deu Sanctiago nos imigos,que se trauaraõ com os nossos mũy determinadamente,cõ grande dano & risco d'ambas as partes. Mas como os Portugueses pelejauaõ diante do seu Gouernador,ouueraõse de maneira na briga, que arrancaraõ os Mouros do campo, fazendoos recolher a suas estancias. O Gouernador mandou que apertassem com elles,& entrassem de enuolta, & asi os de diante cometeraõ os valos que sobiraõ a pezar dos imigos, mas com grande dano, por que aqui se perderaõ muitos dos nossos.O Gouernador ya jũto da bandeira Real de Christo,& mandou ao Alferez que lha posesse em cima das estancias dos Mouros, o que elle logo fez, bradando vitoria, vitoria: mas como os tiros & arremessos eraõ muitos, deraõ algũs no Alferez que o derribaraõ dos valos abaixo. Aqui tornaraõ os Mouros a cobrar animo,& rebentaraõ das estancias cõ tamanha furia, q̃ começou a auer nos nossos grande desordem. Os fidalgos que yaõ com o Gouernador acodiraõ á bandeira Real,ajudando a aleuantar o Alferez, que cõ muito animo & risco seu a tornou a aruorar sobre os valos, bradando vitoria, vitoria. Os Mouros tornaraõ a apertar tanto,& tãtos arremessos choueraõ sobre elle,que o derribaraõ muito mal tratado. Vendo o Gouernador o risco & perigo em que estaua,& que os seus parecia q̃ afracauaõ,adiantouse com hũa adarga embraçada, & hũa fermosa,& larga espada na maõ, & pondosse diante de todos lhes disse.

Ah fortes & esforçados Portugueses, oje he o dia que vosso nome á de sobir por todos os passados,naõ receeis cousa algũa,passay adiante,que aqui está o vosso Gouernador diante de vos offerecido aos mesmos riscos & perigos,segui me & fazei o que eu fizer. E chegando á bandeira achou ja o Alferez em pé muito mal tratado, dos tiros, & arremessos cõ que lhe deraõ: & leuandoa diante, apelidou o Apostolo Sanctiago, & começou a sobir os valos. Os fidalgos,capitaens,caualeiros,& soldados

dos em vendo o Gouernador diãte a trepar os valos,pegado á bandeira de Christo remeteraõ com taõ grande impeto, que desprezando tanto genero de instrumẽtos de mortes, como eraõ os que sobre elles cayaõ, sobiraõ em cima, lançando delles os imigos cõ muito grande estrago,& asi os foraõ seguindo a te os enserrarem, nas estancias.

O Gouernador foi passando adiante, com duas frechas crauadas na adarga, & muito alegre, & gentil homem fez aruorar a bandeira de Christo sobre as estancias donde algũas vezes foi derribado o seu Alferez, que logo se tornou a leuantar. Aqui se ateou outra noua batalha: mas como os nossos leuauaõ aquella furia, & quasi vitoria, apertaraõ tanto com os Mouros, que de todo lhe ganharaõ as estancias. Rumecan tanto que teue recado do que passaua, tornou a voltar pera as estancias, que ja achou em poder dos nossos, & remetendo com elles pera lhas tornar a ganhar, se tornou a atear a mais cruel & aspera batalha, que a te entaõ ouue, em que todos fizeraõ cousas espantosas: & asi os Mouros por ganharem as suas estancias, como os Portugueses pellas naõ perderem,aconteceraõ casos muito dinos de muito mayor escritura. Em fim no cabo do negocio, depois de muitas mortes, & danos, os Mouros se recolheraõ desbaratados, & os nossos ficaraõ senhores das estancias.

## CAPITVLO II.

### *De como o Gouernador dom Ioaõ de Castro apresentou batalha aos imigos, & da crueza della: & de como os desbaratou, & ganhou a cidade, com morte de Rumecan, & catiueiro de Iuzarcan.*

TANTO que Rumecan se vio com as estancias perdidas, se foi retraindo pera o campo,a onde se ajuntou com Iuzarcan, que se vinha recolhendo desbaratado de dom Ioaõ Mascarenhas, & ali formou seus escoadroens pera pelejar com os Portugueses no campo largo. O Gouernador vendo que se preparauaõ pera lhe dar batalha naõ a refusou, antes com grande determinaçaõ se sayo dos valos & estancias, & ordenou seus escoadroens, dando aquella dianteira a dom Aluaro de Castro seu filho, que foi cometer os Mouros com mais ordẽ dando sua surriada de arcabuzaria de que cairaõ muitos dos imigos. Aqui se baralharaõ todos as cotiladas,

ladas, retinindo os golpes de armas, & atroando o mundo com os eſpantoſos gritos & alaridos de vns & de outros. Foi aqui a crueza mũy grande, por que ſe feriaõ em deſcuberto, & ſem emparo algum: mas como o poder dos imigos era grande,& de todas as partes lhes foi acodindo ſempre mais gẽte,eſtiueraõ os noſſos quaſi perdidos, & desbaratados: mas chegou aquelle tẽpo o padre frey Antonio do Caſal,cõ o crucifixo aruorado na lãça, & paſsãdo por meyo dos noſſos foi bradãdo alto: Ah caualeiros de Chriſto,aqui tendes a figura de voſſo Deos, q̃ he o q̃ vos guia,esforçay & paſſay auante,por q̃ com tal capitaõ naõ ha q̃ recear, & com iſto ſe foi por diante de todos,chamando por Sanctiago,como varaõ mũy animoſo & Religioſo. Tãta força tiueraõ aquellas palauras,& a viſta de Chriſto crucificado,q̃ infundio em todos nouos eſpiritos,& rebentando como vm furioſo torrente q̃ dece do alto Apenino, deraõ Sanctiago nos Mouros, fazẽdo nelles tal eſtrago, q̃ a pezar ſeu, & cõ morte de muitos os arrancaraõ do campo, começandoſſe a declarar a vitoria pellos noſſos. Rumecan vendoſſe quaſi perdido, tornou a voltar animando os ſeus com palauras de muita obrigaçaõ, & com tanta furia tornou a dar nos Portugueſes, que os fez voltar com grande deſmancho.

Aqui acodio o Gouernador acompanhado de Lourenço Pirez de Tauora, Garcia de Sá, Iorge Cabral, Manoel de Souſa de Sepulueda,& de outros muitos fidalgos, & apreſentandoſſe diante de todos tiueraõ o encontro aos imigos, naõ deixando o Gouernador de arriſcar ſua peſſoa, ſem os que com elle andauaõ o poderem ter. Dom Aluaro de Caſtro, & dom Manoel de Lima com ſuas companhias eſtiueraõ mũy apertados, & ſempre acontecera vm grande deſarranjo, ſe elles naõ trouxeraõ tanto o tento nos ſeus, acodindolhes nas mores afrontas & neceſsidades, fazendoos ter, & apreſentandoſſe elles com os fidalgos de ſua companhia ao encontro dos imigos. Na volta que fez Rumecan, eſteue tudo perdido por todas as partes, por que naõ ſó pelejauaõ contra os noſſos os que traziaõ armas, mas ainda toda aquella multidaõ de gente inutil, que lançauaõ ſobre os noſſos tantas pedras, tiros, & outros arremeſſos, que parecia chouerem coriſcos, & trouoens do ceo. E como o Cuſtodio andaua diãte de todos animandoos,& esforçandoos, permitio o Senhor, por dar mór animo aos ſeus, que d'aquelles numeros infinitos de pedras que cayaõ ſobre todos, acertaſſe hũa em vm braço do crucifixo, que lho quebrou todo:& vẽdo aſsi o Cuſtodio,

leuantou

leuantou a voz, & começou a dizer.

Ah caualeiros de Christo, vedes aqui a imagem de nosso Deos ferida & escalaurada diante de vós, que fazeis que naõ vingais tamanha offensa, & injuria, feita a vm senhor que vos remio pello seu precioso sangue: seguime filhos meus, & caualeiros Christaõs vamos vingar nosso Deos: & com isto remeteo com os imigos, bradando por Christo.

Ouuindo todos aquellas palauras, & aleuantando os olhos q̃ lhe viraõ o braço depẽdurado do crauo pella maõ, clamando todos a grandes brados, misericordia, misericordia, arrebentaraõ cõ aquella furia que lhe fazia leuar o desejo de satisfazerem & vingarem aquella injuria feita ao Senhor: & rompendo nos Mouros, com grande estrago delles, os arrãcaraõ do campo, indo matando nelles a te os meterem pella cidade dentro: mas todauia naõ foi sem dano, por que ali cairaõ muitos dos nossos mortos & feridos: & antre estes Manoel de Sousa de Sepulueda, q̃ ficou estirado no campo com muitas feridas.

Aquelle tempo chegou ao cais hũa fusta, em que vinha de Baçaim Bastiaõ de Sá, filho de Ioaõ Rodriguez de Sá, de se curar da frechada que lhe tinhaõ dado em hũa perna, (como fica dito no fim do capitulo sexto do segundo liuro.) E sabendo estar o Gouernador no campo o foi logo demandar, com alguns companheiros que trazia: & chegãdo áquella parte, achou Manoel de Sousa de Sepulueda estirado no campo, & chegandosse a elle o aleuantou. Elle lhe pedio que fossem ambos juntos em busca do Gouernador, por que se naõ auia de recolher sem elle: Bastiaõ de Sá, que naõ se tinha achado n'aquelle conflito, naõ querendo que se acabasse sem elle, dissellhe, que naõ era tempo: & passou adiante a te chegar aos nossos que andauaõ ja dentro na cidade enuoltos com os imigos: & pondosse na dianteira com os primeiros, começou a pelejar como quem vinha de represa, & desejoso de o fazer. Os Mouros como yaõ ja de arrancada, & os nossos com aquelle animo & furia acabaraõ de os desbaratar, & de os espalhar pella cidade. Vendo dom Manoel de Lima, (que pelejaua na dianteira, & tinha feito grandes cousas) a vitoria por nós, apartouse cõ o seu escoadraõ, & foi a pos vm corpo de Mouros, que se yaõ recolhendo pella banda da praya, & dom Aluaro de Castro, que aqui mereceo muito, foi sempre seguindo Rumecan pella cidade dentro pello caminho que vay ao Bazar, pelejando sempre.

Dom Ioaõ Mascarenhas tanto que desbaratou Iuzarcan, o foi

ſeguindo pellà parte a onde oje eſtá a ermida de Noſſa Senhora, que entaõ era o lugar da forca, leuandoo ſempre diante a te o meter pella porta da cidade, a onde entrou de enuolta fazendo vm mũy grande eſtrago nos imigos: Iuzarcan ſe foi ajuntar com Rumecan (como ja diſſemos) cõ parte dos ſeus.

O capitaõ chegou a te o meyo da cidade, donde deſpidio recado ao Gouernador como ficaua nella, & os imigos por aquella parte desbaratados. Eſte recado chegou ao Gouernador a tempo, que tambem ja os imigos que elle ſeguia, ſe punhaõ em desbarato: & prometeo ao homem que lho leuou grandes aluiçaras: por que a te entaõ naõ ſabia de dom Ioaõ Maſcarenhas: & logo o tornou a deſpidir, mandando dizer ao capitaõ dom Ioaõ Maſcarenhas, que foſſe recolhendo os ſeus, & o eſperaſſe a onde eſtaua a te ſe elle ir ajuntar com elle.

Dom Manoel de Lima que foi ſeguindo os Mouros que tomaraõ o caminho da praya, leuou os ſempre diante de ſi, fazendo nelles muito grande eſtrago, a te as caſas d'Elrey a onde parou, & deſpidio recado ao Gouernador, que ja tudo era rendido, & em lho dando deu muitas graças a Deos por tamanha merce, & foi tomando o caminho da praya: & chegãdo a onde elle eſtaua o leuou nos braços, dando a elle, & a todos, muitos, & publicos louuores. Eſtaua dõ Manoel de Lima cõ a ſua bãdeira aruoráda ſobre a artelharia que os Mouros tinhaõ á porta da alfandega, q̃ eraõ alguns bazaliſcos, aguias, & ſaluagens de metal, de marauilhoſa grãdeza. O Gouernador lhe diſſe, q̃ pois elle ganhara aquellas peças, lhe fazia merce em nome d'Elrey de vm d'aq̃lles baſaliſcos, o mayor. Dõ Manoel de Lima lhe fez ſua inclinaçaõ pella merce, aceitãdoa: mas diſſe logo, q̃ tornaua a fazer ſeruiço della a Elrey. O Gouernador mãdou ver ſe eſtaua alguẽ nas caſas do Soltam Mahamude, & achãdoas vazias, mandou meter nellas hũa cõpanhia de cem ſoldados, & tomãdo dom Manoel de Lima cõſigo, tornou a entrar na cidade pella porta da alfandega, & ſayo ao Bazar grande, a onde achou ſeu filho dom Aluaro de Caſtro, que a te ali foi apos os imigos, em quem tinha feito grande deſtruiçaõ. D'ali o mandou que cõ a ſua companhia correſſe a cidade, & ajuntaſſe a ſi toda a gente deſmandada, & o foſſe eſperar á porta que ſaya por aquella parte ao cãpo, & o Gouernador cõ toda a mais gente foi encaminhãdo pera onde eſtaua dõ Ioaõ Maſcarenhas. Dom Aluaro de Caſtro foi recolhẽdo os ſoldados, q̃ com hũa brutal crueza andauaõ pellas caſas matãdo, & eſpedaçãdo molheres, mininos, & velhos, naõ perdoã-

do ainda

do ainda a te os brutos animais: & foi a crueza taõ espantosa,que cor riaõ pello meyo de todas as ruas regatos de negro sangue, carregãdosse todos de prezas que pellas casas tomauaõ,de ouro,prata,aljofar,deixando as mais fazendas que eraõ muitas & ricas,pollas naõ poderem leuar. Dom Aluaro de Castro depois de com muito trabalho recolher todos a si,esperou em meyo do Bazar pello Gouernador que logo chegou,& asſi foraõ mar chando a te darem com dom Ioaõ Mascarenhas, que ainda estaua ás lans com os imigos, que tornaraõ a voltar a elle: mas vendo elles o poder deixaraõ tudo, & se foraõ recolhendo pera fora da cidade.

O Gouernador ajuntou a si todas as bandeiras, & ao som de tãbores & pifaros foi marchando pera o campo a onde sayo, & vio que se ajuntaua todo o poder dos Mouros em vm corpo, & estauaõ á sua vista, Rumecan, Accedecan, Iuzarcan,Mojatecan,& Alucan,cõ oito mil homens, postos em som de batalha,& em muito boa ordẽ, com determinaçaõ de tornarem a buscar os nossos. O Gouernador por naõ arrefecer da vitoria,mandou a dom Ioaõ Mascarenhas, & a seu filho dom Aluaro de Castro, que cada vm por sua parte cometessem os Mouros, por que elle o queria fazer pella testa do escoadraõ.

Apartados os capitaens foraõ demandar os imigos, & os cometeraõ com muito grande determinaçaõ,ateandosse antre todos hũa muito arriscada batalha. O Gouernador os foi tambem demandar depois de andarem ja enuoltos,& pegou com elles com taõ espantosa furia, que com morte de muitos os começou a arrancar do campo. Os capitaens que pelejauaõ pellas ilhargas com dom Ioaõ Mascarenhas,& com dom Aluaro de Castro, tanto que viraõ q̃ Rumecan começaua a perder o campo,enfraqueceraõ de maneira,que se poseraõ em desbarato. Os nossos vendo isto apertaraõ tanto cõ elles, que os fizeraõ ir retraindo com tanta desordem, que cayaõ vns sobre os outros.E foraõse metendo tãto os nossos com os Mouros:que vm Gabriel Teixeira mũy bom caualeiro passou tanto adiãte,que chegou ao Alferez da bandeira Real de Cambaya,& derribandoo de vm golpe lha tomou das maõs, & se recolheo com ella arrestandoa, & bradando vitoria, vitoria.

Iuzarcan pelejou muito bem,& depois de ter muitas feridas,& andar muito fraco, & cansado, cayo antre o tropel dos seus que yaõ fugindo: & sendo conhecido dos nossos,lançaraõ maõ delle,& o leuaraõ ao Gouernador, que o estimou muito, encomendando a alguns homens de recado que o leuassem á fortaleza, & o mandas-

ſem curar, & ter a bom recado.

Rumecan vẽdoſſe de todo deſbaratado, & indoſe recolhendo muito canſado & fraco, por leuar duas eſpingardadas, receoſo de ir ter as maõs dos Portugueſes, deſpio os trajos que trazia, & veſtioſe de hũa pobre cabaya por naõ ſer conhecido, & achando vm cauouco com alguns corpos mortos ſe lançou antre elles, pera ver ſe por ali podia eſcapar: mas como naõ ha fugir á maõ de Deos, ali lhe foi dar hũa grande pedra na cabeça, ou foſſe da maõ dos noſſos, ou dos ſeus, que lha fez em pedaços: & aſſi acabou no mais miſerauel eſtado, o mais poderoſo & ſoberbo Mouro que auia em todo o reino de Cambaya, nem em todos os do Oriente naquelle tempo.

Os noſſos foraõ ſeguindo a vitoria pello campo adiante, por eſpaço de mea legoa, a te de todo desbaratarem os imigos. Vm Iorge Nunez bom caualeiro que ya por aquella parte pera onde Rumecan ſe recolheo, (que parece leuaua o olho nelle) & indo ter ao cauouco achou aquelles Mouros mortos, & antre elles vio, & conheceo Rumecan, (por que o conhecia mũy bem) & cortandolhe a cabeça a lançou as coſtas, & a leuou ao Gouernador, que a eſtimou muito, & prometeo ao ſoldado de lhe fazer merce, como depois lhe fez. Eſte homem viueo depois muitos annos caſado na cidade de Damaõ, & tem ainda neſta era de nouenta & ſete, em que iſto eſcreuemos, molher & filhos, & elle em quanto viueo ſe chamou Iorge Nunez o Rumecan: & depois que faleceo ſe enterrou em ſaõ Frãciſco de Damaõ, a onde oje aparece ſua ſepultura com hũa maõ & hũa cabeça pellos cabellos tomada, & vm letreiro que diz: Aqui jaz Iorge Nunez que matou Rumecan. Deſta verdade naõ achamos outra teſtemunha mais que eſta, & parece que lhe deue de ficar o direito pella muito antiga poſſe em que eſtá, que nôs lhe naõ queremos tirar.

O Gouernador tanto que vio a vitoria arrematada ſe foi recolhẽdo pera a cidade, que entregou liberalmente a ſaco aos ſoldados q̃ nella ſe ceuaraõ bem, & elle ſe foi ás caſas d'Elrey, & nellas achou toda a recamara de Rumecan, de ouro, prata, peças ricas, caualos, jaezes, armas de muitas ſortes, o que tudo mandou pôr a bom recado, & a artelharia toda, que eraõ corẽta peças groſſas de bazaliſcos, a te camellos de marca mayor, & outras muitas de outras ſortes.

Aſſolada a cidade ſe recolheo o Gouernador pera a fortaleza a deſcanſar, & a dar folga a gente, q̃ andaua mũy canſada, mandando recolher, & enterrar os mortos, & curar os feridos com muita diligẽcia, & reſguardo. Sobre a tarde tornou a ſair fora com as bandeiras

ordena-

ordenadas,& entrou nas estancias dos imigos,a onde se acharaõ muitas moniçoens, mantimentos, armas,& hũa grãde soma de aluioẽs codilins,machados, pás, padiolas, escadas,& todos os mais petrechos de minar: tudo isto mandou recolher pera a fortaleza,no que se gastou aquelle dia & o outro.

Morreraõ na batalha dos Mouros,cinco mil,conforme a hũa carta que achamos do Gouernador dom Ioaõ de Castro no cartorio da Sé de Goa,que escreueo aõ Bispo dõ Ioaõ d'Albuquerque,quando lhe mandou as nouas da vitoria, em que lhe relata em breues palauras esta jornada.

Foi catiuo Iuzarcan,& perto de seiscentos homens de armas.

Morreo Rumecan,Accedecan, Alucan, & outros muitos capitaens.

Tomaraõse muitas bandeiras, armas,& outras muitas cousas,que no triumpho do Gouernador adiãte milhor se veraõ.

Portugueses morreraõ trinta & cinco, & ficaraõ feridos duzentos & cincoenta. O Gouernador despidio logo vm cidadaõ nobre & caualeiro,chamado Diogo Rodriguez d'Azeuedo, em vm nauio muito ligeiro, com cartas pera o Bispo, capitaõ, & cidade de Goa, em que lhes daua as nouas da grãde vitoria que tinha alcãçado dos capitaens d'Elrey de Cambaya. E á cidade em particular escreueo hũa muito honrosa carta, em que lhe representaua as necessidades em que ficaua de dinheiro pera a reformaçaõ d'aquella fortaleza, q̃ lhe pedia lhe quisessem emprestar vinte mil pardaos sobre vns cabellos da sua veneranda barba,q̃ pera isso lhe mandou dentro na mesma carta, prometendolhe de os desempenhar tanto que chegasse a Goa: & da jornada deste homẽ a diante daremos rezaõ.

## CAPITVLO III.

*Das cousas que mais socederaõ: & de como Lourenço Pirez de Tauora se embarcou pera o Reino, & leuou comsigo Rax Nordin, filho de Rax Xarrafo Guazil de Ormuz. E de como o Gouernador dõ Joaõ de Castro mandou dom Manoel de Lima a fazer guerra â costa de Cambaya, & de como destruio as cidades de Goga, Gandar, & outras.*

AO outro dia,depois que o Gouernador despidio o recado pera Goa, tornou a correr a cidade, tendo ja recado certo,que toda a gente que escapou da batalha era passada á outra banda da terra firme,

& mandou deſmanchar a ponte q̃ ya da alfandega pera a villa dos Rumes,& desfazer a parede da cõtenda,& todas as eſtãcias dos imigos,que deraõ a todos muito trabalho,por ſerem muitas,& muito fortes, & a parede cõprida & muito groſſa. Depois de tudo iſto feito, tomou o Gouernador parecer com todos os capitaens & fidalgos velhos, ſobre a reparaçaõ & fortificaçaõ d'aquella fortaleza: & de cõmum cõſelho ſe aſſentou que ſe alargaſſe mais o ſitio, por ſer dentro muito eſtreita: & que ſe fizeſſem outros muros nouos por fora da caua, & ſe abriſſe á roda outra mais larga,& mais funda. Aſſentado iſto começou o Gouernador a pór as maõs á obra com muita preſteza.

Lourenço Pirez de Tauora chegandoſſelhe o tempo de ſe ir embarcar,ſe deſpidio do Gouernador,que eſcreueo por elle a Elrey muito largo dos merecimẽtos dos homens que n'aquelle cerco ſe acharaõ,& de ſi muito pouco,por q̃ ſe reportaua em tudo ao capitaõ mór das naos, como teſtemunha de viſta. Foi embarcado pera o reino com Lourenço Pirez de Tauora na ſua meſma nao Rax Nordin,filho de Rax Xarrafo, Guazil de Ormuz,que leuou grande caſa. O Gouernador ficou proſeguindo na reedificaçaõ, & fortificaçaõ da fortaleza. E por que lhe deraõ por nouas,que em Surrate ſe eſperaua por duas naos de Meca muito ricas, deſpidio dom Manoel de Lima com trinta nauios,em que yaõ os mais dos capitaens que das outras vezes o acompanharaõ: dandolhe por regimento,que em quãto as naos tardaſſem fizeſſe por aquella enceada toda a guerra que podeſſe: mas que naõ tocaſſe na cidade de Goga,por ſer auiſado q̃ toda a gente que eſcapara de Diu, eſtaua ali recolhida.

Dom Manoel de Lima foi ſeguindo ſua jornada de longo da coſta pera dentro da enceada: & ao ſegundo dia depois que partio lhe deu vm temporal da bãda do Sul, com que eſtiueraõ os nauios quaſi perdidos: & correndo com traquetes foraõ ſorgir nos poços de Goga á viſta da cidade,ficando em remanſo por cauſa das reſtingas & canais em que os mares quebraõ. Os da cidade tanto que ouueraõ viſta da armada, a começaraõ a deſpejar, & a ſe recolherem pera as aldeas do ſertaõ.Eſtaua hũa nao deMouros do Zamaluco ſurta tambem em vm d'aquelles poços, & vendo os della o deſpejo da cidade,como leuauaõ cartaz, & eraõ de paz, começaraõ a capear com bandeiras aos noſſos, pera q̃ acodiſſem,& deſembarcaſſem. Os da armada bem viraõ o capear da nao,mas naõ entendendo o por q̃ o fazia, pareceolhes que era nao de Cambaya, & que de confiada em ſua fortaleza, & muita gente q̃ trazia,

trazia,lhes fazia aquellas alguazaras,& os desafiaua. Dom Manoel de Lima como era homem mũy colerico,& desconfiado,vendo q̃ o tempo lhe naõ daua lugar pera ir demandar a nao , estaua pera arrebentar de pezar.E lançando a vista a hũa & a outra parte, vio o despejo da cidade,& ir pello campo grãdes exercitos de molheres & mininos , com suas fazendas ás costas em compridas fileiras (asi como se vem as prouidas formigas carregadas de seu mantimento a buscar as couas em que se agasalhaõ) & entendendo entaõ que o capear da nao era auiso que lhe daua d'aquelle despejo que se fazia com receo da armada : mandou chamar todos os capitaens, & lhes disse.

Que bem viaõ, que o tẽpo lhes naõ daua lugar pera sairem dali,& que pois á sua vista se despejaua aquella cidade , & mostraua tanto temor delles,que pareceria fraqueza naõ seguirem a vitoria, & porẽ aquella cidade(que era das mayores de Cambaya) a ferro & a fogo, & darem nella vm bom ceuo a seus soldados . Porem posto q̃ traziaõ por regimento , que naõ tocassem nella,que a causa que mouera ao Gouernador a lho defender,fora,ser auisado que ali estaua toda a gente que escapara da batalha de Diu,que era muita,pellos naõ pór a perigo. Mas q̃ pois viaõ fogir os imigos á sua vista com tãta desordem, parecia que se auenturaua pouco , em acabar de destruir as reliquias do exercito imigo se ali estaua , & que vissem todos o que lhes parecia naquelle negocio.

Como todos os que ali estauaõ desejauaõ tanto,ou mais,que o capitaõ mór desembarcar naquella cidade,todos a hũa voz disseraõ,q̃ naõ era bem se perdesse hũa taõ grande occasiaõ como aquella : q̃ desembarcassem,& seguissem a vitoria em que auia taõ pouco risco, pois aquelles imigos yaõ desbaratados por si proprios.Vendo dom Manoel de Lima a resoluçaõ de todos,como o tempo ya ja cessando, embarcouse logo em hũa pequena galueta & foi sondar o esteiro,por onde se entra á cidade ( de quem ja na coarta Decada, no capitulo quinto do liuro setimo demos larga relaçaõ.) E vendo que de baixa már era forçado ficarem todos os nauios em seco , notou hũa coroa de area , que em meyo do esteiro deixaua a maré depois de vazia , em que as fustas podiaõ ficar:por que por derredor distancia de vm coarto de legoa , & em partes mais, era tudo vaza , que atollaua a te o pescoço : por onde ficauaõ ali seguros de poderem ser cometidos.E visto tudo mũy bem se tornou pera a armada,& deu recado aos capitaens , pera que se fizessem prestes.

E tanto que a maré começou

a encher

a encher cometeo a entrada do esteiro, & pojando em terra desembarcaraõ todos os capitaens cõ sua gente & bãdeiras, & o capitaõ mór com o guiaõ de Christo, & pondosse em ordem começaraõ a marchar pera a cidade, pella bãda do sertaõ, por pontes que tinha, que atrauessauaõ os esteiros, q̃ a cercauaõ quasi a roda. E cõ gran de determinaçaõ a entraraõ achãdo pouca resistencia, por que a gẽte da guerra occupouse toda em saluarem as molheres & filhos: & algũa desobrigada que acodio a defender a entrada foi logo desbaratada. Dom Manoel de Lima mandou dar fogo á cidade por algũas partes, por os seus se naõ desmandarem no roubo. E como nella auia muitas terecenas de mantimentos, manteigas, cisas, drogas, & muitas mercadorias, tomou tamanha posse, & aleuantou ao ceo taõ grandes, espessas, & negras nuuens de fumo, que cobriaõ toda a cidade. Os nossos foraõ por hũa parte della a te sairem ao campo largo da outra banda, por onde se acolhia a gente (de que aquelles campos yaõ cubertos) fugindo cõ tanta pressa, que lhes parecia que yaõ apos elles aquellas temerosas chamas. Dom Manoel de Lima ouue por desnecessario seguilos, & tocou a recolher, & primeiro que a maré vazasse se embarcou, leuãdo tres Baneanes catiuos, & com todos os nauios se recolheo pera a coroa da area a onde os ancoraraõ: & depois da maré vazia ficaraõ em seco muito seguros.

O capitaõ mór soube dos Baneanes, que a gente da guerra que estaua na cidade era pouca, & que toda a que viera de Diu, ou a mór parte della, se espalhara logo por esse sertaõ: & que essa que auia cõ os naturaes se foraõ recolhendo pera hũa villa que estaua dali a hũa legoa. E informandosse do caminho, & de tudo o mais que quis, tomou conselho com os capitaens sobre se iria cometer aquella villa, a onde todos auiaõ de estar des cuidados: & assentandosse que si, se fizeraõ todos prestes pera a outra maré que lhe cayo no coarto d'alua. E desembarcando em terra, deixando cem homens repartidos pella armada, se foraõ marchando com grande ordem, & resguardo, leuando os Baneanes por guia. E antes da menham romper chegaraõ á villa sem serem sintidos, por que naõ se receauaõ de tal: & cometendoa com grande impeto, tomando todos dormindo, & cansados do trabalho da fogida, fizeraõ em todos tamanha destruiçaõ, & vsaraõ de taõ grandes cruezas, com todo o genero de gente que acharaõ, que foi espanto. E asi aquelles miseros q̃ foraõ fugindo da morte com taõ grande trabalho, a foraõ achar, quando cuidauaõ que della estauaõ mais seguros, & na mayor quietaçaõ, & repouso.

repouſo. O lugar foi todo abrazado: & todo o gado que pellos cãpos acharaõ, foi morto, & lançado dentro em ſeus pagodes, por afrõta de ſua Religiaõ: & aſsi nos poços & tanques de que bebiaõ, pera lhes ficarem immundos, & abominaueis pera ſempre, (por que a onde toca o ſangue da vaca, naõ tem purificaçaõ algũa pera iſſo.) Depois de cortarem, aſſolarem, & deſtruirem tudo, mandou o capitaõ mór enforcar os tres Baneanes q̃ tomou em Goga, dentro no ſeu mayor Pagode, o que foi pera os Gentios a mayor abominaçaõ & afronta que podia ſer: & com iſto ſe recolheraõ pera Goga ſem lhes acontecer deſaſtre.

Embarcado o capitaõ mór ſe ſayo pera os canais, & como lhe o tempo deu lugar ſe fez á vela, & atraueſſou a enceada á outra banda, & acharaõ aquelle golfo taõ furioſo, que eſtiueraõ quaſi perdidos, & alagados, & tanto que lhes veyo a vazante, foilhes neceſſario ſorgirem, o que fizeraõ em alguns poços, por que ali ſaõ tudo alfaques, & em muitas partes de baixa már ficaõ deſcubertos: & quem naõ for muito bõ Piloto d'aquella enceada, & naõ tiuer muito conhecimento dos ſorgidouros, ficará ſobre elles a muito riſco de ſe perder: & muitas vezes ſe aconteceo ficarem alguns nauios parte ſobre elles em ſeco, & parte em nado dependurados em muito perigo a te tornar a maré.

He o fluxo & refluxo no fundo deſta enceada taõ ſoberbo & impetuoſo, que ſe perde a viſta nelle: & ſe acertar de dar vm nauio em parte que toque, em vm breue momento he feito pedaços. E quem eſtá na cidade de Cambayete, em começando a vazar a maré, em vm breue eſpaço vé tudo quanto a viſta alcança, ſeco & eſprayado, ſomente vm pequeno canal em q̃ ficaõ os nauios eſcorados por ambas as partes com vigas que pera iſſo trazem: & depois quando a maré torna a encher vem com tãta ſoberba, fazendo vm macareo taõ medonho, que parece q̃ quer encapellar toda a cidade: & trás comſigo tamanho terremoto, que eſtando eu naquella cidade, a primeira noite que o ouuimos nos pós muito grande medo, por que parecia que ſe ſoruertia a cidade, & em muito pequeno eſpaço torna tudo a ficar vm már de agoa, q̃ parece que naõ ha couſa que o ſeque. E querendo eu por corioſidade experimentar a ligeireza deſte macareo me pus na praya, em vm bom ligeiro caualo Arabio (em parte que ſó aquella pequena onda da reſaca podia chegar.) E em vendo vir o macareo com grande terremoto hũa grande diſtancia, lhe pus as pernas, mas antes de vm tiro de pedra paſſou por my como vm rayo, deixando me bem molhado. E quem bem notar Plinio,

nio,& Ariano autor Grego, falando da cidade de Barigaza (que sem duuida he a de Cabayete, como em outro lugar mostraremos) verá que claramente falaõ deste macareo: por que dizem que a cidade de Barigaza está em desassete graos, & que tem vm grande rio,& reuoluimento,& impeto de agoas.

E tornando a nossa armada, passou toda a noite surta nos poços com grande trabalho, & chegada a menham deraõ á vela, & foraõ ferrar terra defronte da cidade de Gandar, que está situada per vm fermoso rio acima,por onde entraraõ os nauios, & chegãdo a cidade desembarcaraõ nella,& a cometeraõ com muito boa ordẽ, & entrandoa sem acharaõ defensaõ, por ser toda pouoada de Gẽtios mercadores, que á despejaraõ em vendo a armada: Os nossos a meteraõ a saco, & acharaõ nella muitas,& muito ricas roupas, por que se fazem ali as milhores de todas as cidades de Cambaya. Depois que os nauios foraõ cheyos, poseraõ fogo á cidade em que toda se consumio. Dali se passaraõ pella enceada mais dẽtro,destruindo todos os lugares maritimos. E por que ja estauaõ muito no saco, tornaraõ a voltar a te Baroche, fazendo por toda a sua costa grandes danos & incendios, tomando muitos nauios carregados de fazendas & mantimentos. E acabãdoselhes o tempo dos prouimentos,tornaraõ a voltar pera Diu vitoriosos.

## CAPITVLO IIII.

*De como dom Ioaõ Mascarenhas desistio da fortaleza de Diu, & o Gouernador dom Ioaõ de Castro a entregou a dom Manoel de Lima: & de como Antonio Moniz Barreto foi esperar as naos de Cambaya: & de como chegaraõ a Goa as nouas da vitoria: & de vm eroico feito que fizeraõ as matronas de Goa.*

DAVA o Gouernador dom Ioaõ de Castro muita pressa as obras da fortaleza por ser ja em Feuereiro, tempo em que lhe era necessario acodir a Goa pera prouer nas cousas de Malaca, & Maluco. Dom Ioaõ Mascarenhas vendo a merce que lhe Deos tinha feito, determinou de se ir pera o reino, sem embargo de naõ ter comprido o tempo da sua fortaleza, por que naõ queria della mais que a hõra que lhe ficaua d'aquelle cerco,& pedio ao Gouernador que a prouesse, por que sem duuida elle se auia de ir com elle pera Goa. O

Gouerna-

Gouernador o quis tirar d'aquelle proposito, dádolhe muitas rezoés pera isso,& lembrandolhe que era muito necessario esperar ali recado d'Elrey,que forçado auia de ter muita conta com suas cousas: & por muitas que lhe disse sobre este negocio o naõ pode acabar com elle. Vendo o Gouernador que lhe era necessario prouer aquella fortaleza, cometeo alguns fidalgos velhos com ella, & todos se lhe escusaraõ,dizendo por fora publicamente,que pois dom Ioaõ Mascarenhas auia de leuar a honra & gloria do cerco, que leuasse tambem os trabalhos da fortificaçaõ da fortaleza. Isto foi ter ás orelhas do Gouernador, de que se muito enfadou: por que naõ se sabia determinar no que fizesse: & quando chegou dom Manoel de Lima andaua elle muito malenconizado: & estando vm dia praticando com elle sobre este negocio o achou de feiçaõ, que se atreueo ao cometer com aquella fortaleza, pondolhe diante a muita conta q̃ Elrey com elle tiuera, & o grande seruiço que naquillo lhe faria. Dom Manoel de Lima posto que sabia que muitos lha tinhaõ engeitado, naõ lhe dando por isso a desconfiança,lhe disse,que pois elle auia que nisso seruia a Elrey, q̃ elle a aceitaua com muito gosto. O Gouernador o meteo logo de posse della, & elle começou a correr com suas obrigaçoens muito bem,proseguindo na obra da fortificaçaõ com muita pressa.

O Gouernador como trazia muitas intelligencias por todo o reino de Cambaya, foi auisado que em Surrate se esperaua por algũas naos de Ormuz,pello que logo cõ muita pressa despidio Antonio Moniz Barreto com quinze nauios ligeiros, com regimento que se fosse lançar na costa de Pór, & Mangalor, a onde ellas auiaõ de vir demandar a terra, & que as tomasse. Antonio Moniz Barreto se foi lançar naquella paragem, a onde se deixou andar: & nós tambem o deixaremos,porque he necessario continuarmos com Diogo Rodriguaz d'Azeuedo, que atras no fim do capitulo segundo do liuro coarto deixamos partido pera Goa,com as nouas da vitoria.

Este homem se deu tanta pressa, que em breues dias foi ter áquella cidade, & deu as cartas ao Bispo, Regentes, & Vereadores, por que souberaõ da grande vitoria que Deos lhe dera: & espalhandosse as nouas pella cidade, começousse toda a desfazer em festas & alegrias, ordenando o Bispo muito solennes procissoens, pera com ellas se darem louuores a Deos pellas merces que lhes tinha feito: & despidio logo cartas a Cananor, & a Cochim, a onde se fizeraõ tambem outras cõ muito grãde deua-

çaõ. Os Vereadores mandaraõ ajuntar o pouo em camara, & o do meyo leo a carta do Gouernador, & dentro nella acharaõ o rico penhor da sua veneranda barba emburilhado em outro papel, & vendo o que dizia na carta, fez sobre isso hũa breue fala a todos, em que lhes representaua a necessidade em que estaua o Gouernador, & como naquelle negocio ya toda a saluaçaõ & remedio da India, que aquelle era o tempo em q̃ os bons Portugueses auiaõ de mostrar o grande amor & zelo que tinhaõ ao seruiço do seu Rey, que os saberia mũy bem galardoar com honras, priuilegios, & liberdades. Que era muita rezaõ que todos acodissem, & emprestassem ao Gouernador aquillo que boamente podessem, por que asi o encomendaua elle muito, & q̃ a paga seria nos direitos da alfandega, & nos dos caualos.

Vendo os cidadaõs a honrosa carta do Gouernador, & a guedelha de sua branca barba, mouidos do zelo Portuguez, disseraõ que estauaõ muito prestes pera venderem (se fosse necessario) os filhos pello seruiço de seu Rey, & pera a defensaõ de seu estado. E saidos dali foraõ a suas casas ordenar o que cada vm auia de dar, (por que este negocio naõ correo por força, nem com as desordẽs q̃ em semelhãtes casos acontecem, se naõ por gosto, & amor.

Sabendo as molheres dos cidadaõs aquella necessidade, leuadas de vm hõroso zelo, tiraraõ as manilhas d'ouro dos seus braços, & os ricos colares esmaltados de seus pescoços, & os cintos de rica pedraria, cõ q̃ se costumauaõ arrayar nos dias de suas mores festas; & as que menos podiaõ, as cadeas, orilheiras & aneis. E dãdo tudo isto aos maridos lhes disseraõ, que tudo se empenhasse & vendesse pera o seruiço do seu Rey, & pera a defensaõ de sua patria.

Louuẽ agora os escritores aquella grande liberalidade, com que as matronas Romanas mandaraõ offerecer ao Senado suas joyas pera as despezas da guerra: por que nenhũa dellas emprestou mais q̃ hũa onça de ouro: por que pella ley o piaõ naõ podia ter mais em joyas lauradas. Os cidadaõs ajuntãdo logo o dinheiro que cada vm pode o leuaraõ á camara, & com elle as joyas das molheres, que tudo prefazia mayor contia de dinheiro, do q̃ o Gouernador pedia. E recolhendo tudo em vm cofre, & a guedelha da barba do Gouernador em outro pequeno guarnecido de prata, lhe mandaraõ tudo pello mesmo Diogo Rodriguez d'Azeuedo: escreuẽdolhe hũa breue carta, em que lhe certificauaõ que se fosse necessario empenharẽ seus filhos pera o seruiço de seu Rey, que todos o fariaõ com muito gosto. E em quanto este recado

naõ

naõ chega ao Gouernador, continuaremos com Antonio Moniz Barreto.

Auendo poucos dias que estaua surto na parte em que o deixamos, veyo dar com elle hũa fermosa nao de Cambaya cheya de muitos, & mũy ricos mercadores da Persia: dos reinos do Zamaluco, & Idalxa, que se nella embarcaraõ por trazer seguro, & cartaz do Gouernador, que tomou antes que a guerra se rompesse. E indoa demãdar amainou logo as velas cõfiada no cartaz: & o capitaõ que se chamaua Nacoa Nacael, com alguns mercadores principaes se meteraõ no batel, & foraõ demãdar a fusta do capitaõ mór com o cartaz na maõ. Antonio Moniz Barreto o guardou, & os reteue, mandando meter hũa guarniçaõ de soldados na nao pera a guardarem, & dando á vela se foi cõ ella pera Diu, onde depois da nao chegar mandou o Gouernador por os mercadores a bom recado, & descarregar a nao de toda a fazenda, q̃ importou de ventagem de vinte mil cruzados, a fora doze caualos Persios muito fermosos. Os mercadores estrãgeiros disseraõ ao Gouernador, q̃ elles eraõ de reinos amigos, & q̃ se embarcaraõ naq̃lla nao por trazer seguro, & cartaz seu q̃ elles naõ tinhaõ culpa na guerra, nẽ eraõ vassalos d'Elrey de Cãbaya, pello q̃ naõ podiaõ perder suas fazendas. O Gouernador ouuindos de sua justiça os mandou soltar, dizendolhes q̃ a fossem requerer a Goa, que lá lha fariaõ se a tiuessẽ, mandando a nao pera Goa, entregue a Simaõ Botelho veador da fazenda, pera lá vender algũa, que ainda lhe ficou, & fazer prestes os prouimentos pera Malaca, & Maluco: & na nao mandou embarcar muita artelharia, & outras cousas das que se tomaraõ na cidade.

Nesta conjunçaõ chegou a Diu Diogo Rodriguez d'Azeuedo cõ as cartas, & emprestimo da cidade, & lendoas o Gouernador, & abrindo os cofres em q̃ vinha o dinheiro & joyas das molheres dos cidadaõs, sabendo pellas cartas, & de Diogo Rodriguez d'Azeuedo, o amor com q̃ lhas mãdauaõ: asi se moueo d'aquelle zelo, & liberalidade, q̃ lhe rebẽtaraõ as lagrimas pellos olhos fora. E vendosse prouido de dinheiro da nao, sem tocar em nenhũa cousa das que lhe mandaraõ, tornou a enuiar tudo, asi & da maneira que veyo, pello mesmo Diogo Rodriguez d'Azeuedo, por quem escreueo á cidade hũa muito hõrosa carta, cheya de muitos offerecimentos, & agardecimentos, que se lhe deu.

E certo que segundo ouuimos a algũas pessoas d'aquelle tempo, q̃ quando as matronas de Goa viraõ outra vez as suas joyas sem se nellas bolir, que o sintiraõ em estremo: & que antes tomaraõ que se desfizeraõ todas em moeda pera os

gaſtos da fortificaçaõ da fortaleza de Diu, que tornaremlhas a mandar, tanto pode a afabilidade, virtude, & zelo Chriſtaõ de vm bom Gouernador, que naõ ſó ſe faz ſenhor das fazendas dos homens, mas ainda de ſeus coraçoẽs, & vontades, que Deos fez taõ liures pera todos. E quanto ao reuez acontece ao capitaõ auſtero, aſpero, & tacanho: por que naõ faz mais que criar nos coraçoens dos homens odio, & auorrecimento.

E deixando eſta materia: Chegadas as nouas deſta tomada da nao a Elrey Soltaõ Mahamude, que andaua como doudo da perda de Diu, foi tamanha ſua paixaõ, que arrebentou em furor, mandando leuar diãte de ſi Athanaſio Freire, & Simaõ Feo, com todos os mais Portugueſes que eſtauaõ catiuos, que eraõ perto de trinta, & ali os mandou cortar, & eſpedaçar: recebẽdo todos aquelle martyrio, com grande conſtancia, & paciencia, & com os coraçoens poſtos em Deos, por cujo ſeruiço & amor o ſofriaõ.) E aſsi de crér he, que iriaõ juntos receber aquella glorioſa coroa, que no ceo eſtá aparelhada pera os martyres de Chriſto, que padeceraõ ſemelhantes tormentos por ſeu amor.

(⁖)

## CAPITVLO V.

### *Do tempo em que os Turcos tomaraõ a cidade de Baçorâ. E de como dom Manoel de Lima foi entrar na fortaleza de Ormuz: & dom Joaõ Maſcarenhas tornou a ficar na de Diu.*

ANDAVASSE o Gouernador dom Ioaõ de Caſtro negociando pera partir pera Goa, porque tinha ja a obra da fortificaçaõ em boa altura (por fazer de nouo vm muro por fora da caua velha, cõ outros baluartes mayores, & mais capazes, com os meſmos nomes dos velhos, & pella banda de fora outra caua, que cortaua de már a már, mais larga, & mais alta que a antiga.) Iſto tudo pode fazer taõ depreſſa, por que achou todas as couſas neceſſarias dentro na ilha, que tinhaõ os imigos juntas pera ſuas fabricas & edificios, & a pedra da parede da contenda aleuantou a mór parte dos muros. E andando o Gouernador concluindo com eſtas obras, chegou hũa fuſta de Ormuz, com cartas do capitaõ Luis Falcaõ pera o Gouernador, em que lhe daua conta, de como os Turcos cõ o fauor de algũs Arabios, auia pouco tinhaõ tomado a cidade de

Bacorá

Bacorá a Mahamede Asenan Rey della, que era amigo do estado, depois de a ter de cerco muitas dias por már & por terra: & que o Rey era recolhido pera o sertaõ, & que se ajuntara com Mir Raxete,& com Mir Marcar, com Coge de Lamixá,& com outros capitaẽs Arabios d'aquellas fronteiras, & q̃ ficauaõ todos com dez mil caualos no campo,fazẽdo guerra aos Turcos,& que os fauoreciaõ os Gizares, (que saõ os Arabios que viuẽ nas ilhas q̃ o Eufrates faz naquella parte, que por serem alagadissas naõ se receauaõ dos Turcos, nem elles os podiaõ conquistar.)

O Gouernador sintio muito aquellas nouas, por que os Turcos naõ eraõ vizinhos cõ q̃ se auia de dissimular: & bem entendeo que tanto q̃ ali meteraõ o pé, se auiaõ de estẽder por todo aquelle estreito: & q̃ ficaua a nossa fortaleza de Ormuz tendo nelles hũa muito roim vizinhança. E querẽdo prouer naquellas cousas, começou a negociar gente, & armada, mandando recado a Chaul a dom Manoel da Sylueira, que lá se estaua curando, que se apressasse pera se vir embarcar pera Ormuz, por q̃ lhe cabia o tempo d'aquella fortaleza de que estaua prouido. E tendo negociada a armada que auia de mandar, & que esperaua por dom Manoel da Sylueira,lhe trouxeraõ nouas que era falecido: por que estes saõ os brincos da fortuna,quando vm homem cuida lograr os fruitos de seus trabalhos,entaõ acode ella com seus reuezes. O Gouernador sintio muito a morte deste fidalgo, por suas muitas & boas partes. Era casado com hũa irmã de Martim Correo da Sylua, de quem tinha vm filho minino, que se chamaua dõ Martinho da Sylueira, q̃ foi capitaõ de Diu, como em seu lugar diremos. E porque dom Manoel de Lima era prouido desta fortaleza de Ormuz a pos dom Manoel da Sylueira, lhe mandou o Gouernador que se fizesse prestes,& se embarcasse logo,tratando de prouer a fortaleza de Diu de capitaõ: mas naõ ousaua de cometer fidalgo algum, por que lha tinhaõ ja engeitado muitos (como dissemos atras, no capitulo coarto deste coarto liuro) de que andaua muito desgostoso. Dõ Ioaõ Mascarenhas entendendolhe suas malenconias,& que andaua descõfiado dos fidalgos dizerẽ, q̃ pois elle auia de leuar as honras, & satisfaçoens do cerco, leuasse tambem o trabalho da reedificaçaõ da fortaleza, se foi ter com o Gouernador,& se lhe offereceo pera tornar a ficar naquella fortaleza a te a vinda das naos, (por que entendia compria assi ao seruiço d'El rey: o Gouernador lho agardeceo cõ palauras muito hõrosas,& logo o meteo de posse, & a dõ Manoel de Lima despachou pera Ormuz, cõ dous galeoẽs,& algũs nauios de

remo: & dom Payo de Noronha que com elle ya em vm Galeaõ auia de andar no estreito de Baçorá, fauorecendo os Arabios contra os Turcos.

Chegou dom Manoel de Lima á Ormuz por todo Abril,& tomou posse da fortaleza, & ordenou logo cõ Elrey,& Guazil, proueremse as de Catifa,& Barem,de gente & moniçoens, mandandoas reformar muito bem. E por que adiante auemos de tratar do que neste estreito aconteceo o deixaremos agora, por concluir com as cousas de Diu.

Depois que o Gouernador teue a fortificaçaõ da fortaleza em estado defensauel, ordenoulhe quinhẽtos homens de presidio com seus capitaens pera lhes darem mesas, & deixou muito dinheiro pera se lhe pagarem coarteis,& muito trigo,arroz, vacas, manteigas, legumes, pera lhes darem, & muitas moniçoens, & artelharia, que foi dos Mouros repartio pellos baluartes,& só aquella peça muito façanhosa(que depois mandou ao reino por espanto, que agora está no forte de saõ Giaõ) fez embarcar em hũa muito grande barcassa, q̃ custou muito grande trabalho a meter dentro. E na nao em q̃ foi pera o reino,por naõ poder entrar pello cisbordo, a abriraõ ao lume da agoa, por onde a meteraõ: & em Portugal segundo ouuimos, nunca se pode tirar se naõ depois da nao estar no estaleiro. Esta peça com outras grandes que ainda oje estaõ nos baluartes de Diu, ficaraõ do primeiro cerco de Antonio da Sylueira, por que o BaxáSoleimaõ as naõ pode embarcar.

O Gouernador mandou lãçar pregoens por Gogalá, & pellas aldeas vizinhas em lingoa Guzarate, que todo o mercador asi natural, como estrangeiro, Mouro ou Gentio, que se quisesse passar pera a cidade de Diu: & asi todos os mais officiaes de toda a mecanica, o podessem liuremente fazer, por que se lhes guardariaõ todos os seus costumes,& se lhes faria fauor & justrça. Cõ isto começaraõ a entrar algũs,& pouco a pouco se tornou a cidade a pouoar. E por que nas cousas da alfandega naõ auia por entaõ que prouer (por ser ja entrado o inuerno) naõ bolio nellas: & ordenou ficarem ali todos os pedreiros, cauouqueiros,& mais officiaes que de Goa leuou, a que fez muito boas pagas. E de toda aquella fabrica de codolins, picoẽs cestos, enxadas, padiolas, & de tudo o mais, deixou por olheiro vm Pero Fernandez, homem de baixa sorte, Galego, por ser muito diligẽte & esperto.

Deste se conta que escreueo nas primeiras naos hũa carta a Elrey dom Ioaõ, em que lhe daua conta de como o Gouernador o deixara encarregado d'aquelle seruiço, & de como aquelle anno se fizeraõ

tantas braças de muro, tantas de caua, tantos fornos de cal, & que andauaõ na obra tantos pedreiros, & destas particularidades muito. Esta carta estimou Elrey, & folgou de auer, & lhe respondeo, encomẽdandolhe que todos os annos o auisasse de todas aquellas cousas, o que elle sempre fez, & Elrey lhe respondia.

Sabido isto pellos fidalgos, fizeraõ de Pero Fernandez o pasquim de Roma, escreuendo alguns a Elrey em nome de Pero Fernandez tudo o que queriaõ que elle soubesse do gouerno de Portugal & da India, em que se desenfadauaõ bem. E depois que as cousas da alfandega se poseraõ em ordẽ, proueo Elrey os cargos della em algũs Castelhanos, criados da Raynha dona Catherina, o que naõ cayo no chaõ a Pero Fernandez, ou aos que falauaõ por elle: & escreueraõ hũa carta a Elrey, em que lhe dauaõ conta das obras primeiro que tudo, & depois lhe dizia. Hũa cousa se vio ca que escandalizou muito a todos, que foi prouer v. A. os cargos desta alfandega em Castelhanos criados da Raynha, auẽdo ca muitos caualeiros que pelejaraõ em ambos os cercos, & ficaraõ aleijados, q̃ os mereciaõ milhor, tenha v. A. daqui por diante mais conta aos Portugueses que ficaraõ aleijados pella defensaõ da sua fortaleza, & achara quem no sirua cõ gosto em semelhantes perigos.

Esta carta foi dada a Elrey que a leo & dissimulou, mas naõ respondeo mais ao Pero Fernandez. E certo que quanto a nós, a carta era sua, por que era vm homem solto & falador, & dizia tudo, pello que era odiado dos soldados: por que pousaua no terreiro da fortaleza, & todas as madrugadas se sobia a vm eirado alto q̃ tinha, & como Mouro encima do Alcoraõ bradaua taõ alto, que o ouuiaõ por toda a fortaleza, chamando a os officiaes ao trabalho: & muitas vezes chamaua por alguns soldados conhecidos, nomeãdoos, foaõ sahi de casa de vossa amiga foam, & vos foaõ da vossa tal, & assi ya dizendo hũa ladainha do que elle queria.

O Gouernador depois de ter dado ordem a tudo, se despedio do capitaõ, & dos fidalgos & caualeiros que ali ficauaõ, & se embarcou pera Goa, deixando dom Iorge de Meneses com seis nauios pera andar o resto do veraõ na enceada de Cambaya, defendendo os mantimentos que naõ passassẽ a Cambaya. O Gouernador como leuaua o vento em popa foi em coatro dias a Goa, & surgio naquella barra, onde foi visitado do Bispo, regentes, & cidade: & os Veadores lhe pediraõ se detiuesse alguns dias, por que lhe estauaõ preparando o recebimento: por q̃ era rezaõ que triumphasse de hũa taõ grande vitoria como lhe nosso

Senhor dera. Elle o fez aſsi ficãdo em Pangim dando deſpacho a muitas couſas.

## CAPITVLO VI.

### *Do grande triumpho com que o Gouernador dom Joaõ de Castro foi recebido na cidade de Goa.*

ESTEVE o Gouernador em Pangim tres dias, por q̃ chegou aos onze de Abril hũa coarta feira, & ao Domingo ſeguinte que foraõ quinze do mes fez ſua entrada. Tinha a cidade mandado fazer no Bazar de ſantaCaterina vm fermoſo cais,pera nelle deſembarcar o Gouernador, por querer entrar por aquella parte: & por que a porta do muro ali era pequena, raſgouſelhe toda de alto abaixo, & cobriraõſe as paredes de hũa parte & d'outra de peças de borcados,& de veludos de cores: em cima das paredes de hũa & da outra banda,eſtauaõ dous grandes lioẽs de pedra com as gargantas & cabeças douradas, & nos peitos fermoſos eſcudos com as armas dos Caſtros,que ſaõ ſeis arruelas azuis em campo de prata,como as trazẽ os da caſa do Gouernador do Ciuel.O cais entraua muito na agoa, & eſtaua todo cuberto com fermoſos arcos de peças de ſedas, & delle a te a porta do muro que ſe raſgou era vm fermoſo boſque de aruoredo que fazia tudo muito ſombrio . E todo aquelle campo de longo do muro, por onde auia de ir a te o cais dos paços dos Viſorreys,eſtaua toldado,alcatifado, & enramado : & pella banda do már,muitas peças d'artelharia ceuadas,todas enramadas, & cõ ſuas bandeiras, & o meſmo todas as naos & Galeoens que eſtauaõ no rio. Acodiraõ mais todas as almadias de Goa,& de todas as ilhas vizinhas (que eraõ infinitas) enramadas,& embandeiradas,&era de feiçaõ,que cobriaõ o rio,que ficaua parecendo vm verde boſque. As ruas do cais a te a Miſericordia, & della á Sé ,eſtauaõ cuſtoſamente guarnecidas, & as ganelas armadas de panos d'ouro, & ſedas com muitas , & muito cuſtoſas inuençoens. Tinhaõ os Vereadores ordenado na boca do terreiro que oje he do paço hũa fortaleza de madeira cuberta de papel, ou teadas,com ſeus baluartes & cubellos, pella traça da de Diu : & dentro nella muitos laſcarins com foguetes,bombas de fogo, & algũas bõbardas,& eſpingardas , muitas panelas de poluora , & outros artefícios de fogo. Pella meſma maneira tinhaõ ordenado muitas folias, & danças de inuençoens muito cuſtoſas , & deſtes regozijos tudo o que o tempo lhes deu lugar.

O Gouernador ao Domingo á tarde

tarde,abalou de Pangim nesta ordem. As naos,galeoens,carauelas, & todas as mais vasilhas de alto bordo diante, com todas as velas dadas, fermosamente embandeiradas: & logo atras aquella soma de fustas que eraõ mais de oitenta em ordem com muitas charamelas,trombetas,atabales,tambores, pifaros,pandeiros,folias, & outros instrumentos alegres, todas enramadas,& embandeiradas,fazendo vm tamanho estrondo,que parece q̄ se desfazia o rio de Goa. O Gouernador ya detras de toda a armada em hũa Galeota toldada de borcado,& embandeirada de fermosas bandeiras, & estandartes de sedas de cores. Yaõ com elle embarcados todos os fidalgos velhos da armada.

Nesta ordem foraõ entrando pello rio acima,por meyo d'aquelle fermoso & alegre bosque de almadias,bateis,& outras embarcaçoens embandeiradas. E chegãdo os galeoens defronte da fortaleza sorgio o saõ Dinis,que era do Gouernador,que ya diante de todos com a bandeira real na gauia, & saluou a fortaleza cõ as velas em cima issadas nos palancos, & pella mesma maneira todos os mais galeoens & naos, que foi a mais soberba cousa que se podia ver. Acabada a salua, chegou a armada de remo, & deu a sua: & abrindosse as fustas de hũa parte & d'outra, foi passando o Gouernador por meyo dellas, & pós a proa no cais. O Condestabre mór a quem era encarregado aquelle negocio mãdou desparar toda a artelharia que estaua em terra,que era muita,que tambem foi outro mũy grande terror & espanto.

O Gouernador desembarcou no cais, que entraua muito pella agoa,ao som de muitos instrumẽtos: vinha vestido em hũa roupa Francesa de cetim cramesim, toda guarnecida de ouro, com golpes pellas mangas, tomadas com botoens ricos, & vm jubaõ do mesmo teor, & vns altos de grã á Portugueza antiga,com algũs golpes: por cima do jubaõ leuaua hũa coura de laminas assentada em borcado,& crauada de pregos de prata: na cabeça leuaua hũa gorra de veludo preto com fermosas plu mas, & espada, & adaga d'ouro. No cais o estauaõ esperando o capitaõ da cidade dom Diogo d'Almeida Freire, & os Vereadores: q̄ o receberaõ com muito grandes cortesias. O Gouernador se deteue ali a te desembarcar toda a gẽte da armada, & se pór em ordem assi como entraraõ na batalha, cõ suas bandeiras desenroladas, ao som de tambores, & pifaros: naõ postos em fileiras por causa das cousas do triumpho,que auiaõ de ir no meyo, mas a modo de procissaõ de longo das paredes.

Posto tudo em ordem abalou o Gouernador do cais em meyo

do

do capitaõ & vereadores: & chegando á porta do muro que ſe rõpeo, achou vm cidadaõ chamado Thome Diaz Cayado, que lhe fez hũa fala em Latim mũy eloquẽte & elegante, toda em louuor da vitoria q̃ lhe noſſo Senhor deu dos capitaens d'Elrey de Cambaya, com que toda a India ficaua ſegura, & fora de receos, louuandolhe ſua prud encia, esforço, ſegurança, & preſteza: acabada a fala, desfizeraõſe os inſtrumẽtos todos, que parecia que o mundo ſe fundia. Aqui ſe deſpararaõ algũas peças d'artelharia de boca larga, que eſtauaõ apontadas pera o ar com pouca poluora, cheyas todas de maçapaens, empenadilhas, fartens, & outras corioſidades deſta ſorte, que em lhe dando o fogo as lançou a força da poluora por eſſes ares, & como yaõ fracas, tornaraõ a cair ſobre grandes cardumes de moços, Mouros, Gentios, & de todo o mais pouo. Os Vereadores eſtenderaõ vm muito rico pallio, & tomaraõ o Gouernador debaixo delle: & vm cidadaõ chamado Triſtaõ de Paiua, que era procurador da cidade chegou a elle, & lhe tirou a gorra da cabeça com muita corteſia & reuerencia, & apos em vm fermoſo prato de baſtiaẽs dourado, & a leuou diante do pallio alto: & ao meſmo tempo vm vereador lhe pós na cabeça hũa coroa de palma, & na maõ vm fermoſo ramo della: & aſsi começou a entrar pella cidade, pella rua do hoſpital que vay de longo do muro pera o terreiro do paço. Ya jũto delle ſeu filho dom Aluaro de Caſtro, & diante do pallio o padre frey Antonio do Caſal Cuſtodio de ſaõ Franciſco veſtido em hũa ſobre pelis, & com o meſmo crucifixo que tirou na batalha, leuantado na haſtea da lança, com o braço quebrado, da pedrada que lhe deraõ.

Diante vm pouco delle ya a bandeira Real das armas de Portugal: & diante della Juzarcan capitaõ d'Elrey de Cambaya, que foi catiuo na batalha, veſtido em hũa cabaya de veludo pardo, em meyo do Secretario Coſme Anes, & do Ouuidor geral Antonio Martins. Leuaua as maõs cruzadas, os olhos baixos: diante delle yaõ ſete bandeiras dos capitaens d'Elrey de Cambaya, & vm muito grande guiaõ, arraſtandoſſe todas pello chaõ. Diante dellas yaõ as dos noſſos capitaens aruoradas: & antre hũas & outras yaõ todos os catiuos de Cambaya, que paſſauaõ de ſeiſcentos, metidos todos em correntes que leuauaõ arraſtando. Diante delles yaõ dous Trabucos, & algũas carretas de artelharia miuda, por que a groſſa naõ pode leuarſe nem ainda menearſe. E diante outras muitas carretas carregadas dos deſpojos da guerra, armas, eſpingardas, ſayas de malha, lanças, croques, maſcaras de ferro,

& outras

& outras muitas inuençoens de petrechos de guerra.

Nesta ordem foraõ a te o terreiro do paço,a onde estaua á fortaleza armada,que começou a desparar sua artelharia pera o ár, & despidir bombas de fogo, & foguetes, & arremessar panellas de poluora pera hũa parte que pera isso estaua despejada, tudo com muito boa ordem & compasso, cousa que o Gouernador folgou muito de ver. Dali atrauessou toda a rua direita,que estaua fermosa cousa pera ver, com muitas damas pellas janelas, com rosas, boninas,agoas de cheiros, que de cima derramauaõ sobre o Gouernador. Os Gentios,& officiaes de todos os officios, foraõ ali offerecer cousas pertencentes a seus officios: os ouriues do ouro,ouro batido feito em pedacinhos: os da prata o mesmo: os mercadores das sedas, estendiaõ por baixo dos pés do Gouernador,pedaços de peças, & lançauaõ pello chaõ, finos camarabandos: & os das roupas finas, beitilhas,beirames, & outras muitas peças,tudo com mũy grãde regozijo de todos.

O Gouernador foi todo o caminho muito alegre & rizonho,& asi desta maneira chegou á misericordia, a onde entrou & fez sua oraçaõ, & offereceo sobre o altar hũa rica peça de borcado.Dali foi pella rua do Crucifixo,& virou pera saõ Francisco,a onde os frades o estauaõ esperãdo em procissaõ da banda de fora,& o receberaõ com Benedictus qui venit in nomine Domini, cantando, & asi entrou na igreija a onde fez deuota oraçaõ, & offereceo outra peça de borcado. Dali se foi á Sé, a cuja porta estaua o Bispo dom Ioaõ d'Albuquerque,vestido em Pontifical, acompanhado de todos os Conegos & clerefia em procissaõ, esperando ao Gouernador, com o sanctissimo lenho da cruz em suas veneraueis maõs. O Gouernador tanto que chegou a elle, se debruçou,& lançou a seus pés com grande acatamento,& reuerencia, com o rosto,& venerandas cans banhadas em lagrimas, & beijou a sanctissima reliquia: & detras a foi acompanhando a te o altar, a onde o Gouernador fez sua oraçaõ, & offereceo duas fermosas peças de borcado. E posto que era costume naõ acompanharem os vereadores aos Gouernadores mais que a te a Sé, quiseraõ estes pello mais honrar trazelo a te sua casa,q̃ eraõ as do Sabayo. E ao entrar do terreiro, que estaua todo feito vm fermosissimo & espesso bosque, largaraõ muitas lebres, perdizes, rollas, & outros passaros, que vns começaraõ a correr por antre a gẽte,outros a auoar por esses ares, que foi hũa das mais fermosas cousas que se podia ver. Com esta alegria & regozijo chegaraõ aos paços,onde os vereadores se despidiraõ

pidiraõ do Gouernador ja de noite,que toda se passou em folias,tãgeres, & outros sinaes de alegria, andando o pouo pellas ruas bradando a altas vozes, viua o nosso libertador da patria, titulo tambẽ merecido,& taõ bem dado, como os Romanos deraõ a Furio Camillo.

E querẽdoo os Vereadores gratificar,pello amor que a todos mostraua, & pello muito que merecia, o mãdaraõ tirar pello natural em vm fermoso painel, & o poseraõ na camara de Goa, junto de Afonso d'Albuquerque. Este auto se fez com grandes festas & cerimonias, que tudo o Gouernador agardeceo, asi com palauras como com obras,solicitando com El rey muitos fauores pera aquella cidade. Naõ faltou a este triumpho pera se igualar com todos os dos Romanos, mais que aquelles carros de caualos,que costumauaõ leuar,por ornato de seus triũphos. E soou tanto por toda a Europa este,que quãdo o contaraõ á Raynha dona Catherina disse, que dõ Ioaõ de Castro vencera como Christaõ, mas que triunfara como Gentio.

Naquella parte do muro que se rompeo pera o Gouernador entrar, mandou elle logo fazer vm altar ao bemauenturado saõ Martinho, em cujo dia ouue aquella grande vitoria, com vm fermoso retabolo de oleo: & ordenou com a cidade, q̃ todos os dias d'aquelle bemauenturado sancto, se fizesse hũa solenne procissaõ,& se dissesse Missa,& ouuesse pregaçaõ,em memoria da vitoria que Deos nosso Senhor lhe deu naquelle dia, o q̃ se guardou a te oje,& deue de guardar sempre, por ser cousa memorauel, & de louuor de nosso Senhor, de cuja maõ nos vem todos os bens.

## CAPITVLO VII.

*Das cousas que neste tempo aconteceraõ em Ceilaõ. E de como o Gouernador dõ Ioaõ de Castro mandou Antonio Moniz Barreto com hũa armada em socorro d'Elrey de Candea. E de como dom Jorge de Meneses tomou a cidade de Baroche.*

NO capitolo coarto do liuro segũdo da quinta decada demos larga conta,das grandes guerras que se leuantaraõ em Ceilaõ,antre os Reys de Ceitauaca Madune Pandar,& Banoega bao Pandar da Cota seu irmaõ,por lhe querer tomar seu reino: & como por se liurar delle o Rey da Cota casou sua filha com Tribuly Pandar,por naõ ter filho macho que lhe herdasse o reino. Dantre este casamẽto naceo Drama

ma bolla Bao Bandar, (que foi o que Elrey dom Ioaõ aleuantou em Lixboa por Principe, & herdeiro do reino da Cota,) despidindo os Embaixadores que a isso foraõ, em cuja companhia mandou alguns frades de saõ Francisco, por cujo Custodio foi o Padre frey Antonio do Padraõ, varaõ Religioso, que foi o primeiro Commissario geral que á India passou. Estes frades foraõ afsinados pera se repartirem pella ilha de Ceilaõ, pera plantarem naquellas terras brauias a doutrina do Euangelho. (Por que os Reys de Portugal sempre pretenderaõ nesta conquista do Oriente vnir tanto os dous poderes, spiritual & temporal, que em nenhum tempo se exercitasse vm sem o outro.) Chegados estes varoens Apostolicos a Ceilaõ, em companhia dos Embaixadores, foraõ mũy bem recebidos d'Elrey da Cota: dandolhes licença pera poderem pregar a ley de Christo por todos seus reinos. E naõ se descuidando estes cõquistadores Euangelicos de sua obrigaçaõ, começaraõ a romper em alguas partes o mato brauio, & semear nelle a semente Euangelica, que começou a fructificar como aquelle graõ de mostarda do Euãgelho, aleuantando alguns templos em que o altisimo Deos começou a ser honrado, & venerado de todos. E os primeiros lugares em que se fizeraõ foraõ Panaturé, Macú, Berberi, Galle, Belliguaõ, tudo portos de már, em que trouxeraõ ao gremio da igreija vm grãde numero d'aquelles Gentios.

E passando ao coraçaõ da ilha, chegaraõ ao reino de Candea vm frey Pascoal com dous companheiros que foraõ bem recebidos d'aquelle Rey Iauira Bandar, primo com irmaõ do Madune, filho de vm irmaõ de seu pay, que os fauoreceo em tudo, tanto, que lhes deu vm grande chaõ, & todo o necessario pera fazerẽ hũa igreija, & casas em que se agasalhassem. Ali começaraõ a laurar aquella terra infructuosa, & esteril, que naõ daua outros fructos mais que cardos, & espinhos de idolatrias nefãdas, semeando em seu lugar a semente da vida. E achando sitio em Elrey pera o cõuidarem ás vodas do Senhor, o apalparaõ praticando com elle em cousas de nossa fé, & ley: mostrandolhe claramẽte a verdade della: & a cegueira, & engano de seus idolos: & tanto o vieraõ a molificar, que o renderaõ, porem naõ que recebesse a agoa do sancto Baptismo: por que teue grãde medo de o matarem os seus. E naõ querendo os padres que se perdesse aquella ouelha a mingoa, fizeraõ com elle que escreuesse ao Gouernador da vont..de q̃ tinha, & q̃ lhe pedisse vm capitaõ com gẽte, pera o fauorecer contra os seus, se tentassem algũa alteraçaõ, cõ a mudança da ley. Com esta carta foi

O vm

vm d'aquelles padrres, que chegou a Goa poucos dias depois do Gouernador dom Ioaõ de Caſtro triunfar. E vendoſſe com elle, & dandolhe conta de tudo, & lendo a carta, & entendendo por ella a vontade d'aquelle Rey Gẽtio, naõ quis perder aquella taõ boa occaſiaõ: por que ſabia mũy bem que a principal droga, & a mais rica pedraria que os Reys de Portugal pretendiaõ deſta conquiſta do Oriente, eraõ almas pera o ceo. E mouido tambem de ſeu bom zelo, pós aquelle negocio em conſelho, & aſſentouſe nelle que lhe mandaſſem vm capitaõ com duzentos homẽs pera inuernar, & aſſiſtir com aquelle Rey, a te o ſegurarem na fé, & no reino.

Pera eſta jornada elegeo o Gouernador logo Antonio Moniz Barreto, a quem deu ſete fuſtas, em que leuaria cento & cincoenta homens, deſpidindoo com muita preſſa, dandolhe prouiſaõ pera em toda a parte a que chegaſſe, em que achaſſe nauios noſſos, os leuaſſe comſigo: eſcreuendo por elle cartas de muitos mimos áquelle Rey, & mandandolhe peças & brincos curioſos. Antonio Moniz Barreto ſe fez á vela ja em fim de Abril: & de ſua jornada adiante daremos rezaõ.

Poucos dias depois d'eſta armada partida, chegou a Goa Fernaõ de Souſa de Tauora com os Caſtelhanos, que o Gouernador recebeo muito bem, mandandolhes logo pagar coarteis, & dar mantimentos, dando licença pera os que quiſeſſem ir pera o reino, o poderem fazer, dandolhes pera iſſo ajuda de cuſto, & os que quiſeraõ ficar na India ſempre foraõ fauorecidos dos Gouernadores. Com eſte recado deſpidio logo o Gouernador vm Galeaõ que ja eſtaua preſtes com prouimentos pera Maluco, & juntamente proueo em outras couſas neceſſarias, por que ſe ya acabando o veraõ, por ficar deſoccupado pera as couſas do Idalxá, de que logo daremos rezaõ, por q̃ o cerco de Diu nos naõ deu a te gora lugar pera iſſo, & entre tanto concluiremos com todas as couſas do veraõ, por que nos naõ fiquem, q̃ temos ainda dom Iorge de Meneſes na enceada de Cambaya, com quem he neceſſario continuemos.

Tãto que o Gouernador o deſpidio, andou por toda ella defendendo que naõ paſſaſſem mantimentos a Cambaya, tomando algũas cotias carregadas delles. E andando ao már da cidade de Baroche achou hũa almadia peſcando bem ao pego, & tomandoa fez a os que eſtauaõ nella perguntas, do modo em que eſtaua aquella cidade? & os peſcadores lhe diſſeraõ, q̃ Madre Maluco gẽro de Cogeçofar (q̃ era ſenhor della) era ido á corte de Amadaba, & que tinha

partido

partido o dia dantes, & que a cidade eſtaua ſo ſem mais gẽte que os mercadores, & officiaes, porq̃ toda a da guerra leuara comſigo. Dom Iorge eſtimou muito aquellas nouas: & metendo dentro no ſeu nauio os peſcadores, foi demãdar Baroche de noite. E entrando por aquelle rio acima chegou à cidade de madrugada, & deſembarcando logo primeiro que foſſe ſintido, & entrandoa, tomou ſeus moradores nas camas, & deſcuidados de tal ſobreſalto, em que fizeraõ grandes cruezas, não perdoando a ſexo, nem a idade. Todos os que poderaõ eſcapar ſe foraõ recolhẽdo para o ſertaõ com tanta preſſa que os pays deixauaõ os filhos, & molheres, & ellas os tenros filhos & crianças em ſeus braços, tratando de ſaluar cada vm ſuas vidas. As caſas foraõ entradas dos noſſos, matando, & eſpedaçãdo os q̃ achauão, & aſsi foraõ correndo a cidade como leoens famintos ate chegarem aos muros onde acharaõ muita, & mũy fermoſa artelharia, & algũas caſas cheyas de moniçoens.

Dom Iorge de Meneſes tomou ali conſelho ſobre o que faria, & aſſentouſſe, que pella grandeza da cidade ſe não podia ſuſtentar cõ menos de ſeis centos homens: que ſe arrebentaſſe a artelharia ja que ſe não podia embarcar, & que ſe recolheſſem primeiro q̃ ouueſſe algum deſmancho, dom Iorge de Meneſes mandou embarcar algũas peças pequenas, & todas as mais mandou carregar de poluora ate as bocas deixãdo por todo o muro grandes carreiras della, & ſaindoſſe dos muros lhe deraõ fogo, & chegando às bombardas arrebentaraõ por eſſes ares com tamanho eſtrondo, & braueza, q̃ parecia fundirſe o mundo.

Feito iſto embarcaraõſe os noſſos cheyos de deſpojos, pondo primeiro fogo a mòr parte das caſas. Eſtà eſta cidade fundada em vm alto, que quer imitar ao caſtello de Lixboa: ſerà do tamanho de Sanctarem cercada toda a rodade muro de ladrilho, que fica cingindo o monte pello pè, com muitos baluartes, & guaritas. Por cima dellas ſedeſcobretoda a cidade da banda do mar, & fica como aleuãtada no àr. Toda ella he de fermoſas, & altas caſarias de dous, & tres ſobrados, tão cuſtoſas, & ricas que auia muitas janelas de ſacadas pera fòra com gelozias, que affirmaraõ cuſtarem dous & tres mil cruzados, de fermoſas obras de macenaria, com grades, & tornos de marfim & pao preto mũy polido tudo, & com grãdes & claras vidraças, & outras corioſidades deſtas. São as ruas taõ eſtreitas todas, que não podem por ellas paſſar dous homẽs a caualo jũtos, ou ao menos pellas mais dellas. Ha neſta cidade officiaes mũy primos de toda a ſorte de mecanica

principalmente teceloẽs das mais finas roupas que se sabem no mũdo, que saõ os bofetàs de Baroche taõ estimados.

Possuya o Madre Maluco esta cidade, com outras villas derredor, & mais de quinhentas aldeas sustentaua cinco & seis mil homens de caualo, & muito grande casa que tinha. Dom Iorge de Meneses se sayo pera fòra do rio muito a seu saluo, & despidio logo vm catur de que era capitaõ vm Anrique Salgado com cartas pera o Gouernador, & com algũas peças de artelheria que em Baroche tomou, deixandosse elle ficar na enceada fazendo guerra por todos aquelles portos.

O catur chegou a Goa em breues dias, & espalhandosse as nouas foraõ muito festejadas, & enuejadas de todos, porque foi muito venturoso feito. Dali por diante ficou dom Iorge de Meneses tomando aquelle muito honrado sobre appellido de Baroche, porque foi muito conhecido de todos.

Madre Maluco foi logo auisado da destruiçaõ da sua cidade, & deixando tudo acodio a ella com muita pressa, achandoa toda abrazada, & assolada. Elrey de Cambaya sintio em estremo aquellas cousas, & assentou com seus capitaens de ir em pessoa com todo o seu poder cercar a fortaleza de Diu, & não se ir de sobre ella ate de todo a destroir, mandando logo fazer grandes preparamẽtos, & chamamẽto de vassalos por todos os seus reynos.

## CAPITVLO VIII.

*De como o Madune persuadio a Elrey de Candea aleuantarse cõtra os Portugueses. E do que aconteceo a Antonio Moniz Barreto na jornada. E de como atrauessou toda a ilha de Ceilaõ com as armas nas maõs, pelejando com o poder daquelle Rey.*

SABENDO o Madune, de como Elrey de Candea trataua de se fazer Christaõ, & que tinha mandado pedir ao Gouernador dom Ioaõ de Castro fauor & ajuda para isso: receando que fosse aquillo meyo de sua distruiçaõ: & que ficasse tendo todos aquelles Reys por imigos, tratou de atalhar a tudo, cõ mãdar persuadir a Elrey de Candea, que se não fizesse Christaõ, porque tanto que o fosse lhe auiaõ os Portugueses de tomar o reino: & que quando o elles não fizessem, que seus proprios naturaes auiaõ de tratar de o matar, por não serem gouernados por homens de diffe-

rente ley. Os homens que o Madune mandou com este negocio, tãtas cousas disserão áquelle Rey, & asi lhe representarão medos, q̃ não só o trastornarão de todo, mas ainda assentarão com elle de matarem todos os Portugueses q̃ yão com Antonio Moniz Barreto, do que ja tinhão auiso: tratãdosse este negocio com tãto segredo, que os padres o não entenderão, nem alcançarão.

Antonio Moniz Barreto seguindo sua viagem a te dobrar o cabo de Camorim, & de lógo da outra costa foi a te passar os baixos de Manar, a onde armou dous nauios que ali achou, & os leuou comsigo, & deu volta á ilha pera ir tomar o porto de Batecalou, a onde leuaua por regimento desembarcar, pera dali passar ao reino de Cãdea, como leuaua por ordem do mesmo Rey. Em Gále tomou mais algũs nauios que ali achou, que ainda q̃ tinha pouca gẽte, foilhe asi necessario pera se espalhar a fama pella terra, que leuaua muita armada.

E chegando ao porto de Batecalou com doze nauios de remo, desembarcou em terra, & mãdou tirar alguns berços & moniçoens: & escolheo cento & vinte homẽs, por que os mais deixou em guarda dos nauios, & foi caminhando pera Candea, guiado dos Embaixadores d'aquelle Rey, que forão a Goa em companhia do frade de são Francisco: & asi caminhou alguns dias a te chegar á cidade de Candea: & entrando ja por ella foi auisado da determinação d'aquelle Rey, & de como estaua concertado com o Madune pera o matar a elle & a todos os da sua companhia, & não se soube de que parte se lhe deu o auiso. Antonio Moniz Barreto vendo aquelle negocio, & que não sofria dilação algũa, tomou hũa mũy apressada & resoluta determinação, que foi mandar logo no mesmo instante, queimar todo o fato que comsigo leuauão, sem deixar mais que o que tinhão nos corpos, com vm pouco de biscouto, & as armas, & disse a os seus.

Bem vedes valerosos soldados, & companheiros meus, o apressado auiso que nos derão, pera o q̃ he necessario outra apressada determinação pera segurarmos nossas vidas, & não se me offereceo outra milhor que esta: de nos pormos á ligeira, & caminharmos cõ as armas nas mãos pera a parte de Triquinimalle, pera dahi nos passarmos á Cota onde temos Rey amigo, por que pera tornarmos pera a armada, receo tenhamos os caminhos tomados, & que todos nos serão imigos: & pera estoutra parte temos vm Rey que nos á de recolher & agasalhar mũy bem: por isso lembreuos que a vida de cada vm está na defensão de seus braços, & de suas mãos, (deixando ás de Deos, que ellas são as que

nos aõ de defender,& liurar neſta jornada) por iſſo ſeguime: & tomando a eſpingarda as coſtas, começou a marchar pera fora da cidade.

Elrey de Cãdea que eſtaua diſſimulado, eſperando por elles pera depois de agaſalhados, & eſpalhados lhe fazer a treiçaõ: tanto q̃ teue recado da determinaçaõ de Antonio Moniz Barreto,& do que fizera, bem entendeo que fora auiſado: & ſoſpeitando que ſeria dos frades, os mandou logo prender, & deſpidio com muita preſſa alguns Modeliares com muita gente pera irem a pos os noſſos como fizeraõ: & dandoſſe preſſa os encõtraraõ ja hũa boa diſtancia fora da cidade: & dandoſſe preſſa os encontraraõ ja hũa boa diſtancia fora da cidade: & cometendoos cõ grande determinaçaõ por algũas partes, naõ deixou Antonio Moniz Barreto ſeu caminho no meſmo compaſſo que leuaua,pondoſſe elle na retaguarda pera mòr ſegurança dos ſeus,dando ordem pera que a eſpingardaria foſſe laborando de feiçaõ, que nunca ceſſaſſe,pera com iſſo irem entretendo os imigos como fizeraõ. E aſsi foraõ caminhando todo dia cõ muito trabalho, ſem terem tempo de repouſarem vm momento, nem comerem,ſe naõ maſtigãdo o biſcouto ſeco,& pelejando. Tanto q̃ anoiteceo tiueraõ mais algum folego,& foraõ caminhãdo ſempre, mas com menos trabalho:por que ainda q̃ os imigos ſempre os perſeguiraõ, foi mais floxamente: mas tanto que amanheceo tornaraõ a apertar com grãde determinaçaõ, por que recreceraõ tantos,q̃ paſſauaõ de oito mil.

Os noſſos vendo que lhes era neceſſario defender as vidas, & q̃ naõ podiaõ ter ſocorro de parte algũa,fizeraõ todos taõ grãdes couſas, que naõ ha copia de palauras com que ſe poſſaõ encarecer,porq̃ chegaraõ muitas vezes a andarem baralhados com os imigos a braços,& todauia ſempre elles ficaraõ eſcalaurados: ficandolhes de hũa vez nas maõs vm Modeliar catiuo, que Antonio Moniz Barreto eſtimou muito,& o mandou leuar no meyo a bom recado,pera ſe aproueitar delle quando lhe foſſe neceſſario.

Deſte Modeliar ſoube que os imigos determinauaõ de apertar com elle em hũa ponte que eſtaua adiante,a onde auiaõ que todos os noſſos lhes ficariaõ nas maõs, por ſer o paſſo muito eſtreito. Iſto naõ pós,nem cauſou temor algum em Antonio Moniz Barreto,nem em todos os mais,ſómente em vm Galego, que dandolhe o medo da morte,deſejando de ſaluar a vida, foi fazendo ſeus diſcurſos,& aſſentou de ſe entregar aos imigos: & por que naõ podia ſer doutra maneira,fez que canſaua,deixandoſſe cair no chaõ como morto, dizẽdo

que

que ja naõ podia mais. Antonio Moniz Barreto, como naõ ſó trabalhaua por ſe ſair dos imigos, mas ainda por naõ perder vm ſó homem, acodio áli esforçando ao Galego com palauras brandas, dizendolhe que o mór trabalho era ja paſſado, que Deos que os tinha liurado a te entaõ, o faria de tudo o mais que eſtaua por paſſar. O Galego lhe diſſe que ja naõ podia comſigo, nem com as armas, que o deixaſſe ali morrer. Antonio Moniz Barreto o fez aleuantar, & lhe tomou a eſpingarda, & a pós as ſuas proprias coſtas, & aſsi meſmo tudo o mais que o podia pejar, & o meteo no meyo dos ſoldados, & o fez caminhar: mas como elle leuaua ja a morte repreſentada na imaginaçaõ, dandolhe grandes accidentes, tornou a cair no chaõ fazendoſſe morto. Antonio Moniz Barreto, que leuaua o olho nelle, acodio logo pera o aleuantar, o q̃ elle naõ quis dizendo que o deixaſſe, que naõ auia de paſſar dali.

Entendendo Antonio Moniz Barreto que aquillo eraõ malenconias de medo, diſſe a vm ſoldado que lhe cortaſſe as pernas, ou o mataſſe logo, por que naõ queria que depois diſſeſſem os imigos q̃ lhe tomaraõ vm Portuguez. E querendolhe o ſoldado dar, ſaltou o Galego taõ viuo & eſperto, como ſe nunca tiuera paſſado trabalho algũ, & começou a caminhar em meyo de todos. Os imigos nunca largaraõ os noſſos, & todauia de longe, por que a eſpingardaria tinha feito nelles grande eſtrago: por que como elles auiaõ q̃ tinhaõ o negocio acabado ao paſſar da ponte, naõ ſe queriaõ arriſcar: mas de longe varejauaõ os noſſos com nuuens de frechas, de que quaſi todos yaõ empenados. Deſta maneira foraõ a te a ponte, a onde apertaraõ com os noſſos rijamente, & foi a couſa de feiçaõ, que ſe viraõ perdidos.

Antonio Moniz Barreto fez aqui o officio de muito experto capitaõ, & de valeroſo ſoldado, obrãdo taes couſas por ſeu braço, & aſſi meſmo todos os companheiros, que ſe deſaziraõ dos imigos, que yaõ ja de miſtura com elles.

Aqui acodio outra apreſſada & proueitoſa determinaçaõ a Antonio Moniz Barreto, que foi mãdar cortar as pernas ao Modeliar que leuaua catiuo, (que era peſſoa principal, & deitalo no caminho, pera que os imigos ſe embaraçaſſem com elle como fizeraõ, porque indo perſeguindo os noſſos deraõ com o Modeliar d'aquella feiçaõ, & detiueraõſe em o leuantarem, & em o mandarem pera ſer curado. Neſte pequeno eſpaſſo ſe aproueitaraõ os noſſos do tempo, & do caminho de feiçaõ, que chegaraõ á ponte ainda que perſeguidos d'alguns. Antonio Moniz Barreto tanto que a tomou ſe deixou ficar na retaguarda, com os mais

esforçados,& mandando paſſar os mais,ficando elles tendo o encontro aos imigos com a eſpingardaria , a te paſſarem poucos & poucos , & elles o foraõ fazendo com infinitos trabalhos , franqueando tambem os que ja eſtauaõ da outra parte a paſſagem com a arcabuzaria que laboraua ſem ceſſar. Antonio Moniz Barreto como foi da outra banda , mandou desfazer parte da póte, por os imigos o naõ ſeguirem , por que aquelle rio era taõ alto , que ſe naõ podia vadear por parte algũa. Com iſto ficaraõ os noſſos deſaſſombrados, & foraõ caminhando ſem opreſſaõ a te Triquinimalle , & dali ſe paſſaraõ a Ceitauaca,a onde aq̃lle Rey os recebeo,& agaſalhou muito bem, mandandolhe dar todo o neceſſario.

Agora engrandeça Tito Liuio o ſeu Decio , quando eſtando cercado no monte Gauro dos Samnites,que com poucos Romanos ſayo de noite por meyo dos imigos, ſaluandoſſe com todos: que poſto que nós naõ temos tanta copia de palauras,nem taõ eloquente eſtilo pera realçar eſte feito,elle por ſi he tal , que contado aſsi ſem mais ornamento,moſtra quanta mais ventagem faz ao do ſeu Decio: por q̃ eſte capitaõ naõ ſayo de noite perãtre os imigos, a onde a eſcuridade della fez parecer aos Samnites muito mayor o exercito imigo : mas na força do dia, & por meyo da cidade do imigo,cercado de todas as partes, rompẽdo por meyo delles,vendoſſe bem que naõ paſſauaõ de cẽto & vinte: & naõ por eſpaço de meya hora,mas por tres dias continos, ſem perder vm dos ſeus companheiros.

O Madune nas praticas que teue com Antonio Moniz Barreto, lhe deu a entender, que ſeu irmaõ Rey da Cota induzira ao Rey de Candea pera que o mataſſe com todos os Portugueſes : & que elle auia de moſtrar quanto mor ſeruidor d'Elrey de Portugal era , que todos os Reys d'aquella ilha,offerecẽdoſſelhe pera tudo o q̃ lhe cõpriſſe. Antonio Moniz Barreto teue com elle ſeus comprimentos, & ſe deſpidio delle , perſuadindo os Modeliares a Elrey que o mataſſe com todos os Portugueſes: o que elle naõ quis fazer pello q̃ lhe releuaua & importaua . Antonio Moniz Barreto chegou a Columbo,a onde poucos dias depois chegaraõ Embaixadores de Candea, por quem aquelle Rey mandou dizer a Antonio Moniz Barreto,q̃ eſtaua muito arrependido , de tomar o conſelho do Madune, q̃ lhe fez fazer aquelle deſatino : & lhe mandou os berços que lá ficaraõ, & dez mil pardaos em dinheiro pera repartir com os ſoldados . E eſcreueo aos frades de ſaõ Franciſco, que Antonio Moniz Barreto leuou comſigo , que ſe tornaſſem pera elle , por que queria comprir

ſua

sua palaura, & fazerse Christaõ: o que Antonio Moniz Barreto não consintio ate ir dar conta ao Gouernador: & como foi tempo se embarcou para Goa.

## CAPITVLO IX.

### *De como o Idalxâ mandou alguũs capitaẽs sobre as terras de Salsete: & de como dom Diogo d'Almeida capitaõ de Goa o foi buscar, & disbaratou.*

IA que temos concluido com as cousas deste veraõ, entraremos nas do Idalxá, que guardamos pera este lugar de proposito, por ser asi necessario, pera a ordẽ da historia. Na quinta decada, capitulo vndecimo do liuro nono fica dito. Como o Idalxà se concertou com Martim Afonso de Sousa, sendo Gouernador, que lhe daria as terras de Salsete, & Bardes, de que lhe logo fez entrega: com condiçaõ que mandaria Mealecã, ou pera Portugal, ou pera Malaca o que lhe não cumprio. E despois do Gouernador dom Ioaõ de Castro estar na India, lhe mandou requerer por algũas vezes que lhe cumprisse os contratos que estauão feitos antre elle, & o Gouernador Martim Afonso de Sousa, com mandar Mealecan pera fòra de Goa, ou lhe tornasse a fazer entrega das suas terras, a que nunca o Gouernador lhe diffirio. E vendo a pouca cõta que se comelle tinha neste particular, auendo por afronta sofrer tanto, porque não sò não mandara Mealecan pera fora, como estaua asẽtado, masainda lhe tinha dado em Goa muito honra da casa, cousa que elle sintia em estremo. (E vendo este veraõ occupado o Gouernador na guerra de Cambaya, & cerco de Diu, despidio algũs capitaens com muita gente, que este Ianeiro passado entraraõ pellas terras de Salsete, & Bardes, & sem contradiçaõ algũa se senhorearaõ delles, & começaraõ a arrecadar seus foros, & rẽdimentos. Dom Diogo d'Almeida Freire, que era capitaõ de Goa, a quem logo chegaraõ estas nouas, praticandoas com o Bispo, Regẽte, & mais do conselho assentaraõ ꝗ pois em Goa não auia cabedal pera se acodiràquillo, por ser todo ao socorro de Diu, que se prouesse a fortaleza de Rachol de gente & moniçoens: & os rios de Goa de algũas mãchuas pera sua guarda, ate verẽ as cousas de Diu em que parauaõ: & que vindo o Gouernador, proueria naquellas cousas de preposito, & asi se fez, ficãdo as terras em poder dos imigos.

Depois do Gouernador dom Ioaõ de Castro chegar de Diu, & de prouer nas cousas de Malaca, & Maluco

Maluco começou a tratar destas, & pondoas em conselho se assentou que se mandasse acodir àquel le negocio com cabedal, & que se fossem buscar os inimigos aõde estiuessem, & que se arriscasse tudo ate os lançar fòra, porque vissem que todas as vezes que a ellas viessem os poderiaõ ir buscar. Com isto ordenou o Gouernador q̃ passasse a Salsete o capitaõ da cidade dõ Diogo d'Almeida, assinandolhe oitocentos Portugueses, em que entrauaõ cento & vinte de cauallo, cidadaõs de Goa, & mil Lascarins da terra. O Gouernador se foi pòr em Agaçaim, pera dar ordem àquella guerra, donde despedio o capitaõ que se pòs da outra banda, & foi entrando pellas terras ate a villa de Margaõ, sem achar quem lhe resistisse. Ali por espias que trazia soube estarem os inimigos nas aldeas de Cocoly, & que seriaõ coatro mil, com o que pôs a sua gente em ordem, & passou a ribeira à outra banda, & foi vm dia de madrugada marchando pera onde elles estauaõ: leuando diante algũs caualos ligeiros em que yaõ descobrindo o campo.

Os Mouros que tambem traziaõ suas espias, foraõ auisados de como o capitaõ de Goa os ya buscar, & não ousando ao esperar se foraõ recolhendo pera o sertaõ, deixando todas aquellas terras liures & desembargadas. Os nossos chegaraõ a Cocoly, que acharaõ despejado com medo, & logo mandou dom Diogo d'Almeida pregoar seguros Reays a todos, pera que livremẽte podessem vir grangear, & possuir suas terras, & fazẽdas, acodindo a Elrey de Portugal com os foros pellos mesmos foraes dos Mouros. Com isto acodiraõ todos os Ganceres, & Pateis das aldeas, & foraõ dar de nouo obediencia ao capitaõ, que os recebeo bem, & os segurou. Daqui despidio suas espias, & soube por ellas que os Mouros eraõ passados para Ponda: do que auisou ao Gouernador, que lhe mandou se recolhesse, & deixasse vm tanadar nas terras, com quinhentos piaens como fez.

Recolhido elle mandou o Gouernador a Francisco de Mello Pereira, que tinha vindo rico de Bãda, que fosse estar em Rachol com duzẽtos soldados Portuguezes pera segurança das aldeas, & lhe deu titulo de capitaõ mòr das terras de Salsete: & mil pardaos de ordenado cada anno, pagos nos foros daquellas aldeas. Francisco de Mello Pereira se passou a outra banda, & de Margaõ pera Rachol gastou todo o inuerno, quietando & segurando as terras, & arrecadãdo os foros dellas. O Idalxâ tanto que soube da fugida dos seus, & de como os nossos ficauão senho-

res

res das terras ſintioo em eſtremo: & deſpidio logo outro capitaõ cõ mais coatro mil homens pera ir diante tornar a tomar as terras, em quanto elle negociaua mór exercito. Em companhia deſte foi Gonçalo Vaz Coutinho, homem fidalgo que lá andaua homiſiado, por caſos grandes, que ya por capitaõ de hũa companhia, em que entrauaõ alguns Portugueſes que lá andauaõ arrenegados. Eſtimaua o Idalxá muito eſte homem, por ſer esforçado, & de grande animo, & aſsi o moſtrou bem lá antre os Mouros, & tinha n'aquelle reino rendas, & aldeas. Eſta companhia partio da corte de Viſapor eſte Iulho em que andamos, & do que paſſou adiante daremos rezaõ, por que he neceſſario que cõtinuemos com Bernaldim de Souſa, & com algũas couſas que neſte tempo ſocederaõ em Malaca.

*Fim do Quarto Liuro.*

---

LIVRO

# LIVRO QVINTO
## DA SEXTA DECADA
### DA HISTORIA DA INDIA.

### CAPITVLO I.

*Do que aconteceo na jornada a Bernaldim de Sousa: & de como hũa armada dos Achens foi a Malaca: & de como dom Francisco Deça sayo a pos ella, & do que lhe aconteceo.*

PARTIDO Bernaldim de Sousa de Malaca, (a onde o deixamos) como fica dito no capitolo coarto do primeiro liuro, foi na entrada de Dezembro passado tomar a ilha de Ternate, & sorgio defronte da fortaleza, & logo se embarcou em vm batel cõ seus criados, deixando Elrey na nao: & defendendo a todos os q̃ com elle yaõ, que naõ dissessem que estaua elle nella. Chegados a terra foi á fortaleza, & no caminho achou Iurdaõ de Freitas, que naõ tinha ainda recado de cousa algũa: & vẽdo a Bernaldim de Sousa ficou sobresaltado, por que logo lhe pareceo, que vm homem d'aquella maneira naõ ya lá se naõ a cousas grandes: & depois de o receber se recolheraõ pera a fortaleza, a onde acodiraõ todos os officiaes, & apresentou suas patentes, por cuja virtude tomou logo posse da fortaleza. Os filhos d'Elrey acodiraõ logo a ella sem saberem do pay: Bernaldim de Sousa os recebeo bẽ, & lhes disse que o fossem desembarcar que estaua na nao. Elles como naõ sabiaõ cousa algũa, foi taõ grande o seu aluoroço, que como doudos se foraõ á praya, & desembarcaraõ Elrey, a quẽ Bernaldim de Sousa foi esperar á praya com todo o pouo. Desembarcado Elrey, foi recebido com muito aluoroço & alegria de todos, leuando os grilhoẽs com que foi prezo pera a India, aleuantados no ár na maõ direita, pera que lhos vissem todos: & assi se recolheo pera sua casa. D'ahi a tres dias o mandou Bernaldim de Sousa chamar, & a todos os Regedores, & pouo, que todos se vieraõ pera a fortaleza a onde estauaõ os officiaes, & como os teue todos juntos no terreiro della, tendo ja prestes as cousas necessarias pera aquella cerimonia, fez nouamente entrega d'aq̃lle rei no a Elrey Aeiro, em nome d'Elrey

de Portugal, dandolhe ali a posse delle, & os Regedores tambem lhe deraõ a obediencia a seu modo. De tudo isto mandou Bernaldim de Sousa fazer autos & papeis asinados por todos. Este auto se celebrou com muitas festas de todo o pouo, ficando Elrey Aeiro d'ali em diante correndo com as obrigaçoens do reino. E por q̃ no principio de seu gouerno naõ ouue cousa notauel o deixaremos, por q̃ he rezaõ continuemos com as cousas que neste tempo socederaõ em Malaca.

Elrey de Viantana Soltaõ Alaudixa,(que foi o que Pero Mascarenhas deitou de Bintaõ, como na coarta decada, capitulo terceiro, do liuro segundo temos dito) tendo alguns agrauos d'Elrey de Patane seu visinho, & auendosse por muito afrontado & offendido d'elle, por cousas que naõ saõ da essencia de nossa historia: conuocou os Reys de Pera, Paõ, & outros visinhos, pera o irem destruir: formãdo todos hũa armada de trezentas velas, em que entrauaõ galés, lancharas, bantins, & outras embarcaçoens, em que embarcaraõ oito mil homens. Esta armada se ajuntou no rio de Ior. De tudo isto foi auisado Simaõ de Mello capitaõ de Malaca, & com muita pressa despidio vm bantim muito ligeiro, por quem escreueo a Diogo Soarez de Mello, que estaua por capitaõ no porto de Patane, em que o auisaua d'aquella armada, & lhe pedia que logo se fosse pera Malaca, & naõ se quisesse achar n'aquella enuolta, por que como aquelles Reys estauaõ amigos do estado, naõ era bem que se achasse em Patane, por que entaõ seria necessario fauorecer aquelle Rey contra estoutros, pois estaua em sua terra, do que poderia resultar algum grande escandalo: porque de toda a maneira que socedesse seria grande desgosto, & desbaratandosse os Reys da liga auiaõ de lançar a culpa aos Portuguses, que fauoreceraõ o imigo, & tomariaõ d'ahi occasiaõ pera darem trabalhos a Malaca. E se o Rey de Patane fosse vencido, naõ podia ser sem grande dano dos Portuguses, que estaua certo serem os primeiros que o recebessem, por que sobre elles auia de carregar todo o pezo da guerra, pello que milhor seria escusar desgostos, & recolherse a Malaca.

Esta carta deraõ a Diogo Soarez de Mello, & parecendolhe bẽ o cõselho de Simaõ de Mello, despidio logo algũs nauios de Portugueses que estauaõ ali pera a China, & elle se embarcou nas suas galeotas com setenta Portugueses, em que entrauaõ estes fidalgos. Manoel de Mello seu irmaõ, (que era capitaõ de hũa das Galeotas.) Ruy de Mello. vm Ioaõ de

Sampayo, Belchior de Siqueira, Baltesar Soarez de Mello, filho do mesmo Diogo Soarez de Mello, & outros. E tomando o caminho de Malaca, tãto auãte como os ilheos de Calataõ, (que estaõ em seis graos & meyo da banda do norte, perto de vinte & cinco legoas de Patane) ouueraõ vista da armada dos imigos, q̃ cobria o már. E como aquelles Reys estauaõ todos amigos do estado, pareceolhe a Diogo Soarez de Mello, q̃ era obrigaçaõ visitalos, ja q̃ se naõ podia desuiar delles, & assi foi demandãdo a galé d'Elrey de Viantana: & cõ muita confiança entrou dẽtro. Elrey q̃ ja sabia quem elle era o recebeo bẽ, fazendolhe grandes gasalhados. Diogo Soarez de Mello teue com elle grandes comprimẽtos, & despidindosse logo delle foi visitar os outros Reys que o agasalharaõ honradamente. Elrey de Paõ lhe deu hũa carta pera os seus regedores em que lhes mandaua, que tomando Diogo Soarez de Mello o seu porto, & querẽdo nelle esperar a mouçaõ pera Malaca (que auia de ser no fim d'Agosto) o recolhessem & lhe dessem todas as cousas de que tiuesse necessidade. E por virtude desta carta tomando aquelle porto, lhe deraõ tudo o q̃ pedio, despejando os nauios & varãdoos: por que se auiaõ de deter mais de vm mes.

Neste tempo, que seria em Iulho, socedeo lãçar o Rey de Achẽ hũa armada de vinte velas, em q̃ entrauaõ coatro galés muito fermosas de que era capitaõ mór vm Mouro muito atreuido. Esta armada se foi pór no estreito de Sabaõ, a onde fez a algũas prezas em Iuncos que yaõ pera Malaca: & depois que por ali andou vm més & meyo, voltou pera Malaca a onde chegou de noite. E chegãdosse bẽ a terra vẽdo q̃ naõ era sintido, desembarcou da banda dos Chelins, pera ver se podia fazer algũa preza: mas como tudo estaua fechado naõ achou mais q̃ vns patos q̃ ficaraõ de fora a vm Chelim rico & conhecido do Achem, & tomandoos tornouse a embarcar. Toda uia isto naõ pode ser taõ incuberto, q̃ naõ fossem sintidos, & dãdosse rebate na fortaleza, acodio o capitaõ Simaõ de Mello, que mandou logo sair fora dom Francisco Deça seu cunhado com algũa gẽte & achou a pouoaçaõ dos Chelins toda aluoraçada & posta em armas, & acodindo a praya, vio q̃ os imigos eraõ ja embarcados, que se yaõ recolhendo muito vfanos cõ os patos q̃ leuauaõ ao Achem de sinal de como desembarcaraõ em Malaca, & foraõ correndo a costa de Perá & Quedá ás prezas.

Simaõ de Mello mãdou vm Bãtim ligeiro a espiar esta armada, & negociou com muita pressa alguns nauios que auia no porto pera mandar a pos elles. E andando neste trabalho, chegou a barra de

de Malaca Diogo Soarez de Mello com duas galeotas, o que Simaõ de Mello estimou muito: por que com ellas fazia armada bastantte pera ir buscar os imigos. Tinha ja negociados dous carauelоens de de mercadores de que eraõ capitaens Diogo Pereira, que depois foi sogro de dom Pedro deCrasto: & Gemez Barreto: & seis fustas de que tinha feitos capitaens seu cunhado dom Francisco Deça, que auia de ser cabeça de toda a armada. Afonso Gentil, Andre Toscano, Ioaõ Soarez, Belchior de Siqueira, & dom Manoel Deça com algũs bantins de que eraõ capitaẽs Antonio de Lemos, Fernaõ d'Aluarez, & alguns Chelins: & as duas galeotas de Diogo Soarez de Mello em que elle ya, & seu irmaõ Manoel de Mello.

Prestes a armada, em que ya todo o cabedal de Malaca, a despidio o capitaõ, dando por regimento a dom Francisco Deça, que fosse a pos os imigos, & que passados dez dias (por que naõ leuauaõ mantimentos pera mais) se tornasse a recolher, encomendandolhe muito que naõ fizesse cousa algũa sem conselho de Diogo Soarez de Mello.

Esta armada foi correndo a costa de Pera sem achar nouas dos imigos: & passando a diante chegaraõ a Pulo Botum q̃ he ilha, entrando por antre ella & a terra firme: & ali acharaõ nouas que estauaõ em Quedá. E querendo dom Francisco Deça ir buscar a armada, ouue rebuliço na gente della, dizendo os mais dos capitaens que naõ auiaõ de passar a Quedá, que era longe: por que se lhes passauaõ ja os dias do prouimento: & assi se quiseraõ tornar alguns. Dõ Francisco Deça tratou de os quietar com brandura, mas naõ pode. A isto acodio Diogo Soarez de Mello estando todos presentes, & disse com paixaõ: que todo o que tratasse de deixar o seu capitaõ mór, que o auia de apregoar por Iudeu & couarde: & que jurаua a Deos que o auia de matar, & que pera isso auia de tornar a Malaca a pos elles, por que por isso lhe auia Elrey de fazer muita merce: pois eraõ occasiaõ de se naõ tomar hũa armada, que tinha feito taõ grande afronta áquella fortaleza, tendoa nas maõs & em parte que lhe naõ podia escapar. Disto disse tanto, que fez çalar a todos, & quietandosse foraõ seguindo o seu capitaõ mór. Chegados a Quedá doze legoas de Pulo Botũ, souberaõ q̃ as galés estauaõ mais adiãte oito legoas, em vm rio q̃ se chama Parlés. Aqui ouue nos da armada outro reboliço, dizẽdo: que aquillo era ja desatino, andarem de rio em rio, & quiseraõse tornar algũs escondidamẽte. Disto foi o capitaõ mór auisado, & acodio a isso com muita prudencia, tẽperandoos, & affirmandolhes que

ſe os naõ achaſſem em Parles, que ſe tornariaõ: por que ja q̃ tinhaõ chegado a te ali, naõ era rezaõ q̃ por mais oito legoas deixaſſem de ir buſcar os imigos, ja que na jornada eſtaua metido taõ grande cabedal. E fazendo ali agoada, & negociando as armas á ſua vontade, ſe detiueraõ aquelle dia, & ao outro ſe partiraõ.

## CAPITVLO II.

*De como a noſſa armada achou os imigos no rio de Parles. E da vitoria que os noſſos alcançaraõ. E de como foi reuelado ao Padre meſtre Franciſco Xauier da Companhia de JESV eſtando pregando: & a denunciou logo a todos.*

PARTIDA a noſſa armada do rio de Quedá, ao outro dia ſobre a tarde chegaraõ a Parles onde ſorgiraõ da banda de fora. E ali ſouberaõ d'hũa embarcaçaõ eſtar a armada dẽtro pello rio acima tres legoas junto d'aquella cidade. O capitaõ mór tomou conſelho com todos os capitaens ſobre o que faria naquelle negocio, & aſſentouſe que foſſem buſcar os imigos, & pelejaſſem com elles onde quer que eſtiueſſem. Com aquella reſoluçaõ encomendou a Diogo Soarez de Mello que foſſe ſondar a barra, pera ver ſe podiaõ as carauelas entrar por ella, prometendolhe a dianteira d'aquelle negocio. Diogo Soarez meteoſſe logo em vm balaõ ligeiro com vm piloto, & foi entrando a barra, & ſondando os canais por todas as bandas, achou que poderiaõ as carauelas entrar deſcarregadas: & chegando a terra mandou cortar grandes ramos de aruores, com que abaliſou o canal por onde auiaõ d'entrar: por que por derredor eraõ bãcos & baixos.

Feito iſto, & dada informaçaõ ao capitaõ mór, mandou deſcarregar as carauelas, & repartio o fato dellas pellos nauios, & á toa as meteo Diogo Soarez de Mello dẽtro, ſurtas da boca do rio pera dentro jũto da terra. Ia ſobre a tarde deſpidio o capitaõ mór vm Ioaõ Soarez com cinco companheiros em hũa almadia ligeira, pera que foſſe eſpiar os imigos, & notar a ordem em que as galés eſtauaõ. Ioaõ Soarez foi pello rio a cima a te deſcobrir a pouoaçaõ, & deraõ com hũa almadia que andaua tarrafando: & por que os naõ conheceſſem por naõ darem auiſo aos Achens, tornaraõ a remar pera tras ſem virar (porque a almadia tinha dous lemes:) & todauia naõ poderaõ fazer iſto taõ apreſſado, que os peſcadores naõ enxergaſſem os morrioens que leuauaõ nas cabeças, & reluziaõ ao longe, notãdo q̃ aquella gen-

la gente era noua. E virando pera a pouoaçaõ deraõ conta ao capitaõ mór das galés d'aquillo q̃ viraõ, & que lhes parecera gente desacostumada. O Mouro mandou logo algũas pessoas q̃ fossem a algum outeiro alto donde descobrissem a barra, pera verem se auia nella alguns nauios. Estes enxergaraõ só os mastos & gaueas das carauelas, & as fustas naõ, por estarem cozidas coa terra. Com estas nouas se tornaraõ ao Mouro capitaõ môr da armada, que assentou q̃ aquillo eraõ nauios de mercadores que yaõ fazer pimenta, cõ o que se segurou & quietou, auendoos por tomados. E por que ja era noite se deixou estar pera ao outro dia os mandar buscar. Ioaõ Soarez tornou com o recado a dõ Francisco Deça, dizendolhe q̃ naõ podera chegar a reconhecer bem as galés por causa da almadia que encontrou, & que por naõ ser reconhecido se tornara.

Esta noite passaraõ os nossos em grande vigia com as armas nas maõs. Ao outro dia que foi Domingo seis de Dezembro, dia de saõ Nicolao o Bispo se pos a nossa armada em ordem: & leuãdo ancora se foraõ pello rio acima a buscar os inimigos. Diogo Soarez de Mello leuaua a diãteira: & as suas duas galeotas, & Belchior de Siqueira, & Ioaõ Soarez leuauaõ á toa as carauelas de Diogo Pereira, & Gomez Barreto. O capitaõ mór dos Achens tambem tanto que amanheceo despidio duas galés, & doze lancháras, pera que lhe trouxessem os nauios que estauaõ na barra, & vindo pello rio abaixo, ouueraõ os nossos vista delles. O capitaõ mór dom Francisco Deça tanto que os vio, despidio coatro bantins, Antonio de Lemos, Fernaõ d'Aluarez, & outros pera que fossem diante cometer os imigos, a fim de elles desparerem nelles a primeira carga, porque por resteiros lhes naõ podiaõ fazer dano: & terem os mais nauios tempo de ferrarem delles. Os bantins foraõ co remo em punho demandar as galés, & atiraraõlhe algũas berçadas, & os imigos de sofregos, alheyos de mais consideraçaõ, despararaõ toda a sua artelharia, que toda lhes foi por alto.

Era isto na volta de hũa ponta que entraua no rio, que ficaua encobrindo ambas as armadas: a nossa ya de longo da terra, & em voltando a ponta deraõ de rosto com elles. E como os imigos vinhaõ ja com a sua artelharia descarregada, deulhe a nossa armada hũa fermosa salua, acertando vin camello q̃ se atirou da carauela de Diogo Pereira em hũa das galés, & tomandoa vm pouco diante da proa, a foi varando de parte a parte, metendoa logo no fundo. E como os nossos yaõ auiados pera cima, & os imigos vinhaõ coa mesma furia pera baixo, naõ podendo vol-

tar,inuistio os logo Diogo Soarez de Mello,& ferrou da outra galé, & os mais nauios cada vm do seu, começãdosse antre todos hũa muito cruel,& aspera batalha,em que todos os nossos mostrarað bem o valor & esforço Portuguez. O capitað mór afferrou de hũa lanchára, que logo axorou: & passou a diante a fauorecer os mais que pelejauað muito valerosamente.

Diogo Soarez de Mello como leuaua vm nauio muito possante com cincoenta bons & esforçados companheiros,tanto trabalhou, q̃ a poder de golpes se lançou na galé imiga acompanhado dos seus, & dentro nella á espada se auerigou aquelle negocio,matando todos os imigos sem escapar vm só viuo:& tomãdo a galé á toa a trouxe com sigo. Os mais nauios que estauað inuestidos dos nossos, forað rendidos, & cinco delles metidos no fundo: & foi a destruiçað tað grande nos imigos, que o rio se tornou da cór do sangue. Acabouse de arrematar a vitoria ás noue horas do dia. E depois de tomarem algũa refeiçað, & a darem aos marinheiros, chamou o capitað mór todos a conselho & lhes disse. Que pois Deos lhes tinha feito merces tao grandes,que o bõ seria nað arrefecerem,nem deixar enxugar o sangue das espadas, & passarem auante a acabar de concluir com aquella armada: por q̃ os imigos auiað de estar medrosos, & que auia pouco que fazer com elles. Os casados de Malaca dissera̋ð,que deuiað de se contẽtar coa vitoria que tinhað alcançado,que alem dos imigos estarem bem castigados de seu atreuimento & ousadia: nað era bem que fossem pelejar coa mais armada nas barbas do Rey da terra,que era amigo do estado,& Mouro como os outros, & que forçado se auia de escandalizar & afrontar d'aquelle negocio: que milhor era daremlhe a entender que se lhe tinha aquelle respeito,por que os nossos nauios costumauað ir ali todos os annos a fazer suas fazendas. Nað pareceo isto mal ao capitað mór: & ao outro dia mandou tirar os nauios pera fora: & querẽdosse ir pera Malaca,se despidio delle Diogo Soarez de Mello por que lhe era necessario chegar a Pegú, & lhe pedio a galé dos Achens que elle rẽdeo, & a leuou com sigo,& foi pera Pegú,onde o deixaremos a te q̃ tornemos a contar as cousas q̃ naquelle reino lhe acontecerað, que forað muito grandes.

Dom Francisco Deça se fez á vela pera Malaca, & em quanto nað chega, daremos rezað do que socedeo naquella fortaleza. Atras no primeiro capitolo do quinto liuro demos conta de como o Rey de Viantana com outros amigos & confederados ajuntarað hũa grã de armada contra o Rey de Patane: & depois que fizerað este negocio,

gocio,que foi concertaremſe, tornaraõ a voltar pera Ior. E ſabẽdo como a noſſa armada era em buſca da do Achem, & q̃ Malaca ficaua com pouca gente,como andaua eſpreitãdo todas as occaſiões pera ver ſe podia lançar maõ d'alg̃ua em que tomaſſe aquella fortaleza,que fora dos Reys ſeus antepaſſados, foiſe com toda aquella armada pór no rio de Muar ſeis legoas de Malaca. E dali deſpedio vm ſeu capitaõ com hũa carta à Simaõ de Mello,que eſtaua por capitaõ d'aq̃lla fortaleza, em que lhe dizia. Que elle fora informado q̃ a armada do Achem desbaratara a dos Portugueſes, de que eſtaua muito anojado: que elle como amigo & irmaõ d'Elrey de Portugal,a cujas couſas moſtrara ſempre ter grande amor,naõ ſe quiſera recolher ſem tomar ſatisfaçaõ dos Achens: que lhe pedia lhe deſſe licença pera ſorgir naquelle porto com toda ſua armada: por que tinha por certo que os Achens triũfadores da vitoria dos Portugueſes, pretendiaõ vir ſobre aquella fortaleza,por lhe parecer que ſeria muito facil tomala.E que elle eſtaua preſtes pera arriſcar toda ſua armada,reino,& ainda a vida pello ſeruiço d'Elrey de Portugal, & pella defenſaõ d'aquella fortaleza: & que a te naõ ter repoſta ſua, ſe naõ boliria d'aquelle lugar. E auiſou ao que leuaua as cartas que notaſſe a gente que auia na fortaleza,& o modo de como eſtaua.

Eſta carta cauſou em todos grãde confuſaõ:mas o capitaõ Simaõ de Mello com muita ſegurança aſſi por que o embaixador lha notaſſe,como por curar as deſconfiãças que auia nos roſtos de muitos, lhe reſpondeo com os meſmos comprimentos & offerecimentos, affirmandolhe que pera o ſeruir contra ſeus imigos tinha muita gẽte,muitas armas, & muitas moniçoens,& ſobre tudo vontade, & o amor que ſempre tiuera a ſuas couſas. E que quanto as nouas da armada, que eraõ falſas as que lhe deraõ: por que elle tinha ja recado que os ſeus desbarataraõ aos Achẽs,& que eſperaua por horas por toda a armada, & que cõ ella o poderia ainda ſeruir ſe quiſeſſe tornar contra ſeu imigo.Por onde podia eſcuſar o trabalho, que lhe elle ſeruiria muito bem, & recolherſe pera ſeu porto. E com iſto deſpidio o Embaixador, que deu nouas a Elrey do q̃ vira,& da confiança que notou no capitaõ,& da certeza que tinha de ſua armada ter vencida a dos imigos. Eſta noua por animar a todos tinha elle mandado eſpalhar polla terra, cõ o que o Rey Malayo naõ bolio com ſigo: mas deixouſe ficar no rio de Muar vinte & tres dias, que pareceraõ aos noſſos outros tãtos annos. Por que com naõ terẽ certeza da armada,& verem vm imigo taõ poderoſo,lhe tinha tirado

o ſono a todos: & todauia o capitaõ Simaõ de Mello proueo a fortaleza de guarda o milhor que pode, & lançou eſpias ſobre os imigos de que cada dia era auiſado.

Eſtando todos neſte eſtremo & receyo, que o Padre meſtre Franciſco Xauier trabalhou por remediar com praticas mũy ſpirituaes & conſolatorias que muitas vezes fez em publico. A te que eſtando pregando o meſmo Domingo em que os noſſos alcançaraõ a vitoria, naquelle meſmo ponto que ſe concluyo, fez hũa extraordinaria mudança no roſto: & deixando o fio do ſermaõ, fitou os olhos no ceo vm pequeno eſpaço, & depois arrebentando num ſpirito inflamado diſſe. Que deſſem graças a Deos noſſo Senhor, que acabara a noſſa armada de vencer a do Achem. E aſsi deu relaçaõ da batalha como ſe eſtiuera preſente a ella: por que particularizou os caſos della? Com o que todo o auditorio arrebentou em lagrimas, dando graças ao altiſsimo & poderoſiſsimo Deos. E logo o meſmo dia á tarde fez na ermida de noſſa Senhora outra pratica ſpiritual, em que tornou a declarar, & falar mais particularmente na batalha: o que deu tal animo a todos, que ja naõ auia triſtezas nem deſconfianças. Poucos dias depois chegaraõ nouas, que o Rey Malayo era recolhido, & depois a noſſa armada vitorioſa com que a fortaleza ſe desfazia em feſtas & louuores de Deos noſſo Senhor.

## CAPITVLO III.

*De como o Idalxa mandou outros capitaens ſobre as terras de Salſete: & do recado que o Gouernador dom Ioaõ de Caſtro teue de Diu. E das armadas que eſte anno partiraõ do reino.*

FICOV o Idalxa taõ afrontado de lhe lãçarem os ſeus capitaens fora das ſuas terras, que determinou de entrar naquelle negocio com todo o cabedal que podeſſe. E depois que deſpidio os capitaẽs de que atras falamos no capitolo nono do coarto liuro, inuiou logo apos elles, outros com mais cinco mil homens, & vm capitaõ dos principaes do ſeu reino, ſobre todos, com regimento que logo ſe tornaſſe a apoſſar de ſuas terras, o que elles fizeraõ, lançando outra vez maõ dellas, ſem fazerem mal aos moradores, antes lhes deraõ liberdades, & lhes fizeraõ fauores. Os noſſos ſe recolheraõ na fortaleza de Rachol ſem lhes poderem reſiſtir, por ſer o poder grande.

Tanto que o Gouernador teue recado, bem vio q̃ lhe auia aquelle negocio de dar trabalho: & deſpidio

dio com muita pressa algũs nauios pera andarem nos rios,& em guarda d'aquella fortaleza: & mandou domDiogo d'Almeida capitaõ de Goa, com cẽto & vinte de caualo, & trezentos de pé,& mil Lascarins da terra, pera ajuntar a si o mais cabedal q̃ trazia Francisco de Mello Pereira: & pella banda de Rachol ir buscar os imigos. Esta gente foi toda por már, & chegados a Rachol, assentaraõ seu arrayal fora no campo, & dali fizeraõ algũas entradas pellas terras ate Margaõ, tendo algũas escaramuças com os imigos, sem nunca se encontrar o poder junto: & todauia os Mouros ficaraõ arrecadãdo os foros, & senhoreando as terras, sem os nossos lho poderem defender.

O Gouernador pós este negocio em conselho, por que trataua de passar em pessoa: & assentouse que naõ podia por entaõ ser, por que era a força do inuerno, & as terras estauaõ alagadas & intrataueis, pera os Portugueses poderem andar por ellas, que se esperasse o veraõ, que viriaõ as naos de reino com gente, & que entaõ se fizesse aquelle negocio. Que se segurasse Rachol com gente,& se recolhesse o capitaõ, por q̃ naõ fazia mais que gastar o tempo em vaõ, & fazer despezas: no que logo o Gouernador proueo em tudo muito bem, mandando dar muita pressa a armada: por que determinaua de ir fora no veraõ, visitando elle todos os dias a ribeira,& vendo cõ os olhos os galeoẽs, & os mais nauios. E aos Domingos & dias Santos fazia exercitar os bombardeiros, & os soldados no campo, em barreiras que pera isso tinha, por que este he o verdadeiro officio do Gouernador, & este era a rezaõ por que entaõ os soldados se prezauaõ das armas,& se esmerauaõ em as trazerem limpas & cõcertadas & naõ empenhadas. E tãto fauorecia este Gouernador os soldados que tinhaõ boas armas, & se presauaõ dellas, que passando vm dia pella rua de nossa Senhora da Luz, pós os olhos em hũa casa terrea em que pousaua vm soldado que se chamaua Francisco Gonçaluez,& violhe de fronte da porta vm caunde com algũas espingardas, espadas,& alabardas, mũy limpo tudo & concertado: & tendo o quartao em que ya chegouse bem á porta, & perguntou quẽ pousaua ali. O soldado acodio de dentro á porta, & elle o festejou muito gabandolhe as armas, & mandou que lhe dessem logo trinta pardaos pera azeite pera as vntar, & disselhe que como se lhe acabasse, pedisse mais azeite: & o mesmo fez a outros muitos soldados: por que naquelle tempo folgauaõ os Gouernadores de falar com elles, & de os fauorecer & honrar.

Era ja entrado o mês d'Agosto,& o Gouernador andaua dãdo pressa

pressa as cousas, por q̃ tinha muito que fazer aquelle veraõ. E sendo vinte & dous dias do més, chegou á barra de Goa vm catur que vinha de Diu, de q̃ era capitaõ Francisco de Moraes que trazia cartas de dom Ioaõ Mascarenhas, que o Gouernador vio, & nellas lhe affirmaua que Elrey Soltaõ Mahamude tinha vm muito grosso poder, pera com elle vir em pessoa sobre aquella fortaleza: que o bõ seria acodir elle logo em principio do veraõ, por que como la o visse, poderia ser se retraisse, & mudasse o pensamento. O Gouernador cõ estas nouas despidio logo recado á cidade de Cochim a pedirlhe q̃ o quisessem ajudar nesta necessidade, que de nouo se lhe offerecia, com os mais nauios & gente que podesse: & o mesmo escreueo áquelle Rey, pedindolhe dous mil Naires, mandando ordem pera se lhe darem embarcaçoens, & todo o mais necessario. E despidio o mesmo Francisco de Moraes com cartas a dom Ioaõ Mascarenhas em que lhe fazia a saber que se ficaua fazendo prestes: & que tanto que as naos do reino chegassem, logo se embarcaria. E escreueo por elle ás cidades de Chaul, & Baçaim, encomendandolhes que estiuessem prestes pera o acompanharem todos os que podessem, por q̃ folgaria de os achar negociados por se naõ deter. Estas nouas correraõ logo pella cidade de Goa: & ajuntandosse os Vereadores em camara, fizeraõ chamamento do pouo, & lhe lembraraõ a necessidade que de nouo se offerecia, & que era rezaõ que naõ faltassem a ella: que seria bom fazerem seus offerecimentos ao Gouernador pois elle era tal, que da outra vez lhe naõ quisera aceitar cousa algũa. E parecendo bem a todos, foraõ os Vereadores ao Gouernador, & lhe fizeraõ seus comprimentos, certificandolhe que estauaõ todos prestes pera o seruirem com o amor & vontade q̃ sempre nelles achou. O Gouernador lhes agardeceo aquillo com palauras muito honradas, & lhes pedio dez mil pardaos, que lhe elles logo negociaraõ.

E passando nesta materia ainda mais adiante, alem do dinheiro que lhes pediraõ, ouue muitas molheres de cidadoens ricos & honrados que tomaraõ suas joyas em cofres & boetas, & as mandaraõ por suas filhas mininas apresentar ao Gouernador, pedindolhe que pois da outra vez que lhas mandaraõ, as naõ quis gastar, ou por que naõ fosse necessario, ou por outra algũa rezaõ que pera isso teria, que estimariaõ muito seruirse elle por entaõ dellas, pois era pera cousa taõ importante & necessaria. Vendo o Gouernador aquella grande lealdade, amor, & liberalidade, ficou admirado: & naõ tocando nas joyas, lhas tornou a

mandar

mandar com palauras de grandes agardecimentos dizendo: q̃ mais estimaua aquelle amor & vontade, que todos os tisouros da terra: & ás mininas que leuauaõ as joyas, deu peças de damasco, & de outras sedas. E por aqui se vera o amor & gosto com que todos seruiaõ o seu Rey: por que achauaõ nos seus gouernadores este primor honra, & verdade.

Andando o Gouernador dãdo pressa a armada, mandandoa lãçar ao már, & prouela de mantimẽtos, moniçoens, & de todas as mais cousas necessarias, sendo dez dias de Setembro, chegaraõ á barra de Goa duas naos, de seis que partiraõ do reino, sem trazerem capitaõ mór, de que eraõ capitaens Baltesar Lobo de Sousa, & Francisco de Gouuea. Das coatro naos que faltauaõ, eraõ capitaens dom Francisco de Lima, que trazia a capitania de Goa, que vinha na nao saõ Felipe: & Francisco da Cunha no Zambuco. Estas duas naos partiraõ tarde do reino, & chegaraõ a Goa a vinte & tres de Setembro. Da outra nao, que era a Burgaleza, era capitaõ Bernardo Nacer, q̃ foi tarde tomar Sacotora a onde inuernou, & foi tomar Goa em Mayo. Da outra nao que faltaua era capitaõ dom Pedro da Silua da Gama, filho do Conde Almirante, que ya prouido coa fortaleza de Malaca, que por roim nauegaçaõ do seu Piloto, se foi perder nas ilhas de Angoxa, mas saluouse toda a gente que se passou a Moçambique, & foi a India repartida pellas outras naos de Francisco de Gouuea, & Baltezar Lobo.

Este anno mãdou Elrey ao Gouernador, que logo lhe mandasse fazer hũa fortaleza em Moçambique muito forte, & capas de recolher todos os moradores, por que se receaua de Rumes: & que a fizesse na ponta de sobre a barra, a onde estaua a igreija de nossa Senhora do baluarte: por que trataua de segurar seus vassalos, ainda que fosse com despezas de sua fazenda, & comercio das minas de Cofala, & Cuama: & tambem por ser a principal escalla das naos do reino, a onde se vaõ refazer & prouer, de taõ longa viagem: & metendo ali pé os Rumes, alem de ser perda notauel, dariaõ grande opressaõ a toda a India.

## CAPITVLO IIII.

### *De como o Gouernador dom Joaõ de Castro partio pera Pondâ, & tomou aquella fortaleza. E de vm Embaixador que o Rao mandou ao Gouernador, & das pazes que com elle se assentaraõ.*

CHEGADAS as naos do reino, se começou logo o Gouernador a fazer prestes

pera

pera paſſar,& buſcar os imigos, ás terras de Salſete: & fazendo alardo da gente Portugueza, achou tres mil ſoldados,que repartio em cinco bandeiras: de que deu as capitanias a ſeu filho dom Aluaro de Caſtro,& a dom Bernardo, & dom Antonio de Noronha,filhos do Viſorrey dom Garcia de Noronha: & a Manoel de Souſa de Sepulueda, & a Vaſco da Cunha: & dom Diogo d'Almeida Freire capitaõ da cidade leuaua duzẽtos de caualo,em que entrauaõ todos os moradores de Goa. Das Tanadarias viſinhas ſe ajuntaraõ todos os piaens da terra,que com os que eſtauaõ em Rachol fariaõ numero de mil & quinhentos.O Gouernador mandou recado a Franciſco de Mello que eſtaua em Rachol, com trezentos homens,& quinhẽtos piaens,que eſtiueſſe preſtes,pera como elle entraſſe nas terras pella banda de Agaçaim,que partiſſe elle de lá, & ſe ajuntaſſem na villa de Margaõ. Os imigos tiueraõ logo auiſo dos preparamentos que o Gouernador fazia pera os ir buſcar: & tomando antre ſi conſelho, aſſentaraõ de naõ eſperarẽ aquelle poder,& de ſe paſſarem á fortaleza de Pondá como fizeraõ, deixando as terras em poder dos rendeiros. O Gouernador eſtando vltimamente pera ſe paſſar a outra banda,teue rebate de como os capitaens do Idalxá eraõ recolhidos a Pondá: & tomando parecer ſobre o que faria, aſſentouſe que lá ſe foſſem buſcar, & que os desbarataſſem de todo,por que naõ con uinha ao Gouernador acodir ao norte,deixando aquelles capitaens juntos taõ perto, que em ſe elle embarcando,logo ſe auiaõ de tornar a meter nas terras. Com iſto ſe foi o Gouernador pór em Beneſtarim donde começaraõ a paſſar as bandeiras: & como eſtiueraõ da outra banda dormiraõ ali aquella noite. Ao outro dia de madrugada paſſou o Gouernador,& começou logo a marchar pera Pondá.E chegando a hũa ribeira que eſtá a meyo caminho, acharaõ da outra bãda hũa companhia de dous mil homens que os eſperauaõ pera lhes defenderem a paſſagem.Dom Aluaro de Caſtro,que leuaua a dianteira,tanto que chegou á ribeira,o começaraõ da outra banda a feſtejar com a arcabuzaria. Elle como leuaua boas eſpias o encaminharaõ pera hũa parte por onde começaraõ a paſſar a vao, com a agoa por cima do giolho,jugando tambem a ſua eſpingardaria em roda viua. As mais bandeiras tãbem chegaraõ á ribeira, & foraõ todas cometer a paſſagem por differentes vaos.

Dom Aluaro de Caſtro ſe pos da outra banda, a onde trauou cõ os imigos hũa boa eſcaramuça em que os noſſos apertaraõ tanto cõ elles,que os arrancaraõ do campo, & ſe foraõ recolhendo pera Põdá.

O Gouer-

O Gouernador passou a ribeira á outra banda, & foi marchando em muito boa ordem, leuando a gente de caualo pellas ilhargas do exercito, & por todo aquelle caminho foraõ achando muitos estrepes, em que alguns dos nossos se encrauaraõ, leuando sempre os imigos diante, jugando com sua espingardaria: & asi foraõ a te chegarem á vista da fortaleza. E da banda de fora acharaõ todos os capitaẽs do Idalxá postos em som de batalha.

O Gouernador mandou a seu filho que rompesse nelles por hũa parte: & dom Diogo d'Almeida capitaõ de Goa com toda a gente de caualo por outra: & arrancando elles com grande furia, apellidando o Apostolo Sanctiago, aos primeiros golpes viraraõ os imigos as costas, & foraõ fugindo, naõ pera a fortaleza, mas pera o sertaõ, por que se naõ atreueraõ a defendela. Dom Aluaro de Castro chegou a ella, & da banda de fora esperou o Gouernador, que lhe mãdou que entrasse dentro, como fez, sem achar pessoa viua, nem fato, mais que algũas cousas de pouca importancia, por onde pareceo que tinhaõ ja os imigos recolhido tudo, com tençaõ de largarem a fortaleza.

O Gouernador tomou parecer sobre o que faria naquelle negocio, & assentousse que se recolhessem sem tocar na fortaleza, nem derribala: por que visse o Idalxá o pouco caso que della fazia: por q̃ todas as vezes que a quisesse tomar o podia fazer. O Gouernador tornou a voltar pera Goa, a onde chegou aquelle dia, tratando logo de se embarcar, & estando pera o fazer chegou vm Embaixador d'Elrey do Canará mũy grandemente acompanhado. Reinaua entaõ n'aquelle reino Sidoça Rao, que andaua auia muitos annos em grãdes guerras com o Idalxá. Este sabendo as differenças que auia antre elle & o Gouernador, desejãdo de se confederar com os Portugueses, pera juntamente com elles, lhe fazer guerra & o destruir de todo: despidio este Embaixador, que era vm dos principaes capitaens do seu reino, & dos mais chegados de sua casa.

Sabendo o Gouernador da sua chegada, lhe mandou ordenar grã de recebimento, como se lhe fez, & o recebeo em sala com grande aparato: & depois de passadas as palauras da visitaçaõ lhe deu as cartas d'Elrey, & algũas joyas ricas & coriosas que lhe mandaua de presente. O Gouernador como estaua de caminho, o ouuio logo ao outro dia, & o Embaixador lhe disse, que Elrey seu senhor desejaua muito de ter paz & amisades com elle Gouernador, & que estaua prestes de sua parte pera tudo o que fosse justo & honesto: por q̃ sempre os Reys seus antecessores

correraõ em muita paz & amiſade cõ os Gouernadores paſſados. O Gouernador lhe reſpondeo que eſtimaua muito querer Elrey Cideſa Rao ſer amigo d'Elrey de Portugal ſeu ſenhor,que elle eſtaua de caminho pera fora, & por concluir primeiro aquelle negocio, elle remetia o aſſento das pazes, ao Veador da fazenda, & Secretario, & que ſe ajuntaſſe logo com elles, & as concluiſſem, por que elle deſejaua muito de ſeruir Elrey de Biſnagá em tudo. O Embaixador folgou com aquella reſoluçaõ. E ajuntandoſſe os officiaes acima nomeados com elle, dando vns & outros ſeus apontamentos vieraõ a concluir os capitolos ſeguintes.

Que Elrey de Portugal, & o de Canará ſeriaõ amigos de amigos, & imigos de imigos: & que ſendo neceſſario ſe ajudaria vm ao outro, com todas as forças, & poder que tiueſſem contra todos os Reys da India, tirando o Zamaluco.

Que lhe deixariaõ tirar da cidade de Goa todos os caualos que a ella vierem de Perſia, & de Arabia, & que nenhum paſſaria ao Idalxá, nem a porto ſeu: & que elle Elrey do Canará ſeria obrigado a fazer comprar todos os que ſe leuaſſem a ſeus portos, & faria dar breue deſpacho aos mercadores que cõ elles foſſem.

Que Elrey do Canará naõ conſentiria, que mantimento algũ de qualquer ſorte que foſſe, ſaiſſe de porto algum ſeu,pera os reinos do Idalxá, & que todos ſe ajuntariaõ em Onor,& Barcalor, a onde Elrey de Portugal teria feitores pera os comprarem todos: & que os Gouernadores da India ſeriaõ obrigados a mandarem lá os mercadores Portugueſes aos comprar. E que pella meſma maneira Elrey do Canará defenderia que de nenhũ porto ſeu, nem lugar do ſertaõ,paſſaſſe pera o reino do Idalxá ferro,nem ſalitre,& que os mercadores dos ſeus reinos leuariaõ eſtas fazẽdas aos portos maritimos do reino de Canará, onde os Gouernadores da India os mãdariaõ comprar logo, por que os donos naõ recebeſſem perda.

Que todas as roupas do reino do Canará naõ iriaõ a algum dos portos do Idalxá, mas que iriaõ a Ancollá, & a Onor: & que pella meſma maneira obrigariaõ os Gouernadores aos mercadores Portugueſes, a que as foſſem lá comprar: & lhes leuariaõ cobre, coral, vermelhaõ, azougue, ſedas da China, & todas as mais mercadorias que vinhaõ do reino: & que elle ſe obrigaua a lhas fazer comprar.

Que vindo algũa armada de Turcos á India, ou qualquer nauio ſeu particular, que elle Rey do Canará os naõ agaſalharia

em

em porto algũ dos ſeus: & todos os Turcos q̃ nelles vieſſem os mãdaria prender,& preſos os inuiaria ao Gouernador da India,que pello tempo foſſe.

Que concertandoſe Elrey do Canará com o Goneruador da India pera ambos fazeré guerra ao Idalxá:q̃ em tal caſo, todas as terras que ſe tomaſſem ſeriaõ do Rey do Canarà,excepto as q̃ jazem do Gate pera baixo, deſde Banda ate o rio de Cintacorà: porque todas eſtas por antiguidade pertencé ao ſenhorio& juriſdiçaõ da cidade de Goa: & q̃ eſtas ficariaõ pera todo ſempre da Coroa de Portugal.

Eſtes cótratos que foraõ eſcritos pello Secratario Coſme Anes, ſe jurarão logo pello Gouernador & pello Embaixador de Biſnaga, com as ſolennidades coſtumadas, & logo ſe pregoaraõ por toda a cidade de Goa com grandes feſtas. Feito tudo iſto,deſpidio o Gouernador o Embaixador, mandando por elle a Elrey vm muito rico preſente, de caualos fermoſos,peças de eſcarlatas, & de veludos de cores,& deu outras ao Embaixador, com que ſe foi muito ſatisfeito. O Gouernador ſe começou a embarcar, & em quanto o fez nos pareceo bem darmos rezão do fundamento deſte reyno de Canarà, & de todos os ſeus Reys, por ſer couſa muito corioſa, & que ate oje ninguem eſcreueo.

## CAPITVLO V.

### *Do fundamẽto deſte reino Canarâ, & origem de ſeus Reys com todos os que ate oje reinaraõ. E donde naceo chamarem a eſte reino de Biſnagâ, & de Narſinga.*

ESTE reino do Canará ſegundo ſuas eſcrituras, teue principio quaſi nos annos de mil duzentos & vinte de noſſa redençaõ: O ſeu proprio nome he Charnà thacà, que de corrupçaõ em corrupçaõ ſe veyo a chamar Canarà. E porque como ja muytas vezes temos dito) todos eſtes Gentios do Oriante, fabulaõ mil patranhas, pera virem dar vm honroſo principio a ſeus Reys: aſsi eſtes o fazem, & contão muitos disbarates.

E continuando ao pè da letra com ſuas eſcrituras, affirmaõ que todos eſtes reinos, antre o Indo,& Gange, foraõ pouoados de diuerſas caſtas de Gentios, repartidos em muitos ſenhorios & reinos,cõ eſte titulo de rayas, que eraõ como juizes, & cabeças de Tribus, debaixo de cujo gouerno viueraõ muitas centenas de annos, em mũy grãde liberdade, ſem conhecerẽ Rey,Emperador, nẽ tyranno,

ate os annos acima ditos: & que naquella parte aonde depoisse fundou a fermosa, & rica Cidade de Bisnaga (como logo diremos) se leuantou vm Bragmane de vida sancta, & religiosa antre elles, & lhes começou a prègar, & dar leys & costumes nouos. Deste affirmauão q̃ não comia mais q̃ hũa vez na somana, & ainda essa vm pouco de leite, que lhe costumaua a leuar vm pastor daquelles campos, que ya ao mato a onde se elle aposentaua, & a onde muitas vezes o achaua enleuado em contemplaçaõ. Tanto continuou este pastor isto, que nunca lhe faltou com o seu ordinario seruiço, aquelle dia determinado. E vm delles o achou em vm grande extasi, & arrebatamento, que lhe durou grande espaço. E tornando em si achou o pastor apar de si com a reçaõ do leite, & pondolhe a maõ na cabeça o benzeo, dizendolhe, tu seràs Rey, & Emperador de todo este Industaõ, & eu o pedirei a Deos.

Isto se soube logo antre os pastores, & começaraõ a tratar aquelle com differente veneraçaõ, & o fizeraõ cabeça de todos. Elle como era sagaz, & astuto, ajuntando vm grande exercito delles, se fez jurar por Rey, & sayo a conquistar aquelles Rayas, & seus estados, que estauaõ já reduzidos a cinco: porque fazendo a cobiça seu officio, os que mais poderaõ, lançaraõ maõ dos estados dos outros: & assi tinhaõ constituidos cinco Reynos mũy prosperos, & grandes, que eraõ os do Canará, Taligas, Canguinaràm, Negapataõ, & o dos Badagàs. E assi o fauoreceo a fortuna que se senhoreou de todos estes Reynos, & estados. E vendose taõ grande senhor, se intitulou Bocà Rao, q̃ quer dizer Emperador. Sabendo vm Rey do Dely, como aquelle pastor se tinha aleuantado com tantos Reynos, o foi buscar cõ muito grande exercito, & juntos ambos em vns campos que se chamauaõ Quis quedá, vieraõ a batalha, em q̃ o Rey do Dely foi desbaratado: & em memoria daquella vitoria fundou o Bocá Rao no mesmo lugar em que a batalha se deu, hũa fermosissima Cidade, a q̃ pós nome Visaja Nager, que quer dizer, Cidade de vitoria: a que nós corruptamente chamamos Bisnagà, & ainda damos della o nome a todo o Reyno, não se chamando antre os naturaes senão o Reyno do Canarà.

Este Bocà Rao, tendo reynado vinte & cinco annos, entregou o Reyno a hum filho seu, chamado Harcarà Rayo, & elle se recolheo a acabar em vida solitaria, no mesmo lugar em q̃ aquelle Bragmane sancto viueo. O filho que lhe socedeo foi homem valeroso, & conquistou muita parte dos Reynos do Decan, & depois de reynar corenta annos faleceo, deixando por herdeiro vm filho chamado

Daua Rayo, que cõquistou todos os reynos do Balagate, & reynou vinte annos. Por sua morte lhe socedeo no reino seu filho Visia Rao que foy valeroso, & muito rico de thisouro, teue grandes guerras cõ o Rey do Deli, que era Mouro cõ quem confinaua da parte do norte: & em hũa batalha que ambos tiueraõ foy este Visia Rao morto: tendo reinado vinte annos. Socedeolhe nos estados seu filho Diua Rao, que foy vingar a morte do pay, & conquistou os reynos do Deli, & Mandou, & reinou dez annos, ficandolhe dous filhos mininos, a que não soubemos os nomes, que ambos reynaraõ, vm doze annos, & outro dezasseis. E em tempo do primeiro irmaõ que ficou minino em poder de titores, tornaraõse lhe a rebellar os reinos do Deli, & Mãdou: & aquelle Rey (q̃ era Xano Saradim, como Ioaõ de Barros lhe chama, & as escritúras Canaras, Tagalaca, como jà na quinta decada temos dito) entrou pellos reynos do Decan, perto dos annos de mil trezentos & doze, cõ grandes exercitos, & os conquistou todos, dexando nelles vm sobrinho por Gouernador, o Rey do Canarà ficou recolhido na cidade de Vizaia Nager, com todos os reynos que possuiraõ seus primeiros fundadores, que saõ os cinco que atras ficaõ nomeados.

Falecidos estes dous irmaõs filhos de Diua Rao, sem terem herdeiros, lhes socedeo no reyno vm tio irmaõ de seu pay, chamado Narsinga, que foi muito valeroso. Este naõ quis tomar o titulo de Rao, que he de Emperador, nem o de Rayo, que ha o de Rey,) como alguns dos Reys passados se intitularaõ) mas tomou o de Naique por mais humilde, que he tãto como dizer capitaõ, ou duque: & assi se ficou chamando Narsinga Caíque. E por que este viueo muitos ãnos, & foi valeroso, & fez sempre muitas guerras aos Mouros, foi muito nomeado no mũdo, & os estrangeiros Italianos, que antes dos Portugueses vieraõ à India por terra, como este reyno era o mais rico de todos os do Oriente, & o Rey Narsinga grande fauorecedor de estrangeiros, & todos o continuauaõ mais: diziaõ cá na Europa, que vinhaõ do reyno de Narsinga, ou que yaõ per o reyno de Narsinga: dando a todo o reyno o nome do Rey: & assi o nomeaõ Ioaõ de Barros, & Damiaõ de Goes: porque lhe naõ souberaõ dizer a rezaõ deste nome.

Viueo este Rey vinte annos, & socedeolhe Crisna Rao, que foy o mais valeroso Rey de todos, & tornou a conquistar o reyno do Deli a onde já reynaua Soltaõ Hamed, filho de Togalaca. E aos vinte & oyto annos do reinado deste Crisna Rao, se leuantou o grande Tamurlanh, que foi perto dos annos de Christo, de mil trezentos & no-

uenta & coatro, & teue com eſte CriſnaRao, aquella aſperiſsima batalha que conta Ruy Gonçaluez de Caluijo, no ſeu Itenerario, quãdo foi por mandado d'Elrey dom Anrique o quarto, ao Grão Tamurlão (como já na quinta decada temos dado mais particular rezão.)

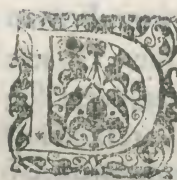
E porque neſteCriſnaRao leuaua no ſeu exercito grande numero de Chriſtaõs, dos que fez o Apoſtolo São Thome que erão ſeus vaſſalos, ouue Ruy Gonçaluez de Clauijo, que aquelle Rey era Chriſtão, & aſsi o affirma no ſeu Itinerario. Reynou eſta Criſna Rao, trinta annos, ſocedeolhe Rama Rao, que reinou ſeſſenta, & dous: & já em ſeu tempo o Decan era todo poſſuido de Mouros. Por ſua morte herdou o reyno Marſanay Rao, & ſocedeolhe ſeu filho Criſna Rao, que teue grandes guerras com o Idalxá; porque em ſeu tempo ſe aleuantarão aquelles Capitaẽs com os reynos de Decan, (como na quintaDecada diſſemos.) E o *I*dalxá lhe tomou as fortalezas de Rachol, &Mundager, que erão os eſtremos de ſeus reynos. Reinou eſte vinte & ſinco annos, & em ſeu tempo deſcobrio aquelle valeroſo Capitão Vaſco daGama a *I*ndia. E ſegundo Fernão Lopez de Caſtanheda, eſte foy o que mãdou offerecer as terras de Salſete, & Bardes a Ruy de Mello, capitão de Goa, ſendo o Gouernador Diogo Lopez de Siqueira no eſtreito de Meca. Mas *I*oão de Barros diz, que no disbarato do *I*dalxá, depois que eſte Criſna Rao lhe deu batalha, & tornou a ganhar as ſuas fortalezas, que lançarão mão das terras de Salſete, & Bardes vns Gentios, dalcunha os Gijs, que eſtauão em poder de vm Mouro, vaſſallo do *I*dalxá, & que eſte vendoque os Gentios ſe leuantarão contra elle, mandara recado a Ruy de Mello capitão de Goa, que foſſe tomar poſſe daquellas terras como fez: mas como quer que foſſe, ellas forão dadas a Elrey de Portugal.

Por morte de Criſna Rao, ſocedeo ſeu filho Trimal Rao, ſo ficou continuando a guerra com o *I*dalxá. Eſte faleceo depois de reynar dezaſeis ãnos, ſem deixar herdeiro, & ſocedeolhe vm tio ſeu chamado VcheTimaRao, que era vm doudo, como o nome o declara, porque vche em lingoa Canará quer dizer doudo, & Tima era o ſeu nome propio. Eſte fez tãtos deſatinos, & tantas deſtruiçoens nos reynos, & tiſouros, que não o podendo ſofrer os pouos o matarão, tendo reynado tres annos, & a leuantarão por Rey vm ſobrinho de Criſna Rao, filho de ſeu irmaõ chamado Achita Rao, que reinou quinze annos, & faleceo ſem herdeiro. Os grandes aleuantaraõ por Rei vm menino depouco mais de treze annos, chamado Cideſa Rao que era neto de Criſna Rao, & he

eſte

este, em cujo nome vieraõ os Embaixadores, do capitulo atras ao Gouernador dom Ioaõ de Castro. Tanto que este moço foi jurado por Rey, acodio à Cidade de Bisnagá Rama Rayo, que era casado cum hũa filha d'Elrey Crisna Rao & capitaõ geral de seu reyno, que estaua gouernando aquella parte dos Badaguas, & Taligas: & como era muito poderoso, & grande capitaõ, meteose na corte, & lançou maõ do Rey moço, & o meteo em hũa torre fortissima, com grandes grades, & portas de ferro, a onde o teue em quanto viueo, como hũa estatua, com o nome só de Rey: mas cõ todas as despezas, gastos, & apparatos que podera ter se fora, & estiuera liure. Tinha este Rama Rayo outros dous irmaõs, antre quem repartio o gouerno do reyno, conuem a saber, Atrimal Rayo, a quem deu tudo o q̃ pertencia a justicia: a Vingata Rayo tudo o da fazenda: ficando elle só com o cargo de capitaõ geral, & gouernador de todo o reyno. E pera encobrirem sua tyrannia, yaõ todos tres vm dia no anno à torre a onde estaua o Rey, & se lhe prostauaõ pello chaõ, fazendolhe sua veneraçaõ como vassalos, & catiuos: sendoo na verdade o Rey delles: este Rama Rayo foy grãde Capitaõ, & fez grandes guerras a todos os Reys Mouros do Decan (como pello discurso da historia,) com o fauor diuino contaremus.) E desta maneira fica bem clara, & entendida a origem, & principio deste reyno, & de seus Reys: & tirada a confusaõ que auia em seus nomes.

## CAPITOLO VI.

### *Da grande armada com que o Gouernador dom Ioaõ de Castro partio pera o norte. E de como mandou seu filho dõ Aluaro de Castro a Surrate & do que lhe aconteceo.*

DESPEDIDOS os embaixadores de Rey do Canará, se embarcou logo o Gouernador em nauios ligeiros, pondosse no mar cõ hũa armada de cento & sessenta fustas, em q̃ entrauaõ algũas que ja eraõ chegadas de Cochim, com que se fez à vela. Os capitaens que nellas o acompanharaõ, foraõ, dõ Aluaro de Castro seu filho, dom Roque Tello, dom Pedro da Sylua da Gama, dom Ioaõ d' Abranches, dom Iorge Deça, Dom Bernardo da Sylua, Vasco da Cunha, dom Francisco de Lima, Francisco da Sylua de Meneses, dom Iorge de Meneses Baroche, Manoel de Sousa de Sepulueda, Cide de Sousa, Duarte Pereira, Diogo de Sousa, Gracia Rodriguez de Tauora, dom Ioaõ de Tayde, dom

Ioaõ Lobo, Gaſpar de Miranda. dõ Bras d'Almeida, Iorge da Sylua, dom Pedro d'Almeida, Pero de Tayda Inferno, Antonio Moniz Barreto, Coſme Anes Secretario, Belchior Correa, Baſtiaõ Lopez Lobato, Antonio de Sá o Rume, Aluaro Serraõ, dõ Antonio de Noronha, Diogo Aluares Telles, Antonio Anriq̃s, Aleixos de Abreu, Antonio Diaz, Baltezar Lopez da Coſta, Damiaõ de Souſa, Manoel de Sá, Fernaõ de Lima, Afonſo de Bonifacio, Antonio Rabello, Antonio Rodriguez, Antonio Diaz Pereira, Belchior Cardoſo, Coſmo Fernandez, Nuno Fernandez, Franciſco Marques, Duarte Dias, Diogo Gonçaluez, Franciſco Aluarez, Franciſco Varela, Luis d'Almeida, Franciſco de Brito, Gõçalo Gomez, Gregorio de Vaſconcellos, Gomez Vidal Capitão da guarda do Gouernador, Antonio Peſſoa veador da fazenda da armada, Gonçalo Falcaõ, Gonçalo de Valapares, Galaor de Barros, Gaſpar Pirez, Ioaõ Fernandez de Vaſconcellos, Fernão d' Aluarez Cernache, Ioaõ Soarez, Ignacio Coutinho, Ioaõ Cardoſo, Ioaõ Nunez Homem, Ioaõ Lopes, Lopo de Faria, Manoel Pinto, Lopo Soarez, Manoel Pinheiro, Lopo Fernandez, Manoel Afonſo, Marcos Fernandez, Nuno Gonçalues de Liaõ, Pero de Caceres, Pero de Moura, Ruy paez, Pedro Afonſo, Pero Preto, Luis Lobato, Simaõ d' Arede, Franciſco da Cunha, Simaõ Bernardes, Thome Branco, Patraõ mòr da ribeira, que ya no galeaõ ſaõ Ioaõ, carregado de mãtimentos, & moniçoẽs, Coge Percoli lingoa. E os nauios que vieraõ de Cochim, de que eraõ capitaẽs, Franciſco de Siqueira, Vaſco Nunez, Baltezar Dias nobre, Fráciſco de Siqueira o moço, Franciſco Fernandez o Moricale, que traziaõ quinhentos Nayres, q̃ Elrey de Cochim mandaua: & mais nauios de Cochim, & Cana nor, que chegaraõ indo jà o Gouernador á vela, de que eraõ capitaens, Luis da Veiga, Guilherme Pereira, Gomez Carualho, Ioaõ Fernandez, Pedraluarez, Lançarote Gonçalues, Paulo de Pedroſa, Pedre Anes, Rodrigo Ribeiro, Simaõ Ferreira, Ioaõ de Magalhaẽs, Coſme Brandaõ, & outros muitos fidalgos, & caualeiros, que neſta jornada foraõ em nauios ſeus, a q̃ não achamos os nomes. Com toda eſta frota foy o Gouernador ſorgir na barra de Baçaim, donde deſpidio eſpias a Cameaya, pera ſaber da determinaçaõ d'Elrey. E eſcreueo a dom Ioaõ Maſcarenhas, como ja ficaua taõ perto delle, pera que o auiſaſſe de todas as couſas.

Eſtando o Gouernador aqui dãdo deſpacho a muitas couſas teue auiſo, que Caracem, genro de Cogeçofar, eſtaua por capitaõ de Surrate, & que tinha muito pouca gẽte, & taõ deſcuidado, que muito

facil-

facilmente se podia tomar aquella fortaleza. O Gouernador como não dormia nesta materia, nem ya buscar aluitres, nem fazendas, despidio logo seu filho dom Aluaro de Castro com oitenta nauios, dos milhores da armada, dãdolhe por regimento, que tomasse de noite o rio de Surrate, & mandasse em muito segredo espiar a fortaleza, & achando que estaua com taõ pouca gente como lhe tinhaõ dito, lhe desse vm assalto, & acometesse, & leuasse nas maõs, porque elle ya logo apos elle. Dom Aluaro de Castro deu à vela, & ao terceiro dia chegou a Surrate: & entrando de noite o rio, sorgio no primeiro poço, & despidio logo sete nauios ligeiros, pera que fossem ate auer vista da fortaleza, & a reconhecessem bem, & trabalhassem por tomar algũa espia q̃ lhes desse rezão do estado em que ella estaua. Estes nauios foraõ entrando o rio com o começo da enchente, & chegaraõ ate auerem vista da fortaleza donde lhes atirarão algũas bonbardadas, porque foraõ sintidos, & sem aguardarem mais voltaraõ pera o capitaõ mór, bradando dom Iorge Baroche, (que era vm dos capitaens) que não se recolhessem sem verem de que, porque as bombardadas não os comião: & todauia elles se foraõ retraindo. E como ja eraõ sentidos de todos, passando por hũa estancia que estaua da banda da villa dos Abexins, lhes atiraraõ algũas bombardadas: & como elles yaõ ja desconfiados, chegando à fala assentaraõ, que dessem naquella estancia, por se não recolherem sem fazerẽ algũa cousa. E armandosse poseraõ as proas em terra, onde saltaraõ com grande determinaçaõ: & remettendo com as estancias as entraraõ a poder de golpes, matando alguns Mouros que ali estauaõ em guarda de algũas peças de artelharia que ali tinhaõ para defenderem aquelle canal, que tomaraõ todas, & embarcaraõ muito a seu saluo, & foraõse recolhendo com a vazante da maré.

Dom Aluaro de Castro, depois de despidir estes sete nauios, o fez logo a outros dous, de que eraõ capitaens Francisco da Sylua de Meneses, & Ioaõ Fernandes de Vasconcellos, pera que fossem ver se podiaõ tomar algũa pessoa em terra, de quem se podessem informar do que passaua na fortaleza. Estes foraõ pello rio acima com a mesma marè, ate vm Pagodinho que està antes da villa dos Abexins, que he vm poço em que sorgem as naos de Meca: & ali desembarcaraõ em terra, mandando Francisco da Sylua os marinheiros do seu nauio com algũas vasilhas para fazerem agoa, em vm tanque que estaua vm tiro de Espera pela terra dentro, ficando os capitaens com sua gente em terra pera

pera os fauorecerem. Caracen capitão de Surrate, tanto que vio voltar os nossos nauios, & ouuio as bombardadas nas estancias dos Abexins, deitou logo quinhentos ho mens pera que fossem socorrer os seus, porque logo entendeo que pelejauão. Estes quãdo chegarão, acharão ja a estancia, & a artelharia perdida, & passando a diante forão ate o pagode, a onde os outros dous nauios estauão, sem saberem vns dos outros, somente terem os nossos rebate por alguns moços que andauão desuiados, q̃ apparecião Mouros.

Francisco da Sylua de Meneses ficou enfadado porq̃ os seus marinheiros estauão fazendo agoada & se lhos matassem ficaría elle arriscado a se perder, ou ao menos o nauio: & disse a Ioaõ Fernandez de Vasconcellos, q̃ elle auia de ir buscar os seus marinheiros, & arriscarse a tudo: Ioaõ Fernandez lhe disse que elle o acompanharia. E asi se forão com setéta soldados que ambos tinhão, em que entrauão trinta de espingardas: & postos em muito boa ordem forão demandar o tanque, & recolherão os marinheiros todos. E voltando pera as fustas por antre vm palmarinho que ali estaua, acharão mais de duzentos Mouros metidos nelle, que lhes tinhão tomado o caminho das fustas. Os nossos cerrarãose em hum escoadrão, repartindo as espingardas pellas ilhargas, & asi com muita determinaçaõ cometerão os imigos, desparando sua arcabuzaria. E passando auante os diuidirão, rompendo por antre elles: & naquella ordem se forão recolhendo, & pelejando pera todas as partes sem cessar a arcabuzaria, com que derribarão muitos Mouros. Desta maneira chegarão á vista das fustas, a tempo que as sete de cima vinhão emparalhando com aquelle lugar E vendo dom Iorge Baroche os dous nauios surtos, & ouuindo a espingardaria em terra, pòs della a proa, & desembarcou com os seus soldados, & achou ainda os nossos baralhados com os imigos, & dádo de refresco nelles os fizerão recolher, & com isto todos se embarcaraõ a seu saluo com poucos feridos, & com vm sò menos, que os Mouros matarão, porque o acharão no palmarinho sobido em hũa palmeira pera lhe tirar os cocos: & depois de morto o despirão, & lhe acharão derredor da cinta vm corrião com duzentos venezeanos, que não fiaua se não de si, com que determinaua de se embarcar aquelle anno pera o reino. Embarcados os nossos, se forá ao capitão mòr, a onde jà estauão os outros seis nauios, que tinhão dito a dom Aluaro de Castro tantas carrancas da fortaleza de Surrate, que desistio do negocio: posto que dom Iorge Baroche gritou, & bradou sobre isso,

dizendo a dom Aluaro de Castro que lhe roubauaõ sua honra. Dom Aluaro de Castro despedio vm catur ligeiro ao Gouernador com nouas de tudo o que era passado, deixandosse elle ficar surto nos canais da barra.

## CAPITVLO VII.

*Das cousas que o Gouernador dom Joaõ de Castro fez: & de como chegou a Surrate, & passou a Baroche, onde achou Elrey de Cambaya com vm poderoso exercito: & de como desembarcou â sua vista: & do mais que lhe aconteceo.*

O GOVERNADOR depois de despidir seu filho dom Aluaro de Castro, ficou dando ordem, & despacho a algũas cousas. E como alẽ de ser muito caualeiro, era fonfarraõ, & roncador, sabendo que andaua gente de Cambaya naquella cidade, que forçado auia de escreuer lá nouas, deitou fama, que auia de ir a te a cidade de Amadaba, & tomar Elrey ás maõs, & que o auia de espetar & assar viuo. E mãdou fazer na ferraria (q̃ elle muitas vezes visitaua) vns espetos de ferro mũy grandes, dizendo que eraõ pera assar Elrey, & os seus capitaens. E por que sobre isto acõteceo hũa galantaria de vm soldado com o Gouernador, naõ deixaremos de a contar.

Estando o Gouernador vm dia na praya a onde estaua a ferraria, vendo os espetos, atrauessou vm pouco afastado vm soldado chamado Fausto serraõ de Caluos, filho de Vasco Serraõ que foi juiz do terreiro do trigo de Lixboa. Ya este soldado em corpo com suas armas, como todos andauaõ, & leuaua na cinta detras, hũa machadinha de Rume mũy bem feita, que era cousa que costumauaõ a trazer os soldados, por que lhes seruia quando entrauaõ em algũ nauio de imigos de cortar hũa enxarsea, hũa driça, & hũa amarra: & alem disso seruia tambem de arrombar caixoens, & fardos, pera tomarem suas prezas. Isto estranhaua o Gouernador muito, & tinha má opiniaõ do soldado que trazia estas machadinhas, por que dizia que mais andaua com o tento em roubar, que em pelejar. E como elle conhecia este Fausto Serraõ do paço, a onde seruio Elrey limpamente, vendoo passar, chamouo, & lhe disse, se quer vos senhor soldado, pera que trazeis essa machadinha? O outro entendendoo lhe respondeo, tragoa senhor pera escoartejar Elrey de Cambaya, & seus capitaens, quãdo os vossa senhoria mandar assar nesses

nesses espetos, por que inteiros naõ o poderaõ fazer bem. O Gouernador lhe gabou muito a reposta, & lhe disse, q̃ folgaua muito com aquillo.

Acabados os negocios que o Gouernador tinha pera fazer, se embarcou, & foi ter á barra de Surrate, a onde dom Aluaro seu filho auia oito dias que estaua. E de hũa espia que dom Iorge Baroche tinha tomado de nouo, soube como a fortaleza estaua socorrida de muita gente: & naõ se querendo deter ali foi passando a diante a te a barra de Baroche onde entrou, & mandou Francisco de Siqueira capitaõ dos Nayres d'Elrey de Cochim, que fosse sondar todo o rio, & espiasse a fortaleza, & trabalhasse por saber do modo que estaua. Elle o fez assi, & foi pel lo rio acima, a te perto da fortaleza, & vio nos campos della (que saõ mũy grãdes) assentado o exercito d'Elrey de Cambaya, em que auia mais de cento & cincoenta mil homens, que tinha ali chegado aquelle dia em socorro das fortalezas, de Baroche, & Surrate: por lhe terem dado auiso que o filho do Gouernador estaua sobre Surrate: & que elle ficaua em Baçaim com grande poder, pera se ir ajuntar com elle. O Siqueira tanto q̃ soube as nouas pella gente de hũa almadia que tomou, voltou pera o Gouernador, & lhe disse tudo o que vira. E como elle estaua ja determinado a entrar dentro, & auer vista da fortaleza: dandolhe a desconfiança, naõ querendo que em algum tempo se dissesse que se recolhera de medo d'Elrey de Cãbaya, determinou de lhe dar vista. E pera isso mandou embandeirar toda a armada, & pór toda a gente em armas: & tanto que a enchente começou, entrou pello rio acima, com aquella multidaõ de fustas que o entulhauaõ todo. E chegando á vista da fortaleza, menos de mea legoa della: pos a proa em terra, & mandou desembarcar todo o poder, ordenando, & formando vm muito fermoso escoadraõ. Estaua Elrey de Cambaya a vista do Gouernador pera o sertaõ, com o seu exercito em forma de lũa, com oitenta peças d'artelharia de campo na testa delle: & diante della lançou seis mil homẽs pera a encobrirem: por que se os nossos o cometessem, os fossem estes leuando a te os meter na artelharia, com que esperaua de o desbaratar, como ja o fizera o Turco Solym, quando nos campos Calderanes desbaratou o Xeque Ismael.

Estauaõ antre o nosso exercito, & o d'Elrey de Cambaya, hũas grandes varzeas de milho ja alto & crecido, por antre quem se meteraõ alguns Portugueses desmandados com seus arcabuzes, pera verem se podiaõ derribar alguns dos imigos. O Gouernador ajuntando

tando os capitaens lhes diſſe, que a elle lhe parecia bem dar batalha a Elrey de Cambaya, por hõra & credito do eſtado da India: porque não era bem que diſſeſſem, que o Gouernador della ſe recolhera, & refuſara batalha algũa: que elle eſperaua em Deos auia de alcançar hũa muito honroſa vitoria, com pouco riſco & perigo: & que quando ſeus peccados foſſem grandes, retraindoſſe com as coſtas na ſua armada, que eſtaua com as proas em terra, cuja artelharia varejaua todo aquelle campo, não podia acontecer deſaſtre, dandolhes ſobre iſto outras muitas razoens. Os capitaẽs todos não ſò foraõ de contrario parecer: mas antes lhe requererão, que não quiſeſſe pòr a India em balanço, porq̃ o poder do imigo era muito grande, & que jà começaua a cingir todo aquelle campo. (E aſsi era, porque Elrey de Cambaya, tanto que vio o Gouernador em terra, aſſentou de lhe dar betalha, & fez o ſeu exercito em forma de lũa, vindo cingindo todo o campo, ſaindo ate o rio com duas põtas em que auia diſtancia de hũa a outra de mais de hũa legoa.) Dizendolhe os capitaens que atentaſſe bem naquelle negocio: porque ſe antre os noſſos ſoldados, q̃ erão biſonhos, começaſſe a auer deſmãcho, que poderia acontecer hũa grande deſauentura à embarcação: que o bom ſeria contẽtarſe com aquella honra de eſperar ali naquelle lugar Elrey de Cambaya com as coſtas na ſua armada: pera ſe Elrey de Cambaya o quiſeſſe cometer, o eſperar de roſto a roſto: & que ſe contentaſſe com o q̃ fez o Emperador Carlos Quinto, quando eſperou o Turco Soleymão em Viena, porq̃ tudo o outro mais era temeridade. O Gouernadór vendo todos contra ſi, deſiſtio de ſua opinião.

Vendo dom Iorge Baroche q̃ o Gouernador mudara o conſelho, pediolhe quinhentas eſpingardas paraſe meter antre aquelles milhares, pera dar dous pares de cargas nos imigos, & q̃ eſperaua em Deos de lhes derribar hũa copia delles: & que não quiſeſſe mòr hóra que fazerſe aquella afronta nas barbas do ſeu Rey. o Gouernador lho concedeo. E andando dom Iorge ajuntando os ſoldados de eſpingardas, paſſou por vm que eſtaua armado com a ſua ás coſtas, muito bem poſto no chão, & de muita peſſoa. Dom Iorge lhe perguntou ſe ya com elle, o ſoldado lhe diſſe que não, porque aquillo era deſatino, & que eſtaua certo quantos la foſſem, ficarem todos eſpedaçados, & ſeus corpos pera mantimento das gralhas, & adibes daquelles campos de Baroche. Foi iſto em parte que o Gouernador o ouuio: & chamando o ſoldado lhe perguntou o que dizia? elle lhe diſſe. Não vedes ſenhor aquel-

la multidão de Mouros, que cobrem os campos: pera qne deixaes arriſcar quinhentos homens per antre aquelles milhos, aonde ſe ouuer vm deſmanho, todo ſe hão de perder? O Gouernador tomando aquillo por agouro, mandou a dom Iorge que ſobre eſtiueſſe na ida: & auendo tres horas que eſtaua em campo, ſe embarcou muito a ſeu ſaluo, ſem os imigos o inquietarem, nem cometerem, & com a vazante da marè ſe ſayo para fòra, ficando Elrey de Cambaya afrontado, de o Gouernador deſembarcar à ſua viſta. & de elle o não cometer, nem lhe dar batalha.

## CAPITVLO VIII.

*De como o Gouernador dom Ioaõ de Caſtro paſſou a Diu, & meteo de poſſe daquella fortaleza a Luis Falcaõ, & dom Ioaõ Maſcarenhas ſe embarcou pera o reino. E de como o Gouernador deſtruio as cidades de Pate, & Patane.*

PARTIDO o Gouernador de Baroche foi atraueſſando pera Diu, mandando alguns nauios diante, & outros por dentro da enceada a fazerem toda a guerra que podeſſem como fizerão, tomando muitos nauios, & dando em muitos lugares, que poſerão a ferro, & a fogo, ſem deixarem couſa em pe. O Gouernodor chegou a Diu, aonde dõ Ioaõ Maſcarenhas o foi buſcar á barra, & elle deſembarcou em terra, & dom Ioão Maſcarenhas lhe pedio logo que proueſſe aquella fortaleza de capitão porque era tempo de ſe elle ir embarcar pera o reyno, como ficara aſſentada na entrada do inuerno paſſado. O Gouernador lhe diſſe que ſi, & mandou que ſe negociaſſe: tratando de prouer a fortaleza ſem ſaber determinar o que niſſo faria: porque ja o verão paſſado lhe entregarão alguns, & não ouſaua de cometer a alguem com ella.

Eſtando neſta indeterminação, chegou àquella fortaleza Luis Falcão, que vinha de ſeruir a capitania de Ormuz, aonde ficaua dom Manoel de Lima que foi bem recebido do Gouernador, porque logo determinou de lhe dar aquella fortaleza, ſem embargo de ter delle grandes culpas que de Ormuz lhe mandarão, porque alem de ter muitas partes, era rico, & tinha que gaſtar. E logo ao outro dia eſtãdo ambos ſos lhe diſſe, que elle como ſeu amigo que era, deſejaua de pòr ſuas couſas embõ eſtado, & de não chegarem a Elrey as culpas q̃ delle auia, & que pera iſſo não auia outro milhor meyo

que

que aceitar elle aquella fortaleza, & seruir Elrey nella: por que entaõ lhe ficaria lugar pera romper suas deuaças, & escreuer a Elrey como o ficaua siruindo naquella fortaleza, que muitos lhe engeitaraõ por estar rota & aberta. Luis Falcaõ lhe teue em merce aquella lembrança & desejo que mostraua de lhe fazer merce, dizendolhe que estaua muito prestes pera seruir a Elrey asi naquillo, como em tudo o mais que lhe mandasse, & despender quanta fazenda tinha com muito gosto. O Gouernador lho agardeceo muito: & logo lhe deu a posse da fortaleza, & dom Ioaõ Mascarenhas se embarcou pera Cochim, & dahi pera o reino.

Passado este negocio, que foi em breues dias, se embarcou o Gouernador, & se passou a costa de Pór, & Mangalor, & por toda ella fez hũa cruelissima guerra, destruindo, & assolando de todo as cidades de Pate & Patane, que eraõ fermosissimas, posto que as acharaõ despouoadas de seus moradores, que se tinhaõ recolhido pera o sertaõ com medo do açoute Portuguez. A cidade de Pate tinha a hũa banda vm fermoso & forte castello, com tres muros mũy fortes, & tres cauas mũy largas: as portas eraõ de madeira mũy grossas, todas chapeadas, & atrauessadas de barras de ferro grandes & fortes, q̃ o Gouernador desejou de mandar leuar pera Goa, mas naõ pode ser por sua grãdeza: & os soldados as tiraraõ de seus couces, & as lãçaraõ no már. Aqui acharaõ duas costas de Balea tamanhas, q̃ depois em Goa (por onde o Gouernador as mãdou embarcar) fizeraõ dellas vm arco na boca da rua que vay dos assougues pera a porta da cidade, que tomauaõ do canto a onde pousa vm liureiro, a te o outro a onde está vm cirgueiro, que será de largura de treze passos. Este arco durou ali a te o tempo do Gouernador Francisco Barreto. Nesta cidade de Pate tomaraõ os nossos muitas fazendas, que seus moradores naõ poderaõ recolher, & em seu porto, & em outros se queimaraõ perto de duzẽtas embarcaçoens de toda a sorte, em q̃ acharaõ muitos mantimentos, de que se a armada proueo, & algũas fazendas.

Destroida & assolada toda esta costa, voltou o Gouernador pera Baçaim, pera escreuer ao reino, & desembarcou em terra, a onde determinaua de estar deuagar, por que queria gastar todo aquelle veraõ na guerra de Cambaya: & por que tambem em quanto Elrey Soltaõ Mahamude o visse andar por ali, naõ bo liria comsigo. D'aqui despidio espias a Cambaya, a saber o que lá ya: & foi auisado que tanto que elle se partio de Baroche, prouera Elrey aquella fortaleza:

& a de Surrate,& se recolhera á cidade de Amadaba.

Aqui soube o Gouernador de vm mercador Gentio (que ao tempo que dõ Aluaro de Castro chegou a Surrate, estaua naquella cidade com sua fazenda) que Caracen capitaõ da fortaleza, tanto que soube estar a armada de dom Aluaro de Castro sobre a barra de Surrate, fora taõ grande o seu medo, que mandaua suas molheres, & tisouros pera as cidades do sertaõ, ficando elle prestes & á ligeira, pera se a armada cometesse a fortaleza, largala,& recolherse. O Gouernador tanto que soube isto quisera morrer de paixaõ, pondo a culpa d'aquelle negocio aos capitaens dos nauios que dom Aluaro de Crasto mandou reconhecer a fortaleza, ficando taõ malenconizado, & triste,de perder hũa tamanha occasiaõ,que naõ tinha gosto de cousa algũa, nem o viaõ rir. E vm dia solene estando na igreija de nossa Senhora armãdo caualeiro Vasco Nunez capitaõ dos Nayres d'Elrey de Cochim, sendo presentes todos os fidalgos. E depois de fazer este officio, que foi feito com grande cerimonia: como a magoa da perda de Surrate lhe naõ saya do coraçaõ, chamou ali por Antonio Pessoa Veador da fazẽda,& lhe disse. Antonio Pessoa, quando vos releuar algũa cousa de vossa honra, fazeya por vós,& naõ a encomendeis a outrẽ. Dom Aluaro de Castro seu filho, & os capitaẽs q̃ com elle foraõ naquella jornada, sintiraõ muito aquelle negocio, & andauaõ taõ enuergonhados que naõ ousauaõ de aparecer diãte do Gouernador, q̃ ficou escreuẽdo pera o reino,por ser ja entrada de Dezembro.

## CAPITVLO IX.

*De como o Idalxâ mandou Calabatecan sobre as terras de Salsete: & de como os Vreadores de Goa naõ deixaraõ passar dom Diogo d'Almeida capitaõ da cidade em busca delles. E da pressa com que o Gouernador dom Ioaõ de Castro se embarcou pera Goa, & de como destruyo a cidade de Dabul.*

O Idalxá tanto que lhe deraõ as nouas do desbarato dos seus capitaens, & de como o Gouernador lhe tomara a sua fortaleza de Pódá, & q̃ estaua outra vez de posse das terras de Salsete,auendosse por muito afrontado, & offendido, despidio cõ muita pressa vm capitaõ principal chamado Calabatecan,com vinte mil homẽs,em q̃ entrauaõ tres mil de caualo,mandãdolhe q̃ tornasse a ganhar as terras, & se deixasse ficar nellas, fazendo

fazendo guerra à cidade de Goa. Este capitaõ ajuntou a si os mais que ja andauaõ por Pôda, & por aquellas partes, que eraõ os que fugiraõ ao Gouernador: & entrando pellas terras de Salsete se tornaraõ a apossar dellas: & Fernaõ d'Araujo capitaõ de Rachól, com Diogo Soarez contador, que era capitaõ dagente da terra, se recolherão na fortaleza, a onde se fortificaraõ muito bem. As nouas disto chegaraõ logo a Goa: & ajuntandose o Bispo, capitaõ, & mais regentes, praticaraõ sobre o modo que naquillo se teria, & o capitaõ se offereceo pera ir com toda a gente q̃ auia em Goa, a lançar os imigos fora, dando rezoens pera asi ser necessario, & parecendo bem a todos; assentaraõ que fosse. E logo se começou a preparar, & a fazer chamamento dos casados pera o acompanharem. Os Vereadores de Goa tanto que aquillo viraõ, sabendo que o poder dos imigos era muito grande; & que acontecendo vm desastre ao capitaõ se poderia perder aquella cidade, foraõ a casa do Bispo, a onde mandaraõ chamar o capitaõ, & lhe requereraõ que não passasse á outra banda, nem saisse fora da cidade, & ilha de Goa, porque lho não auiaõ de consentir, nem deixar passar cõ elle os moradores, emcampandolhe a cidade, & ilha de Goa. O capitaõ lhes disse, que não era credito do estado disimular cõ aquelle negocio, q̃ caualeiros cidadõs, & soldados estauaõ em Goa, pera poderem dar batalha à pessoa do Idalxá, quanto mais aquelles capitaens, que ainda que trazião muita gente, era toda fraca, & coitada, & que elle esperaua em Deos de os desbaratar com pouco risco. Os vereadores replicarão, que em nenhũa maneira o auião de consentir, que pois não auia perigo na tardãça, que se sobrestiuesse, porque aquillo não duraria mais que a te a chegada do Gouernador, & que então todos passarião aos lançar fora. O capitaõ não pode por entaõ fazer cousa algũa, & despidio logo recado ao Gouarnador de tudo o que era passado, prouẽdo entretanto Rachol, de gente, & municoens, & os rios de nauios, & manchuas.

Este recado chegou aõ Gouernador, & vendo as cartas, & o que era passado, esbrauejou contra os vereadores, por impedirem a passagem ao capitão, & o mesmo dia tornou a despidir a mesma embarcaçaõ com cartas ao Bispo & capitão de agardecimentos, do modo de como procederaõ naquelle negocio, affirmandolhes que logo se ria naquella cidade: encomendãdo muito ao capitão, que com toda a gente de cauallo, de pè, que ouuesse o esperasse em Agaçaim, porque dali pretendia de passar a Salsete. E aos vereadores escreueo hũa carta muy azeda, reprendendoos

dendóos de impedirem a passagem ao capitão, com palauras asperas.

Despidida esta embarcaçaõ, logo o Gouernador se embarcou, & deu á vela pera Goa. E chegando de fronte da cidade de Dabul, que he â principal escalla que o Idalxà té naquella costa, determinou tomar nella vingança do atreuimento que teue em mandar seus capitaẽs sobre as terras que eraõ de Elrey de Portugal: & deu recado aos capitaens da armada, pera que se fizessem prestes pera o outro dia, ficando fora aquella noite. E tanto que foi o coarto dalua cometeo a barra, dando a dianteira a dom Aluaro de Castro, & foi pór a proa na praya da cidade, por meyo de todas as bombardadas que lhe atiraraõ. Dom Aluaro de Castro que leuaua ordem do Gouernador do que auia de fazer, saltou em terra com dous mil homẽs, & com os Naires dElrey de Cochim: & na praya achou o Tanadar da cidade, com vm grãde corpo de gente, com quem trauou hũa fermosa batalha, em que ouue algum dano de parte a parte mas todauia os imigos foraõ arrãcados do campo.

O Gouernador desembarcou com toda a gente, & fez della duas batalhas, hũa deu a seu filho, & a outra tomou pera si, & asi foraõ cometendo a entrada da cidade, a onde acharaõ muito grande resistencia, porque pelejauaõ seus moradores pela defensaõ das molheres, filhos, & fazendas. E posto que os nossos tiueraõ grãde trabalho, & risco, por fim do negocio apertaraõ com os imigos de feiçaõ, q̃ os romperaõ, entrando a cidade de enuolta com elles, tendolhe os imigos sempre o rosto, & pelejãdo com muito valor: Mas como os nossos yaõ com aquelle impetu, & o Gouernador com todo o cabedal era ja entrado, foraõ leuados os Mouros de rondaõ com grande estrago seu: & de tal maneira apertaraõ com elles, que os deitaraõ fora da cidade, ficãdo ella em poder dos nossos, com vm muito grosso recheo que se meteo a saco, & foi de feiçaõ, que se encheraõ todos os nauios, sem se ensecar a terça parte da cidade. E depois de todos fartos à sua vontade, poserão fogo a tudo o mais q̃ sobejou, destroindo, assolando, derribando toda a cidade de sorte q̃ nada della ficou em pê. Queimaraõse asi em terra, como no rio, muitas naos, & embarcaçoens de toda a sorte, ficando aquella misera cidade conuertida em caruoẽs, & cinza. Em fim o castigo foi tal, que em quanto durar a India, durarâ sua memoria.

O Gouernador se embarcou logo por se não deter, & deu á vela com muita pressa pera Goa, & foi demandar a barra de Murmũgaõ, que he a de Goa velha, por onde

onde entrou, & foi ſorgir em Agaçaim, a onde achou dom Diogo dAlmeida capitão da cidade de Goa, com cento & cincoenta de caualo, com muitas barcaſſas, & & jangadas pera a paſſagem da outra banda. O Gouernador ſe deteue ali aquelle dia, tomando informação do eſtado das couſas, & deſpidio eſpias pera ſaber a ordem & modo em que o imigo eſtaua. Ao outro dia pella menham começou a paſſar todo ſeu exercito da outra banda de Salſete, no q̃ gaſtou todo dia, & noite.

## CAPITVLO X.

*De como o Gouernador dom Ioaõ de Castro paßou a Salſete em buſca dos imigos & da batalha que lhes deu, em que os desbaratou de todo.*

PASSADO o Gouernador â outra bãda, teue logo auiſo pellas eſpias que Calabatecan eſtaua cõ todo o poder na villa de Margão, que ſeria duas legoas & meya dali donde eſtaua. E pondo ſua gẽte em ordem, fez de tõda a de pè duas batalhas de dous mil homẽs Portugueſes cada hũa. A primeira que era a vam guarda deu a dõ Aluaro de Caſtro ſeu filho, com quem auião de ir todos os Naires de Cochim, & Laſcarins da terra debaixo da bandeira do Tanadar mór de Goa. A outra batalha tomou o Gouernador pera ſi, com quem ficarão todos os capitaens & fidalgos velhos. Da gente de caualo que y a toda debaixo da bãdeira do capitaõ da cidade, tambẽ fez duas batalhas que auião de ir pellas põtas do eſcadraõ da vam guarda: & neſta ordem foraõ caminhando em buſca dos imigos às tres horas da tarde, deitando diante alguns caualos ligeiros, pera lhe deſcobrirem o campo. E antes de chegarem a Margaõ diſtancia de mey a legoa, teue o Calabatecan rebate do Gouernador ir em peſſoa a buſcalo: & não ouſando ao eſperar, leuouſe com tanta preſſa que deixou as tendas armadas, & os calderoens no fogo com a cea, & paſſou o rio á outra banda pellos vallos, que logo mandou quebrar por os noſsos o não ſeguirem, & ſe recolheo pera as aldeas do Cocoly. O Gouernador foi caminhando a te Margão, & antes da villa teue recado que os imigos yão fogindo com muita preſsa. E chegando ao lugar a onde os imigos auião eſtado achou o arrayal com todas ſuas tendas, camas, & meſas, a onde ſe todos apoſentaraõ, & agaſalharaõ á ſua vontade, porque acharaõ tudo o de que tinhaõ neceſsidade pera comer. aquella noite paſsaraõ ali com grandes vigias, & ao outro dia, q̃



foi

foi do Apoſtolo ſaõ Thome Padroeiro da India,ſe leuãtou o exercito, & foi marchando em buſca dos imigos, mandando o Siqueira diante com hũa companhia de Naires aos eſpiar, & a deſcobrir o campo,& chegando â ribeira, ouue viſta dos Mouros da outra bãda:porque o Calabatecan tanto q̃ amanheceo, acodio a tomar os paſſos da ribeira,porque o Gouernador não paſſaſſe. O Siqueira voltou logo ao Gouernador,&lhe diſſe que ali tinha os imigosda outra banda da ribeira. O Gouernador ya em vm palaquim, de que em lhe dando as nouas ſaltou logo fora, & caualgou em vm fermoſo caualo melado, & tomando hũa lãça & adarga, correo por todo o exercito muito rizonho, dizendo a todos.

Eya filhos ali temos os imigos, vamos a elles,que pouco tendes q̃ fazer, porque pera voſſo esforço, & pera o aluoroço que em todos ſinto,tomara que foraõ mais,pera que ficara a vitoria mais glorioſa.

E paſſandoſe á dianteira a onde ya ſeu filho dõ Aluaro de Caſtro, & dom Diogo d'Almeida cõ a gente de caualo,lhes deu a noua & mandou que ſe poſeſſem em ordem. E chegando á ribeira, querendoa cometer a vao, a acharão muito alta, & indo demandar o vallo tambem o acharaõ quebrado: mas com a preſſa ficou ainda algũa parte pequena por onde os noſſos de pé começaraõ a paſſar, & da outra banda acharaõ Calabatecan, que mandou vm capitaõ que os acometeſſe como fez. E como aquella parte era eſtreita, carregando os imigos ſobre os noſſos,os tornaraõ a lançar fora dos vallos. O Gouernador acodio áquella parte, & vendo retirar os noſſos,ficou tão enfadado,que começou a bradar com elles, dizendolhes que fogiaõ. O capitaõ dom Diogo d'Almeidafoi auiſado,que abaixofazia a ribeira vm vao,por onde a gente de caualo podia paſſar com a agoa pellas cilhas, & indoo demãdar,chegou a elle, & começou a paſſar: & ſendo ja com alguns da outra parte,chegon Calabatecan com dous mil homens, porque teue auiſo que a noſſa gẽte de caualo paſſaua pello vao. Ya o Mouro em vm ſoberbo cauallo acubertado, & elle armado de armas inteiras,& fortes: & em lugar de elmo & viſeira leuaua hũa maſcara de aſſo que elles vſaõ:& chegando a aquella parte diante dos ſeus,foi remetendo aos noſſos. Dõ Diogo dAlmeida que o conheceo aſsi pellos ſinais, como pello capitenear que fazia, em o vendo poz a lança no reſte,&abalou pera elle dizendo:Ah caõ olha por ti, que deſte encontro ſe acabará tudo. E encontrandoſe ambos de meyo a meyo,barafuſtando oscaualos vm com o outro foi Calabatecan do encõtro ao chaõ: & ainda não foi

nelle

nelle, quando ſe leuantou com o terçado na maõ, & lançando a eſquerda ás redeas do caualo de dõ Diogo d'Almeida (que eſtaua como atordoado da pancada) foi pera decer com o golpe,& ſem duuida o tratara mal ſe lhe dera, mas foi ſua dita tal,que vm pagem de caualo que leuaua com outra lāça, chegou áquella hora pera lhe ſocorrer com ella: & vendo o Mouro que leuantaua o braço,abaixou a lança,& pós as pernas ao caualo, & tomando o Mouro pellos peitos,deu com elle no chaõ, mas tābem logo ſe tornou aleuantar cō grande furia,& remetendo com o pagem lhe leuou as redeas, & ao meſmo tempo deceo com vm taõ façanhoſo golpe, que tomandoo pella adarga lhe cortou hũa borda,& foi decendo aos peitos do caualo ,& o abrio todo, caindo elle no chaõ. Dom Diogo d'Almeida, poſto que o ſeu caualo eſtaua fraco,lhe pós as pernas,& encontrando o Mouro o leuou por debaixo dos pés,a onde foi morto d'alguns que lhe poſeraõ tambem as lāças, ſem ſe poder aueriguar quem foi o que o matou: por que ouue muitos que lhe tomaraõ peças de ſeu corpo, mas ficou milhor de partido vm Iorge Madeira,que lhe tomou o terçado & adaga,que eraõ d'ouro com muita pedraria : & tābem algũas cadeas & aneis ricos, & ſe affirma que valeraõ as peças dez mil pardaos.

Os noſſos de caualo,que ja a eſte tempo eſtauaõ da outra banda,andauaõ baralhados com os Mouros,aſsinalandoſſe de todos o capitaõ Franciſco da Sylua de Meneſes, Triſtaõ de Tayde, Aluaro da Gama, Antonio Pereira , Aluaro de Caminha, Antonio Ferraõ, & outros,que todos mataraõ, & derribaraõ tantos, que o menos que coube a cada vm dos noſſos ſeſſenta de caualo (que naõ paſſaraõ mais a te entaõ) foraõ tres.

Andando aſsi a couſa baralhada , correo a noua pello exercito da morte de Calabatecan , com o que os ſeus ſe foraõ recolhendo. Dom Aluaro de Caſtro pella outra banda do vallo cometeo outra vez a entrada, & os ſeus ſoldados enuergonhados do que lhes o Gouernador diſſe , a pezar de golpes entraraõ por elle,& ſe pouſeraõ da outra banda . O Gouernador como vio o vallo franco,paſſou com o reſto do exercito , & achou o filho baralhado com os imigos,que acodiraõ ali , & remetendo com a ſua batalha (por que o cāpo era muito grande) deu Sanctiago por hũa banda,& apelidando o bemauenturado Apoſtolo ſaõ Thome, cujo dia era : Saluador Fernandez Alferez da bandeira Real ſe foi metendo com ella no meyo dos imigos,a que acodio o poder, & ſe trauou hũa muito aſpera batalha de parte a parte.Dom Diogo d'Al meida capitaõ da cidade , tanto q̃

(por

(por onde passou) se vio desapressado dos Mouros,ajuntou toda sua gente a si,& foi demandar a batalha, por que vio a bandeira Real da outra banda. E rompendo nos imigos por hũa ilharga,começou a fazer nelles grande destruiçaõ.

Estádo a cousa neste estado chegou a noua da morte de Calabatecan aos outros capitaens, & em lha dando largaraõ o campo,deitando a fogir,& desemparádo tudo.Os nossos foraõ seguindo o alcance,matando,& derribando nelles sem virarem a te a outra ribeira,a onde se lançaraõ a agoa como desatinados, & ali fizeraõ os nossos nelles muito grande estrago.O Gouernador tocou a recolher, & mandou recado aos de diãte, que se viessem pera elle,como fizeraõ, ficando o Gouernador no campo, em que ouue a vitoria, vendo os mortos: & acharaõ dos de caualo perto de duzentos,& seiscentos de pé,a fora os que se mataraõ no alcance,q̃ foraõ mais de dous mil. E muitos mais se perderaõ, se naõ meteraõ nas toucas ramos verdes, q̃ era o sinal q̃ os nossos piaẽs Gentios traziaõ pera serem conhecidos dos nossos,com o que escaparaõ a mór parte delles. O Gouernador se tornou pera Margaõ,a onde descansou aquelle dia.

Foi esta vitoria taõ celebrada, & festejada em Goa, que nos dias das festas nas folias, a que o Gouernador era muito afeiçoado, se lhe cantaua vm romance, que vm corioso fez,que começa.

*Pellos campos de Salsete,*
*Mouros mal feridos vaõ,*
*Vaylhe dando no alcance,*
*O de Castro dom Joaõ:*
*Vinte mil eraõ por todos, &c.*

Ao outro dia disse o Gouernador aos soldados: Filhos, & caualeiros meus,cõuosco eide ir tomar o Idalxá pella barba, fazeiuos prestes,ide cõsoar a Goa,q̃ eu vos vou esperar em Pangim,q̃ temos muito que fazer. E partindosse dali,se embarcou no rio de Agaçaim: & á vista da cidade q̃ lhe fez grande salua,se foi pera Pãgim,a onde teue á festa,& toda a gente ficou em Goa. Ali em Pãgim acabou o Gouernador de escreuer pera o reino, & pellas oitauas despedio as vias pera Cochim,& tomaraõ as naos de verga d'alto,& a te vinte de Ianeiro se fizeraõ todas á vela, & tiueraõ boa viagem.

Nestas naos foi dõ Ioaõ Mascarenhas, q̃ Elrey recebeo muito honradamẽte,pello grãde cerco q̃ sustẽtou em Diu, & lhe fez depois muitas hõras & merces.Este fidalgo nũca mais quis tornar á India, & diziase q̃ fora muitas vezes cometido pera a ir gouernar: Elrey o fez do seu conselho do estado, & lhe deu tenças & comẽdas grossas, & depois sendo o Cardeal dõ Anrique Rey de Portugal,foi vm dos

cinco

cinco gouernadores do reino. Foi filho de dõ NunoMaſcarenhas,filho ſegundo do primeiro capitão dos ginetes,dom Fernão Martinz Maſcarenhaa. Caſou depois q̃ da India veyo pera o reino,comdona Ilena filha de dom Ioaõ de Caſtel lo branco: deulhe Elrey a Alcaidaria mòr de Caſtello de vide:teue dous filhos,dõ Nuno Maſcarenhas, & dom Pedro Maſcarenhas.

## CAPITVLO XI.

### *De como o Gouernador dom Ioaõ de Caſtro proueo nas couſas das terras deSalſete. E de como partio pera o norte, & deſtruyo toda a coſta do Idalxà.*

COMO o Gouernador dõ Ioaõ de Caſtro pretendia continuar naguerra do Idalxà,& diſtruirlhe todos os ſeus portes do mar: naquellas oitauas proueo nas couſas de Salſete, deixando ordenado o capitão dom Diogó d'Almeida, com cento & vinte de caualo, & mil piaens da terra,pera quietar & ſegurar aquellas aldeas:& nos rios de Rachol deixou alguns nauios da armada pera guarda delles,cujos capitaes erão, Gaſpar Fernandez, Gonçalo Gomez, Luis dAlmeida, Iorge Fernandez, Inacio Coutinho,Ioão Pirez,Ioaõ Homé &outros.E deixando dado ordem a outras muitas couſas, tanto q̃ a feſta paſſou, logo ſe embarcou na meſma armada,acodindolhe toda a gente, ſem faltar hũa peſſoa(por que andauão todos ſatisfeitos & contentes: & o de que andauão mais era,das palauras,honra, & amor com q̃ o Gouernador os trataua, & aſsi deſejauão de ſe auenturar debaixo de ſua bandeira, & pòr as vidas a todos os riſcos, & perigos.) Pello que deuem de trabalhar muito os Gouernadores,& Viſorreys, de ganharem os coraçoens dos homens, ſe querem vir a ſer famoſos no mundo: com aquellas tres couſas em que o gran de capitão Gonçalo Fernandes encerraua todas as leys da guerra: q̃ eraõ, capitaõ clemente, maõ larga,& boca prudente: porque nenhũa couſa ata mais os coraçoens dos homés,que prudencia nas palauras,preſteza nas obras, humanidade na execução.

ANNO 1548.

E tornando ao noſſo fio: Recolhendo o Gouernador toda a armada, ſayo pella barra fora na entrada deſte mes de Ianeiro de corenta & oito, em q̃ com o fauor diuino entramos: & começando no rio de Chaporá duas legoas de Goa,q̃ he o primeiro do eſtado do Idalxà, mandou alſolar, derribar, & queimar tudo, & que ſe não perdoaſſe a couſa algũa, nem ſe deixaſſe em pè aruore de fruto, nem

palmeira

palmeirá,que era toda a sua sustãcia. E em muitas partes em que o Gouernador desembarcou em pessoa,tanto que via a algum soldado correr hũa palmeira,ou qualquer outra aruore,o abraçaua dizendo lhe, ah soldado, agora mataftes dous Mouros. Tanto trazia os olhos nos seruiços dos homens,que nunca algum fez cousa boa,q̃ não fosse logo louuada publicamente delle, & depois satisfeitá cõforme ao tempo, & à posse do estado. E asi foi destruindo Banda,Meludi, Acharà,Tambonà, Mazagam,Carapataõ,Raiapor,& todos os mais lugares daquella costa,ate Dabul: fazendo as mores cruezas, & danos que se podiaõ imaginar.

E porque ya auisado que a cidade de Dabul de cima estaua cõ vm grosso recheyo, porque se tinhão recolhidos os mais dos mercadores do derredor a ella, pella a uerem por segura, por estar duas legoas pello rio acima, deu recado aos capitaens pera que se fizessem prestes pera o outro dia, por que determinaua de a destroir. E sendo no coarto dalua, entrou cõ toda a armada pello rio dentro, & passarão pella cidade, que estaua ainda escondida debaixo das cinzas,& caruoens, em que auia pouco a deixarão os nossos consumida, & chegaraõ à outra cidade ao romper da manhã: & pondo as proas em terra saltou nella dom Aluaro de Castro com suas companhia,porque em todas estas cousas sempre leuou a diãteira:& cometendo a cidade a acharão despejada de gente,& fazendas, porq̃ o terror, & espanto do que o Gouernador ya fazendo por aquella costa,fez recolher tudo o mais pera o sertaõ.E não achando os Portugueses em que executar sua furia,o fizerão nos antigos,& soberbos templos, & edificios, por ser a cidade em si mũy populosa:&deixarão assolado, & destruido ate os derradeiros aliceces, dando fogo a tudo,que cõsumio as pedras em cinza, cortando, & destroindo as hortas, fazendas,& palmares, sem deixarem hũa aruore em pè: & o mesmo fizerão a todas as aldeas q̃ auia pello rio acima de hũa, & outra banda,em que catiuarão algũs mesquinhos, matando muito gado grosso, & miudo: & em fim ficou tudo pera muitos annos não tornar em si.

Dali se embarcou o Gouernador,& foi dando,& destruindo todas as mais pauoaçoens que auia ate o rio de Cifardão, que diuide o estado do Idalxà do Melique: não deixando cousa em pè de sorte que por toda aquella costa não auia outra cousa,se não nuuens de espesso fumo,que cobrião os ares, & escondião a claridade do sol. Chegando a Chaul entrou no rio a dar despacho a alguns negocios, & ali ouuio na sua galè vm Embaixador do Melique, que auia dias

ali

ali eſtaua eſperando por elle, por quem aquelle Rey lhe mãdou fazer muitos offerecimentos pera contra o Idalxá, por que naõ eſtauaõ amigos. O Gouernador o ouuio bem, agardecendolhe aquella vontade, confirmando com elle nouamente as pazes com os capitulos em dano do Idalxá: & deſpidio o Embaixador muito ſatisfeito.

Acabado eſte negocio ſe foi pera Baçaim, donde deſpidio dom Antonio de Noronha, filho do Viſorrey dom Garcia de Noronha, com vinte nauios ligeiros pera cõtinuar na guerra de Cambaya, da outra banda da coſta de Diu, a te Pór, & Mangalor: & o meſmo fez a dom Iorge Baroche com outros tantos nauios, pera andar de Agaçaim a te Baroche, defendendo aquelle már, por que naõ entraſſe couſa algũa em Cambaya, nẽ ſaiſſe pera fora, por lhe dar perda em ſuas entradas, & alfandegas, como lhe deu notauillíſsima. Em Baçaim deſembarcou o Gouernador em terra, & mãdou dar coatro meſas aos ſoldados, cujos capitaens eraõ, dom Aluaro de Caſtro, dom Bernardo de Noronha, filho do Viſorrey dom Garcia de Noronha, dom Pedro da Sylua da Gama filho do Conde Almirante, que deſcobrio a India. E Gomez Vidal, capitaõ da guarda do Gouernador: deixandoſſe ali ficar cõ determinaçaõ de ſe naõ recolher, ſe naõ a inuernar: por q̃ dali queria mandar fazer guerra a Cambaya, & ao Idalxá, por ficar em meyo d'ambos aquelles reinos, como fez, eſpalhãdo nauios por ſuas coſtas, que lhe fizeraõ toda a que lhe poderaõ fazer: tomandolhes muitas embarcaçoens carregadas de fazendas & mantimentos. E por q̃ naõ ouue couſa notauel que ſocedeſſe a eſtas armadas, concluimos com ellas aſsi em ſoma: por que temos outras muitas couſas que nos chamaõ, a que he neceſſario acodir.

*Fim do Sexto Liuro.*

---

S LIVRO

# LIVRO SEXTO
## DA SEXTA DECADA
### DA HISTORIA DA INDIA.

#### CAPITVLO I.

*De como os naturaes da cidade de Adem se confederaraõ com Elrey de Camphar, & lhe entregaraõ aquella cidade: & do recado que mandaraõ a Ormuz & a Goa a pedir socorro.*

NO capitulo coarto do quinto liuro da quinta decada fica dito, como o Baxá Soleymaõ Eunuco, despois de se leuantar desbaratado de sobre Diu, fogindo á armada Portugueza fora ter á cidade de Adem, a onde deixou por Baxá Mir Mostafa torto de vm olho, com quinhentos Turcos de guarniçaõ. Em seu lugar socedeo depois outro Baxá chamado Marzam, homem tambem mao & peruerso, como todos os Turcos o saõ. Este com todos os mais vsando de suas naturezas, assi auexaraõ, mal trataraõ, & perseguiraõ aos naturaes, & moradores d'aquella cidade, afrontandoos em suas molheres & filhas, q̃ de naõ poderẽ ja sofrer mais, trataraõ de sacudir do pescoço taõ pezado jugo, & isentaremse de taõ tyrãnica seruidaõ: & pera isso se cartearaõ em muito segredo cõ Alibem Soleimaõ Rey de Camphar, seu visinho, prometẽdolhe entrada dẽtro na cidade, & de o leuantarem por seu Rey. Por tal modo trataraõ este negocio, que lhe deu Elrey ore lhas, & lãçou maõ dos cõprimẽtos. E ordenado antre elles o modo q̃ se auia de ter: depois de tudo assẽtado partio Elrey de Cãphar com mil homẽs do seu reino, q̃ deixou entregue a seu filho mais velho, leuãdo comsigo dous q̃ tinha mais: vm legitimo, moço de treze, ou coatorze annos, & outro bastardo de vinte & dous, homẽ mũy fermoso, & bẽ disposto, & de muito bom entendimento: & tal ordem teue na jornada, que chegou de noite a Adem, & foi demãdar a porta por onde auia de entrar á cidade, a onde ja os conjurados o esperauaõ, que o meteraõ dentro sem serem sintidos. E logo cometeraõ o castello que foi entrado a poucos golpes, & mortos os q̃ nelle estauaõ de guarniçaõ, & catiuos vinte & cinco Turcos, os mais delles bõbardeiros,

ros,ficando ſenhor do caſtello.

O Baxá Marzam tanto que ſintio o reboliſſo,ajũtou os Turcos,q̃ ſeriaõ perto de quinhentos, & ſe fez forte em ſeus paços, por q̃ naõ ſabia o q̃ aquillo era: & ali eſteue a te amanhecer. Elrey de Cãphar q̃ eſtaua no caſtello, paſſada a noite,ſe pós em ordem pera ir dar batalha ao Baxá: por que ja ſabia q̃ eſtaua forte nos paços,mandandolhe diante vm recado,em que lhe fazia a ſaber, como fora chamado dos moradores d'aquella cidade pera ſeu Rey, que ſe quiſeſſe que ſe viſſem ambos em campo, & q̃ ſe aueriguaſſe aquelle negocio por armas em hũa batalha campal, que eſtaua preſtes pera iſſo. E que ſe tambem lhe quiſeſſe largar aquella cidade que era ſua que elle lhe daua licença pera ſe poder ſair della liuremente, com ſuas molheres, filhos, armas, & tudo o mais que comſigo podeſsẽ leuar.

Dado eſte recado ao Baxá, como elle & todos eſtauaõ medroſos,aſſentaraõ deixar a cidade, como logo fizeraõ, leuãdo cada vm o que pode, ficando Elrey de Cãphar ſenhor de tudo, & auido de todos os naturaes por Rey. E logo mandou fortificar a cidade, & proueo os paços & baluartes,de gẽte de guarniçaõ, por que bem entẽdeo que os Turcos naõ eraõ homẽs que diſsimulauaõ com afrontas. O Baxá Marzam, com todos os ſeus ſe foraõ meter em hũa fortaleza q̃ eſtaua pera o ſertaõ quaſi oito legoas, donde ſaya todos os dias a dar viſta a cidade,occupandolhe os campos todos,& tomandolhe os paſſos do ſertaõ, pera q̃ lhe naõ podeſſem entrar mantimentos, no que lhe deu grande trabalho. Vendo Elrey que d'aquella maneira ficaua arriſcado a hũa deſauentura, & fome, chamou a conſelho os moradores de Adem, & praticou com elles o modo q̃ ſe podia ter, pera os Turcos os naõ inquietarem, nem porem de cerco, por que yaõ ja ſintindo a falta de tudo.

E praticando ſobre iſto, foraõ os mais de parecer,que mãdaſſem a Ormuz a pedir ſocorro aos Portugueſes, & que ſe lhes prometeſſe a fortaleza, pera com ſeu fauor & proteiçaõ ficarem ſeguros dos Turcos. E que entre tanto mãdaſſe recado a ſeu filho que ficaua em Camphar, que ajuntaſſe toda a gente que podeſſe, & foſſe cercar a fortaleza dos Turcos, & trabalhaſſe pella tomar, primeiro que foſſem ſocorridos de Baçorá. Pareceolhe a Elrey muito bem aquelle conſelho, & com muita preſſa eſcreueo a ſeu filho que ajuntaſſe tres mil homens, & foſſe cercar os Turcos, & ſe naõ leuantaſſe de ſobre aquella fortaleza ſem lha tomar: & juntamente deſpidio hũa terrada com cartas ao capitaõ de

Ormuz , em que lhe pedia o mandasse socorrer, offerecendolhe os partidos que dissemos, da fortaleza da cidade, & alfandega della.

O Principe de Cãphar em lhe dando as cartas do pay, ajũtou logo tres mil homens muito bẽ negociados,& foi com elles marchãdo pera a fortaleza em q̃ os Turcos estauaõ,q̃ tendo auiso de sua ida, se recolheraõ dentro , & se fortificaraõ. O Principe lhe pos cerco, mas por ser mancebo & pouco experimentado deixou de tomar a fortaleza nos primeiros dias. Os q̃ leuauaõ o recado pera Ormuz foraõ tomar Caxem pera fazerem agoa:& sabẽdo aquelle Rey como yaõ buscar os Portugueses pera lhe entregarẽ a cidade de Adem, como era grande imigo dos Turcos,por serẽ auorrecidos de todos, & era muito amigo dos Portugueses, despidio logo trezentos Fartaquins em socorro de Adẽ,mandãdo offerecer a Elrey de Camphar, tudo o q̃ mais ouuesse mister a te os Portugueses chegarem. Estes chegaraõ em poucos dias áquella cidade,a onde foraõ mũy bem recebidos d'Elrey,& postos nos mais importantes & principaes paços & baluartes pera sua defensaõ.

A terrada que ya pera Ormuz, entrou em breues dias do Cabo de Rosalgate pera dentro no mẽs de Outubro passado, & ali encontrou dom Payo de Noronha, que andaua por capitaõ mór d'aquelle estreito cõ doze nauios de remo. E sabendo do Embaixador d'Elrey de Camphar ao que ya a Ormuz, despidio hũa das fustas da sua armada em sua companhia,cõ cartas ao capitaõ dom Manoel de Lima,em que lhe pedia por merce que se elle naõ auia de ir em pessoa aquelle negocio, lhe desse licença pera o fazer cõ aquella armada q̃ trazia. Chegado este recado a Ormuz,pareceolhe ao capitaõ este negocio duuidoso,& ouue q̃ naõ poderia Elrey de Camphar sustentarse contra os Turcos, por que estaua certo acodirlhe socorro de Baçorá:& q̃ se se metesse cabedal naquella jornada, estaua arriscado a ser de nenhum effeito, pello que logo despidio o Embaixador d'Elrey, & a fusta de dom Payo, a quem escreueo, que fosse em companhia do Embaixador de Adem , em dous nauios quaes elle escolhesse, & os mais deixasse em guarda d'aquelle estreito: & q̃ se achasse ainda Elrey de Camphar naquella cidade,q̃ se metesse dentro com cincoenta homẽs, por q̃ esses bastauaõ pera se defender dos Turcos,em quanto lhe naõ ya mais socorro : & q̃ lhe despidisse logo recado pera lhe mãdar gẽte & nauios: & quando naõ, q̃ se tornasse pera aquelle estreito.

Dado este recado a dõ Payo de Noronha,logo se partio pera Adẽ, na galeota em que andaua que se

chamaua

chamaua ſanta Iſabel, em que leuaua corenta ſoldados eſcolhidos, & outro nauio de que erã capitaõ Pero Fernandez deCarualho com trinta: Os caualeiros conhecidos q̃ dom Payo eſcolheo pera eſta jornada foraõ, Ioaõ d'Albuquerque, Antonio da Rocha, Frãciſco Vieira, Diogo Correa, Antonio de Figueiredo, Antonio Cornejo, que ainda oje viue em Chaul, de quẽ ſoubemos a mór parte deſtas couſas. Pero Cornejo ſeu irmaõ, Chriſtouaõ das Neues, Martim Gralho, Frãciſco Rodriguez, & outros. E dando á vela pera Adem em companhia do Embaixador, foraõ correndo a coſta de Arabia, tomando todas as angras, enceadas, & bayas, por onde encontraraõ algũas geluas, & terradas de Mouros da outra coſta de Barborá, Zeilá, Mete, que tomaraõ, hũas vazias, outras com ſeus recheos, fogindolhes pera a terra todos, ſomente tres que ſe catiuaraõ. E chegando á fortaleza de Dofar entrando a baya, lhe atiraraõ muitas bombardadas: & achando ſurta hũa nao carregada de cifas, lhe poſeraõ o fogo, que ardeo brauiſſimamente: & hũa terrada que ſe foi a bicar a terra, a foraõ tirar a poder de eſpingardadas, & afaſtãdoa pera fora, armaraõ nella hũa forca, em que enforcaraõ os tres Mouros que tomaraõ nas terradas atras: & outros alguns que acharaõ na nao: & depois poſeraõ fogo á terrada á viſta da fortaleza.

Partidos d'ali chegaraõ a Xael, cujo Rey foi ſempre amigo dos Portugueſes, & eſtaua fora em cãpo contra o Rey de Caxem: que tẽdo ſabido, que tinhaõ de Adem mandado chamar os Portugueſes pera lhe entregarem aquella cidade, receandoſſe delles, deixou recado na fortaleza, que ſe por ali paſſaſſe armada Portugueza, a proueſſem de tudo o neceſſario, fazendo da neceſsidade virtude: por que ja que vinhaõ ſer ſeus vizinhos queria começar a grangear ſua amiſade. Os Regedores da fortaleza tanto que viraõ as fuſtas em ſeu porto, mandaraõ viſitar dõ Payo com vm bom preſente de couſas da terra, & agoa em abundancia, offerecendolhe o de que mais tiueſſe neceſsidade. Dom Payo pella que tinha aceitou tudo detendoſſe ali áquelle dia: & ao outro tornou a continuar ſeu caminho, & foraõ tomar o porto de Berrumá antes de Adem, donde partiraõ á meya noite, & foraõ tomar de madrugada a baya d'aquella cidade a onde ſorgiraõ. Foraõ logo dadas a Elrey nouas que eraõ chegadas fuſtas dos Portugueſes, com o que toda a cidade ſe aluoroçou: & deſpidio peſſoas principaes de ſua caſa, pera que foſſem deſembarcar o capitaõ, a quem mandou os parabens de ſua vinda, & muito refreſco de car-

neiros,galinhas, & d'outras cousas que auia na terra.

Dom Payo se negociou logo, & desembarcou,com só coatro homens que escolheo, & na praya achou alguns caualos, mũy bem concertados, & acubertados, pera sua pessoa. E caualgando em vm, os mais leuou diante de si: & os soldados derredor delle: & entrou em casa d'Elrey, que o recebeo cõ muita honra, deitandolhe aos hõbros hũa fermosa xamata, q̃ saõ vns panos de seda & algodaõ laurados d'ouro, que aquelles Reys costumaõ a trazer,por capas, & he a mór honra que podem fazer a hũa pessoa grande quando a querem muito festejar & honrar. Ali logo praticaraõ sobre as cousas d'aquella cidade, dizendolhe que era d'Elrey de Portugal, & que como sua lha entregaua, pera tratar de sua fortificaçaõ, & defẽsaõ. E por serem horas de jantar,o mãdou agasalhar em hũas casas, que pera isso tinha despejadas,& se lhe deu todo o necessario. Aqui esteue dom Payo a te noite, que se recolheo ao seu nauio: & ao outro dia desembarcou com toda a gẽte das fustas posta em armas,que ainda q̃ taõ pouca, lustraua muito: & foi ver Elrey que o leuou pella maõ, & lhe foi a mostrar o muro,& fortificaçaõ da cidade da banda do sertaõ, entrando nos baluartes em que estauaõ os dous filhos,que receberaõ dom Payo com muita honra. Ali deixou em companhia do legitimo Pero Fernandez de Carualho com dez soldados, & cõ o bastardo Antonio de Figueiredo com outros tantos: & os outros repartio por estancias mais perigosas: com isto ficaraõ os naturaes mais descansados,por descarregarem sobre os nossos todo o trabalho da fortificaçaõ & vigia.

## CAPITVLO II.

### *De como dom Payo de Noronha despidio recado ao Gouernador dom Ioaõ de Castro: & de como Elrey de Camphar foi socorrer o filho que tinha os Turcos cercados, & do que mais socedeo.*

ANTRE as cousas que dom Payo de Noronha tratou cõ Elrey, das primeiras foi, que deuia mandar Embaixador ao Gouernador a darlhe conta do que era passado, & pedirlhe socorro: por que elle determinaua de mandar vm nauio com recado de como ficaua n'aquella cidade. A Elrey pareceo bem aquelle conselho,& mandou logo embarcar vm seu cunhado, irmaõ de sua molher,no nauio saõ Francisco, em que tinha ido Pero Fernandez de Carualho, de que dom Payo de Noronha deu a capitania

pitania a Diogo Correa,& por elle escreueraõ ambos ao Gouernador todas as cousas socedidas a te entaõ, pedindolhe que lhes mandasse gente & moniçoens pera segurança d'aquella cidade, que ficaua a deuaçaõ & seruiço d'Elrey de Portugal: dando Elrey a seu cunhado todos os seus poderes pera tudo o que assentasse com o Gouernador.

Este nauio se fez á vela tres dias depois de dõ Payo chegar áquella cidade: & de sua jornada adiante daremos rezaõ, por que he necessario cõtinuarmos com o Principe de Camphar, que estaua sobre a fortaleza dos Turcos.

Este Principe se ouue taõ floxo neste negocio, pella pouca experiencia que tinha das cousas da guerra, que deu atreuimento aos Turcos pera lhe sairem algũas vezes,& darlhes alguns assaltos com perda & afronta sua, do que o pay foi logo auisado. E receando que a pouca disciplina militar do filho desse occasiaõ aos Turcos pera o desbaratarem de todo, determinou de lhe socorrer. E por que tinha a cidade de Adem segura em poder dos Portugueses, quis elle em pessoa acudir aquelle negocio primeiro que viesse a mayor mal. Disto deu conta a dom Payo, pedindolhe que em quanto elle ya socorrer seu filho, quisesse tomar aquella cidade em sua guarda,cõ os dous filhos que nella deixaua,& com os trezentos Fartaquins que lhe vieraõ de socorro, por que se elle naõ fosse aueriguar aquelle negocio,nunca teria fim, que como elle lá chegasse enuiaria seu filho, que lhe pedia muito, que tanto q̃ tiuesse nouas de sua chegada,o fosse esperar á porta da cidade, & o leuasse pella maõ a te o meter em sua estancia, & lhe desse alguns Portugueses pera sua guarda. Isto lhe pedio parece, por segurar o filho que auia de ser o herdeiro, porque deuia de se recear dos outros filhos. Pedindo mais a dom Payo,que se elle morresse naquella demanda o fizesse logo aleuantar por Rey. Dom Payo disse q̃ o seruiria em tudo como lhe mandaua.

Elrey se despidio delle leuando dous mil homens comsigo: & no caminho encontrou o filho que se ya recolhendo,por naõ poder aturar os assaltos dos Turcos,em que lhe mataraõ muita gente. E sabẽdo o que era passado ficou enfadadissimo,& apaixonandosse contra o filho, naõ lhe querendo escutar rezoens,tomandolhe a gente que trazia,lhe mandou que se fosse pera Adem,& que naõ entrasse na cidade sem o capitaõ dos Portugueses o ir buscar,& o leuar pella maõ a te o pór na sua estancia, & que naõ fizesse se naõ o que lhe elle mandasse.

Despidido o Principe,foi Elrey marchando pera a fortaleza dos

Turcos,& o Principe pera Adem. Aquella noite que ſe Elrey partio,ſe recolheo dom Payo de Noronha nos paços com alguns Portugueſes, & toda a noite ouuiraõ por toda a cidade grande reuolta, & muitos gritos,& alaridos, & andar a gente pellas ruas de hũa parte pera a outra, o que embaraçou muito os noſſos,por naõ ſaberem o que aquillo era: & toda a noite eſtiueraõ com as armas nas maõs na mór confuſaõ & temor que podia ſer. Tanto que amanheceo, naõ fazendo dom Payo diſcurſo, nem conſideraçaõ algũa: & ſem mandar ſaber o que aquillo era, ſe ſayo dos paços,& ſe foi embarcar na ſua galeota,& della mandou recado a Pero Fernandez de Carualho, & aos mais que eſtauaõ nas eſtancias,que ſe recolheſſem como fizeraõ. Iſto ſintiraõ os filhos d'Elrey muito,por que eſtauaõ cõ elles ſeguros & deſcanſados.

Ao outro dia chegou á porta da cidade o filho mais velho d'Elrey,& naõ quis entrar dentro, ſe naõ pella ordem que ſeu pay lhe tinha dado: pello que mandou recado a dom Payo de Noronha de como era chegado, pedindolhe o foſſe recolher na cidade,por q̃ naõ podia entrar nella ſem elle:por aſſi lho ter ſeu pay mandado. Dom Payo ſe lhe mandou eſcuſar com ſe fingir mal deſpoſto,mandandolhe dizer,que mũy bem podia entrar na cidade pois era ſua. Sobre iſto tornou o Principe a lhe mandar dizer, q̃ todauia elle naõ auia de treſpaſſar os mandados de ſeu pay,nem auia d'entrar ſem elle, & ſobre iſto correraõ recados de parte a parte por coatro vezes,ſem dõ Payo querer deſembarcar. Vendo o Principe aquillo entrou na cidade, & ſe foi meter na eſtancia do pay com ſeus criados & apaniguados. Tanto que anoiteceo mãdou dom Payo a Antonio de Figueiredo, & a Pero Fernandez de Carualho com os ſoldados de ſua cõpanhia q̃ ſe foſſem pera a eſtancia do Principe, & que tanto que foſſe manhã logo ſe recolheſſem ao nauio,a onde elle ſe deixou ficar. Iſto foi continuando muitos dias ſem dom Payo deſembarcar nelles,com ter cada dia muitos recados do Principe, & com alguns caualeiros honrados de ſua companhia lhe fazerem algũas lembrãças de ſua honra, determinando eſperar ali no már recado do Gouernador, (por que ouue por ſem duuida que lhe fariaõ treiçaõ.

## CAPITVLO III.

### *De como Elrey de Camphar cometeo os Turcos: & de como foi morto em vm aſſalto, & os Turcos foraõ cercar a cidade de Adem: & do mais que lhes aconteceo.*

Elrey

ELREY de Camphar tanto que se apartou do filho, como dissemos no capitulo atras, foi marchando pera a fortaleza dos Turcos, que logo foraõ auisados de sua ida, & estauaõ recolhidos nella. E chegando Elrey a ella lhe pós cerco á roda, & a cometeo com muita determinaçaõ por alguns dias, auendo sempre mortes, & danos de ambas as partes. Elrey como era muito animoso, & bom caualeiro, determinou de aueriguar aquelle negocio depressa: & mandou pera isto effeito fazer muitas escadas, pera meter todo o cabedal naquelle derradeiro assalto. E tendo tudo prestes cometeo a fortaleza com grande furia & animo, rodeandoa de escadas: & cometendo os Camphares a sobida mũy animosamente, mas todauia como o auiaõ com Turcos homẽs taõ experimentados na guerra, & taõ cursados nos trabalhos, custoulhes muitas mortes, & feridas, mas naõ sem dano seu. Elrey de Camphar andaua animando os seus, fazendoos sobir, & acodindo as partes mais necessarias: & em fim tãto trabalhou, que caualgaraõ os seus o muro, trauandosse em cima hũa aspera batalha. Mas quis a vẽtura dos Turcos, que se desse hũa espingardada em Elrey de Camphar, de que cayo logo morto. Os seus tanto que o viraõ asi, perdendo o animo tornaraõ a alargar os lugares que tinhaõ ganhado, & se recolheraõ a seu arrayal com bem de dano. E sem tratarem mais de Adem, foraõ logo caminhando pera Camphar, sem lhes lembrar que deixauaõ o seu Principe naquella cidade: por que estaua certo irem os Turcos com esta vitoria a cercalo, ficando taõ descoraçoados, que nem mandaraõ auisar o Principe, nem trataraõ de mais que de segurarem suas vidas.

As nouas da morte d'Elrey, ou hũa fama surda della, chegou a Adem sem se saber como, nẽ por onde, & asi chegaraõ ás orelhas do Principe, que as encobrio o milhor que pode, por que receou que os Portugueses o desemparassem, & que todos os da cidade se leuãtassem contra elle. Naõ deixou de chegar a dom Payo de Noronha vm rumor deste negocio, com que se embaraçou, & mandou pergũtar ao Principe que nouas tinha d'Elrey seu pay, & elle lhe mandou dizer que muito boas: & todauia indosse ellas declarando mais, lhe tornou a mandar dizer, que se era verdade que Elrey era morto lho naõ negasse, por que soubesse certo que se tal fizesse que se iria. Vendosse o Principe apertado, lhe mandou dizer em segredo a verdade de tudo: & que por lhe parecer asi necessario, & por os seus se naõ alterarem o tinha encuberto, & que isso auia elle tambem de

fazer

fazer por naõ darem animo aos naturaes pera tratarem algũa alteraçaõ, por que o tempo naõ estaua pera nojos, nem pera desconfianças.

Isto fez algum aballo em dom Payo de Noronha, mas ja lhe era necessario esperar recado do Gouernador, como lhe tinha escrito. Os Turcos tanto que viraõ o arrayal dos imigos leuantado, mandandoos espiar, sabendo de certo que se yaõ pera Camphar, foi o seu aluoroço grande: por que bẽ entẽderaõ que em Adem auia de auer algũa mudança com as nouas da morte d'Elrey, & alguns descõcertos antre os filhos: & naõ querendo perder taõ boa occasiaõ, foraõ logo pór cerco á cidade, amanhecendo vm dia sobre ella. Dom Payo de Noronha foi auisado disto, & mandou dizer ao Principe, que a primeira cousa que auia de fazer, era mandar arrecadar em boa prizaõ aos vinte & cinco Turcos, que siruiaõ de bombardeiros, ainda que pera mais segurança, era milhor mandarlhes cortar as cabeças pellos naõ vigiarem. O Principe os mandou logo meter em hũa forte masmorra, & a chaue della mandou entregar a Pero Fernandez de Carualho.

Os Turcos começaraõ a dar muitos & mũy continos assaltos á cidade, ainda que naõ tinhaõ artelharia: mas tinhaõ muitos & mũy grossos mosquetoens, que asestauaõ sobre pontaletes, emparados com hũa rocha que estaua perto, donde os desparauaõ nos muros, & baluartes, com que derribauaõ muitos: & da banda da praya de baixa már faziaõ o mesmo. A todos estes rebates acodiaõ Pero Fernandez de Carualho, & Antonio de Figueiredo com seus soldados, que sustentauaõ o pezo todo, rebatendo os imigos, & animando aos naturaes. O Principe, & seus irmaõs, mostraraõ sempre muito grande animo, pelejando, & animando os seus nas estancias em q̃ estauaõ. Dom Payo de Noronha a alguns assaltos que ouue apressados sayo a terra, & acodio a elles, mas passados, torneuse a embarcar. Os Turcos que eraõ homens que se naõ descuidauaõ de cousa algũa, tiueraõ algũas intelligencias com alguns dos naturaes q̃ guardauaõ algũas estancias peitãdoos grandemente, pera lhe darem entrada: & de tal maneira trataraõ estas cousas que as leuaraõ ao cabo: concertando de em vm dia limitado lhes darem de noite entrada como fizeraõ. E pera diuertirem os nossos, cometeraõ o baluarte do Principe, em que estaua Pero Fernandez de Carualho, com grandes gritas & estrondos. E estãdo a cousa embaraçada na briga, deraõ os naturaes entrada a Marzam, que com duzentos & cincoẽta Turcos foi metido dentro na cidade, por hũa porta sem os sintir

alguem

alguem: & deixouse ficar da bãda de dentro: ou por que se naõ atreueo a entrar, ou por esperar pella menhã, por que era ja no coarto d'alua.

Na estancia do Principe se pelejaua com muito valor laborãdo a espingardaria dos nossos, com q̃ derribaraõ alguns Turcos. A menhã vinha ja esclarecendo,& os capitaens Turcos que estauaõ no assalto, naõ sabiaõ o que era acontecido a Marzam,por que naõ sintiaõ reuolta na cidade, o que os embaraçou muito. Os que estauaõ dentro foraõ sintidos,& correo logo hũa voz pellas estancias,q̃ eraõ Turcos entrados na cidade, a que acodiraõ alguns Fartaquins pera aquella parte,por onde diziaõ que estauaõ. Na estancia do Principe foi sintida a confusaõ sem se saber cousa algũa:& saindosse Pantaliaõ da Maya pera ir ver o que era, foi ajuntando alguns Fartaquins, & chegando áquella parte, que vio os Turcos dentro que começauaõ a arrebentar (por que ja esclarecia a menhã) naõ desmayou,nem mostrou fraqueza, antes com muito animo remeteo com elles,bradando por Sanctiago, & com isto os embaraçou de feiçaõ,que os deteue, sendo mũy bem ajudado de cincoenta ou sessenta Fartaquins, que pelejaraõ valerosamente: Pãtaliaõ da Maya apertou tanto cõ elles,que os fez outra vez acuar,& tornar ao lugar em que dãtes estauaõ,pondosse as espingardadas cõ elles,naõ desparando tiro que naõ matasse algum. As nouas disto correraõ logo por toda a cidade,a que acodio Pero Fernandez de Carualho com alguns Portugueses, pedindo ao Principe, q̃ se naõ bolisse de sua estancia: & ajuntando toda a gẽte que pello caminho achou, foi correndo aquella parte a onde achou Pantaliaõ da Maya ás espingardadas com os Turcos, & dando nelles com grande furia os foraõ leuando, matando d'aquelle primeiro impeto oitenta, & os mais se deitaraõ pellos muros abaixo, sobre as rochas q̃ d'aquella parte auia, em que se algũs espedaçaraõ, ficandolhes ali suas armas,que os Fartaquins recolheraõ, que ainda que todos pelejaraõ neste trance muito valerosamente: todauia a honra & gloria desta vitoria se deue a Pantaliaõ da Maya, por que elle foi a vnica occasiaõ della. Os Turcos q̃ estauaõ no assalto, tendo as nouas do que tinha acontecido ao Baxá Marzam,se recolheraõ muito tristes pera suas tendas, & tanto que foi noite leuantaraõ o campo,& se foraõ meter na fortaleza a onde primeiro estauaõ,com mais de cẽto menos.

Tanto que ao outro dia amanheceo, que os nossos tiueraõ rebate de serem os imigos recolhidos,disse Pero Fernandez de Carualho ao Principe que saisse ao

campo,

campo, & seguisse os imigos que yaõ desbaratados, que estaua certa a vitoria. O Principe o fez ássi, leuando todos os Portugueses, & foi mais de hũa legoa sem os poder encontrar. E voltando chegou ao arrayal dos Turcos, a onde acharaõ muitos mortos, & alguns feridos taõ mal, que os naõ poderaõ leuar. O Principe mandou por a tudo o fogo em que se tudo cõsumio. Dom Payo de Noronha que estaua embarcado, mãdou visitar o Principe, & darlhe os parabens da vitoria, & dizerlhe que os Turcos q̃ estauaõ presos lhes mãdasse logo cortar as cabeças, por q̃ naõ ficasse d'aquella gente, q̃ era peruersa, algum viuo. O Principe o fez logo ássi, mandandoos matar, & lançar no fogo que andaua no exercito, & se recolheo á cidade, a onde mandou castigar algũs culpados na entrada dos Turcos.

Ao outro dia sayo dom Payo a terra, & foi visitar o Principe, & lhe disse que deuia mandar recado a Camphar a fazer gente, pera ir cometer a fortaleza dos Turcos, & acabalos de destruir de todo, & lançalos fora d'aquellas terras, por que com o medo que leuauaõ naõ auiaõ de esperar. Ao Principe pareceo bem aquelle conselho, & mãdou vm criado seu em hũa embarcaçaõ pequena & ligeira, & com elle vm soldado chamado Francisco Vieira pera fazer dar pressa áquelle negocio, ficando o Principe prouendo na guarda & defensaõ da cidade, que tudo carregaua sobre os nossos.

## CAPITVLO IIII.

### *Do recado que o Gouernador dom Ioaõ de Castro teue de Adem: & de como mandou seu filho dom Aluaro de Castro de socorro. E das galés dos Turcos que sairaõ de Moça em fauor dos seus: & do que dom Payo fez.*

PARTIDO Diogo Correa de Adem, cõ o cunhado d'Elrey de Camphar, que leuauaõ recado ao Gouernador, como fica dito no segũdo capitolo deste sexto liuro, como yaõ com mouçaõ, foraõ na entrada de Ianeiro tomar a costa da India: & sabendo estar o Gouernador em Baçaim, foraõ demãdar aquella cidade, a onde desembarcaraõ, mandando o Gouernador receber o cunhado d'Elrey mũy bem, & lhe fez muitas hóras, & gasalhados. E vendo as cartas & sabendo o que era socedido, & como a cidade de Adem estaua por Elrey de Portugal, ficou muito aluoroçado, & o ouue por grande ventura sua, tendo muitos comprimentos com o cunhado d'Elrey,

rey,mandandoo agasalhar,& darlhe todo o necessario.

O Gouernador mandou logo chamar seu filho dõ Aluaro de Castro, & lhe disse q̃ se fizesse prestes pera acodir aquelle negocio com muita breuidade. As nouas correraõ logo pella cidade, que causaraõ em todos grande aluoroço, acodindo todos os fidalgos & capitaẽs a se offerecerem ao Gouernador pera aquella jornada: o q̃ elle estimou muito, fazendo logo rol dos q̃ auiaõ de ir nella: indosse pór na praya a dar ordem á armada que auia de mandar. E antre todos os nauios de remo escolheo trinta,os milhores negociados que logo mandou cifar,concertar,& aperceber de todo o necessario,nomeando os fidalgos q̃ auiaõ de ir nelles,que eraõ os seguintes.

Dom Antonio de Noronha, filho do Visorrey dom Garcia de Noronha, Antonio Moniz Barreto, que diziaõ que ya nomeado por capitaõ de Adem,dom Pedro Deça,dom Fernando Coutinho, Pero de Tayde Inferno,dom Ioaõ de Tayde, Aluaro Pays de Sotto Mayor, Fernaõ Perez d'Andrade, Pero Lopez de Sousa, Ruy Diaz Pereira,Pero Botelho o porca, irmaõ de Diogo Botelho,do Iffante dõ Luis,Luis Homem,Aluaro Serraõ, Belchior Botelho veador da fazẽda, q̃ ya pera os negocios d'aquella cidade, Gomez da Sylua, Antonio daVeiga,Luis Aluarez de Sousa, Ioaõ Rodriguez Correa, DiogoCorrea,o mesmo q̃ veyo de Adem,Diogo Banha,vm catur de Pero Preto, Aluaro da Gama, feitor da armada,& outros.

E por que o Gouernador estaua falto de dinheiro,mãdou carregar hũa carauela de drogas,pera as despezas da armada (por que valiaõ na costa de Arabia muito) de que fez capitaõ Andre d'Aguiar. E mandou carregar outra carauela de mantimentos, de que fez capitaõ Afonso Iorge.

Andando o Gouernador dando pressa á armada, chegou áquelle porto vm nauio da outra costa de Arabia,em que vinha vm Embaixador d'Elrey de Caxem, q̃ o Gouernador mandou desembarcar,& leuar diante de si: elle se humilhou a seus pés, dãdolhe cartas que lhe o seu Rey mandou, em que lhe dizia, que confiado em ser grande seruidor d'Elrey de Portugal, & muito antigo amigo do estado da India lhe mandaua pedir ajuda & socorro, pera tornar a cobrar parte do seu reino, que Elrey do Fartaque seu visinho lhe tinha tomado, que lhe pedia posesse os olhos em sua necessidade, & lhe quisesse valer nella,por que naõ acabasse de perder o reino em que todos os Portugueses que por ali passauaõ achauaõ gasalhado & recolhimento. O Gouernador disse ao Embaixador,que tudo o em que podesse ajudar & fauorecer a

Elrey ſeu ſenhor, o faria. E q̃ fora ditoſo em ſoceder o negocio de Adem,& em mãdar lá aquella armada, por q̃ teria o ſocorro mais depreſſa: mandandolhe q̃ ſe agaſalhaſſe, & negociaſſe, por q̃ a armada auia de partir logo.

O Gouernador vendo que era muito neceſſario acodirſe a Adẽ com muita preſſa: & que ſeu filho dom Aluaro de Caſtro era forçado deterſe alguns dias, por cauſa dos prouimentos da armada: deſpidio com muita preſſa dom Ioaõ de Tayde com coatro nauios,de q̃ eraõ capitaens a fora elle, Gomez da Sylua,Antonio da Veiga,& outro a que naõ achamos o nome: dandolhe por regimento que ſe meteſſe na fortaleza de Adem a te chegar ſeu filho. Eſtes nauios deraõ á vela, & por lhes dar o noroeſte groſſo deſaparelhou vm,de cujo capitaõ naõ achamos o nome, & foilhe forçado tornarſe pera Baçaim: os mais foraõ ſeguindo ſua jornada, em que os deixaremos a te tornar a elles.

O Gouernador ficou dãdo preſſa á mais armada q̃ deſpidio algũs dez dias depois de ſe partir dom Ioaõ de Tayde: dãdo grãdes regimẽtos a ſeu filho,& encomendandolhe muito q̃ reſtituiſſe Elrey de Caxem a ſeu eſtado:& mãdou embarcar o cunhado d'Elrey de Adẽ cõ dõ Antonio de Noronha,muito ſatisfeito,& contẽte,mandando áquelle Rey muitas peças ricas & corioſas:& o Embaixador de Caxem ſe foi no ſeu nauio muito encomẽdado a dõ Aluaro de Caſtro. Dada eſta armada á vela, foi ſeguindo ſua viagẽ, em q̃ a deixaremos,por q̃ he neceſſario continuarmos com as couſas de Adem.

Dom Payo de Noronha (como acima diſſemos)eſteue ſempre embarcado,eſperando por recado de Ormuz,a onde tinha mãdado hũa champana com cartas ao capitaõ, em q̃ lhe daua conta de todas as couſas ſocedidas a te entaõ: & lhe pedia lhe mandaſſe gente, moniçoẽs,& mantimentos. E eſtãdo ali ſayo da boca do eſtreito hũa naueta,que ſe foi chegando pera a baya. Dom Payo a foi demandar,& della ſoube ſer do Guazil de Ormuz: & naõ lhe ſouberaõ dar rezaõ,nem nouas de Mocá, nem de Suez,por que vinha dos portos do Abexim: & fazendoa ſorgir em hũa enceada antes de chegar a Adem,ſe tornou ao porto,& mandou recado ao Principe da embarcaçaõ, por que ja ſe tinha viſto da fortaleza. Eſte meſmo dia ſobre á tarde, teue dom Payo recado que aparecia outra embarcaçaõ: & mandou Pantaliaõ da Maya que a foſſe reconhecer de cima de hũa guarita alta, donde ſe affirmou ſer Galé, & aſſi o diſſe ao Principe, que logo mandou meter na naueta do Guazil corenta eſpingardeiros. Pouco depois deraõ duas almadias recado

cado a dom Payo, que apareciaõ duas Galés de Turcos, com o que ficou ſobreſaltado, mandando pedir ao Principe que o proueſſe de gente, como fez, com cincoenta Fartaquins que mandou embarcar em vm tarranquim que ali eſtaua, de que fez capitaõ Chriſtouaõ das Neues: & fazendoſſe preſtes na ſua galeota, com todos os Portugueſes que mandou recolher, foi buſcar a terrada do Guazil, pera a recolher ao porto, & chegando a ella a achou mũy creſpa, & poſtos os Mouros, que eraõ perto de cento, em armas pera ſe defenderem das galés que ja ſe viaõ: & vendo os noſſos deraõ grandes apupadas de aluoroço. As Galés, que eraõ pequenas, hũa vinha a terra a remo, & a outra ao már á vela. Eſta vendo os noſſos nauios, com muita preſſa ferrando do remo ſe foi chegando pera a outra, que ja a ya demandar. Dom Payo deu toa á naueta do Guazil, & foiſe ſaindo da enceada, & as galeotas o yaõ ſeguindo: o que viſto por elle, pos em parecer de todos os Portugueſes, ſe pelejaria com as galeotas, dizendolhes que eraõ pequenas, & que naquellas tres embarcaçoens que tinhaõ auia muita gente. Os companheiros lhe diſſeraõ que ſe recolheſſe a Adem que lhe eſtaua entregue, & que a defendeſſem a te morrerem todos ſobre ella. Com iſto ſe foi dom Payo recolhendo pera a baya, vindo ja as galeotas atiro de camello.

Recolhido dom Payo, mandou com muita preſſa deitar ao már hũa galeota de tres que eſtauaõ varadas de longo da couraça, & a proueo de artelharia que lhe mandou o Principe, com muitas moniçoens, & a entregou a Chriſtouaõ das Neues, com os Fartaquins q̃ lhe o Principe tinha mandado: & ajuntando os Portugueſes todos lhes diſſe, que elle ſem embargo de tudo determinaua de pelejar com as Galés (que foraõ ſorgir na enceada a onde eſteue a naueta) por que pera iſſo tinha aquellas duas galeotas cheyas de muito boa gente, & a naueta do Guazil, que ſe offereceo pera o acompanhar. A todos pareceo bem, & toda aquella noite ſe prepararaõ de pilouros & poluora: & tanto que amanheceo tomaraõ o remo em punho, & foraõ demandar a enceada a te onde as Galés ſe tinhaõ recolhido: & antes de chegarem as viraõ ſair de dentro com hũa Galé real mais, que aquella noite ſe foi ajuntar a ellas. Vendo dom Payo quaõ deſigual partido ficaua tendo, ſe tornou a recolher pera a baya.

As galés ſorgiraõ fora da enceada a onde eſtiueraõ cinco ou ſeis dias, em que ſe ajuntaraõ a ellas mais oito Galés mũy fermoſas, & outras coatro galeotas,

q̃ tomaraõ o remo, & paſſaraõ de largo por defrõte da cidade, & foraõ ſorgir em outra enceada a diã te de Adem, a onde auia obrigada dos leuantes que ventauaõ rijo, deſemmaſteandoſſe, & armando ſuas tendas, como quem queria eſtar deuagar. D'ali mandou o Baxá, que nellas vinha, recado a os Turcos que eſtauaõ na fortaleza, & hũa companhia mais de duzentos homens, pera que foſſem pór cerco a Adem, como logo fizeraõ, tanto que ſe lhe deu. E partindo della vieraõ aſſentar ſeu arrayal á viſta dos muros, cometendoos por aſſaltos algũas vezes, achando ſempre grande reſiſtencia nos noſſos: por que ſempre dom Payo mandou aſsiſtir Pero Fernandez de Carualho na eſtancia do Principe, por naõ deſemparar tudo de todo. O Baxá das Galés mandou deſembarcar algũas peças de artelharia pera baterem a cidade da banda do ſertaõ, & antre ellas foi hũa que lançaua pilouro de tres palmos & meyo de roda, que ſe aſſeſtou em vm morro, que ficaua ſendo padraſto da fortaleza, donde a começou a bater rijamente, lançandolhe dentro muitos pilouros, de que receberaõ aſſas de dano.

(∵)

## CAPITVLO V.

### *De como dom Payo de Noronha ſe foi ſecretamente de Adem: & os Turcos entraraõ aquella cidade, & mataraõ ao Principe, & ſeus irmaõs. E do que aconteceo a dom Joaõ de Tayde na jornada: & de como os Turcos lhe correraõ.*

VENDO o Principe as rijas batarias q̃ lhe dauaõ, & o dano que faziaõ cada dia, de mortos & feridos, & o medo q̃ todos os naturaes moſtrauaõ, ſe ouue por perdido, & mãdou pedir a dõ Payo q̃ o quiſeſſe ver, por q̃ tinha muitas couſas que tratar cõ elle. Dõ Payo o fez, indo á eſtancia em q̃ elle eſtaua. O Principe lhe deu conta de tudo o que paſſaua: pedindolhe q̃ ſe paſſaſſe com todos os Portugueſes pera aquellas eſtãcias, & que o ajudaſſe a defender aquella cidade que era d'Elrey de Portugal. Dom Payo lhe diſſe que ſi, & deixouſſe ficar aquelle dia com elle, em que os Mouros foraõ continuando com ſua bataria, metendo aquella peça groſſa muitos pilouros dentro na cidade. Dom Payo como a naõ tinha viſto, & vio o eſtrago que fazia todas as vezes que tiraua ouue aquelle negocio por muito

arriſcado

arriſcado: & diſsimulando, tanto que foi ſobre a tarde que a bataria ceſſou, foiſe elle recolhendo pera a ſua embarcaçaõ, & eſcreueo vm eſcrito a vm ſoldado por nome Diogo Vaz de ſua obrigaçaõ, em que lhe dizia, que tanto que aquelle viſſe, deſſe recado em ſegredo a todos os Portugueſes, pera que depois que anoiteceſſe ſe recolheſſem aos nauios de dous em dous ſem fazerem aluoroço, o que todos fizeraõ. Somente vm Manoel Pereira, que diſſe que aquella cidade era d'Elrey de Portugal, que a naõ auia de largar, nem auia por onde, deixandoſſe ficar no baluarte do filho mais moço d'Elrey, a onde eſtauaõ recolhidos todos os ſoldados. Dom Payo ſe ſayo da baya de noite ſem o ninguem ſaber, & dando á vela ſe fez na coſta do Abexim por ſe deſuiar das galés. Ao outro dia foi o Principe auiſado de ſua ida, o que ſintio em eſtremo: mas encobrioo aos ſeus o milhor que pode, aſsi por naõ auer alteraçaõ nos naturaes, como por os Turcos o naõ ſaberem, (porque ſó a fama de eſtarem os Portugueſes naquella cidade lha fazia inexpugnauel, & acometiaõ com deſconfianças.) Naõ deixaraõ elles de continuar nas ſuas batarias, em que Manoel Pereira fez couſas de homem de grande animo, esforço, & honra, correndo as eſtancias, animando a todos, com lhes ſegurar que naõ tardaria muito o ſocorro de Goa: com o q̃ o Principe & os irmaõs ja naõ receauaõ os imigos, fazendo tudo o q̃ lhes parecia neceſſario pera defenſaõ d'aquella cidade, repairandoa, & reedificandoa o milhor que podiaõ, pelejãdo em todos os aſſaltos mũy esforçadamente, naõ os largando nunca o Manoel Pereira, que era todo o ſeu conſelho, por que nada faziaõ ſem elle.

E certo que nos faz perder o goſto deſta eſcritura, naõ ſabermos dar a conhecer eſte Manoel Pereira por patria & parentes, por que era muito juſto ficaſſe bem conhecido no mundo: mas coubelhe a ſorte & ventura de outros muitos, a quem o deſcuido Portuguez (de q̃ nos naõ podemos deixar de queixar muitas vezes) tem ſepultado em perpetuo eſquecimento.

E naõ ficará tambem de todo nelle vm Franciſco Vieira, de quem no capitulo atras demos rezaõ que o Principe tinha mandado de Adem a Camphar buſcar gente. Eſte eſtandoa fazendo n'aquella cidade, dandolhe as nouas de como dom Payo ſe fora de Adem, largando tudo por maõ ſe embarcou na almadia em que tinha ido, & de noite entrou na baya por antre as galés, & deſembarcou em terra, & foi muito bẽ recebido na cidade, dando conta ao Principe de como deixaua algũa gente ordenada

pera vir a pos elle : & que naõ lhe ſofrera o coraçaõ eſperar por ella, que vinha ali offerecido ao ſeruiço d'Elrey de Portugal, & ſeu. O Principe o eſtimou muito : & aſsi elle & Manoel Pereira fizeraõ em quanto durou o cerco couſas muito notaueis,& dinas de mayor galardaõ,do que ambos tiueraõ.

Auendo vinte & vm dias que dom Payo ſe tinha ido de Adem ſem os Turcos o ſaberem : quis a deſauentura que fogiſſe vm dos naturaes da cidade, & ſe foſſe ao arrayal dos Turcos: & ſendo leuado ao Baxá,lhe diſſe como os Portugueſes eraõ idos,& que a cidade eſtaua com pouca gente,offerecendoſelhe pera os meter dentro nella,por vm paſſo mũy eſcuſo. Parece que neſte negocio naõ entrou eſte ſo,mas auia de ir concertado com algum dos capitaens d'algũa eſtancia,por que eſta meſma noite no coarto da modorra foraõ metidos na cidade: & como aquellas horas eſtauaõ todos deſcuidados, arrebentando pellos baluartes,foraõ matando & eſpedaçando a quantos achauaõ. Sintindo o Principe a grita & aluoroço ſem ſaber o que era,tomou as armas:& com os q̃ o ſeguiraõ acodio ao baluarte do irmaõ baſtardo,a onde a reuolta era grande,por q̃ aquelle Iffante pelejaua com muito valor & eſforço. E acodindo o Principe ali deu com os Turcos que vinhaõ recrecendo,& depois de elle & ſeu irmaõ terem bem moſtrado ſeu eſforço & coraçaõ, foraõ eſte Principe & ſeu irmaõ mortos,cõ todos os ſeus, naõ ſem dano & eſtrago dos Turcos, de que elles por ſuas maõs derribaraõ muitos.O irmaõ mais moço do Principe, com quẽ eſtaua Manoel Pereira & Franciſco Vieira no ſeu baluarte,tambem foi entrado de vm numero de Turcos,com quem todos tiueraõ hũa muito aſpera batalha,fazendo aſsi o Principe, como os Portugueſes, couſas muito notaueis,ſuſtentando aquelle baluarte a te ſe perderem todos.E vindolhes nouas q̃ o Principe era morto,& a cidade toda entregue nas maõs dos Turcos: tomaraõ Manoel Pereira,& Franciſco Vieira o moço Iffante, & ſe foraõ ſaindo do baluarte: o que entaõ poderaõ fazer,aſsi pello grãde eſcuro que fazia, como pella confuſa reuolta que auia em todas as partes,andando ja tudo miſturado ſem ſe conhecerẽ vns aos outros: & ſe ſairaõ fora da cidade,com alguns da caſa do Principe, & foraõ caminhando apreſſadamente pera Camphar. Os Turcos andaraõ pella cidade fazendo tamanhas cruezas,que foi eſpanto, naõ dãdo vida a couſa algũa que a tiueſſe, tornando a ficar ſenhores della como dantes.

Dom Ioaõ de Tayde que deixamos partido de Baçaim com os tres nauios,foi ſeguindo ſua viagẽ atraueſſando de largo, & em poucos

cos

cos dias foi auer vista da costa de Arabia, & de longo della foi demandar a cidade de Adem, cuidãdo achar nella dom Payo: porque naõ tomou fala por toda aquella costa do que lá ya. E entrando a baya a remo, foraõ dar de rosto com as galés que estauaõ dentro, bem chegadas ao baluarte que faz á baya: & naõ se embaraçando em cousa algũa, tornaraõ a voltar pera fora largando as velas, por que ventaua ainda o leuante rijo. Os Turcos em vendo os nauios leuaraõ ancora com muita pressa, & sairaõ a pos eles taõ apressados, q̃ antes de terem andado hũa legoa os alcançaraõ. Gomez da Sylua, & Antonio da Veiga, que lhe ficaraõ mais perto, vendosse debaixo dos esporoens das Galés, como yaõ co zidos com a terra, ouueraõ por milhor partido vararem nella & saluar suas pessoas, como fizeraõ. Dõ Ioaõ de Tayde que leuaua milhor nauio, foi metendo de ló tudo o q̃ pode, escapando algũas vezes debaixo dos esperoens de tres galés que o seguiaõ, ajudandosse da vela, & do remo: animando os marinheiros, & dãdolhes muito dinheiro: & quis sua boa fortuna que sobreueyo a noite: & tanto que o ár escureceo, fazẽdosse em outro bordo, foi correndo pera a costa do Abexim, & em poucos dias foi tomar o ilheo de Mete, na costa de Barbora, & Zeilá. Ali varou o nauio, & o espalmou, & o alimpou: dando hũa larga folga aos marinheiros do trabalho passado.

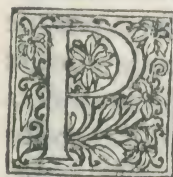
A gente dos dous nauios que vararaõ em terra, foraõ de longo do már pera Camphar: a onde acharaõ Manoel Pereira, & Frãcisco Vieira, que tinhaõ chegado cõ o Iffante, que ja estaua jurado por Rey, que os mandou agasalhar mũy bem, & darlhes todo o necessario.

E tornando a dom Payo: Tanto que se sayo de Adem, foi demandando a costa do Abexim, & della tornou a voltar pera ir esperar a Caxem recado da India. E corrẽdo a costa da Arabia, tomou por ella fala, & soube ficar ja a cidade de Adem em poder dos Turcos, & o Principe, & todos mortos: & indo demandar Caxem, antes de lá chegar encontrou com dous nauios que dom Manoel de Lima capitaõ de Ormuz lhe mandaua de socorro, de que eraõ capitaens Aleixos Carualho, & Bras Cortez, que leuauaõ gente, mantimentos, & moniçoens: & vendosse com elles lhes deu conta do que passaua, & de como tinha por nouas que a cidade de Adem era perdida, o q̃ elles muito sintiraõ, ainda que o naõ poderaõ crér, dizẽdolhe Aleixos de Carualho que elle auia de passar a Adem, & saber a certeza do que la ya, pois elle naõ tinha outra, que a que lhe deu a gente da terra: dom Payo o quis tirar disso, mas naõ pode, pello que lhe

foi forçado tornar a voltar com elles. E chegando a Xael, querendo entrar no porto a ſaber nouas, lhes atiraraõ da fortaleza, (que tinhaõ os Fartaquins tomada a Elrey de Caxem noſſo amigo) tantas bombardadas, que os ouueraõ de meter no fundo. E ſaindoſſe pera fora, tomando conſelho, aſſentaraõ ir eſperar recado da India aos ilheos de Canecanim, (porque por hũa terrada que acharaõ de Caxem ſouberaõ, como os Turcos eſtauaõ em Adem.) E aſsi os foraõ demandar, & ali ſe deixaraõ ficar.

Dom Ioaõ de Tayde tanto que eſpalmou & alimpou o ſeu nauio, determinou de ir eſperar na coſta de Caxem a dom Aluaro de Caſtro, que naõ podia tardar muito: & dando á vela com os ponentes ſe foi afaſtando de Adem, & depois foi demandar a terra: & chegando aos ilheos de Canecanim, achou dom Payo de Noronha cõ os outros nauios, & delle ſouberaõ o que lhe tinha ſocedido com as galés: & aſſentaraõ de eſperar ali a armada, como fizeraõ, tendo grande vigia no már.

## CAPITVLO VI.

*De como dom Aluaro de Caſtro chegou aos ilheos de Canecanim: a onde ſoube a perda da cidade de Adem: & de como foi ſobre a fortaleza de Caxem, & a tomou.*

PARTIDO dom Aluaro de Caſtro de Baçaim, logo o Gouernador dom Ioaõ de Caſtro o fez tambem pera Goa, pera acodir às couſas do Sul: & pera de mais perto continuar na guerra do Idalxá, dãdo deſpacho a todas as couſas d'aquellas fortalezas do Norte: deixando na enceada de Cambaya com hũa boa armada dom Iorge Baroche, & eſcuſandoſe de tudo o mais deu á vela pera Goa ja em Abril. Chegado áquella cidade começou logo a entender no deſpacho das couſas do Sul, auiando pera ir entrar em Malaca dom Pedro da Sylua da Gama, filho do Conde Almirante dom Vaſco da Gama, por acabar Simaõ de Mello, que lá eſtaua, ſeu tempo. E pella meſma maneira deſpachou Duarte de Miranda capitaõ da carreira de Maluco, que foi embarcado no galeaõ Buſara, carregado de gente, prouimentos, roupas, mantimentos, & moniçoens: & de caixoens cheyos de eſquipaçoens feitas, conuem a ſaber, calſoens, chapeos, çapatos, pera lá ſe repartirem pellos ſoldados: por que neſte tẽpo tinhaõ os Gouernadores tanta conta com elles, que a te os veſtidos feitos lhes mandauaõ, o que tudo ſe lhes daua: & como chega-

ua o galeaõ da carreira, mandaua o capitaõ chamar a todos,& repar tia por elles tudo, & com isso lhes pagaua seus coarteis, & mantimẽtos. O que tudo se mudou,porque todas as cousas boas acabaõ depressa,& as más nunca.

Despedidos estes capitaẽs,ficou o Gouernador desafogado pera proseguir na guerra do Idalxá,mãdãdo dobrar as fustas & mãchuas, que andauaõ nos rios,que fizeraõ grãdes destruiçoẽs em suas aldeas. E por que he rezaõ que continuemos com dom Aluaro de Castro, deixaremos po hora tudo o mais a te seu tempo.

Partido de Baçaim,como temos dito no capitulo coarto deste sexto liuro,com toda sua armada jũta,como leuaua os leuãtes em popa, foi em poucos dias auer vista da costa de Arabia: & sem tomar porto algum, foi de longo della demãdar a cidade de Adem.Chegando aos ilheos de Canecanim lhe sairaõ os nossos nauios, de quẽ soube tudo o que era socedido,assi da perda de Adem, como das galés que correraõ a dom Ioaõ de Tayde. Isto sintio dom Aluaro de Castro em estremo, por que bem entendeo que fora tudo pello grãde descuido, & pouco discurso de dom Payo de Noronha. O Embaixador & cunhado do Rey velho morto de Adem, que ya embarcado com dom Antonio de Noronha,se foi ao nauio do capitaõ mór muito triste, & desconsolado,pellas roins nouas que tinha ouuido. Dom Aluaro de Castro trabalhou pello consolar,mas naõ pode: elle pedio que mandasse algum nauio a Camphar a saber a certeza d'aquellas nouas, dos Portugueses que lá diziaõ que estauaõ por que elle as naõ podia crér. O capitaõ mór lhe pareceo bem, & despidio logo dom Ioaõ de Tayde pera ir lá a saber o que era passado,& a recolher a gẽte das fustas de sua companhia, que ja sabiaõ q̃ lá estaua.

Dom Ioaõ de Tayde chegou a Camphar, & os Portugueses o foraõ receber á praya, com grande aluoroço, & delles soube toda a verdade: & em sua companhia foi visitar Elrey, que lhe fez muitas hõras,& lhe cõtou por extenso tudo o q̃ era passado:& de como depois de dom Payo se sair de Adẽ, se sustentara vinte & vm dias, pello esforço, & animo de Manoel Pereira, & Francisco Vieira, & de como elles o liuraraõ, & por elles estaua naquelle seu estado. Dom Ioaõ de Tayde sintio muito as nouas,& pedindo licença a Elrey pera leuar todos os Portugueses, lha deu,& vm tarranquim pera irem, por que naõ cabiaõ todos na fusta, & com elles voltou pera o capitaõ mór.Dom Aluaro de Castro recebeo aquelles perdidos com muitos gasalhados: & de Manoel Pereira & Francisco Vieira soube muito

particular-

particularmente todas as nouas,de que ficou muito anojado, por ſe perder hũa couſa tamanha,por cul pa de vm fidalgo taõ honrado.

O Embaixador cunhado d'Elrey de Camphar, certeficado da morte de ſeu cunhado, & de ſeus filhos, ficou em taõ grande eſtremo deſconſolado,que pedio ao ca pitaõ mór que lhe deſſe licẽça pera ſe ir pera Camphar,ja que fora taõ mofino,que foi ſeu trabalho de balde. Dom Aluaro teue com elle muitas palauras de comprimẽtos, & lhe deu algũas peças, aſsi pera elle, como pera Elrey ſeu ſobrinho,dizendolhe que ſe conſolaſſe, por que Elrey ſeu cunhado,& ſeus ſobrinhos morreraõ como muito bons caualeiros em defenſaõ do ſeu reino, que quem morria taõ honradamente, mais ſe lhe deuia ter inueja que magoa. A iſto reſpondeo o Mouro, (que era muito auiſado) que antes eſſa era a dór q̃ leuaua, de ver morrer em ſeruiço d'Elrey de Portugal vm cunhado, & dous ſobrinhos, & muitos parẽtes: & vm capitaõ Portuguez naõ querer fazer outro tanto por ſeruiço & honra de ſeu Rey:com iſto ſe deſpidio delle. Dom Aluaro ſin tio muito aquellas palauras, pello que tocaua ao credito & hõra dos Portugueſes: & muito mais as deuia pera bem de ſintir dom Payo de Noronha, diante de quem as elle diſſe.

Deſpidido o Embaixador pera Camphar, pós o capitaõ mór em conſelho o que faria, & por todos os capitaens ſe aſſentou,que no negocio de Adem naõ auia q̃ fazer: & que ja que ficaua de vago, deuiaõ de ir fauorecer Elrey de Caxem,& reſtituirlhe a fortaleza de Xael: aſsi pello mandar o Gouernador, como pera caſtigarem os Fartaquins que nella eſtauaõ, por esbombardearẽ os noſſos nauios quando no ſeu porto entraraõ:como diſſemos no capitolo atras. Aſ ſentado iſto deu dom Aluaro de Caſtro á vela pera Xael, a onde chegou na entrada de Abril,& entrou dentro com todos os nauios, ſem da fortaleza lhe atirarem bõbardada algũa: & logo deſembarcou em terra com toda a gente:& mandou ordenar algũas eſcadas dos deſtures dos nauios, pera cometerem a ſobida.

A fortaleza de Xael era vm caſtello pequeno de adobes cõ coatro cubellos, & tudo taõ eſtreito q̃ baſtaua pera o guardar, & defender trinta & cinco Fartaquins, (por que naõ tinha mais dẽtro em ſi. O capitaõ delles vendo deſembarcar os noſſos, lançou fora hũa molher velha que ſabia falar Portuguez,por quem mandou pergũtar ao capitaõ,que era o que queria, que elle era ſeruidor d'Elrey de Portugal, & ſe queria aquelle caſtello, que logo lho entregaria, & que ſe iriaõ com ſuas peſſoas, & armas. Dom Aluaro de Caſtro

ouuio

ouuio a velha perante os capitaés, & ouue alguns de parecer,que lhe auiaõ de aceitar a fortaleza asſi como a offereciaõ, pois della naõ queriaõ mais que entregala a Elrey de Caxem: mas os mais diſſeraõ que ſe entregaſſem todos os q̃ nella eſtauaõ á merce do capitaõ mór. Ao que a velha diſſe que os Fartaquins naõ eraõ homens que ſe entregaſſem aſsi. E tornandoſſe pera a fortaleza diſſe de fora o que ſe tinha aſſentado. A iſto reſponderaõ os de dentro, que chamais entregar á merce? & deitando fora algũas bandeiras, começaraõ a atirar algũas bombardadas de que mataraõ alguns,& feriraõ muitos. Dom Aluaro abalou com todo o poder,& rodeou a fortaleza, arrimandolhe logo algũas eſcadas,por onde os noſſos começaraõ a ſobir, franqueandolhes os outros o muro com a arcabuzaria,que era tãta, que naõ ouzaraõ os Fartaquins a aparecer. Fernaõ Perez foi o primeiro que começou a ſobir por hũa eſcada, leuando o ſeu guiaõ diante,& a poder de golpes o pós em cima do muro. Por outra parte tambem ſobio Pero Botelho quaſi ao meſmo tempo, & diante delle o ſeu guiaõ, que leuaua vm reinol de vm pelote preto comprido mũy valente homem, que ſobio ao muro, & com hũa maõ ſuſtentou o guiaõ, & com a outra pelejou valeroſamẽte, o que tudo ſe notaua debaixo mũy bem. Como eſtes dous capitaens foraõ em cima,& ganharaõ aquella parte, ficou logo franca pera ſubirem todos.

Antonio Moniz Barreto, dom Antonio de Noronha, dom Ioaõ de Tayde, & outros capitaens foraõ demandar a porta,leuando os ſeus ſoldados deſtures pera vay vens: & indo Antonio Moniz Barreto diante, deu em hũa trapeira q̃ eſtaua cuberta, a onde ſe eſcalaurou todo de maõs & roſto: & todauia leuantandoſſe foi ſeguindo os mais que chegaraõ à porta, & a começaraõ a arrombar. Os noſſos que ja eſtauaõ em cima do muro foraõ accurralando os Fartaquins em dous cubellos,a onde ſe fizeraõ fortes, & ſe defenderaõ valeroſamente. Alguns dos noſſos deceraõ abaixo pera abrirem as portas aos que eſtauaõ de fora,& as acharaõ por dentro entulhadas com fardos de tamaras,de que eſtauaõ taõ maciſſas, que naõ dauaõ de ſi nada aos vay vens, & deſentulhandoas as abriraõ,& entraraõ todos, & ſobidos aos muros, acharaõ os Fartaquins que ſe defendiaõ nos cubellos que eſtauaõ cercados dos noſſos,pelejando como lioens brauos: & algũas vezes ſayaõ fora a dar nos noſſos, ferindoos brauamente ſem receyo de morte,nem de feridas que todos traziaõ. De hũa vez ſayo vm valente Fartaquim de vm deſtes cubellos, por ſe ver apertado dos de fora, & remeteo

meteo com Gomez Ferreira homẽ fidalgo,mũy bom caualeiro, q̃ era o que mais o perſeguia, & ſerrando com elle o leuou nos braços:& como era mũy forçoſo & membrudo,deu com elle no chaõ, & o leuou debaixo: mas Belchior Rabello que eſtaua perto delle ſe lançou logo ſobre o Mouro, & ás adagadas o matou, ficando ferido em hũa maõ. Em fim a referta foi grande,& os Fartaquins com ſerẽ taõ poucos pelejaraõ esforçadamente, mas como o numero era taõ deſigual, foraõ entrados nos cubellos, & mortos todos a eſpada,cuſtando eſta caualgada, cinco dos noſſos,que ficaraõ mortos, & mais de corenta feridos de eſpingardadas.

Deſpejada a fortaleza, a entregou dom Aluaro ao Embaixador d'Elrey de Caxem, mandando curar os feridos, em que auia alguns perigoſos, que o meſmo dia embarcou na fuſta de dom Payo, & o mandou pera Goa, pera ir dar conta ao Gouernador do que era ſocedido. Dom Aluaro ſe vio com Elrey de Caxem, & porque era o tempo gaſtado, naõ ſe deteue com elle muito, & ſe fez á vela ja em oito de Abril. Dom Payo chegou a Goa com os doentes,& deu as cartas de dom Aluaro de Caſtro aõ Gouernador,& ſabendo por ellas o que paſſaua ficou mũy magoado,& deſpidio dõ Payo ſem o querer ouuir, mandādo deſembarcar os doentes pera o hoſpital, a onde logo os foi viſitar,leuando dinheiro na algibeira que repartio por todos, encomendando muito ſua cura.

Certo que antre as virtudes que eſte fidalgo tinha, que eraõ muitas,a q̃ mais reſplandecia nelle era a da charidade pera com os ſoldados da India, por que os naõ trataua ſenaõ como ſe foraõ todos ſeus filhos. As nouas de Adem correraõ logo por Goa, ficando dom Payo taõ deſacreditado com todos, que era vergonha:& aſsi teue Elrey com elle taõ pouca conta, que nunca o deſpachou,ſenaõ depois de velho,& caſado, & em quanto viueo ficou com eſte labeo: por que ainda q̃ eſtas couſas de ſi naõ ſaõ pera eſquecer, na India andaõ ſempre mais viuas na memoria dos homens, que em toda a outra parte: Tanto, que ſendo eſte fidalgo ja velho, paſſou pella ſua rua vm cidadaõ rico & honrado, & achou a ſua porta chorando hũa moça: & perguntandolhe de que ſe queixaua, lhe reſpondeo a moça, que em caſa de dom Payo lhe tomaraõ os ſeus moços hũa galinha, & que lha naõ queriaõ dar. Ao que o cidadaõ lhe diſſe: Calate filha, naõ te mates, ſe fora Adem largarāta, mas galinha, naõ ta ande dar.

Dom Aluaro chegou alguns dias depois de dom Payo,& o Gouernador

uernador

uernador lhe fez vm grande recebimento. E porque sabiaõ todos quanto folgaua o Gouernador de lhe engrandecerem o negocio de Xael, naõ se falaua em Goa em outra cousa, sendo ella em si taõ pequena como temos dito. E por que sobre isso aconteceo hũa galãtaria que disse vm cortesaõ, naõ deixaremos de a contar.

Tinha o Bispo dom Ioaõ d'Albuquerque vm clerigo auisado, & de ditos, com que elle folgaua de praticar, & a quẽ fazia muitas perguntas por esta maneira. Qual he a cousa que de amarga se faz doce, & a que de grande se faz pequena, & a que de pequena se faz grãde? Ao que o padre lhe respondeo mũy apressado: que a cousa que de amarga se faz doce, foraõ as bombardadas de maçapaens cõ que receberaõ o Gouernador dõ Ioaõ de Castro, quando veyo de Diu. E a cousa que de grande se faz pequena, foi a tomada de Baroche, por que a tomou dom Iorge de Meneses: & a que de pequena se faz grande, foi Xael, por que a tomou o filho do Gouernador. O Bispo festejou muito a reposta, & a galantaria do aludir: mas todauia ambas estas cousas foraõ muito boas, & muito dignas de louuar.

(∴)

## CAPITVLO VII.

*Da armada de Lourenço Pirez de Tauora que chegou ao reino com as nouas da vitoria de Diu: & das naos que Elrey despedio em Outubro. E das honras & merces que mandou ao Gouernador dom Joaõ de Castro.*

LOurenço Pirez de Tauora Capitaõ mór da armada q̃ partio da India, teue taõ prospera viagem, que chegou ao reino com todas as suas naos juntas, & sorgio na barra de Lixboa, a onde Elrey estaua, que ja tinha sabido as nouas da vitoria de Diu, por cartas que da ilha terceira lhe mãdaraõ, por hũa carauela que foi diante alguns dias. Tanto que Elrey soube das naos, mandou desembarcar o capitaõ mor, a quem acodiraõ todos os grãdes, & fidalgos da corte, q̃ o acompanharaõ a te o paço, a onde elle entrou, leuãdo sempre pella maõ Rax Nordim, filho do Guazil de Ormuz. Elrey os recebeo mũy bem, & sabẽdo do capitaõ mór as cousas do cerco, & da vitoria mais particularmente, ordenou de festejar ao outro dia as boas nouas, como fez, vestindosse elle, & os Iffantes, & toda a corte de festa, & ouue vm solenne

officio, & missa em Pontifical, & vm douto & grande sermaõ, em louuor d'aquella espantosa vitoria, em que se tratou da prudencia, presteza, & esforço do Gouernador dom Ioaõ de Castro, em que todos os que se acharaõ n'aquelle negocio tiueraõ mũy grande quinhaõ: principalmẽte os mortos, affirmando q̃ eraõ dinos de serem nomeados por martyres, pois morreraõ pella fé de Christo. Elrey escreueo logo ao Summo Põtifice, & a todos os Reys Christaõs a merce que lhe Deos fizera na grande vitoria que o seu Gouernador da India alcançara dos capitaens do Rey de Cambaya, do que todos lhe mandaraõ os parabens. Naõ se falaua em toda a Europa n'outra cosa senaõ n'aquelle temeroso cerco de Diu, & na grande vitoria que os Portugueses alcançaraõ do mais poderoso Rey de todo o Oriente, cuja memoria durou por muitos tempos.

Elrey dom Ioaõ depois que assi por informaçaõ de Lourenço Pirez de Tauora, como pellas cartas do Gouernador, soube o estado em que a India ficaua, & q̃ as cousas de Cambaya ficauaõ ainda prenhes, quis acodir a ellas com muita pressa, mandando negociar seis naos pera lhe mãdar de soccorro, fazendo chamamẽto de gente por todo o reino, que acodio toda a q̃ se ouue mister.

E por que se naõ pode dar expediente a todas as seis naos juntas, despidio Elrey tres que fez á vela o primeiro de Nouembro, dia de todos os Sanctos, de que deu a capitania mór a Martim Correa da Sylua, a quẽ fez merce da fortaleza de Diu. Os outros dous capitaẽs eraõ Antonio Pereira, & Christouaõ de Sá. E querendo Elrey gratificar ao Gouernador dom Ioaõ de Castro, os grãdes seruiços q̃ lhe tinha feitos, & o grande zelo com q̃ arriscou seus filhos na força do inuerno, & a morte de seu filho dõ Fernando de Castro, lhe mandou mais tres annos da gouernança da India, cõ titulo de Visorrey: & lhe fez merce de dez mil cruzados pera ajuda de pagar suas diuidas, q̃ tomaria nos direitos da alfandega. E a seu filho dom Aluaro de Castro, mandou o cargo de capitaõ mór do már da India, cõ o ordenado q̃ teue Martim Afõso de Sousa: & lhe fez merce mais de dous mil cruzados pera ajuda do custo, & a todos os fidalgos q̃ se acharaõ no cerco, & na batalha, escreueo cartas mũy hõrosas, & lhes mandou honras & merces, tendo tãta conta cõ todos, que nenhum ficou queixoso.

Partidas estas naos, mãdou Elrey dar muita pressa as outras tres, de q̃ deu a capitania mór a Francisco Barreto, fazendolhe merce da fortaleza de Baçaim, a quem despachou, & fez á vela entrada de Dezembro. Os capitaens de sua companhia eraõ dom Heitor Aranha fidalgo,

fidalgo, casado em Euora, com hũa dona Maria Caroche: & Pero de Mesquita, que Elrey despachou com a capitania do Galeaõ da carreira de Maluco. Todas estas naos foraõ seguindo sua derrota, & por que estas da conserua de Francisco Barreto partiraõ mais tarde, quando tomaraõ Moçambique foi a tempo que affirmaraõ os Pilotos que o naõ poderiaõ ja passar á India, pello que ficaraõ ali inuernando.

Martim Correa da Sylua foi seguindo sua viagem, a te se apartarem as naos de sua conserua, com alguns temporaes que lhes deraõ, & em Moçambique se tornaraõ ajuntar, donde partiraõ meado Março, & acharaõ na linha muitas calmarias, pello que se detiueraõ muito. A nao de Antonio Pereira depois de passar a linha se foi encostando a Sacotorá, a onde as correntes o leuaraõ, & por aquella paragẽ gastou todo o més de Abril. E vendo que era tarde pera ir demandar a barra de Goa, se fez na volta de Ormuz pera ir la inuernar, a onde chegou por fim de Mayo, & dom Manoel de Lima festejou muito sua chegada. Antonio Pereira lhe deu as cartas d'Elrey, q̃ yaõ cheyas de grandes agardecimentos de seus seruiços. Esta nao inuernou n'aquelle porto, & naõ sabemos se tornou pera o reino, ou se ficou na India.

Martim Correa da Sylua, & Christouaõ de Sá, passadas as calmarias, foraõ seguindo sua derrota, & indo demãdar a costa da India lhes deraõ algũas trouoadas, com que Martim Correa da Sylua foi desgarrando, & sem poder ferrar a barra de Goa, foi tomar Angediua, a onde se recolheo pera inuernar, despedindo dali recado ao Gouernador, perá q̃ o mandasse prouer de amarras, & de todo o mais necessario, & pera q̃ mãdasse buscar os doentes, q̃ trazia muitos. Christouaõ de Sá, soubese o seu Piloto marear milhor, por q̃ tanto que tomou fundo na costa da India, foi metendo de ló pera se pór abalrauento de Goa, como fez, & foi auer vista da terra por Carapataõ, & dali foi demandar a barra de Goa, a onde sorgio quasi no mesmo tempo que Martim Correa da Sylua tomou Angediua. O Gouernador tanto que lhe deraõ nouas da nao do reino na barra, mãdou com muita pressa muitos nauios pera a descarregarem, & meterem dentro, & desembarcar Christouaõ de Sá, que recebeo cõ muitos gasalhados, & lhe deu a via d'Elrey, q̃ o Gouernador abrio, & achou as prouisoens, & aluaras das honras & merces q̃ lhe fazia a elle & a seu filho: o que estimou muito, por ver que tinha Elrey conta com seus seruiços. E ainda ouue por mór merce a carta q̃ lhe escreueo de satisfaçoens delles, & naõ estimou menos a carta que o

Iffante dõ Luis lhe efcreuia, por q̃ era Principe que elle muito amaua pellas obrigaçoens q̃ lhe tinha, por que elle foi o q̃ o pós naquelle eftado, & o que follicitou com Elrey todas fuas coufas.

E por que ambas faõ fuftãciaes nos pareceo bem irem aqui infertas pera a todo tempo fe faber, como os Reys de Portugal tratauaõ os vaffalos que o feruiaõ: & pera que os Viforreys & Gouernadores da India vejaõ quanto os Reys eftimaõ efcreueremlhe os merecimentos dos homens na verdade, fem odio, nem affeiçaõ, & naõ for marem em alguns defmerecimẽtos, q̃ pella ventura naõ tiueraõ, fó por paixaõ, & pera os homiziarẽ com o Rey, como alguns fizeraõ. E tambem foi neceffario irẽ aqui as copias deftas cartas por honra defte bom Gouernador, pera que todos faibaõ quaõ bem tomou Elrey a batalha que deu aos capitaens d'Elrey de Cambaya, por q̃ naõ faltaraõ calumniadores que atribuiraõ aquelle cometimento mais á doudice que a prudencia, & esforço.

## CAPITVLO VIII.

*Que contem a copia das cartas que Elrey dom Ioaõ, & o Iffante dom Luis feu irmaõ efcreueraõ ao Viforrey dom Ioaõ de Caftro.*

### *Carta d'Elrey.*

VISORREY amigo, eu Elrey vos inuio muito faudar. A vitoria que noffo Senhor vos deu contra os capitaens d'Elrey de Cambaya, foi de grande contentamento pera mim, como he rezaõ que eu tiueffe por tal, & tamanho vencimento: & por quaõ grandes merces, & ajudas niffo recebeftes de noffo Senhor: pello que elle feja louuado. Muito fe deue á voffa prudencia, & grande animo que na quelle dia moftraftes, & affi no que fizeftes no grande & apreffado focorro que mandaftes á fortaleza de Diu em taõ defuairado tempo, offerecendo o amor de voffos filhos, em que fe vio bem quanto mais pode com voffco o que importaua a meu feruiço, que o effeito natural de pay: o que eu afsi eftimo como he rezaõ: vendo que naõ taõ fomente desbarataftes taõ grande poder de inimigos, mas ainda deftes fegurança a toda a India, no grande receo que aos imigos della fica com efta taõ grande vitoria, & todos eftes feruiços que me fizeftes he rezaõ que eu tenha na cõta que elles merecem.

Do falecimento de voffo filho dom Fernando de Caftro, recebi muito grande defprazer: & afsi por elle fer voffo filho, como porq̃

ya

ya bem mostrando naquella idade,qual ouuera de ser em toda a outra: & pois acabou taõ hõradamente, & em taõ grãde seruiço de nosso Senhor, & meu, deueis de sentir menos sua perda,& dar graças a nosso Senhor, por como foi seruido que acabasse, o que sey q̃ vós fizestes, mostrando ainda no esquecimento de sua morte a lembrança do que compria a meu seruiço. Destas cousas todas eu serei sempre lembrado,& naõ sómente volas conhecerei no grande contentamento dellas,mas ainda com muitas merces, á que agora quis dar principio nessas que vos faço a vós, & a vosso filho dom Aluaro de Castro, guardando o remate dellas pera o cabo de vossos seruiços, q̃ eu confio,& tenho por muito certo q̃ seraõ taes, quaes foraõ os que a tegora me tendes feitos. E com esta confiança,& com a experiencia q̃ disso tenho, desejando muito neste tẽpo de vos fazer em tudo merce, considerando quanto isto compria a meu seruiço,& vendo por vossas obras, quanta mais conta tinheis com elle, que cõ todas vossas cousas, ouue por bẽ de vos naõ dar a licẽça pera vos virdes como me pedis: pello que vos encomendo muito, & mando q̃ o ajais asi por bẽ,& que nesse cargo me queiraes ainda seruir outros tres annos: & no fim delles vos mandarey licença pera vos virdes embora: & eu espero em Deos nosso Senhor que vos dé muito boa disposiçaõ pera o fazerdes. E porem se por cima do que tanto cumpre a meu seruiço, como he ficardes ainda seruindome nessas partes, vos a vós parecer, que tendes todauia necessidade de vos virdes, folgarey de mo escreuerdes, & entre tanto esperareis por minha reposta. Pero d'Alcaçoua Secretario a fez em Lixboa a 20. de Outubro de 1547.

## *Carta do Iffante dom Luis.*

HONRADO Visorrey. Recebi vossa carta que veyo nesta armada de Lourenço Pirez de Tauora, em que dizeis que recebestes a minha, que por Luis Figueira vos mandey: & agardeçouos muito dizerdesme, que vos pareceraõ bem as lembranças que vos fazia,& muito mais o pordelas em obra, & abastaua pera o eu crér, que seria asi, ainda que vos eu naõ conhecera, ouuir o que lá fazeis, & ver quaõ a boca cheya me escreueis vossos trabalhos,pobreza, & abstinencia: cousas com que se vence o diabo,o mundo, & a carne, que nessas partes da India tem tanto poder,o q̃ he mayor vitoria q̃ a d'Elrey de Cambaya, nẽ ainda de todo o poder do Tur-

co. Pello que em quanto viuerdes naõ deueis de temer cousa algũa, mas antes esperay em nosso Senhor, que vos ajudará como agora fez na defensaõ, & batalha de Diu. Em cuja vitoria vos tendes muito que lhe louuar, pois vos fez instrumento de tanto seruiço seu, & de Elrey meu senhor: & de tanta hõra vossa, & de todos os Portugueses: asi dos que se acharaõ com vosco, como dos que estiueraõ ausentes. E certo que vos tendes feito nesta jornada, des do primeiro dia que tiuestes nouas do cerco de Diu, a te o dia de vossa, & nossa vitoria, tudo o que entendo, que vm valeroso, & astuto capitaõ podia fazer, asi na presteza dos socorros, como em pordes vossos filhos por balisas da fortuna, & perigos do inuerno, & mares da India, pera q̃ os outros os tiuessem em menos: no que se mostra bem claro, quanto mais parte tem em vos o seruiço d'Elrey meu senhor, & obrigaçaõ de vosso cargo, que os effeitos naturaes de pay, que saõ os q̃ mais forçaõ a natureza: & no sofrimẽto que mostrastes na morte de dõ Fernando de Castro vosso filho, se confirma bem esta opiniaõ: & certo que eu o senti por mim, & por vós, & o ouue por mũy grãde perda, por quaõ certos sinaes se nelle viaõ de seu grande esforço, & creo que nisto lho quis Deos pagar, cõ o tirar de vida taõ trabalhosa, por meyo taõ honrado, & de tãta gloria sua, que deue de ser grãde causa de vossa consolaçaõ.

Dom Aluaro de Castro vosso filho naõ empregou mal sua jornada, pois com tantos trabalhos & perigos socorreo a fortaleza de Diu, a tempo que sua chegada foi por entaõ o remedio della: & do como se nisso ouue, & no dar nas estancias dos imigos, & em tudo o mais, lhe lanço muitas bençoens por vossa parte & minha.

E tornando a vossa determinaçaõ de auenturardes vossa pessoa, & o estado da India por socorrerdes Diu, foi mũy boa, pois de o naõ fazerdes, estaua tanto mais auenturado, & o chegardes a Diu, & ordenardes vossa desembarcaçaõ, & mandardes que os nauios cometessem a terra ao tempo q̃ auieis de dar a batalha, & o modo do cometer que nisso tiuestes, tudo me pareceo dino de agora & sempre darmos muitas graças a Deos nosso Senhor, & de sua Alteza vos fazer muitas merces, á que agora da principio como vereis a cerca de vós, & de vosso filho: & asi o deue fazer, & fará aos fidalgos & caualeiros que nessa jornada com vosco o seruiraõ, em especial a dom Ioaõ Mascarenhas, que se ouue no pezo desse cerco como honrado capitaõ, & esforçado caualeiro. Folguei muito de ver o modo que tiuestes no escreuer á S. A. sobre os seruiços que os fidalgos & caualeiros que nessas partes andaõ, lhe fizeraõ

zeraõ no negocio de Diu, no que se vio que tinheis com seus trabalhos conta: Isto fazey sempre por amor de mim, & folgai de louuar os homens, por que ja que está certo naõ faltar, quem diga delles os males, (que aueis de castigar, os que nelles sentirdes) rezaõ he tambem que os bons os aleuanteis, peraque os que lá naõ poderdes galardoar sua Alteza por vossa informaçaõ o faça.

Eu faley sobre vossa vinda, como me escreuestes, que me elle naõ concedeo, & me deu pera isso duas rezoens, que a meu parecer ainda que vós tenhaes muitas pera vos desejardes de vir, sua Alteza tem muitas mais pera vos mãdar rogar que o siruaes nesse gouerno outros tres annos, o que aueis de folgar de fazer por seruirdes a nosso Senhor, pella grande merce, que vos tem feito, & a sua Alteza pella confiança que de vós tem, & contentamento de vosso seruiço. E confiay em Deos que vos dará forças pera poderdes com os grandes trabalhos, & desordens da India. E eu espero nelle que fazendoo vos assi, venhaes encher estes picos da serra de Sintra de ermidas de vossas vitorias, & que as visiteis & logreis com muito descanso vosso. Nas cousas particulares vos naõ falo, por que Elrey meu senhor vos escreue o que ha por seu seruiço, em reposta da carta geral que lhe escreuestes, que vinha em muito bom estilo, & em muito boa ordem. Escrita em Lixboa a 22. de Outubro de 1547.

## CAPITVLO IX.

### *De como o Visorrey dom Joaõ de Castro adoeceo: & de hũa notauel fala que fez aos officiaes d'Elrey sobre sua pobreza. E de como faleceo: & em que tempo. E das partes & qualidades de sua pessoa.*

O VISORREY dom Joaõ de Castro (de cujo titulo logo começou a vsar) despedio com muita pressa as cartas d'Elrey pera Diu aos fidalgos que la ficauaõ inuernãdo, & pera os capitaẽs de Chaul & Baçaim, por que a todos Elrey escreueo: & o mesmo fez pera Cananor & Cochim. E logo teue o Visorrey o recado de Martim Correa da Sylua. E sabendo estar em Angediua, despedio apressadamẽte alguns nauios de reino, com todas as cousas que Martim Correa lhe pedia: & muitas esquipaçoens nouas, & conseruas pera os doentes que mandaua trazer, & muito dinheiro & prouimentos pera toda a mais gente que auia de ficar inuernando na nao, pera se lhe pagarem seus quarteis, & darem seus mantimentos. Estes nauios volta-

raõ logo,& por elles mãdou Martim Correa da Sylua as vias d'Elrey,& os doentes todos,que foraõ leuados ao hoſpital, onde foraõ mũy bem curados. O Viſorrey ſe pagou de dez mil cruzados, de q̃ lhe Elrey fez merces,que logo pagou a peſſoas que lhos tinhaõ empreſtados,pera as deſpezas das jornadas que fez.

Andaua o Viſorrey neſte tempo achacoſo, triſte, & malenconizado, & com vns faſtios de tudo: por q̃ na verdade depois da morte de ſeu filho dom Fernando,nunca mais o viraõ ſem achaques: & ſobre iſſo era homem que trataua mal ſua peſſoa nos regalos della: por que o ſeu comer foi ſempre muito moderado, & o ſeu dormir pouco, & os trabalhos que tinha leuados na guerra foraõ muitos & muito grandes, & em fim todas eſtas couſas o traziaõ mũy fraco & debilitado. E ſobre tudo lhe deraõ hũas febres de que logo cayo em cama cõ roim opiniaõ dellas: & elle ſe ſintio de feiçaõ, que bem vio que naõ eſtaua pera entender em couſa algũa. Pello que entregou o gouerno ao Biſpo dõ Ioaõ d'Albuquerque,&ordenoulhe por coadiutores o capitaõ da cidade dom Diogo d'Almeida Freire,& o doutor Franciſco Toſcano Chanceler do eſtado, & Baſtiaõ Lopez Lobato Ouuidor geral, & Ruy Gonçaluez de Caminha veador da fazenda: ſobre quem deſcarregou todas as couſas do eſtado:por que ſe recolheo com ſeu confeſſor pera tratar ſó de ſua alma.

E por que eſtaua taõ pobre, q̃ naõ auia em ſua caſa dinheiro cõ que ſe correſſe coas deſpezas de ſua infirmidade, & com o ordinario de ſeus criados, & elle naõ ſe queria indiuidar,nem pedir ja aos homens empreſtimo, fez vm dia chamamento de todos os deputados, & de outros perlados & peſſoas doutas,& religioſas, como foraõ o Padre meſtre Pedro Vigairo geral da India: Frey Antonio do Caſal Cuſtodio de Saõ Franciſco: o Padre meſtre Franciſco da Companhia de IESV: & os officiaes da fazenda d'Elrey. E tẽdo todos preſentes, aſsi deitado em ſua cama, ja fraco & debilitado lhes fez eſta breue fala.

## *Fala do Viſorrey.*

MAndeiuos ſenhores chamar pera vos dizer o eſtado, & neceſsidades a que ſou chegado: q̃ naõ ouue oje neſta caſa dinheiro com que ſe compraſſe hũa galinha pera minha peſſoa. Porque fiquei taõ deſpezo & indiuidado pellos grandes gaſtos que fiz eſtes dous annos nas guerras paſſadas, que a te dos meus ordenados eſtou pago adiantado a te quinze de Setembro que vem: & confeſſouos que naõ ouſo a pedir dinheiro em preſtado a peſſoa algũa pera mim, como nunca fiz, por que o ouue

por

por mũy grande inconueniente pera o homem que está neste cargo: por que lhe conuem que esteja liure & isento com os homens pera fazer justiça direita a todos. E pois naõ tenho outro remedio peço aos veadores da fazenda, & officiaes d'Elrey que aqui estaõ, q̃ estes coatro meses que ha d'aqui a te virem as naos do reino, me queiraõ ordenar hũa despeza honesta da fazenda d'Elrey, pera os gastos de minha casa conforme a minha calidade,& á pessoa que represento. E se virdes que tenho alguns gastos desnecessarios & sobejos, vos peço que os corteis: & pera isso naõ quero que pessoa de minha casa corra coas despezas della, pera que o dinheiro de S.A. seja despendido com muito resguardo. Tambem vos peço que ordeneis vm official pera se lhe dar aquillo que aluidrardes que se pode despender comigo, pera correr tudo por sua maõ. E asi vos peço que algũas diuidas que ainda ficaraõ, que naõ pude pagar (que todas tenho feitas em seruiço d'Elrey nas guerras passadas por már & por terra, em dar de comer a muita gente,& sustentar muitos soldados) que as queiraes mandar pagar do dinheiro d'Elrey. E asi isto, como tudo o mais mandareis assentar em vm liuro separado q̃ estará em poder do tisoureiro d'El rey, pera a todo o tempo que eu o poder pagar, o faça. E se eu morrer, elle auera por bem de me fazer merce de tudo.

E tomando vm missal, pos sobre elle a maõ direita dizendo: Por este juramento dos santos Euangelhos que a te esta hora em que estou, naõ sou em encargo a fazenda d'Elrey d'vm só cruzado, nem a algũa outra pessoa de cousa que lhe tomasse Cristaõ, Iudeu, Mouro, ou Gentio: nem nunca em quanto gouernei a India tiue genero algum de trato de mercadoria, nem por outra algũa via tenho, ou tiue proueito algum: antes ate gora viui & gastei de meus ordenados, sem me ajudar de outra algũa cousa. Nem em meu poder nem fora delle tenho se naõ aquillo que trouxe de Portugal pera o seruiço & autoridade deste cargo. E ainda dessa pouca prata de meu seruiço he quasi ametade diminuida, parte por ma furtarem, parte por se gastar & quebrar. E de tal maneira & taõ registado fui sempre em minhas despesas, que fora do ordinario naõ tiue algũa hora posse pera comprar outra colcha alem desta que tenho na cama: nem em minha casa se achara peça que eu fizesse neste estado, tirando hũa espada d'ouro, com algũas pedras de pouca substancia, & vm capacete guarnecido de prata, que fiz pera meu filho dom Aluaro, por que determinaua de o mandar este anno que embora vem a Portugal, a seruir

a ſeruir Elrey noſſo Senhor na corte & na guerra. E de tudo iſto que aqui diſſe & jurei vos peço que mandeis fazer vm termo em que todos os que aqui eſtaes ſe aſsinẽ: pera que a todo tempo q̃ ſe achar o contrario diſto que aqui jurei, El rey noſſo ſenhor me caſtigue como a perjuro a fé, & deſtruidor de ſua honra & fazenda.

Eſte auto ſe fez logo, & oje eſtá o proprio, em que todas as peſſoas nomeadas ſe aſsinaraõ em vm liuro dos regiſtos da fazenda dos contos de Goa, donde o nos tiramos & tresladamos. E certo que aſsi deuia de andar eſcrito nos animos de todos os Gouernadores, & Viſorreis da India. E ſe iſto ſocedera em tempo d'aquelles antigos Gregos, q̃ com muita rezaõ poderaõ treſladar eſte termo em laminas d'ouro, & pregaremnas ſobre as portas do Oraculo de Delphos, junto d'aquella notauel, & memorauel ſentença que nellas tinhaõ, de, Noſce te ipſum. Por que naõ ha mór conhecimento de ſi meſmo, nem mór deſprezo de tudo, q̃ o que teue eſte Viſorrey: por que nem aquelle grande deſpreſo de ouro, & riquezas d'aquelle famoſo capitaõ Fabricio Romano: nem o de eſſoutro Themiſtocles Grego chegaraõ a eſte. E com muita rezaõ podera a vida deſte Viſorrey ſer regra & niuel de todos os outros, & os Reis de Portugal darem o treſlado deſte auto por regimẽto a todos os q̃ pera a India deſpachaſſem: por que nelle lhes moſtra bem a pureza que aõ de ter em ſua fazenda: o como aõ de ſer regiſtados, & deſapegados de tudo pera poderem fazer juſtiça. O como aõ de deixar ſeruir aos officiaes ſeus cargos pois lhos Elrey dá por ſeus ſeruiços como a elles a gouernança da India: & naõ taparem as bocas tanto a todos, como depois alguns fizeraõ, que os naõ deixauaõ comer, ſendo a tençaõ d'Elrey que ſe fartem em ſeus cargos (como Elrey dom Ioaõ o ſegũdo diſſe áquelle Almoxarife que dizia q̃ morria de fome, que pois tinha carne, peſcado, azeite, vinho, & biſcouto, que ſe fartaſſe.) Mas foi o mundo tanto de mal em pior, & aſsi ſe trocaraõ eſtas bollas depois, que eſte Viſorrey pedia aos officias d'Elrey que lhe deſſem de comer, & oje naõ baſta pedirem elles aos Viſorreys que os fartem, por q̃ comem todos tanto por ſuas maõs por regra, que naõ leuaõ bocado á boca que lhe naõ ſeja contado. E deixando eſta materia que eſcandaliza, tornemos a noſſa hiſtoria.

Os veadores da fazẽda com os deputados do gouerno ordenaraõ ao Viſorrey pera deſpeza de ſua caſa tudo abaſtadamente: mas o q̃ lhe limitaraõ, & o liuro em que ſe lãçou eſta deſpeza nos o naõ achamos buſcandoo bem. A doẽça do Viſorrey foi tanto por diante, que

aos

aos catorze dias della deu a alma a Deos nosso Senhor, depois defeitos todos os actos de muito bom Christaõ, com grande dór & magoa de toda a India, que todos o sintiraõ em extremo, por q̃ o amauaõ como pay.

Faleceo a seis de Iunho de 1548. em idade de corẽta & oito annos, tendo gouernado dous & oito meses, em que entraraõ catorze dias q̃ sõ logrou o titulo de Visorrey. Buscouse seu testamento pera verem o que mandaua a cerca do seu enterramento, & achouse em hũa boeta do reino, cuja chaue elle comsigo trazia: & dentro nella lhe acharaõ hũas disciplinas q̃ mostrauaõ que vsaua muito dellas, & a guedelha da barba que mandou de Diu em penhor á cidade de Goa do emprestimo que lhe pedio pera repairar a fortaleza dos grandes danos que no cerco lhe fizeraõ, & tres tangas Larins. Aberto o testamẽto achouse nelle que sua molher & seu filho dom Aluaro de Castro eraõ seus testamẽteiros: & mãdaua que o enterrassem em saõ Francisco, & que seus ossos fossem depois leuados á sua capella de Cintra. E encomendaua a seu filho dom Aluaro de Castro que logo se fosse pera o reino. As mais particularidades do testamẽto naõ apontamos, por nos naõ serem necessarias pera a historia.

Foi dom Ioaõ de Castro filho do Gouernador de Lisboa dom Aluaro de Castro (como no principio da historia dissemos) foi casado com dona Lianor Coutinha, filha de Lionel Coutinho que mataraõ em Calecu com o Marichal, & de dona Mecia d'Azeuedo. No estado da mocidade foi bem instruido nas artes liberaes, depois de taõ bom Latino que podia julgar de antre estylo & estylo (como se vio n'aquelle corioso tratado que fez na jornada do estreito do már roxo, quando foi com dõ Esteuaõ da Gama: em que muito coriosamente da rezaõ do por que se chama, roxo, & d'aquellas manchas vermelhas que se achaõ por todo aquelle estreito, com bẽ differentes fundamentos, do que fizeraõ outros que escreueraõ sobre isto, cujo tratado dirigio ao Iffante dom Luis.) Foi muito inclinado & affeiçoado á Mathematica, de que teue por mestre o grande & insigne doutor Pero Nunez em companhia do Iffante dom Luis que tambem a aprendeo. Na quella armada que Elrey mandou de socorro, de que foi capitaõ mór Antonio de Saldanha, foi elle por capitaõ d'hũa Carauela. E cõtasse delle que acabada a jornada, mãdando o Emperador fazer merce de dous mil cruzados a cada capitaõ d'aquella armada Portuguesa, sõ dom Ioaõ de Castro os naõ quis aceitar, dizendo: que elle fora por mandado d'Elrey de Portugal, & que elle lhe faria merce.

Depois

Depois o mandou Elrey a Ceita com hũa armada a talhar a Almina. E asſi ſe ſeruio delle nas armadas das ilhas: & depois foi á India com dom Garcia de Noronha ao primeiro cerco de Diu (como fica dito no capitolo oitauo do terceiro liuro da quinta decada) & em tudo deu de ſi grande ſatisfaçaõ. Morreolhe ſeu pay, herdou aquella quinta de Cintra a onde ſe recolheo a filoſofar ja depois de ſer de corenta annos, cortando todas as aruores de fruito que tinha, em cujo lugar fez plantar outras agreſtes & peregrinas: & fez ali debaixo de hũa lapa hũa ermida muito deuota. Aqui o ya o Iffante dom Luis ver & communicar: & dali ſe lhe affeiçoou de feiçaõ, que o enculcou a Elrey pera o mandar por Gouernador a India, onde o ſeruio com muito zelo, amor, inteireza, & pouca cobiça, como pello diſcurſo da hiſtoria ſe tem viſto: fazẽdo tantas, & taõ continuas guerras aos imigos por mar & por terra: andãdo de contino embarcado com as armas ás coſtas: Que ſe affirma que de puro trabalho morreo. E tambem ſe pode affirmar de ſua muita caridade, continencia, pouca cobiça, grãde temor de Deos, & em todos os mais exteriores de Chriſtaõ: que ſua alma eſtará na gloria recebendo o premio & galardaõ de todos os ſeus trabalhos.

*Fim do Sexto Liuro.*

LIVRO

# LIVRO SETIMO DA SEXTA DECADA DA HISTORIA DA INDIA.

## CAPITOLO I.

*De como por morte do Viſorrey dom Joaõ de Caſtro ſocedeo Garcia de Sâ: & das pazes que fez com o Jdalxâ.*

ESTANDO ainda o corpo do Viſorrey dom Ioaõ de Caſtro por enterrar poſto no meyo da capella, mandou o veador da fazenda Ruy Gonçaluez de Caminha trazer o cofre em que eſtauaõ as ſoceſſoens da gouernança da India,que eraõ cinco: & abrindoo per ante todos os .officiaes, fidalgos,& capitaens, tirou a primeira & a deu a dom Diogo d'Almeida capitaõ da cidade , que a examinou cõ o Ouuidor geral , & achou q̃ eſtaua ſam & inteira , ſem nella ſe bolir . E tornandoa ao veador da fazenda , elle a deu ao Secretario que leo em alta voz o titulo de fora que dizia aſsi . Primeira ſoceſſaõ da gouernança da India, que ſe abrirá falecendo o Viſorrey dom Ioaõ de Caſtro , o que Deos naõ permita : & ao pé eſtaua Elrey aſsinado. E abrindoa a foi lendo alto pera que todos a ouuiſſem,&achou nella dom Ioaõ Maſcarenhas , que era ido pera o reino. E tornandoa ao cofre, tiraraõ a ſegunda, com quem ſe fez a meſma diligencia, & lendoa acharaõ dom Iorge Tello , que tambẽ era ido pera o reino. E tirada a terceira com quem tambem ſe fez a meſma diligencia que coa primeira & ſegũda,acharaõ ſoceder Garcia de Sá que eſtaua preſente : a quem logo ali lhe fizeraõ entrega da gouernança da India na forma acoſtumada naquelles eſtados: dando a menagem do eſtado da India nas maõs de dom Diogo d'Almeida,capitaõ da cidade.

Aqui aconteceo hũa galantaria que ſe notou a Iorge Cabral, que eſtaua preſente : que vendo abertas tres ſoceſſoens diſſe : Dera algũa couſa agora por ſaber qual he o rapaz da quinta ſoceſſaõ, que o quarta bem ſey que ſou eu : & aſſi o foi por falecimento deſte Gouernador,como a diante em ſeu lugar ſe dirá.

Feito o auto da entrega da India , que foi aos ſeis dias do mes de Iunho do anno de corenta & oito : depois de ſe enterrar o cor-

po do Visorrey, o mais solennemente que poderaõ, se recolheo o Gouernador pera sua casa, & começou a entrar nos negocios de seu cargo. Visitando a ribeira das armadas,& os almazens,mandando prouer todos muito bem,& negociar os nauios com muita pressa,por que determinaua de se embarcar no veraõ.

As nouas da morte do Visorrey dom Ioaõ de Castro correraõ logo por esse sertaõ,com que o Idalxá despedio vm Embaixador chamado Motabarcaõ, Regedor do seu reino, com grande apparato pera ir visitar o nouo Gouernador, & a lhe fazer nouos requerimentos sobre as cousas de Mealecan,dandolhe todos os seus poderes pera tratar, & assentar pazes, por que lhe naõ vinha bem ter guerra com os Portugueses, por q̃ lhe era necessario desoccuparse de tudo pera resistir ao Rey do Canará que lhe fazia dura guerra, & por auer á maõ certas cidades que lhe elle tinha tomadas. Este Embaixador chegou a Goa em Agosto, & o Gouernador o mandou buscar, & recebeo com grande apparato, & depois de passada a visita o ouuio. Elle lhe disse que o Idalxá seu senhor déra as terras firmes de Salsete, & Bardes, ao Gouernador Martim Afonso de Sousa, com condiçaõ que mandaria Mealecan pera o reino ou pera Maluco,como cõsta d'aquelles contratos que apresentaua. Que lhe pedia lhos comprisse, & lhe entregasse Mealecan, ou lhe largasse as suas terras, & tanadarias. O Gouernador lhe respõdeo, que o Gouernador que com elle fizera aquelles contratos, estaua no reino, & que elle sem recado d'Elrey de Portugal,naõ podia fazer cousa algũa n'aquelle negocio. Que se trataua só de se segurar de Mealecan, que elle o teria taõ fechado & guardado, que na sua imaginaçaõ estiuesse taõ longe de passar ao Balagate, como se estiuera no reino de Portugal. E q̃ se o pedia pera o ter em custodia em outra parte, que em nenhũa elle podia estar mais seguro que na ilha de Goa, rodeada de vm muito largo rio, & com tantas guardas, & vigias, que naõ podia dar hũa volta na sua cama, que naõ fosse sintido, com o que se auia de auer por satisfeito. O Embaixador despidio logo correo ao Idalxá desta reposta, que lhe escreueo que confirmasse nouas pazes,mandandolhe capitolos dellas. E tornando o Embaixador a apertar com o Gouernador, & mostrãdolhe os apontamentos do Idalxá, depois de vistos em conselho, & praticados por todos os capitaens & fidalgos: concluiraõse as pazes com os capitolos seguintes.

Que de nouo se confirmauaõ as pazes & amizades como d'antes estauaõ feitas com os Gouernadores

res paſſados,com condiçaõ q̃ logo entregaria o Idalxá o Embaixador que lá tinha reteudo, do tempo de Martim Afonſo de Souſa, com todos os Portugueſes, & todas ſuas fazendas.

Que nunca mais daria ſoldo a nenhum Portuguez, que foſſe fogido pera ſeus reinos.

Que as terras firmes de Salſete, & Bardes, nunca mais falaria nellas, & ficariaõ a Elrey de Portugal pera todo ſempre, ſem os Reys de Viſapor terem mais nellas direito algum.

Que ſe em algum tempo vieſſem Gales de Rumes á India, ſeria elle Idalxá obrigado a ajudar, & ſocorrer o Gouernador, que no tal tempo gouernaſſe a India, com mantimentos, marinheiros, por ſeu dinheiro: & que nada diſto dariaõ em algum dos ſeus portos aos Rumes, nem os agaſalhariaõ nelles.

Eſtes coatro capitolos acima ſaõ os q̃ o Idalxá concedeo ao Gouernador: & os que concederaõ ao Idalxá,ſaõ os ſeguintes.

Que os Gouernadores da India ſeriaõ obrigados,a terem vm feitor na cidade de d'Abul,que daria cartazes a todas ſuas naos, & nauios que d'aquelle porto ſaiſſem, & nelle carregaſſem.

Que os mercadores,q̃ dos portos de Perſia, & Arabia foſſem a Goa cõ caualos,os poderiaõ paſſar ao Balagate: & q̃ os donos delles podeſſẽ leuar ſuas armas, ſem lhe entenderem com ellas.

Que o Idalxá poderia mandar leuar todos os annos da cidade de Goa quinze caualos forros de direitos,pera ſua peſſoa.

Que poderia o Idalxá mandar leuar de Goa todos os annos tres mil pardaos, empregados nas fazẽdas q̃ quiſeſſe,ſem pagar direitos, nem lagimas da ſayda.

Que o Gouernador da India teria Mealecan em muito boa guarda,& vigia, & o naõ mandaria pera fora de Goa,ſem primeiro o fazer a ſaber ao Idalxá.

Deſtas pazes foraõ lingoas,Coge Percoli por parte do Idalxá, & Ioaõ de Craſto pella do Gouernador, & logo ſe juraraõ na cidade de Goa com grandes ſolẽnidades: & o Gouernador deſpedio vm Embaixador pera ir á corte d Elrey a velas jurar,& tomar entr'ega do Embaixador & Portugueſes. Eſte Embaixador foi muito bem recebido d'Elrey, q̃ jurou per ante elle as pazes, & as mandou apregoar por ſeus reinos: & lhe fez entrega do Embaixador & Portugueſes. O Gouernador entẽdeo o que faltaua do inuerno em algũas couſas do gouerno da Republica. E por q̃ faltaua moeda na cidade, mandou bater hũa d'ouro,da ley dos pagodes redõdas, que vinhaõ da terra firme, que era de corenta & tres pontas, q̃ reſponde a vinte quilates & vm coarto: & cada

marco d'ouro fica respondendo a sessenta & seta moedas & duas tãgas,oito graõs,& dezasseis auos de graõ. Esta moeda mandou chapar & cunhar d'hũa parte com a figura do bemauenturado Apostolo saõ Thome,padroeiro da India: & da outra com as quinas das armas reaes de Portugal,& ficaraõse chamando saõ Thomes, moeda que ainda dura na India & corre por toda ella. E toda a pessoa que metesse ouro na moeda, mandou que de cada marco d'ouro laurado pagasse dous saõ Thomes: vm pera Elrey, & outro pera os officiaes.

## CAPITOLO II.

### *De como mataraõ em Diu Luis Falcaõ capitaõ d'aquella fortaleza. E das armadas que Elrey despidio pera a India.*

ESTANDO hũa noite Luis Falcaõ no coarto da prima em sua casa, assentado em hũa cadeira, com o rosto pera hũa porta que saya pera vm baluarte, onde os soldados vigiauaõ toda a noite, & tinha antre as pernas vm minino,seu filho natural (que depois se chamou Aires Falcaõ, & foi capitaõ de Baçaim, & de Diu, & tem oje filhos & netos) & como elle estaua com candeas acesas, & os que passauaõ pera o baluarte yaõ de longo da porta,que estaua vm pouco aberta, apontaraõ da banda de fora com hũa espingarda nelle, & tomandoo pella cabeça, deraõ com elle morto no chaõ: & acodindo os seus aos gritos do minino, acharaõ ja o capitaõ morto: & correndo a voz pella fortaleza, acodiraõ todos a sua casa, sem saberem donde lhe aquillo podia vir:& ali de comum consentimento elegeraõ por capitaõ vm fidalgo pobre, acanhado, mas bom homẽ,& bom Christaõ, chamado dõ Artur de Crasto. Ao outro dia depois de Luis Falcaõ ser enterrado, se tiraraõ grandes inquiriçoẽs, sem acharem rasto de cousa algũa.

E como isto era ja entrada de Setẽbro, despedio dom Artur vm nauio pera Goa com cartas ao Gouernador do que era socedido. Este nauio foi tomar Baçaim: & sabendo dom Ieronymo de Meneses, capitaõ d'aquella fortaleza o socesso,receãdo q̃ ouuesse na terra algũa alteraçaõ, se embarcou logo, leuando dous nauios com cincoenta homẽs,& atrauessou o golfo (por q̃ os fidalgos d'aquelle tẽpo traziaõ mais o pensamento no seruiço de Deos, & do Rey, que em outro algum interesse: & assi Deos os ajudaua, & honraua, & lograuaõ o seu pouco, que entaõ

tirauaõ

tirauaõ das fortalezas, o que oje naõ vemos fazer ao ſeu muito dos d'agora.) Chegado dom Ieronymo a Diu, o foi dom Artur com todos os da fortaleza buſcar ao cais, & o leuou pera ſua caſa, & logo perante todos lhe pedio, q̃ quiſeſſe tomar entrega d'aquella fortaleza, & lhe offerecia as chaues, por que elle naõ queria aquella carga. Dom Ieronymo de Meneſes teue com elle grandes comprimẽtos, naõ querẽdo tomar as chaues, dizẽdolhe q̃ elle vinha ali a ſer ſeu ſoldado, & que tudo eſtaua bẽ nelle: & aſsi ficou ſendo ſeu hoſpede a te chegar Martim Correa da Sylua como logo diremos, por que he neceſſario que cõtinuemos com as naos do reino.

Depois que Elrey deſpidio aquellas duas armadas, de que eraõ capitaens mores, Martim Correa da Sylua, & Franciſco Barreto, pellas nouas que teue da vitoria de Diu, ſabendo que ainda ficaua o eſtado da guerra com Cambaya perigoſo, determinou mandar mais armadas, & gente: por q̃ pera couſa taõ importante, como era ſocorrer a India, em que eſperaua que a ley do Euangelho tanto ſe dilataſſe, naõ receaua deſpezas, nẽ o impediaõ trabalhos (q̃ naõ faltauaõ no reino) & aſsi mandou com muita preſſa negociar onze naos que repartio em tres capitanias. Das cinco fez capitaõ mór Manoel de Mendoça, que deſpachou com as fortalezas de Cofala, & Moçambique, que deſpedio entrada de Março. Os capitaens de ſua companhia eraõ Iorge de Mẽdoça, q̃ leuaua á capitania de Goa, Aluaro de Mendoça, Manoel Rodriguez Coutinho, & Baſtiaõ de Tayde.

As outras ſeis naos partiraõ a te vinte do meſmo més. Das tres dellas era capitaõ mór dõ Ioaõ Anriques, que leuaua a capitania de Malaca: & os capitaens das outras duas naos eraõ Ayres Moniz, & Antonio d'Azambuja. O outro capitaõ mor era Ioaõ de Mendoça o chu, que tambem trazia a capitania de Malaca: & os capitaẽs de ſua conſerua eraõ, Fernaõ d'Aluarez da Cunha, & Diogo Rebello. Eſtas armadas tiueraõ taõ boa viagem, que Fernaõ d'Aluarez da Cunha foi ferrar a coſta da India em Iulho, & por achar o tempo verde ſe recolheo a Angediua, a onde eſtaua Martim Correa da Sylua, & d'ali deſpedio recado ao Gouernador das armadas q̃ eraõ partidas do reino, & das nouas da ſaude d'El rey, q̃ foraõ muito feſtejadas. E entrada de Setembro ſe fizeraõ á vela pera Goa, & juntamente com ellas ſorgiraõ as armadas todas, & a de Franciſco Barreto que eſtaua de inuernada em Moçambique, q̃ foi hũa fermoſa couſa pera ver, por que enchiaõ aquellas naos todo aquelle porto.

Neſtas armadas mandou Elrey

os primeiros frades da ordem dos Pregadores,pera na India exercitarem seu officio, & veyo por Vigairo geral de todos,o Padre Frey Diogo Bermudes Castelhano varaõ douto, & de vida religiosa, & exemplar, & trouxe doze frades, que foraõ bem recebidos em Goa, & fundaraõ o celebre conuento, q̃ oje tem n'aquella cidade.

## CAPITVLO III.

*De como nesta armada do anno de 1548. de que era capitaõ môr Manoel de Mendoça, trouxeraõ os Padres da Companhia hũa cabeça das onze mil virgens, que foi muito bem recebida em Goa. E das nouas que o Gouernador Garcia de Sâ teue de Diu: & despachou Martim Correa da Sylua pera aquella fortaleza. E dos Embaixadores que a Goa vieraõ dos Reys visinhos.*

MVITAS cousas vieraõ nestas armadas, que alegraraõ a India: mas sobre todas foi hũa cabeça das onze mil virgens, que alguns padres da Companhia trouxeraõ, reliquia muito pera estimar, & q̃ a cidade de Goa o fez muito, & asi foi recebida com procissaõ muito solenne, em que se achou o Bispo reuestido, & o cabido com todas as freguesias, & ordens: & foi leuada da Sé de Goa a te o Colegio de sancta Fé, que se agora chama de saõ Paulo, que he vm dos Colegios sumptuosissimos, que os padres da Companhia tem pello mundo dos principaes. Com estas armadas ficou a India prospera, de naos que ficaraõ nella, (por que só coatro tornaraõ com a carga) de gente, de dinheiro, & mais cousas. Manoel de Mẽdoça, capitaõ mór das cinco naos em chegãdo a Goa faleceo de hũas camaras de q̃ vinha doente.

No mesmo tempo chegou o catur de Diu com as cartas de dõ Artur de Crasto, & de dom Ieronymo de Meneses, em que lhe dauaõ conta da morte de Luis Falcaõ, que o Gouernador Garcia de Sá sintio muito, pello que logo despachou Martim Correa da Sylua pera ir entrar naquella fortaleza, & mandou em sua companhia o doutor Manoel de Mergulhaõ a tirar deuassa da morte de Luis Falcaõ, & escreueo cartas de grandes agardecimentos a dom Ieronymo de Meneses, pella presteza com q̃ acodio a Diu. E asi despachou Iorge Cabral pera ir entrar na capitania de Baçaim, por ter dom Ieronymo de Meneses acabado seu tempo. Martim Correa da Sylua partio em nauios muito ligeiros,

geiros, & em oito dias foi áquella fortaleza,& tomou posse della, & dom Artur de Crasto se embarcou com dom Ieronymo de Meneses pera Baçaim, que entregou a fortaleza a Iorge Cabral,& dahi se passou a Goa.

O doutor Manoel de Mergulhaõ fez muito grandes diligencias sobre a morte de Luis Falcaõ, a te dar tratos a vm soldado,por algũs indicios que ouue, mas naõ confessou cousa algũa, nem nunca se pode descobrir a verdade, & asi ficou este negocio em segredo muitos tempos,a te q̃ sendo Francisco Barreto Gouernador da India,falecẽdo em Bengala vm mulato que se chamaua Ioaõ Leite, q̃ á hora de sua morte disse, que se naõ demandasse a morte de Luis Falcaõ a pessoa algũa, por que elle o matara.

O Gouernador tratou de ir ao Norte,por que as cousas de Cambaya estauaõ em aberto, & quis prouer a costa do Malauar, pera onde despidio por capitaõ mór Francisco de Siqueira com quinze nauios. Era este homem de casta de Nayres,muito grande caualeiro,& tinha feito tantos seruiços ao estado,que o fez Elrey fidalgo, & lhe mandou o habito de Christo com boa tença. Este veraõ fez pella costa de Cananor,que estaua aleuantada,muita guerra,queimandolhes muitas pouoaçoens, & destruindolhes,& cortandolhes muitas palmeiras, & fazendas.

Partidos estes nauios ficou o Gouernador despachando os Embaixadores do Camorim, que foraõ confirmar as pazes: & outros do Rey do Canarà,& do Zamaluco, do Cotamaluco, & outros que foraõ a visitar o Gouernador por sua socessaõ, & a confirmar as pazes. Todos estes foraõ bem recebidos & despachados. E nas pazes que confirmou com o Rey do Canará fez mudança nos capitolos contra o Idalxá, por ja ter com elle feito pazes,ficando de fora, que nem fauoreceria vm nem outro.

Passado isto despachou as naos que auiaõ de ir tomar a carga pera o reino, & escreueo a Elrey o estado em que a India ficaua. Nestas naos se embarcou dom Aluaro de Castro,filho do Visorrey dõ Ioaõ de Castro,por capitaõ da nao Rosairo: & se embarcaraõ outros muitos fidalgos a requerer seus seruiços. Nesta armada mandou Coge Cemaçadim, mil quintaes de gengiure,& duzentos de pimẽta,de seruiço á Rainha dona Catherina,pera vns chapins, por que tinha della todos os annos cartas muito honrosas, & peças, & brincos coriosos da Europa: & asi mãdou vm Alifante pera seruir na ribeira das naos.

Despedidas todas as cousas do reino,ficou o Gouernador fazẽdo prestes toda a armada pera se embarcar,& acodir ás cousas de Cambaya,

baya,por que estauaõ prenhes, & podiaõ parir nouos trabalhos. E andandosse negociando com muita pressa, lhe chegaraõ cartas de Ormuz do capitaõ dom Manoel de Lima,em que lhe fazia a saber, como ficaua aleuantado nas terras do Magostaõ vm capitaõ Abexim Abixlalá, & que tinha tomado a fortaleza de Manojaõ, dõde fazia grande guerra a todo o reino,& lhe impedia as Cafilas que vinhaõ pera Ormuz, com que a alfandega padecia grandes faltas. Estas nouas sintio o Gouernador muito,por serem aquellas rendas as principaes da India: & despidio com muita breuidade Pantaliaõ de Sá com coatro nauios de remo, em que leuaua perto de cento & cincoenta soldados, que se fez á vela na entrada de Nouembro, & de sua jornada adiante daremos rezaõ.

## CAPITVLO IIII.

### *De como o Gouernador Garcia de Sâ partio pera o Norte: & das pazes que fez com Elrey de Cambaya, & mandou Francisco de Sâ a Surrate.*

Anno 1549.

DESPACHADOS todos os Embaixadores,& as naos pera Cochim, logo o Gouernador se começou a embarcar,entregando o gouerno ao Bispo, & a dom Francisco de Lima capitaõ d'aquella cidade, & com elles outros deputados. E na entrada de Ianeiro deste anno de corenta & noue,em que com o fauor diuino entramos,se fez á vela: Leuaua seis galés,coatro galeoẽs, dez carauelas, & sessenta nauios de remo. Os capitaens dos nauios grãdes,eraõ Francisco Barreto,Christouaõ de Sá, Francisco de Sá de Meneses,dom Ioaõ Anriques,Ioaõ de Mendoça, Aluaro de Mendoça,Manoel Rodriguez Coutinho, Manoel de Sousa de Sepulueda, dom Antonio de Noronha, filho do Visorrey dom Garcia de Noronha,dom Ioaõ de Tayde, Pero de Tayde Inferno, dom Payo de Noronha,dom Ioaõ Lobo, Lopo Vaz de Siqueira,dom Duarte Deça, dom Iorge Deça, Iurdaõ de Freitas, & outros muitos fidalgos & caualeiros que yaõ nos nauios pequenos. E com bom tempo foi o Gouernador tomar Chaul a onde se deteue poucos dias,& passou logo a Baçaim,pera mandar continuar na guerra de Cambaya.

Dali despedio Francisco de Sá de Meneses com hũa galé & doze nauios pera se ir pór sobre Surrate,por ser auisado que se esperaua por hũa nao do Achem muito rica. Francisco de Sá se foi lançar sobre aquella barra, defendendo a nauegaçaõ aos nauios de Cambaya,

ya,em que fez algũas presas. Da chegada do Gouernador a Baçaim foi logo auisado Elrey Soltaõ Mahamude: & como estaua ja enfadado da guerra,& por causa della seus vassalos pobres,& perdidos,& todo o mantimento de seu reino assolado & destruido, & os pobres & mesquinhos clamauaõ por paz,determinou de a mandar pedir. Pera isto despedio logo vm Embaixador pessoa principal de sua casa pera ir visitar o Gouernador, & darlhe os parabẽs de sua socessaõ, & a volta disso a palpalo com pazes,dandolhe poderes pera tudo o que com elle assentasse. Este Embaixador partio da cidade de Cambayete em tres nauios muito ligeiros,com muitos criados & casa: & em poucos dias foi ter a Baçaim,& sorgio na agoada,donde mandou recado de sua vinda: O Gouernador mandou preparar seu recebimento, & embandeirar toda a armada: & deu recado a todos os fidalgos,& capitaens pera se irem pera elle vestidos muito custosamente. E tendo tudo prestes mandou buscar o Embaixador,que foi passado a hũa galé, ricamente toldada, & alcatifada, & acompanhada de outras,foi entrãdo pello rio por antre a armada, q̃ lhe deu hũa fermosa salua: & chegado a terra foi desembarcado, & acompanhado da guarda do Gouernador,& de todos os casados, a te a fortaleza,a onde estaua esperando em salla ricamente aparamentada, & o recebeo com grandes gasalhados. E depois de lhe perguntar pella saude d'Elrey, & por outras cousas breuemente o despidio, & o mandou agasalhar na cidade em casas que pera isso tinha mandado preparar.

D'ali a tres dias o ouuio com o Secretario, & alguns fidalgos velhos, & elle lhe deu sua embaixada, cuja sustancia era: Queixarse Elrey do Gouernador dom Ioaõ de Castro, naõ querer comprir os contratos das pazes que tinha feitas com o Visorrey dom Garcia de Noronha, & que fora causa da guerra, desejando elle de conseruar a paz & amizade com Elrey de Portugal: & que pois elle socedera em seu lugar lhe pedia quisesse emendar aquellas cousas,& comprirlhe os capitolos das pazes. O Gouernador lhe respõdeo em forma,deitando de tudo a culpa a Cogeçofar, que fora o autor de todas as guerras.E vindo o Embaixador a puxar por pazes, o remeteo ao Secretario,& outros officiaes. E fazendo seus apontamentos,elle por parte do Soltaõ Mahamude, & o Secretario pella d'Elrey de Portugal,que vistos em cõselho, se vieraõ a concluir as pazes com as mesmas condiçoens q̃ estauaõ d'antes assentadas,tirando o negocio da parede, que naõ foi licito concederselhe: & nas cousas da alfandega, que ficasse a metade

do

do rendimento della pera Elrey de Portugal, aſsi como ja eſtaua cõcedido ao Gouernador dõ Eſteuaõ da Gama.

Eſtas pazes mandou o Gouernador logo apregoar por Baçaim & Diu, jurandoas muito ſolennemẽte: & deſpidio o Embaixador com vm rico preſente pera Elrey: & mandou outro Embaixador pera ir á cidade de Amadaba a ver jurar as pazes por Soltaõ Mahamude, o que elle fez com grandes feſtas & alegrias de todos, & as mãdou apregoar por todo o ſeu reino & na cidade de Diu. Paſſado iſto mandaraõ logo aſsi Elrey, como o Gouernador officiaes pera correrem com os rendimentos da alfandega, pello modo, & ordem q̃ eſtaua aſſentado pellos contratos feitos com o Viſorrey dom Garcia de Norenha, que ſe veraõ na quinta decada, no capitolo ſetimo do quinto liuro. Com iſto ceſſaraõ ás guerras de Cambaya, & a cidade de Diu ſe tornou a engrandecer como no eſtado primeiro. O Gouernador vendo tudo quieto, & que naõ auia que fazer no Norte, voltou logo pera Goa, a onde chegou em Ianeiro, & começou a entender nos prouimẽtos de Maluco, & em outras muitas couſas: & ordenou em Goa a caſa da poluora, no lugar em que oje eſtá: & mandou armar alguns Galeoens, Carauelas, Galés, & fuſtas, a que deu tanta preſſa, que antes que falecesse (como logo diremos) tinha acabado hũa ſoma diſto.

## CAPITVLO V.

### *De como Elrey de Tanor, na coſta do Malauar ſe fez Chriſtaõ, & veyo a Goa: & do grande recebimẽto que ſe lhe fez.*

NAÕ ſe deſcuidauaõ neſte tempo os conquiſtadores ſpirituaes, de exercitar ſeu officio por todas as partes, & aſsi cada dia metiaõ na manada de Chriſto grande ſoma de infieis, em que entrauaõ muitos Reys & ſenhores. E deſtes, os que mereceraõ muito foraõ o Padre Meſtre Diogo, clerigo, & letrado, que he aquelle aque Mapheo chama Diogo de Borba, por ſer natural d'aquella meſma villa. E Miguel Vaz Vigairo geral, ambos grandes Religioſos, & de muita virtude: que por ſerem eſtes, indo depois o Miguel Vaz pera o reino, o tornou Elrey dom Ioaõ logo a mandar com o meſmo cargo de Vigairo geral, & com breues do Papa, pera como Inquiſidor Apoſtolico deuaſſar em ſegredo, de certos Chriſtaõs nouos muito ricos, que viuiaõ em Goa eſcandaloſamente, fazendo as cerimonias

Iudaicas

Iudaicas de que a India se começaua a inçar.

E chegando este Religioso a Goa prendeo algũs, & os mandou pera o reino, o que lhe custou a vida: por que os mais tiueraõ maneira com que o mataraõ com peçonha. O Mestre Diogo seu grande amigo sintio tanto sua morte, q̃ logo se meteo frade em saõ Francisco, onde em poucos dias faleceo, & affirmauasse que de nojo. Estes homẽs ambos fizeraõ muita Christandade: & o Mestre Diogo em tempo do Gouernador dom Esteuaõ da Gama, passou a costa da Pescaria a chamado dos Parauás pera se fazerem Christaõs.

Saõ estes Parauás naturaes de toda aquella costa, & viuiaõ de pescar aljofres, que por ella ha muitos: & depois que os Mouros fizeraõ ali sua viuenda, & tiueraõ posse & poder, começaraõ aos auexar, & priuar d'aquella pescaria, querendolhes tomar aquelle proueito pera si. E querendo elles remir sua vexaçaõ, por conselho de vm Ioaõ da Cruz de sua naçaõ, q̃ ja tinha andado no reino de Portugal, mandaraõ Embaixadores a Cochim a pedir socorro, & que se queriaõ fazer Christaõs. Era entaõ neste tempo capitaõ d'aquella cidade, vm fidalgo bom homem, chamado Gonçalo Pereira, (que zeloso do seruiço & hõra de Deos) mãdou em seu fauor hũa armada, que opprimio os Mouros, & libertou os Parauás, que se começaraõ a bautizar (por q̃ na armada mandou o capitaõ Religiosos pera isso.) A isto acodio o Padre Mestre Diogo, & fez muitos Christaõs. E como entaõ naõ auia na India mais que os frades de saõ Francisco, que naõ podiaõ acudir a tanto, por que eraõ poucos, & andauaõ repartidos pellas armadas, & estauaõ na cidade de saõ Thomé (cuja casa ja estaua a sua conta) ficaraõ aquelles tenros Christaõs, sem poderem ser visitados de Religiosos, se naõ pellas Coresmas, a que lhe acodiaõ alguns de Cochim, a te q̃ chegaraõ os padres da Cõpanhia, que tomãdo o padre Mestre Francisco Xauier informaçaõ d'aquella costa, & d'aquelles Christaõs, se foi lá com alguns companheiros q̃ ja tinha recebidos, & tornou a aquentar aquella Christandade, & augmentala, com vm grãde numero de infieis que conuerteo, & fundou por aquella comarca perto de corenta templos, em que se lhes administrassem os officios diuinos, & ali deixou alguns religiosos de vida approuada, pera os doutrinarem, & insinarem as cousas de nossa fé.

D'aqui se passou o Padre Mestre Francisco á ilha de Malaca, a onde fez Christaõs dous Reys, & hũa grande quantidade do pouo, o que aconteceo estes annos atras passados. E neste presente em que andamos, estaua por Vigairo na

fortaleza de Chale vm clerigo chamado Ioaõ Soarez,homem de boa vida,que tomou grande amiſade com o Rey de Tanor,que coſtumaua a ir muitas vezes á fortaleza,& aſsi ſe lhe affeiçoou, que ſe atreueo ao conuidar as vodas do Senhor, ſobre o que lhe diſſe tantas couſas,que o rendeo, & o catechizou. E indo ter áquella fortaleza o Padre frey Vicente companheiro do Biſpo, que andaua viſitando em ſeu nome, & achando aquelle Rey diſpoſto pera receber o ſancto bautiſmo lho deu em ſegredo, ſem o ſaber mais que o Vigairo, & o capitaõ que era Luis Xira Lobo que foi ſeu padrinho, & lhe poſeraõ nome dom Ioaõ. Eſte ſegredo quis elle que ſe tiueſſe, por que receaua alteraçaõ nos ſeus,& todauia continuaua com os padres,& ouuia ſuas Miſſas & pregaçoens,ſem mudar o trajo de Gẽtio,nem tirar a linha que he a ſua inſignia,pera mayor diſsimulaçaõ mas trazia vm crucifixo muito eſcondido a que ſe encomendaua.E como Deos o tinha tocado, & elle andaua ſatisfeito,naõ pode deixar de ſe deſcobrir á molher, & tanto lhe pregou, & tantas couſas lhe diſſe da bondade de noſſa ley,que a conuerteo,& a trouxe a Chale,& em ſegredo a bautizou o padre Vigairo,com dous ou tres filhos mininos que tinha. E como elle de verdade eſtaua abraſado em ſeu coraçaõ com a ley de Chriſto, & todas as couſas della lhe pareciaõ cada vez milhor: & ouuindo falar nos officios diuinos que em Goa ſe celebrauaõ,no grande apparato & cerimonia delles, deſejou ſummamente de ir a Goa, aſsi pera os ver, como pera ir dar obediencia ao Biſpo, como a prelado mayor da India. Iſto communicou com o Vigairo, que lho louuou, & o eſcreueo ao Gouernador Garcia de Sá, & ao Biſpo, a quem Elrey tambem ſignificou por cartas ſua vontade.

Eſtas cartas chegaraõ ao Gouernador em fim de Março:& praticando com o Biſpo ſobre eſte negocio, offereceraõ ſe lhe algũas difficuldades,pera o que foi neceſſario fazer ajuntamento de Theologos.E ſendo todos preſentes lhes leo o Gouernador a carta d'aquelle Rey Chriſtaõ, & a do Vigairo, pera que ſoubeſſem dos grandes deſejos que tinha de vir a Goa a dar obediencia a ſeu prelado, como filho Catholico da Igreija: q̃ elle folgaria de o ſatisfazer em tudo como homem conuertido de nouo á noſſa ſancta fé,pera que os outros ſe moueſſem a recebela, vẽdo quanto nós honrauamos,& eſtimauamos os que ſe conuertiaõ a ella. Os Theologos praticaraõ ſobre aquelle negocio,& diſſeraõ alguns que naõ era licito receberſe vm homem que ſendo Chriſtaõ, trazia ainda deſcuberta a inſignia de Gentio,por que a fé naõ ſe auia

de

de confeſſar ſomente com o coraçaõ, mas com a boca, & ſobre iſto deraõ muitas rezoens, & alegaraõ a diuina eſcriptura. O Biſpo votando n'aquelle negocio diſſe, que quanto á linha, que aquelle Rey trazia por fora, naõ era inconueniente algum pera deixar de ſer auido por Catholico, por que da Eſcriptura ſagrada tinhamos q̃ Ioſeph Ab Arimathia, Nicodemus, Gamaliel, & outros homens, auidos por juſtos & ſanctos, que foraõ diſcipulos do Senhor encubertamẽte por medo dos Iudeos, naõ mudaraõ ſeus veſtidos: & q̃ os Apoſtolos de Chriſto Senhor noſſo, primeiro que foſſem cheyos do Spirito ſancto, eſtiueraõ alguns dias eſcondidos em hũa caſa: & q̃ Saõ Sebaſtiaõ ſendo Chriſtaõ, andaua com trajos de Gentio, & ſoldado Romano: & que quando lhe foi neceſſario confeſſar a fé de Chriſto, o fez, & morreo por ella. Que aquelle Rey eſtaua ainda tenro na fé, & era licito concederemlhe algum tempo pera ir molificando ſeus vaſſalos, pera os trazer á ley de Chriſto, o que ſe auia de fazer com tempo, por que (ſegundo o Sabio) todas as couſas o tinhaõ. Com eſtas rezoens concederaõ todos que ſe lhe deſſe licença pera vir a Goa, com o que deſpidio o Gouernador logo dom Ioaõ Lobo com oito nauios pera ir buſcar áquelle Rey, & hũa galeota muito bẽ petrechada pera ſua peſſoa; & vm Ioaõ Lopez cidadaõ de Goa nella, com todo o ſeruiço de cama, & meſa pera ſua peſſoa.

Eſtes nauios chegaraõ em poucos dias á barra de Tanor, tendo ja eſte Rey recado da vinda dos nauios, por cartas que Luis Xira Lobo lhe mandou diante. Elrey ſe começou a negociar pera ſe embarcar eſcondidamente, o que naõ pode ſer com tanto ſegredo, que os ſeus familiares o naõ vieſſem a ſaber: & acodindo os Regedores lhe fizeraõ força, & o fecharaõ na fortaleza. Mas como elle eſtaua com aquelle feruor, & deſejo, lá teue maneira com que de noite ſe lançou do muro abaixo por hũa corda, & eſcalaurado na cabeça, & maõs foi ter á praya, & a nado foi tomar vm dos nauios da armada, & dandoſſe a conhecer foi leuado ao capitaõ mór, que com grandes honras o embarcou na galeota, & o entregou a Ioaõ Lopez, que o agaſalhou & ſeruio muito bem, dandolhe trajos á Portugueſa, que pera iſſo leuaua feitos, & por todo o caminho a te Goa o foi ſeruindo muito abaſtadamente.

Dom Ioaõ Lobo deſpidio diãte recado ao Gouernador, que lhe mandou preparar vm muito honroſo recebimento, pedindo á cidade que lhe fizeſſe todas as honras que faria a vm Rey de Portugal ſe ali vieſſe. Chegado El-

rey á barra de Goa, achou nella dom Francisco de Lima capitaõ da cidade que o esperaua cõ muitos nauios embandeirados, & hũa fermosa Galé ricamente paramentada pera sua pessoa. Depois de o receber, & saluar, o passou á Galé, & foraõ entrando pello rio dentro a te as casas de Sanctos, que estauaõ prestes pera elle: O rio estaua coalhado de embarcaçoens grandes & pequenas embandeiradas, & enramadas, com muitos, & diuersos instrumentos, danças, folias, & inuençoens, de feiçaõ que foi a mais fermosa cousa que Elrey nunca vio: & sobre tudo o que mais estimou foi ver aquella fermosura, & grandeza da cidade de Goa, & os diuinos templos, que de hũa & d'outra parte do rio lhe yaõ mostrando, a quem elle ya fazendo seu acatamento. Chegado ás casas de Sanctos (que eraõ de Antonio pessoa) foi desembarcado, & agasalhado aquelle dia & noite, com todo o seruiço Real, que o Gouernador tinha repartido por casados, com camas muito ricas & coriosas. Ao outro dia se tornou a embarcar na galé, & rodeado de mais de cem nauios de remo, cheyos de muitos instrumentos de alegria, foi a te o cais q̃ oje he dos Visorreys, onde se lhe deu hũa soberba salua de artelharia, com grande terror, & espanto. Ali desembarcou á Portuguesa, com çapatos, calsas, capa, & espada d'ouro, colar, gorra, com plumas, & no cais achou o Gouernador acõpanhado de todos os fidalgos, & capitaẽs, que o recebeo com muitas honras. E pondoo á sua maõ direita foraõ andando pera a cidade por baixo de muitos & fermosos arcos de rama, & de peças de seda de todas as cores, & com muitas outras louçainhas.

E chegando á porta que sae ao cais, achou o capitaõ da cidade com os vereadores & officiaes da camara, muito bem vestidos: & o capitaõ dom Francisco de Lima, primeiro que Elrey entrasse pera dentro chegou a elle com o procurador da cidade, que leuaua nas maõs vm muito rico prato de bastiaẽs d'ourado, & nelle as chaues da cidade, que lhe o capitaõ apresentou, dizendolhe.

Estas senhor saõ as chaues desta cidade, que oje em nome d'Elrey de Portugal apresento a V. A. & nella pode d'oje por diante mãdar tudo, como se fora de V. A. por que disto he elle muito seruido. Elrey cõ muita graça, & com mostras de grande contentamento, d'aquella honra, que elle estimou sobre todas, tomou as chaues & disse, q̃ elle era irmaõ & seruidor d'Elrey de Portugal, & q̃ como tal merecia todas aquellas honras, & gasalhados que lhe faziaõ: & pondoas sobre sua cabeça as tornou ao capitaõ.

Acabado isto estenderaõ os vereadores

readores vm muito rico paleo, & o tomaraõ debaixo, indo o Gouernador ſempre à ſua maõ eſquerda praticando com elle muito rizonho, & alegre. E entrando na cidade acharaõ o Biſpo reueſtido em Pontifical, com vm crucifixo nas maõs, & todo o cabido, clerigos, & religioſos em prociſſaõ. Chegado Elrey ao Biſpo, proſtrouſſe degoilhos diante delle com muita veneraçaõ, & fez ſua adoraçaõ ao crucifixo, & o beijou com muita humildade. E aſsi em prociſſaõ foy leuado pella rua dereita que eſtaua muito rica mente paramentada, com lindas & corioſas inuençoens, & muitas damas pellas janellas, ricamente ornadas & atauiadas, que de cima lãçauaõ muitas & precioſas agoas de cheiro, & muitas roſas, & boninas: & a cidade, & aquella rua toda ſe desfazia em danças, bailos, tangeres, & folias. E era taõ grande o concurſo da gente, que naõ podiaõ todos os meirinhos, & juſtiças fazer caminho. As bom bardadas aſsi no màr, como na terra, eraõ tantas, que parecia que ſe desfazia o mundo. Chegados à Se, que eſtaua fermoſamente armada, & com muitas charamelas, & trombetas, pòs o Biſpo o Crucifixo no altar mayor, & El rey fez ſua oraçaõ muito deuotamente, & a capella, que era excelente, cantou o hymno, Te Deum laudamus, &c. & no cabo delle lançou o Biſpo a bençaõ, aſsi veſtido como eſtaua em Pontifical.

Acabado eſte deuoto acto (que moueo muito àquelle Rey) foi d' ali leuado às ſuas proprias caſas a caualo, acompanhado do capitaõ, & de todos os cidadaõs, indo diãte delle a guarda do Gouernador, com os ſeus officiaes. Ao outro dia foy Elrey viſitar o Gouernador, & lhe pedio mãdaſſe chamar o Biſpo, & perlados, & os fidalgos velhos, que tinha q̃ lhe dizer. E vindo todos lhes fez ali eſta breue fala.

Depois que Deos noſſo Senhor foi ſeruido, & ordenou por ſua diuina miſericordia q̃ eu ſaiſſe das treuas em que eſtaua, & entraſſe na luz da verdade, & que tiueſſe conhecimento de ſua diuina ley: nenhũa outra couſa mais deſejei, q̃ trazer à meſma verdade, naõ ſò meus ſubditos & vaſſallos, mas ainda todos os Reys & Principes Malauares, meus viſinhos, & acender em todos o lume da fè: mas he neceſſario proceder neſte negocio (q̃ he de mudar ley) com muita ordẽ & brandura, porquaõ difficultoſo he, querela arrancar logo da primeira pancada das gentes q̃ eſtaõ taõ areigados em ſeus antigos ritos & ſuperſtiçoẽs. E eu como quẽ os conhece, & fuy de ſua meſma ley & natureza: entendo que he neceſſario muito tẽpo, & muitas molificaçoẽs & mimos, cõ q̃ deter

mino correr com todos. E quanto ao que toca a mim, eu me atreuo (mediante a graça diuina)prometer diante deste taõ Catholico ajuntamento, que tenha sempre muito inteiraméte abraçada a fè de Christo: & ao mesmo Deos dou por testemunha de minha consciencia: & cada dia lhe peço com grande veneraçaõ,& humildade, me dé forças pera poder resistir nas batalhas spirituaes,cõtra os imigos d'alma,porque sem elle o naõ poderei fazer: & como Catholico filho da igreija dou d'agora por diãte a obediẽcia, ao Bispo meu perlado q̃ està emlugar do sũmo Pontifice,& conheço a igreija Romana por cabeça de toda a Christandade. E asi lhe peço como perlado, & cura de minha alma q̃ me de o Sacraméto da cõfirmaçaõ,porq̃ me naõ fique acto algum de Christaõ por fezer.

Acabada esta fala lhe respondeo o Bispo. Que louuaua, & engrandecia muito ao Senhor Deos por tamanha merce como aquella,& que aquelle sancto zelo Catholico que mostraua de seu seruiço, elle teria cuidado de lho pagar, como o sustentar em sua fè. E que quanto a seus vassalos, era necessario para se mouerem a receberem a sancta ley de Christo, saberem elles que a tinha elle recebido: por que os costumes dos Reys, era muito natural seguiremnos os vassallos: & que os homẽs mais se mouiaõ por exemplos, que por preceitos. Que pera merecer mais com Deos, & obra tamanha ir adiãte, compria descobrirse a seus vassalos,& que naõ receasse alteraçaõ algũa: & q̃ confiasse mais na ajuda, & fauor diuino,que na prudencia & saber humano. E que quanto ao Sacramento da confirmaçaõ, estaua prestes para isso: & logo na capella do Gouernador lhe deu a sancta Crisma, & o Gouernador foi seu padrinho.

Esteue Elrey dez dias em Goa, em que correo,& visitou todos os templos sanctos,& esteue aos officios diuinos, & a vm de Pontifical que o Bispo celebrou com mũy grãde apparato. Em todas as igreijas se lhe armaua setial, & lhe dauaõ o Euangelho,& a paz,& o incensauaõ,como costumaõ fazer a os Reys Christaõs em todos estes dias asi de dia, como de noite, ouue muitas festas, danças, momos, outos, touros, canas,com tantas riquezas, & apparatos, que estaua aquelle Rey pasmado de ver o estado, & costume dos Portuguesses. Deraõlhe os fidalgos muitos banquetes, & peças.

Passados os dez dias,despedido do Gouernador, Bispo, & cidade, se tornou pera seu reino nos mesmos nauios. Estas nouas escreueo o Gouernador & o Bispo a Elrey nas naos siguientes, que elle festejou muito, & as mandou a Ro-

a Roma a dom Afonſo d'Alencaſtro que lá eſtaua por Embaixador, pera que o fizeſſe a ſaber ao ſancto Padre, que entaõ era Iulio terceiro, que mandou fazer em Roma grandes prociſſoens, & diſſe Miſſa em Pōtifical, & ouue vm douto ſermaõ, em que ſe diſſeraõ muitos,& grandes louuores d'Elrey dom Ioaõ de Portugal,por em ſeu tempo entrarem na manada dos Catholicos, os mais barbaros Principes do Oriente.

## CAPITVLO VI.

*Das couſas que acontecerão a Franciſco de Sâ em Surrate, com hũas naos de Mouros. E de como o Gouernador Garcia de Sâ deſpachou as couſas de Maluco. E do caſamento de duas filhas.*

FRANCISCO de Sá de Meneſes q̃ eſtaua ſobre Surrate eſperãdo as naos do Achem, ſe deixou eſtar ſobre aquelle porto a te meado Março: & hũa tarde ouue viſta de duas fermoſas naos, & de hũa Galeota,que com o Noroeſte em popa v inhaõ demandar a terra.Eraõ eſtas naos do porto de Tanaçarim na coſta de Pegú, & vinhaõ carregadas de muitas & ricas fazendas. Franciſco de Sá tanto q̃ as vio,preparouſe, & poſto em armas as foi demandar,& ſendo a tiro de camelo lhes tirou a amainarem,mas como ellas vinhaõ confiadas na muita artelharia, & na muita & esforçada gente que traziaõ,naõ fizeraõ caſo de couſa algũa,& deixaraõſe vir ſeu caminho com o vēto que era muito freſco. Franciſco de Sá as rodeou, & foi esbombardeãdo, por ver ſe as podia deſaparelhar, o que naõ fez, ainda que todauia lhes foi desfazendo as obras de cima,com cujas rachas lhes mataraõ muita gente: mas ellas como vinhaõ auiadas,& com vento proſpero, foraõ tambē laborando com a ſua artelharia com que deſaparelharaõ algũas fuſtas,& mataraõ alguns ſoldados. Os noſſos naõ ouſaraõ a inueſtir as naos, aſsi por ſerem os mares grãdes,como por ellas ſerem muito alteroſas, & naõ quiſeraõ arriſcar os nauios, & aſsi foraõ cõ ellas a te a barra de Surrate,a onde lhes anoiteceo. Franciſco de Sá vendo que tinha os nauios deſtroçados,& que as naos eſtauaõ ſurtas no primeiro poço, a onde lhes naõ podiaõ ja fazer dano, que o naõ recebeſſe elle mayor, voltou pera Baçaim, a onde reformou os nauios,& d'ali ſe fez á vela pera Goa.

O Gouernador depois de chegar áquella cidade,começou logo a entender nos negocios de Maluco,& nos de Iurdaõ de Freitas,que ſe andaua liurando das culpas q̃

lhe Bernaldim de Souſa tinha mãdado, o que ceſſou pella morte do Viſorrey dom Ioaõ de Caſtro. E mandando o Gouernador que ſe correſſe cõ elle fizeraõ o feito findo, & o deſpachou com os letrados, & pronunciou que foſſe Iurdaõ de Freitas acabar o tempo de ſua capitania, & que ſe lhe tornaſſe toda a fazenda que lhe eſtaua ſocreſtada. Com eſta ſentença ſe começou a fazer preſtes pera ſe embarcar no Galeaõ da carreira, de q̃ era capitaõ dom Iorge Deça. O Gouernador por q̃ ſabia que Iurdaõ de Freitas viera de Maluco muito quebrado com Bernaldim de Souſa, a quem por ſuas partes & qualidades quis moſtrar reſpeito, & euitar eſcandalos, deſpachou Chriſtouaõ de Sá ſeu ſobrinho por capitaõ de hũa Carauela pera ir a Maluco, & lhe deu hũa prouiſaõ em ſegredo, pera Bernaldim de Souſa lhe entregar a elle a fortaleza, em que ficaria por capitaõ ate Bernaldim de Souſa ſe embarcar pera a India, & que depois entregaſſe a fortaleza a Iurdaõ de Freitas: por que naõ quis que Bernaldim de Souſa, o tempo que eſtiueſſe em Maluco, ficaſſe debaixo da jurdiçaõ de Iurdaõ de Freitas, por atalhar deſgoſtos & deſordẽs.

Partidos eſtes nauios, deſpachou o Gouernador alguns capitaens pera irem inuernar a Diu, & a Ormuz, & proueo nas couſas d'aquellas fortalezas, & de outras como lhe milhor pareceo.

E por que ſe via velho, & com duas filhas molheres, & ſem mãy, ordenou de as caſar como fez. A mais velha chamada dona Lianor d'Albuquerque, com Manoel de Souſa de Sepulueda (com quem ſe dizia que eſtaua ja caſada a furto do pay. E a outra dona Ioanã d'Albuquerque com dom Antonio de Noronha, filho do Viſorrey dom Garcia de Noronha: q̃ tinha a capitania de Malaca: & era o mayor, & mais fermoſo homem q̃ na India auia: a quem deu o bom velho em caſamento tudo o que tinha: & ambos foraõ jũtos á porta da igreija a pé: por que pouſaua o Gouernador nas caſas do Sabayo, q̃ eſtaõ perto da Sé. O Biſpo os recebeo, & a cidade lhes fez muitas feſtas. Dom Antonio de Noronha ya muito galante, & cuſtoſamente veſtido: Manoel de Souſa naõ leuaua mais que os trajos ordinarios que coſtumaua a trazer.

De Manoel de Souſa naõ ficou no mundo geraçaõ algũa de ſua molher, por que ſe perdeo indo pera o reino cõ ſua molher & filhos, como em ſeu lugar diremos. Teue dous filhos antes de caſar, vm macho, & hũa femea, em hũa molher caſada com vm homem muito nobre & fidalgo nos liuros d'Elrey, q̃ ſua mãy depois da morte do marido declarou por ſeus: a filha foi leuada pera o reino a onde a meteraõ

teraõ Freira: o filho era vm solda-
do taõ pontual,& caualeiro,q̃ naõ
ousou pessoa algũa a lho desco-
brir,& assi faleceo ca.

Dom Antonio de Noronha vi-
ueo tambem pouco elle & sua mo
lher, & ficoulhe vm filho chama-
do dom Garcia de Noronha co-
mo o auó, que foi leuado a Por-
tugal minino a onde se criou,& de
pois de ter idade pera seruir Elrey,
tornou á India com vm aluara de
lembrança pera lhe darẽ Ormuz.
Casousse na India com dona Feli-
pa filha do Licenciado Tintino
Martins,Procurador dos feitos dá
fazenda d'Elrey, homem nobre,
Christaõ velho: viueo tambem
este fidalgo pouco, ficoulhe hũa fi-
lha chamada dona Ioana como
sua auó, que sua mãy leuou pera o
reino,& se foi apresentar em Auei-
ro,em companhia de hũa sua ir-
mã,molher de Francisco de Sousa
Tauares,o manco.

## CAPITOLO VII.

### *Das cousas que aconteceraõ em Ormuz,no aleuantamento do Bislalà: & de como dom Manoel de Lima o mandou matar.*

AVIA no reino de
Ormuz vm capitaõ
Abexim chamado
Bislalá,que Elrey de
Ormuz trazia com
guarniçaõ de soldados nas partes
de Manojaõ, pera fauorecer as ca-
filas que vinhaõ pera Ormuz, das
partes de Persia, & Coraçone, &
todas as mais, pera as segurar de
muitos ladroens,que por ali as co-
stumauaõ a saltear,por cujo medo
deixauaõ muitas vezes de vir á
Ormuz, & aquella alfãdega pade-
cia muitas faltas. Este Abexim
vendosse com poder,fez o que to-
dos os Mouros fazem quando se
lhes offerece occasiaõ: que foi grã-
gear a gente que trazia, & aquirir
outra,& leuantarse com aquellas
partes todas,recolhendosse na for-
taleza de Manojaõ, que he vinte
legoas pello sertaõ dentro. E d'alĩ
saya a saltear, & roubar as cafilas,
& todas aquellas terras, com que
veyo a engrossar,& a se fazer mui-
to poderoso. Disto foi logo Elrey
de Ormuz auisado, & deu conta
do negocio a dom Manoel de Li-
ma,capitaõ d'aquella fortaleza, pe
dindolhe que lhe desse ajuda pe-
ra mandar contra o Bislalá, pois
aquelle reino era d'Elrey de Por-
tugal: & as perdas lhe tocauaõ
mais que a elle. Dom Manoel de
Lima mandou logo negociar vm
Aleixos Carualho,& lhe deu cen-
to & vinte Portugueses pera pas-
sar á outra banda, em companhia
dos capitaens d'Elrey de Ormuz,
pera irem buscar o aleuantado, &
segurarem os naturaes,q̃ fogiaõ,&
desemparauaõ as terras. Esta gen-
te andou da outra banda perto de

dous meſes, tendo alguns recontros com os imigos, de pouca importancia.

Eſtando o negocio neſte eſtado chegou Pantaliaõ de Sá que atras diſſemos, no capitulo terceiro do liuro ſetimo partido de Goa pera acodir a eſte negocio. Dom Manoel de Lima o deſpidio logo pera a outra banda com a gente que leuaua, & com a outra que lá tinha. Aleixo Carualho perfez trezentos homens, & em companhia dos capitaens d'Elrey de Ormuz que leuauaõ dous mil, foraõ buſcar o aleuantado. E como elle andaua muito poderoſo, & era ladraõ de caſa, que ſabia as entradas, & ſaidas, naõ lhe daua dos noſſos couſa algũa, nem tambem ſe queria encontrar com elles: por que como trazia grãdes eſpias, naõ fazia mais que deſuiarſe, & fazer todos os danos que queria, & podia, comendo as terras ſem contradiçaõ algũa. Pantaliaõ de Sá andou por aquelle Magoſtaõ mais de dous meſes ſem fazer couſa algũa, & enfadado de tudo ſe recolheo pera Ormuz, ſem ordem do capitaõ, que ſe tomou muito, & tiueraõ ſobre iſſo taes palauras, que o mandou Pantaliaõ de Sá deſafiar por hũa carta: dom Manoel de Lima lhe reſpõdeo por outra, que elle guardaua ſua carta pera reſponder a ella, como acabaſſe o tempo d'aquella fortaleza, de que tinha dado a menagem a Elrey: & como ſe deſobrigaſſe, elle lho lembraria. Pantaliaõ de Sá ſe embarcou pera a India, & depois que dom Manoel de Lima acabou o ſeu tẽpo, naõ ſe encontraraõ nella, por que o tempo o deſuiou, que Pantaliaõ de Sá foi deſpachado depois com Cofala, & caſou na India, a onde eſteue a te o tempo do Conde do Redondo, em que ſe foi pera o reino: & lá encontrãdoſſe em hũa rua (eſtando a couſa bem eſquecida de tantos annos, & elles taõ velhos) ſaudandoſſe, Perguntou dõ Manoel de Lima a Pantaliaõ de Sá, como eſtaua? elle lhe reſpondeo que velho. Ao que dom Manoel de Lima lhe diſſe, velho naõ eſtá voſſa merce, ſe naõ muito bẽ deſpoſto. Deſta palaura (ſegundo que na India nos contaraõ alguns fidalgos) entrou a deſconfiãça em Pantaliaõ de Sá de maneira, que indoſſe pera caſa lhe mandou hũa carta em que lhe tornou a alembrar as couſas de Ormuz, pedindolhe que ſe viſſem no campo. Dom Manoel de Lima o foi eſperar a elle, & pelejaraõ, & ſe feriraõ: & o que mais paſſou cá ſe ſabe no reino, & ficaraõ pera naõ deixarẽ de ſer amigos, como foraõ.

Tornãdo às couſas de Ormuz. Vendo dom Manoel de Lima que o leuantado andaua ſenhor das terras ſem lho poder impidir, tratou de o mãdar matar. Tinha elle vm criado Galego, valente homem, & muito determinado: & tomandoo

em ſegredo lhe preguntou,ſe ſe atreuia a fazerſe fugidiſſo pera a outra banda,& meterſe no exercito de Bislalà, & matalo á beſta? & dizendolhe o Galego que ſi, pratieou eſto negocio com Elrey, & elle lhe paſſou vm formaõ com letras grandes,& fermoſas,chapado com chapa de ſuas armas,em que Perdoaua geralmente a todos osq̃ andauão com Bislalá: & que ninguem entendeſſe com aquelle Galego ſe mataſſe o Bislalà, antes a todos os que o fauoreceſſem lhes faria muita merce. Com eſte formaõ ſe fingio o Galego agrauado, & fugido de dom Manoel de Lima,& paſſouſe ao exercito,aonde andauaõ outros Portugueſes fogidos,& ſe agaſalhou com elles. Ali ſe deixou andar algũs dias: & vm delles,andando o Bislalá a caualo em campo no meyo de ſua gente, encarou, o Galego nelle hũa beſta, com vm farpaõ.& tomandoo pellos peitos,deu com elle do caualo abaixo morto. E no meſmo inſtãte aleuantou em hũa lança, ò formão d'Elrey, bradando alto, formão d'Elrey,formão d'Elrey, perdão d'Elrey para todos. E acodindo alguns Parſeos tomando o Galego, vendo o formão d'Elrey, & o perdão tão copioſo,& o Bislalà ja morto,ſe dezfez o exercito, & vns ſe foraõ pera ormuz,&outros pera outras partes. O Galego ſe foi pera Ormus, & Elrey, & o capitão lhe fizerão muytas merces:& deſta maneira ficaraõ as couſas do Manojaõ quietas.

## CAPITVLO VIII.

*Do que acõteceo a Diogo Soarez de Melo em Pegû. E de como foi em companhia d' aquelle Rey contra o de Sião E do poder, eſtado, & ordẽ, com que eſte Rey caminha: & do que lhe aconteceo a te chegar a Sião.*

NO capitulo nono do liuro quinto da quinta decada temos dado cõta, como a Bramà Rey dos reynos de Ouù,& outros,cõquiſtou os de Pegú,&ſojeitou todos aquelles viſinhos. Eſte vendoſſe tamanho ſenhor,ſabendo que o Rey de Sião tinha vm Alifante branco, a que todos os Gentios tinhaõ muito grande veneraçaõ, auendo que a elle como a cabeça de toda aquella gentilidade lhe pertencia mais, que ao Rey de Sião, mandoulho pedir por embaixadores, que lhe inuiou con grande mageſtade, de que o outro zombou, não lhe reſpóndendo a propoſito. O Bramà auẽdoſſe por muito offendido, & afrontado, determinou logo de ir conquiſtar aquelle reino,& trazer o Alifante branco. E fazendo chamamento de todos os Reys ſeus vaſſalos,

vaſſalos, ajuntou innumeraueis exercitos, com que partio contra aquelle reino, quaſi nos annos de mil, quinhentos, corẽta & coatro. E chegãdo àquella cidade lhe pos taõ eſtreito cerco, que lhe mãdou aquelle Rey cometer todos os partidos que quiſeſſe, tirando o Alifante branco que elle auia por couſa religioſa, affirmandolhe q̃ ſobre elle auia de perder ſeus reinos. O Bramà que auia muitos meſes que eſtaua n'aquelle cerco: & ſe eſperaua pellas enchentes d'aquelle rio, que alagaõ todos aquelles campos, fez com elle pazes cõ eſtas condiçoens.

Que o Rey de Sião ficaria ſeu vaſſalo, & lhe daria hũa filha pera caſar com ella: & que todos os annos lhe mandaria outra dos ſeus principaes, & certos Alifantes de ſeruiço. Aſſentadas as pazes, lhe mamdou o Rey de Sião a filha, q̃ elle recebeo por molher & aleuãtando os exercitos voltou pera ſeus reinos. Foraõ continuãdo cõ eſtas pareas a te eſte anno paſſado de corenta & oito, em que o Bramà mandou a Sião a recolher as pareas como coſtumaua, & a lhe trazerem a molher. E querendo Elrey de Sião tomar hũa filha a vm d'aquelles ſeus principaes, como tinha feito os annos paſſados a outros de que eſtauaõ eſcandalizados, falandoſſe todos, ou foſſe por conſentimento do Rey, ou não, baſta que deraõ nos Embaixadores, & os mataraõ,

Chegadas eſtas nouas ao Pegú ſintioas muito o Bramà, & determinou vingar aquella offenſa, mãdãdo logo chamar todos ſeus vaſſalos, & ajuntou grãdes exercitos, & grãdes preparamẽtos, pera não tornar de Sião ſem tomar aquelle reino, & auer aquelle Rey ás mãos. Diſto foi logo o Rey de Sião auiſado, & fez chamamento de ſeus vaſſalos, & fortificou a cidade de Odia, em que elle reſidia, lançãdo fora toda a gente inutil, deixando ſò a que podia pelejar, que ſe affirma que eraõ perto de ſeiſcientos mil homens. E mandou fortificar vm paſſo de hũas ſerras, por onde o Bramà auia de paſſar, & pòs d'aquella parte vinte mil homens de guarnição, & na cidade recolheo mantimentos pera dous annos, & mandou fundir muitas peças de artelharia de brõzo: porque tinha officiaes excellentes, & muito cobre que lhe vinha da China todos os annos: & affirmauaſſe que tinha coatro mil peças aſſeſtadas pellos muros, em que auia algũas que lançauaõ pilouro de coatro palmos de roda, & dali pera baixo a te falcoens. E alem diſſo muitos trabucos, & petrechos de guerra pera ſua defenſaõ.

O Bramà depois que ajuntou ſeus exercitos ſe pòs com elles em campo, & diziaſſe que tinha vm milhaõ, & quinhẽtos mil homẽs, & coatro mil Alifantes, & tantos bois,

bois, caualos, & outras beſtas de carga, ſeruidores, roſſadores, & officiaes de todas as mecanicas, em tanta quantidade, que quaſi ſe naõ podiaõ numerar. E eſtando Elrey ja pera ſe partir chegou Diogo Soares de Mello (que deixamos partido do rio de Parles, depois d'aquella grande vitoria das galés do Achem, como atras fica dito no capitulo ſegundo do quinto liuro) que Elrey eſtimou muito, cõuidandoo pera ir com elle naquella jornada, com todos os Portugueſes que em Pegú auia. E lhe mandou dar muito dinheiro pera repartir por elles, como fez, ajuntando perto de oitenta. Elrey começou logo a marchar neſta forma.

Cada Rey vaſſalo com toda a gente de ſeu reino ya ſeparado a hũa parte, tanta diſtancia vns dos outros, que nunca ſe ajuntauaõ nẽ miſturauaõ: & por tal ordem, que ſempre Elrey de Pegú ficaua no meyo, & o meſmo era ao aſſentar dos arrayaes, por que cada vm o punha ſobre ſi, perto de meya legoa vns dos outros. Só Diogo Soarez de Mello com os Portugueſes, punha ſua eſtancia muito perto da d'Elrey, por que fiaua mais delles a guarda de ſua peſſoa, que de ſeus naturaes.

As principaes peſſoas que neſta jornada ſe acharaõ cõ Diogo Soarez de Mello, foraõ ſeu irmaõ. Dõ Fernando de Noronha filho de vm irmaõ do Marquez de villa Real, clerigo, que foi o que ſe perdeo em Baçaim, ſendo capitaõ da nao do Gouernador Martim Afonſo de Souſa: Ioaõ de Souſa Rates, Athanaſio d'Aguiar, & outros.

Aſsi foi caminhando eſte barbaro Gentio, com tanta mageſtade & grandeza, que excedia a todos os Reys do mũdo, por que nenhũa noite ſe agaſalhaua ſe naõ em caſas muito fermoſas, todas d'ouradas, & lauradas, que cada dia lhe armauaõ de nouo pera iſſo: por que de Pegú lhe leuauaõ a madeira, armaçaõ, tectos, portas, & todo o mais neceſſario, ſobre Alifantes que caminhauaõ ſempre diãte: & na paragem em que Elrey auia de aſſentar o arrayal ſe armauaõ as caſas com tanta breuidade que era eſpanto, por que ſó pera iſſo yaõ mais de dous mil officiaes, ferreiros, carpinteiros, cerradores, pintores, d'ouradores, & todas as mais, & vns armauaõ, outros d'ourauaõ, & pintauaõ, outros forjauaõ pregos, & ferragem: de maneira, que quando ja Elrey chegaua, tinha vns fermoſos paſſos de muitas camaras, varandas, retretes, cozinhas, em que ſe recolhia com ſuas molheres, & os paços todos cercados á roda como hũa fortaleza muito forte. Deixando outra mageſtade de baixellas d'ouro, & pedraria, de caualos a deſtro, de Alifantes ageezados pera ſua peſſoa. De carros triumphantes guarnecidos

necidos & laurados d'ouro, q̃ era hũa machina infinita. Desta maneira foraõ caminhando por via de Martabaõ, que era mais perto.

E chegãdo a vm rio que ali vem embocar (que era vm grande braço do Menaó, q̃ será mais de hũa legoa de largura) mandou Elrey armar hũa ponte sobre barcas surtas a muitas amarras, por causa da grande corrente, pera por ella passar todo o exercito: Que assi na grandeza como na obra, passou pella que mandou fazer Xerses sobre o Elesponto, quando passou a Grecia. Por ella passaraõ aquelles innumeraueis exercitos que o Pegú leuaua, & foraõ caminhando de longo de hũas altissimas serras, quasi vinte & cinco dias, sem acharem passagem pera a outra bãda, q̃ parece serem os montes Mandius de Ptholomeo.

Por este caminho passaraõ os nossos grandes fomes, por que os Pegús, & Bramás, naõ costumaõ leuar nos exercitos mais que arroz por que comem todas as ceuandilhas da terra, folhas, & raizes de aruores. E tanto que assentaõ seus exercitos, logo se metem pellos matos á caça de cobras, lagartos, bogios, vssos, tigres, & de toda a outra cousa peçonhenta, de que fazẽ suas iguarias que comem com o arroz. Mas os Portugueses foraõ comendo á falta de outras carnes, as de Alifantes, caualos, bufaras, & outras aque naõ eraõ costumados.

E no cabo de vinte & cinco dias, q̃ caminhauaõ de longo d'aquellas serras, foraõ dar em hũa quebrada que ali faziaõ, como aquellas dos montes Caspios, que oje chamaõ Derbent. Aqui tinha Elrey de Siaõ feitos vns muros fortissimos que tapauaõ aquella entrada, com vinte & cinco mil homens de guarniçaõ, pera sua defensaõ.

E por que naõ auia outro passo senaõ aquelle, assentou o Bramá sobre elle seu exercito, & cometeo a Diogo Soarez de Mello aquelle negocio, & deulhe Calagoni senhor de Martabaõ com trinta mil homens. Diogo Soarez de Mello mandou assentar algũas peças de artelharia em alguns bastiaẽs que ordenou, com que mandou bater as trãqueiras dos imigos por muitos dias, sem lhe fazer mais dano, que pellos altos, por serem muito fortes. Os nossos quasi que andauaõ desconfiados d'aquelle negocio, & determinaraõ de cometer aquellas tranqueiras por assalto, o que prouaraõ por algũas vezes sem as poderem caualgar, & tanto porfiaraõ que se poseraõ em cima com muito risco seu, por que lhe mataraõ dous companheiros, & feriraõ todos os mais: & dom Fernando de Noronha leuou hũa espingardada pello pescoço, que lho passou de parte a parte, mas naõ perigou, por que lhe naõ tomou a guella. Sobida a tranqueira deraõ os nossos entrada franca as gentes de

de Calagoni, & da outra banda tiueraõ grandes batalhas com os Sioens, em que foraõ desbaratados de todo. Elrey de Pegú paſſou todos os ſeus exercitos por aquella parte, & foraõ caminhando por campos muito grandes, & eſpaçoſos, a te auerem viſta da cidade de Odia, a onde aquelle Rey eſtaua recolhido com ſeis centos mil homens de guerra, prouido de mantimentos, & moniçoens pera dous annos. O Bramá aſſentou o ſeu exercito em hũa parte alta, meya legoa da cidade: & a todos os outros Reys ſeus vaſſalos mãdou, que cada vm por ſi aſſentaſſe o ſeu em torno delle, de ſorte que ficaſſe impedida a entrada & ſaida: & encomendou a Diogo Soarez de Mello a bataria, que fabricou algũas trincheiras em partes mais acomodadas pera baterem a cidade, & nellas mandou aſſeſtar muitas peças de campo, de todas as ſortes.

## CAPITVLO IX.

*Da deſcripſaõ da cidade de Siaõ: & de como o Bramâ a cometeo, ſem fazer couſa algũa: & de como foi contra a cidade de Camambee.*

A Cidade de Odia principal do reino de Siaõ, que he eſta ſobre qne o Bramá eſtá, fica pello rio acima corenta legoas, que he aquelle a que Abrahaõ Hortelio chama Menaó: que pella ſituaçaõ das tauoas de Ptholomeo parece Doris fluuium, cujas bocas elle mete em perto de vinte graos. He eſte rio tamanho, & de tal fundo, que a te a cidade podem chegar jũcos, & naos noſſas, ſerá aqui de largura de meya legoa. E pella margem delle de hũa & outra parte, he todo pouoado de lugares, villas, quintas, palmares, arequaes, & de todas as fruitas da India. Daſe de longo delle muito gengiure, & tantas canas d'aſſucar, que he vm numero infinito, de que fazem muito aſſucar, & vm vinho eſtilado como agoa ardente de que bebem. Ha por eſte rio acima algũas tabancas, que ſaõ como portagens em que ſe regiſtaõ os que vaõ pera a cidade, & pagaõ alguns direitos, & coſtumes. E aſsi meſmo ha muitas varelas, que ſaõ moſteiros, em que viuem ſeus religioſos, & alguns delles muito ſumptuoſos, & dourados pellos tectos & curucheos. Vaza eſte rio ſeis meſes, & enche outros tantos. E no tẽpo das vazantes vaõ os nauios pera cima á toa, por que he muito alcãtilado de ambas as partes. A vazante dece com muito

grande impeto, mas a enchente taõ vagarosa & branda, que se naõ enxerga. E o dia da lũa do derradeiro més, supitamente arrebenta, & alaga todos aquelles campos, muitas legoas á roda, de feiçaõ, que ficaõ duas & tres braças de agoa. E por esta rezaõ tem os Sioens suas pouoaçoens em lugares muito altos, como os moradores do Egypto: & ficaõ no tempo destas inundaçoens em ilheos no meyo do mar, & seruense de hũas pouoaçoens ás outras, com embarcaçoẽs pequenas. Nas costas da cidade que fica pello rio acima da banda do leuante, he a terra mais alta, & posto que se alaga, naõ ha tanto.

No tempo que o rio começa a encher, começaõ os laura doresa laurar suas terras, & a semealas: & quando chegaõ as enchentes, ja o arroz está assasonado, & taõ alto, que ficaõ as espigas por cima da agoa: por que he taõ fertil, q̃ a palha do arroz he taõ grossa como vm dedo: & n'aquelles corenta dias que duraõ estes enchentes, vaõ os lauradores com estas embarcaçoẽs, q̃ saõ infinitas, & nellas muitas festas, & tangeres, a segar, & á cortar as espigas que ficaõ por cima da agoa, & leuaõ as almadias carregadas pera suas pouoaçoens, a onde tem suas eiras. Estes dias saõ os de mayor regozijo seu que todos os mais do anno.

No tempo destas inũdaçoẽs todas as alimarias do mato, veados, gazellas, tigres, vacas brauas, & outros: se acolhẽ aos altos, & ali vaõ os Sioẽs com muitas embarcaçoẽs a cassa, & dellas os estaõ matando as espingardadas, frechadas, & as pancadas, que he hũa cassa de muito gosto & recreaçaõ. E he taõ grande o numero destas alimarias que mataõ, que carregaõ d'ali todos os annos muitos juncos de seus pellames, & os leuaõ a Iapaõ, a onde fazem muito proueito: por que d'aquellas pelles fazem muitos trajos, quimoẽs, & outras cousas muito lauradas, como cada dia vemos trazer á India, de que fazem fermosos caparazoens, bastardas, couras, & outras coriosidades, por que saõ as pelles fermosissimamẽte lauradas.

Quando este rio quer tornar a vazar (que he em outra certa conjunçaõ da lũa) sae Elrey da cidade com todos os seus grandes em muitas embarcaçoens muito d'ouradas, & paramẽtadas cõ muitas festas, tangeres, & instrumentos de toda a sorte, & dizem que vay Elrey lançar a agoa fora, & esta he a sua mayor festa de todas. Tem Elrey mãdado pór vm masto no meyo do rio, guarnecido, & forrado de sedas de cores, & nelle pendurada hũa fermosa joya pera o que mais remar, & chegar primeiro a ella. E postos todos os nauios em ala, arrancaõ a vm sinal que lhe fazem, & vaõ remando a

do á porfia, com tamanhos gritos alaridos, & vozarias, que parece que o mundo ſe funde: & o primeiro que chega, leua o preço. E neſte curſo ſe encontraõ vns com os outros, & ſe quebraõ, & ſe eſpedaçaõ, & deſaparelhaõ dos remos, de maneira, que he hũa confuſaõ muito pera ver de fora. Por onde naõ ſaõ taõ barbaros, que em ſeus jogos, & feſtas, naõ imitem os antigos Troyanos. (Por que da meſma maneira Eneas, quando chegou a Cicilia feſtejou com o curſo de ſuas Galés, pondo corioſos preços pera a mais ligeira.) E depois deſtes Sioens ganharem o preço, tornaõ a voltar pera a cidade com tantas feſtas, gritas, & tangeres, que parece que ſe desfazia o már, & a terra em eſtrondos. Recolhido Elrey á cidade: como n'aquella maré, que he a conjunçaõ que começa vazar a agoa, dizem que o ſeu Rey a foi lançar fora: por que eſtes gentios todos os attributos que ſe deuem a Deos os daõ aos ſeus Reys, & crém que todos os bens lhes vem delles.

Quanto á grandeza da cidade de Odia, naõ ha Portuguez que diſſo poſſa dar verdadeira informaçaõ, por que os naõ deixaõ andar por ella. Mas podeſſe conjeiturar por hũa experiencia que fez vm corioſo, com quem nos communicamos iſto.

Eſte diz, que eſtando n'aquella cidade, deſejando de ſaber a grandeza della, ſe embarcara em hũa d'aquellas embarcaçoens da terra pequena, & muito ligeira, com determinaçaõ de rodear a cidade, (que he toda cercada de agoa) & que partira vm dia de madrugada do bairro dos Portugueſes, & que quando tornara era ja alta noite, & affirmaua que por ſua eſtimatiua andaria mais de oito legoas. He eſta cidade, como agora diſſemos, rodeada do rio, & ella toda cercada de muros de adobes: & naõ fica antre ella & o rio mais, que vm releixo de oito ou noue paſſos. Tem toda á roda fermoſos baluartes, & muitas guaritas, guarnecido tudo de muita, & mũy groſſa artelharia de bronzo. Na face da cidade, a onde as naos ſorgem, tem vm arrabalde que tambem he cercado de muro, com ſeus baluartes, a onde ſe agaſalhaõ os foraſteiros, & he feito a modo de ilha, & ſe diuide da cidade por vm eſteiro, ſobre que eſtaõ algũas pontes pera ſua ſiruintia. Tem eſte arrabalde bairros ſeparados pera todas as naçoens, pera naõ viuerem miſturados, & cada bairro tem ſuas portas com que ſe fecha. A cidade he toda retalhada de braços do rio, que por muitas partes en-

traõ, & tornaõ a ſair por outras ao meſmo rio: & em todas eſtas entradas & ſaidas, tem portas fechadas com cancellas mũy fortes & groſſas, por onde abrindoſſe, entraõ dentro na cidade todas as embarcaçoens pequenas. Ha por dentro muitos & freſcos jardins, hortas, & quintaes, pera ſeus paſſatempos, & outras grandezas que deixamos, por que naõ ſofre a hiſtoria tanto.

E tornando a ella: O Bramá tanto que aſſentou o arrayal, começou a bater a cidade por muitas partes. Elrey de Siaõ, a parte de que ſe mais temia (que era vm baluarte a onde o rio era mais eſtreito, & de menos fundo) a naõ quis fiar ſe naõ dos Portugueſes, que mandou recolher dẽtro, que quaſi ſeriaõ cincoenta: & elegeraõ por ſeu capitaõ Diogo Pereira (de que ja em outra parte falamos, ſogro de dom Pedro de Craſto, irmaõ do Conde do Baſto, & do Arcebiſpo de Lisboa dom Miguel de Craſto, filhos de dom Diogo de Craſto, & de dona Lianor de Taide) que ali eſtaua com hũa nao ſua: que com muito valor & esforço defendeo aquella parte, fazendo della muito dano nos Pegús, & Bramás: & ſem duuida que foraõ os Portugueſes a total occaſiaõ de ſe naõ tomar aquella cidade. E por que as particularidades deſte cerco naõ fazẽ a caſo pera noſſa hiſtoria, as deixamos.

Vendo o Bramá que tinha gaſtado o tempo ſem ter feito couſa algũa: & que ſe yaõ chegando as crecentes do grande rio Menaõ, temendo que ſe o tomaſſem n'aquellas varzeas, o alagaſſem, & ſouerteſſem, teue modo com que mandou cometer os Portugueſes que eſtauaõ dentro, que ou lhe deſſem por ali entrada na cidade, ou deixaſſem de pelejar, & defender aquella parte, (por que niſſo eſtaua entrala elle.) E que lhes daria a todos tantas riquezas, & ouro, que ficaſſem todos bem ricos. A iſto lhe mandaraõ os Portugueſes aquella repoſta que os da cidade de Synania deraõ ao Conſul Bruto quando os tinha cercados, que vendo a conſtancia & valor com que ſe defendiaõ, lhes mãdou pedir hũa ſoma d'ouro, & que leuantaria o cerco, ao q̃ lhe reſponderaõ, que ſeus paſſados lhes naõ deixaraõ ouro pera remirem as vidas, ſe naõ armas pera as defenderem.

Eſta repoſta diz Valerio Maximo, que deſejara que ſaira da boca d'algum Romano, por que naõ era dina de ſer dada por outra algũa naçaõ. Aſsi eſtes valeroſos caualeiros Portugueſes, que eſtauaõ em Siaõ, mandaraõ dizer ao Bramá, que os Portugueſes naõ remiaõ ſuas vidas ſe naõ com as armas: nem vendiaõ ſua lealdade

dade por todo o outro do mundo: que soubesse em certo, que em quanto elles fossem viuos, não entraria elle naquella Cidade. E que ainda depois de todos mortos, & espedaçados (se podesse ser) lha auião de defender.

Vejão logo quanto mais dinos de louuar, & engrandecer foraõ estes, que aquelles Romanos, que estando no capitolio cercados dos Franceses se resgataraõ com ouro.

Vendo o Bramà tão grande desengano, leuantou seu exercito, & foy marchando auante com tençaõ de ir cercar a Cidade de Camade, ou Campape, como lhe alguns chamão, que era a segunda do reyno, & aonde o Sião tinha todo os seus tisouros: & assi de longo daquelle fermoso rio Menao foy caminhando vinte dias, a te chegar àquella Cidade, q̃ era mui to grande, & fermosa, cercada toda à roda com seus baluartes, & guaritas, & com hũa fermosissima caua. Estaua dentro vm Capitaõ Siaõ, com duzentos mil homẽs de peleja, & com todos os prouimentos necessarios pera muitos tempos. O Bramá assentou seus exercitos derredor da Cidade, & deu o cargo de acombater a Diogo Soarez de Mello com os Portugueses, que depois de feitas suas trincheiras, vallos, & repairos, & prantar as peças de artelharia, começou por hũa parte a bater a Cidade, & por outra a entulhar a caua por algũas partes, pera poder chegar a picar o muro: o que tudo de dentro lhe defenderaõ, & atalharaõ com muito fogo, desarmãdo em vaõ todos os trabalhos que naquelle negocio tinhão cometido.

Calagoni senhor de Martabaõ, que era homem muito auisado, & experto, mandou fabricar vm grãda castello de tres sobrados, sobre grandes rodas, & machinas mũy fortes, guarnecido por fora de traues, & mastos mũy grossos, fechados com ferragens fortissimas, pera poderem sustentar a furia da artelharia. E depois de acabado com grande custo, & trabalho, o fez chegar ao muro com os Alifantes, pera por elle o entrar, leuando dentro muitos homens de espingardas, & algũas peças de artelharia, & muitas panelas de poluora, & outros arteficios de fogo. Os de dentro vendo abalar aquella machina (que era hũa cousa espantosa) meterão em algũas bombardas grossas, vns virotoens de pao ferro taõ grossos como entenas, & nas cabeças atrauessadas em cruz, hũas traues grãdes ferradas, & pondo fogo às bombardas, deraõ aquelles virotoens no Castello com tamanho terremoto, que o desfizeraõ por cima, & dandolhe com outros o

acabaraõ de desmanchar,& arruinar de todo. O Bramà andaua afrontado de não fazer naquella jornada algũa cousa notavel, & os nossos tambem andauão bem desconfiados.

Athanasio d'Aguiar, que era vm soldado valeroso, ordenou hũas muito grossas,& fortes mantas,com grandes traues,& tauoens ferrados por cima, & com muitas rodas, com que as fez encostar ao muro, que mandou picar por hũa grande multidaõ de gastadores Pegus,& Bramàs, & começaraõ a fazer alguns pequenos postigos. Os de dentro acodiraõ àquella parte, com muitos artefícios de fogo,que lançaraõ sobre as mantas,& se cõsumiaõ elles sem fazerem nenhum nojo aos que trabalhauaõ. Vendo os Sioens que nada daquillo aproueitaua,por causa das mantas com que se emparauaõ os que trabalhauão debaixo dellas, & que estauaõ arriscados a se perderem por ali, começaraõ a fazer repairos por dentro: & não curando jà do fogo por verem que não empeciaõ com elle aos Pegùs,& Bramásque os tinhaõ cercados,vsaraõ doutro ardil: & este foy que encheraõ muitas jarras de sugidade de gente delida, com ourina, & dãdo com ellas do muro abaixo em cima das mantas se fizeraõ em pedaços, & aquelle sujo.,& fedorento licor coandosse pellas gretas do tauoado, foy calar abaixo, & deu sobre os que trabalhauaõ, & em lhes tocando aquelle fedorento material, largaraõ logo tudo, & se recolheraõ pera as suas estancias por não poderem sofrer taõ mao cheiro, & pasmados daquelle negocio, diziaõ que os Sioens eraõ diabos, porque quando lhes não aproueitauão as armas ordinarias, pelejauaõ com outras, de que nunca outra algũa naçaõ do mundo vsou, & contra quem não auia repairo algum. O Bramà vendo o tempo gastado, depois de passadas as enchentes, leuantou seu exercito, & se recolheo pera seus reynos pello mesmo caminho que leuou.

## CAPITOLO X.

### *De como faleceo o Gouernador Garcia de Sâ, & das partes,& qualidades de sua pessoa.*

DEPOIS que entrou o Inuerno, não se occupou o Gouernador Garcia de Sà em outra cousa mais, que em reformar a armada, & mandar dar pressa aos nauios que tinha começados, visitando os mais dos dias a ribeira, alma-

almazens, & a caſa da poluora. E na entrada do mes de Iulho deſta era de corenta & noue em que andamos, & adoeceo de hũas febre, agudas, & como era homem de ſetenta annos, logo o cortaraõ de feiçaõ, que deu ruins ſinaes de ſua ſaude, & entendendo os Medicos que ſe lhe ya chegando ſeu termo limitado, auiſarão diſſo o Biſpo, pera que lhe diſſeſſe que trataſſe das couſas de ſua alma, como fez. E entendendo elle aquella verdade largou tudo por maõ, & ſe fechou pera tratar do que lhe conuinha, confeſſandoſe muito deuagar, & tomando os diuinos Sacramentos, & depois fez ſeu teſtamento, & comprio com todas as couſas de verdadeiro Chriſtão, & temente a Deos: & aos treze dias do dito mes faleceo deſta vida preſente, com grandes exteriores de arrependimento de ſeus peccados. Eſtiuerão com elle o Biſpo, os Padres de Saõ Franciſco, de Saõ Domingos, & da Companhia, que o cõſolaraõ, & lhe lembrarão as couſas que conuinhão à ſua alma. Foy ſua morte muito ſentida de todos, porque era fidalgo muito brando, afabel, humano, & tão deſintereſſado, que com auer ſido duas vezes Capitam de Malaca, & hũa de Baçaim, & vm anno Gouernador da India, não tinha de ſeu mais que o dote que deu a ſuas filhas, que não paſſou de vinte mil cruzados a cada hũa. Falecido o Gouernador ſe abrio ſeu teſtamento, & acharam por ſeus teſtamenteiros ſeus genros. Mandaua que ſeu corpo foſſe enterrado na Capella mór de Noſſa Senhora do Rozairo, no chão ao pè da ſepultura de ſua molher dona Catherina, & que foſſe veſtido no habito do Padre São Franciſco, como ſe fez. Foy acompanhado de todas as Ordens, Cabidos, & fregueſias, & de todos os fidalgos veſtidos de preto, & da Irmandade da Miſericordia.

Foy eſte fidalgo filho de Ioam Rodriguez de Sá, o primeiro Alcayde mòr do Porto: era homem de boa eſtatura muito gẽtil homẽ, & tam alegre, q̃ alegraua a todos: tinha hũa muito alua, & veneranda barba, q̃ lhe daua pellos peitos, foi homem de muita verdade, grande conſelho, & muito zeloſo do ſeruiço del Rey: foi de muito boas repoſtas, & nunca deu eſcandalo publico em quanto andou na India, ſenão aquelle da mãy de ſuas filhas, antes que a recebeſſe por molher. Fez de nouo cinco ou ſeis Galeoens, & Carauelas, & muitas fuſtas: mandou reformar as fortalezas de Ormuz, Diu, & Cananor. Deixou nos almazens duas mil eſpingardas, que mandou fazer em Cochim, Coulam, & Ceilam, & em outras partes. Fez de nouo a caſa da poluora onde oje eſtà, proueoa

de nouos engenhos, & encheo os almazens de mantimentos, Cotonias, Cifas, remos, & de tudo o mais. Não fez diuidas no estado, & pagou algũas velhas. Não ficou delle posteridade no mundo mais que sua bisneta dona Ioana de Noronha, filha de dom Garcia de Noronha seu neto (como pouco ha dissemos) que por não ter sua mãy dote que lhe dar a meteo freira no Mosteiro de Aueiro, segundo nos disserão. Não deixou este Gouernador morgados na terra, que he final, que lhos teria o Senhor guardados no Ceo, onde sua alma iria descançar perpetuamente. Gouernou vm anno, & vm mes, & sete dias.

*Fim do Setimo Liuro.*

---

LIVRO

# LIVRO OITAVO
# DA SEXTA DECADA
## DA HISTORIA DA INDIA.

### CAPITVLO I.

*De como por morte do Gouernador Garcia de Sà, ſocedeo na gouernança da India Iorge Cabral. E da armada que eſte anno de corenta & noue partio do reino, de que era capitaõ môr dom Aluaro de Noronha.*

LEVADO o corpo do Gouernador Garcia de Sá a noſſa Senhora do Roſairo, depois de ſe lhe fazer o officio muito ſolennemente. Primeiro que foſſe enterrado, abrio o veador da fazenda o cofre em que eſtauaõ ainda duas ſoceſſoens da gouernança da India: de cinco que Elrey tinha mãdado na armada de Manoel de Mendoça,& tirou a coarta, (por q̃ na terceira tinha ſocedido Garcia de Sá.) E deu a ao capitaõ dom Franciſco de Lima,que com o Licenciado Antonio de Barbuda, Ouuidor geral da India a examinou,pera ver ſe ſe tinha nella bolido, & achandoa pura, & ſem ſe nella tocar, a deu ao Secretario q̃ a abrio, & lendoa alto ſe achou nella Iorge Cabral, que eſtaua por capitaõ de Baçaim, o que todos eſtimaraõ muito, por que era vm fidalgo em que auia todas as partes neceſſarias pera o cargo. E vẽdo que eſtaua em Baçaim,donde naõ podia vir ſe naõ em Setembro, ſe abrio o regimento que na India auia ſobre eſte negocio, & ſe achou que mandaua Elrey, que ſocedendo algum Gouernador nas vias,eſtando fora de Goa, desdo cabo do Comorim, a te a ponta de Diu, ſe eſperaſſe por elle: & entre tanto gouernaſſe a India,o Biſpo, capitaõ da cidade, & ouuidor geral: & que eſtando deſtes limites pera fora ſe naõ eſperaſſe por elle, & ſe abriſſe a outra ſoceſſaõ (o que Elrey mandou ordenar depois d'aquellas grãdes differenças que ouue antre Pero Maſcarenhas, & Lopo Vaz de ſaõ Payo, como temos contado na coarta decada, no capitulo ſexto, do liuro ſegũdo.) E por que o Biſpo, dom Franciſco de Lima, & o Ouuidor geral eſtauaõ preſentes, lhes fez o Veador da fazenda entrega da India,a te vir o Gouerna-

dor

dor Iorge Cabral,de que ſe fez vm termo,em que todos ſe aſsinaraõ. Paſſado iſto, foi o corpo do Gouernador Garcia de Sá enterrado, & os regentes ſe recolheraõ,& começaraõ a correr com as couſas do gouerno. E deſpidiraõ logo correos por terra com cartas pera o Gouernador,em que lhe faziaõ a ſaber de ſua ſoceſſaõ. Eſtas cartas lhe chegaraõ primeiro que ſe acabaſſe o més de Iulho:& vẽdoas elle,& ſabendo da morte do Gouernador Garcia de Sá, & de ſua ſoceſſaõ,ſintio muito ſua morte,& naõ ſe aluoroçou com a gouernãça, antes eſteue pera a naõ aceitar: por que ſe as cartas que ſe mandaraõ por terra a Elrey, da morte do Viſorrey dom Ioaõ de Caſtro, chegaraõ antes das naos ſerem partidas, ſem duuida viria Gouernador nellas: & quando naõ,naõ poderia faltar no Setembro ſeguinte. E que pera ſe arriſcar a naõ ſer Gouernador mais que vm més, ou quando muito vm anno, muito milhor lhe era deixarſe eſtar em Baçaim,& acabar coatro annos, q̃ tinha d'aquella capitania,& irſe pera o reino com couſa com que podeſſe viuer, & naõ depois de Gouernador embarcarſe pobre, & ſẽ couſa algũa: & aſsi ficou ſuſpenſo, ſem ſe ſaber determinar. Mas ſua molher que era vaam,como o ſaõ todas,lhe diſſe, que milhor era ſer quinze dias Gouernador da India que dez annos capitaõ de Baçaim: & que ja Elrey lhe ficaua em mais obrigaçaõ,& lhe auia de fazer differentes honras & merces. A cidade de Baçaim acodio logo ao nouo Gouernador, & lhe fez muitas feſtas, & elle ſe começou a negociar pera ſe partir pera Goa, mandando pera iſſo armar alguns nauios muito ligeiros, em que ſe embarcou aos oito dias de Agoſto, & aos quinze dia de noſſa Senhora da Aſſumpſaõ chegou á barra de Goa,& deſembarcou em Pãgim,a onde os regentes lhe foraõ entregar a India : & depois entrou na cidade a onde ſe lhe fez o recebimento coſtumado, & começou a entender nas couſas do gouerno. E a primeira que fez foi deſpachar Franciſco Barreto pera ir entrar na capitania de Baçaim, de que era prouido: & mandou dar preſſa á armada,& lançala ao már,por que determinaua ir a Cochim,por andarem as couſas d'antre o Camorim,& Elrey de Cochim muito rotas, & os odios antigos muito aceſos.

E ſendo alguns dias paſſados de Setembro, ſorgiraõ na barra de Goa coatro naos de cinco que do reino partiraõ, de que era capitaõ mór dom Aluaro de Noronha, filho do Viſorrey dom Garcia de Noronha que vinha deſpachado com a capitania de Ormuz. Os mais capitaens de ſua cõſerua,eraõ Diogo de Mendoça, Iacome Triſtaõ,& Ioaõ Figueira. Da outra q̃

faltaua, era capitaõ Diogo Botelho Pereira, o que foi na fusta ao reino, (como na quinta decada, no capitolo segundo, do primeiro liuro fica dito) que em Outubro foi tomar Cochim. Vinha com elle embarcado Rax Nordin, filho de Rax Xarrafo Guazil de Ormuz (q̃ o pay mandou pera Portugal na armada de Lourenço Pirez de Tauora, como no principio desta decada se vé, no capitulo terceiro, do coarto liuro que esteue tres annos no reino com grandes gastos, & despezas: & sempre lhe fez Elrey tantas honras, que nos seroens reais o mandaua assentar nos degraos do estrado com os filhos do Duque de Bargança: & seruia hũa dama d'aquellas, a que mandaua muitas peças & brincos, muito ricos, & coriosos, & ella o fauorecia pello honrar. E depois de ser Guazil de Ormuz, foi áquella fortaleza vm irmaõ desta senhora, mancebo o mais gentil homem de seu tempo, & sabendo o Guazil delle o foi buscar, & lhe deu muito dinheiro, & peças ricas. Despachou Elrey a Rax Nordin, com os cargos de Guazil do reino de Ormuz, & com o de juiz da alfandega d'aquella cidade, asi como seu pay os tinha, por sua morte.

Este Diogo Botelho Pereira por aquella ida que fez ao reino na fusta, naõ lhe quis Elrey respóder muitos annos a seus requerimentos, & depois lhe deu a capitania de saõ Thome, onde adoeceo de hidropesia, & engrossou tã-to como vm tonel, & se foi pera o reino, & este anno o despachou Elrey com a capitania de Cananor, & se embarcou asi enfermo, & grosso, & affirmauase que bebia dous almudes d'agoa cada dia. Entrou logo na sua capitania que naõ logrou, por que morreo no primeiro anno.

Antes que esta armada partisse do reino, foi Elrey auisado que em Espanha se faziaõ cinco naos prestes pera passar a Maluco, & q̃ o capitaõ mor dellas era o mesmo Fernaõ de la Torre, que Fernaõ de Sousa de Tauora trouxe de Maluco, & que os outros capitaens eraõ don Alonso Anriques, Pero Pacheco, Gonçalo de Aualos, & Ioaõ Gayetano: que todos tinhaõ ido a Maluco em companhia de Ruy Lopez de Villalobos. Disto auisou Elrey ao Gouernador, & lhe mandou que prouesse n'aquellas cousas, & que mandasse hũa armada a Maluco: o que elle determinou fazer como fosse tempo. E por q̃ a costa do Malauar naõ ficasse desemparada, despidio por capitaõ mór della, Frácisco de Siqueira o Malauar (de quem muitas vezes temos falado na quinta decada nos socorros do primeiro cerco de Diu, sendo capitaõ d'aquella fortaleza o grande Antonio da Sylueira) que era grande capitaõ, & entendia a guerra muito bem: & tinha

& tinha deſtroido o Malauar, como quem ſabia as entradas & ſaidas: & pellos muitos ſeruiços que tinha feitos ao eſtado, o fez Elrey dom Ioaõ fidalgo, & lhe mandou o habito de Chriſto com boa teça. Leuou doze nauios, com que andou a mór parte do veraõ por aquella coſta, fazendolhe toda a guerra que pode. E o Gouernador ficou dando deſpacho, a outras muitas couſas, & auiamento ás naos, pera irem tomar a carga a Cochim.

## CAPITOLO II.

### *De como o Rey da Pimenta ſe paſſou â parte do Camorim perfilhandoſſe com elle: & do recado que o Gouernador teue diſſo.*

OS Reys de Cochim (como ja algũas vezes temos dito) ficaõ tendo antre toda aquella gentilidade do Malauar, toda a ſuperioridade no eſpiritual, como Bragmane mór que he. E por vm muito antigo coſtume, que naõ podemos bem auerigoar, ſaõ obrigados os Reys da Pimenta a lhe darem ſuas molheres & filhas pera as leuarem de ſua honra, que he a mayor que ſe lhes pode fazer, quãdo caſaõ. Por que todos eſtes Gentios do Oriente tiueraõ ſẽpre em ſeus coſtumes, o intento em ſuas delicias & torpezas: que naõ pode ſer mayor na vida, que quando eſtas Princeſas caſaõ, entregarẽnas primeiro ao Rey, que a ſeus maridos, auendo que com iſſo ficauaõ purificadas. E aſsi depois diſto, todos os filhos que ellas parem, ſejaõ cujos forem, ſaõ auidos & perfilhados pello Rey de Cochim, & elle os recolhe & cria como filhos. E como o Principe de Bardela ſe criaua por eſta rezaõ com Elrey de Cochim, tinha tanta amiſade com os Portugueſes, que ya a Cochim ver as feſtas, touros, & canas: por que naquelle tẽpo, tudo eraõ regozijos, & deſenfadamentos. E aſsi eſte veraõ paſſado, parindo a molher do Rey da Pimenta mãy d'aquelle Principe, foi Franciſco da Sylua capitaõ de Cochim, com todos os caſados a Bardela onde reſidia, & lhe feſtejou o parto com lhe jugar as canas, & com outros paſſatempos, & algũas vezes foi ajudar aquelle Rey nas guerras que tinha contra Elrey de Porcá ſeu vizinho, tudo á conta d'Elrey de Cochim.

Eſte Principe que ja era Rey da Pimenta, por certos agrauos que teue d'Elrey de Cochim que o criara como pay, determinou de ſe paſſar á parte do Camorim, pera o que ſe carteou com elle, & tratou de ſe verem, o que o Camorim grangeou muito, & lhe mandou

dou ſobre iſſo cartas mũy hõroſas, & de grandes offerecimentos,com que elle ſe fez preſtes pera ſe paſſar a Calecut.

Deſtes tratos foi auiſado Elrey de Cochim,& o capitaõ,que ſintio muito aquelle negocio, & tratou de o impedir por todas as vias que podeſſe,pello grande perjuizo que ſe ſeguiria ao eſtado d'aquellas liãças: por que ſe aquelles Reys ſe ajuntaſſem, ſeria total deſtruiçaõ do reino de Cochim, & ficariaõ as naos do reino ſem terem porto, nem eſcalla a onde foſſem carregar, nem a pimenta que era o mais importante de tudo,por que logo os Mouros a auiaõ de auer toda pera ſi, & paſſala a Meca, que era o que elles muito pretendiaõ, por que com a noſſa entrada na India lhe arrancamos das maõs aquelle,trato,com que todos vieraõ a empobrecer. E lançando Franciſco da Sylua ſuas contas a tudo, ſe foi ver com Elrey de Cochim ſobre aquelle negocio,& o perſuadio a emendar os agrauos de que ſe o Principe queixaua,ao q̃ Elrey diſſe,que faria tudo o que naquelle negocio lhe pareceſſe bem, & que tomaſſe elle á ſua conta acabalo com elle.

Com eſta repoſta ſe paſſou logo Franciſco da Sylua a Anche queimal, a onde áquelle Principe eſtaua,& o foi viſitar. E no diſcurſo da viſita lhe pedio,que ſe deceſſe da opiniaõ em que eſtaua, & que ſe lembraſſe que Elrey de Cochim era ſeu pay, & que o criara ſempre com muito amor: que naõ era rezaõ que por pequenos agrauos fizeſſe taõ grande mudança, como paſſarſe ao Camorim, que era o mór imigo que tinha,que elle acabaria com elle que o ſatisfizeſſe em tudo, & que lhe lembraua a muito antiga amizade q̃ tinha com os Portugueſes, que ſempre ſe moſtraraõ grandes ſeus amigos, & o ſeruiraõ em todas ſuas guerras contra ſeus vizinhos: & que pella meſma rezaõ q̃ ficaſſe imigo d'Elrey de Cochim, ficauiaõ os Portugueſes ſeus delle,& cõ iſto lhe diſſe outras muitas couſas. Mas o Principe como eſtaua cõ aquelle apetite, diſſe q̃ elle entendia mũy bem o que lhe importaua aquelle negocio, & q̃ ja ſe naõ auia de decer de ſua opiniaõ. Vendo o Franciſco da Sylua taõ reſoluto, & determinado,lhe diſſe q̃ d'ali por diãte teria o eſtado por ſeu imigo,& q̃ como a eſſe lhe faria toda a guerra que podeſſe por már & por terra, a te o deſtruir de todo. E apartandoſſe delle mandou logo apregoar guerra a fogo,& a ſangue. E deſpidio Fernaõ Rodriguez de Mariz cõ algũas embarcaçoẽs pera tomar os paſſos por onde aquelle Principe auia de paſſar pera Calecut. O q̃ elle fez de feiçaõ,que naõ tendo aquelle Principe outro remedio paſſou ſó & diſfarçado pello pé do Gate,& aſsi foi ter a Calecut, a onde

o Camorim o recebeo com muitas honras,& fez cõ elle nouas perfilhaçoens por esta maneira.

Que elle perfilhaua o Camorim em seu principe, herdeiro de seu reino por sua morte, posto q̃ ja tinha Principe herdeiro: & que o Camorim perfilhaua o Principe herdeiro do reino da Piméta em Principe segundo herdeiro do Imperio de Calecut por falecimento do Principe seu sobrinho, que era o direito herdeiro. O que o Principe da Pimenta pello muito que ganhaua se viesse a ser herdeiro do reino de Calecut, por que pella mesma rezaõ o ficaua sendo tambem do reino da Pimenta. A estas perfilhaçoens se fizeraõ grandes festas em Calecut, a que acodiraõ todos os Principes Malauares do bando do Camorim. Francisco da Sylua despidio logo vm nauio muito ligeiro, com cartas ao Gouernador Iorge Cabral, em que lhe daua conta de todas aquellas cousas, & que era necessario acodir a ellas em pessoa, por que começaua a auer impedimentos nos rios por onde corria a pimenta.

Elrey de Cochim começou a ajuntar suas gentes pera acodir áquellas cousas, pello muito q̃ lhe importaua.

(∴)

## CAPITOLO III.

*De como o Gouernador Iorge Cabral partio pera Cochim: & das cousas que passaraõ naquella cidade, em quanto nella esteue: & de como Elrey da Cota lhe mandou pedir socorro contra o Madune.*

POVCOS dias depois das naos do reino chegadas, teue o Gouernador cartas de Francisco da Sylua capitaõ de Cochim, em que lhe daua conta das alteraçoens q̃ auia antre aquelles Reys, do que ficou enfadado por que bem entendia que eraõ trabalhos que se leuantaraõ contra o Estado,& que lhe era necessario acodir a isso em pessoa: por que receou q̃ se o naõ fizesse,naõ aueria carga de pimenta pera as naos,& mãdou dar pressa a toda a armada. E na entrada de Outubro despidio Bastiaõ de Sá,o Capeca, por capitaõ mór do Malauar, com hũa galé, & vinte nauios de remo,de cujos capitaens naõ achamos os nomes, & elle ficou dãdo despacho ás naos pera as despidir pera Cochim como logo fez por todo Outubro. O Gouernador deu expediente a muitas cousas outras, & começouse a embarcar, entregando o gouerno a o

Bispo,

Biſpo,& ao capitaõ da cidade, & ao Ouuidor geral que era o Licẽciado Chriſtouaõ Fernandez, & meado o mẽs de Nouembro deu a vela,leuando antre Galeões,Carauelas,& Galés mais de trinta, & de nauios de remo perto de ſeſſenta. Os capitaens que neſta jornada o acompanharaõ nas vazilhas grandes & galés, (por que aos das fuſtas naõ achamos os nomes (ſaõ os ſeguintes.

Dom Antonio de Noronha filho do Viſorrey dom Garcia de Noronha: dom Ioaõ Anriques, Iorge de Mendoça,Ioaõ de Mendoça Caſſaõ,outro Ioaõ de Mendoça o Chú,dom Iorge doCraſto, Pantaliaõ de Sá, Martim Afonſo de Mello Pereira o Ombrinhos, Manoel de Souſa de Sepulueda, Martim Afonſo de Miranda, Frãciſco de Mello Pereira, Fernaõ de Souſa de Caſtello branco, Gonçalo Vaz de Tauora, Pero Botelho, Fernaõ Gomez de Souſa,Belchior Botelho, que ya por veador da fazenda da carga das naos, Pedro Afonſo d'Auelar,Diogo Botelho, Nuno Aluarez Carneiro, eſcriuaõ da matricola, que ya em hũa Carauela, com todos os officiaes d'aquelle cargo, pera em Cochim fazerem os deſpachos dos officiaes das naos, & de outras peſſoas que ſe yaõ pera o reino, (por que todos os annos yaõ lá eſtes officiaes a iſſo, por ſe auer por milhor auiamento das partes (por que como todos os homẽs de todas as partes da India q̃ ſe querem ir pera o reino vaõ buſcar as naos a Cochim achauaõ ali ſeus deſpachos.

Partido o Gouernador foi em poucos dias a Cochim, & tomou caſas em terra,começando a entẽder na carga das naos: mas como o Rey da Pimenta eſtaua lançado com o Camorim, começou a faltar, por que ſe impidia a paſſagem della pello rio abaixo, por Mouros que eſtauaõ em vm forte. O Gouernador mandou vm capitaõ,a que naõ achamos o nome,cõ quinhentos homẽs pera os tirar d'ali,o q̃ elle fez,cometẽdoos hũa madrugada: & poſto q̃ achou muita reſiſtencia, por ſerem os de dentro mais de oito centos, foi o forte entrado, & os mais dos Mouros metidos á eſpada, & o forte derribado,queimado,& poſto por terra: ficãdo eſte capitaõ naquelles rios,fauorecẽdo à paſſagẽ aos mercadores,q̃ traziaõ a pimẽta de cima da ſerra, & ao pé a embarcauaõ em tonẽs, em q̃ a leuauaõ ao pezo,& feitoria d'Elrey, mas naõ corria tanta quanta era neceſſaria.

Naõ auia muitos dias q̃ o Gouernador era chegado,quãdo lhe veyo vm Embaixador d'Elrey da Cota, q̃ como vaſſalo d'Elrey de Portugal,lhe mandaua pedir com muita piedade o quiſeſſe ſocorrer, porque eſtaua no derradeiro eſtremo de perder ſeu reino: por que o Madune,Rey de Ceitauaca ſeu ir-

maõ lhe tinha tomado a mór parte delle, & o tinha cercado na cidade da Cota, em muito risco de se perder: que aquelle reino era de seu neto, que Elrey de Portugal lhe tinha concedido, & o aleuantara na cidade de Lixboa por herdeiro delle, & que o Madune lho queria tomar, que lhe pedia o socorresse com muita gente, que elle daria logo dez mil cruzados em pimenta pera a carga de hũa nao de Portugal, que entregaria ao capitaõ mór que la fosse: & que daria mais de pareas cento & cincoẽta bares de canela, alem dos trezẽtos que ja pagaua, & que daria logo dez Alifátes pera o seruiço das ribeiras das armadas d'Elrey de Portugal.

Ouuida a embaixada pós o Gouernador aquellas cousas em conselho dos capitaens & fidalgos, que assentaraõ todos, que se deuia de dar socorro áquelle Rey, tanto porque era vassalo do de Portugal, & pellos partidos que offerecia: quanto por atalhar que o Madune se naõ viesse a fazer senhor d'aquella ilha, por que daria muito grande trabalho ao estado, & Elrey de Portugal perderia os proueitos que della tinha.

Concluido isto elegeo o Gouernador pera aquella jornada dom Iorge de Castro seu tio, irmaõ de sua mãy, & lhe nomeou seiscentos homens, em que entrauaõ muitos fidalgos & caualeiros: & mandou negociar os nauios q̃ auia de leuar, pera cujas despezas deu logo o Embaixador os dez mil cruzados q̃ offereceo. O Gouernador mandaua dar pressa á armada, & ás naos, que tudo determinaua despidir entrada na de Ianeiro.

Socedeo neste tempo andar Iacome Tristaõ capitaõ de hũa das naos fazendo seu negocio na rua direita vm dia pella menham: & estando bem descuidado prepassou por elle vm homem em trajos de escrauo, & deulhe com hũa machadinha pello rosto tamanho golpe, que lhe derribou ambos os queixos, & decendo as guellas lhas cortou, caindo logo morto no chaõ: & o que lhe deu escoouse por antre a gente de feiçaõ, que nunca mais apareceo. O Gouernador sintio muito aquillo, & mandou tirar grandes inquiçoens sobre o caso, mas nunca se achou rasto de cousa algũa. Sospeitousse que lhe nacera aquillo de vm Christouaõ de Crasto, que com elle viera na nao, com quem teue hũas palauras na viagem. Este homem na volta destas naos o mandaua Elrey leuar preso pera o reino, de que elle parece foi auisado, & se meteo frade. Depois no anno de cincoenta & oito, indo pera o reino cõ dom Luis Fernandez de Vasconcellos (quãdo se perdeo na ilha de saõ Lourẽço, como em seu lugar diremos) ficou na nao com outros

frades, por que querendoos dom Luis Fernandez de Vaſconcellos tomar no batel, naõ ſe quiſeraõ ſair da nao por ficarem confeſſando & conſolando os que ficauaõ nella,onde todos acabaraõ. A capitania deſta nao deu o Gouernador a Ioaõ de Mendoça o Chú, que ſe foi nella pera o reino. O Gouernador deu preſſa á carga,& á eſcritura do reino, & a te dez de Ianeiro deſpidio as naos, que tiueraõ taõ boa viagem, que todas chegaraõ a ſaluamento a Lixboa, por todo o més de Iulho: tendo Elrey deſpidido no Março paſſado a dom Afonſo de Noronha por Viſorrey da India, como logo adiante diremos.

## CAPITVLO IIII.

*De outro recado que o Gouernador Jorge Cabral teue de Ceilaõ do Principe de Candea. E de como dom Jorge de Craſto partio pera Ceilaõ. E do que o Gouernador fez em Cochim a te ſe recolher. E do que aconteceo a Baſtiaõ de Sâ no Malauar.*

DESPEDIDAS as naos, ficou o Gouernador dãdo preſſa á armada de dõ Iorge pera a deſpidir logo. E tendoa ja preſtes lhe chegaraõ cartas dos padres de ſaõ Franciſco,que eſtauaõ no reino de Candea, em que lhe pediaõ que mandaſſe algũa gente em fauor do Principe d'aquelle reino, por q̃ ſe queria fazer Chriſtaõ. E por que he neceſſario darmos particular rezaõ das couſas deſte Principe o faremos. Tinha eſte Rey de Candea vm filho legitimo,chamado Caralea bandar, que era herdeiro do reino. Eſte Principe teue maneira com que fez com o pay, que ſoltaſſe os frades de ſaõ Franciſco (que prendeo, quando Antonio Moniz Barreto foi áquel le reino, como atras temos contado no capitulo oitauo do coarto liuro) que tomou taõ grande amizade com frey Paſcoal, q̃ era ſeu cõmiſſario,q̃ o cometeo o padre pera ſer Chriſtaõ, pregandolhe muitas vezes das couſas de noſſa fé, a que ſe elle ya inclinando, & afeiçoando,de maneira, que lhe naõ faltaua mais que receber a agoa do ſancto Bautiſmo. Diſto foi o pay auiſado, & tratou de matar o filho, & de dar o reino a outro baſtardo que tinha, chamado Comar ſinga Adaſana, a que queria muito grande bem. Deſtas couſas teue o Principe atoardas, ou auiſo, de dentro da caſa do pay. E querendo fogir a ſua ira tomou comſigo os frades,& ſe foi pera hũa ſerra do reino de Huná, & com muita gente que o ſeguio, fazia d'ali guerra ao pay.

De todas eſtas couſas auiſaraõ os padres ao Gouernador, por aquellas cartas que lhe mandaraõ, pedindolhe que mandaſſe ſocorrer áquelle Principe contra o pay que lhe queria tomar o reino, & dalo a outro, por que ſe queria fazer Chriſtaõ. Iſto eſtimou o Gouernador muito, & deu por regimento a dom Iorge de Caſtro, q̃ tanto q̃ acabaſſe as couſas de Ceitauaca, paſſaſſe ao reino de Cãdea, & caſtigaſſe aquelle Rey, pella traiçaõ de que vſou cõ Antonio Moniz Barreto.

Anno 1550.

Eſta armada partio na entrada deſte Ianeiro do anno de cincoenta, em que com o fauor diuino entramos, & a nenhum dos capitaẽs, & peſſoas principaes que neſta jornada ſe acharaõ ſoubemos os nomes, & de ſua jornada adiante daremos rezaõ.

Partida eſta armada tratou o Gouernador cõ Elrey de Cochim ſobre as couſas que compriaõ, pera ſe atalharem as pretençoens do Rey da Pimenta & Camorim. E por que ja naõ auia outro meyo, ſenaõ leuar o negocio por guerra, aſſentaraõ como ſe lhe auia de fazer: encarregando ao capitaõ, fazerlhe por már toda a que podeſſe, pera o que lhe deixou nauios, & gente, pera andarem por aquelles rios. E que Elrey de Cochim, cõ todos os ſeus aliados, lha fizeſſem por terra.

Aſſentadas eſtas couſas, & ordenadas, ſe deſpidio o Gouernador d'Elrey, & a cidade, & ſe embarcou pera Goa, deixando de Cochim a te Panane, Fernaõ Rodriguez de Caſtello branco, com oito nauios, & pera ſe recolher a inuernar a Cochim, & Baſtiaõ de Sá cõ a ſua armada na coſta, a onde andaua, & elle chegou a Goa no fim de Ianeiro.

Baſtiaõ de Sá andou pella coſta do Malauar todo o reſto do veraõ, fazendo ao Camorim toda a guerra que pode, dandolhe em muitas pouoaçoens, & tomãdolhe muitos nauios, & defendendolhe os mantimentos de feiçaõ, que pós aquelle reino em muitas neceſsidades. E ſendo tempo de ſe recolher a inuernar a Goa o fez: paſsãdo pella coſta do Canará, onde recolheo as pareas q̃ aquelles Reys coſtumauaõ a pagar. Só os Chatins da cidade de Barcelor ſe refuſaraõ a dar ſetecentos fardos q̃ lhes pediaõ, dizendo que elles naõ tinhaõ obrigaçaõ algũa, q̃ os obrigaſſe a iſſo, nem elles eſtauaõ penhorados a elles, nem por pareas, nem por contratos de pazes: por que ſe alguns annos os pagaraõ, foi por que de ſuas proprias vontades offereceraõ ao Gouernador Martim Afonſo de Souſa aquelles ſetecentos fardos d'arroz, em modo de ſeruiço, & naõ de obrigaçaõ: que quando lhes moſtraſſem algũa ſua, entaõ naõ tinhaõ que fazer.

fazer. Baſtiaõ de Sá lhes mandou dizer, que baſtaua a poſſe em que Elrey eſtaua de oito ou noue annos: & que pois elles todos eſſes annos os pagauaõ aos outros capitaens mores, elle ſe naõ auia de leuantar de ſobre aquelle porto ſem os leuar. Vendo os Chatins & gouernadores da cidade aquella determinaçaõ, lhe mandaraõ os ſete centos fardos de arroz. E logo deſpidiraõ dous procuradores homẽs antre elles principaes, chamados Trametim Chatim, & Drimy Chatim, pera irem tratar aquelle negocio com o Gouernador.

Eſtes homens foraõ a Goa, & o Gouernador Iorge Cabral os ouuio mũy bem, & elles em nome de ſua republica lhe diſſeraõ, que os capitaens mores do Malauar os obrigauaõ a lhe darem ſetecentos fardos de arroz cada anno, naõ tẽdo elles obrigaçaõ algũa pera iſſo, mas ſomẽte, por que de ſuas liures vontades os deraõ, & offereceraõ ao Gouernador Martim Afonſo de Souſa, de ſeruiço. E por que elles deſejauaõ de ter paz & amizade com o eſtado da India, & ſeus gouernadores, & eſtarem debaixo de ſua guarda & emparo, q̃ auiaõ por bem os regedores d'aquella cidade de Barcelór, de darem, & pagarem cada anno de pareas quinhentos fardos de arroz, pera ajuda das armadas: & que os pagariaõ em Outubro (que era o tempo em que a nouidade ſe recolhia) O Gouernador vendo ſuas rezoẽs, & ſabendo da caſa dos contos, que naõ auia obrigaçaõ algũa dos ditos fardos de arroz, lhe aceitou os quinhentos fardos, de que os procuradores d'aquella cidade lhe fizeraõ ſuas obrigaçoẽs: & o Gouernador lhe paſſou carta de vaſſalagem, em que ſe obrigaua elle, & todos os Gouernadores da India, a fauorecerem os moradores d'aquella cidade: & que lhe naõ ſeria feito agrauo, nem ſem rezaõ algũa, & que lhes dariaõ ſeguros, & cartazes pera ſuas naos, & nauios poderem nauegar por aquella coſta ſeguramente. Com iſto ſe deſpidiraõ os procuradores, ſatisfeitos, & contẽtes. E correraõ d'ali por diante os regedores d'aquella cidade com a obrigaçaõ deſtas pareas muito bem: ſem nunca deixarem de as pagar.

## CAPITVLO V.

*De como o Gouernador Jorge Cabral deſpachou dom Aluaro de Noronha pera entrar na fortaleza de Ormuz: & da armada que mandou em ſua companhia, de que foi por capitaõ môr Luis Figueira. E das nouas que a Goa vieraõ de Galês: & de como o Gouernador mandou Gonçalo Vaz de Tauora a eſpia-*

*espialas. E da armada que mandou a Maluco, de que foi por capitaõ môr, dom Rodrigo de Meneses.*

CHEGADO o Gouernador a Goa, tratou logo de despachar dom Aluaro de Noronha, filho do Visorrey dom Garcia de Noronha, pera ir entrar na capitania de Ormuz. E por que andauaõ hũas nouas surdas de Galés, sem se saber donde vieraõ, ordenou de mãdar hũa armada ao estreito, pera ficar inuernando em Ormuz, pera segurar aquella fortaleza. E mandou negociar dez nauios de remo, elegendo pera esta jornada Gil Fernandez de Carualho, irmaõ de Ruy de Sousa de Carualho, que os Mouros mataraõ em Tangere. E depois de lhe ter prometido esta armada, desejou de a dar a Luis Figueira, filho do estribeiro mór do Iffante dom Luis: & diziaõ q̃ pello tirar de Goa, por respeitos que se calaõ: & pera isto negou a Gil Fernandez de Carualho, cousas, & prouisoens que lhe pedia, porque elle desgostasse da jornada, como fez, enjeitandoa ao Gouernador, que era o que elle muito desejaua: & logo a deu a Luis Figueira, & mãdou dar pressa a seu auiamento. Gil Fernandez de Carualho q̃ era vm fidalgo muito pontual, vendo que todauia o Gouernador descõcertara com elle, & dera a armada a outro, (por que naõ sabia a rezaõ que naquelle negocio ouue, por q̃ só estaua no peito do Gouernador) como aquelle negocio era de Galés, naõ querẽdo que dissessem, que deixara hũa jornada contra Turcos, por pontos leues, fretou vm nauio de remo, & ajuntou corenta soldados, a quem pagou de sua casa, & fez todos os mais gastos, pera ir em companhia de Luis Figueira, inuernar a Ormuz.

O Gouernador despachou dom Aluaro de Noronha, & lhe deu vm Galeaõ com muitas moniçoẽs, & juntamente com elle despidio Luis Figueira, com a sua armada, q̃ todos deraõ á vela em Março, indo em sua companhia Gil Fernãdez de Carualho, & em poucos dias chegaraõ a Ormuz. Dõ Manoel de Lima lhe entregou a fortaleza por ter ja acabado seu tempo: & Luis Figueira andou por aquelle estreito de Baçorá o resto do veraõ, & depois se recolheo a Ormuz, ficando Gil Fernandez de Carualho naquella fortaleza, dando mesa a todos os soldados que leuou á sua custa, sem querer tomar cousa algũa da fazenda d'Elrey pera isso.

O Gouernador depois de despachar esta armada pera Ormuz, começou a negociar outra pera Maluco, contra os Castelhanos, por que assi lho mandaua Elrey: & ele-

& elegeo pera esta jornada dom Rodrigo de Meneses, fidalgo de muitas partes. E dando pressa á armada a fez á vela na entrada de Abril. Yaõ cinco nauios grossos, de que eraõ capitaens dom Rodrigo de Meneses, Ioaõ d'Almeida, & vm Ioaõ Marecos da obrigaçaõ do Gouernador. Os outros dous capitaens eraõ, dom Ioaõ Coutinho, & Bernardo de Sousa: q̃ eraõ prouidos das viagens de Maluco: & yaõ cada vm em seu Galeaõ, pera tornarem com a carga do crauo, & ambos yaõ debaixo da capitania de dõ Rodrigo de Meneses, que leuaua prouisoens de capitaõ mór de todo aquelle Archipelago de Maluco. Nesta armada yaõ trezentos homẽs, muitas moniçoens, roupas, & outros prouimentos, & de sua viagem adiante daremos rezaõ.

Esqueceonos dizer como o Gouernador pellas nouas das Galés de que ja se falaua, estãdo em Cochim, despidira Gonçalo Vaz de Tauora com cinco nauios, com regimento que fosse ao estreito de Meca: & tomasse fala de algũa pessoa, & soubesse da certeza das Galés: & que quando se recolhesse pera se vir pera Goa, (a onde leuaua por regimento tornasse a inuernar) que viesse por Caxem, & visitasse aquelle Rey, que era muito amigo do estado, a quem escreueo cartas mũy honrosas, & que soubesse delle as nouas que auia, (por que sempre auisaua aos Gouernadores do que auia no estreito de Meca.)

Partido este capitaõ na entrada de Feuereiro, foi seguindo sua derrota a te ferrar monte de Felix: & dali foi demandar o estreito, & entrou dentro, a onde tomou algũas geluas com alguns Mouros, de quem soube que em Sués se faziaõ prestes vinte & cinco galés, mas que naõ sabiaõ pera onde. E naõ podendo Gõçalo Vaz de Tauora alcançar mais, se tornou com algũas prezas que tomou: & nauegando de longo da costa da Arabia, foi tomar o porto de Caxem, & se vio com aquelle Rey, que lhe fez muitos gasalhados. Elle lhe deu as cartas do Gouernador, & algũas peças & brincos que por elle lhe mandaua, que elle estimou muito: & disse a Gonçalo Vaz de Tauora, que elle era auisado q̃ em Sués se preparauaõ vinte & cinco galés pera contra Portugueses, mas que se naõ sabia, nem declarauaõ pera onde: nem que tençaõ era a do Turco: mas que como elle fosse certo da verdade logo auisaria o Gouernador em Agosto: & deulhes cartas pera elle de grandes comprimentos, pera o seruiço d'El rey de Portugal. Gonçalo Vaz de Tauora, depois de se prouer do necessario, que lhe Elrey mandou dar de graça, se despidio delle, & deu á vela pera Goa, a onde chegou em Mayo. O Gouernador sabendo

bendo delle, & das cartas que Elrey de Caxem lhe escreueo a certeza das galés, aluoroçouse muito: por que auia, que se passassem á India lhe naõ poderiaõ escapar: & asi se vestio mũy galantemente, por mostrar a alegria que tinha, & foise logo á ribeira das armadas, & deu ordem pera se reformaré, & renouarem todos os galeoens, naos, & galés, tomando cada vasilha destas os seus capitaens á sua conta, com os seus officiaes, por q̃ todo o anno os tinhaõ ordenados, & pagos: & as cousas de fora repartio pellos capitaens velhos por esta maneira.

A Manoel de Sousa de Sepulueda deu o cargo dos almazés das moniçoens, pera mandar fazer panelas de poluora, lanças de fogo, & pilouros de toda a sorte. A dom Antonio de Noronha encarregou a casa da poluora. A dom Ioaõ Lobo deu o cuidado dos calafates. A Francisco de Mello Pereira entregou a tanoaria, pera mandar fazer barris, celhas, pipas, & todas as mais cousas desta qualidade. A Bastiaõ de Sá deu a cordoaria. A Ioaõ de Mendoça deu os officiaes de poleame. A dom Ioaõ Anriquez a ferraria. Todos estes capitaens residiaõ de dia & de noite nas casas que tinhaõ a cargo, dando muitos banquetes a seus soldados, com muitas folias, danças, tangeres, jogos, & outros passatempos, com q̃ todos trabalhauaõ com muito gosto, & muito contentes: & pellos escritos destes capitaẽs, daua o feitor & tisoureiro todo o dinheiro que pediaõ pera se comprarem as cousas que se auiaõ mister, & pera as ferias, & pagas dos officiaes, que elles faziaõ todos os sabbados: & todo este inuerno se deraõ mesas geraes aos soldados em muita abastança. O Gouernador estaua todo o dia na ribeira, vendo aquelle trafego, & aquella presteza com que entaõ trabalhauaõ, & acodiaõ a todas as cousas, por que só do seruiço, & obrigaçaõ da ribeira, auia perto de seiscentos homens Portugueses de todos os officios, a quem nunca se lhes deuia cousa algũa, por que se lhes pagauaõ a todos suas ferias no tempo ordenado, mũy bem. A cidade toda se desfazia em festas & alegrias: & asi andauaõ todos taõ desejosos de se verem ja as maõs com os Turcos, que o inuerno ja lhes parecia grande, & lhes era enfadonho: & os soldados a essa cõta traziaõ suas armas limpas, & muito bem concertadas, & aparelhados. E todos os Domingos assi elles, como os bombardeiros, se yaõ exercitar na barreira, estando o Gouernador presente, fauorecendoos, louuandoos, & dandolhes preços, aos que milhor o faziaõ.

(·:·)

## CAPITVLO VI.

*Da dissimulaçaõ com que Elrey de Candea mandou pedir a dom Jorge de Crasto padres pera se fazer Christaõ, & de como lhe mandou dous, & com elles o capitaõ Frances: & do que lhes socedeo na viagem.*

PARTIDO dom Iorge de Crasto de Cochim, como atras dissemos no capitulo terceiro deste liuro oitauo, chegou a Columbo no fim deste més de Ianeiro: & desembarcando sua gente, começou a marchar pera a Cota. O Madune que estaua com todo seu poder sobre aquella cidade, em lhe dando nouas que a nossa armada era chegada a Columbo, com muita gẽte em socorro do irmaõ, aleuantou o campo, & se recolheo pera Ceitauaca: deixando as tranqueiras dos caminhos prouidas de muita gente, pera defenderem os passos aos nossos se quisessem ir a Ceitauaca. Dom Iorge chegou á Cota, & foi muito festejado d'aquelle Rey: & logo trataraõ de irem ambos juntos contra o Madune, & naõ leuarem maõ d'aquelle negocio a te o destruirem de todo, pera naõ dar mais trabalho ao estado com socorros, & armadas, em fauor de seu irmaõ, que era vassalo d'Elrey de Portugal. Pera a jornada começou Elrey a ajuntar seu poder, & a negociar as cousas necessarias, de mantimentos, & seruidores, pera todo o exercito. A fama da armada de dom Iorge de Crasto, & de sua chegada a Colũbo, correo logo por toda aquella ilha.

O Rey de Candea como estaua culpado no negocio de Antonio Moniz Barreto, começou a temer, & recear, que o quisessem castigar pellas culpas que tinha cometidas: & como era homem de grande arteficio, & malicia, determinou de entreter dom Iorge de Crasto, & enganalo a te ver em q̃ parauaõ as cousas d'antre o Madune, & seu irmaõ: & pera isto despidio logo Embaixadores ao visitarem. Estes Embaixadores tomaraõ a dom Iorge de Crasto ainda na Cota, fazendosse prestes pera a jornada de Ceitauaca. Dom Iorge de Crasto os mandou leuar diante d'Elrey, a onde os ouuio: & elles lhe disseraõ, que Elrey de Candea o mandaua visitar, & offerecerse pera tudo o que fosse de seruiço d'Elrey de Portugal. Que elle lhe fazia a saber, que nos negocios de Antonio Moniz Barreto, em que elle naõ negaua ter culpa, tinha tãbem satisfaçoens bastantes pera ser perdoado. Que o Madune seu primo o inquietara, & remouera dos desejos que tinha de se fazer

Christaõ,

Christaõ, pondolhe diante dos olhos medos,& perdiçaõ de seu reino,& aleuantamento de seus vassalos,com a mudança da ley : & q̃ do caso passado elle estaua arrependido,por que sempre fora afeiçoado á ley dos Christaõs, como os frades sempre entenderaõ nelle: que elle estaua muito resoluto em se fazer Christaõ : que lhe pedia muito lhe mandasse algũs frades pera correrem com elle. E que tambem se queria reconciliar com seu filho, & que asi esperaua em Deos de pouco & pouco ir mouẽdo os seus vassalos, pera que se fizessem Christaõs. Dom Iorge de Crasto estimou muito aquella embaixada,& ordenou logo de satisfazer aquelle Rey, mandando cõ os Embaixadores dous frades de saõ Francisco,& com elles o capitaõ Frances,com doze soldados,& lhes deu por regimento que fosse por via de Negumbo, por se desuiarem das terras do Madune.

Partidos os Embaixadores com os nossos foraõ seguindo seu caminho,naõ deixando de terem algũas brigas com gentes do Madune,em que os nossos correraõ muito risco & perigo : mas liurouos Deos de todos pello valor de seus braços: & asi com muito trabalho chegaraõ a Candea. Elrey os recebeo muito bem,& mandou aposentar os frades na mesma ermida,que os primeiros fizeraõ, q̃ estaua ainda em pé : & ao capitaõ Frances com seus soldados perto delles,mandandolhes dar todas as cousas necessarias. Os frades começaraõ a fazer alguns Christaõs, & entendendo em Elrey võtade pera isso, (que naõ tinha,por que era mao & peruerso,& o medo o fazia contrafazerse,em quanto naõ soubesse o que lá se passaua antre dõ Iorge de Crasto, & o Madune, a quem elle fauorecia em segredo : & asi trazia tanto resguardo,& olho no capitaõ Frances, & nos frades,que os naõ deixaua sair de vm certo limite, trazendo espias em Ceitauaca,pera ser cada dia auisado de tudo o que lá se passaua.)

## CAPITVLO VII.

*De como Elrey da Cota, & dõ Jorge de Crasto,partiraõ pera Ceitauaca, & dos sitios dos fortes que por este caminho acharaõ. E de como os ganharaõ, & desbarataraõ o Madune, & lhe tomaraõ a cidade de Ceitauaca.*

DEPOIS de Elrey da Cota ter juntas suas gentes,& negociadas as cousas necessarias pera a jornada, começou a marchar, indo dom Iorge de Crasto na dianteira,com todos os Portugueses,& Elrey com cinco mil homẽs na retaguarda.

guarda. Assi caminharaõ todo aquelle dia ate chegarem a hũa tranqueira muito grãde, sobre hũ passo que ficaua entre o rio de Matual, & hũa alagoa tamanha, que se affirma ter cinco legoas em roda, que estaua duas legoas do porto de Columbo. Nesta parte, (por q̃ não auia outro passo pera Ceitauaca) tinha o Madune feito esta fortaleza: que era de madeira de duas faces, com entulhos muito largos, & ficaua da banda do Norte do rio. E na face que caya pera a banda da Cota, tinha o pano do muro trinta braças de comprido: & na ponta que ficaua pera a parte do rio, estaua hum fermoso baluarte, com muitas peças de artelharia. Deste baluarte a te a alagoa, corria hum muito espasso Bambual por espaço de meya legoa, tão intratauel, que nem as feras o podiaõ romper. De longo a lõgo pella face de fora deste forte, se fazia hũa fermosa, & larga caua que se enchia de agoa da alagoa, que se seruia por hũa ponte leuadissa.

Chegado aqui o exercito, assentaraõ aquelle dia o campo, afastado do forte: & tiuerão conselho sobre o modo de como se cometeria: & assentouisse que fosse pellos cantos do muro, pera o que se fabricarão grandes pontes de madeira sobre rodas: & algũas mantas fortes, & escadas, em que se gastarão dous ou tres dias. E tendo tudo prestes hũ dia de madrugada, cometerão a fortaleza os nossos por hũa parte, & Elrey pella outra. E pondo as pontes em que pez a muitas bõbardadas & espingardadas que sobre elles chouiaõ, encostarão as escadas ao muro, & sobindo os nossos por ellas o caualgarão, & a poder de golpes, & cutiladas derão comsigo da banda de dentro, a onde tiuerão hũa muito grande batalha cõ os imigos, em que ouue muitos danos, & mortes de parte a parte. Elrey da Cota com a sua gente, tambem depois de muitos trances entrou a tranqueira, com que os imigos se acabaraõ de por em disbarato, & a largarão de todo, mãdandolhe dom Iorge de Castro dar logo fogo em que toda se consumio. Este dia passarão naquella parte, & mandarão os feridos (que eraõ muitos) a Cota pera se curarem.

A outro dia foraõ caminhando a te chegarem a outra tranqueira chamada a Maluana, que estaua em outro passo da mesma traça, & o modo da passada. E cometendoa os nossos por hũa parte & Elrey pella outra, foi entrada & tomada, ainda que com muitos riscos, & mortes dos nossos: & com perda de mais de seiscentos dos imigos que a largarão.

A outro dia foraõ ter a outra tranqueira, duas legoas desta, chamada Grubabilé, que era mayor & mais forte que as outras, por

ſer perto da cidade de Ceitauaca O pano do muro que corria na face, era mayor, & mais groſſo que os das outras atras. Em cada pōta tinha dous baluartes muy grandes, & pello muro muitas guaritas muito bem prouidas de gente, & moniçoens. Da parte do rio que era o meſmo Matual, corria hum eſpeſſo Bambual, & da outra hum muito intratauel mato. Aqui neſta tranqueira eſtaua o poder do Madune, poſto que elle eſtaua na cidade. Eſta tranqueira foi cometida com muito grande determinação: & ouue neſte cometimento muitos caſos eſpantoſos, que não particularizamos, porque não ſabemos os nomes dos que os obrarão: mas por fim do negocio, ainda que foi com perda dos noſſos, a tranqueira foi ganhada: & nella ficarão aquelle dia deſcanſando do trabalho, & curando os feridos que erão muitos.

A o outro dia forão marchando pera Ceitauaca, que eſtaua duas legoas a diante, & no caminho acharão o Madune com todo o poder. E vindos a batalha (que foi muito aſpera, & cruel, em que ouue muito dano) ficou o Madune vencido, & desbaratado, & foi fogindo pera as ſerras de Diua vaca, largando a cidade em maõs dos noſſos, que entrarão nella vitorioſos.

He eſta cidade muito grande, & eſtà ſituada antre coatro ſerras, & eſte meſmo rio de Matual a partia pello meyo, (que por outro nome ſe chama de Calane) que vem dos confins do reyno de Candea. Da banda do ſul eſtão os paſſos delRey, ſobre hum tezo, que ſaõ feitos a modo de hũa fermoſa fortaleza, com ſeus muros muito groſſos, & fortes, & ſobeſe a elles por vinte degraos muy largos, & grandes. He a fortaleza coadrada, & em cada coadra tem tres portas por onde ſe ſerue, deſta banda fica ametade da cidade, & da outra do Norte outra ametade, & neſta parte tem o mais ſoberbo, & ſumptuoſo pagode que ha em toda aquella ilha, que he dedicado a hum idolo ſeu, que ſe chama Paramiſura. A fabrica deſte Pagode he eſtranha, & affirmaſe que ſe pòs nella perto de vinte annos, trabalhando de contino nella mais de dous mil obreiros.

Entrados os noſſos na cidade, apoſentouſe elrey nos paços do irmão, aonde achou muitas riquezas: & dom Iorge de Caſtro com os ſeus ſoldados naquella parte da cidade que foi metida a ſaco dos noſſos, & acharão muito ouro, drogas, & fazendas de todas as ſortes, de que ſe encheraõ bem. Depois ſe paſſarão á outra banda, & fizerão o meſmo, ſem tocarem em os Pagodes que lho mandou aſsi dom Iorge de Caſtro por amor del Rey da Cota, que nelles

nelles mandou pòr guardas. E as gentes del Rey foraõ as que mais roubaraõ, porque como ladroens de caſa, cauarão, & deſenterraraõ muitas riquezas. O Madune que eſtaua recolhido nas ſerras de Dina vaca, vendoſe perdido, & deſbaratado, & o irmaõ ſenhor da ſua cidade, quis vſar de ſeu artificio, deſpidindo ſeus Embaxadores a Elrey ſeu irmaõ, & a dom Iorge de Caſtro, que entraraõ por Ceitauaca, & foraõ leuados a Elrey, que os ouuio preſente dõ Iorge de Caſtro.

Elles lhe diſſeraõ, que o Madune ſeu irmaõ lhe mandaua pedir miſericordia, & que bem confeſſaua que tinha muitas culpas, de q̃ já eſtaua bem caſtigado, & arrepẽdido, que lhe pedia muito ſe quiſeſſe reconciliar com elle, que eſtaua preſtes para lhe dar toda as ſatisfaçoẽs neceſſarias. Elrey, que era homẽ de muito bom coração & natureza, (couſa alhea deſta naçaõ Chingalá, (compadecido das miſerias do irmaõ, parecendolhe que jà não tentaria cõtra elle mais ſuas maldades, diſſe a dom Iorge de Caſtro, que elle queria pazes com ſeu irmaõ, ſe lhe a elle pareceſſe bem. Dom Iorge de Craſto lhe diſſe, que fizeſſe elle naquella materia, o que lhe bem vieſſe, & o que foſſe milhor para elle, & pera quietaçaõ do ſeu Reyno. Com iſto deſpidio Elrey os Embaixadores, por quem mandou dizer a ſeu irmaõ, que ſe vieſſe pera Ceitauaca, & que ali ſe reconciliariaõ, & aſſentariaõ as pazes, mandoulhe hum ſegurõ ſeu, & outro de dom Iorge de Caſtro. O Mandune foi logo acompanhado de alguns Modeliares muy principaes. E chegando a Ceitauaca o recebeo o irmaõ muito bem, abraçandoo com muito amor, & boa vontade, (não auendo couſa algũa diſto no Mane, (& preſente dom Iorge de Caſtro ſe reconciliariaõ, & fizeraõ pazes com as condiçoens ſeguintes.

Que nũca mais elle Madune, faria guerra a ſeu irmaõ, & que lhe largaria todas as terras que lhe tinha tomadas E que daria logo a dom Iorge de Caſtro, cem mil pagodes pera as deſpezas daquella armada, pois elle fora occaſiaõ da guerra.. E que pera a jornada de Candea daria todos os ſeruidores & mantimentos neceſſarios por dinheiro. E que Elrey da Cota ſeria obrigado a lhe dar tres mil homens pera o acompanharem nella.

Feitos eſtes cõtratos ambos, os Reys firmarão pazes a ſeu modo, ficando ali muito amigos Dõ Iorge de Caſtro ſe começou a fazer preſtes pera paſſar a Candea, como lhe era mandado: & ſe aquelle Rey ſe tiueſſe feito Chriſtaõ, aueria o trabalho da jornada por bem empregado, & fauo-

recelo ya contra os seus se tentassem algũa nouidade,& tambem o reconciliaria com o filho:& quando não, castigaloya pellas culpas passadas. E começou a puxar por aquelles Reys, pellas cousas que eraõ obrigados a lhe dar. O Madune comprio logo cõ os cem mil pagodes que deuia,com o que dõ Iorge deCrasto fez duas pagas aos soldados: & assi lhe deu os mantimentos, & seruidores que lhe foraõ necessarios.

Elrey da Cota como era grãde amigo dos Portugueses,pelas muitas obrigaçoens que lhes tinha,entendendo,& conhecendo a malicia do Rey de Candea & que tudo eraõ inuençoẽs, pello receo cõ que estaua,quis tirar a dom Iorge de Crasto daquella jornada, pondolhe diante muitos inconuenientes, & affirmandolhe que a jornada era muito arriscada, & perigosa por causa dos passos difficultosos que tinha. E que aquelle Rey posto que era seu primo com irmaõ, muitas mais obrigaçoens tinha aos Portugueses que a elle: q̃ lhe affirmaua que não tinha por seguro o fiarse delle,& porque todas as vezes que visse tempo, & ocasiaõ lhe auia de ordenar todas as traiçoens que podesse. Dõ Iorge de Crasto lhe agardeceo aquelle conselho: mas como estaua amarrado ao regimento do Gouernador,não se quis mouer a cousa algũa fora delle,& lhe pedio a gẽte que lhe tinha prometido, que lhe elle logo deu.

E depois de tudo prestes, se partio na entrada de Abril, despidindose daquelles Reys: & o da Cota se foy juntamente pera seu Reyno. Dom Iorge foy caminhando por suas jornadas, de que o Rey de Candea era auisado todos os dias. E receandose que entrando dom Iorge de Crasto no seu Reyno com aquelle poder o prendesse, &castigasse, não querendo ficar a sua corcesia, ajuntou corẽta mil homens, & furtificou a sua Cidade, com tençaõ de lhe defender a entrada, trazendo nelle grãdes vigias. E hũa noite teue rebate,que jà os nossos estauão hũa legoa da Cidade,& acodindo Elrey com aquelle aluoroço com toda a gente, pera o esperar à entrada della: quis nosso Senhor que tiuesse o capitaõ Francés(que estaua como reteudo,com os seus soldados ) tempo pera fogir, & com a escuridaõ da noite foi caminhãdo,& chegou a dom Iorge de Crasto, estando com o exercito assentado hũa legoa da Cidade, pera ao outro dia entrar nella:& dãdolhe rebate do modo de como Elrey o esperaua, & do grande poder que tinha, & de como tudo foraõ inuençoens, ficou dom Iorge sobresaltado,&chamoulõgo os capitaẽs a conselho, & perante todos tornou a ouuir o capitão Francès. Vendo todos aquillo,votaraõ

que

q̃ ſe deuiaõ tornar logo a recolher, porq̃ eſtauaõ trinta legoas pello coraçaõ da ilha, & q̃ auiaõ de paſſar muitos paſſos eſtreitos&difficultoſos,& q̃ ſe aq̃lle Rey os foſſe cometer,não tinhaõ poder pera pelejarẽ cõ elle.Cõ eſta reſoluçaõ aleuãtaraõ logo o cãpo,& voltaraõ cõ grãde preſſa, mas cõ muito boa ordẽ. Elrey de Cãdea teue pella menhã recado de ſua retirada,&ſaindo cõ todo ſeu poder os foy ſeguindo por deſuiados caminhos:& adiãtãdoſe os eſperou em vns paſſos muito eſtreitos & difficultoſos:&tomãdoos naquellas eſtreituras,em q̃ os noſſos ſe naõ podiaõ reuoluer, os forão derribãdo às eſpingardadas &frechadas ſem os noſſos terẽ repairo algũ,nẽ defenſaõ. Dõ Iorge de Craſto cõ os fidalgos& capitães ficarão ſẽ poderẽ gouernar os ſeus porq̃ como todos hiaõ a fio,&diuididos,& muita diſtãcia vns dos outros,não lhes podiaõ valer,nẽ elles tinhão quẽ o fizeſſe a elles, q̃ tãbẽ hião no meſmo riſco, & todos feridos. Aſsi forão pelejãdo ate ſairem das terras de Cãdea,em q̃ os deixarão, ficãdo ſetecẽtos homẽs mortos,&perdidos por eſſes matos,em q̃ entrauão coatrocẽtos Portugueſes & os mais Chriſtãos da terra,& gẽte da Cota,& todos os mais q̃ eſcaparão,feridos de muitas feridas. E indo caminhãdo pellasterras do Madune, lhe ſahio vm Modeliar ſeu cõ quinhẽtos homẽs, & diſſe a dõ Iorge de Caſtro, q̃ o Madune lhe pedia,q̃ ſe recolheſſe por Ceitauaca,q̃ o eſperaua pera lhe dar todo o neceſſario.Dõ Iorge de Craſto moſtrou agardecerlho muito, & como era prudẽte bẽ entẽdeo a malicia do Madune,& diſſe aoModeliar q̃ aſsi o faria E tãto q̃ foi noite,q̃ ſe aposẽtou em vm lugar deſuiado do Modeliar,depois de o ſegurar ſe leuãtou,& tomou o caminho da Cota,por caminhos deſuiados de Ceitauaca: ficãdolhe nas eſtãcias trinta homẽs mal feridos,& q̃ naõ podiaõ caminhar. Ao outro dia pela menhã ſe leuãtou oModeliar,&achou as eſtãciasvazias,& tomãdo o fato q̃ achou,& os feridos, ſe foi pera Ceitauaca. O Madune mãdou cortar a cabeça a todos os Portugueſes, dizẽdolhes q̃ o meſmo ouuera de fazer ao capitaõ, & a todos.Iſto ſe ſoube depois de vm daq̃lles q̃ teue modo cõ q̃ fogio,& ſe embrenhou,& dahi a algũs dias foi ter a Cota.Dõ Iorge foi ſeu caminho muito apreſſado,& encontrou Elrey da Cõta cõ toda a ſua gente q̃ o vinha buſcar, porq̃ ja tinha auiſo da deſauẽtura acõtecida & adeuinhada delle. Dõ Iorge de Craſto vẽdo Elrey ficou deſaliuado, & deulhe grãdes agardecimẽtos daquelle ſocorro, & foiſe com elle ate a Cota, aonde Elrey agaſalhou a todos os Portugueſes,& os curou,& deu todo o neceſſario.Dõ Iorge como ſarou ſe foy pera Colũbo,& na entrada de Setembro ſe paſſou a Cochim, aonde chegou

pouco antes do Gouernador Iorge Cabral.

## CAPITVLO VIII.

### *De como o Rey da Pimenta se tornou pera o seu reino. E de como o capitaõ de Cochim o foi buscar a Bardela & da grande batalha que lhe deu, em que elle, & Elrey de Bardela morreraõ.*

DEPOIS q̃ o Rey da Pimẽta fez cõ o Camorim as cerimonias de suas perfilhaçoẽs, se tornou pera o seu Reyno, pouco depois do Gouernador partido pera Goa: & se meteo em Bardela com gente, & poder, pera se defẽder d'Elrey de Cochim, & pera lhe fazer guerra, como começou a cõtinuar cõ muitos nauios por aq̃lles rios dentro. Elrey de Cochim, & o capitaõ da cidade trataraõ de tomar aq̃lle Rey às mãos, & de o destruirẽ de todo, pera o q̃ ajũtaraõ suas gentes, & forão contra elle: Elrey de Cochim por terra, & os nossos por mar, em muitas embarcaçoẽs. Leuaua o capitão Francisco da Sylua perto de seiscẽtos Portugueses, em q̃ entrauão os da armada de Fernão de Sousa de Castello branco, q̃ ja eraõ recolhidos por ser em fim d'Abril.

Chegados os nossos a Bardela, desembarcarão em terra, sem lho ninguẽ estoruar, & forão assentar seu exercito em vm campo muito grãde q̃ estaua fora da cidade, em q̃ o Rey de Bardela estaua cõ todo o seu poder, cõ as costas na cidade. Frãcisco da Sylua mandou alguns recados a Elrey, sobre se tornar a confederar cõ Elrey de Cochim. E correo isto de feiçaõ q̃ pedio Elrey q̃ se vissem sòs no meyo do cãpo, antre ambos os exercitos, o q̃ Frãcisco da Sylua aceitou: & vindo ambos sòs à fala, lhe tornou Francisco da Sylua a por diante as obrigaçoẽs q̃ tinha a Elrey de Cochim & perjuizo q̃ era pera todos aq̃lles Reys ajuntarse, & perfilharse cõ o Camorim: porq̃ como era mayor em poder q̃ todos, estaua muito certo fazerse senhor de todos aq̃lles reinos: o q̃ nunca poderia fazer se estiuessem vnidos ao de Cochim. Sobre isto lhe deu tantas rezoẽs, q̃ lhe disse Elrey, q̃ faria naquelle negocio tudo o que quisesse. Francisco da Sylua lhe disse, que se auia de entregar nas mãos d'Elrey de Cochim, que era seu pay, & que elle disporia de suas cousas como cõ filho. A isto refusou Elrey tanto, que disse, que antes perderia a vida, & o estado que fazer tal: que se elle o quisesse leuar pera Cochim, & tello na fortaleza em refens, em quanto segurasse as cousas da paz, que se iria com elle, & que tornaria a desfazer as perfilhaçoẽs com o Camorim. Francisco da Sylua

ua, como era homem de pouco conſelho, & gouerno, ainda que grande caualeiro, amarrouſe a ſe elle entregar a Elrey de Cochim: ſendo bẽ baſtante ſatisfaçaõ a que elle de ſi daua, como era entregarſe a elle, & depois que tiuera em ſeu poder, o tempo podera curar tudo: & tornaraõſe aquelles dous Reys a vnir, & a aparentar. E vendo que Franciſco da Sylua naõ queria concluir com elle naquelle negocio, deſpidioſe delle, dizẽdolhe, que pois não aceitaua o que lhe offerecia, que elle trabalharia tudo o que podeſſe por defender ſua caſa. E recolhido a ſeu exercito, achou mais dous mil Nayres, q̃ lhe chegaraõ de refreſco, com que ficou tão ſoberbo, que fez ſinal de batalha. Franciſco da Sylua ſe pos tambem em campo, & começaraõ a trauar vns com os outros, & da primeira ſurriada lhe derribou a noſſa eſpingardaria hũa ſoma de Nayres: & antre elles quis Deos q̃ deſſe hũa eſpingardada no Rey da Pimenta, com o que ſe foi recolhẽdo pera a cidade. E como hia ferido de morte, a porta de ſeus paços cahio morto, ſem o ſaberem os que ficauão no cãpo em batalha muito trauada, & cruel, em que ouue muito dano de parte a parte.

As nouas da morte d'Elrey começarão logo a correr, com o que os ſeus ſe recolheraõ pera a cidade desbaratados. Franciſco da Silua foi ſeguindo a vitoria, & entrou na cidade, ate chegar aos paços d'Elrey, a que mandou por fogo. Os imigos tanto que virão as labaredas nas caſas do ſeu Rey, tornaraõ a voltar ſobre os noſſos cõ tamanho impeto, que começaraõ a derribar nelles, & a mòr parte ſe começou a recolher com grande deſarranjo, ficando Franciſco da Sylua com perto de cento, & cincoẽta homẽs de opiniaõ, q̃ o naõ quiſerão deixar. Alguns caſados de Cochim, que ſabião muito bẽ os coſtumes dos Nayres, diſſeraõ ao capitão que ſe recolheſſe, & ſe contentaſſe com a vitoria, porque antre os Malauares, a mayor afrõta de todas era queimarem as caſas do Rey. Com iſto ſe foy ſaindo pera o campo pelejando ſempre com os imigos, ſem ſaber ainda da morte do Rey. Os imigos foraõ crecendo, & carregando ſobre os noſſos de feição, que ſe virão perdidos: & ainda quis a deſauentura pera mayor perdição, que naquelle meſmo tempo deſcarregaſſe, & ſe desfizeſſe em agoa hũa medonha trouoada, que ja eſtaua armada, que era a primeira do inuerno, & foi a agoa tanta, que afogaua os noſſos, & impidio a eſpingardaria com que não pode laborar. Os imigos entendendo o negocio, & vendo ceſſar a eſpingardaria, q̃ era o que os mais aſſombraua, cobrando animo carregaraõ ſobre os noſſos, & com ſeus arcos, que a chuua não impedia, forão encra-

uando, & derribando bem à sua vontade. Os nossos vendose perdidos viraraõ as costas, & foraõse recolhendo pera a praya, aonde estauão os nauios, a que se lançauão a nado. Francisco da Silua, que era grande caualeiro, acompanhado de algũs fidalgos, & caualeiros (que nunca o deixarão) naõ quis virar as costas, & foy sempre pelejando com os imigos, com o rosto nelles: mostrando bem seu valor, & esforço. Mas como os imigos erão muitos, & estauão no campo largo, cercaraõ os nossos, & apertarão com elles de feição, que derribaraõ dom Pedro de Sousa, Fernão de Sousa de Castello branco, Fernaõ Rodriguez de Mariz Antonio Machado de Gouuea, & outros fidalgos, & caualeiros, todos de feridas mortaes.

Francisco da Silua vẽdo aquelle estrago, disse pera os que ainda o acompanhauaõ, que se recolhessem, porque elle se naõ queria saluar aonde via perder tantos, & taõ esforçados fidalgos, & caualeiros. E com esta furia remeteo com os imigos como vm touro feroz: & metendose em meyo delles, fez cousas que espantou a todos. Mas como elle era só, & os imigos tantos, & as forças lhe cansaraõ, cahio atassalhado de cruelissimas feridas. Os imigos vendoo cair, remeteraõ a elle pera o desarmarem, sobre o que ouue tamanha referta (por quererem todos leuar delle seu pedaço) que se descuidaraõ dos nossos: & os feridos que ja atras nomeamos, tiueraõ tempo pera ajudados dos outros se recolherem à praya, aonde sobre a embarcaçaõ auia tamanho desarranjo, que andaua o rio coalhado de homens a nado: & assi se recolherão com trabalho aos nauios. Fernaõ de Sousa de Castello branco, com muitas feridas, & com hũa espingardada por hũa perna, de que sempre foi manco. Dom Pedro de Sousa outra de que naõ perigou: & todos os mais com tantas feridas, que Fernaõ Rodriguez de Mariz leuaua quatorze: & senaõ fora a morte de Francisco da Sylua, cujos despojos embaraçaraõ os imigos, nenhum escapaua.

Recolhidos todos foraõse pera Cochim, & socedeo na capitania Anrique de Sousa Chichorro. Ao outro dia mandou buscar o corpo de Frãcisco da Sylua, ao que foraõ alguns nauios, & gente, & ao longo da praya o acharaõ, & a dessassete Portugueses mais, nùs todos, com feridas mortalissimas: & recolhidos todos se tornaraõ pera Cochim, & lhe derão muy honrosas sepulturas.

Desbaratados os nossos se recolheraõ os imigos pera a sua cidade, & fizeraõ as exequias ao seu Rey cõforme ao seu modo, & costume, com muita pompa. E depois de feitas, todos os de sua casa, & que tinhaõ delle tenças, & co-

medias

medias, que feriaõ perto de coatro mil Nayres, fobre a mefma coua fe fizeraõ Amoucos, com fuas cerimonias, rapando as barbas de hũa ilharga, (que he o final pera ferem conhecidos,) & jurarão em feus pagodes de morrerem todos em vingãça da morte do feu Rey. Feito ifto, logo fe ajuntaraõ quinhentos os de mais obrigaçaõ, & foraõ dar na ilha de Arù, que he delRey do Cochim, & a poferão a fogo, & a ferro. Dali paffaraõ a Cochim de cima, & entrarão hũa madrugada pella Cidade, em que fizerão grandes danos, & cruezas, matando, & efpedaçando muita gente. Elrey com os da fua cafa, & todos os mais que poderaõ, fe recolheraõ pera a noffa cidade, que fe meteo em reuolta, porque chegaraõ os Amoucos atè os arrabaldes. O capitão Anrique de Soufa Chicorro, ajuntãdo todos os moradores, fayo a bufcar os Amoucos, & foy apos elles atè Cochim decima, & os achou pelejando na Iudiaria cõ os Iudeus, que fe lhes defendiaõ muy bem. Os noffos deraõ nelles, & os meteraõ todos à efpada, fem lhes efcapar hũ só. Feito ifto deixou o capitaõ nas cafas delRey, Antonio de Sà Pinheiro, com trinta foldados pera fua guarda, & elle fe recolheo pera a cidade, & fortificou as entradas das ruas, porq̃ fe efperaua pellos mais Amoucos, tendo fempre no campo grandes vigias, & atalayas.

## CAPITVLO IX.

*De como o Camorim paffou ao reyno da Pimẽta pera tomar poffe delle, por lhe pertencer pella perfilhaçaõ. E de como Fernão Rodriguez de Mariz partio pera Goa no mès de Iunho com nouas das galès. E da efpantofa viagem que fez.*

TANTO que o Camorim teue nouas da morte del Rey da Pimenta, com quem eftaua perfilhado, logo determinou de ir tomar poffe daquelle Reyno, como herdeiro delle: & começou a ajũtar feu poder com muita preffa. Difto foy logo auifado Elrey de Cochim, q̃ mandou rebate a Anrique de Soufa Chichorro, que vẽdo a importancia do negocio, mãdou com muita preffa armar perto de quinze nauios, catures, mãchuas, & tones, em que vão cento & cincoenta homens, & por capitão mòr de todos elegeo feu cunhado Antonio Correa, irmaõ de fua molher, caualleiro muy honrado, & antigo no feruiço del Rey: & lhe deu por regimento, q̃ fe foffe pellos rios dentro meter em Chor a manchora (He efta hũa alagoa que fica nas coftas da Cidade de Panane, que he tão grande,

que

que affirmão os naturaes que tem vinte legoas em roda, & nella entrão todos aquelles rios, que vão sair ao mar, que decem da serra, & por elles pod em entrar nauios de remo ate se meterem nella. No verão se seca toda, ficando no meyo della sempre hũ braço do rio, em que nadão catures: & todos os campos à roda se semeão de arroz, de que se colhe hũa grande quantidade.) E porque forçado o Camorim auia de passar hum daquelles rios pera estoutra banda, de longo da alagoa, mandou o capitão a seu cunhado que se metesse nella, & lhe defendesse o passo.

Partidos estes nauios pelos rios de Cochim dentro, forão entrar na alagoa, aonde se deixarão estar com grande vigia. Ioaõ Pereira capitão de Cranganor, com a gente de sua obrigaçaõ, & Elrey de Cochim, tambem se foi pòr em outros passos, porque tiuesse o Camorim tudo impedido. Elle tanto que teue a sua gente junta, começou a marchar: & chegando aos estreitos por onde auia de passar, achou todos impedidos dos nossos nauios. Antonio Correa tanto que vio a gente do Camorim, começouos a varejar com a artelharia de feição, que lhe ferio, & derribou muitos: & os imigos da outra banda se poserão tambem cõ os nossos às espingardadas todos os dias, & noites que forão muitos em que ouue dano dambas as partes. As moniçoens dos nossos se gastarão todas, mas Ioaõ Pereira os proueo de tudo o necessario por hũ passo que se chama de Matepirão, que he o mais seco de todos.

Disto foy auisado o Camorim, & mandou hũ grosso poder a tomar aquelle passo, pera impedir os prouimẽtos aos nossos nauios: Ioaõ Pereira capitão de Cranganor, tanto que teue rebate daquelle negocio, se passou ao passo com todo o poder, donde se pòs à bataria com a gente do Camorim, cõ q̃ teue algũas escaramuças, em q̃ os nossos fizerão cousas muito notaueis, que por serem muitas, & miudas as deixamos, porque não sofre a historia tanto. E todauia de tal maneira lhe defenderão os nossos os passos, que desconfiado o Camorim, se carteou com Elrey de Diaper, que era do seu bando, pera que lhe desse passagem por seu reino, pera o da Pimenta. Disto foy tambẽ auisado Antonio Correa, & mandoulhe tomar o passo de Malutur, que he pello pè da serta, por onde elle pretendia passar: mas como o rio ali de marè vazia não deixaua agoa pera os nauios nadarem, foilhes necessario afastaremse, por não ficarem em seco. Com isto teue o Camorim tempo pera passar à outra bãda, o que ainda não pode fazer se não emtrajos de jogue, que foi a cousa mais vituperada pera elle q̃ todas

as da vida. E ajuntandoſe com Elrey de Diamper, & com outros do ſeu bando, paſſou ao Reyno da Pimenta, & tomou poſſe delle, perfilhando o Principe ſobrinho do morto, em Principe herdeyro, como tinha feito em vida de ſeu tio.

O capitão de Cochim, tãto que ſoube ſer o Camorim paſſado, armou todos os nauios que pode, & mandou recolher Antonio Correa ſeu cunhado, & lhe deu mais nauios, & gente com que andou pellos rios de Bardela, & Diamper dentro, fazendo toda a guerra que pode, dãdolhes em muitos lugares que lhes abrazou, & queimou. O capitão de Cochim ajuntando todos os caſados, & toda a mais gente que auia em Cochim, foi dar na ilha de Parebalaõ, q̃ era do Rey da Pimenta, & a deſtruio de todo, matandolhe muita gente. E deſejando de dar em Bardela, mandou ſolicitar os Reys de Porcà, & de Palur, & o Mangate Caimal, & o Mangate Carta de lũa, & outros ſenhores, & Caimais (que ſempre foraõ do bãdo del Rey de Cochim) pera ſe ajuntarem com elle: & não sò ſe eſcuſarão, mas ajudarão o Camorim, porque eſta não eſcandalizados do Gouernador Martim Afonſo de Souſa lhes tirar as tenças, que lhes Elrey de Portugal mandou dar, pellos muitos ſeruiços que todos lhe fizerão nas guerras, contra o Camorim, quando ſe quis ir coroar a Repelim (como na quinta Decada, no capitulo primeiro do primeiro liuro fica dito) Por onde ſe verá quanto em prejuizo da fazenda del Rey, & do eſtado da India ſaõ algũas crecenſas, que certos Gouernadores, & Viſorreys querem fazer à fazenda del Rey, sò pera tirarem certidoens de ſeruiços: podendoſe chamar mais de ſeruiços & deſtruiçaõ de ſua fazenda, que o nome que lhe elles querem pòr porque deſta pouquidade q̃ eſtes tinhão de tença, que ſe lhes tirou, com que os tinhão ſeguros no ſeruiço del Rey de Portugal, naceo paſſaremſe à parte no Camorim, em dano do eſtado, & não acodir piméta pera as naos, em que Elrey recebeo muitos annos hũa muy notauel perda, & fazeremſe muitas deſpezas em grandes armadas pera andarem pellos rios de Cochim, fazendo vir a pimenta, não sò comprada a mais dinheiro, mas ainda à cuſta de muitò ſangue de vaſſallos Portugueſes.

E tornando à noſſa ordem, a guerra ficou durando todo o inuerno com muitos trabalhos, gaſtos, & deſpezas, com que tambem os imigos ficarão bem quebrantados. Neſte tempo, que era em Iunho, eſcreueo o capitão de Chalè hũa carta ao de Cochim, em que lhe dezia que chegara hũa nao a Capocate em Mayo, que viera de Meca, & daua por nouas certas, q̃ ficaua

ficaua em Suèz hũa armada de Gales posta ja no mar pera passar à India: & que elle tinha mandado tres,ou quatro Patamares por terra com recado ao Gouernador, & que todos lhe tomarão a gẽte do Camorim, que lhe pedia vista a importancia do negocio, trabalhasse por auisar ao Gouernador por todas as vias que podesse.

Vendo Anrique de Sousa Chichorro quanto aquillo importaua, & que não auia ainda o caminho pellas terras do Pande( q̃ saõ pera cima da serra) descuberto,como depois se descobrio : quis arriscar hũ nauio por mar, ( posto q̃ era começo do inuerno ( que começou logo a negociar com muita pressa. Pera esta jornada se offereceo Fernão Rodriguez deMariz, que se negociou, & a tres dias do mes de Iunho deu á vela,leuãdo comsigo sete companheiros. E nauegando cõ mares muito grossos, alagados,&destroçados, foraõ tomar Chale , a onde se reformaraõ de todo o necessario : & dandolhe o tempo hũ pequeno jazigguo tornou a seu caminho com mares tãogrossos & soberbos,que os comiaõ, & asśi foraõ ferrar a baya de Cananor, com mantimẽtos podres.& perdidos.Ali se refizeraõ de outros, & tornarão a sua jornada. E indo de monte de li pera diante lhe cursou otempo de feiçaõ, que se viraõ perdidos: & o que pior foi, que era o vento tráuessaõ, que os não deixaua nauegar. E por não darem à costa surgiraõ tanto auante como o rio de Mangesiraõ, aonde estiueraõ com infinito trabalho ja desconfiados das vidas.Os mares creciaõ tanto, & tão apressados,que se affirma q̃ lhe derão oito juntos, com que o nauio se virou : & os Portuguefes tiueraõtanto acordo,que cortaraõ a amarra , & aferrados todos no nauio:& amarrados a cordas:&assi mesmo os marinheiros , permitio Deos que os mesmos mares fossem encaminhando o nauio ate o embocar pelo rio de Magosiraõ dentro , & tanto que o masto que ya direito pera baixo tocou no fundo , com a força da pancada saltou o nauio pera cima,& tornou a ficar virado,& os Portuguefes encapellados, & a nado tornaraõ a ferrar o nauio,sem perigar algum delles: & aśsi chegaraõ a pouoaçaõ com o nauio destroçado, & desbaratado. Os naturaes deste rio estauão de paz com o estado, mas andauão trauados em guerra hũs vezinhos com outros,& os da terra agasalharão os nossos, &lhe derão por seu dinheiro tudo o de que tiueraõ necesśidade pera o concerto do nauio. Sò mantimentos não acharão, porque por causa da guerra estaua tudo perdido: & por grande aderencia lhe derão dous fardos de arroz por cincoenta pagodes:& com elles,& algum peixe tornarão a sua viagem , &

alagados muitas vezes, & com immensos trabalhos, & perigos, foraõ ferrar Goa a velha pollo saõ Ioaõ: & por dentro dos rios chegaraõ a Goa.

Fernão Rodriguez de Mariz se vio com o Gouernador, & lhe deu as cartas que de molhadas se não podiaõ ler, & lhe contou todas as nouas do que era passado, assi das Galès, como da morte de Francisco da Sylua: & de passagem do Camorim ao reyno da Pimenta. Isto sentio o Gouernador muito: porque eraõ cousas que molestauão o estado: & porque as nouas das Galès, lhe não auiaõ de deixar acodir àquellas cousas, como era necessario. A Fernão Rodriguez de Mariz fez muitas honras, & merces: & o mesmo a seus soldados, por se arriscarem assi em hũa viagem tão perigosa pello seruiço del Rey. Com estas nouas mandou o Gouernador dar mais pressa ás cousas da armada, porque sem duuida esperaua as Galés na entrada de Setembro. E deixaloemos agora por vm pouco, por que he necessario continuar com as cousas de Maluco, que nos cabẽ aqui.

(∴)

## CAPITVLO X.

*Das cousas que aconteceraõ em Maluco ate chegar Iurdaõ de Freitas. E de como Bernaldim de Sousa entregou a fortaleza a Christouaõ de Sâ: & de outras cousas que mais passaraõ.*

TEMOS deixado as cousas de Maluco em tregoas, os nossos com o Rey de Geilolo, que se tinha feito o mais poderoso de todos os daquelle Archipelago. E como era mao, & tyrano, & imigo do nome de Christaõ, fazia toda a guerra que podia aos Christaõs de Moro, dandolhes em suas pouoaçoẽs, destruindolhas, matãdo, & catiuãdo mnitos, & cõtra o contrato das tregoas, recolhia em sua cidade todos os escrauos dos Portugueses q̃ fugiaõ de Ternate. Disto andaua tão escandalizado Bernaldim de Sousa, que desejaua de lhe dar vm muito grande castigo, primeiro que fosse outro capitaõ. E pera ter occasiaõ de quebrar as tregoas, cometteo o Elrey de Ternate, q̃ lhe deixasse fazer represa em algũa gente de Geilolo, que ali andaua na cidade, pera atroco della auer os escrauos q̃ aquelle Rey lá tinha em seu poder. Disto se escusou Elrey, assi por se

temer do outro, como por ſer ſeu genro,ſeu paréte,& Mouro como elle.Mas depois tendo algũs agrauos delle, diſſe a Bernaldim de Souſa, que naquella materia pòdia fazer tudo o que lhe bem pareceſſe, que elle o ajudaria com tudo o que podeſſe. Com iſto mandou logo Bernaldim de Souſa armar algũas fuſtas,& Corocoras, & as proueo de gente, & moniçoens, & as repartio em duas capitanias, hũa dellas deu a Ruy Diaz Coelho, moço da camera do Duque de Bragança (que entaõ ſeruia de capitão mòr do mar.) A outra deu a Manoel Lobo, & os deſpidio, dandolhes por regimento que ſe foſſem á ilha do Moro cada vm por ſua parte,& q̃ fizeſſem por aquella coſta do reyno de Geilolo toda a guerra que podeſſem.

Paſſados eſtes capitaés ao Moro, deraõ em alguns lugares, que meteraõ a ferro, & a fogo: & catiuarão algũas peſſoas. E depois de terem bem de catiuos, mandarão dizer ao Rey de Geilolo por via de Raque, Naque Regedor do Tolo, que lhes mandaſſe a artelharia que tinha da fortaleza, & os eſcrauos dos Portugueſes, & que lhe mandariaõ os catiuos que tinhão. A iſto reſpondeo elle,que não daria o mais roim berço por todos os catiuos. Com eſte deſengano ſe recolheraõ a Ternate.O capitão mandou apregoar logo guerra contra Elrey de Geilolo: & concertouſſe com Elrey de Ternate, de lhe fazerem toda a que podeſſem: & aſsi armou logo Elrey ſuas Corocoras: & mandou Cachil Guzarate ſeu meyo irmão da parte da mãy, & ſeu capitão mòr do mar, pera que foſſe por toda a coſta de Geilolo, & a deſtruiſſe. E o capitão mãdou em ſua companhia Ruy Dias Coelho, com toda a armada da fortaleza Paſſados ambos ao Moro deraõ em muitos lugares de Geilolo & depois de os deſtruirẽ ſe foraõ pòr ſobre a ſua barra,&os tiueraõ de cerco,ſem ouſarem as embarcaçoés dos peſcadores a ſairem fora,porq̃ logo erão tomadas, o que aquelle Rey teue por muito grãde afronta. Paſſado o tempo do ſeu prouimẽto voltarão pera Ternate com muitas prezas, & catiuos. Depois diſto ſe embarcou o Rey de Ternate na meſma armada,leuãdo cõſigo os Portugueſes, & paſſou a Geilolo: & hũa madrugada deſembarcou em vm lugar chamado Geima,& o deſtruio, & abraſou de todo,não deixãdo couſa algũa em pè,&querẽdo dar em outros lugares lhe chegaraõ nouas que erão vindos nauios da India: & q̃ Iurdaõ de Freitas vinha por capitão da fortaleza. E como elle eraſeu inimiciſsimo,ſintio tãto que leuou mão da guerra, & voltou para Ternate. Chriſtouão deSà, & Iurdão de Freitas chegarão

raõ ao porto de Talangame, a onde ſorgiraõ, & logo ſe foraõ á fortaleza, & Bernaldim de Souſa os recebeo muito bem. Chriſtouaõ de Sá lhe apreſentou a prouiſaõ, & carta de guia que leuaua, por cuja virtude lhe entregou logo a fortaleza, do que Iurdaõ de Freitas ficou ſobreſaltado, por que naõ ſabia das prouiſoens. Bernaldim de Souſa vendo que naõ ſe podia ir aquelle anno pera a India (por que eſtaua fazendo hũa Nao no porto de Talangame pera ſe ir nella) paſſouſe pera lá com todos ſeus criados, & amigos, q̃ eraõ mais de trinta peſſoas (por que ſe receou que os Geilolos lhe foſſem queimar a Nao.) E ali ſe deixou eſtar dandolhe preſſa: Chriſtouaõ de Sá ficou correndo com a obrigaçaõ da fortaleza.

Iurdaõ de Freitas tomou caſas em terra, a onde ſe apoſentou a te lhe caber o tempo, ſem correr cõ Elrey, nem Elrey com elle: antes muitas peſſoas lhe aconſelhauaõ que deuia recõciliarſe com Elrey, pois auia de ficar naquella fortaleza: o que elle naõ quis fazer. O Rey de Geilolo afrontado, & magoado dos noſſos lhe deſtruirem ſeus lugares, armou as ſuas Corocoras, & mandou ao ſeu capitaõ mór que trabalhaſſe por lhe queimar a nao de Bernaldim de Souſa. Eſta armada chegou hũa madrugada ao porto de Talangame, & querendo deſembarcar ſentio grãdes vigias, & tornouſe a recolher. D'ali paſſou adiante, & foi dar em vm lugar da meſma ilha, chamado Xulá, & o queimou & abrazou. Bernaldim de Souſa tanto que ſintio os imigos, acodio á praya pera lhes defender a deſembarcaçaõ, & d'ahi a pouco vio o fogo no lugar de Xulá, & ſintio muito naõ ter nauios pera ſair a os imigos. E vindo amanhecendo chegaraõ ali ſeis Corocoras, em que vinha Cachil Page irmaõ d'Elrey acodir a Xulá, pello fogo que em Ternate viraõ. Bernaldim de Souſa eſtimou muito ſua chegada: & embarcandoſſe com vinte homens em hũa Corocora, foi com elles buſcar os imigos. E chegando a Xula, viraõ ir a armada de Geilolo ja afaſtada, & recolhendoſſe. Cachil Page, & Bernaldim de Souſa os foraõ ſeguindo a te a tarde com tanta furia, que Bernaldim de Souſa que ya diante, chegou a tiro d'eſpingarda. E olhando pellas Corocoras de Cachil Page, vio que ficauaõ mais de hũa legoa atras, o que Cachil Page fez de induſtria, por que era fraquiſsimo & muito puſilanimo: & entendendo de Bernaldim de Souſa que auia de pelejar com a armada de Geilolo, ſe fez manco, & deixouſe ficar. Bernaldim de Souſa vendoſſe taõ perto dos imigos, & que naõ leuaua nauios pera os cometer, foi ſua paixaõ tamanha, que rebentaua: & vendo

que ſeria temeridade cometer ſó os imigos tornou a voltar pera Ternate,& os imigos foraõ ſeu caminho ſem o querer ſeguir. E chegando á Talangame muito afrontado d'aquella retirada, querendoſſe ſatisfazer della, mandou fazer queixume a Elrey de ſeu irmaõ Cachil Page,& pedirlhe que lhe mandaſſe cinco Corocoras, & mandou conuidar a fortaleza ſeus amigos pera o acompanharem em hũa jornada que queria fazer. Elrey lhe mandou as Corocoras, & da fortaleza lhe acodiraõ mais de cincoenta homens. E embarcandoſſe com todos os Portugueſes que ali tinha, & com os que lhe acodiraõ, partio pera Geilolo. Chegando ao ſeu porto lançou em terra hũa peſſoa, por quem mandou deſafiar Elrey pera hũa batalha no mar, com todas as Corocoras que elle quiſeſſe: por que elle com ſó aquellas cinco o eſperaua. Elrey aceitou o deſafio, mas naõ lhe ſayo. Bernaldim de Souſa eſperou todo aquelle dia & noite, & ao outro dia tornou dar á vela pera Ternate, ficando Elrey muito abatido d'aquelle negocio. A guerra ficou correndo vns aos outros, toda a que podiaõ, dando vns nos lugares dos outros. Em vm deſtes aſſaltos foi catiuo aquelle ſoldado de Geilolo que cortou a cabeça ao Portuguez, por cujo feito lhe deu o Rey de Geilolo a filha, que tinha caſada com Elrey de Ternate: & ſendo conhecido o leuaraõ a Elrey de Ternate, que o mandou enforcar na praya. Neſte eſtado deixamos as couſas de Maluco a te ſer tempo de tornar a ellas.

## CAPITOLO XI.

*Das couſas que o Gouernador Iorge Cabral fez em Goa. E de como lhe vieraõ nouas que as Gales ſe tornaraõ a deſarmar: & deſpidio Manoel de Souſa de Sepulueda pera Cochim: & de como cercou os Principes Malauares na ilha de Bardela: & do que mais ſocedeo.*

PASSADO o Camorim ao reino da Pimenta, (como atras temos dito no capitulo nono deſte liuro oitauo) mandou logo cõuocar todos os Principes Malauares do ſeu bãdo, que eraõ dezoito,em que entraua Elrey de Tanór, ſeu vaſſalo, o que ſe fez Chriſtaõ em tempo de Garcia de Sá, (como fica dito no capitulo quinto do ſetimo liuro) q̃ lhe acodiraõ com todo o ſeu poder. Elle os mandou paſſar á ilha de Bardela,com trinta mil Nayres, & cinco ou ſeis mil Amoucos da obrigaçaõ do Rey morto,

morto, pera d'ali paſſarem a Cochim, a tomar vingança da morte d'aquelle Rey: deixandoſſe elle ficar da banda do Chembe com cẽ mil homens de guerra: de maneira, que toda a potencia do Malauar eſtaua ali junta. Anrique de Souſa Chichorro capitaõ de Cochim, fortificou muito bem a cidade, & Elrey de Cochim ajuntou perto de corenta mil homens pera defender ſeu reino. Diſto auiſaraõ por terra ao Gouernador por muitos Patamares, q̃ chegaraõ logo a pós Fernaõ Rodriguez de Mariz. O Gouernador andaua muito occupado na preparaçaõ da armada, por que determinaua ir buſcar os Rumes, & ficou embaraçado vẽdo que ſe lhe offereciaõ eſtoutros trabalhos de nouo, que naõ eraõ menores, nem de menos obrigaçaõ pera acodir q̃ os das Galés, por que eſtaua aquelle reino arriſcado a ſe perder de todo, o que ſeria deſtruiçaõ do Eſtado.

Com eſtas couſas ficou ſuſpenſo, & chamou muitas vezes a conſelho os fidalgos, & capitaẽs, & em todos ouuio varios pareceres. E como o Gouernador deſejaua de ſaber o de todos os da cidade ſobre aquella materia, mãdou pór na Sé de Goa hũa caixa com algũas fendas por cima por onde podiaõ caber cartas, & mandou pregar eſcritos pellas portas das igreijas, & pregar pellos pulpitos, que toda a peſſoa de qualquer qualidade que foſſe que lhe quiſeſſe dar ſeu parecer naquella materia, o foſſe lançar dentro naquella caixa, ou declarando ſeu nome, ou encobrindoo, pera que mais liuremẽte podeſſem dizer tudo o que entẽdiaõ: & aſsi ſe começaraõ a lançar muitos.

E pella meſma maneira eſcreueo ás cidades de Chaul & Baçaim, o trabalho em que ficaua, pedindo q̃ tãbem lhe deſſem ſobre elle ſeus pareceres, & o quiſeſſem ajudar cõ nauios & gente pera aquella jornada, pondolhes diante as obrigaçoens de leaes & bons vaſſalos: & como aquella neceſsidade era geral, & cabia a todos ſua parte. Eſtas cartas lhes foraõ dadas, & logo lhe reſponderaõ q̃ eſtauaõ todos preſtes pera ſacrificarem as vidas por ſeruiço de Deos, do Rey, & defenſaõ de ſeu Eſtado: ainda q̃ a cidade de Chaul dizia na ſua carta (cuja copia temos em noſſo poder) q̃ ſem embargo dos muitos agrauos que tinhaõ dos Gouernadores paſſados, em neceſsidade taõ vrgente, & forçada, elles ſe naõ lembrauaõ mais que do ſeruiço de Deos, & d'Elrey: que elles offereciaõ doze nauios armados á ſua cuſta, de marinheiros, ſoldados, mantimentos, & moniçoens pera tres meſes. E outros doze com ſeus marinheiros, & que de ſoldados, & mantimentos os proueſſe elle: & aſsi os começaraõ logo a negociar com

muita presteza. O Gouernador daua em Goa muita pressa a todas as cousas, pera como o verao entrasse estar posto no mar, pera acodir a onde fosse mais necessario. E como tinha a armada, & almazens encarregado a capitaens, que corriaõ com isto, descansaua nelles, & prouia nas cousas de fora: por que naquelle inuerno se naõ tratou d'outra cousa, mais que das que compriaõ á armada. E indo vespora de Sanctiago á ribeira a visitar a armada perguntou áquelles capitaens em que estado estauaõ, & elles lhe disseraõ, que tudo prestes. E que cada vez que quisesse pór toda a armada no mar, o podia fazer. Disto ficou o Gouernador taõ aluoroçado, que vendo estar o mestre da ferraria o chamou & lhe disse, que fizesse logo trezẽtos pandeiros, pera se repartirem pella armada, (por que era muito amigo de folias.) E assi andauaõ as armadas taõ alegres naquelle tẽpo, q̃ se podia embarcar nellas por entertimento.

E estando com este aluoroço, mandando lãçar os nauios ao mar, lhe chegaraõ as cartas de Chaul & Baçaim, do offerecimento dos nauios. E juntamente lhe escreueo Francisco Barreto capitaõ de Baçaim, que chegara áquelle porto hũa nao q̃ viera de Meca no fim de Mayo, que afirmaua q̃ o Turco mandara ao Baxá que estaua em Sués, negociando a armada q̃ sobrestiuesse, & naõ se bolisse a te seu recado, & com isso se tornaraõ as Galés a desarmar, & que era noua muito certa, & aueriguada. Estas nouas festejou o Gouernador muito, por lhe ficar tempo desoccupado pera as cousas de Cochim.

E logo com muita pressa despidio Manoel de Sousa de Sepulueda, com coatro nauios de remo, de cujos capitaens naõ achamos mais nomes que de Gõçalo Vaz de Tauora. E lhe deu por regimento q̃ se fosse a Cochim, & que com a armada de Fernaõ de Sousa, & cõ todos os nauios que mais se podessem armar, se fosse lançar sobre a ilha de Bardela, onde estauaõ os principes Malauares, & q̃ os tiuesse dentro reteudos a te elle chegar, por que logo partia a pos elle. Manoel de Sousa de Sepulueda sayo com os nauios por Goa a velha no fim de Iulho, (por a outra barra estar ainda soberba & perigosa.) E dando á vela foi seguindo seu caminho com muito risco & trabalho, & em poucos dias chegou a Cochim. E ajuntandosse com o capitaõ da cidade, armaraõ todos os nauios que auia, q̃ eraõ perto de trinta: & embarcãdo nelles muita & boa gente, que ali inuernou, se passou logo a Bardela, & se lançou ao derredor d'aquella ilha, fechãdo nella aos Principes Malauares, de feiçaõ, que se naõ podiaõ sair, nem serem socorridos

ridos

ridos do Camorim que eſtaua da outra banda do Chambe como diſſemos. E logo deſpidio recado ao Gouernador de ſua jornada, & de como os Principes Malauares eſtauaõ enſerrados em Bardela: & que ali lhos tinha todos, pera lhos entregar nas maõs quando quiſeſſe.

## CAPITVLO XII.

*Do que aconteceo a Luis Figueira com hũas Gales de Rumes: & de como foi ao Cinde, & fauoreceo aquelle Rey contra os Nautaques: & da deſgraça que lhe aconteceo.*

LVIS Figueira que deixamos inuernãdo em Ormuz com a ſua armada, tanto que entrou Agoſto, negociou os nauios, & os proueo do neceſſario, & de quinze do més por diante ſe embarcou, ficando Gil Fernandez de Carualho em Ormuz com a ſua Fuſta. Depois em Setembro partio pera Goa, onde chegou em Nouembro: & ſabendo ſer o Gouernador em Cochim o foi lá buſcar. Luis Figueira foi ſeguindo ſua jornada pera o cabo de Roſalgate, (por que ja em Ormuz auia nouas, que ſe viraõ pór naquella paragem coatro Galés pequenas, & as meſmas nouas achou em Maſcate, a onde os Portugueſes eſtauaõ ja ſobre auiſo, & preſtes com grandes vigias ſobre elles, com determinaçaõ de lhes defenderem a deſembarcaçaõ ſe a quiſeſſem cometer.) E paſſando a diante chegou á ribeira de Teue, onde fez agoada: & ali lhe deraõ nouas q̃ as Galés eſtauaõ em Iór, vm lugar d'ali a legoas. E negociando os nauios, & fazẽdo preſtes as moniçoens, ſairaõ d'ali todos poſtos em armas, & antes de chegarem a Iór, ouueraõ viſta de coatro Galeotas grandes & fermoſas. Andaua nellas vm Mouro grã de coſſairo, chamado Cafar: que tinha ſaido de Meca com tençaõ de ſaquear Maſcate, & ſaquear as naos que em Outubro auiaõ de partir de Ormuz pera Goa, & pera outros portos da coſta da India. Os imigos tanto que ouueraõ viſta da noſſa armada, virando em outro bordo voltaraõ pera tras, dando toda a vela: & ajudandoſſe do remo foraõ fogindo o mais q̃ poderaõ. Luis Figueira foi ſeguindo os imigos tambem com a meſma preſſa: & como elles lhe leuauaõ muita ventagem, & as Galeotas eraõ muito ligeiras, ſe foraõ milhorando de feiçaõ, que dobraraõ o cabo de Roſalgate pera fora: & tomaraõ o caminho pera o eſtreito de Meca de longo da coſta. Luis Figueira tambem dobrou o cabo a pos ellas, leuandoas a viſta, & ſe-

guio as pouco, por que desconfiado de as naõ poder alcançar ás largou. Alguns lhe deraõ culpa de as naõ seguir a te o estreito de Meca, auendo que sem duuida as alcansara,& tomara em algũ porto. Deixadas as Galés voltou Luis Figueira pera o caminho de Goa,& foi tomar o Cinde,os respeitos por que nós o naõ sabemos. Elrey que estaua na cidade de Tatá, sabẽdo da nossa armada, mãdou vm Embaixador ao capitaõ mór della, a pedirlhe que lhe quisesse castigar os Nautaques, que lhe estauaõ rebellados:& que lhe faria paga a os soldados, & despeza da armada. Luis Figueira querẽdoo seruir naquelle negocio, mandou cinco ou seis nauios pera irem dar no porto dos Nautaques,& destruilos. Estes nauios foraõ áquelle negocio com o olho nas prezas q̃ se esperauaõ: & andaraõ pellas costas dos Nautaques dandolhe em alguns portos & pouoaçoens em que fizeraõ algum dano. E andando por ella deu vm dos nossos nauios em seco, em parte onde acodiraõ os da terra, & cortaraõ as cabeças a todos os Portugueses, & tomaraõ o nauio cõ toda sua artelharia, sem os nossos lhes poderem valer. E naõ cessando aqui o mal deu outro nauio em hũa restingua,a onde se perdeo: mas só se saluou a gente nos mais nauios.Com estas auaualias se recolheraõ os mais pera o capitaõ mór que sintio em estremo aquelle negocio,& o ouue por grande mofina sua.E como andaua com sobeja desconfiança do negocio das Galés (que os soldados lhe naõ perdoaraõ,em matracas q̃ de noite lhe dauaõ) acabou aquella desgraça, ou desastre de o desconfiar de todo, entristecendosse de maneira que o entenderaõ todos nelle. E dãdo á vela pera Goa, chegou áquella cidade ja em Nouembro,sendo o Gouernador Iorge Cabral partido pera Cochim, como no capitulo adiante se dirá: & tomando algũas cousas necessarias se partio em busca delle : & chegou áquella cidade, depois do Visorrey dom Afonso ser nella: como tudo milhor se dirá adiãte.

## CAPITVLO XIII.

*De como o Gouernador Iorge Cabral partio pera Cochim: & de caminho destruio as cidades de Capocate, Tiracole, Coulete, & Panane: & de como estãdo pera dar em Bardela, lhe deraõ nouas, que era chegado o Visorrey dõ Afonso de Noronha.*

TANTO que o Gouernador despedio Manoel de Sousa de Sepulueda, logo pós toda a sua armada no mar,& ficou esperãdo que viessem

ſem naos do reino, pera ſaber nouas,& tomar dellas mais gente. E tanto que o veraõ entrou, eſcreueo a Chaul & Baçaim,que ficaua poſto no mar eſperando pellos nauios que lhe auiaõ de mandar, & entre tanto deu deſpacho a muitos negocios: & fez paga aos ſoldados, no q̃ ſe gaſtou todo o mês de Setembro. E vendo que tardauaõ naos, & que ja naõ podiaõ ir ſenaõ a Cochim, foilhe neceſſario auiarſe mais depreſſa,por que ſe lá as achaſſe,& lhe vieſſe ſoceſſor, ſe poderia embarcar pera o reino: & aſsi ſe ſafou de todos os negocios, & ſe embarcou de quinze de Outubro por diante,entregando o gouerno ao Biſpo,capitaõ da cidade, & Ouuidor geral, & na barra eſteue a te lhe chegarem os nauios do Norte, que foraõ perto de trinta, com muitos & bons ſoldados, cõ cuja vinda ſe fez logo á vela, ja no fim do mes. A armada que leuaua era de mais de cem nauios, em que entrauaõ perto de vinte Galeoens,Naos, & Galés: & tudo o mais Fuſtas,& Bargantins: Os capitaens & fidalgos que neſta jornada o acompanharaõ, dos que podemos achar os nomes, ſaõ os ſeguintes.

Dom Antonio de Noronha,filho do Viſorrey dom Garcia de Noronha,Baſtiaõ de Sá,Pantaliaõ de Sá ſeu irmaõ, dom Ioaõ Anriquez,Franciſco de Mello Pereira, Ioaõ de Mendoça, dom Ioaõ Lobo,Martim Afonſo de Miranda, Pero Botelho, Martim Afonſo de Mello Ombrinhos, Fernaõ Gomez de Souſa, Gil Fernandez de Carualho,Lopo Vaz de Siqueira, Diogo Botelho, Pedro Afonſo d'Auelar, Iorge de Mendoça, & outros muitos fidalgos & caualeiros.E ſeguindo ſua jornada foi pella coſta do Malauar aſſolando, & deſtruindo tudo: & deſembarcou em Tiracole (cujo proprio nome he Quiçore) hũa cidade do reino do Camorim, grande & fermoſa, & de muito trato, & mercadores, aſſentada,& eſtendida ſobre a coſta braua duas legoas do rio de Pudepataõ pera o Sul,que queimou, deſtroyo,aſſolou, & roubou, achãdo os ſoldados nella grandes prezas.O meſmo fez á cidade de Coulete,que deixou abrazada, & ſeus palmares cortados, & todas ſuas embarcaçoens feitas em caruoẽs. E chegãdo a Calecut, determinou de deſembarcar,& deſtruir aquella cidade (por que ſeria a mayor afronta que ſe poderia fazer ao Camorim:) mas foi cõtrariado de todos os fidalgos da armada, que lhe diſſeraõ,que naõ era bem ſe arriſcaſſe a lhe acontecer vm deſaſtre, que era neceſſario pouparſe, & ir inteiro pera o negocio de Bardela, a onde tinha todos os Reys & Principes Malauares, & lhe naõ podiaõ fogir das maõs, que era o mór,& mais importante negocio da India,& o mais honroſo: pera o

que

q̃ era neceſſario ir com a maõ muito folgada. Somẽte dom Ioaõ Anriquez, & Luis Xira Lobo, foraõ de contrario parecer: dizendo, que ſe quãdo ali naõ eſtaua o Camorim ſe naõ queimaſſe aquella cidade, quãdo ſe eſperaua poderſe fazer? q̃ ſó por credito de ſe dizer antre os Reys Mouros da India, que deſembarcara nella, o auia de fazer. Mas como os outros votos foraõ tantos & mais, deixou o Gouernador aquelle negocio, & paſſou adiãte. Chegãdo ao rio de Panane entrou nelle cõ todas as Galés & nauios de remo, pera queimar aq̃lla cidade, por ſer a ſegunda do reino de Calecut, & a mais rica, & de mór trato q̃ todas: & por q̃ della ſayaõ todos os annos muitas naos carregadas de pimẽta, & gengiure pera Meca. E entrando no rio deſembarcou em terra, & cometeo a cidade: & poſto q̃ nella achou grãde reſiſtencia, foi entrada dos dianteiros, q̃ foraõ por dentro della pelejando cõ os imigos, & hũa multidaõ delles ſe recolheo a hũa fermoſa Meſquita, q̃ foi cometida dos noſſos, & a entraraõ, metendo á eſpada a mór parte dos que eſtauaõ dentro: & vm tropel delles que ſeriaõ quaſi ſeſſenta ſe recolheraõ a hũa torre, a q̃ ſe ſobia por hũa eſcada de caracol. Os noſſos cometeraõ a entrada da porta, q̃ lhes foi muito bem defendida, & ſobre ella feriraõ alguns dos noſſos, em q̃ entrou Baſtiaõ de Sá, que eſtaua mais chegado a porta, trabalhãdo por entrar dẽtro com muito valor & esforço. A eſte tempo chegou dom Antonio de Noronha, filho do Viſorrey dom Garcia de Noronha, q̃ era vm homem agigantado, & muito grãde caualeiro: & vẽdo o trabalho em q̃ os noſſos eſtauaõ, & como os Mouros ſe defendiaõ: paſſou por todos, & chegando á porta com hũa eſpada de maõ & meya q̃ leuaua, & alçãdo o eſcudo ſobre a cabeça, cometeo a porta, & a entrou, & ao tẽpo q̃ leuantou o eſcudo ſe arremeſſou vm Mouro a elle, & lhe deu hũa ferida por debaixo do braço q̃ lhe ficou deſcuberto. Mas elle tanto q̃ foi dentro começou a cortar nos imigos de feiçaõ, q̃ os arrãcou do lugar, & os foi leuãdo pella eſcada acima, indo ja cõ elle algũs dos noſſos, em q̃ entraua Baſtiaõ de Sá: & chegãdo cõ elles ao alto, q̃ era mais largo, tiueraõ hũa mũy fermoſa batalha, em q̃ os Mouros por defenſaõ de ſua vida pelejaraõ muito bẽ: mas em fim todos foraõ eſpedaçados.

Deſpejada a cidade, pôs o Gouernador toda a ſua gẽte no cãpo, q̃ ſeriaõ perto de coatro mil homẽs: & mãdou Frãciſco de Siqueira cõ algũs capitaẽs, q̃ foſſem com os nauios de remo queimar as naos q̃ eſtauaõ duas legoas pello rio dẽtro. E por terra de longo da ribeira mandou vm eſcoadraõ de dous mil homẽs pera os fauorecerem, & elle ficou cõ outros dous mil no

campo.

campo. Os nauios chegaraõ às naos, & lhes derão fogo, em que todas ellas se consumiraõ, & mais de trinta nauios outros.

Feito este negocio se embarcou o Gouernador, & ao outro dia sorgio com a armada grossa na barra de Cochim, & elle cõ as Galès, & todos os mais nauios de remo (a q̃ toda a gente se passou) entrou pello rio dentro, & passou pella Cidade cõ elles embandeirados, & postos em armas, & foy sorgir aquelle dia no castello de cima. Ao outro chegou à ilha de Bardella, a onde achou Manoel de Sousa de Sepulueda cõ toda a armada q̃ tinha a Ilha cercada cõ os Principes dẽtro: & saluarãose as armadas com grandes festas, & alegrias.

Surtos os nauios, chamou o Gouernador os capitaẽs, & lhes disse, q̃ ao outro dia auia de dar em terra, q̃ se fizessem prestes: mandoulhes que fizessem alardo da gente q̃ auia pellas embarcaçoẽs, o q̃ elles foraõ fazer, & acharaõ seis mil homens Portugueses, com todos os moradores de Cochim que alli foraõ logo em Tones, & outras embarcaçoẽs. E mãdou dizer a Elrey de Cochim (q̃ estaua da outra bãda cõ corenta mil homẽs (q̃ tiuesse prestes muitos Tones, & almadias pera a sua gente passar à ilha, quando lhe mandasse recado. Aquella noyte gastarão todos em prepararẽ suas armas, & o Gouernador em dar ordẽ no modo q̃ se auia de ter na desembarcaçaõ, que foy por esta maneira.

Manoel de Sousa de Sepulueda auia de leuar a dianteira com dous mil homẽs q̃ auia de desembarcar por hũa parte: & o capitaõ de Cochim com outros dous mil por outra, & o Gouernador com o resto em meyo d'ãbos, & Elrey de Cochim pela outra parte. E tanto que amanheceo tocou o Gouernador suas trombetas (que era o sinal a que se leuaraõ todos os nauios,) & os nossos postos em armas foraõ demandar a terra, com grandes gritas de aluoroço: & antes de chegarem lhes aleuantaraõ de là hũa bandeira branca, grande capeando com ella.

O Gouernador mandou leuar o remo, & esperou vm pouco: & logo chegou à sua embarcaçam hũa almadia pequena, em que vinha vm homem, que lhe pedio da parte d'Elrey de Tanor (o q̃ Garcia de Sà fez Christaõ) que sobre estiuesse naquillo, que os Principes Malauares querião com elle paz, cõ todos os partidos q̃ quisesse: & q̃ lhe desse licẽça pera elle vir falar com elle sobre aquelle negocio. O Gouernador chamou os capitaẽs a cõselho, & antre todos ouue varios pareceres: mas os mais disseraõ q̃ se deuia de saber o q̃ aquelles Principes queriaõ: & q̃ sẽdo os partidos taes, & tão hõrosos, como era rezão q̃ fossẽ, se lhe cõcedessẽ, porque assi se escusauão

danos

danos,&mortes q̃ forçado auia de auer:& mais quãdo não auia perigo na tardãça,nẽ lhespodia entrar mais gẽte da q̃ tinhaõ,nẽ elles podiaõ ſair perafora,q̃ a todo o tẽpo os tinhão ali fechados. O Gouernador deſpedio ohomẽ cõ recado a Elrey de Tanor, dizẽdolhe que por amor delle eſperaua q̃ ſe viſſe cõ elle depreſſa,&ſe determinaſsẽ q̃ elle não ſe podia ali deter muito

Com eſte recado deſpediologo Elrey outro ao Gouernador, a ſaber delle os partidos que queria q̃ lhe fizeſſem. O Gouernador lhe mandou dizer q̃ os Principes todos q̃ eſtauão naq̃lla ilha ſe auiaõ de entregar em ſeu poder, cõ lhe elle ſegurar as vidas,& que então fariaõ as pazes,& concertos,q̃ foſſem licitos,& honeſtos. Sobre iſto foraõ, & tornaraõ recados apreſſados,& em eſperanças,& com inuẽçoens foi Elrey de Tanor entretẽdo o Gouernador tres dias, & ao derradeiroà tarde chegouhũa em barcaçaõ q̃ vinha de Coulaõ, por dentro dos rios,em q̃ vinha vm fidalgo,que jà andara na India,cujo nome nos não lẽbra,&trazia duas cartas do Viſorrey dõ Afonſo de Noronha,q̃ficauaemCoulaõ,hũa pera o capitaõ de Cochim, & outra pera Manoel de Souſa de Sepulueda, porque não ſabia ainda da chegada do Gouernador ali.E ſabendo eſte fidalgo que eſtaua elle ali,foi demandar o ſeu nauio, & entrou com elle, & lhe deu rezaõ de ſi, & nouas do Viſorrey, & das cartas que trazia.

O Gouernador ficou ſobreſaltado,porq̃ receou que foſſe aquillo cauſa de elle não dar fim a hũa empreza taõ honroſa: & mandou chamar o capitaõ, & Manoel de Souſa de Sepulueda,& abrio cõ elles as cartas,q̃ cõ poucas palauras lhes dizia,q̃ elle ficaua emCoulaõ & q̃ ao outro dia ſeria emCochim q̃ lhes mandaua,q̃ entre tanto ſobreſtiueſſe no negocio q̃ tinhaõ antre maõs, nem fizeſſem paz, nẽ guerra ate elle chegar.

As nouas do Viſorrey logo ſe eſpalharaõ por toda a armada, & começou a auer na gẽte grãde aluoroço, (porq̃ a da India he mais amiga de nouidades,q̃ todas as do mũdo.) O Gouernador ficou magoado pello erro que tinha feito naquellas dilaçoẽs: & todauia determinou de não perder aquella honra,por lha não vir outrẽ arrãcar das maõs:& mãdou logo chamar todos os capitaẽs, &lhesdiſſe q̃ em quanto elle não entregaua a India ao Viſorrey,todas as couſas della eſtauão àſua conta,como quẽ della tinha dado a menagẽ. Que bem viaõ todos o cabedal q̃ eſtauametido naquella jornada,& q̃ não era rezão ficaſſe ſem effeito algum:que a vitoria eſtaua certa, & q̃ a honra della era de todos, q̃ lhes pedia,&rogaua,q̃ a quiſeſſem ganhar, & ſe fizeſſem preſtes para o outro dia pella menhã darem

em

em terra, por que ſegũdo aquelles Principes eſtauaõ medroſos,& faltos de tudo, auia de auer pouco q̃ fazer em os tomar as maõs, q̃ trabalhaſſem todos por fazer com q̃ os Reinoes quando chegaſſem ficaſſem inuejoſos de á ſua viſta ganharmos taõ grande honra, como na verdade ſeria a mayor de todas as que ſe ganharaõ na India.

Todos lhe diſſeraõ q̃ eſtauaõ preſtes pera o acompanharem, & q̃ lhes parecia mũy bem ſua determinaçaõ. Com iſto ſe deſpidiraõ, & foraõ fazer preſtes pera o outro dia de madrugada. Eſtando todos com eſte aluoroço,quis Deos (que nenhũa couſa faz ſem cauſa) que aquella noite, & todo o outro dia foſſe tanta a chuua,que alagaua os nauios, & naõ auia poderſe acender murraõ, nem ceuar eſpingarda, pello q̃ deixou o Gouernador de deſembarcar, & ſobre a tarde chegou o recado q̃ o Viſorrey era ja chegado a Cochim,q̃ acabou de deſconfiar o Gouernador d'aquella empreza. Com eſtas nouas, os mais dos capitaẽs tanto que anoiteceo, deixaraõ o Gouernador, & ſe foraõ pera Cochim,ficando elle com muito poucos.

Vendoſſe elle aſsi atalhado,naõ querendo que Manoel de Souſa de Sepulueda ficaſſe ſem ſe lhe pagarem as muitas deſpezas que naquella jornada tinha feito á ſua cuſta,& dinheiro que tinha empreſtado a Elrey pera ellas,o mandou chamar, & juntamente ao Secretario,& tiſoureiro, & fazendo diãte delle conta do que lhe era diuido,ſe acharaõ perto de ſeis mil pardaos, que ali lhe mandou logo contar, & fazer ſuas prouiſoens & papeis correntes: por que ſabia quaõ pouco coſtumauaõ os que ſocediaõ na gouernança, pagar as diuidas que ſeu anteceſſor tinha feitas, ainda que ſejaõ em couſas taõ importantes, & neceſſarias. E todauia mandou que ſe naõ deixaſſe a guarda da ilha de Bardela, encarregandoa a Manoel de Souſa de Sepulueda, a te o Viſorrey determinar o que ſe auia de fazer, deixandoſſe elle ali ficar a te lhe vir recado ſeu.

*Fim do Oitauo Liuro.*

# LIVRO NONO
## DA SEXTA DECADA
### DA HISTORIA DA INDIA.

### CAPITVLO I.

*De como Elrey dom Ioaõ o terceiro mandou por Visorrey da India dom Afonso de Noronha no anno de 1550. E do que lhe aconteceo na viagem a te chegar a Cochim.*

PELLA armada de Manoel de Mendoça, que da India partio em Ianeiro de corenta & noue, soube Elrey da morte do Visorrey dom Ioaõ de Castro, que sintio muito pella perda de taõ bõ vassalo,& recebeo mũy bem a seu filho dõ Aluaro de Castro, que naquella armada veyo : mas todauia os merecimentos de seu pay, & seus, naõ luziraõ por entaõ muito nelle,por q̃ andou muitos tẽpos agrauado,sem lhe responderem: a te q̃ depois o despacharaõ com menos do que merecia. Mas em tempo d'Elrey dom Sebastiaõ veyo a ser Veador da fazenda do reino, & dos principaes do seu conselho do Estado (de quem se dizia, que lhe tinha dado aluara pera ser seu Camareiro mór,por ter partes,& qualidades pera isso.) Sabendo Elrey que ficaua no gouerno da India Garcia de Sá que era muito velho, determinou de prouer a India , & elegeo pera isso dõ Afonso de Noronha,filho do segundo Marquez de Villa real dõ Fernando de Noronha: a quem deu o titulo de Visorrey, & lhe fez outras honras & merces.Pera esta jornada mandou Elrey negociar cinco naos , & pagar dous mil homens.

A fama desta eleiçaõ correo logo pello reino, & acodiraõ á corte muitos fidalgos pera o acõpanharem nella,a que Elrey despachou, & fez muitas merces , & os que achamos nomeados saõ estes.Dom Fernando de Meneses, filho do Visorrey dom Antaõ de Noronha, seu sobrinho, filho de seu irmaõ, dom Garcia,& dom Luis Telo de Meneses irmaõs , filhos do Craueiro, Gonçalo Pereira Marramaque, dom Felipe de Crasto, Gaspar de Mello de saõ Payo , despachado com a capitania de Goa, dom Martinho Rolim, dom Frãcisco Mascarenhas o Palha, dom Rodrigo Lobo, filho de dom Pedro Lobo,que faleceo nesta viagẽ, dom

dom Manoel Mascarenhas, Ieronymo Barreto Rolim, dom Francisco da Costa filho de dom Aluaro da Costa, dom Antonio Pereira, filho de dom Ioaõ Pereira, Felipe Carneiro, filho de Antonio Carneiro, irmaõ de Pero d'Alcaçoua, dom Bras d'Almeida o torto. Pero da Sylua de Meneses, filho de Manoel de Magalhaẽs senhor da Nobrega, dom Afonso de Mon Roy, Francisco Lopez de Sousa, q̃ tinha a capitania de Maluco, dom Bras da Sylua, Luis de Sousa filho do Chanceler mór do reino, Ioaõ d'Afonseca, mantieiro da Raynha, q̃ leuaua o cargo de Veador da fazenda da India, Simaõ Ferreira, q̃ ya por Secretario: & outros muitos fidalgos, & caualeiros.

Prestes esta armada se embarcou o Visorrey em Abril, mas foraõ os tempos tão contrarios, que não pode sair pera fora todo aquelle mes: & ao primeiro de Mayo dandolhe jazigo sairaõ pera fora coatro naos. s. saõ Pedro, em que ya o Visorrey: Flór de la mar, de que era capitaõ dom Diogo de Noronha o Corcoz, irmaõ de dõ Fernaõ d'Aluarez de Noronha, capitaõ geral das Galés de Portugal, & Semilher que foi d'Elrey dom Sebastiaõ. O Galeaõ Biscainho, de que era capitaõ Lopo de Sousa, & a nao santa Anna em que ya dom Iorge de Meneses o Baroche. A outra nao que era o Galeaõ saõ Ioaõ de Diogo de Crasto do rio, & ya por seu contrato, de que era capitaõ dom Aluaro de Tayde da Gama, filho do Conde Almirante que descobrio a India, que ya prouido da capitania de Malaca, não pode sair aquella marè, & mudandose o outro dia o vento, esperou a te dezoito de Mayo em que se fez à vela: tempo em que todos desconfiauaõ de ella poder passar: porque das naos que partiraõ diãte arribaraõ (poucos dias depois de elle partir) o Galeaõ Biscainho, & a nao sancta Anna. Mas este capitaõ dom Aluaro de Tayde da Gama com partir taõ tarde teue muito boa viagem, porque parece que aos descẽdẽtes daquelle valeroso capitaõ dom Vasco da Gama, em certo modo reconhecẽ os mares, & os ventos algũa vassalagem, & lhe tem acatamento: nẽ sabemes que ate esta hora em que isto escreuemos, acontecesse nesta carreira da India algum naufragio, ou perigo, aos descendentes deste valeroso Conde, passando por ella todos os seus filhos, netos & Bisnetos.

As naos passaraõ quasi a vm mesmo tẽpo o Cabo de boa Esperãça: & Flor de la mar tomou logo a derrota pera Moçambique, por ir falta d'agoa, a onde se deixou ficar ate Março, em que se partio pera a India, como a diãte diremos. O Visorrey, & dom Aluaro de Tayde, sem se verem, tomaraõ a derrota por fora da ilha de saõ

Lourẽço, & passaraõ muitos riscos & trabalhos com que lhes morreo algũa gente: & indo demandar á costa da India em Outubro, deraõ lhes os Leuãtes de rosto, de feiçaõ que foi o Visorey descair a Ceilaõ. & dom Aluaro de Tayde varou por fora da ilha, & foi tomar Pegú, a onde se refez de egoa, & mãtimentos. O Visorrey tanto que vio terra disse o seu Piloto que era da costa da India: mas Ioaõ Rebello de Lima, Piloto afamado q̃ ali ya por passageiro, disse que a terra que aparecia era Columbo, & Ceilaõ. O Piloto começou a porfiar que era a costa da India: & estando nesta confusaõ, chegou hũa embarcaçaõ, & disse ao Visorrey que a terra que aparecia era Columbo. O Piloto vẽdo aquillo, como era auido pello milhor da carreira, ficou taõ corrido, que se meteo no seu camarote, & em tres dias morreo de nojo.

O Visorrey mandou gouernar pera Columbo, & sorgio fora. Os da terra conhecendo a nao ser do reino foraõ logo a ella alguns nauios que ali ficaraõ da companhia de dom Iorge de Crasto: & sabendo ser o Visorrey, despediraõ logo recado a Cota a Elrey, & a Gaspar d'Azeuedo Alcaide mór, que logo acodiraõ a Columbo, vindo Elrey muito bem acompanhado, que mandou visitar o Visorrey, com muito refresco, & algũas peças. O Visorrey soube de Gaspar d'Azeuedo o socedido auia pouco a dom Iorge de Crasto, (como dissemos no capitulo setimo do liuro oitauo) & as guerras que o Madune fazia a seu irmaõ: & sabendo ser Elrey em Columbo, desembarcou nos nauios, & se foi a terra pera se ver com elle, indo acompanhado de todos os fidalgos & gẽte da sua nao. E recolheose em santo Antonio, mosteiro dos frades Menores, a onde Elrey se foi ver com elle, passandose de parte a parte grandes comprimentos.

Ali lhe deu Elrey conta de suas cousas, & lhe pedio, que pois era vassallo d'Elrey de Portugal, q̃ ordenasse as cousas de modo, com q̃ segurasse aquelle reino de seu irmaõ, q̃ o trataua mal, & desejaua de o matar. O Visorrey lhe disse, q̃ elle trazia isso muito encarregado: & q̃ a primeira cousa em que posesse as maõs, auia de ser naquella, & a voltas disso lhe pedio duzentos mil pardaos do emprestimo, de que se Elrey escusou, dizendo lhe que estaua muito despezo por causa das guerras, & que auia pouco gastara mais de setenta mil pardaos com dom Iorge de Crasto. O Visorrey não ficou muito contente, & despedindose delle se embarcou. E Elrey lhe deu pera mandar á Raynha naquellas naos as peças seguintes.

Vm colar de ouro grande com perolas, & rubis, & tres cruzes de pedraria no pè com hũa grande perola

perola em baixo:outro colar com rubis,vm no meyo grande. Outro colar douro cõ alguns rubis, olhos de gato, & no meyo vm olho de gato grande cõ rubis á roda. Tres brace letes de ouro & pedraria: vm anel grande com vm olho de gato, & rubis á roda, vm fermoſo olho de gato ſolto, o que tudo ſe carregou ſobre o feitor da armada,& aquelle anno foi pera o reino. O Viſorrey tambem leuou ſeus brincos: & antes de dar á vela ſe foi ver com elle vm filho do Madune,Rey de Ceitauaca, & o que paſſou com o Viſorrey naõ ſe ſabe. Depois de o ouuir deu á vela pera Cochim.

Elrey da Cota vendo como o Viſorrey ſe apartara delle deſgoſtoſo, deſpidio nas ſuas coſtas vm Bragmane Pandito com quinze mil pardaos que lhe mandaua de preſente. O Viſorrey chegou a Coulaõ,& alli ſoube do ajuntamẽto dos Principes Malauares em Bardela, pello que deſpidio aquella embarcaçaõ com as cartas que atras diſſemos, no derradeiro capitulo do oitauo liuro. Ao outro dia depois da tempeſtade(por cuja cauſa Iorge Cabral deixou de dar na ilha) ſorgio o Viſorrey na barra de Cochim, & foi recebido em terra muito bem.Iorge Cabral o mandou viſitar por dom Iorge de Caſtro, ſeu tio meyo irmaõ de ſua mãy, & elle lhe pagou a viſita por vm eſcudeiro ſeu, por quem lhe mandou dizer que ſe foſſe pera Cochim,& deixaſſe ſobre a ilha Manoel de Souſa de Sepulueda, com os nauios de remo.O Gouernador aſsi o fez: & deſembarcou em Cochim, & foi viſitar o Viſorrey que o recebeo ſecamente,& ali lhe fez entrega da India,& ſe recolheo pera ſua caſa, mandando logo nauios a Goa em buſca de ſua molher, pera ſe embarcar pera o reino: correndo ſempre muito bẽ com o Viſorrey: porque como ſe naõ receaua de couſa algũa, naõ quis quebrar com elle, ſofrendolhe algũas couſas,de que outros ouueraõ de lançar maõ pera queixas (por q̃ he muy ordinario em alguns Gouernadores que acabaõ, quebrarem de induſtria com os q̃ lhe ſocedem pera lhe ficarem ſoſpeitos,nas couſas que delles eſcreuerem.)

O Camorim tanto que ſoube da chegada do Viſorrey lhe mandou Embaixadores que trataraõ com elle de pazes,que lhe elle concedeo: & naõ achamos com que fundamentos, nem a ſuſtancia dellas. Somente nos diſſerão algũas peſſoas, que ficou o Camorim de deſiſtir do dereito,& perfilhaçaõ q̃ tinha feita com o Rey de Bardela: & que daria dous Principes em refens, a te ſe ſairem os q̃ eſtauão naquella ilha, que ficaria a Elrey de Cochim. Com iſto mandou o Viſorrey recolher,Manoel de Souſa de Sepulueda, & os Principes

Malauares se foraõ da ilha, & o Camorim se foi pera Calecut.

Dom Aluaro de Tayde da Gama capitaõ do Galeaõ saõ Ioaõ, q̃ foi tomar Pegú, depois de tomar agoa, & mantimentos, deu á vela pera a India, & foi tomar a ponta de Calè, a onde sorgio, sendo entrada de Nouembro, & ali desembarcou em terra pera curar os doẽtes, por q̃ estauão ali Portugueses, & Frades de saõ Francisco cõ hũa casinha pequena. Ali se deteue todo o mes de Nouembro, sem lhe dar dos muitos requerimẽtos que lhe fez Manoel de Crasto, procurador de Diogo de Crasto, cujo o Galeaõ era. Passado o mes se tornou a embarcar, & foi tomar Cochim a treze de Dezembro: & por não ser ja tempo pera o Galeaõ ir pera o reino, & auer mister concerto, o mandou pera Goa, & se recolheo em Goa a velha, a onde inuernou, & se concertou.

## CAPITVLO II.

*Dalgũas cousas em que o Visorrey dom Afonso de Noronha proueo em Cochim: & da armada que mandou ao estreito, sobre que ouve differenças antre dom Ieronymo de Castello branco, & dom Fernando de Meneses filho do Visorrey: & da grande vitoria que os nossos ouueraõ em Cochim de cima, de oito mil Naires Amoucos: & de como Iorge Cabral se embarcou pera o reino, & das partes & qualidades de sua pessoa.*

DAS primeiras cousas em q̃ o Visorrey entendeo, foi em mandar hũa armada de cinco Fustas ao estreito de Meca, pera vigiar as Galès pellas nouas que auia dellas E quando sahio este negocio em conselho que se soube: pedio dõ Ieronymo de Castello branco ao Visorrey de merce aquella jornada, & elle lha prometeo, & os nauios se começaraõ a fazer prestes. Acertou de chegar neste tempo a Cochim Luis Figueira, de que atras demos conta no capitulo doze do liuro oitauo, que o Visorrey recebeo bem, por cima das desgraças que lhe socederaõ, por ser cousa do iffante dom Luis, & que lhe elle encomendaua muito. Este fidalgo sabendo dos nauios que se faziaõ prestes pera o estreito, como andaua muito desconfiado da jornada passada, desejando de lhe soceder cousa em que emendasse aquella quebra, meteo todas as valias que pode com o Visorrey, pera que lhe desse aquella jornada, apertando dom Fernando de Meneses

nefes filho do Viſorrey tanto com o pay que lha concedeo (tirandoa a dom Ieronymo de Caſtello brã-co, a quem a tinha prometido de peſſoa a peſſoa, ainda que não eſtaua declarado)& não ſabemos com que achaques. Dom Ieronymo de Caſtello branco, que era vm fidalgo muito honrado, & mancebo de grãdes eſpiritos, & opiniaõ, auendoſe por afrontado, & injuriado do Viſorrey, ſabendo o cabedal que ſeu filho dom Fernando de Meneſes metera naquelle negocio, em fauor de Luis Figueira, o mandou deſafiar. E indo elle ja pera o campo, ou fazendoſe preſtes pera iſſo, foi ſabido o negocio, & acodio o capitaõ da cidade com todas as juſtiças, & lhes tomou as menages, prendendoos em ſuas caſas, a te que o Viſorrey, & fidalgos, parentes de vns, & de outros meteraõ a maõ em meyo, & os apaſigaraõ de maneira que ficaraõ ambos ſatisfeitos & amigos.

Preſtes a armada, deſpidioa o Viſorrey em Ianeiro, com regimẽto que tornaſſe a inuernar a Goa, com as nouas que achaſſe. Os capitaens dos cinco nauios eraõ, Luis Figueira, dom Felipe de Craſto, Inofre do Seuoral, Ioaõ da Coſta Peleja, & Gaſpar Nunez, da obrigaçaõ de Manoel de Souſa de Sepulueda. Dada à vela foraõ ſeu caminho, a que logo tornaremos. O Viſorrey ficou eſcreuendo pera o reino, & dando deſpacho a muitas couſas: Iorge Cabral corria com a ſua nao, que era a em que o Viſorrey veyo, & daua preſſa a ſeu concerto. E na entrada de Ianeiro chegou ſua molher, que tinha mãdado buſcar a Goa, q̃ vinha muito anojada, por que à ſua embarcaçaõ lhe falecera vm filho macho, que não tinha outro, de idade de noue annos, de beber deſatentadamente de hũa pouca de agoa de Solimão de vm fraſco, que as molheres coſtumão curar pera o roſto, o que Iorge Cabral ſentio tanto, que eſteue pera morrer de paixaõ.

O Viſorrey depois de eſcreuer, & dar deſpacho a muitas couſas, deſpidioſe de Iorge Cabral, que ficaua correndo com a carga das naos: & o meſmo fez del Rey de Cochim, & cidade, & ſe embarcou de vinte de Ianeiro por diante, & de caminho foi viſitando as fortalazas de Chale, & Cananor: & deixou por capitão mòr na coſta do Malauar, dom Antonio de Noronha, filho do Viſorrey dom Garcia de Noronha, com vinte nauios de remo, com que andou todo o reſto do veraõ.

O Viſorrey chegou a Goa, a onde a cidade lhe tinha preparado vm grande recebimento, por terẽ ſabido, ſer irmaõ do Marquez de villa Real, a quem Elrey chamaua ſobrinho. E por que fora capitão de Ceita, & era inclinado a gente de caualo, quando entrou pella

barra de Goa dentro, indo de longo da terra, lhe aparecerão na praya de nossa Senhora de Guadalupe, duzentos de cavalo, em ginetes ricamente geezados, & os homens vestidos á Mourisca muito custosamente. E por aquella praya a te a ponta de Pangim, que continua sempre, forão á vista do Visorrey escaramuçando com tal ordem, q̃ folgou muito o Visorrey de os ver. Pello rio dẽtro foy o Visorrey achando infinidade de embarcaçoens embandeiradas, & enramadas, com muitos, & diversos instromẽtos de tangeres, & folias: & em terra muitas salvas de artelharia, & o mesmo das Naos, & Galeoens q̃ estavão no porto. Desembarcou no cais, & foi recebido da cidade com as ceremonias acostumadas, & com grande aplauso, & contentamento do povo: ficando correndo com suas obrigaçoens: a onde o deixaremos por continuarmos com as cousas de Cochim.

Iorge Cabral ficou dando pressa a sua embarcação: & por que faltava pimẽta por causa das guerras passadas: ficou esperando que decesse pellos rios: o que foi tam devagar, que o deteve a te catorze dias de Fevereiro, em que estava pera se embarcar, pera ao outro dia dar a vela. Aquelle dia a noite, chegarão novas, que entravão por Cochim de cima oito mil Nayres Amoucos, & que vinhão fazendo grandes estragos, com o q̃ a cidade se pos em revolta. Iorge Cabral acodio à rua direita, & cõ elle o capitaõ, & Manoel de Sousa de Sepulveda, que o Visorrey tinha deixado por capitaõ mór dos rios pera fazer correr a pimenta. E tocando tambores acodio toda a gente com que se tomaraõ as bocas das ruas, porque os Amoucos não entrassem na cidade. E tanto que foi manhã, querendo Iorge Cabral passar em busca dos Amoucos, não o consintiraõ os Vereadores, & sobre isso lhe fizeraõ grandes requerimentos, com o q̃ sobre esteve. Despidio o capitaõ, Manoel de Sousa de Sepulveda, cõ mil, & quinhentos Portugueses, & outra gente da terra, pera irẽ buscar os imigos: ficando Iorge Cabral com a mais gente em guarda da cidade. Os nossos feitos em dous escoadroẽs entraraõ por Cochim de cima a onde os Amoucos andavão fazendo destruiocens, & cruezas muito grandes: & dando nelles, tiveraõ hũa muito grande & arriscada briga, por estarem os imigos determinados a morrerem. A batalha foi a mais aspera, & accesa, de quantas os nossos tiveraõ, & em que nunca se viraõ: & todavia ainda que foi com perda de mais de cincoenta dos nossos, os imigos forão rotos, & desbaratados, ficando dous mil delles mortos, & atassalhados no campo, & os mais se recolherão, feridos muitos de espingardadas: por que a nossa ar-

cabuzaria

cabuzaria foi a que fez nelles gran de estrago.

Auida esta vitoria se recolheraõ os nossos pera a cidade, a onde foraõ recebidos com muitas honras, & festas. Esta noite se embarcou Iorge Cabral, & teue taõ roim & trabalhosa viagem por partir tarde, que pos oito meses no caminho, porque chegou a Lixboa em Outubro. Foi bem recebido dElrey, que lhe estranhou as dilaçoẽs, porque deixou de dar em Bardela, mas despachoo com coatrocentos mil reis de juro.

Foi este fidalgo filho de Ioaõ Fernandez Cabral Alcaide mòr de Belmonte, & senhor de dous, ou tres lugares á roda. Sua mãy se chamaua dona Ioana de Crasto (q̃ foi a primeira camareira mòr q̃ a Raynha dona Lianor teue, quãdo logo casou com Elrey dom Manoel, porque era hũa dona de tantas partes, & merecimentos, q̃ por esta rezaõ foi eleita pera aquelle cargo.) Foi Iorge Cabral casado com hũa filha de vm caualleiro muito honrado chamado Ioaõ fialho Borges, que se chamaua dona Lucrecia, & o mancebo se namorou della, por ser muito fermosa: & parece que ouue antre ambos alguns penhores, por onde Elrey dom Ioaõ depois o obrigou a casar com ella: porque parece que se arrependia. E quando foi pera a India despachado com a fortaleza de Baçaim a leuou comsigo, & em sua companhia juntamẽte foi vm irmaõ seu della chamado Christouão Borges, que casou em Goa, & teue hũa filha chamada dona Maria Borges, que depois casou com Aires Falcão. Dantre ambos naceraõ muitos filhos, que saõ viuos. Não teue Iorge Cabral mais que hũa filha, que casou com vm seu primo com irmaõ, filho de Fernaõ dAuarez Cabral, irmaõ mais velho de Iorge Cabral: & por morte de ambos herdarão ambas as casas.

Foi Iorge Cabral homem bem feito, de boa estatura, muito bom caualeiro, de muita verdade, de bõ conselho, liberal, & sobre tudo bõ Christão. Foi tão amigo dos bõs caualeiros, & do seruiço dElrey: q̃ estranhãdolhe o Visorrey dõ Afonso de Noronha (quando logo chegou a Cochim) as muitas merces que fizera aos homens, lhe respõdeo. Bem parece senhor que não vistes ainda peleijar os da *India*: como os virdes, então me desculpareis. Foi tão desinteressado, que nunca se lhe achou que tachar, & tanto, que lançandose hũas troũas em Goa, em que praguejauão de todos os officiaes, nelle não se falou, nem tocaraõ: sendo os Gouernadores da *India* os primeiros a que os homẽs não perdoaõ cousa algũa: notandolhes ainda cousas que nunca fizeraõ. O tempo do seu gouerno foi notado por vm dos milhores da *India*, & tanto que

to, que andando Antonio Moniz Barreto (ſendo Gouernador, paſſeando na caſa, a onde os retratos de todos os Viſorreys, & Gouernadores, q̃ gouernaraõ a India eſtaõ, diſſe pera alguns fidalgos que ali ſe acharaõ, apontando pera o de Iorge de Cabral: eſte Caldereiro foi muito bom Gouernador. Chamoulhe aſsi, porq̃ era de Belmõte donde ſaõ os Caldeireiros.

## CAPITVLO III.

*Do que aconteceo a Luis Figueira no eſtreito do mar roxo: & de como encontrou o Turco Cafar com as ſuas Galeotas: & de como de deſconfiado inueſtio a capitania & de como foi morto, & o ſeu nauio tomado.*

PARTIDO Luis Figueira de Goa (como no capitulo paſſado diſſemos) foy atraueſſando aquelle golfo, ate auer viſta de monte de Felix, de longe da coſta de Arabia, & foi demandar o eſtreito por onde entrou, & andou por elle tomando fala das galès, & chegãdo ás ilhas Aparcelladas (que ſaõ logo da banda de dentro) tomou hũa gelua que lhe deu por nouas, que o Cafar andaua por aquella paragem com cinco Galeotas. Luis Figueira ſorgio nellas, & deixouſe ali ficar, & por lhe faltar agoa a mãdou fazer por Inofre do Soueral, q̃ era grande homẽ daquelle eſtreito, que a foi tomar da outra banda do Abexim, que era ſete legoas donde elle ficaua, porque ali he o mais eſtreito. E auendo cinco ou ſeis dias que ali eſtaua Luis Figueira, veyo o Cafar demandalo com as ſuas cinco Galeotas (porque algũas Geluas lhe deraõ rebate dos noſſos nauios.) E auendo viſta delles, mandou hũa Galeota quẽ rodeaſſe a ilha pella outra banda, porque ſe lhe não foſſem os noſſos nauios por lá, & elle os foi demandar, afaſtandoſe das reſtingas que ali auia. Luis Figueira tanto q̃ vio as Galeotas, chamou a ſi os nauios que tambem eraõ coatro, & diſſe a ſeus capitaens.

Senhores eſte he o dia em que podemos moſtrar o esforço, & valor Portuguez, & ganharmos hũa muito grande honra: cometamos aquelle imigo, que eu confio em Deos, que nos há de dar vitoria delle.

E pondoſe logo em armas ſem eſperar repoſta, tomou o remo na maõ, & foi demandar as Galeotas, & como homem que andaua deſconfiado endereitou com a de Cafar, que vinha diante: & dandolhe hũa ſurriada de arcabuzaria, & de artelharia, a inueſtio pella proa: & os que yaõ no eſporaõ do nauio ſe lançaraõ dentro, & deſtes ficarão

dous

dous ſoldados dependurados dos remos,& com trabalho ſe ſobiraõ á Galeota,a onde ficaraõ pelejãdo com muito valor,(por que a Fuſta da pancada que deu, tornou a recuar,& ficou vm pouco afaſtada.) Luis Figueira mãdou apertar o remo,& tornou a pór a proa na Galeota,& logo ſe baldeou dentro cõ os ſeus ſoldados, achãdo os outros que da primeira pancada tinhaõ entrado, pelejando com todos os Turcos valeroſamente. Luis Figueira como homem que deſejaua de ſe reſtituir,da quebra da outra jornada, com aquelle impeto com que entrou, leuou os Turcos ate o meyo da Galeota, onde ſe ateou hũa aſperiſsima batalha,emq̃ elle pelejou muito bem.Os outros nauios poſeraõſe de fora ás bombardadas,& eſpingardadas,deſcuidandoſſe de irem ajudar o ſeu capitaõ mór. As outras tres Galeotas dos Turcos ſe foraõ achegãdo pera os noſſos ás bombardadas & eſpingardadas, de que deraõ hũa em vm pé a Ioaõ da Coſta Peleja: A eſte tempo viraõ os noſſos cair Luis Figueira de hũa eſpingardada de que logo morreo,tendo feito taes couſas que os Turcos ficaraõ paſmados,& o Cafar diſſe aos ſoldados que ali ficaraõ catiuos (ſegundo elles depois q̃ os reſgataraõ diſſeraõ) que ſe Luis Figueira naõ morrera da eſpingardada, ſem duuida elle ficara o rendido.

Morto Luis Figueira, nos ſeus ſoldados ouue pouco que fazer, por que os que ficaraõ viuos logo ſe renderaõ, ſendo ja mortos dez ou doze: ficando tambem a ſua fuſta em poder dos Turcos. O Cafar tãbẽ ficou ferido de hũa roim eſpingardada por vm braço,& perdeo mais de corenta dos ſeus. Os outros nauios da companhia de Luis Figueira, tanto que viraõ o ſeu capitaõ mór rendido & morto, ſe foraõ afaſtando, & deraõ á vela com o Ponente rijo, & foraõ fugindo pera fora do eſtreito. As Galeotas dos Turcos os foraõ ſeguindo: Gaſpar Nunez tanto que ſayo do eſtreito tornou a voltar pera a outra banda do Abexim,& foi demandar Maçuá,& tẽdo vergonha de ir á India,por ver matar o ſeu capitaõ mór,deitou a artelharia no mar, & com os ſeus ſoldados ſe foi por terra pera o Preſte Ioaõ, & no moſteiro de Baroá acharaõ o Barnagais que os recebeo bem, & os encaminhou pera o ſeu Rey: eſtes todos morreraõ por lá.

Inofre do Soueral, que eſtaua fazendo agoada da outra banda, ouuindo bombardadas leuouſe,& tomou o remo pera ſe ir pera o ſeu capitaõ mór: & indo demandando a ilha,deu com a Galeota q̃ o Cafar mandou pella outra banda, como atras diſſemos, & foi ja taõ perto que naõ pode voltar. E tomando depreſſa as armas indireitou

reitou

reitou com a Galeota, & poslhe a proa, tendo de bordo a bordo hũa taõ aſpera & aceſa batalha, que foi eſpanto. Os Portugueſes fizeraõ couſas taõ notaueis, que nos faltaõ palauras pera o encarecer: baſta q̃ depois de muitas horas abordadas ſe afaſtaraõ taõ deſtroçados ambos, que ſe naõ ouſaraõ a cometer outra vez, & deraõ á vela cada vm pera ſua parte, com mais de ametade da gente morta, & todos os mais muito mal feridos. Inofre do Soueral, foi voltãdo pera fora do eſtreito, & foi ſeguindo ſeu caminho. As Galeotas que vinhaõ a pos os mais nauios, os foraõ entrãdo, principalmente hũa dellas, que era muito veleira, & ligeira, & como o vento era rijo, & os Turcos forçaraõ a vela, quis Deos que lhe arrebentaſſe, & ficaſſe anhota, com o que os noſſos tiueraõ tempo de fogir, & os Turcos tornaraõ em buſca do ſeu capitaõ. Inofre de Soueral encontrou depois os mais nauios, & todos juntos ſe fizeraõ na volta de Goa. No caminho encõtraraõ hũa nao que ya de Diu pera Meca cõ cartaz, & demandandoa lhe atiraraõ á maynar, o que ella fez por ir com ſeguro: & entrando os noſſos nella, moſtrandolhe o cartaz, o ſumiraõ, & a roubaraõ. Com eſtas aualias chegaraõ a Goa no fim de Abril. E ſabẽdo o Viſorrey o que era paſſado, mandou prender os capitaens, & pellos naõ afrontar com outro negocio, lhes veyo o Procurador d'Elrey com libello, q̃ roubaraõ a nao que leuaua cartaz, ao que vieraõ com ſuas contraditas, dizendo que leuaua couſas defeſas, & aſsi o prouaraõ, com o que ficaraõ liures, mas deſacreditados.

## CAPITVLO IIII.

*De como os Turcos tomaraõ a fortaleza de Catifa. E de como o Viſorrey dom Afonſo de Noronha mandou dom Antaõ de Noronha com hũa groſſa armada pera a tornar a cobrar: & dos mais capitaens que deſpachou pera fora: & de como dom Diogo de Noronha ſe perdeo no rio de Maſagaõ: & do que lhe aconteceo a te vir a Goa.*

DEPOIS que o Turco ſe vio ſenhor de Baçorá deſejou logo de o ſer de todo aquelle eſtreito Perſico, de hũa & d'outra banda, ate ſe vezinhar com a ilha de Ormuz, q̃ lhe naõ ſaya do penſamento, pello groſſo trato, & comercio que nella concorria de todas as partes do Oriente, & pera iſſo tinha mandado ao Baxá de Baçorá que trabalhaſſe por tomar Catifa, & Barem: & que meteſſe dentro grãdes guar

niçoens. O Baxá este veraõ atras de cincoenta, querendo por as maõs a este negocio, carteouse cõ alguns Arabios de dentro de Catifa, & com promessas os rendeo, & assentaraõ que fosse com hũa armada, & os cercasse, q̃ elles lhes entregariaõ a fortaleza. Com isto ajuntando muitas embarcaçoens, se embarcou com muita gente, & sorgio sobre Catifa, a que pós cerco da banda do mar. Estaua por capitaõ nella Moradebeque com trezentos ou coatrocentos Arabios. Este, ou que fosse auisado, ou que sospeitasse que alguns dos seus estauaõ peitados dos Turcos, quis segurar sua vida, largando a fortaleza, & se recolheo pera o sertaõ. Desta feita ficaraõ os Turcos senhores della, & a reformaraõ, & guarneceraõ de artelharia. Estas nouas chegaraõ a Ormuz, que poseraõ a todos em grande confusaõ, pella roim vizinhança dos Turcos. Elrey o sintio muito, pella perda de hũa fortaleza taõ importante, & se vio com o capitaõ dõ Aluaro de Noronha, & despidiraõ logo recado ao Visorrey, pera que mandasse acodir a estas cousas, por que poderia aquelle negocio vir a ser de grande dano.

Estas cartas chegaraõ ao Visorrey depois de ser em Goa, & juntamente com ellas vieraõ Embaixadores d'Elrey de Baçorá, que andaua no sertaõ fazendo guerra aos Turcos que lhe tinhaõ tomado o seu reino: que estaua concertado com os senhores Gizares, que viuiaõ naquellas ilhas, que estaõ na garganta do Eufrates, grandes imigos dos Turcos. Por estes Embaixadores mandaua o Rey de Baçorá pedir ao Visorrey, que o quisesse fauorecer com hũa armada, que naõ fizesse mais que porse sobre aquelle porto, por que elle ficaua em campo cõ todos os Reys Arabios seus visinhos, cõ trinta mil homẽs, pera tornarẽ a cobrar aquella cidade, & lãçarem os Turcos fora: & q̃ elle se offerecia a dar a Elrey de Portugal a fortaleza de sobre a barra, & a metade dos rendimentos da alfandega.

Vistas as cartas pello Visorrey, & ouuidos os Embaixadores, vẽdo a importãcia do negocio, ajũtou os fidalgos & capitaẽs a conselho, & lhe propos o caso, & leo as cartas, & disse o que Elrey de Baçorá lhe pedia & prometia. Descutida antre todos a materia, assentaraõ, q̃ era muito necessario mandarse logo hũa armada, & poder, pera tornar a tomar áquella fortaleza, assi por ser d'Elrey de Ormuz, como pera tirar os Turcos de taõ perto da nossa fortaleza: & pera entenderem que todas as vezes que meterem pé em algũa parte d'aquellas os podiaõ lançar fora: & que o mesmo capitaõ que fosse áquella empreza, depois de acabada

passasse a Baçorá, & fauorecesse aquelleRey a te tornar a cobrar seu reino, por que tambem era negocio de muita importancia a fortaleza,& alfandega que offerecia,pera o que se mãdasse logo vm veador da fazenda pera dar ordem as suas cousas. Assentado isto nomeou o Visorrey pera esta jornada dom Antaõ de Noronha seu sobrinho cõ mil & duzentos homẽs, & sete Galeoẽs, & doze nauios de remo, & logo mandou dar muita pressa a esta armada,& pagar gente,que entaõ auia muita.

E em quanto se negociaua,quis prouer nas cousas de Maluco, por lhe chegarẽ cartas de Bernaldim de Sousa, & de Elrey de Ternate, em que lhe dauaõ cõta das cousas d'aquella fortaleza,& Elrey lhe pedia encarecidamente, que a prouesse d'outro capitaõ,por que elle naõ auia de cõsintir Iurdaõ de Freitas, por ser seu imigo mortal : & q̃ naõ compria ao seruiço d'Elrey de Portugal auer diuisoẽs & odios antre elle & os capitaens d'aquella fortaleza. Vendo o Visorrey as cartas, praticando aquelle negocio com os fidalgos velhos, assentaraõ,que Elrey pedia justiça & rezaõ,& que o satisfizessem naquelle particular,& que se desse a Iurdaõ de Freitas outra cousa. Com isto determinou o Visorrey de mãdar outro capitaõ, & elegeo pera isso dom Garcia de Meneses filho do Craueiro, que com elle tinha vindo do reino. Esta eleiçaõ fez porque era vm fidalgo de muita arte,& de muito auiso, & letrado, agraduado em Canones, por que o tinha o pay mandado aprender letras pera o fazer clerigo: & vindo dos estudos á corte se namorou de hũa dama filha de vm fidalgo muito honrado, com que foi achado: & receandosse tãto do pay delle, como do della, se embarcou escondidamente pera a India na nao do Visorrey, que folgou de lhe dar esta capitania,pera que tirasse della vinte mil cruzados, & se tornasse pera o reino a casar com ella: que ficaua recolhida em vm mosteiro. Ordenoulhe o Visorrey vm Galeaõ com muitos prouimentos & moniçoens, & passou prouisoens pera Iurdaõ de Freitas se embarcar pera a India:& lhe deu carta de guia pera qualquer capitaõ que estiuesse na fortaleza lha entregar.

Prestes a armada de dom Antaõ de Noronha,lançoua o Visorrey fora o primeiro d'Abril:os capitaẽs q̃ yaõ nella saõ os seguintes. Elle no Galeaõ saõ Lourẽço, Ioaõ Fernandez de Vasconcellos, Manoel de Vascõcellos,Martim Afõso de Mello Hõbrinhos,Pedro Afõso d'Auelar, Antonio Lopez de Oliueira,o Licenceado Ieronymo Rodriguez, q̃ ya por Veador da fazẽda:todos estes em Galeoẽs & Carauelas: os capitaẽs das fustas eraõ, dom Ieronymo de Castello brãco,

Diogo

Diogo Pereira, Ioaõ Serraõ, Antonio Anriquez, Gonçalo de Moraes de Sousa, Martim Barbudo, Antonio de Betancór, Ioaõ Coelho, Ruy Lopez, Pedraluarez, Gonçalo Pirez, & outros. Dada a vela foraõ seguindo sua jornada, a que logo tornaremos.

Partida esta armada o fez tambem o Galeaõ de Maluco: & juntamente despachou o Visorrey a Gil Fernãdez de Carualho) irmaõ de Ruy de Sousa de Carualho, que os Mouros mataraõ sendo capitaõ de Tangere) pera ir a Quedá com vm Galeaõ a fazer aquella viagẽ, q̃ era de muito proueito E despachou Gonçalo Vaz de Tauora em hũa nao pera Bengala: nisto se gastou todo o més d'Abril, & na entrada de Mayo lhe vieraõ cartas de dõ Diogo de Noronha o Corcós, em q̃ lhe pedia embarcaçoens pera se recolher, por q̃ se perdera no rio de Mazagaõ, & estaua em terra cercado de Mouros. Este fidalgo foi por capitaõ da nao Flor de la mar, da companhia do Visorrey, & ficou em Moçambique por chegar ali tarde (como atras dissemos no cap. 1. deste 9. liuro) & em Março deu á vela pera vir inuernar á India, & no caminho achou muitas calmarias, pello q̃ gastou ate o derradeiro dia do més d'Abril: & em Mayo vindo demãdar a costa da India, foi o seu Piloto varar cõ a nao no rio de Mazagaõ trinta & oito legoas de Goa. E tirãdo fora o batel & esquife, desembarcou cõ toda a gẽte na boca d'aquelle rio, & em vm morro da bãda do Sul q̃ fica sobre a agoa, se fortificou com pipas & madeira, & se guarneceo da artelharia que tirou da nao, & desembarcou o cofre do cabedal, & muita fazenda outra. E despidio recado ao capitaõ de Chaul, & ao Visorrey, que o socorressem, por q̃ acodiaõ os Mouros de Carapataõ, Ceitapor, Dabul, & de outras partes, cõ a cobiça da preza, & que ficauaõ sobre elle mais de cinco mil. A cidade, & capitaõ de Chaul tiueraõ as cartas em tres dias por que era mais perto, & logo despidiraõ doze nauios cheyos de muita & boa gente, que chegaraõ a Mazagaõ, com o que os nossos ficaraõ desafogados, & os Mouros se recolheraõ. Dom Diogo de Noronha naõ se quis embarcar ate vir recado do Visorrey, que em lhe dando as cartas, no mesmo dia despidio Ioaõ Peixoto, por capitaõ mór de coatro nauios: & por terra mãdou Gaspar Pirez de Matos cõ corenta piaẽs, & hũa grande soma de seruidores, & bois, pera trazerem o fato por terra: & escreueo a dom Diogo de Noronha, que se fosse por mar, & mandasse a gente com Gaspar Pirez de Matos.

Chegado este recado se embarcou dõ Diogo de Noronha com as pessoas que escolheo nos nauios de Ioaõ Peixoto: & da mais gente, q̃

ſeria perto de coatrocētos homēs, fez vm muito arrezoado eſcoadraõ,ordenandolhe ſeus capitaēs, & os mandou por terra, em companhia de Gaſpar Pirez de Matos. E dom Diogo de Noronha como ya por mar,pós poucos dias a te Goa: & depois chegaraõ os q̄ foraõ por terra, & paſſaraõ todo aquelle caminho ſem lhes acontecer deſaſtre, afronta, nem enfadamento algum: por que o Viſorrey tinha mandado cartas do Tanadar de Pondá,pera todos aquelles Tanadares por onde elles auiaõ de paſſar:com a chegada deſta gēte ſe ſerrou o inuerno.

## CAPITOLO V.

*Da liga que Elrey de Viantana conuocou contra a fortaleza de Malaca: & da diſſimulaçaõ com que mandou viſitar o capitaõ dom Pedro da Sylua da Gama.*

SOCEDERAM tantas couſas juntas em vm meſmo tempo, que naõ foi poſſiuel continuar com ellas por naõ fazer confuſaó: & por eſta rezaõ guardamos todas as mais que eraõ de mais lōge pera eſte lugar: & continuaremos agora com as de Malaca. Na noſſa coarta decada, no capitulo terceiro do liuro ſegundo temos dado conta,de como Pero Maſcarenhas lançou fora da ilha de Bintaõ a El rey Soltaõ Halaudim,filho do Soltaõ Mahamede, a quem Afonſo d'Albuquerque tomou Malaca. Eſte Soltaõ Halaudim ſe paſſou pera Viantana, donde dom Eſteuaõ da Gama, ſendo capitaõ de Malaca,tambem o lāçou fora, pella roim vizinhança que fazia. E nas pazes que lhe fez o obrigou a ſe paſſar pera Muar, onde eſtaria ſem fazer forte algum: & ali ſe apoſentou em vm lugar chamado Tangor, onde viueo tres ou coatro annos. E deſcuidandoſſe os capitaens de Malaca d'elle, ſe paſſou pera o rio de Ior, que eſtá pegado á ponta de Viantana, por ſer vm porto mūy accommodado pera o que pretendia (que era trazer a elle o trato de Malaca,& fazer com ſuas armadas entrar nelle todas as naos, & juncos que foſſem pera a noſſa fortaleza, de toda a coſta de Iaoá,Siaõ,Cāboja, Borneo, & outras: o q̄ fez ſem de Malaca lhe irē á maõ.) Cō iſto engroſſou tāto, q̄ lhe vieraõ deſejos de tornar a cobrar ſeu reino,& a cidade de Malaca,& lançar della os Portugueſes, por ter cabedal pera as deſpezas. Cō eſte penſamento começou a fazer preſtes ſuas gentes,& armadas, naõ fiando de peſſoa algūa aquelle negocio,por os noſſos ſe naõ aperceberem: antes lançou fama que fazia aquellas preparaçoens pera

pera contra o Achem. Pera iſto ſe carteou com os Reys de Perá, Paó, Marruás,& outros ſeus vizinhos,q̃ folgaraó de entrar naquella liga: & mandou conuidar pera ella a Raynha de Iaporá, na coſta de Iaoá,com que tinha rezaó, cometendolhe ſeus partidos, & facilitãdolhe a jornada,pello deſcuido cõ que os Portugueſes eſtauaó,& pella falta que de tudo tinhaó.

Conuocada eſta liga,fizeraó todos os della ſuas juntas, & lãçaraó ſuas armadas ao már, negociando artelharia, moniçoens, & mantimentos. Contra eſta guerra foi ſempre Lacximena, que naó podia Elrey deixar de lhe dar conta diſto, por que era ſeu capitaó geral,& como era velho,& ſeſudo,& ſabia o pouco fruito que d'aquella jornada ſe auia de tirar, eſtando vm dia com Elrey ſô lhe diſſe.

Nas couſas deſta guerra, ainda que V. A. me naó peça conſelho, naó eide deixar de vos dizer o que entendo,pella obrigaçaó de bom vaſſalo. Naó ſey ſenhor ſe vos vẽ bem prouardes tantas vezes voſſa fortuna com os Portugueſes: por que pella experiencia que todos temos delles,bem ſe ſabe,que ninguem pode leuar delles a milhor: Vos tendes feito pazes com dom Eſteuaó da Gama,capitaó que foi d'aquella fortaleza, irmaó do que oje eſtá nella, a quem quereis fazer guerra: que por duas rezoens naó podeis quebrar. A primeira, & principal he, pello grande perjuro que cometereis contra Mafamede, & pella authoridade & fé real,que os Reys ſaó taó obrigados a guardar: A ſegunda he,porq̃ da parte dos Portugueſes naó ha occaſiaó algũa de eſcandalo: antes ſempre ſe moſtraraó amigos,& tãto, que ſofreraó couſas de que bẽ poderaó lançar maó. Da amizade deſtes homens vos reſultaó dous proueitos. Vm do trato & comercio, & o outro do fauor & ajuda nos trabalhos: por iſſo ſenhor vede o que fazeis, naó queirais por vm pequeno apetite arriſcar tãtas vezes a honra & a vida.

Elrey como eſtaua com paixaó & odio lhe reſpondeo. Que elle tinha conſideradas bem aquellas couſas,& deitadas ſuas contas,& q̃ naó ya contra ſua fé & obrigaçaó, em querer ganhar aquella cidade, que direitamente era ſua, & fora de ſeus auós: & que elle eſperaua em Mafamede de a ganhar d'aquella vez. Lacximena ſe calou,& mandou fazer preſtes a armada,& na entrada de Iunho a pos toda no mar. Elrey ſe embarcou com cinco ou ſeis mil homens,eſcolhidos, & no mar eſperou os Reys da liga, que ſe foraó ajuntar com elle, formandoſſe hũa armada de mais de duzentos nauios,em que entrauaó mais de corẽta juncos da Raynha de Iaporá, cujo capitaó mór era vm Iao muito valente homem chamado Sangue de Pate, que

trazia coatro ou cinco mil homẽs de peleja.

Partidos todos do porto de Ior, foraõ ſorgir na ponta de Bancallis que he na coſta de Camatra, defronte do cabo rechado, no mais eſtreito de todo aquelle mar: por que de hũa parte a outra auerá perto de ſeis legoas. Surtos ali, mandou Elrey de Viantana chamar Lacximena,& lhe diſſe que foſſe a Malaca a modo de viſitar o capitaõ de ſua parte,& q̃ a voltas diſſo notaſſe o modo da fortaleza, & q̃ gente tinha,& ſe auia atoardas deſta armada. Lacximena lhe diſſe, que elle fora a Malaca jurar as pazes com dom Eſteuaõ da Gama, & que naõ era rezaõ que tornaſſe lá com recado de enganos,q̃ mandaſſe elle ſeu filho a iſſo,& q̃ ſe em Malaca ouueſſe algũa ſoſpeita d'aquella junta,podia ſer que o capitaõ o reprezaſſe, & que com iſſo lhe ficaria occaſiaõ pera quebrar as pazes. Pareceo a Elrey bem aquelle conſelho, & deſpidio logo o filho de Lacximena q̃ era moço, em algũas Lancharas, muito bem acompanhado.

Chegados eſtes nauios ao porto de Malaca, mandou ó filho de Lacximena lançar vm criado ſeu em terra, que foi leuado ao capitaõ,& lhe diſſe que o filho de Lacximena ficaua no porto, que lhe trazia hũa embaixada d'Elrey de Viantana, que lhe pedia licença pera deſembarcar. Dom Pedro da Sylua da Gama mandou chamar os caſados, & peſſoas principaes, pera lhes dar conta d'aquelle negocio como fez.

Antonio Fernandez de Ilher, q̃ antre elles era o mais antigo,& rico,tomou a maõ a falar, & diſſe q̃ aquella viſitaçaõ naõ trazia propoſito algum, & que lhe parecia inuençaõ d'Elrey,que era falſo, & mao,que a armada que fazia em Ior,lhe naõ cheiraua bem,q̃ deuia de lançar maõ do filho de Lacximena, por q̃ pella ventura ſe reſtringiſſe Elrey de ſeu mao propoſito ſe o tiueſſe: & quando todauia foſſe com elle auante, era muito bom tello na fortaleza pera cõ elle fazer todos os bons partidos q̃ quiſeſſe: por q̃ ſeu pay auia de trabalhar cõ Elrey pera auer o filho: & alguns outros foraõ do meſmo parecer,mas dom Pedro da Sylua lhes diſſe, que foſſe a embaixada quaõ ſoſpeitoſa quiſeſſe,que tiueſſe Elrey quaõ roins propoſitos ouueſſe, que ja que aquelle homem vinha com nome de Embaixador que lhe auia de fazer honras & gaſalhados, & que ſe auia de tornar liuremente: por que naõ era elle homem q̃ auia de violar, & quebrar aquella boa & antiga liberdade dos Embaixadores.Com iſto lhe mandou licença pera vir a elle, & o mandou receber por todos os honrados da terra. Deſembarcado o filho de Lacximena foi leuado ao capitaõ que o eſperou em

em ſala paramentada,& com grãde mageſtade.

O Embaixador depois dos primeiros comprimentos,& palauras de viſitaçaõ, deu ao capitaõ hũa carta d'Elrey de poucas palauras, em que lhe dizia que elle ya com hũa boa armada contra o Achem ſeu imigo, & que naõ quis paſſar ſem mandar ſaber de ſua ſaude: q̃ lhe pedia muito,lhe mãdaſſe Luis d'Almeida,& outro capitaõ de outro nauio (a que naõ achamos o nome)pera acõpanharem naquella jornada. A voltas diſto lhe deu muito em ſegredo outra carta de ſeu pay Lacximena, em que lhe dizia.

Que Elrey ſeu ſenhor ficaua em Bacalis com hũa groſſa armada,& muitos Reys viſinhos em ſeu fauor, que a fama que lançaua de ir contra o Achem,era falſa: por q̃ elle vinha ſobre aquella fortaleza, muito contra ſeu parecer & vontade: que os capitaẽs que lhe mãdaua pedir os naõ deſſe: por que a ſua tençaõ era tirarlhe nauios,& gente d'aquella fortaleza pera o enfraquecer: que lhe mandaua ſeu filho, que fizeſſe delle o que quiſeſſe.

Dom Pedro da Sylua da Gama vendo a carta de Lacximena guardoua muito em ſegredo, & reſpondeo ao Embaixador com palauras geraes: & eſcreueo a Elrey outra carta breue de diſsimulaçoens,& comprimentos, ſem lhe falar a propoſito nas mais couſas. E ao filho de Lacximena deu muitas peças,& brincos pera elle,& pera ſeu pay, a quem eſcreueo hũa carta muito honroſa, & de muitas obrigaçoẽs,& com iſto o deſpidio.

## CAPITVLO VI.

### *De como os Reys da liga deſembarcaraõ em Malaca, & ganharaõ as pouoaçoens de fora, & queimaraõ as naos que eſtauaõ no porto: & do que fez o capitaõ dom Pedro da Sylua da Gama.*

CHEGADO o filho de Lacximena a Elrey, lhe deu cõta do que paſſara com o capitaõ de Malaca, & que naõ ſintira alteraçaõ algũa na terra, nem ſoſpeitas de guerra: & que poderia auer na fortaleza coatrocentos homens Portugueſes: & que no porto eſtauaõ duas naos grandes. Com eſta informaçaõ aſſentaraõ os imigos de irem amanhecer ſobre Malaca, & lançarem logo gente em terra pera ganharem o recheyo das pouoaçoens de fora: & aſsi ſe fizeraõ á vela,& no coarto d'alua chegaraõ á viſta de Malaca:& o Rey de Viãtana q̃ leuaua a armada ligeira,foi demandar as naos que eſtauaõ na ilha (hũa dellas era de Luis Men-

dez de Vaſconcellos, parente de dom Pedro da Sylua,& a outra de vm Antonio Ferreira morador em ſaõ Thome) em que lançou tanto fogo que as abrazou: & remetendo com a terra da banda de Ilher: & o Sangue de Pate capitaõ da Raynha de Iaporá dos de Malaca deſta banda que he a do Norte, q̃ he a pouoaçaõ dos naturaes, de q̃ he gouernador o Tumugaõ, & o Bandará de todos os Chelis, que ſaõ mercadores de toda aquella coſta de Choromandel.

Aqui neſta parte deſembarcou o Sangue de Pate,& cometeo logo as tranqueiras (por que a pouoaçaõ he toda cerrada. Os naturaes ſintiraõ os imigos, & tomando as armas ſe poſeraõ em defenſaõ,pelejando muito valeroſamente,gouernandoos o Tumugaõ, & Bandará, com muito animo & esforço. Elrey de Viantana,que deſembarcou na parte de Ilher, que he a do Sul, foi cometer a pouoaçaõ que era de peſcadores, & tambem achou muito grande reſiſtencia. Em ambas as pouoaçoens ſe pelejaua com muito valor (foi iſto dia do Apoſtolo ſaõ Bernabe,que cae a onze dias de Iunho.) O capitaõ dom Pedro da Sylua da Gama tãto que ſentio o reboliço, & ſoube da gente que ya fogindo pera a fortaleza, que os imigos andauaõ em terra,acodio com toda a gente á porta da fortaleza, & como foi manhã deſpidio Luis Mendez de Vaſconcellos com cem ſoldados a fauorecer os Chelis,& moradores da pouoaçaõ antiga de Malaca, por que ali eſtauaõ todos os mantimentos & fazẽdas da terra. Luis Mendez chegou á pouoaçaõ, onde a briga andaua mũy aceſa, & a começou a defender, & a pelejar muito bem: mas como os Iaos eraõ muitos, & muito determinados,a entraraõ por algũas partes, com morte & dano dos naturaes. Os noſſos vendo a couſa perdida ajuntaraõ a ſi o Tumugaõ & Bandará com ſua gente, & fazendoſſe em vm corpo ſe foraõ recolhendo pera a fortaleza, dando guarda ás molheres & mininos, q̃ ſe vinhaõ recolhendo,carregadas de ſuas joyas,& couſas manuaes que poderaõ ſaluar. Foraõ os noſſos tendo o encontro aos imigos, em quem com a arcabuzaria fizeraõ aſſas de dano.Durou iſto a te mais de meyo dia,ficando os imigos ſenhores da pouoaçaõ com todo o ſeu recheyo, & muitos mantimentos q̃ ſe naõ poderaõ recolher, por naõ auer tempo pera iſſo: o que foi muito grande perda, & ouuera de pór aquella fortaleza em grande riſco pella falta que delles ouue, como adiante ſe verá.

Aqui nos cabe lembrar o deſcuido com q̃ neſte negocio ſe viue nas fortalezas da India, a onde os capitaens dormem ſeu ſono deſcanſado,como ſe eſtiuerao em Alentejo, naõ lhes lembrando que viuem

viuem antre imigos, que desejaõ de beber o sangue Portuguez: & todas as vezes que virẽ qualquer occasiaõ pera o mostrarem a naõ aõ de perder. Disto tem a culpa vm mal entendido zelo q̃ se quer mostrar no seruiço do Rey, com lhe atalharem despezas, pera acres sentarem na fazenda, pondo só os olhos em respeitos particulares, & naõ nos danos que disso se podem seguir: que saõ taõ grandes, que á falta de prouimentos se perderaõ ja duas taõ importantes fortalezas como foraõ as de Chale & Ternate, de que em seu lugar daremos rezaõ. E se auemos de falar verdade como temos por obrigaçaõ, pello juramento de nosso cargo, & pella experiencia que da India temos, de corẽta annos, affirmamos, & dizemos, que depois que na India entrou esta lingoagem de acre centar na fazenda do Rey, se foi tudo diminuindo, por que naõ ha cousa que mais acrecente nesta fazenda, que recolheremse nos alma zens de cada fortaleza dous mil candiz de arros, pera estarem em deposito, pera o tempo da necessidade, & depois no nouo vendelos, & com o dinheiro comprar outros tantos, & sempre Elrey fica ganhãdo. E se disserem que as desordẽs dos capitaens saõ grandes, & que meteraõ a maõ em tudo o que quiserem neste negocio: pera isso tem o Rey justiças pera castigar riguro samente quem tocar nos mantimentos do deposito, por que estes he necessario sejaõ taõ inuiolaueis, que se naõ toque nelles se naõ no tempo de guerra, ou necessidade vrgente.

E tornando a nossa ordem. Os imigos ficaraõ senhores das pouoaçoens de fora, o Rey de Viantana da de Ilher, a onde logo começou a fazer hũa forte tranqueira: & os Iaos d'aquella parte de Malaca, a onde tambem se fortificaraõ, & assentaraõ sua artelharia pera baterem a nossa fortaleza. Dom Pedro da Sylua naõ faltou em cousa algũa: antes como capitaõ esforçado, & prudente, começou a dar ordem ás cousas necessarias pera a defensaõ d'aquella fortaleza, prouendo os baluartes, & guaritas de capitaens & soldados. E por que da parte do mar estaua aberto, mandou correr com hũa estacada da ponte pera baixo: & alguns Iuncos que estauaõ no porto, que os imigos naõ queimaraõ, por estarem de fronte da fortaleza, mandou recolher pera dẽtro do rio, pera o que aleuantaraõ a ponte, que era de tauoado leuadissa: & todos mãdou pór naquella face da fortaleza & pouoaçaõ q̃ corre pello rio acima, bem chegados á terra, pera ficarem defenden do aquella parte, & pós nelles algũa gente pera isso. E a cerca da cidade, que era muito grande, mãdou renouar por algũas partes, & reformar as guaritas, que proueo

de

de ſoldados. He eſta cerca de taipa á antigua,& pella banda de dẽtro tem hũa tranqueira de madeira entulhada a te a taipa de feiçaõ que deixaua vm andaimo de coatro paſſos pera ſeruiço da gente,& á roda della tem muitas guaritas, a fora os baluartes: o que tudo o capitaõ proueo,& repairou muito bem. E vendo que os imigos plãtauaõ ſuas eſtancias, como homẽs que determinauaõ de eſtar deuagar: deſpidio hũa embarcaçaõ ligeira,em q̃ mandou vm homem de recado com hũa carta geral,pera ir por toda aq̃lla coſta de Quedá,Tanaçarim,Pegú,a te Bengala, a dar recado a todos os Portugueſes que ali eſtiueſſem com nauios, perá que o ſocorreſſem com gẽte, & mantimentos: & juntamente deſpidio outra embarcaçaõ em q̃ mandou vm amo de vm Chely, homem honrado, pera ir a Patane a dar auiſo aos nauios que auiaõ de vir de Siaõ,Camboja, & de todas aquellas partes pera Malaca: pera que naõ foſſem cair nas maõs dos imigos. Das jornadas deſtes dous adiante trataremos.

## CAPITVLO VII.

*De como os imigos começaraõ a bater a fortaleza: & de como chegou a ella dom Garcia de Meneſes. E de hũa ſaida que fez aos imigos em que o mataraõ.*

TANTO que os imigos ſe fortificaraõ logo começaraõ a bater a noſſa fortaleza de hũa,& da outra parte,com grande terror: & della tambem os ſeruiaõ arrezoadamẽte,trazendo dom Pedro da Sylua grande vigilancia em tudo, vẽdo, notando, & prouendo as couſas q̃ eraõ neceſſarias,naõ quietando de dia,nem dormindo de noite,por q̃ os imigos lhe naõ dauaõ vagar pera couſa algũa deſtas: por que começaraõ a dar aſſaltos mũy apreſſados,& amiudados, de q̃ as mais das vezes ſayaõ bem eſcalaurados. Poucos dias depois de ſua chegada, apareceo a Carauela em que vinha dom Garcia de Meneſes filho do Craueiro, que deixamos partido de Goa pera Malaca, no capitulo coarto do liuro nono.Em a vendo os imigos deſpedio Elrey de Viantana, Lacximena com corenta ou cincoenta Lancharas, pera a irem cometer,como fizeraõ.

Dom Garcia de Meneſes tanto que vio aquella armada,que ſe conheceo ſer de imigos,mandou embandeirar a Carauela toda, & negociar á artelharia: & poſto em armas com todos os ſeus aſsi á vela foi caminhando a te chegar á armada do imigo. Lacximena rodeou a Carauela, & começou a esbom-

esbombardear soberbamente, chegandosse a ella quanto pode, por ver se a podia inuestir: mas a Carauela, que leuaua muita & muito boa artelharia, a começou a desparar pera todas as partes empregando suas cargas muito á sua võtade: porque como ya á vela com vento fresco gouernaua pera onde queria. Lacximena trabalhou tudo o que pode por abordar a Carauela, mas nunca pode: porque como ya á vela, receaua de pór a proa nella, por se naõ espedaçar, & foi de fora esbombardeandoa, & metendolhe muitos pilouros dẽtro com que lhe ferio muita gẽte. Dom Garcia de Meneses mostrou nesta briga bem, que as letras naõ desbotauaõ á lança, por que acodio com tanto animo & prudencia, como se todos os annos q̃ gastou nos estudos, os despendera na milicia, fazẽdo milhor o officio de capitaõ que de letrado. E quis sua boa fortuna que acertasse da sua Carauela com vm camello na Lãchara de Lacximena, que a fez em pedaços, & a elle, & a vm filho seu, que estauaõ ambos: & outros dizẽ que tambem a vm genro: pagãdo este maldito Mouro por maõs de Portugueses neste tempo, o q̃ deuia, no tempo de vm filho do Cõde Almirante, á morte do valeroso capitaõ dom Paulo da Gama, & d'outros fidalgos & caualeiros (como temos dito no cap.11. do liuro 8. da coarta decada.

Tanto que os Malayos viraõ morto seu capitaõ mór logo se foraõ recolhendo pera Malaca, & a Carauela a pos elles sempre ás bõbardadas, a te deitar ferro defronte de Malaca. Dom Pedro da Sylua esteue vẽdo a briga de cima da fortaleza, naõ sabendo que Carauela aquella podia ser: mas todauia notou que vinha nella capitaõ de brio, pella confiança com que se embandeirou, & pello procedimento que lhe via. E deitãdo vm Balaõ muito esquipado mandou saber que Carauela era, quando ja vio ir os imigos em disbarato. O Balaõ chegou a bordo, & sabendo da Carauela, & quem vinha nella, tornou a voltar com recado ao capitaõ, que ficou muito aluoroçado com aquellas nouas.

Dom Garcia de Meneses tanto que sorgio, deixando Gemez Barreto (que vinha com elle por capitaõ do mar de Malaca) na Carauela, desembarcou com poucos q̃ o acompanharaõ: & achou dom Pedro da Sylua da Gama que o aguardaua na praya, a onde o recebeo com muitas honras, & lhe deu gasalhado em terra, no lugar em que elle quis, que foi na parte do jogo da bola: por que ali era a estancia do capitaõ, a onde dormia, & daua mesa a muitos homẽs pobres. E por que era a mouçaõ em que cada dia se esperauaõ nauios da India, ordenou o capitaõ com dom Garcia de Meneses, que

ficasse

ficaſſe Gemez Barreto na Carauela com corenta homens, pera ir fauorecer as naos que vieſſem demandar aquelle porto: por que eſtaua certo ſairem os imigos a cometelas. E mandandolhe meter mais duas eſperas de metal, a proueo tambem de moniçoens em abaſtáça. Gemez Barreto ſe deixou ficar na Carauela com grande vigia,& com a amarra ſempre guarnecida ao cabreſtante. D'ahi a pou cos dias ouueraõ viſta de hũa nao, que era de vm Franciſco Médez, & vinha de Cochim carregada de fazendas: Elrey de Viantana mãdou logo as ſuas Lancharas pera q̃ a foſſem cometer.

Gemez Barreto em védo a náo leuou a amarra, & ſoltou as velas todas, & meteoſe no meyo da armada dos imigos,& a foi ſeruindo de bombardadas por todas as partes. O capitaõ da nao,védo aquella armada que vinha atirando tantas bombardadas,logo conheceo q̃ era de imigos, & naõ a ouſando eſperar, voltou em outro bordo. Gemez Barreto tanto q̃ a vio voltar,amainou,& yçou a vela da gauea,tres ou coatro vezes,fazendolhe ſinal com iſſo pera que eſperaſſe: mas elle como ya auiado, & cõ grande medo, naõ entendeo o ſinal: antes lhe pareceo que aquella Carauela era tambem dos imigos, que a teriaõ tomada, por q̃ todos vinhaõ enuoltos, & a Carauela no meyo. Franciſco Mendez naõ curando de couſa algũa foi ſeu caminho a te que lhe anoiteceo, & a armada ſe recolheo, & Gemez Barreto ſe tornou a pór no ſeu poſto.

Eſte Franciſco Mendez ſe foi pella coſta acima com vento proſpero,& paſſou por Pegú,& foi tomar o porto grande,& em hũa d'aquellas ilhas ſe perdeo,ſaluandoſſe a gente toda. Os imigos foraõ continuando o cerco de ambas as partes, dãdo muitos & apreſſados combates,& aſſaltos, com que os noſſos andauaõ mũy quebrantados: mas de todos foraõ rebatidos & eſcalaurados, pello esforço do capitaõ,& de todos os mais, q̃ neſte cerco fizeraõ marauilhas. Os Iaos trouxeraõ hũa peça de artelharia das ſuas eſtancias, & a poſeraõ defronte da ponte,& por cima della varejauaõ a cidade dentro,& faziaõ nella muito dano.

Dom Garcia de Meneſes que era fidalgo orgulhoſo, & deſejaua de ſe aſsinalar, pedio licença a dõ Pedro da Sylua pera ir tomar aquella peça, que lhe elle deu,& fazendoſſe preſtes com cem homẽs, & com elle Pero Vaz Guedes (de quem no primeiro cerco de Diu de Antonio da Sylueira temos dado rezaõ, no capitolo decimo do liuro terceiro da quinta decada)& outros fidalgos & caualeiros que ſe lhe offereceraõ pera iſſo. E ſendo o coarto d'alua quaſi rendido, ſairaõ os noſſos pella ponte,& deraõ

raõ na estancia que os Iaos ali tinhaõ em guarda da peça taõ de supito, que os naõ sintiraõ se naõ quando ja os cortauaõ: & foi de feiçaõ que os mais dos que a guardauaõ ficaraõ ali espedaçados: & dando cabos a peça de artelharia foraõ trazendo com grande aluoroço.

O Sangue de Pate capitaõ dos Iaos teue logo rebate d'aquelle negocio, pellos que escaparaõ fogindo, & saindo das estancias com dous mil homens, deu nos nossos, que tinhaõ ja a peça da artelharia no lugar em que oje está a Alfandega: & com aquella furia começaraõ os soldados de dom Garcia a se desmandar, & recolher pera a ponte. Mas dom Garcia de Meneses, que era fidalgo de grande animo, posto junto da bombarda, & com elle Pero Vaz Guedes, & alguns poucos que os quiseraõ acompanhar, fizeraõ rosto aos imigos, & trauaraõ com elles hũa muito aspera batalha, sem se quererem recolher com verem a multidaõ dos imigos: porque antes quiseraõ morrer, que largar a bombarda que tinhaõ tomado. Mas como o numero era taõ desigual, apertaraõ tanto com os nossos, que os fizeraõ recolher, mas naõ a dom Garcia de Meneses, nem a Pero a Vaz Guedes que sobre a bombarda morreraõ, sem se quererem mudar della vm passo: acabando aqui estes dous esforçados caualeiros, com deixarem primeiro antre os imigos muito grandes sinaes de seu esforço. Foi aqui tambem morto Antonio Ferreira muito bom caualeiro, que foi camareiro do Conde da Castanheira.

Desbaratados os nossos, & entrando pella ponte, foi taõ grande o medo, & a desordem, que cairaõ ao mar muitos, & se afogaraõ alguns. Custou esta saida trinta homens, antre os que morreraõ na batalha, & os afogados. Dõ Pedro da Syllua vendo o disbarato sayo com cem homens a te a ponte, & recolheo os que vinhaõ fogindo: & sabendo da morte d'aquelles dous fidalgos em estremo o sintio, asi por suas pessoas, como pella mingoa & falta que lhe auiaõ de fazer: por que estaua em tempo, que auia mister homens, & mais tais como aquelles. E recolhendosse com esta magoa, foi proseguindo na defensaõ da fortaleza com muito cuidado. E por que os assaltos foraõ muito continos & miudos, & que a historia naõ sofre particularizar, passaremos por elles, & naõ daremos rezaõ, se naõ das cousas principaes, por que temos muitas que nos chamaõ, & tocaõ por nos.

## CAPITVLO VIII.

*Do que acõteceo ao homem que leuou o recado do cerco de Malaca. E de como Gil Fernandez de Carualho, que estaua em Quedá se fez prestes pera a ir socorrer: & como este recado chegou ao porto grande, & dos socorros que se ajuntarão: & das cousas que socederão em Malaca neste cerco.*

PARTIDO o homem que dom Pedro da Sylua da Gama mandou com as nouas do cerco, foi correndo a costa: & chegando ao rio de Quedá(q̃ he sessenta legoas de Malaca) achou ali Gil Fernandez de Carualho, cõ o seu Galeaõ carregado de pimenta. E mostrãdolhe a carta geral de dom Pedro da Sylua,& dandolhe informaçaõ do trabalho em q̃ Malaca estaua, passou auãte,& em sua companhia vm Pero Tauares capitaõ de vm nauio seu que ali estaua: este pera entrar em Pegú a dar recado a Iorge de Mello,o Punho, & o outro pera passar ao porto grande a onde estaua Gonçalo Vaz de Tauora a quem Gil Fernandez de Carualho escreueo,que se viesse ajũtar com elle pera todos juntos cometerem a armada dos imigos,& a desbaratarem. Pero Tauares chegou a Pegú,& achou Iorge de Mello preso, por que vindo aquelle Rey do negocio de Siaõ (como adiante diremos na setima decada) achou aleuãtado vm capitaõ seu chamado Xemido,& lhe tinha tomado a cidade de Pegú,& indo Elrey cõtra elle o ouue as maõs,& o matou:& por q̃ achou culpado Iorge de Mello em fauorecer o aleuãtado,&lhe dar moniçoẽs,o prẽdeo,& correra muito risco se se ali naõ achara Diogo Soarez de Mello, q̃ depois o pedio a Elrey,que lho deu.

Pero Tauares naõ achãdo ali alguẽ a quẽ dar recado,passou auãte & chegou ao porto de Arracaõ,pera dar as cartas a Gonçalo Vaz de Tauora,q̃ achou morto,por q̃ auia poucos dias q̃ dera hũa batalha aos Mogos, em q̃ foi morto cõ outros Portugueses: mas achou em seu lugar vm Ioaõ Anriquez da obrigaçaõ do Visorrey dõ Afonso de Noronha: & dãdolhe as cartas, & vendo elle a necessidade em q̃ Malaca estaua, se embarcou logo no Galeaõ em q̃ tinha ido Gõçalo Vaz de Tauora : & carregãdo hũa nao de mercadores que estaua no porto, de arroz, & outros mantimentos,partio pera Malaca, indo com elles Pero Tauares na sua fusta: & deixalosemos em sua viagẽ a te seu tempo.

Gil Fernandez de Carualho tãto que teue recado, deixando a sua

a ſua nao que eſtaua a carga com algũs Portugueſes pera ſua guarda ſe embarcou em hũa fermoſa Galeota com corenta Portugueſes,& tomou o caminho de Malaca, em q̃ os deixaremos, por continuarmos com o que neſte tempo ſocedeo naquella fortaleza.

Os imigos foraõ continuando as batarias & aſſaltos apreſſadamente,& poſeraõ os noſſos em eſtado, que muitas vezes ſe viraõ deſconfiados, por que lhes começou a faltar o mãtimento, & ja comiaõ couſas nojentas, & auorreciueis,com o q̃ começaraõ a morrer muitos dos meſquinhos: & os eſcrauos a ſe paſſarem pera os imigos. E ſendo ja no mes de Iulho, apareceraõ duas naos que vinhaõ de Cochim carregadas de fazendas, hũa de Aluaro da Gama que eſtaua por capitaõ em Cochim, em que vinha Luis Martinz, & a outra de vm Antaõ Martinz o ſurdo,que era caſado com a mãy de dona Maria da Cunha,filha doGouernador Nuno da Cunha. Os imigos tanto que as viraõ lhes ſairaõ com ſua armada: mas Gemez Barreto,que ſempre eſtaua á lerta, deu á vela a pos ella, & no meyo de todas as embarcaçoés ya esbõbardeando a hũa & a outra parte, deſaparelhãdo algũas, & matãdolhe dẽtro muita gẽte: deſta maneira chegou ás naos, & voltou cõ ellas,vindolhes os imigos por popa atirãdo muitas bõbardadas, & recebendo elles outras q̃ lhes faziaõ mayor daño: aſsi foraõ a te ſorgirẽ defronte da fortaleza.Os noſſos ficaraõ muito aluoroçados cõ eſte ſocorro,por q̃ alguns mantimẽtos lhes leuaraõ as naos com que ſe remedearaõ. Dom Pedro da Sylua vendo q̃ a falta delles ya por diante,& q̃ naõ tinha eſperanças de lhe virem da Iaoa,deu buſca nas caſas, & recolheo tudo o que achou, & o meteo em almazens, & d'ali ſe repartia com muita ordem pellos Portugueſes: & todauia pella falta que cada vez era mayor, ſe lhes eſtreitaua a raçaõ,& creciaõ os trabalhos: por que os imigos amiudauaõ os aſſaltos, com o que traziaõ os noſſos taõ inquietos,q̃ naõ dormiaõ,nem repouſauaõ, & por cima diſto andauaõ todos taõ fracos de fome,que ja naõ auia nelles mais que os animos.

Poucos dias depois de chegarem eſtas naos, apareceraõ outras duas que vinhaõ da banda do eſtreito de Sincá Pura: hũa dellas era a nao de Bernaldim de Souſa que vinha de Maluco,de que era capitaõ Manoel de Figueiredo,& a outra era vm Galeaõ q̃ vinha de Timor carregado de Sandalo,de que era ſenhorio, & capitaõ Bras Robalo caualeiro honrado, & caſado com hũa Guiomar d'Aguiar, mãy de dom Vaſco da Gama, filho de dom Eſteuaõ da Gama. Eſtas naos tanto que apareceraõ logo os Malayos ſe embarcaraõ na ſua

armada,& as foraõ cometer:& Gemez Barreto tambem em as vendo as foi buſcar, & recolher, indo ſempre pelejando com a armada imiga, & tornandoſſe a recolher cõ as naos tambẽ pelejando,& foraõ ſorgir no porto a onde ja aparecia hũa arrezoada frota noſſa. Na nao de Bernaldim de Souſa vinha Chriſtouaõ de Sá, que dom Pedro da Sylua recebeo bem, por ſer vm fidalgo muito bom homẽ, & bom caualeiro.

Neſte tempo eſtauaõ as couſas em eſtado, que ſe paſſauaõ muitos eſcrauos dos Portugueſes pera a banda dos Iaos,por que como yaõ peſcar quaſi todos ao mar,na frontaria da fortaleza : & da banda de fora na boca do rio era a agoa taõ pouca,que quaſi daua pella cinta a hũa peſſoa : os eſcrauos que queriaõ fogir,naõ faziaõ mais que lançarſe a agoa , & paſſaremſe a outra banda , onde os Iaos os recolhiaõ. Diſto andaua o capitaõ muito enfadado , & de naõ ter algũa eſpia que lhe diſſeſſe a verdade do que os imigos determinauaõ.

Como iſto ſe praticaua na fortaleza,& o capitaõ tinha encomẽdado a todos os Portugueſes, q̃ trabalhaſsẽ por tomar algũa eſpia: foiſe vm eſcrauo (Cafre de naçaõ) a ſeu ſenhor,& lhe pedio hũa eſpada curta,por q̃ ſe queria arriſcar a tomar vm Iao. O ſenhor duuidoſo ſe ſeria aquillo quererlhe elle fogir como cada dia faziaõ os outros, eſteue pera lha naõ dar: mas cuidãdo depois que ſe elle tinha vontade de fogir,que tanto o faria com eſpada,como ſem ella,quis fazer do ladraõ fiel (como lá dizem) & buſcando hũa eſpada curta lha deu. O Cafre ſe foi a borda do mar cõ a eſpada nua na maõ, & ſe meteo pella agoa com ella eſcondida debaixo, & começou a paſſar manſo & deuagar pera a outra banda: & antes de chegar a ella acodiraõ os Iaos como coſtumauaõ , & meteoſe vm pella agoa pera dar a maõ ao Cafre: o Cafre pegãdolhe tãbem cõ a eſquerda pello braço q̃ lhe daua,aleuantou a direita que leuaua por baixo da agoa , & deu taõ façanhoſo golpe com a eſpada por vm hombro ao Iao, que quaſi o eſcalou , & puxando por elle o foi leuando a raſto pella agoa. O ſenhor do Cafre q̃ eſtaua deſtoutra banda com alguns amigos,em vendo aquelle negocio , começaraõ a jugar com ſua eſpingardaria: por que acodiaõ ja muitos Iaos ao outro . O Cafre chegou a terra com o Iao ferrado , & o leuou a o capitaõ que eſtaua na ramada, que o eſtimou muito, & abraçando o Cafre,o forrou logo.E tomãdo o Iao a hũa parte lhe mandou fazer perguntas , & a tudo lhe reſpondeo verdade. Dizendo que eſtauaõ todos os da liga preſtes pera darem vm grande aſſalto á fortaleza , com o que eſpera-

uaõ

uaõ de a tomar, & que ſeria o dia da lũa noua por que eſperauaõ, pera depois de fazerem ſuas cerimonias cometerem o aſſalto, pera o q̃ tinhaõ feito mais de cincoenta eſcadas, & outros petrechos, & machinas pera encoſtarẽ aos muros.

Tanto que o capitaõ ſoube do Mouro tudo o que quis, mandouo entregar aos rapazes, q̃ o eſpedaçaraõ. Iſto ſe eſpalhou logo pella fortaleza, & começou a auer roſtinhos & deſconfianças. O capitaõ tratou de ſe fortificar por todas as partes, por que por todas auia de ſer cometido.

Auia na fortaleza vm ſoldado, homem de mais de corẽta annos, a que naõ achamos o nome (pellos deſcuidos de que tantas vezes nos queixamos) que diuia de ter andado por Italia, ou por Alemanha, & tinha pratica das couſas da milicia, por que parece que militara por lá alguns annos. Eſte homẽ agaſalhauaſſe á porta da fortaleza, junto de hũa bombarda que d'ali jugaua por cima da ponte: & tinha feito hũa tenda de palha em que ſe recolhia com ſuas armas, ſó, ſem cõuerſar com alguem, nem ſer conhecido: era vm homenzarraõ de muita peſſoa, tinha hũa mũy fermoſa barba caſtanha que lhe daua por meyo dos peitos. Vendo eſte homem o trabalho em que o capitaõ andaua de ſe repairar, & fortificar, pello que lhe tinha dito o Iao, ſe foi vm dia a elle, & tomãdoo a parte lhe diſſe, que mãdaſſe tirar os maſtos a todos aquelles Iuncos que eſtauaõ no rio, & os poſeſſe por cima dos muros, pera o tempo do aſſalto, depois de eſtarem as eſcadas encoſtadas ao muro os deixarem cair de cima, & q̃ iſſo baſtaria pera desbaratar os imigos: mas que auia iſto de ſer em tanto ſegredo, que naõ ſoubeſſe peſſoa viua o que determinaua: por que ſe naõ precataſſem os imigos (que logo eraõ auiſados de tudo pellos que fogiaõ.) Pareceolhe ao capitaõ aquelle conſelho muito bem, & logo mandou tirar os maſtos aos Iuncos, & os mandou pór ao pé dos muros, aſsi eſtendidos ao comprido: & por que naõ abrangiaõ pera cercar tudo á roda, mandou deſmanchar caſas ſobradadas, & tirarlhes as vigas pera iſſo. E como teue tudo cheyo á roda, ordenou por cima dos muros aparelhos pera as alarem acima, quando foſſe tempo. Os caſados, & muitos outros que viaõ aquelle trabalho, ſem ſaberẽ o fundamento diſto, praguejauaõ, & diziaõ, q̃ aquillo era andar areado, & q̃ de medo ja naõ ſabia o que fazia, o q̃ elle ouuia, & calaua, como prudente, ſeſudo, & experimentado, por q̃ eſta he a obrigaçaõ do bom capitaõ em taes tempos.

Algũas couſas muito notaueis aconteceraõ neſte tempo, de que contaremos algũas. Aleuãtandoſſe vm dia o capitaõ de hũa cadeira

q̃ tinha na ramada, pera ir roldar, ſe aſſentou nella vm Ioaõ Cabral, (que era o ſenhor do Cafre que tomou o Iao) & diſſe, quero agora ſer capitaõ: & pondo a perna por cima do braço da cadeira, veyo hũa bombardada dos imigos, & o tomou por ella, que logo o matou.

Eſtando vm homem comungando, virãdoſſe o padre pera lhe lançar a bençaõ, depois de ter recebido o ſenhor: entrou pella porta da igreija vm pilouro d'aquella peça que dom Garcia quis defender, & ſobre q̃ morreo: & deu nas coſtas ao homem, & o fez em pedaços. Pello que o capitaõ mandou logo fazer hũa trãqueira muito forte, defronte da porta da igreija. O Condeſtable da fortaleza eſtando apontando hũa eſpera, que eſtaua á porta de noſſa Senhora do Monte, veyo vm pilouro de hũa bombarda que o tomou pella teſta & o matou logo.

## CAPITVLO IX.

*Do grande aſſalto que os Mouros deraõ a fortaleza, de que ſairaõ desbaratados. E do q̃ os imigos determinaraõ em dano da fortaleza: & de outro grande conſelho que deu o meſmo homem contra o intento dos imigos: pello que ſe aleuantaraõ os Malayos do cerco, & ficaraõ os Jaos. E de como Gil Fernandez de Carualho chegou a Malaca, & deu batalha aos imigos, em que os desbaratou.*

FOISE o capitaõ fazendo preſtes pera ó aſſalto que eſperaua tendo guarnecidos os baluartes & guaritas, de muitas moniçoens, & de homens de recado, o que tudo preparou, & fez a te doze dias do més de Agoſto, em que era a lũa noua. E tanto que ao pór do Sol apareceo, começaraõ os Mouros em ſuas eſtancias a fazer grãdes feſtas, tangeres, gritas, & a atirar ſua artelharia. Dom Pedro da Sylua, que eſtaua ja preſtes, & preparado, ſe foi as eſtancias, & mandou cõ muita breuidade alar acima os maſtos & traues que eſtauaõ ao pé do muro, o que ſe fez muito preſtes, por que eſtauaõ ja aparelhos, & polés guarnecidas pera iſſo. Sobidos ao muro os poſeraõ por cima das paredes: & o capitaõ que a te entaõ naõ tinha dito o pera q̃ aquillo era, diſſe aos capitaens dos baluartes & guaritas, que tanto que os imigos encoſtaſſem as eſcadas ás paredes, & ſobiſſem, deſſem de maõ aos maſtos, & os deixaſſem cair ſobre elles.

Os Monros toda a noite paſſaraõ em feſtas & tangeres, & como foi

foi o coarto d'alua, abalaraõ de seus exercitos com grandes gritas & alaridos, leuando mais de cincoenta escadas mũy grandes sobre suas rodas, & diante dellas mantas mũy grossas & fortes, pera emparo dos que as yaõ rolãdo: & com hũa confusaõ rustica & barbara arremeteraõ com os muros os Malayos da banda de Ilher, & os foraõ cingindo á roda, & encostaraõ nelles suas escadas por onde começaraõ a sobir. Os nossos que estauaõ á lerta, os deixaraõ chegar bẽ á sua vontade, & como viraõ as escadas cheyas, deraõ de maõ aos mastos, que foraõ com vm terremoto espantoso caindo sobre as escadas que logo fizeraõ em pedaços, & a todos os que por ellas sobiaõ, & a muitos dos que estauaõ em baixo: & a pos os mastos foraõ logo muitas panelas de poluora, q̃ se desfizeraõ sobre aquelle cardume de imigos.

O Rey de Viantana, & os mais da liga vendo aquelle dano, pasmados se foraõ recolhendo, ficandolhes ao pé dos muros mais de seiscentos feitos pedaços, & abrazados. Os Iaos ao mesmo tempo cometeraõ tambem polla banda do mar: & entraraõ hũa soma delles em hũa d'aquellas casas de madeira que estauaõ armadas da bãda de fora da tranqueira, que o capitaõ mandou fazer naquella parte, que de maré vazia ficaõ em seco, & na enchente todas metidas na agoa. Entrados estes nas casas, deraõ com hũa molher velha Malaya, & lhe perguntaraõ pello caminho que ya pera o monte, a onde estaua a ermida da Madre de Deos (por que estaua assentado antre elles que se apoderassem delle pera d'ali ficarem sobre a fortaleza, por que aquelle monte lhe he padrasto) a velha lhes disse q̃ lhes mostraria o caminho: & saindosse pera fora ferrolhou a porta sobre si, & foi dar rebate ao capitaõ deste caso. Dom Pedro da Sylua tinha encomendado aquella parte do mar a Christouaõ de Sá, que ao tempo que os imigos acometeraõ, os mandou varejar com a artelharia, com que lhe matou muitos. E acodindo aq̃lla parte, disse a Christouaõ de Sá, & a outros caualeiros, que com elle estauaõ, que acodissem ás casas a onde os Mouros estauaõ metidos: & elle foi roldar as estancias a onde ouuia grandes gritas. Os nossos tanto que souberaõ estarem Mouros nas casas, se foraõ vns poucos a elles, & sobindosse em cima dos telhados os destelharaõ, & com as espingardas naõ faziaõ se naõ derribar nelles. Os Mouros tãto que viraõ os nossos em cima, & naõ tinhaõ por onde sair, & eraõ muitos, andauaõ pella casa correndo de hũa parte pera a outra, por que os nossos lhes naõ podessem tomar bem o ponto: mas todauia elles sempre os acertauaõ, & derribauaõ: & com

aquella furia poſeraõ os hombros a hũa porta que arrombaraõ,& va raraõ á hũa varanda. Os noſſos ſe paſſaraõ a ella pellos telhados,& a deſtelharaõ,& como era mais bai-xa, chegauaõlhes os Mouros com as lanças acima,& os trataraõ mal, mas elles pedindo panellas de pol-uora,deraõ com ellas antre elles, & abrazaraõ muitos, & outros ſe lançaraõ das varandas abaixo em terra,que era maré vazia, a onde foraõ tambem a mór parte mor-tos á eſpingarda. Durou eſta briga a te hũa hora ou duas do dia, em que os imigos ſe acabaraõ de deſ-baratar de todo, & ſe recolheraõ ás ſuas eſtácias bem eſcalaurados.

Vendo os Reys da liga o dano que tinhaõ recebido naquelle cer-co,ajuntandoſſe todos a conſelho aſſentaraõ,que ſe naõ aleuantaſsẽ de ſobre a fortaleza ſem a tomarẽ: & que pera iſſo ſe deixaſſem eſtar muito deuagar: & que eſperaſſem pella mouçaõ em que os Iuncos da Iaoa auiaõ de vir com mantimẽ-tos pera Malaca,que os recolheſsẽ, & ſe apercebeſsẽ pera todo aquel-le anno: & que os Portugueſes lhe naõ ficaria outro remedio ſe naõ entregaremſe: por que como lhes faltaſſem os mantimẽtos da Iaoa, naõ auia outra parte donde os po-deſſem eſperar: que elles tinhaõ o mar & a terra por ſi, que ſe deixaſ-ſem eſtar ſem ſe arriſcarem em aſ-ſaltos,que os Portugueſes lhes naõ eſcapariaõ das maõs.Com eſta re-ſoluçaõ ſe fortificaraõ de nouo, & ſe poſeraõ em ordem de ficarem ali todo o veraõ. O capitaõ foi lo-go auiſado diſto, & ouueſe por perdido, por que vio que aquelle ardil dos imigos era diabolico, & que ſe perſeueraſſem nelle, força-do ſe auia de perder, por que co-mo lhe faltaſſem mantimẽtos naõ auia repairo algum: & elle eſtaua ja taõ falto de tudo,que ſe comiaõ couſas immundas,como caens,ga-tos, ratos, & ainda quando ſe po-diaõ auer.

Andando com iſto muito aſ-ſombrado,cuidando no que faria, permitio Deos inſpirar naquelle ſoldado que diſſemos no capitulo atras deſte nono liuro, que deu o ardil dos maſtos ſobre as ameyas dos muros, que deixaraõ cair ſo-bre as eſcadas,lhe deu outro nouo ardil.

Eſte ſoldado vendo o capitaõ d'aquella maneira, ſe foi a elle, & em ſegredo lhe diſſe que deſpidiſ-ſe aquellas naos ꝙ eſtauaõ no por-to,com fama que mãdaua dar em Ior,Paõ,Perá, Marruas, & por to-da aquella coſta,& que forçado os imigos auiaõ de acodir a ſuas ter-ras,por que lhas naõ deſtruiſſem: & que foſſem eſperar os Iuncos da Iaoa nos eſtreitos,& que ali reſga-taſſem os mantimentos com rou-pas,& os tornaſſem a mãdar.Soou lhe tambem ao capitaõ aquillo, ꝙ ouue que o Eſpirito ſancto falaua pella boca d'aquelle ſoldado:& lo-

go man-

go mandou chamar Luis Martinz capitaõ da Nao de Aluaro da Gama,& Bras Robalo capitaõ do ſeu Galeaõ,& Antonio Nunez tambẽ capitaõ da ſua Nao, & na ramada lhes diſſe publicamente que ſe foſſem todos jũtos por aquella coſta, & que deſſem nos lugares de Viãtana,de Perá,Paõ, Marruas, & todos os mais,& que puzeſſem tudo a ferro & a fogo ſem perdoarem a couſa viua,& mandou embarcar nas naos muitas roupas,das que os Iaos vaõ buſcar a Malaca: & mandou armar duas Fuſtas pera irem com elles. Eſtes capitaẽs ſe foraõ logo embarcar, & o capitaõ dom Pedro da Sylua lhes deu vm regimento ſerrado , & no ſobreſcrito de fora lhes dizia, que abriſſem aquelle tanto que foſſem fora dos eſtreitos, & que fizeſſem o q̃ nelle lhes mandaua : & embarcados todos deraõ as velas.

Como eſtas couſas paſſaraõ publicamente, logo o Rey de Ior foi dellas auiſado , por que trazia na fortaleza grandes intelligencias:& vendo ir aquella armada,receãdo elle,& todos os mais Reys que cõ elle eſtauaõ que lhes deſtruiſſem ſuas cidades,&portos,logo no meſmo dia ſe embarcaraõ pera lhes irem ſocorrer.Os Iaos que eſtauaõ da banda de Malaca,tãto que ſouberaõ ſerem os Malayos idos ſem lhes darem conta de couſa algũa, determinaraõ de proſeguir no cerco,& tomarem aquella cidade: & pera iſſo ſe paſſaraõ a metade pera a banda de Ilher,a onde os Malayos eſtauaõ: pera de mais perto baterem & cometerem a cidade.

Ao outro dia depois que iſto paſſou , chegou Gil Fernandez de Carualho ao porto de Malaca cõ a ſua Galeota muito embandeirada : & deſembarcando em terra, ſayo dom Pedro da Sylua ao receber á praya,& com grandes hóras & aluoroço de todos foi recolhido dentro: & logo lhe deu conta de todo o paſſado,& de como os Malayos o dia dantes ſe recolheraõ. Gil Fernandez de Carualho diſſe a dom Pedro da Sylua q̃ pois elle vinha,& tinha chegado a taõ bom tempo, que lhe deſſe licença pera de madrugada ſair aos Iaos,por q̃ eſperaua em Deos de os desbaratar,& de ſe acabarem aquelles trabalhos, por que elle naõ ſe podia ali deter muito . Dom Pedro da Sylua lhe diſſe , que lhe parecia muito bem,& logo Gil Fernandez de Carualho ſe começou a fazer preſtes pera de madrugada dar nelles,ajuntando duzentos homẽs, em que entrauaõ todos os fidalgos & caualeiros que ali auia. De todos eſtes fez tres capitaens , elle que auia de leuar a dianteira,Chriſtouaõ de Sá,& Gemez Barreto.E tanto que foi o coarta d'alua ſayo Gil Fernãdez de Carualho da fortaleza,ficando dom Pedro da Sylua á porta com toda a mais gente: & remetendo com as eſtancias dos imigos,

imigos, que estauaõ descuidados, deraõ nelles com tamanhos estrõdos, que primeiro que soubessem o que era, tinhaõ os nossos mortos mais de cento. E baralhandosse todos, fizeraõ os nossos taõ grande estrago nos Iaos que foi espanto. O Sangue de Pate capitaõ geral do exercito, acodio com vm Rey d'aquelles da Iaoa, & com todo o poder remeteraõ com os nossos, & os detiueraõ, mas naõ que perdessem as tranqueiras que tinhaõ caualgado. Aqui deraõ hũa lançada a Gil Fernandez de Carualho por debaixo de vm braço, de que cayo no chaõ com a força, mas logo se pós em pé animãdo os seus. E quis sua boa fortnna, q̃ encontrasse com vm senhor, ou Rey d'aquelles da Iaoa, & remetendo com elle o tomou com hũa estocada em descuberto pellos peitos, de que deu logo com elle morto em terra: & lhe tomou a espada, & vm cris guarnecido d'ouro.

Aqui derribaraõ o Alferez da bandeira de Gil Fernãdez de Carualho, & vm Iorge Borges acodio com muita pressa, & a tomou, & se pos em cima da tranqueira com ella. Os Iaos tanto que viraõ caido aquelle seu capitaõ, desemparãdo tudo se foraõ acolhendo pera o már: & com a pressa se deitaraõ a elle pera se saluarem nos Iuncos: Os nossos vendo a vitoria clara, foraõ seguindo os imigos, matando, & ferindo nelles sem piedade: & ouue muitos soldados que de encarniçados de matar nelles, com aquella furia com que yaõ, se lançaraõ com elles ào már, & dentro na agoa mataraõ muitos. Dom Pedro da Sylua vendo o desbarato dos imigos, sayo fora com toda a gente, & ainda muitos de sua companhia chegaraõ aos derradeiros, em que tambem prouaraõ a maõ.

Foi esta destruiçaõ muito notauel, por que se perderaõ mais de dous mil Iaos, assi na terra como no mar. Dom Pedro da Sylua recebeo Gil Fernandez de Carualho com muita honra, dizẽdolhe muitas palauras de louuores seus, & de todos. Ficaraõ as estancias dos imigos com toda a sua artelharia, moniçoẽs, mantimentos, & mais cousas, que dom Pedro da Sylua mandou recolher na fortaleza: & nas estancias se pós logo fogo em que se todas consumiraõ. E pera esta vitoria ser de mór louuor de Deos & gosto de todos, socedeo aquelle dia dar hũa tormenta taõ grande, que os mais dos Iuncos dos Iaos foraõ cassando pera a terra, a onde encalharaõ muitos, & se perderaõ, com muita artelharia que traziaõ, que foi recolhida dos nossos. Gil Fernandez de Carualho, vendo aquella merce de Deos, se embarcou na sua Galeota, & leuou cõsigo os bateis dos Galeoens mũy bẽ concertados, & dando nos Iuncos fez nelles hũa grande destruiçaõ. Os que poderaõ dar á vela foraõ-

se aco-

se acolhendo pera Iaoa,a onde che garaõ com mais da metade da armada,& da gente perdida.

As naos que foraõ esperar os Iuncos de Iaoa aos estreitos, recolheraõ a si todos os que vieraõ, & com elles resgataraõ todos os mãtimentos que traziaõ, a troco de roupas: & carregados delles se tornaraõ pera Malaca, com o que a vitoria se acabou de arrematar, por que ja tinhaõ que comer. Mas como os gostos da vida naõ vem sem ser agoados cõ seu amargoz, naõ se lograraõ os nossos muito desta vitoria: por que tanto que a fortaleza ficou descercada, começaraõ os nossos a beber do poço da Batochina em q̃ os Iaos tinhaõ lançado taõ fina peçonha, q̃ logo em bebendo começaraõ todos a adoecer, & a morrer: ficando o ár taõ inficionado, que em dando o Sol na cabeça a hũa pessoa ali caya logo: & asi se enterrauaõ cada dia doze,& quinze Portugueses:& como doentes de peste os leuauaõ pellas ruas arrasto,a te vm quintal do hospital a onde os sepultauaõ juntos. Morreraõ deste mal mais de duzentos Portugueses,& muita gente da terra, do que todos andauaõ pasmados. Dõ Pedro da Sylua entendeo bem o mal donde procedia,& mandou logo vazar o poço, & alimpalo: & defendeo, q̃ todo aquelle anno se naõ bebesse delle. Gil Fernandez de Carualho como vio o feito acabado, despediosse do capitaõ, & se foi pera Quedá a onde tinha a sua Nao.

Dom Pedro da Sylua vendosse desapressado despidio a Carauela, em que tinha vindo dom Garcia de Meneses, pera Maluco,& deu a capitania a Gemez Barreto,& mãdou nella muitas roupas,& prouimẽtos pera aquella fortaleza. Esta Carauela se fez á vela por todo Agosto, & chegou a Ternate em Nouembro passado.

## CAPITVLO X.

*Do que aconteceo na jornada a dom Rodrigo de Meneses, a te chegar a Maluco: & das differenças que Bernaldim de Sousa teue com Christouaõ Sâ sobre aquella capitania: & de como Bernaldim de Sousa foi cercar a fortaleza de Geilolo: & do que lhe aconteceo na desembarcaçaõ.*

PARTIDO dom Rodrigo de Meneses de Goa, o Abril passado de cincoenta,com a sua armada como atras dissemos no capitulo quinto do liuro oitauo: foi seguindo sua derrota a te Malaca: Ali achou nouas que naõ auia Castelhanos em Maluco: & por esta rezaõ se desfez a armada,ficando ali ambas as Carauelas. Dom Rodrigo par-

go partio pera Maluco com o seu Galeaõ: & o de dom Ioaõ Coutinho, & a nao de Bernaldim de Sousa, & chegou áquella fortaleza este Outubro passado, & sorgiraõ em Talangame, a onde Bernaldim de Sousa estaua com a sua nao. Dom Ioaõ Coutinho lhe deu vm maço de cartas que leuaua do Gouernador pera elle: & dentro achou hũa carta em que lhe dizia, q̃ em qualquer parte que aquella o tomasse se tornasse pera Maluco sendo certa a noua da armada Castelhana, & que tornasse a tomar posse d'aquella fortaleza, conforme hũa patente que tambem lhe mandaua: & com ella lhe mandou vm aluará pera aleuantar a menagem a Christouaõ de Sá, q̃ estaua por capitaõ. Bernaldim de Sousa, posto que lhe naõ dera cousa algũa irse pera a India, todauia estimou muito aquella socessaõ, asi por que em coatro annos que ali tinha estado, em nenhum delles se colhera nouidade do crauo, por dar muito pouco, & aquelle se esperaua que desse muito, & acabar a sua nao, & carregala: como por lhe ficar tempo pera ir tomar a fortaleza de Geilolo: por que andaua desconfiado da murmuraçaõ que corria antre os homens: porq̃ diziaõ publicamẽte que elle quebrara a paz com aquelle Rey, & q̃ se ya pera a India, deixandoos em guerras, & em trabalhos. Ao outro dia se foi á fortaleza, & achou Christouaõ de Sá a porta da banda de fora, (estaua elle auisado da particula da patente que dizia, que sendo as nouas da armada Castelhana certas, ficasse outra vez por capitaõ naquella fortaleza, & q̃ Christouaõ de Sá se fosse pera a India.) E mostrandolhe a carta, disse Christouaõ de Sá, que naõ auia nouas de Castelhanos, pello que naõ podia entregar aquella fortaleza: q̃ a tençaõ do Gouernador era se ouuesse naquellas ilhas armada Castelhana, ou noua certa della: por q̃ se asi naõ fora, naõ lhe pusera na patente clausula, nem condiçaõ algũa. E baralhãdosse o negocio em gritos & porfias de má feiçaõ, disse Christouaõ de Sá, que o que se podia fazer por justiça, naõ se auia de leuar por paixoens: que elle remetia aquelle negocio ao Ouuidor da fortaleza, & ao Alcaide mór, & que o julgassem elles. Bernaldim de Sousa lhe respondeo, q̃ ninguem auia de ser juiz de sua hõra. Cõ isto ficou a cousa em roins termos, & piores esperanças: por q̃ da parte de Christouaõ de Sá pẽdia a justiça, & da de Bernaldim de Sousa a authoridade, & muita posse que tinha de gente & amigos. E como os homens saõ todos affeiçoados a nouidades, nesta reuolta se apartou vm soldado de Bernaldim de Sousa disimuladamente, & se pós em pé no postigo da porta da fortaleza, que só estaua aberta, (por que todos estauaõ

da

da banda de fora occupados nas contendas) & logo se foraõ pera aquelle outros dez ou doze soldados,& tomaraõ a porta da fortaleza sem os dous da contenda overem,nem saberem.Bernaldim de Sousa como naõ queria leuar aquelle negocio por justiça,se naõ por força:disse a Christouaõ de Sá que se determinasse, que elle auia de fazer o que o Gouernador lhe mandaua. Christouaõ de Sá,q̃ era bom fidalgo, vendo a Bernaldim de Sousa taõ colerico, & desarrezoado,disse: ora seja senhor como quiserdes,& ficai na fortaleza,que eu me quero ir pera a India. Bernaldim de Sousa o abraçou, ficando grandes amigos, & logo ali lhe entregou a fortaleza, & elle deu a menagem della nas maõs de Lopo Mendez Botelho feitor, & Alcaide mór, como o Gouernador mandaua na sua patente.

Destas cousas ficou dom Rodrigo de Meneses muito tomado de Christouaõ de Sá, por se ter aconselhado com elle sobre aquella materia, & elle lhe ter dito o que auia de fazer: por que estaua apostado ao fauorecer, assi por ser da parte da justiça, como por naõ ser muito amigo de Bernaldim de Sousa.

Concluido isto, determinou Bernaldim de Sousa de fazer a jornada contra Geilolo: por que se deixasse ali aquella fortaleza, daria muito trabalho á nossa: & pera isto tratou com Elrey de Ternate, & lhe pedio que o acompanhasse nella, & elle lhe disse que o faria com muito gosto. E tambem escreueo ao Rey de Bachaõ, que se quisesse achar com elles. Bernaldim de Sousa preparou logo as cousas necessarias, & elegeo a gente que auia de leuar, que foraõ cento & oitenta Portugueses,que estauaõ saõs, & os poucos mais que auia, que naõ passauaõ de dez,deixou na fortaleza com o Alcaide mór: & mandou fazer muitos cestoens,& escadas, & carretas pera as peças de artelharia q̃ auia de leuar.

Tendo tudo negociado se começou a embarcar: elle na sua nao noua,dom Ioaõ Coutinho no seu Galeaõ,dom Rodrigo de Meneses na sua Carauela, & Manoel Boto em outra que estaua na mesma fortaleza que ya cheya de moniçoẽs, & petrechos de guerra, & de mantimentos. Balthesar Veloso capitaõ mór do mar, Christouaõ de Sá,& Diogo de Freitas, cada vm em sua Corocora.

Embarcados todos deraõ á vela,& por acharem os tempos contrairos,mãdou Bernaldim de Sousa dar toas aos Galeoẽs pellas Corocoras, & poseraõ dez ou doze dias no caminho: & a vespora do Natal passado sorgiraõ na barra deGeilolo,&saluaraõ a fortaleza q̃ se naõ enxergaua de fora,por causa do grãde&espesso aruoredo q̃ auia

antre ella,& o mar. Ali ſe deixou eſtar a te a primeira oitaua, que chegou Elrey de Ternate, & com elle o Principe de Bachaõ,que era ſeu genro, com hũa muito arrezoada armada de Corocoras, em que vieraõ perto de cinco mil homens de peleja. O capitaõ os recebeo mũy bẽ: & Elrey de Ternate lhe moſtrou hũa carta q̃ o de Geilolo lhe mandou ao caminho: em que lhe dizia,que ſe deuia de lembrar como ambos eraõ de hũa ley, & do muito, & mũy chegado parenteſco que antre elles auia, pera naõ fauorecer os Portugueſes contra elle,que lhe fazia a ſaber, que tinha comſigo muitos caualeiros, muita artelharia,mãtimentos,moniçoẽs, & duzentos Tabaros (ſaõ eſtes hũa naçaõ de gente d'aquella ilha mũy temidos de todos: por q̃ como andaõ ſempre pellos matos, & ſaõ mũy ligeiros,& no ſaltear os caminhos,oje ſe vem aqui, & d'ali a dous ou tres dias d'ali a vinte legoas,tem feito crér aos d'aquellas ilhas que ſe fazem inuiſiueis, & q̃ ſe eſcondem, & aparecem quando querem, pello que ſaõ taõ temidos,que ſó de os ouuirem nomear fogem muitos.) Bernaldim de Souſa vio a carta,& diſſe a Elrey q̃ lhe reſpondeſſe o que quiſeſſe: & que quanto ás roncas,que lhe mãdaſſe dizer,que folgaua muito de eſtar taõ bem apercebido, que elle tambem leuaua muita gẽte, artelharia,& moniçoens, & que lhe fazia a ſaber que ſe naõ auia de apartar de ſobre aquella fortaleza, ſem a deixar poſta por terra, & de mandar os ſeus Tabaros pera as Galés da India, & que lhe pezaua por ſerem taõ poucos. Elrey de Ternate aſsi lho eſcreueo,& lhe diſſe q̃ as obrigaçoẽs que tinha aos Portugueſes paſſauaõ por todos os parenteſcos: que lhe aconſelhaua, que deuia de fazer pazes com o capitaõ,& concederlhe tudo o que elle pediſſe, & q̃ naõ quiſeſſe experimentar a furia dos Portugueſes.

Vendo o Geilolo eſta carta, & o deſengano do Rey de Ternate: mandou meter dentro na fortaleza todas as fazendas dos ſeus, de ouro,prata, peças, pera os obrigar a pelejarem ſobre o ſeu E elle tãbem meteo ſeus thiſouros publicamẽte,por moſtrar aos ſeus quaõ pouco arreceaua os Portugueſes: mas de noite os tornou a tirar em tanto ſegredo, que o naõ ſouberaõ ſe naõ aquelles ſeruidores q̃ lhos leuaraõ, & elle foi com elles, & os enterrou em hũa parte ſecreta,& a meſma noite matou os coitados que lhos acarretaraõ pello naõ deſcobrirem.

A derradeira oitaua deſembarcou Bernaldim de Souſa no lugar, em que o fez Fernaõ de Souſa de Tauora, na maneira ſeguinte. Dom Rodrigo de Meneſes, & Baltesar Veloſo na dianteira com ſeſſenta Portugueſes, & com

elles Cachil Guzarate com dous mil Ternatezes:& logo Bernaldim de Sousa com a bandeira de Christo,& as peças de artelharia de cãpo,com todos os mais Portugueses:& na retaguarda Elrey de Ternate,& o Principe de Bachaõ seu genro com o resto do exercito. Nesta ordem foraõ caminhando pellos matos,com guias,sem acharem quem lho impedisse: & assi chegaraõ á vista da fortaleza. E por que naõ auia outra parte em que assentar o campo se naõ em vm outeiro que estaua vm tiro de berço della: mandou o capitaõ arrazalo todo, o que se fez com muita gente d'Elrey de Ternate, & gastaraõ nisso todo o dia a te a tarde, (por que foraõ ali amanhecer.) Ia sobre a tarde despidio o capitaõ a Manoel Boto com algũa gente pera ir a armada buscar mãtimentos, & algũas peças d'artelharia mais,& outras cousas q̃ eraõ necessarias,ficando os do exercito dormindo aquella noite no outeiro que arrazaraõ, sempre armados,& com grandes vigias.

Elrey de Geilolo tanto que foi noite lançou nos matos que ficauaõ perto do arrayal algũa gente de espingardas, que toda a noite inquietaraõ os nossos, sem saberẽ donde lhes vinha o mal, por ser escuro:& foi a cousa de feiçaõ,que os fizeraõ estar sempre em pé,desparando tambem a sua arcabuzaria em roda do arrayal a montaõ. O capitaõ tanto que amanheceo, quis mandar Baltesar Veloso com hũa companhia de soldados pera dar guarda a Manoel Boto, que auia de vir da armada com as cousas que foi buscar, mas Elrey de Ternate o tirou disso, com lhe dizer que o caminho estaua seguro. Estando o capitaõ ja fora disso, moueolhe Deos supitamente o coraçaõ, por que os nossos se naõ perdessem, & mandou com muita pressa abalar Baltesar Veloso,o que elle fez com tanta, que lhe ficaraõ alguns homens dos q̃ auia de leuar, & indo a meyo caminho deu nelle o Principe de Geilolo com coatrocentos dos seus principaes: porque parece teue auiso que se esperaua por Manoel Boto,& estaua lançado em cillada n'aquelles matos. Baltesar Veloso que era homem de setenta annos com vm animo de vinte & cinco, ajuntou os seus que seriaõ perto de vinte a fora alguns escrauos,& Ternatezes, & serrandosse todos, põdosse elle na dianteira,& Anrique de Lima detras, remeteraõ com os imigos,nomeãdosse muito alto (como he costume antre aquellas gentes) & começaraõ hũa fermosa batalha,em que Baltesar Veloso, Anrique de Lima,& outros sete ou oito companheiros fizeraõ cousas, em que mostraraõ bẽ o valor Portugues. Os Ternatezes, & ainda alguns Portuguesses,se foraõ recolhẽdo,&

pondo em saluo: mas os que ficaraõ fizeraõ tamanho estrago nos imigos, que com morte de mais de cento, poseraõ os mais em fugida, ficando os nossos senhores do cápo, & sem se derramar sangue algum Portuguez. D'ali foraõ buscar Manoel Boto, que logo encontraraõ, & o acompanharaõ a te o arrayal, a onde se festejou a vitoria com muitos tiros, & instrumẽtos de alegria.

## CAPITVLO XI.

*Do sitio, & fortificaçaõ da fortaleza de Geilolo, & de como os nossos a bateraõ: & das cousas que socederaõ no cerco: & dos ardis de que Elrey de Tidore vsou pera ver se deixauaõ os nossos o cerco.*

A FORTALEZA de Geilolo era de pedra, & terra solta, muito larga & forte, tinha naquella frontaria dous fermosos baluartes, era de forma triangular, & de vm angulo corria hũa cortina a te fechar em vm castello Roqueiro, grande, & forte, que tinha outros dous baluartes. Da banda que fica pera o már, que era mais baixa, tinha da banda de fora do muro outro baluarte que ficaua sobre vm esteiro, & de longo delle estaua a cidade estendida, & elle defendia a entrada do esteiro. Tinha assi á fortaleza, como o castello em roda hũa fermosa caua toda estrepada por dentro & por fora de estrepes de Bambus machos metidos no chaõ ao marraõ, & depois agudos, vns altos, outros baixos, ao reuez vns dos outros, & taõ bastos, que naõ podia passar vm gato sem se encrauar nelles, quanto mais vm homem. Tinha Elrey dentro mil & duzentos homens escolhidos, em que entrauaõ cem espingardeiros: & á roda pellos da fortaleza, & castello, dezoito berços de metal, & de ferro. Postos os nossos naquelle lugar do outeiro que desfizeraõ: começaraõse a fortificar com cestoens que se fizeraõ muitos, por que os matos eraõ todos de Bambus, & fizeraõ seus valos, & trincheiras, em que plantaraõ a artelharia, no que gastaraõ dous dias. Elrey de Ternate, & o Principe seu genro, ficaraõ naquelle lugar que se desfez, & o capitaõ mais abaixo ao sopé. E vm pouco afastado em vm outeiro que ficaua padrasto á fortaleza, fez dom Rodrigo de Meneses sua estancia com os seus soldados.

Assentados todos, & posto tudo em ordem, começaraõ a bater a fortaleza de todas as estancias, có grande

grande furia,mas naõ fizeraõ mais que derribaremlhe alguns altos,q̃ logo eraõ repairados. Bernaldim de Sousa ficou enfadado, por que das estancias naõ se descobria bem a fortaleza pello muito aruoredo que tinha derredor: & mandou armar outros cestoens, com que se foi chegando mais á fortaleza,deixando ficar Elrey no lugar em q̃ estaua. E depois que fez a sua estãcia mais perto, sobiose a vm alto que estaua vm pouco afastado pera notar bem a fortaleza,leuando comsigo Cachil Guzarate: & Cachil Payo Regedor de Ternate,& alguns Portugueses. E estando notando a fortaleza, tanto que della os viraõ, descarregaraõ a montaõ alguns berços & espingardas, com que lhe feriraõ algũas pessoas,Cachil Payo de vm pilouro de berço, & de espingardadas Baltesar Veloso,& Fernaõ Machado. (Era este homem vm muito bom caualeiro,& na companhia de Manoel Boto, tinha pelejado muito bem, & do dia que o feriraõ a vm mes morreo, estando ja saõ da espingardada. Esta morte profetisou elle o dia da desembarcaçaõ: por q̃ em pondo os pés na terra, olhou pera alguns companheiros, & disse,nesta jornada me aõ de matar. E por naõ parecer que era medo, saltou,& bailou, & depois rezou o officio dos finados por sua alma: & a te a hora que morreo, sempre andou taõ alegre que alegraua a todos: & asi foi muito sintido.) O capitaõ se recolheo muito enfadado de lhe ferirem aquelles homens,& de naõ achar vm bom sitio pera assentar o exercito, nem de poder auer algũa espia, tendo mandado a isso alguns auentureiros.

Apartandosse vm dia Gabriel Rebello com dous companheiros, foise chegando á fortaleza, & notou a hũa parte vm lugar muito accommodado,asi pera o arrayal, como pera a bataria, & o foi dizer ao capitaõ que o foi ver com algũs que escolheo:& assentaraõ que alí estariaõ milhor, & logo mudaraõ pera aquella parte o arrayal, fazẽdolhe seus valos,& trincheiras, sobre que assentaraõ hũa espera,vm saluage,coatro camelletes,& algũs falcoens,com que começaraõ a bater a fortaleza.

Elrey de Ternate vendo que o capitaõ insistia no cerco,como era Mouro,& parente do outro, andaua ja arrependido da jornada, por que sempre lhe pareceo que o capitaõ se enfadasse logo, & que se tornasse como fez Fernaõ de Sousa de Tauora: & indosse ao capitaõ lhe disse,que todos aquelles trabalhos eraõ em vaõ: q̃ aquella fortaleza naõ se podia tomar como elle cuidaua, por q̃ tinha muita gente, muita espingardaria, & muitos mantimentos,que deuia de se recolher, & naõ perder o tẽpo. O mesmo lhe disse Christouaõ de

 Sá,&

Sá,& outras pessoas que tambem estauaõ enfadadas,& que pella vẽtura o tinhaõ praticado cõ Elrey. O capitaõ lhe disse, que ja que se abalara, auia de leuar aquelle negocio auante, & que Deos o ajudaria. Elrey tornou a repetir as difficuldades que auia, & se lhe offereceo pera fazer a guerra com os seus de fora: & ir dar em todas as aldeas de Geilolo, & as destruir: em lhe trazer mantimentos, o que lhe o capitaõ naõ aceitou. Naquelles dias em que se batia a fortaleza deraõ alguns dos nossos com gẽte d'Elrey de Ternate em algũas aldeas visinhas, em que fizeraõ bem de dano. A bataria se foi continuãdo, mas com pouco dano da fortaleza, de que o capitaõ andaua desconfiado, & quisera cometela por assalto, mas naõ vio pera isso a gente que lhe era necessaria, & cuidando comsigo no que faria, determinou de cercar a fortaleza em roda, pera totalmente lhe tolher os mantimentos, sobre o que naõ tomou parecer com pessoa algũa. E logo mandou abrir hũa caua do arrayal pera a fortaleza ao comprido, & na ponta della ordenou hũa tranqueira muito forte q̃ ficaua quasi abordada aos muros, & pera ella se passou dom Rodrigo de Meneses com trinta homẽs: mas como ficaua mais baixo que a fortaleza, de cima dos muros lhe feriraõ muita gente de espingardadas.

Saõ os Geilolos taõ certos & destros nellas, que estando aqui os nossos á bataria com os do muro, vio vm Geilolo vm Ternate estar por hũa seteira apontando nelle hũa espingarda: & leuando a sua ao rosto com muita pressa, desparou no Ternate pello buraco da seteira, & lhe meteo o pilouro pella boca dentro, quebrãdolhe dous dentes: & o pilouro que deuia de ir fraco se deteue dentro na boca, em outros coatro que o Geilolo tinha nella pera mais presteza, & abaixandosse lhe cairaõ os cinco pilouros no chaõ, sem receber outro dano. Dom Rodrigo mandou dizer ao capitaõ, que a tranqueira ficaua taõ descuberta ao muro, q̃ lhe tinhaõ ferido os mais dos companheiros sem lhes elle poder valer. O capitaõ o mandou recolher, do que o Rey de Geilolo mostrou grande aluoroço, & fez grandes al guazaras dos muros.

A bataria se foi continuando contra vontade de todos, & geralmente murmurauaõ do capitaõ, dizendo, que proseguia aquelle cerco por dilatar o tempo, pera carregar a sua nao de crauo, & partir pera a India só, & ficarem os mais Galeoens da viagem. Outros, que o capitaõ naõ ousaua de dar o assalto, sem quem a fortaleza se naõ podia tomar. Bernardo de Sousa, & dom Ioaõ Coutinho, lhe fizeraõ alguns requerimentos, dizendolhe que a mouçaõ se ya gastando: & q̃ pello

pello q̃ todos diziaõ aquella fortaleza ſe naõ podia tomar com taõ pouca gente, que deuia de ſe recolher, primeiro que lhe aconteceſſe algum deſgoſto. Diſto lhe deu a elle muito pouco, & mãdou proſeguir a bataria, & continuar na obra das cauas, pera rodear a fortaleza, que lhe naõ podeſſe entrar couſa algũa, pera os tomar á fome. Aſsi foi cortando as cauas de noite, que de dia naõ podia ſer, porque lho impedia a arcabuzaria da fortaleza, a te cercar á roda, com cinco tranqueiras que mandou fazer fronteiras aos baluartes dos imigos, em que plantou peças de artelharia.

No começo deſta obra ſempre ouue deſconfianças em todos os do exercito, que naõ ſeria de effeito algum, mas depois que viraõ a traça que leuaua, & que todauia era de muita importancia, todos ajudauaõ a obra com muito goſto. De cima dos muros bem ſentiaõ o trabalho, & toda a noite faziaõ grandes fogos, pera deſcobrirem o campo, naõ ceſſando a ſua arcabuzaria de laborar, com que fizeraõ algũ dano, & feriraõ muitos no exercito. O Rey de Tidore era auiſado todos os dias por cartas do de Geilolo, do eſtado em q̃ as couſas eſtauaõ: & aſsi o foi das eſtancias que os noſſos tinhaõ feito á roda da fortaleza: & entendendo o muito riſco em que eſtaua, temendoſſe que tanto que tomaſſe aquella fortaleza, o faria tãbem á ſua, aconſelhado do Rey de Geilolo, amanheceo vm dia naquelle porto com hũa armada, & ſorgio junto dos Galeoẽs: & deſpidio logo Cachil Manauari ſeu irmaõ a viſitar o capitaõ, & Elrey de Ternate: Bernaldim de Souſa o recebeo muito bem, & o ouuio, & reſpondeo á viſitaçaõ. Vendo elle aquelle modo de fortificaçaõ do exercito, ficou paſmado (por q̃ aquillo naõ ſe vſaua por aquellas partes) & perguntando como ſe chamauaõ aquelles fortes, diſſeraõlhe que beſtiaẽs: & dando á cabeça diſſe, beſtiaõ beſtiaõ baſta pera tudo.

E quando viſitou Elrey de Ternate lhe diſſe em ſegredo, que Elrey ſeu irmaõ lhe mandaua pedir, que trabalhaſſe muito por eſtoruar aquelle negocio. O que antre elles ſe paſſou ſobre iſto, ninguem o ſoube.

Deſpedido o Tidore ſe foi pera a ſua armada, & Elrey tornou a dar á vela pera ſeu reino: mas como ya cioſo d'aquelle negocio, & Elrey de Geilolo tornou a puxar por elle, pera que trabalhaſſe com que ſe aleuantaſſe aquelle cerco, tornou a voltar pera Geilolo, & ſorgio afaſtado da armada, & tornou a mandar o meſmo irmaõ a viſitar a Bernaldim de Souſa. Elle entendendo o deſpropoſito de de tanta viſitaçaõ, lhe mandou dizer que ſe naõ vinhaõ a mais que

a visitalo, que lho tinha em merce: mas que se vinha a ajudar Elrey de Geilolo que lho dissesse, pera mandar recado á armada que o deixasse entrar na fortaleza: por que quantos mais estiuessem dentro, tanto mór gosto teria da vitoria. Com este recado se despidio o Embaixador, deixando dito a alguns Ternatezes como em segredo, q̃ Elrey seu irmaõ vinha queimar a nossa fortaleza, & a nao do capitaõ que estaua á carga. Isto disse, por que bem sabia que logo os Ternatezes o auiaõ de dizer, pera que em o capitaõ o sabendo, leuãtasse o cerco, & acodisse lá. Esta noua chegou ao capitaõ a que respondeo muito seguro: que lhe daua muito pouco de lhe queimarẽ a sua nao, por que por interesse algum naõ auia de deixar o seruiço d'Elrey: & que se lhe tomassem a fortaleza, que a todo o tempo a tornaria a ganhar, & foi proseguindo na obra das cauas, & dos fortes. Quando Elrey de Geilolo vio q̃ todauia o capitaõ ya auante com aquelle negocio, tratou de homiziar o Rey de Ternate, & o Principe de Bachaõ, com o capitaõ: & teue tal modo, que por via de Ternatezes do exercito, com quem tinha intelligencias secretas, lançou fama que o Rey de Geilolo estaua concertado com o Principe de Bachaõ, & que lhe daua hũa filha em casamento. Isto inquietou Elrey de Ternate, por que o tinha desposado com hũa filha sua: mas o capitaõ acodio a isto, affirmando a Elrey que tudo aquillo eraõ ardijs, & inuençoẽs do Geilolo, pera semear zizania antre elles, com o q̃ se elle quietou algum tanto. Elrey de Tidore como naõ quietaua, tornou a voltar com a sua armada, com determinaçaõ de ver se podia tomar vm dos nossos Galeoens, do que o capitaõ foi auisado primeiro que elle chegasse: & mandou a dom Rodrigo de Meneses que se fosse pera a armada, & naõ deixasse chegar a ella Elrey de Tidore. Chegando Elrey á vista lhe sayo dom Rodrigo de Meneses em vm batel muito bẽ concertado, & coatro Corocoras, em que ya Cachil Ayo, meyo irmaõ de Cachil Guzarate, mãcebo mũy esforçado: vendo Elrey aquella determinaçaõ voltou pera Tidore, & naõ curou de mais inuençoẽs.

## CAPITVLO XII.

*De como Bernaldim de Sousa tomou vm poço d'agoa, de que os cercados bebiaõ: & de como por falta della se entregaraõ a partido.*

CONTINVANdosse a bataria, & a obra das cauas, & fortes, adoeceo Elrey de Ternate, & se foi curar a seu reino, & deixou em seu

lugar

lugar a CachilGuzarate,q̃ era mũy arrogante,& muito temido de todos os Malucos.Deſta ida d'Elrey ouue grandes murmuraçoens & deſconfianças, o que tudo ſofreo, & atalhou Bernaldim de Souſa cõ muita prudencia & brandura, naõ deixando de proſeguir na obra,& em mandar dar aſſaltos. Hũa noite foi Gabriel Rabello com dez companheiros, & chegou a queimar hũas caſas,& certas embarcaçoens que eſtauaõ varadas ao longo do muro. Os imigos de cima delle ſintiraõ os noſſos, & naõ ouſaraõ a lhe ſair, cuidando foſſe algũa cillada pera os fazerem acodir ali,& cometerẽnos por outra parte: & de cima atiraraõ muitos tiros,com que fizeraõ afaſtar os noſſos, ficando hũa ſó caſa por queimar,de quinze ou vinte que eraõ. Mas vm Triſtaõ Gomez meſtiço da terra, deitou de longe hũa bõba de fogo,que acertou de cair ſobre a caſa,que logo ardeo toda: & com a claridade enxergaraõ os noſſos toda a pouoaçaõ que eſtaua edificada ſobre o eſteiro, que de agoas viuas ſe cobria todo, & paſſaua ao ſeco pera a outra parte da cerca.

Eſta pouoaçaõ naõ foi viſta a te entaõ dos noſſos. E recolhendoſſe d'ali,deraõ conta ao capitaõ do que viraõ, & do modo da pouoaçaõ,o que elle eſtimou muito ſaber. E logo deſpidio o capitaõ mór do mar,com cincoenta ſoldados,& quinhentos Ternatezes,pera que ſe foſſem meter no eſteiro, & deſſem guarda a certas peſſoas, que auiaõ de ir com lanças de fogo,queimar a pouoaçaõ, & as embarcaçoens que eſtauaõ varadas. E indo eſta gente demãdar o eſteiro,deraõ todos na vaza, em q̃ eſtiueraõ perdidos. E alguns que paſſaraõ adiante, ſem guardarem ordem algũa,nem eſperarem pellos mais,chegaraõ á cidade, em q̃ começaraõ a por o fogo, com tamanhas gritas, que os moradores q̃ eſtauaõ dormindo,ſaltaraõ deſatinados fora das camas, & foraõ fogindo pera a fortaleza, ſem verem de que: (mas pareceolhes pellos alaridos & gritas que todo o poder dos noſſos daua nelles.) Com iſto chegaraõ os mais,& deraõ fogo a cidade, & a todas as embarcaçoens que eraõ muitas, que arderaõ ſoberbiſsimamente.

Feito iſto ſe poſeraõ todos em vm tezo as eſpingardadas com os do muro,que eſtauaõ vẽdo aquella deſtruiçaõ. Elrey de Geilolo acodio ao aluoroço ao muro: & vẽdo arder toda a cidade,deitou fora Cachil Quebuba,ſeu ſobrinho, & genro,com quinhentos homẽs: & vendo os noſſos ſe poſeraõ cõ elles ás eſpingardadas, & quis Deos que acertaſſe hũa no Cachil Quebuba de que cayo morto logo. E aſsi meſmo vm Cacis ſeu,& outros alguns. Durou eſta briga muito grande eſpaço, com grande

eſtrondo

eſtrondo,& quentura, aſsi da artelharia,como da força do ſol, & do fogo que andaua na cidade, q̃ como era de madeira,& bambus,fazia vm terremoto, & labaredas, q̃ parecia vm diluuio de fogo. Os Geilolos vẽdo o ſeu Principe morto,& o dano que tinhaõ recebido, ſe foraõ recolhendo: & o meſmo fizeraõ os noſſos,leuando tres feridos,dous ſoldados Portugueſes, & Cachil Bocaide, irmaõ de Cachil Guzarate, que foi por capitaõ dos Ternatezes.

Eſta vitoria feſtejou o capitaõ muito. Acharaõſe neſte feito Bernardo de Souſa, Vaſco de Freitas, Gabriel Rabello, Anrique de Lima,Gaſpar de Morim: todos fidal gos & caualeiros mũy honrados.

Depois deſte bom ſoceſſo,poucos dias,andando o capitaõ continuando na obra,foi auiſado, q̃ da outra banda da fortaleza auia vns poços d'agoa doce, de que os de dentro bebiaõ: & que na fortaleza naõ auia outra agoa: & que ſe lha tomaſſem naõ lhes ficaua remedio algum de que ſe valeſſem. E pondo em conſelho iſto foi cõtrariado dos mais,dizendo q̃ aquil lo auia miſter muito vagar,& mui to tempo,& que todos andauaõ ja mortos & canſados,& elle capitaõ doente,(por que auia dias que andaua achacoſo) que o bom ſeria cometerſe a fortaleza á eſcala viſta,& cõcluir aquelle negocio, por q̃ ja todos naõ podiaõ mais. Bernaldim de Souſa diſsimulou, dandolhes a entender que aceitaua o conſelho: & mandou com muita preſſa fazer alguns ceſtoẽs muito grandes, & ajuntar alguns madeiros,& tauoado: & tendo tudo preſtes mandou a Bernardo de Souſa que ſe foſſe pera a armada, & que com dom Rodrigo de Meneſes q̃ lá eſtaua,nas Corocoras, poſeſſem aquelles ceſtoens ſobre os poços, & formaſſem logo vm forte em q̃ ſe recolheſſem todos, & aſſeſtaſsẽ alguns falcoens.

Dando eſte recado a dom Rodrigo de Meneſes foi logo demãdar aquella parte, & deſembarcãdo em terra achou muito grande reſiſtencia, por que foi com poucos a notar o ſitio: & naquelle jogo lhe feriraõ Bernardo de Souſa de hũa eſpingardada pella cabeça muito grande,de que naõ perigou, & foilhes forçado recolheremſe, pelejando todos muito valeroſamente com os imigos. Era iſto ſobre tarde: & no coarto da modorra,tornou dom Rodrigo de Meneſes a deſembarcar com todos os ſeus ſoldados, & os marinheiros das Corocoras leuauaõ os ceſtoẽs, & madeira: & Cachil Ayo com os Ternatezes de ſua companhia,pera o ajudar naquella obra. E naõ achando reſiſtencia, chegaraõ aos poços,& armaraõ ſobre elles os ceſtoens,que logo ſe mandaraõ encher de terra.

Feito iſto correraõ com hũa trã-

queira de madeira muito forte, em que se recolheraõ com algũas peças de artelharia, moniçoens, & mantimentos, pera alguns dias. Tãto que amanheceo, que os imigos viraõ de cima do muro os poços tomados, logo perderaõ o animo, & aleuantaraõ bandeira de paz, bradando rijamente por ella. No mesmo tempo entraua pello esteiro dentro Christouaõ de Sá com vm batel, & hũa mãchũa pera dar na cidade: & chegou a tempo que os nossos estauaõ á fala com os da fortaleza sobre pazes: & quis a desauentura, & o descuido Portuguez que leuassem na quilha do batel hũa gamela de poluora aberta, em que cayo hũa faisca de fogo, & ateou com tanta força que arrebẽtou a mór parte do batel, & queimou cinco soldados, de que morreraõ tres. Christouaõ de Sá, q̃ ya na Manchua, vendo o desastre, deu toa ao batel, & se tornou pera a nao, & sem falar com Bernaldim de Sousa, se foi na Manchua pera Ternate. Os Geilolos tanto que viraõ o desastre do batel, dissimularaõ por entaõ cõ o que pediaõ: mas como á falta d'agoa naõ ha repairo, nem remedio, ao outro dia, que eraõ dezoito de Março, apareceo a porta da fortaleza aberta, & Elrey com Cachil Tidore seu tio, & o Cacis mayor á ella, & mãdou bradar alto ao arrayal, q̃ lhe mandassem vm Portuguez, q̃ queria falar com elle cousas que importauaõ. Dandosse o recado ao capitaõ mandou lá vm Luis de Pauia, que Elrey recebeo bem, & com elle praticou sobre pazes, querendo logo ali conceder todos os partidos, que elle leuaua ja do capitaõ por apontamentos, sobre o q̃ debateraõ vm espaço grande, & por fim naõ concluiraõ em cousa algũa: por que os Ternatezes tiueraõ maneira com que mandaraõ aduertir aos do conselho d'Elrey, q̃ naõ lhe consentissem falar em pazes, a te vir Elrey de Ternate, o q̃ elles fizeraõ. E mandou Elrey dizer ao capitaõ que mandasse chamar. Elrey de Ternate, pera concluirem todos as pazes: & em quãto elle tardaua ficassẽ em tregoas, & lhes dessem agoa pera beberẽ. Isto lhe concedeo o capitaõ, despedindo logo hũa Corocora muito ligeira a Ternate com recado a Elrey, ficando correndo em tregoas: & yaõ ao arrayal algũs Geilolos taõ fracos & debilitados de naõ comerem nem beberem, que ouueraõ os nossos compaixaõ delles, & os Ternatezes os prouiaõ cõ o que podiaõ, & logo se yaõ aos poços (que nunca dom Rodrigo de Meneses largou) a fartar d'agoa. Elrey de Ternate tanto que teue recado se meteo em hũa Corocora muito sotil, & chegou ao exercito quinta feira de Endoenças: & no mesmo dia o mandou o Rey de Geilolo visitar por Cachil Timo, homem de grande authoridade

antre

antre elles: & com elle outro Mãdarim principal. Elrey estaua com o capitaõ, & os receberaõ muito humanamente, & depois das visitas trataraõ sobre pazes, que se concluiraõ com as condiçoens seguintes.

Que Catabruno deixaria o titulo de Rey,& tomaria o de Sangage,que he como Gouernador,& que ficaria vassalo d'Elrey de Portugal,com duas mil folhas de olla, que saõ de palmeira pera se cobrir a fortaleza , & quinhentos fardos de Sagú, que he a farinha de pao que lá se come, de pareas cada anno.

Que se sayria da fortaleza, elle & os seus,com suas pessoas somente,& que tudo o que estiuesse nella auia de ficar por despojos dos vencedores. E que a fortaleza se auia logo de derribar por terra,& que nunca mais faria outra.

Destas condiçoens se fez hũa pauta pera os Embaixadores leuarem a Elrey, & os despidiraõ com muitas honras. Chegados á fortaleza deraõ a Elrey conta de tudo o que era passado : & lhe apresentaraõ os capitulos das pazes : & sem os querer ver, vestio hũa cabaya de veludo pardo ( que era a mesma que Tristaõ de Tayde lhe mandou pera o dia que se aleuantou por Rey) & com alguns poucos dos seus se foi ao arrayal. O capitaõ & Elrey o sairaõ a receber . Elle chegando a elles disse contra o capitaõ : com esta cabaya me leuantaraõ os Portuguezes por Rey, & com ella me tornaõ a desapossar . Elrey & o capitaõ o abraçaraõ com grandes honras, dizendolhe o capitaõ que se consolasse,que aquelles eraõ os fruitos da guerra: que elle ficaua com seu estado inteiro, que os titulos eraõ vaydades do mundo . E assentandosse todos tres em cadeiras confirmaraõ os capitolos das pazes, & as juraraõ a seu modo, ficando ali aquella noite Elrey de Geilolo.

## CAPITVLO XIII.

*De como o capitaõ entrou na fortaleza de Geilo'o , & das cruezas que se nella fizeraõ. E de como se derribou : & das mais cousas que socederaõ.*

AO outro dia,que foraõ vinte & sete de Março, sayo o capitaõ do arrayal com ambos os Reys , & toda a gente em armas , & entraraõ na fortaleza. A gente de guerra tanto que se vio dentro sem darem pello capitaõ , começaraõ a matar,& a catiuar quantos Geilolos acharaõ,entrando pellas casas, roubandoas,vsando cruezas auorrecidas ao nome Portuguez. O capitaõ pedio a Elrey de Ternate q̃ fosse acodir áquillo , & quando chegou

chegou achou ja mais de trinta mortos,& de duzentos catiuos, & naõ pode fazer cousa algũa naquelle negocio, por que os Portuguefes deraõ por elle mũy pouco. O capitaõ como ya enfermo, deitouse em vm baileo junto da porta da torre em q̃ estauaõ as molheres & filhas d'Elrey, & junto delle se assentaraõ ambos os Reys, em vm caixaõ. Os Geilolos q̃ escapauaõ das maõs dos nossos, vinhaõ fogindo pera onde estaua o seu Rey,pedindolhe q̃ lhes valesse, ao q̃ elle com os olhos humidos respondia q̃ lhes valessem elles: & cõ ver aquellas desumanidades,& ouuir os prãtos & gritos dos vassalos, estaua taõ seguro,q̃ respõdia a tudo o q̃ o capitaõ falaua com elle, muito atẽto,& a proposito,sem fazer mais mouimento,q̃ de quando em quando acodir com vm lenço a enxugar os olhos. Os Portuguefes & os Ternatezes andauaõ pella fortaleza roubãdo & escalando as casas,de q̃ os Ternatezes leuaraõ a sustancia & milhor de tudo, asi por serem mais, como por saberẽ as casas de mais importancia. O capitaõ disse a Elrey de Geilolo, que mandasse tirar as molheres da torre, por que se auia de ir buscar. Isto sentio elle muito, por que lhe pareceo que lhe ficassem ali sem serem vistas, nem esbulhadas de pessoa algũa, & leuantandosse as foi tirar com grande magoa & dór de seu coraçaõ, & as leuou fora da fortaleza, mãdandoas Elrey de Ternate &o capitaõ acõpanhar, por que lhes naõ fizessem algũa descortesia.

Saido o Geilolo pera fora com ellas as leuou ao campo, & as pós ao pé de hũas aruores. O capitaõ mandou buscar aquelle baluarte, cuidando que se achasse nelle o tisouro d'Elrey(que elle tinha guardado em outra parte) mas acharaõ outras muitas cousas, q̃ foraõ saqueadas & roubadas. Aquella noite ficaraõ todos na fortaleza. Ao outro dia (porque se ya o capitaõ achãdo mal) entregou a fortaleza a Elrey de Ternate, & deixando com elle os Portuguezes pera a desmancharem, se embarcou em Corocoras ligeiras,& se foi curar a Ternate. Aquella noite q̃ foi sabado de Pascoa poseraõ os nossos fogo a fortaleza por muitas partes, que começou a arder brauissimamente. Durou este cerco tres meses cõ muito trabalho, sol, frio, sede,& algũa fome:posto que pera a gẽte da terra foi grande remedio o das fruitas do mato. Morreraõ dezoito Portuguefes, & dos imigos perto de trezentos.

Saõ estes Geilolos os mais esforçados homẽs,& mais pera o trabalho q̃ todos os d'aquellas ilhas, o q̃ mostraraõ bem naquelle cerco: por q̃ quando os nossos entraraõ naquella fortaleza, naõ lhe acharaõ nella cousa algũa de comer, nem beber, & auia tres ou coatro

 dias

dias que naõ comiaõ,nem bebiaõ, & acharaõ os nossos as casas, & as ruas cheyas de mortos que cada hora cayaõ de fome,sem nunca se quererem entregar: antes diziaõ q̃ morressem todos asi: & d'aquella maneira trabalhauaõ,pelejauaõ,& se repairauaõ. A noua desta vitoria foi má de crér por todas aquellas ilhas por onde logo correo, por que auiaõ por imposiuel poderse tomar aquella fortaleza. E asi era,que se naõ fora a fome, nada a podera render.

Durou o saco da fortaleza alguns dias,& se acharaõ muitas fazendas, & ouro, de que Elrey de Ternate leuou o milhor quinhaõ. E depois de tudo escalado,& a fortaleza queimada por muitas partes,se embarcaraõ todos pera Ternate. Bernaldim de Sousa depois de se achar bem de sua infirmidade, que lhe durou alguns dias: se tornou a embarcar pera Geilolo,pera acabar de derribar a fortaleza,& quietar as cousas d'aquelle reino: & foi Elrey de Ternate cõ elle,& todos os Portugueses, tirando dom Rodrigo de Meneses que por estar quebrado com elle se deixou ficar.

Chegados a Geilolo o capitaõ mandou acabar de derribar a fortaleza: & acharaõ nella muitas couas abertas de que tiraraõ muita fazenda.Catabruno, que ja se chama Sangage,des d'aquelle dia que sayo da fortaleza cõ as molheres, nunca mais tornou a ella em quãto os nossos ali estiueraõ: & fez hũa pouoaçaõ naquelle lugar a onde se deixou ficar. E sabendo que o capitaõ era chegado naõ se auẽdo ainda por seguro se foi mais pera o sertaõ com suas molheres, ficãdo ali na pouoaçaõ dous irmaõs seus chamados Cachil Liacá,& Cachil Timou,com suas familias,que foraõ dar a obediẽcia ao capitaõ. E sabendo elle que o Sangage era ido da pouoaçaõ ficou enfadado, por auer que se naõ fiara delle: & rogou a seus irmaõs que o fossem buscar, & lhe pedissem muito que o viesse ver, & mandou com elles Gabriel Rabello com alguns companheiros,& lhes deu por regimẽto q̃ tiuessem com elle muitas palauras de comprimentos, & o persuadissem a vir velo: & quando o naõ podessem mouer o notificassẽ por aleuantado, & lhe apregoassẽ de nouo guerra.

Partidos estes homẽs acharaõ o Sangage meya legoa pello sertaõ cõ hũas casas feitas sobre hũa pequena ribeira,que atrauessaua por junto de hũas fontes de agoa quẽte,que estaua muito fraco & debilitado. Os irmaõs,& Gabriel Rabello falaraõ cõ elle, & lhe deraõ o recado do capitaõ, rogãdolhe todos muito que o quisesse ir ver. Elle se desculpou com dizer que ja naõ era gente, que o deixassem cõ sua fortuna, que queria morrer por aquelles matos, & q̃ se naõ tratasse

mais

mais delle, que fizessem conta q̃ era acabado. Gabriel Rabello apertou muito com o Sangage pera q̃ fosse ver o capitão, & que elle ficaria ali em refens, & que lhe cortasse a cabeça, se delle, nem dos seus recebesse elle, nem cousa sua algũ agrauo. E não o podendo mouer quebrou diãte delle hũa folha de hũa aruore, em sinal de rotura da paz (como antre elles se costuma) & se despidiraõ delle, mouidos de compaixaõ do miserauel estado em q̃ o viaõ. Aquellas escusas que o Sãgage deu pera não ir ver o capitão, foraõ, porque não se atreueo auer o rosto a Elrey de Ternate: porque auia que delle lhe nacera todo o seu mal.

Sobendo o capitaõ o q̃ passaraõ com elle quisera logo mãdar gẽte contra elle, mas Elrey de Ternate lhe pedio que não fizesse obra por aquelle sò recado, que lhe mandasse fazer outra notificaçaõ, que pella ventura se moueria, porque os trabalhos em que se vira, lhe não deixauão entender quãto lhe aquillo importaua. Com isto despidio o capitão os mesmos Embaixadores, por quem lhe mandou pedir q̃ se sogeitasse à rezaõ, & que elle lhe faria todos os fauores que fossem justos, & que não quisesse perder seu estado. Chegados àquelle lugar ja o não acharaõ, porque se tinha metido por esses matos como desesperado, pello que se tornaraõ.

A Catabruno poucos dias depois disto lhe morreo a sua principal molher, q̃ elle muito sentio, & ouueque a fortuna o perseguia em tudo, mas cõ todos estes trabalhos não lhe saya dalma o grãde odio q̃ tinha a Elrey de Ternate: & andaua cuidando modos de vingança; & offerecendolhe o demonio hũ o aceitou, & foi, que se fizesse Christaõ, & q̃ assi lhe abriria o tẽpo occasiões pera se satisfazer delle por maõs dos mesmos Portugueses, crẽdo q̃ aquillo q̃ outros buscão pera remedio de sua saluaçaõ, lhe fosse a elle instrumento de sua vingança.

Assentado nisto despedio Embaixadores ao capitaõ, por quem lhe mandou pedir hũ padre pera o bautizar. O capitaõ lhe mãdou hũ da Companhia chamado Ioaõ de Beira, & com elle Baltezar Veloso. Chegados ao Sangage, que acharão mal, tratou o padre com elle sobre as cousas de nossa fè, & o começou a catechizar, & o obrigou a deitar fora as molheres por o mandar asi a nossa ley. Isto lhe foi a elle tão aspero, que disse ao padre, que tudo faria, se não aquillo por então, que depois pouco & pouco se iria desobrigando dellas, & casandoas: porque doutra maneira se logo as despedisse escandalizaria os parentes. Vendo o padre que não queria começar logo a fazer execuçaõ, o não quis bautizar, &

se tornou pera a fortaleza q̃ se ya acabando de derribar. O Catabruno dahi a poucos dias morreo miserauelmẽte, ficãdolhe tres filhos. O mais velho chamado Cachil Guzarate, que trazia sua propria irmã por mãceba, & tanto q̃ o pay faleceo foi logo a dar obediencia a Bernaldim de Sousa, & a pedirlhe a confirmaçaõ do estado do pay. Elle o recebeo bem, & lho confirmou com o titulo de Sangage, cõ as pareas que estauão postas a seu pay. E porq̃ leuaua a irmã cõsigo, & o Rey de Ternate a desejaua: disse ao capitão q̃ o obrigasse a deitala fora, o que o capitão fez: mas como ellelhe estaua afeiçoado, lhe pedio que lha deixasse ter que elle se faria Christão: o que o capitão lhe estranhou mais, & lha fez lançar fora, & Elrey de Ternate a tomou pera si. O capitão tanto que acabou de derribar a fortaleza se tornou pera Ternate. Neste estado deixaremos estas cousas, ate tornar a ellas.

## CAPITVLO XIIII.

*Do que aconteceo a dom Antaõ de Noronha na jornada de Catifa: & de como bateo aquella fortaleza: & os Turcos a despejaraõ, & do desastre que ali aconteceo aos nossos.*

PARTIDO dom Antão de Noronha de Goa, como atras dissemos no coarto capitulo deste nono liuro, foi seguindo sua derrota ate Ormuz, aonde foi muito bẽ recebido do capitão daquella fortaleza. E vẽdose ambos cõ Elrey, sobre o negocio da fortaleza de Catifa, assentarão q̃ Elrey desse tres mil homẽs pera a jornada, & q̃ fosse com elles o Guazil Rax Xarrafo, & Mirmaxet, a quem Elrey logo mandou negociar, & preparar terradas, & outras embarcaçoẽs pera os leuar. Em quanto se isto negociaua despidio dom Antão de Noronha, Manoel de Vasconcellos por capitão mòr de doze nauios ligeiros, com regimento q̃ se fosse lançar sobre Catifa, pera defender que os Turcos não fossẽ socorridos de Baçorà.

Estes nauios chegarão a Catifa em poucos dias, & surgirão sobre aquelle porto, aonde se deixarão estar a te chegar dom Antão de Noronha, que forão dous meses, chegandose todos os dias nas marès cheyas à praya, a darẽ sua bataria a fortaleza, defendendolhes de feição os socorros por mar, que lhes não entrou dentro cousa algũa, com o que os poseraõ em muito grandes necessidades. Dom Antão de Noronha ficou em Ormuz, dando auiamento às cousas necessarias, mandando preparar algũas

algũas peças de bater, muitas mãtas, eſcadas, & todos os mantimentos, & moniçoens que pode.

Tendo tudo preſtes deu á vela pera Catifa, leuando hũa muito grande armada, & toda a gente Portugueza, tirando a da obrigaçaõ da fortaleza. Iſto era ja fim de Iulho, & tendo bom tempo foi em poucos dias ſorgir ſobre aquelle porto, a onde achou os nauios de Manoel de Vaſconcellos, de quem ſoube o eſtado em que a fortaleza eſtaua, & do aperto em q̃ a tinhaõ poſto. Dom Antaõ de Noronha deu ordem pera a deſembarcaçaõ, que auia de ſer ao outro dia: & fazendo alardo da gente que leuaua achou mil & cem Portugueſes: & tres mil Parſeos, & Aramuzanos debaixo da bandeira de Rax Xarrafo Guazil de Ormuz, & de Mirmaxet Guazil do Magoſtaõ, em q̃ auia muitos Mires, & capitaens do reino de Ormuz. E cometendo a dianteira a Manoel de Vaſconcellos, paſſou toda a gente da armada aos nauios pequenos, & aos bateis dos Galeoens.

Tendo tudo preſtes cometeraõ a terra com a maré cheya, onde pojaraõ os nauios de Manoel de Vaſconcellos, & os noſſos ſaltaraõ logo em terra, aonde acharaõ alguns Turcos de caualo, que ſairaõ a lhe defender a deſembarcaçaõ, com quem tiueraõ hũa arrezoada eſcaramuça, leuando os noſſos os Turcos de arrancada, a te os meterem dentro na fortaleza. O capitaõ mór ſe pós em terra com toda a gente com ſuas bandeiras deſenroladas: os Portugueſes em vm eſcoadraõ, & os Parſeos em outro. E chegãdoſſe bem á fortaleza, aſſentaraõ ſeu campo perto vns dos outros, & logo lhe mandaraõ fazer ſuas cauas, valos, & trincheiras, em que gaſtaraõ aquelle dia & noite, tudo por ordem & traça do capitaõ Frances (de quem ja demos conta, no desbarato de dom Iorge de Craſto em Ceilaõ, no capitulo ſetimo do liuro oitauo) que Elrey dom Ioaõ tinha mandado á India, por ſer homem que tinha muita noticia, & exercicio da milicia, que neſta jornada fez o officio de meſtre do campo, & de Sargẽto mór. Depois de feitas as eſtancias plantou nellas cinco peças de bater, cõ ſeus repairos, & mantas muito fortes. E tendo tudo negociado começou a dar ſua bataria á fortaleza, com tanta furia & força, que lhe fizeraõ algũas ruinas, & lhe derribaraõ todos os altos. Os Turcos, q̃ eraõ coatrocentos os que eſtauaõ na fortaleza, vendo a furia da bataria, & os muros rotos por muitas partes, entendendo que ſe auiaõ de perder, auendo ſeu conſelho, aſſentaraõ de ſe recolherem de noite, & largarem a fortaleza de Catifa: & aſsi auendo oito dias q̃ os batiaõ, ſendo no coarto da modorra ſe foraõ ſaindo por hũa porta falſa, que ya pera o ſertaõ, em tãto

Hh 3 ſilencio,

ſilencio, que naõ foraõ ſentidos ſe naõ ja nos derradeiros, que foraõ viſtos de tres ſoldados de Pedrafonſo d'Auelar, que tinha a eſtancia pera aquella parte, que ſe chamauaõ Martim Caſco d'Euora, Baltaſar de Goes natural de Ceita, & Pero Machado. Eſtes eſtando vigiando fora dos valos, ſentiraõ rumor pera aquella parte,& viraõ que os Turcos ſe yaõ recolhẽdo: & vendo ficar os derradeiros remeteraõ a elles com muito animo & mataraõ vm, & feriraõ algũs q̃ foraõ fogindo a pos os mais q̃ yaõ ja mũy alongados.Os tres companheiros ſentindo a fortaleza deſpejada,entraraõ dentro,& ſobiraõ ſobre o baluarte fronteiro á eſtancia do capitaõ,& começaraõ a apelidar Portugal,ao que ſe leuantou dom Antaõ de Noronha muito aluoroçado,& perguntando o que era,lho diſſeraõ,por que os do muro ſe tinhaõ ja dado a conhecer, chamando pellos companheiros da ſua eſtancia. Iſto pós grande aluoroço em todo o exercito.

Dom Antaõ de Noronha mãdou pôr todos em armas,& aguardou pella manham: & tanto que ella eſclareceo foi caminhãdo pera a fortaleza,a onde entrou (que os tres ſoldados tinhaõ ja abertas as portas) & foi a preſſa dos noſſos tanta, que oúue homens que entraraõ por grandes aberturas, q̃ a noſſa artelharia tinha feito no muro: & vm Lourẽço Feo da ilha da Madeira, que ha pouco morreo,nos diſſe, que fora vm delles. Entrando dom Antaõ de Noronha na fortaleza (& que ſe naõ acharaõ ſe naõ algũas peças de artelharia pequenas, moniçoens, & pouca roupa que naõ poderaõ leuar) chamou o Guazil Rax Xarrafo,& lhe diſſe que aquella fortaleza era de Elrey de Ormuz,que ali lha entregaua liure & deſembargada,que tomaſſe poſſe della, & a proueſſe. O Guazil lhe diſſe,q̃ naõ ſe atreuia a defendela: por q̃ tanto que elle ſe partiſſe, auiaõ os Turcos de tornar ſobre ella,& que daria nouo trabalho a Ormuz em a ſocorrerem.Dom Antaõ de Noronha vendo aquelle negocio,pós em conſelho com os capitaens o q̃ faria nelle: & aſſentouſe, q̃ ſe derribaſſe aquella fortaleza, por que os imigos a naõ tornaſſẽ a ſenhorear,& a fazer fortes nella.

Concluido iſto, mandou dom Antaõ de Noronha que ſe minaſſem os baluartes pera arrebentarem: o que deu a cargo a vm meſtre das obras que comſigo leuou. Eſte homem andando abrindo as minas,foi dar em hũas neceſſarias de abobada,que eſtauaõ em o recanto de vm baluarte, & meteo nella certos barris de poluora, & por fora lhe fez ſeus repairos de pedra & gueche muito fortes,deixandolhe lugar pera ſe lhe dar fogo. Em quanto ſe corria cõ a obra das minas, ſe deixou dom Antaõ de

de Noronha ficar á sombra de vm baluarte,com a principal gente da armada.

E chegando Manoel de Vascócellos a elle lhe disse que fosse ver a sua mina que ja estaua acabada, (por que aquella obra repartio o capitaõ pellos fidalgos, pera se acabar mais depressa.) Dom Antaõ se foi com elle acompanhado dos mais dos que ali estauaõ, & quis sua boa ventura,& a mofina dos q̃ ali ficaraõ, que em se elle apartando,caisse hũa faisca de fogo que andaua pellas casas da fortaleza na mina das necessarias, que estauaõ junto do baluarte em que dom Antaõ de Noronha estaua,& dando embaixo na poluora solta que estaua derredor dos barris, & tomando fogo, arrebentou a necessaria,& o baluarte,& caindo sobre os que ficaraõ á sombra delle, enterrou corenta Portugueses, & escalaurou outros muitos.

Dos mortos conhecidos foraõ vm filho de Pedrafonso d'Auelar, Pero Coelho de Crasto, Baltasar do Amaral,filho do Doutor Francisco do Amaral, corregedor da corte,Gonçalo de Moraes de Sousa,Frãcisco Botelho,filho do Meirinho da Inquisiçaõ do reino, & outros muitos caualeiros muito honrados. Dom Antaõ de Noronha acodio áquella parte, & vẽdo a desauentura (posto que por vm muito pequeno espaço escapara della) sentio o caso tanto, que lhe correraõ as lagrimas pellos olhos. Vendoo asi Mir Maxet Guazil do Magostaõ, chegouse a elle, & lhe disse.

Senhor isto saõ casos da guerra,naõ vos entristeçaes asi: lembreuos que os Turcos estaõ muito perto,& que em sabendo esta desauentura podem voltar em companhia dos Arabios q̃ os fauoreciaõ, de q̃ era Xeque vm valente Mouro chamado Bem Iabre. Dõ Antaõ de Noronha pareceolhe bem a lembrança de Mirmaxet,& mãdou dar fogo as minas, que deraõ com todos os baluartes & muros por esses ares, & logo se recolheo ao arrayal, aonde passou aquelle dia & noite com grãdes vigias. Ao outro dia foi auisado, que os Turcos erão recolhidos, & que o Xeq̃ Bemjambre estaua com oitocẽtos homẽs de caualo dali a meya legoa, vendo se lhe daua o tempo occasião pera fazer algum salto. Dom Antão de Noronha informado que naõ auia mais gente, & do modo de como estauaõ os Arabios alojados,ordenou de dar nelles,tendoo em segredo,por que os mesmos Mouros de Ormuz os naõ mandassem auisar. E dando recado a certos capitaens,pera que estiuessem prestes com sua gente, tanto que o coarto d'alua entrou, despidio Pedrafonso d'Auelar, cõ perto de duzentos & cincoenta homens,os mais delles de espingardas,pera que fossem dar no Bem-

 jambre.

jambre. E ſaindo os noſſos do exercito em muito boa ordem, foraõ com eſpias buſcar os Arabios: mas elles que traziaõ mũy grandes vigias ſobre os noſſos, ſentiraõ o tropel que ya, & deixando o ſeu arrayal, ſe foraõ acolhendo a vnha de caualo. Os noſſos chegaraõ ao lugar em que elles eſtauaõ, & achara õ algũas tendas pobres, & outras couſas poucas. E por que naõ leuauaõ ordem pera mais ſe recolheraõ ao exercito, ſem lhes acontecer deſaſtre algum.

## CAPITVLO XV.

*De como dom Antaõ de Noronha foi ter a Baçorâ, & entrou o rio Eufrates, & tomou hũa fortaleza aos Turcos, & do ardil de que o Baxâ vſou pera a noſſa armada ſe recolher.*

DEPOIS da fortaleza de Catifa ſer poſta por terra, & arrazada, naõ auendo ali mais que fazer, determinou dom Antaõ de Noronha paſſar a Baçorá, como leuaua por regimento pera fauorecer aquelle Rey que eſperaua por elle, pera com os da ſua liga cometer aquella fortaleza. E embarcãdoſſe deſpidio os nauios d'alto bordo pera Ormuz: & nelles o Guazil de Ormuz, & o de Magoſtaõ, com ſuas companhias: paſſando a gente toda a dezoito Fuſtas. E dando á vela foraõ entrando pera o fundo d'aquelle eſtreito. E hũa noite lhes deu hũa tormenta com que ſe apartaraõ noue nauios que ſe deſaparelharaõ. Dom Antaõ de Noronha com os outros noue foi ſeu caminho a te chegar á boca do rio Eufrates, a onde ſe deixou eſtar eſperando pellos outros nauios. D'ali deſpidio vns Arabios da companhia do Embaixador d'Elrey de Baçorá (que foraõ a Goa) com cartas aſsi pera Elrey, como pera os ſenhores Gizares, em que lhes daua conta de ſua chegada, & que ficaua eſperando por recado ſeu, pera ſaber o modo & ordem que auia de ter no cometer áquella fortaleza.

Partidas eſtas cartas, auendo ſete dias que ali eſtaua, chegaraõ os outros noue nauios de ſua conſerua, com que entrou pello rio Eufrates, & chegou a hũa ilha que faz logo dentro chamada Mouzique. Aqui eſtaua vm caſtello Roqueiro pequeno com alguns Turcos, q̃ tanto que viraõ a noſſa armada o deſpejaraõ. O capitaõ mór mandou gente a terra que entrou dentro, & o achou vazio: aqui ficou eſperando por recado d'Elrey de Baçorá, & dos Gizares. O Baxá de Baçorá, que era Alybaxá, tanto q̃ ſoube da armada Portugueza, entendendo que auia de ter intelligencias

gēcias com os Gizares,& Arabios do sertaõ, teue tal industria, que tomou todos os caminhos por onde se podiaõ cartear:& quis a desauentura que ouuesse às maõs as cartas que dom Antão de Noronha lhes escreuia: & como o Mouro era sagaz & prudence, fez hũas cartas falsas em nome do Rey de Baçorà,& dos Gizares,escritas pera elle mesmo Alybaxà, em que lhe dizião.

Que elles erão Mouros, & vassalos do Turco, & que não era rezão que fauorecessem Christaõs contra outros de sua seita, que elles querião fazer aquelle seruiço ao Turco, que era entregaremlhe a armada Portugueza toda, como ja lhe tinhão prometido por outras cartas: & que pera final disso lhes mandauão aquella carta, que o capitaõ mór Portuguez lhe mãdara: que estiuesse prestes, porque elles lhos entregarião todos nas maõs.

Estas cartas falsas que o Baxà fez em segredo, mandou ler em publico diante de muitas pessoas, em que entrauão dous mancebos, hũ Venezeano, & outro Neapolitano,que elle trazia catiuos,& de industria lhes meteo nas maõs a carta de dom Antão de Noronha pera que a vissem, ainda que estaua em Parseo,mas asinada do seu final ordinario. E tomou ali logo conselho com todos, sobre o modo que teria naquelle negocio. Depois disto passado a poucos dias mandou tirar os ferros aos dous Italianos,& lhes deu àzo pera que fogissem( outros dizem que elle mesmo lhes disse que os libertaua & que se fossem pera onde quisessem) mas como quer que fosse, estando a armada surta em Mouzique, da outra banda, a que commũmente chamão de Persia, sendo na verdade de Susia, a que os Mouros chamão Susistan(que he o mesmo que prouincia de Susia) ouuirão hũa noite chamar da terra, que os mandassem recolher q̃ erão hũs Christaõs fugidos.Dom Antão de Noronha receando que aquillo fosse algum engano, lhes mandou bradar que se metessem dentro na agoa,a te amanhecer,& que asi não serião sentidos. Dom Ieronimo de Castello branco,que estaua mais perto da terra, arriando a amarra,chegouse a ella,& recolheo os dous mancebos sem dõ Antão de Noronha o saber, & de madugrada os leuou ao seu nauio. O capitão mòr os recebeo bem,& elles lhe disserão que erão Christaõs,&que o Baxà os libertara,& que ouuerão por milhor partido recolheremse à sua armada,q̃irem por terra. O capitão perguntandolhes por nouas de Bacorà, lhe disse hum delles.Ve capitão oque fazes,& quem vens socorrer, porq̃ estàs traydo,vendido, & enganado : porque saberàs que os Gizares se tem carteado com o Baxá, pera

pera te entregarem com toda eſta armada: porque a carta que lhe eſcreueſte, elles lha mandaraõ com outras de engano que tinhaõ vſado comtigo, & que por ſeruirẽ o Turco elles dariaõ ordem pera vos tomaremtodos ás maõs. Dom Antão de Noronha ficou ſobreſaltado daquelle negocio, & ouue que podia ſer, porque Mouros tudo tentariaõ contra Chriſtaõs. E perguntando aos mancebos ſe viraõ elles a ſua carta & ſinal, lhe diſſeraõ que ſi, & mandando chamar todos os capitaẽs á ſua Fuſta, lhes deu conta daquelle negocio, & ſe ſe daria credito àquelles homẽs, ou ſe ſeri aaquillo inuẽçaõ do Baxà pera os fazer tornar.

Eſtando debatendo todos ſobre iſto: Lourenço Vaz Pegado, q̃ ya por ſoldado de dom Antão de Noronha, eſtaua debaixo do baileo da Fuſta (em que todos os do conſelho eſtauão) ouuindo o q̃ ſe trataua, diſſe alto, q̃ mao ſeria moſtrarſelhes o ſinal do capitaõ mòr aos Italianos, pera ver ſe o conhecem, & ſe he ſemelhãte ao da carta que viraõ? Foi iſto ouuido em cima a onde ſe fazia o conſelho, & não ſoou mal a todos: & para mais ſe certeficarem ſe aſsinarão todos aquelles capitaens em hũa folha de papel, & dom Antão de Noronha antre elles: & chamados os mancebos lhes deraõ a folha de papel cheya de ſeus ſinaes, pera q̃ lhes moſtraſſem o ſinal da carta q̃ là virão. E correndo ambos com os olhos deraõ no de dom Antão & diſſerão, que como aquelle era o ſinal q̃ elles virão na carta, porque era de hũa letra latina muito boa. Com iſto ſe certeficaraõ todos ſer verdade o que elles deziaõ & que os Gizares lhes tinhaõ armado traiçaõ: & aſſentaraõ que ſe recolheſſem pera Ormus, como logo fizeraõ.

Chegados àquella fortaleza, mãdou dom Antão de Noronha varar os nauios, & concertalos, & fez pagas aos ſoldados, & lhes mãdou dar meſas. Pouco depois diſto chegou hum mercador Mouro que paſſou por Baçorà, por quem aquelle Baxà mandou dizer a dõ Antão de Noronha, que lhe pezara muito de ſe elle recolher tão depreſſa, porque deſejaua de o ter por hoſpede: gabandoſe ao mercador Mouro do eſtratagema de que vſou com os Portugueſes na inuençaõ da carta.

## CAPITVLO XVI.

*Da guerra que o Madune tornou a fazer ao Rey da Cota, & de como matarão eſte Rey por deſaſtre, & da armada que eſte anno de cincoenta & hũ partio do reino, de que era capitão môr Diogo Lopez de Souſa, & de*

*de como o Viſorrey dom Afonſo de Noronha partio pera Ceilaõ.*

ATRAS no capitulo ſetimo do liuro oitauo demos conta: como o Madune Rey de Ceitauaca em Ceilaõ, depois de ſe ver deſbaratado por dom Iorge de Craſto, ſe reconciliara com o irmaõ Rey da Cota forçado da neceſsidade: mas como o odio que lhe tinha era entranhauel, diſsimulou em quanto foi veraõ. E tanto que o inuerno entrou, ajuntando ſeus exercitos abalou contra o irmaõ pera o acabar de deſtruir (por ſer tempo em que naõ podia ſer ſocorrido da India.) Elrey da Cota tanto que teue auiſo diſto, ajuntãdo ſuas gentes, mandou ſeu genro Tribuly Pandar, & em ſua companhia Gaſpar d'Azeuedo feitor, & Alcaide mór, com todos os Portugueſes, que ſeriaõ perto de cento, pera que foſſem ter o encontro ao Madune, que ja lhe entraua por ſeu reino. O Tribuly Pandar foi buſcar o Madune, que andaua fazendo grandes eſtragos: & teue cõ elle alguns recontros, em que lhe matou algũa gente, & o fez recolher pera a outra banda do rio de Calane, a onde aſſentou ſeu exercito, ficando Tribuly Pandar com o ſeu da outra parte.

Elrey da Cota ſabendo eſtar ali o pay, ſayo de Cota, & ſe foi ao exercito pera o ver: & quis a deſauentura, que eſtando os Portugueſes em hũa varanda muito grande comendo, chegaſſe a hũa freſta da banda de fora pera os ver, & eſtãdo nella lhe deraõ hũa eſpingardada pella cabeça, de que logo cayo morto, ſem ſe ſaber donde ſaira, & acodindo todos á reuolta acharaõ o Rey morto: & recolhendoo o Tribuly, ſe foi com elle pera a Cota. Aleuantado o exercito, depois de lhe fazerẽ ſuas exequias, poſeraõ o Principe Dramabella na cadeira Real, & o leuãtaraõ por Rey, dandolhe os grandes a obediencia a ſeu modo, ſendo ſeu pay o primeiro, & depois o Alcaide mór, & todos os grandes do reino, o que ſe fez no meſmo dia, ſem feſtas, nem apparato.

O Madune tanto que ſoube da morte do irmaõ, ſe foi com ſeu exercito ao lugar de Belegale, hũa legoa da cidade da Cota: & d'alĩ mandou requerer aos grandes da Cota, que lhe foſſem dar a obediencia, como a ſeu Rey, por que lhe pertencia a elle aquelle reino por direito. Os grandes lhe mandaraõ dizer, que elles tinhaõ Rey & Principe herdeiro de direito a quem ja tinhaõ dado obediencia: & que em ſeu ſeruiço, & em defenſaõ de ſeu reino auiaõ todos de morrer. Com eſta repoſta ſe foi o Madune chegando mais á cidade, & aſſentou ſeu exercito á viſta della: fican-

la: ficādolhe no meyo hũa alagoa. Vendo o Tribuly Pandar aquelle atreuimento, ajuntou a gente que pode, & com elle os Portugueſes, & ſayo a Madune, & trauou com elle hũa aſpera batalha,em que os noſſos leuaraõ a dianteira, & fizeraõ taes couſas,que arrancaraõ do campo os inmigos, com perda de muita gente, & o Madune ſe foi pera vm lugar chamado Canabol, ficando o Tribuly correndo com a guerra & com o gouerno,por ſer o Rey ſeu neto muito moço. Elrey ficou na Cota fazendo as exequias a ſeu auó, cuja morte muitos annos ſe ſoſpeitou virlhe dos Portugueſes peitados do Madune, ate que falecẽdo vm Antonio de Barcelos d'ali a bem de annos,diſſe á hora de ſua morte, que por aquelle eſtado em que eſtaua, que elle fora o que matara a Elrey da Cota por puro deſaſtre,atirando a hũa pomba, & que ſe naõ ſoſpeitaſſe outra couſa, porque aquella era a verdade. Ao tempo do falecimento deſte homem ſe achou preſente vm Chingalá, Chriſtaõ, & muito antigo, de que nós ſoubemos iſto, & elle o diſſe ao Rey ſeu neto. Folgamos de aueriguar eſta verdade por homem natural d'aquella ilha,pella roim opiniaõ que ſe tinha dos Portugueſes neſta materia.

Eſtas nouas ſe mandaraõ logo em Agoſto ao Viſorrey, que vẽdo quaõ neceſſario era acodir aquellas couſas, mandou negociar a armada com muita preſſa,por q̃ lhe era forçado partir em Setembro, & pós logo toda a armada no mar, & começou á pagar gente.

Sendo dez deſte mes ſorgiraõ na barra de Goa cinco naos,de oito que tinhaõ partido do reino,de que era capitaõ mór Diogo Lopez de Souſa. Os mais capitaens eraõ Franciſco Lopez de Souſa, q̃ trazia a capitania de Maluco,Iacome de Mello, Lopo de Souſa, & Micer Bernardo. Das outras tres naos que faltauaõ eraõ capitaens, dom Iorge de Meneſes Baroche,q̃ ficou inuernando em Moçambique,Ayres Moniz Barreto,que foi tomar Ormuz, & dõ Diogo d'Almeida, filho do Contador mór, q̃ foi tomar Cochim, como adiante diremos.

Eſte fidalgo andãdo em requerimento foi deſpachado com tres annos da capitania de Diu,de que ſe elle agrauou: & querendoo Elrey ſatisfazer a requerimento de hũa ſua irmã,dama da Raynha dona Catherina,lhe deu mais outros tres annos, cõ q̃ eſtaua deſpachado Franciſco de Souſa Tauares a pos elle,que os largou a Elrey, & os treſpaſſou em dom Diogo d'Almeida, pella capitania mór das naos do reino, que lhe Elrey deu: & quando lhe paſſou diſto portaria ja dom Diogo d'Almeida eſtaua embarcado. E dizem q̃ quãdo Elrey deu o deſpacho a ſua irmã, lhe

lhe dissera, naõ cuidei q̃ vosso irmaõ era taõ cobiçoso, ja estará satisfeito. E mandando ella a seu irmaõ á nao a portaria, & escreuendolhe o q̃ passara cõ Elrey, tomado elle do q̃ Elrey dissera (porque auia q̃ por si merecia muito mais) tornou a mãdar a portaria a Elrey, & escreueolhe hũa carta em q̃ lhe dizia, que nunca no seu seruiço lhe entrara respeito algum, nem cobiça, q̃ sem aquella merce elle o iria seruir á India. Elrey se ouue por deseruido de dom Diogo lhe enjeitar suas merces: & por q̃ as naos yaõ ja a vela deixou de o mandar desembarcar: mas mandouo riscar de seus liuros, & o anno seguinte escreueo ao Visorrey dõ Afonso de Noronha, que se naõ seruisse delle em cousa algũa, como adiãte diremos.

Com a chegada das naos deu o Visorrey pressa a sua embarcaçaõ: & entregando a India ao capitaõ da cidade, & com elle por deputados o Ouuidor geral, Veador da fazenda, & outros (por que o Bispo ya em sua companhia a visitar) se embarcou, & deu á vela em fim de Setembro. Leuaua o Visorrey dez Galeoens, oito Carauelas, & Galés, & perto de cincoẽta nauios de remo, antre Galeotas, Fustas, & Catures. Os capitaens que nesta armada o acompanharaõ saõ os seguintes.

Dom Fernãdo de Meneses seu filho, dom Antonio de Noronha filho do Visorrey dom Garcia de Noronha, Eitor de Mello, Diogo Aluarez Tellez, Bastiaõ de Sá, Frãcisco de Mello Pereira, dom Ioaõ Anriquez, Martim Afonso de Miranda, Pero Barreto, Vasco da Cunha, Gonçalo Pereira Marramaque, Afonso Pereira de Lacerda, Diogo de Sousa, Diogo de Miranda Anriquez, Diogo de Mello Coutinho, Antonio de Noronha, Iorge Pereira Coutinho, Fernaõ de Castanhoso, Nicolao de Sousa, Aluaro de Lẽmos, Manoel do Cãto, Pero Vaz de Matos, Ioaõ da Rocha, Mathias de Trinchel, Luis Mergulhaõ, Pero Salgado Alferez do Visorrey, & seu Veador, Simaõ Botelho Veador da fazenda, Andre de Mendanha Ouuidor geral, Manoel da Cunha, & outros fidalgos & caualeiros. Nesta armada foraõ tres mil homens, gente muito lustrosa. O Visorrey deixou dado ordem as naos que auiaõ de partir pera o reino: & do Galeaõ saõ Ioaõ, que se estaua concertãdo em Goa, que ficou do anno passado, deu a capitania a Manoel de Sousa de Sepulueda, pera se ir nelle com sua molher, & casa, pera o reino. E como foi tempo partiraõ as naos pera Cochim, tomar a carga. O Visorrey foi seguindo sua derrota a te Cochim, a onde de passagem deu despacho a algũas cousas: & partindo d'ali dobrou o cabo do Comorim, & atrauessou

a Ceilaõ,a onde chegou em breues dias.

## CAPITVLO XVII.

### *De como o Visorrey dom Afonso de Noronha desembarcou em Columbo, & se vio com o Rey da Cota: & do concerto que ambos fizeraõ contra o Madune: & de como o desbarataraõ, & tomaraõ a cidade de Ceitauaca.*

SVRTO o Visorrey com toda sua armada no porto de Columbo,ao outro dia desembarcou: & Elrey,& Gaspar d'Azeuedo Alcaide mór lhe fizeraõ vm muito grãde recebiméto,porq̃ por algũs nauios de remo q̃ foraõ diãte,tiueraõ auiso de sua vinda,& logo o foraõ esperar a Colũbo, leuãdo Elrey cõsigo seu pay,& os principaes de sua corte. O Visorrey se aposentou na feitoria,& logo despedio seu filho dõ Fernando de Meneses cõ quinhẽtos homẽs pera se ir meter na cidade da Cota,pera que tomasse os passos della, por que ninguem saisse pera fora: o que dom Fernando fez, pondo vm capitaõ com cem homens em guarda das casas d'Elrey, pera que se naõ bolisse em cousa algũa, fazendosse estas preuençoens, que escandalizaraõ a muitos: por que parecia q̃ yaõ mais a conquistar Rey amigo,que imigo. O Visorrey depois que em Columbo deu ordem a algũas cousas, se partio pera a Cota com todo o poder: & depois de se aposentar,lãçou maõ dos Modeliares principaes, & dos criados, & mais antigos da casa d'Elrey, sem elle lhe poder ir a maõ, & começou a inquirir dos thisouros dos antigos Reys, por q̃ se presumia que eraõ muito grãdes:& porq̃ naõ pode tirar cousa algũa delles, mãdou meter algũs Modeliares a tormẽto,& naõ sabemos com que direito & justiça: & foi nisto taõ demasiado, & leuou isto por taõ roins termos, que escandalizados todos dos tormentos que viraõ dar a alguns,começaraõse a despejar poucos & poucos: & naquelles dias se passaraõ ao Madune, mais de seiscentos dos principaes: vendo o Visorrey q̃ lhe naõ descobriaõ cousa algũa, mandou buscar as casas d'Elrey, deuassãdolhe seu recolhimẽto,& lhe tomou todo o dinheiro de ouro, em que entrauaõ quinhentos & sessenta Portugueses de ouro velho,prata,joyas, pedraria,& só o dinheiro montaua mais de cem mil pardaos, o que tudo se carregou sobre Simaõ Botelho Veador da fazenda, em vm liuro separado, que anda nos contos da fazenda de Goa, a onde vimos estas cousas. Depois de tomarem a este pobre Rey tudo o q̃ lhe

lhe acharaõ, tratou o Visorrey cõ elle,& com seu pay Tribuly Pandar sobre os negocios do Madune,& se cõcertaraõ desta maneira. Que o Visorrey, & elles ambos iriaõ cõtra o Madune, & q̃ se naõ aleuantariaõ de sobre elle ate o auer ás maõs,& o destruirem de todo,por q̃ mais lhe naõ podesse dar trabalho: & q̃ lhe dariaõ duzentos mil pardaos pera as despezas d'aquella jornada, cento logo, & outros cento depois,de que se passou vm conhecimẽto q̃ se encarregou sobre o feitor da armada Manoel Çollaço: & depois sobre o feitor de Cochim,&delle por entrega ao recebedor dos restes, a onde o nós fomos ver: & naõ declara a diuida de q̃ he,se naõ dizer somente deuelos, sem declarar o tempo em q̃ era obrigado aos pagar, o q̃ deuia d'estar no proprio que naõ achamos. Asi mais se concertou o Visorrey,com o Rey daCota,q̃ todas as prezas q̃ se tomassem em Ceitauaca,se partiraõ pello meyo: a me tade pera Elrey de Portugal, & a outra pera o da Cota.

Feitos & asinados estes cõcertos, se começaraõ a preparar pera a jornada contra o Madune, dando Elrey da Cota logo ao Visorrey oitenta mil pardaos á conta dos cẽ mil que era obrigado a lhe dar logo: que ainda pera lhe dar estes, vendeo joyas, & outras cousas do seruiço de sua pessoa, & casa, que comsigo trazia, & por isso as saluou. E logo se poseraõ em campo, Elrey & seu pay com coatro mil homẽs,& o Visorrey com perto de tres mil Portugueses. Antes q̃ partisse chegou dom Diogo d'Almeida filho do Contador mór com cincoenta soldados, q̃ o Visorrey recebeo muito bem.

Este fidalgo, como dissemos no capitulo passado,partio aquelle anno do reino por capitaõ da nao Espadarte, da companhia de Diogo Lopez de Sousa, & tendo roim tẽpo, passou por fora da ilha de saõ Lourenço, & com muitos trabalhos & riscos foi tomar Cochim de quinze de Outubro por diante: & sabendo ser o Visorrey em Ceilaõ,fretou logo hũa Fusta, & ajuntou cincoẽta soldados da sua nao, & se partio em sua busca, & achou o na Cota ja no campo.

Prestes todas as cousas pera a jornada o Visorrey começou a marchar em muito boa ordẽ,leuãdo a dianteira dom Fernando de Meneses seu filho, com todos os fidalgos mãcebos, q̃ logo se passaraõ pera elle. O Madune tanto q̃ teue auiso da chegada do Visorrey fortificou suas trãqueiras, & guarneceoas de muita gente & moniçoẽs,& elle ficou de fora com tres mil homẽs escolhidos pera acodir a onde fosse necessario. Os nossos chegaraõ á primeira trãqueira,cometẽdoa por todas as partes,& posto q̃ acharaõ muito grande resistencia, foi entrada com mortes

de muitoss dos imigos: & passãdo adiãte tomaraõ as outras duas trãqueiras, q̃ foraõ defendidas muito bẽ, mas entradas dos nossos com muito grande valor. E passando pera a cidade de Ceitauaca, foraõ os da dianteira tendo alguns recõtros com o Madune, em q̃ o desbarataraõ de todo, & elle com cem homens foi fogindo pera hũas serras muito fortes chamadas Darnagale. O Visorrey entrou na cidade de Ceitauaca sem resistencia, & se aposentou nos paços de Madune, & Elrey da Cota junto ao Pagode: & mandou logo por guardas nas entradas da cidade, q̃ foi logo saqueada, asi dos nossos, como dos d'Elrey da Cota, & se acharaõ nella muitas prezas. O Visorrey mandou cauar os paços d'Elrey todos, pera ver se achaua os tisouros, que naõ achou: & o mesmo fez ao Pagode grande que ali estaua, em que se acharaõ muitos idolos d'ouro & prata, grãdes & pequenos, candieiros, bategas, campainhas, & outras cousas, todas d'ouro do seruiço do Pagode, & algũas peças de pedraria, q̃ tudo se carregou sobre o Veador da fazẽda Simaõ Botelho: todas estas peças vaõ por adiçoẽs sẽ aualiaçoẽs, & por isto naõ estimamos o q̃ valeriaõ. Tudo isto o Visorrey recolheo, sem dar a metade ao Rey da Cota, como estaua cõtratado, a fora o q̃ se sonegou, & escondeo, que só Deos sabe o que seria.

Elrey da Cota mandou lãçar espias ao Madune, & sabẽdo q̃ se recolhera as serras de Darnagale, cõ poucos, pedio ao Visorrey quinhẽtos homẽs, pera irẽ cõ Tribuly Pãdar seu pay dar nelle, & auelo ás maõs: por q̃ se dissimulasse com aquelle, em virando as costas logo se auia de tornar a refazer, & dar nouos trabalhos áquella ilha, & ao Estado da India. O Visorrey lhe disse q̃ lhe parecia bẽ, & com isso lhe pedio os vinte mil pardaos, q̃ lhe ficara deuẽdo do resto dos cẽ mil. E como Elrey estaua pobre, & pera os oitenta mil q̃ deu, vendeo ainda cousas do seruiço de sua pessoa, como atras dissemos, naõ pode ajuntar o dinheiro, nẽ teue donde: & dissimulando o Visorrey com aquelle negocio, disse q̃ era ja tarde, & q̃ lhe era necessario ir despachar as naos q̃ auiaõ de ir pera o reino: & deixãdo Ceitauaca se foi pera Columbo, pera dar ordem a algũas cousas d'aquella ilha primeiro que se partisse.

## CAPITOLO XVIII.

*De como dom Antaõ de Noronha veyo de Ormuz, & foi por capitaõ môr ao Malauar, & do q̃ lhe aconteceo: & das cousas em q̃ o Visorrey proueo em Ceilaõ: & de como foi a Cochim, & deu no Chembe, & do que ali lhe socedeo.*

Deixa-

NO capitolo quinze do nono liuro deixamos dom Antaõ de Noronha inuernando em Ormuz, depois d'aquelle socesso de Catifa & Barem. E por que leuaua por regimento que se fosse logo pera Goa tanto que entrasse o veraõ, o fez asi: & em Setembro se embarcou, & foi tomar Mascate, a onde se deteue alguns dias. Fazendosse d'ali á vela, naõ achando cõtrastes no caminho, foi tomar Goa quasi no fim de Outubro. Sorgindo na barra, foi o Veador da fazẽda ter com elle, & lhe deu vm regimẽto que ali deixou o Visorrey, em que lhe mandaua, que tanto q̃ chegasse de Ormuz, se partisse logo com a mesma armada pera o Malauar, por naõ ficar aquella costa desemparada em quanto elle estiuesse em Ceilaõ.

Com este regimento se fez dõ Antaõ de Noronha prestes, & prouendolhe o Veador da fazenda a armada, deixando os Galeoens, se passou a hũa Galé, & com todas as Carauelas de sua companhia, que eraõ tres ou coatro, & os nauios de remo, se fez logo á vela pera o Malauar, & foi sorgir com toda a armada na barra de Calecut pera defender a nauegaçaõ aos Mouros. D'ali fez toda a guerra que pode ao Camorim, mãdandolhe dar em muitas pouoaçoens que lhe os nossos abrazaraõ & queimaraõ: & deixaloemos asi agora por tornarmos a cõtinuar com o Visorrey, q̃ ja deixamos em Columbo.

Ali deu ordem ás cousas d'aquella ilha, assentando deixar coatrocentos homẽs de guarniçaõ na cidade da Cota, pera segurança della, & nomeou por capitaõ mór d'aquella ilha, & da armada que ali deixaua, a dom Ioaõ Anriquez, & lhe ordenou dez nauios de remo, de que eraõ capitaens dom Duarte Deça, Iorge Pereira Coutinho, Diogo de Miranda Anriquez, Fernaõ de Castanhoso, Antonio de Noronha, Ruy de Brito, Nicolao de Sousa, Ioaõ Coelho de Figueiro, & Manoel Colaço por feitor da armada. Deixou por regimento a dom Ioaõ Anriquez q̃ residisse na cidade da Cota: nomeandolhe por Ouuidor pera correr com a justiça a Rafael Coruinel: & o cargo de Alcaide mór da ilha proueo em Fernaõ de Carualho, que auia de residir na cidade de Columbo, assentado por conselho de todos os capitaens, que se cercasse toda á roda o mais depressa que podesse ser: deixando logo pera isso officiaes. E asi tanto que o Visorrey se embarcou, se poseraõ logo ás maõs á obra, & se começou a cercar de taipas, de que ainda oje a mór parte está em pé. O Visorrey foi dando pressa a estas cousas pera se embarcar, & parece que determinaua de leuar comsigo Tribuly Pandar pay d'Elrey, do

do que elle foi auisado, & furtandolhe logo o corpo se recolheo pera vns matos que estaõ hũa legoa da Cota, de que o Visorrey ficou muito enfadado, mas disimulou, & apertou com Elrey que se fizesse Christaõ, por algũas vezes, de que se elle escusou com lhe dizer, que por entaõ lhe naõ conuinha mudar ley, por que como auia pouco que reinaua: & seu tio o Madune trazia o pensamẽto occupado em lhe tomar o reino, serlhe ya vm mũy grande aluitre, pera induzir a seus vassalos, que se fossem pera elle, o que seria causa de se perder aquelle reino: mas q̃ lhe daria vm Principe seu primo com irmaõ pera o leuar pera Goa, & que lá o fizesse Christaõ, & logo lho entregou, que o Visorrey mandou agasalhar no seu Galeaõ, & em Goa o fez Christaõ cõ grande solennidade: & quando se foi pera o reino o leuou comsigo, & Elrey o mandou entregar aos padres da Companhia pera o doutrinarem, dandolhe seiscentos mil reis pera despeza de sua casa.

Andou este Principe (que se chamaua dom Ioaõ) na corte muitos annos, & Elrey lhe fazia honras, & lhe daua cadeira como aos Condes, quando com elle falaua. Depois o mandou pera a India, com os mesmos seiscentos mil reis de tença: & na cidade de Goa casou com hũa molher Portuguesa filha de vm caualeiro honrado, q̃ ainda viue: & o Principe de Ceilaõ (que asi se intitulou sempre) faleceo) & jaz enterrado em saõ Frãcisco de Goa. Demos cõta breuemente deste Principe, pello naõ fazermos depois por pedaços.

E tornando a nosso fio: O Visorrey naõ se queria ir d'ali sem lhe darem os vinte mil pardaos q̃ lhe ficaraõ deuẽdo, com reclamar o Tribuly Pandar, que nada lhe di uia, por que lhe naõ comprio os contratos que com elle fizera, de perseguir o Madune a te o matarẽ, ou auerem ás maõs. E vendo o Tribuly fogido, prendeo o Camareiro mór d'Elrey, que era todo o seu gouerno, & o mãdou pera vm Galeaõ d'armada, dizendolhe que o naõ auia de soltar ate lhe pagar os vinte mil pardaos. Vendosse o Camareiro môr taõ apertado, mãdou pedir dinheiro a amigos & parentes, mas naõ achou quem lho emprestasse: & mandou vender vm cinto d'ouro que trazia, & algũas peças suas que montaraõ cinco mil pardaos, que mandou ao Visorrey com vm conhecimento, em q̃ se obrigaua a pagar os quinze mil, por todo aquelle anno. Cõ isto o mandou soltar o Visorrey, & se embarcou, dexando o conhecimento do Camareiro mór a dõ Ioaõ Anriquez, pera arrecadar d'elle aquelles quinze mil pardaos. E asi antre algũas cousas q̃ lhe deixou por regimento, a que mais lhe encareceo foi, q̃ lhe prendesse

deſſe o Tribuly Pandar,& lho mãdaſſe pera Goa.

Deſpedido de todos deu á vela pera Cochim,adiantandoſſe ſeu filho dom Fernando de Meneſes em nauios ligeiros,por que ya mal deſpoſto,que em poucos dias chegou a Cochim. Eſtas nouas chegaraõ logo a dom Antaõ de Noronha,que eſtaua ſobre Calecut:& ainda lhe affirmaraõ,que ya agrauado do pay, com tençaõ de ſe embarcar pera o reino. Iſto ſintio dom Antaõ de Noronha tanto, q̃ logo ſe embarcou em vm Catur muito ligeiro, pera ir remediar aquellas couſas: deixando a armada toda entregue a Manoel de Vaſconcellos,& no nauio leuou cõſigo Chriſtouaõ de Miranda irmaõ de Martim Afonſo de Miranda, & Pedraluarez de Nobrega por eſtarem muito doentes, pera ſe curarẽ em Cochim. Chegou dom Antaõ de Noronha a Cochim aquelle dia, & achou a dom Fernando de Meneſes doente de camaras, & eſteue com elle aquella noite toda: o que paſſaraõ antre ambos naõ ſe ſoube: & logo pella menhã ſe deſpidio delle pera ſe tornar. Saindo pella barra fora ouue viſta da armada do Viſorrey, q̃ vinha demandando a barra, & foi o demandar, & com elle tornou pera Cochim. O Viſorrey o deteue,por que tinha neceſsidade de ſeu conſelho pera certas couſas.

Deſembarcado o Viſorrey, achou as naos do reino tomando a carga muito deuagar,ſendo ja perto do Natal, por que naõ corria pimenta,que o Principe do Chembe,que logo ſe tornou a aleuantar com o ſocorro do Camorim, lha impedia:& trazia por aquelles rios muitas manchuas que faziaõ grandes danos & guerras nas terras d'Elrey de Cochim: & defendiaõ a nauegaçaõ a os mercadores que traziaõ pimenta pera o pezo. E tomando parecer ſobre o que faria, ſe aſſentou que era neceſſario darem vm grande caſtigo áquelle Principe,& deſtruilo de todo, por que d'outra maneira ficaria taõ ſoberbo, que naõ poderia o Eſtado com elle. Com eſta determinaçaõ ſe embarcou o Viſorrey, leuando comſigo o capitaõ de Cochim com todos os caſados, & toda a mais gente que eſtaua pera ſe ir pera ò reino (que era muita) & foraõ em ſua cõpanhia, alem dos fidalgos & capitaens que nomeamos de ſua armada: Diogo Lopez de Souſa capitaõ mór das naos do reino, dom Antaõ de Noronha, Manoel de Souſa de Sepulueda, dom Diogo d'Almeida filho do Contador mór, Franciſco Lopez de Souſa, & Lopo de Souſa. Embarcouſe o Viſorrey em todos os nauios de remo: & a gẽte que naõ coube nelles foraõ em Tones, & em outras embarcaçoens pequenas. Yaõ neſta jornada perto de coatro mil homens Portugueſes,

a fora os Christaõs de Cochim.

Chegado o Visorrey a Chembe ordenou a sua gente, & repartioa por bandeiras, & hũa madrugada desembarcou em terra com todo o poder. Os Principes Malauares da conjuraçaõ estauaõ cõ mais de trinta mil homens em cãpo, & deitaraõ alguns capitaens pera defenderem a desembarcaçaõ aos nossos, que logo foraõ desbaratados da dianteira. Postos os nossos em terra foraõ marchando pera a cidade, & saindolhes os Principes, trauaraõ com os nossos hũa muito arriscada & muito cruel batalha. E por que as particularidades, que os Portugueses fizeraõ nella foraõ muitas, naõ he possiuel poder contar o que cada vm fez em particular, o deixaremos: somẽte em soma diremos, que foi esta batalha mũy perigosa, em q̃ os nossos Portugueses mostraraõ bem seu valor & esforço, por que com os grandes estragos que fizeraõ nos imigos os desbarataraõ de feiçaõ, que os fizeraõ voltar, mas naõ sem grande custo dos nossos: por que na força da briga deraõ hũa espingardada a dom Antaõ de Noronha em hũa perna por cima do artelho que lha quebrou toda, de que cayo logo no chaõ, mas foi leuãtado & recolhido por homens de sua obrigaçaõ que o assentaraõ sobre hũa rodela, & aos hombros o tiraraõ da batalha. Mataraõ dos primeiros dom Antonio Pereira, irmaõ de dom Martinho Pereira (que sendo Veador da fazenda, gouernou Portugal em tempo d'Elrey dõ Sebastiaõ.) Manoel da Cunha irmaõ de Tristaõ da Cunha o segundo, Ioaõ da Sylua de Meneses, filho de Pero da Sylua d'Euora: & vm filho de Manoel Mergulhaõ, mancebo bõ caualeiro, a fora perto de trinta sem nome.

Desbaratados os imigos, foraõ os nossos seguindoos, assolando, & destroindolhes todas as pouoaçoens & Pagodes, & cortandolhes todos os palmares, & fazẽdas, naõ deixando cousa em pé: foi tal o castigo que se ouue o Visorrey por satisfeito. E deixando nos rios alguns nauios pera guarda delles, & pera fazerem correr a pimenta, se recolheo a Cochim, & começou a escreuer pera o reino, & dar muita pressa ás naos da carreira, que pella pouca pimenta que ouue, naõ poderaõ leuar mais que a metade da carga ordinaria: mas de todas as mais fazendas muita quantidade.

O Visorrey mandou dom Antonio de Noronha, filho do Visorrey dom Garcia de Noronha, que fosse tomar posse da armada de dom Antaõ de Noronha, por elle ficar muito mal da sua perna, de q̃ ficou aleijado. Depois de escreuer pera o reino, & dar despacho a todas as naos (tirando o Galeaõ saõ Ioaõ, em que Manoel de Sousa de Sepulue-

Sepulueda ya por capitaõ, por estar carregando em Coulaõ) as fez á vela por todo Ianeiro deste anno de cincoenta & dous em que entramos: & elle se embarcou & se foi pera Goa. O Galeaõ saõ Ioaõ chegou de Coulaõ, com coatro mil quintaes de pimenta, & no porto de Cochim tomou mais tres mil, por naõ auer mais, carregando doze mil: mas leuou tantas fazendas outras, que se affirma que depois que a India se descobrio a te entaõ, naõ partio nao taõ rica, & se fez á vela a tres de Feuereiro, leuãdo perto de duzentos Portugueses, & mais de trezentos escrauos. Yaõ embarcados neste Galeaõ muitos fidalgos, & caualeiros, de que adiante diremos os nomes, quando contarmos a desastrada perdiçaõ, & desauentura desta jornada.

## CAPITVLO XIX.

*De como dom Fernando de Meneses filho do Visorrey foi inuernar a Cochim: & de como Francisco Lopez de Sousa foi entrar na capitania de Maluco: & das cousas que o Visorrey dom Afonso de Noronha ordenou a cerca do Crauo: & do que socedeo em Ceilaõ.*

CHEGADO o Visorrey a Goa, começou logo a entender em muitas cousas, & mũy necessarias, principalmente sobre as da guerra do Rey da Pimenta, que ficaua em aberto, a que lhe era necessario acodir: por que pera o anno seguinte naõ faltasse pimenta pera a carga das naos. E assentouse em conselho, que mandasse inuernar a Cochim seu filho dom Fernando de Meneses, com quinhentos homens, & vinte nauios pera andarẽ por aquelles rios. A isto começou o Visorrey a pór as maõs, mandãdo negociar os nauios & pagar a gente, & no fim de Março despidio seu filho dom Fernando de Meneses, a quem deu os seus poderes, & largo regimento do que auia de fazer. E mandou a dom Antonio de Noronha, que estaua por capitaõ mór do Malauar, q̃ se recolhesse a inuernar a Goa, como fez. Dom Fernando de Meneses chegou a Cochim, & se passou logo aos rios da pimenta, por onde andou todo o inuerno, fazendo guerra aos Reys da liga, & fauorecendo aos mercadores q̃ traziaõ a pimenta a Cochim.

E por que esta jornada toda foi de assaltos mũy amiudados, & de pouca sustancia, passaremos por elles: por que temos outras muitas cousas mais importantes, de q̃ dar rezaõ. O Visorrey depois de despi-

despidir seu filho, despachou Frãcisco Lopez de Sousa, pera ir entrar na fortaleza de Maluco: & a Diogo de Sousa, que era prouido d'aquella viagem, a quem deu vm Galeaõ muito fermoso, a onde tãbem se auia de embarcar Francisco Lopez de Sousa. E por q̃ tinha por regimento d'Elrey que remouesse os contratos que o Visorrey dom Garcia de Noronha tinha feitos sobre o crauo, fez com Diogo de Sousa outros de nouo. E por que naõ demos em outra parte rezaõ destes contratos em q̃ falamos o faremos aqui.

Depois que Antonio de Brito descobrio as ilhas de Maluco (como nas Decadas de Ioaõ de Bairros se diz, & nós o tornamos a referir) mãdou Elrey dom Manoel & seu filho dom Ioaõ depois, que nenhũa pessoa podesse comprar crauo em todas aquellas ilhas, se naõ seus feitores: reseruando, como minas pera si aquelle contrato & comercio. E por que a ilha de Ternate, a onde estaua a nossa fortaleza, era ja pouoada de Portugueses casados, que se naõ tiuessem algum quinhaõ no comercio do crauo, naõ tinhaõ pera que viuer naquellas ilhas: escreueraõ sempre a os Gouernadores passados, que vsassem com elles d'algũa equidade, se naõ que se iriaõ viuer a onde tiuessem mais remedio. Tanto puxaraõ por isto, a te que o Visorrey dom Garcia de Noronha fez com elles o contrato seguinte.

Que toda a pessoa podesse cõprar & tratar liuremente naquellas ilhas de Maluco todo o crauo que quisesse, & que o podesse embarcar pera a India nos Galeoens da carreira: com condiçaõ que de todo o que embarcassem, dariaõ a Elrey á terça parte, posto debaixo da verga, sem quebras: & que por cada bar lhe pagaria Elrey tres pardaos, que era o preço por que o elle costumaua a comprar, & q̃ de frete (a que chamaõ Choques) pagariaõ de dez bares, tres, como mais declaradamente nas outras decadas temos dito.

Este contrato asi pera Elrey, como pera os homens era entaõ bom, mas como a cobiça nunca se farta, vindo a gostar todos do proueito que do crauo tinhaõ, naõ se contentando com o que direitamente lhe vinha, inuentou a malicia humana vm ardil, pera elles ficarem com tudo, & Elrey cõ nada, fazendo muitas despezas cõ aquel la fortaleza, & com os Galeoens, q̃ todos os annos mandaua a ella cõ prouimentos, & foi este.

Que o crauo que os capitaens & officiaes, & mais pessoas embar cauaõ em seus gasalhados, sem ser carregado no liuro da nao, por ser forro (pellas liberdades & licẽças) este era todo limpo, & de cabeça muito escolhido antre todo: & o outro que se metia debaixo das cubertas, carregado no liuro da nao,

de que a Elrey auia de vir a terça parte,era o ſujo,todo madre & baſtaõ,q̃ valia as tres partes menos. No que Elrey começou a ſintir tamanho engano, & tantas perdas, que deu por regimento ao Viſorrey dom Afonſo de Noronha, q̃ nenhũa peſſoa embarcaſſe, nem compraſſe em Maluco crauo algũ, ſe naõ limpo, & de cabeça, & que ſe deſſe aos mercadores mais a cinco pardaos por bar,alem do q̃ lhe a elle vinha de ſeus terços, pella quebra que em o alimpar tinhaõ. Sobre o que o Viſorrey paſſou vm aluara pera ſe pregoar em Maluco,que mandou por dom Garcia de Meneſes (que o anno atras paſſado deſpachou com a capitania d'aquella fortaleza, & por morrer na guerra de Malaca ficou a Gemez Barreto,capitaõ da ſua Carauela.) E porque ainda com tudo iſto naõ faltauaõ modos de furtarem a Elrey (a quem nunca luzia aquelle comercio, & por antre as maõs ſe lhe ſumia quaſi tudo)querendo o Viſorrey que todauia ouueſſe Elrey os proueitos d'aquellas ilhas, pois as deſpezas eraõ todas ſuas: contratouſe com Diogo de Souſa por eſta maneira. Que pellos terços & choques que pertenciaõ a Elrey de todo o crauo que trouxeſſe no ſeu Galeaõ, deſſe coatrocentos & cincoenta bares. ſ. duzẽtos & cincoenta bares liquidos pera Elrey, & os duzentos pera as peſſoas que tiueſſem liberdades per prouiſoens do Viſorrey: & q̃ na dita conta naõ entrariaõ os bares que vieſſem nos gaſalhados delle capitaõ, & dos officiaes do Galeaõ,nem do Patraõ mór, & outros,que elles tirariaõ forros. Neſta companhia deſpachou o Viſorrey a dom Aluaro de Tayde da Gama,filho do Conde Almirante que deſcobrio a India,por capitaõ môr do mar de Malaca, & de todas aquellas partes, com grandes poderes: por que como elle entraua na capitania de Malaca a pós dom Pedro da Sylua da Gama ſeu irmaõ,que lá eſtaua,quis ir diãte vm anno que ainda lhe faltaua, por ſe tirar de gaſtos & deſpezas. Deſpachados eſtes capitaens deraõ á vela em Abril, & foraõ ſeguindo ſeu caminho, em que os deixaremos a te ſeu tempo: por cõtarmos o que neſte ſocedeo em Ceilaõ,por naõ fazermos capitolo por ſi.

Partido o Viſorrey de Ceilaõ, tratou dom Ioaõ Anriquez de prẽder Tribuly Pandar, pay d'Elrey, como lhe deixou por regimento o Viſorrey: o que ſabido por Elrey meteo a maõ niſſo, & pediolhe q̃ naõ boliſſe com ſeu pay, & que diſsimulaſſe com elle por entaõ, por que era neceſſario tornaremſe a ajuntar pera contra o Madune,que eſtaua ja em Ceitauaca reformado,& com grande poder. Pareceolhe a dom Ioaõ bem o que lhe Elrey pedia, & lhe deu ſeguro pera

pera o pay ſe vir pera a Cota, pera ſe concertarem ſobre a guerra, que ſe auia de fazer ao Madune. Elrey o eſcreueo ao pay, & o mandou chamar. Eſteue o Tribuly nas ſete Corlas, a onde reinaua vm ſeu primo com irmaõ, com que tinha concertado caſar Elrey ſeu filho com hũa irmã do primo, pera aſsi ficarem todos liados contra o Madune. Sabendo iſto o capitaõ dõ Ioaõ Anriquez eſtimouo muito, & concertouſe com o Tribuly Pandar, que partiſſe elle com o Principe das Corlas, com todo o poder contra o Madune, & que elle com Elrey ſeu filho, & o ſeu Camareiro mór iriaõ pella via de Calane, & que aſsi lhes naõ poderia eſcapar. Feitos eſtes concertos, começandoſſe a preparar pera a jornada vns & outros, adoeceo dom Ioaõ Anriquez de hũa infirmidade graue de que faleceo, ao primeiro de Mayo. Socedeolhe Diogo de Mello Coutinho, ou por regimẽto que ſe achou, ou por eleiçaõ, que iſto naõ podemos aueriguar bem, que ficou continuando com ſuas obrigaçoens, fazendo ao Madune toda a guerra que pode, naõ tratando da liga que eſtaua feita contra elle, com o Tribuly Pãdar, & o Principe das Corlas: antes determinou de prender Tribuly Pãdar, como o Viſorrey tinha deixado por regimento, & aſsi o prendeo como adiante ſe verá.

## CAPITOLO XX.

### *De como Bernaldim de Souſa foi contra Elrey de Tidore, & lhe fez derribar a fortaleza: & das deſauenças que teue com dom Rodrigo de Meneſes: & das couſas que mais ſocederaõ a te ſe embarcar pera a Jndia.*

DEPOIS de Bernaldim de Souſa dar fim ás couſas de Geilolo, como temos dito no capitolo treze do nono liuro, quis tambem fazelo ás de Tidore, porq̃ eſtaua muito pejado com a fortaleza q̃ aquelle Rey tinha feito, pello que determinou de lha ir derribar, tanto q̃ conualeceſſe, & o tempo lhe offereceſſe algũa boa occaſiaõ pera iſſo, que lhe naõ tardou muito: q̃ foi partirſe aquelle Rey com a ſua armada pera as ilhas dos Cellebes ás prezas, deixando a ſua ilha encomendada a Elrey de Ternate ſeu genro & cunhado. Tanto que o capitaõ foi auiſado de ſua ida mandou chamar Elrey, tendo cõſigo todos os capitaens & caualeiros principaes que auia naquella ilha, & lhe diſſe, que pera Elrey de Portugal ſer de todo ſeruido era muito neceſſario deſmancharſe a fortaleza de Tidore, por que ſe ficaua em pé indoſſe elle d'aquella terra,

terra ficaua a vitoria que tinhão auido de Geilolo imperfeita: porque estaua muito entendido, que aquelle Rey trataua com aquella fortaleza algũa nouidade, porque se elle era amigo do Estado, & do seruiço del Rey de Portugal: não tinha de que se recear, nem pera q̃ se fortificar, & se pello contrario não era rezão que se lhe disimulasse com aquelle negocio: porque depois quando se lhe quisesse acodir, poderia ser que não podesse. E que agora que aquelle Rey era fora se poderia aquillo fazer muyto bem, que lhes pedia lhes dessem nisto seus pareceres. A isto tomou a maõ Elrey, & lhe disse, que não parecia cousa licita entrar ninguẽ na casa alheya, em quanto o dono da pousada não estaua nella, nem iremlha deuassar: que aquelle Rey era seruidor del Rey de Portugal, & que faria o que comprisse a seu seruiço, que o deixassem tornar, q̃ elle lhe faria derribar a fortaleza, sem se meter outro cabedal. Vendo o Capitão Elrey taõ arrezoado penhorouo pella palaura, dãdolhe a entender que pello seruir esperaua ate elle vir.

Vindo dahi a algũs dias o Rey de Tidore da sua jornada, se embarcou logo Bernaldim de Sousa em Carocoras, & leuou cõsigo Elrey, & dõ Rodrigo de Meneses, & dom Ioaõ Coutinho, & outros Capitaẽs em Corocoras, & nos bateis dos Galeoẽs, & foi sorgir sobre o porto de Tidore. Vẽdo Elrey aquella armada, & sabẽdo estar ali o capitaõ, o mãdou logo visitar por dous irmaõs seus bẽ acompanhados: & a darlhe os perabens de sua vinda. E q̃ se mandaua delle algũa cousa, q̃ estaua prestes pera fazer tudo, como seruidor q̃ era del Rey de Portugal, Bernaldim de Sousa lhe mãdou dizer, que não vinha a mais que a visitalo, & saber delle se mãdaua em que o seruisse. E que pois elle se mostrara sempre tanto seruidor del Rey de Portugal, que lhe pedia, q̃ mandasse derribar aquella fortaleza que tinha feito, pera mostrar que o que dizia não era fingido, que se se temia dalguem que os capitaens que Elrey tinha na fortaleza de Ternate, o defenderião de todo o mundo, como o seu Rey lhes mandaua: q̃ aquillo era mostrar desconfianças da amizade, & fidelidade dos Portugueses. Elrey de Tidore tornou a mãdar dizer ao capitão, que elle estaua prestes pera fazer tudo o que fosse seruiço del Rey de Portugal: mas que aquella fortaleza não auia que lhe perjudicaua em cousa algũa, porque elle a não fizera se não por amor dos Reys seus visinhos, se algũa hora tiuesse contendas com elles: & que por cima de tudo estaua prestes pera fazer o q̃ fosse justo.

O capitão não ficou contente da reposta, & pedio a Elrey de Ternate que se fosse ver com Elrey

ſeu genro, & que o perſuadiſſe a derribar a fortaleza, pois ſobre ſua palaura eſperara pera ter com elles aquelles comprimentos. Elrey aſsi o fez, & em trez dias que duraraõ eſtas dilaçoens, foi a terra algũas vezes, & ſe vio com aquelle Rey, perſuadindoo a fazer o que lhe pedia o capitaõ, dandolhe muitas rezoẽs pera iſſo. E por fim de todas as praticas lhe diſſe o Rey de Tidore, que elle tinha vontade de o ſatisfazer: mas que deixaua de o fazer, por receos que tinha de dous ſobrinhos ſeus, filhos de ſeu irmaõ Cachil Rade, que eraõ de contrario parecer, & que lhe tinhaõ dito que tal não auiaõ de conſintir: porque aquella fortaleza fora feita por ſeu pay, & que elles a queiraõ ſuſtentar, que ſe lançaſſe elle de fora de aquelle negocio. E que alem diſſo, ſeria muito grande afronta entregarem na ſem primeiro pelejarem, como fizeraõ os Geilolos.

Eſta repoſta deu Elrey ao capitaõ que o tornou a mandar perſuadir a derribar aquella fortaleza, q̃ ſe não regeſſe pellos ſobrinhos naquelle negocio, porq̃ aquillo cheiraua a tyrania, & q̃ parecia pretenderem aleuantaremſe contra elle, & por iſſo queriaõ ter aquella força em pé pera ſeu recolhimento. E a voltas deſtas rezoẽs, & outras, lhe mandou fazer requerimẽtos, & ameaças, & logo mãdou lãçar pregaõ, q̃ nenhũa peſſoa ſaiſſe a terra ſobpena de morte, porq̃ ate então yaõ os ſoldados á cidade, & Elrey de Tidore ſe mandara queixar dalgũs deſmãchos q̃ elles faziaõ. Ao que lhe mandou dizer, que ſe os lá achaſſe que os mataſſe, & que tãbem defendeſſe aos Tidores que não vieſſem à praya, por não trauarem deſgoſtos com os Portugueſes, porque ſe os viſſe nella, tãbem os auia de mandar matar. Iſto foi ardil de Bernaldim de Souſa, porque ós poços donde bebiaõ os da cidade eſtauaõ na praya, & por aquella maneira lhe queria defender a agoa, porq̃ outrós poços q̃ na ilha auia eſtauaõ mũy longe. Sobre eſtes pregoẽs não deixaraõ de ſair a terra algũs ſoldados. E dizẽdo ao capitaõ q̃ andauaõ algũs na praya, ſe meteo em hũa embarcaçaõ pequena com grande paixaõ, & chegando à praya vio nella dom Rodrigo de Meneſes, & chegando perto delle lhe diſſe alto.

Ah ſenhor dom Rodrigo de Meneſes, cõtra o meu pregaõ ſais em terra, tendo mais obrigaçaõ de o guardar q̃ todos, pera exẽplo? embarcaiuos logo. dom Rodrigo de Meneſes como não andaua muito goſtoſo delle, lhe reſpondeo q̃ logo ſe embarcaria: acrecẽtãdo mais, cõmo? os homẽs não aõ de fazer ſeus feitos? Bernaldim de Souſa que ſe ya ja afaſtando, ouuindoo lhe reſpondeo, fazeios & ſeja pera vos. Ouuindo iſto dom Rodrigo, reſpondeo com o conſoante. E encõ

trando o capitaõ ao Ouuidor lhe disse que fosse tomar a menagem a dom Rodrigo de Meneses, pera que naõ saisse da sua embarcaçaõ, que dom Rodrigo lhe naõ quis dar, nem deixar asinar no termo que o Ouuidor disso fez, a Christouaõ de Sousa, & Antonio de Lacerda, que estauaõ presentes. Isto foi dizer o Ouuidor ao capitaõ q̃ voltou logo, tomando hũa espada & hũa rodela que lhe leuaua vm pagem, & chegou a Christouaõ de Sousa, & Antonio de Lacerda, & lhes fez asinar o termo, & se foi á Corocora de dom Rodrigo pera o prender, & elle se lhe pós armado a bordo, dizendolhe que naõ entrasse no seu nauio, que era taõ bom fidalgo como elle, & q̃ o naõ quisesse enxoualhar: mas todauia remetẽdo Bernaldim de Sousa, lhe disse vm Afonso Figueira q̃ com elle ya: tendeuos senhor iuos armar, & fazey o que vos cumpre, & naõ vos aconteça vm desastre. Bernaldim de Sousa se tornou á sua Corocora á armar, & disse a Gabriel Rabello, que estaua nella, que se fosse com hũa Corocora pór em hũa calheta do arrecife, & a Baltezar Velloso em outra, pera que dom Rodrigo se naõ podesse sair pera fora.

Dom Rodrigo de Meneses tanto que Bernaldim de Sousa voltou pera a sua Corocora se meteo em vm Parao, & se foi saindo do arrecife, & disse aos seus soldados que o seguissem na Corocora. Baltesar Velloso vendo ir iasi dom Rodrigo, bradou pella lingoa aos marinheiros que se lançassem ao mar, como fizeraõ, ficando dom Rodrigo de Meneses só no Parao. No mesmo tempo á reuolta que auia perguntou Elrey de Ternate o q̃ era: & dizẽdolhe que dom Rodrigo de Meneses naõ queria obedecer ao capitaõ, lançouse a hũa Corocora, & pós ao remo filhos & parentes, & foi remando cõ grande furia pera onde ya dom Rodrigo de Meneses, dizendo, contra o capitaõ d'Elrey meu senhor? & vendo que dom Rodrigo endireitaua pera a terra, lhe bradou: Ah senhor dom Rodrigo meteiuos aqui comigo, & foilhe tomando a dianteira: por que receou que se se fosse a terra se passasse ao Rey de Tidore, & desmanchasse tudo o q̃ estaua feito (por que tinha aquella tarde assentado com elle q̃ derribasse a fortaleza, do que Bernaldim de Sousa naõ tinha ainda recado.) Dom Rodrigo de Meneses vendo Elrey perto mandou chegar a Corocora, & se meteo cõ elle, & ao mesmo tempo chegou o capitaõ, & receando algũa desauentura lhe bradou Elrey que naõ chegasse, que elle tomaua dom Rodrigo sobre si. Bernaldim de Sousa se deteue, & tornou a voltar, & dom Rodrigo se foi meter na sua embarcaçaõ, sem sair mais a terra.

Elrey de Ternate ſe tornou pera terra, & acabou com Elrey ſeu genro que ſe viſſe na praya com Bernaldim de Souſa, como fez a meſma tarde, indo com o capitaõ, dom Ioaõ Coutinho, & outros dous ou tres capitaens. E chegando a terra o abraçou Elrey, & lhe prometeo de derribar a fortaleza, pois elle tinha nella pejo: O capitaõ lhe fez grandes comprimentos, & foi logo indireitando pera a fortaleza, o que Elrey quis eſtoruar, por que receaua que ouueſſe algũa reuolta antre os ſobrinhos, contra cuja vontade conſentia no que o capitaõ queria, & aſſi o diſſe a Bernaldim de Souſa. Mas elle parecendolhe que com aquella confiança os obrigaria, & ſeguraria, foi ſeu caminho ſempre no meyo d'ambos os Reys, & ſobio acima da fortaleza, & a vio, & notou, & logo ſe tornou a ſair, & com os Reys ſe aſſentou fora, & ali concluiraõ as pazes de nouo, & aſſentaraõ que ao outro dia foſſe Balteſar Velloſo derribar algũas pedras, em começo do concerto, & que Elrey a derribaria depois toda: com iſto ſe deſpediraõ com grandes corteſias & cõprimentos.

Ao outro dia deſembarcou o capitaõ com Elrey de Ternate, & Elrey de Tidore os eſperou na praya, & todos ſe aſſentaraõ á ſombra de hũas aruores. D'ali deſpidiraõ Cachil Muneray, irmaõ d'Elrey de Tidore, & cõ elle Franciſco Carualho, & Manoel Carualho, mercadores q̃ reſidiaõ em Tidore, pera q̃ foſſem dizer aos q̃ eſtauaõ na fortaleza, que ſe naõ aluoroçaſſem com couſa algũa: & a pos elles mandou Balteſar Velloſo com hũa ſoma de pedreiros, pera irem derribar algũas pedras da fortaleza. Cachil Muneray ſobio acima ſó, & tornou a decer mũy apreſſado, dizẽdo, q̃ encima eſtauaõ todos poſtos em armas, & q̃ ameaçauaõ a quãtos lá ſobiſsẽ: cõ iſto voltaraõ todos, & ẽcõtrãdo Balteſar Velloſo lhe deraõ cõta d'aquillo: & tornãdoſe pera o capitaõ lhe diſſeraõ o q̃ vira Cachil Muneray. O capitaõ enfadado diſſe a Balteſar Velloſo, ſe quer vos, credes iſſo? ora tornay lá, & matẽuos. Balteſar Velloſo virou cõ muito animo, & entrou na fortaleza q̃ achou deſpejada (porque tudo eraõ inuẽçoẽs de Cachil Muneray, pera ver ſe podia impedir aq̃lle negocio) & põdo as maõs á obra, derribou do alto dos muros algũas pedras, & tornouſe pera o capitaõ.

Feito iſto deſpidioſe Bernaldim de Souſa d'Elrey, & ſe tornou pera Ternate, muito amigo cõ o Rey de Tidore, & dõ Rodrigo de Meneſes ſe paſſou pera Talangame, por ſer auiſado que trataua o capitaõ de o prẽder. Ao outro dia ſoube Bernaldim de Souſa q̃ era ido, & por eſta rezaõ ſe embarcou em algũas Coras, & ſe foi a Talangame, & do mar mandou o Ouuidor que foſſe

prender

prender dõ Rodrigo de Meneſes: mas elle como ſe temia vẽdo chegar aquellas Corocoras, logo entendeo o que era, & ſe começou a pór em armas com determinação de ſe defender, o que os amigos q̃ com elle eſtauaõ lhe eſtoruaraõ, dizendolhe que ſe perdiria de todo: antes ſe ſaiſſe de caſa pera vm mato que ali eſtaua perto, & que furtaſſe o corpo á paixaõ do capitão: porque pella vẽtura logo lhe paſſaria. Elle o fez aſsi, ſaindoſſe de caſa á viſta do Ouuidor, & de Baltezar Vellogo, que deſsimularaõ. E chegando a ſua caſa, & não o achãdo ſe tornaraõ ao Capitaõ, que deſembarcou, & ſe foi aſſentar á ſua porta, & lha mandou fazer inuentairo da fazenda que ſe lhe achou, & fez recolher os aparelhos da Carauela, que ali ſe eſtaua concertando, porque determinaua de lha tirar. Dõ Rodrigo de Meneſes foy auiſado que o Capitaõ lhe deuaſaua ſua caſa, & auendoo por grande afrõta, quis ir dar nelle, mas foy impedido pellos meſmos amigos, dizẽdolhe que tinha varada a ſua Carauela, & que não tinha a onde ſe recolher fazendo algum deſaranjo, com o que ſobreſteue. Bernaldim de Souſa depois que fez o inuentairo, & depoſitou o que achou em mão de peſſoa abonada, ſe tornou pera a fortaleza, & no caminho encontrou Elrey que acodia por não auer algum deſaſtre: & voltou com o capitaõ que logo procedeo judicialmente com dom Rodrigo de Meneſes, & à ſua reueria o ſentẽceou em alguns annos de degredo, o q̃ fez apreſſadamente, porque eſperaua por capitaõ.

E vindo a mouçaõ de ſe partirẽ os Galeoẽs pera a India, ſe embarcou dom Ioaõ Coutinho na entrada do mes de Feuereiro paſſado: & com elle dom Rodrigo de Meneſes, & juntamente ſe fizerão á vela, & a nao de que era capitaõ Chriſtouaõ de Souſa capitaõ d'aquellas viagens, que auia dous annos que eſtaua ali eſperando pella moução de crauo, & aſsi a Carauela de que era capitaõ Manoel Boto, que todos forão carregados, porque foi a nouidade do crauo grande. Ficou Bernaldim de Souſa muito enfadado de lhe tardar recado da India, & deſpidio duas Corocoras, em que ya Rafael Carualho, pera que foſſe a Banda a ſaber ſe auia algum recado da India, & elle ficou entendendo em derribar a fortaleza de Tidore, o que acabou com muito trabalho. Rafael Carualho chegou a Amboino, & achou naquelle porto Gemez Barrero na Carauela de dom Garcia de Meneſes, que dom Pedro da Sylua da Gama capitaõ de Malaca tinha deſpedido com prouimẽtos, como atras diſſemos no capitolo nono de liuro nono, & voltou em companhia de Gemez Barreto.

Chegados a Ternate, festejou Bernaldim de Sousa muito as nouas da vitoria que dom Pedro da Sylua da Gama ouue dos imigos, & vendo as cartas do Visorrey, soube por ellas como Elrey lhe tinha feito merce da capitania de Ormuz, em que logo entraua, escreuendolhe que se fosse, & entregasse a fortaleza a dõ Garcia de Meneses: & vendo que faltaua dom Garcia de Meneses, & que sem duuida acharia em Malaca Francisco Lopez de Sousa seu primo (que ja o anno passado ficara no reyno despachado com aquella capitania, pera se embarcar) não quiz mais esperar ali: & entregou a fortaleza a Baltezar Velloso, velho de setenta annos, & casado com hũa meya irmãa d'Elrey, & despedindosse delle se embarcou em algũas Corocoras, & se foy a Amboino, a onde ainda estauaõ os nauios de dõ Ioaõ Coutinho, & os mais que tinhaõ partido de Ternate, & embarcouse na Carauella com Manoel Boto, aonde esteue atè ser mouçaõ, sem desembarcar em terra, por se não encontrar com dom Rodrigo de Meneses, porque se ficou temẽdo delle Vindo a mouçaõ se partiraõ todos pera Malaca, aonde Bernaldim de Sousa achou jà seu primo Francisco Lopez de Sousa, que ya entrar na capitania de Maluco, que elle festejou muito, & em Malaca ficaraõ atè a mouçaõ.

## CAPITVLO XXI.

### *Do que aconteceo as naos que partiraõ pera o reyno: & da desauenturada perdiçaõ do Galeaõ saõ Ioaõ na costa da Cafraria.*

PARTIDAS as naos de Cochim, foraõ seguindo sua viagem, & as coatros dellas posto que acharaõ temporaes foraõ a Portugal: das outras duas, saõ Ieronymo, de que era capitão Lopo de Sousa, desapareceo no caminho, sem se saber nem se sospeita até oje a onde. O Galeão saõ Ioaõ, de que era capitaõ Manoel de Sousa de Sepulueda, foi auer vista da terra do cabo de boa esperança, em trinta, & dous graos, com vento bonança: & de longo delle foi correndo até o cabo das agulhas, taõ chegados á costa, que sempre foraõ com o prumo na maõ. Aos doze dias de Março se acharaõ Nordeste, Sudueste, com o cabo de boa Esperãça vinte & cinco legoas ao mar delle. O dia que elles cuidauão q̃ passarião o cabo á outra banda se lhe mandou o vento a Oeste, & a Oesnoroeste: & começouse a toldar o Ceo com tamanhas carrancas, & fuzijs, que logo mostraraõ sinaes da ira de Deos. E como era perto da noite, & o vento vinha já carre-

carregando,foraõ arribando,porq̃ não tinhaõ mais velas que as que leuauaõ enuergadas,& ainda essas tão velhas, q̃ isso foi causa de sua perdição: porque em as remediar & cozer (pellas muitas vezes que se lhe romperaõ) gastaraõ muito tempo, & perderaõ muito caminho, & assi foraõ arribando com pouca vela,& tornarão a desandar cento & trinta legoas, atè que o vento tornou a Nordeste tão furioso, que os fez outra vez voltar pera o Sul:& com os mares que vinhaõ do Ponente, & com os que o Leuante vinha aleuantando, ficarão tão cruzados, & soberbos, que o Galião com ser o mayor na[o] que andaua na carreira, os não podia sofrer, & pellos bordos ambos se ya alegãdo,& assi quasi perdidos, & com as bombas nas mãos foraõ correndo tres dias vendosse cada hora de todo perdidos, & alagados. No cabo ao coarto lhe encalmou o vento, & ficou o mar tão grosso,& trabalhou o Galeaõ tanto,que lhe quebrarão tres machos do leme, em que entrauão dous do polegar, que saõ os mais necessarios, & que mais sustentaõ o leme: o que ninguẽ soube senão o carpinteiro, que por ordem do Mestre(que era vm Christouão Fernandez, velho muito honrado) o não disse a pessoa algũa, por não desacoraçoarem os homens.

Estando com este trabalho, tornou a saltar o vento a Leste,& tornandolhe a virar a popa,lançandolhe o leme à banda, não lhe acodio a nao, antes foy aguçando de lò:& como o vento era rijo, leuoulhe o papafigo da verga grande,com o q̃ acodiraõ os officiaes tomar o da proa, porque o não perdessem: & antes quiseraõ ficar de mar em trauez,que sem algũa vela. E em a tomando se atrauessou o Galeão,a que deraõ tres mares tão grossos,que com os balanços rebẽtaraõ todos os aparelhos, & costeiras do masto grande, da banda de bombordo, ficandolhe sò tres. E porque o mar os comia tropeaua tanto, que não auia homem que se podesse ter em pé,pera acodir as cousas necessarias, assentaraõ que se cortasse o masto, porque lhe abria o Galeão, & assi o começaraõ a fazer:& em lhe dãdo as primeiras machadadas o virão arrebendar por cima das polês das coroas, & como se fora hũa cousa muito leue deu o vẽto com elle ao mar com todo aquelle Pezo da gauea, & mastareo, & acodindo á enxarsea lha cortaraõ,porque com as pancadas lhe não abrise o Galeão. Vendosse sem mastro, no pedaço que ficou, armaraõ vm mastareo de hũa entena, com suas arreataduras, & guarnecerão hũa verga, & da vela velha com alguns pedaços de outras, fizeraõ hũa que enuergaraõ, & derão a ella, mas o Galeão por falta

dos machos do leme,não lhe quis gouernar, & acodiraõ ás eſcotas, com que ſe ajudauaõ,& foraõ aſsi piadoſamente correndo. O vento foi crecendo, & a nao foi metendo de lò,até ſe pór toda a corda, & o vento lhe tornou a leuar a vela grande,& a da gauea, ficandolhe o Galeão todo atraueſſado,com tamanhos balanços, que perdeo de todo o leme, ficandolhe os machos metidos nas femeas. E não baſtando eſtes trabalhos (porque parecia que eſtaua tudo conjurado cõtra elles) começou o Galeão a abrir algũas agoas cõ q̃ o Praõ ſe começou a encher.

E porque de todo ſe não perdeſſem,acodiraõ ao maſto grande pera o cortarem, porque os não abriſſe,mas tirouos deſſe trabalho vm mar que lhe deu,que foi tal, q̃ lho cortou pellos amboretes, como vm pepino,& deu com elle ao mar pella proa: & da pãcada que deu no goroupès,lho lançou fora da carlinga,& lho meteo por dentro na nao quaſi todo: & aſsi ficaraõ ſem leme, ſem maſto, & ſem velas: & o Galeão lãçado no bordo da terra, de que poderiaõ eſtar quinze atê vinte legoas,& acodindo os officiaes,& todos os mais cõ muita diligencia, repartidas as couſas começaraõ a fazer vm leme,& guarnecer hũa entena pera maſto grande: & a fazer velas das roupas dos mercadores, que leuauaõ na nao, no que gaſtaraõ dez dias, & depois de tudo acabado meterão o leme, & dando as velas não quis a nao gouernar, porque lhe ficou o leme eſtreito, & curto.

A eſte tempo ouueraõ viſta da terra(porque naquelle dia que eſtiueraõ atraueſſados,os forã as correntes, & os ventos rolando pera ella) era iſto a dezoyto de Iunho. Vendoſſe Manoel de Souſa de Sepulueda tão perto da terra,tomou parecer com os officiaes ſobre o que fariaõ, & aſſentarão q̃ jâ não auia outro remedio ſe não vararẽ, & trarar de ſaluar as vidas,& que foſſem aſsi tẽ dez braças, a onde ſorgiriaõ,& no batel ſe poria toda a gẽte em terra.Determinado iſto lãçaraõ hũa manchua ao mar,em que mandarão algũs marinheiros de recado, pera irem ver a terra, & notarem a onde aueria bõ deſembarcadouro, o que elles fizerão,& a nao foi rolando pera a terra com quinze palmos dagoa no Praõ. E indo aſsi menos de legoa da terra,tornou a manchua,& diſſeraõ os marinheiros,que defronte tinhaõ hũa fermoſa praya aonde ſó podião deſembarcar,porque tudo o mais eraõ rochas, & penedias aſpiriſsimas, & que não auia materia algũa de ſaluação. E como deixaraõ a praya marcada pella agulha foraõ gouernando o milhor que poderão pera ella, & chegaraõ até ſete braças de fundo a onde ſorgiraõ, & logo botaraõ o batel ao mar, & botaraõ outra

ancora á terra ja com o vento mais bonança,& eſtariaõ della dous tiros de beſta. Manoel de Souſa de Sepulueda tomou conſelho com todos ſobre o que ſeria milhor, & aſſentaraõ que ſe puzeſſe em terra,& que ſe fortificaſſem, & q̃ das couſas da nao fizeſſem vm carauelaõ em que ſe podeſſem ir pera Cofala,ou Moçambique, ou mãdarem recado pera os virem buſcar,& que ſe poſeſſe cobro nas armas,& em algũa ropa preta, q̃ era o com que auiaõ de reſgatar o que ouueſſem miſter.

Aſſentado iſto, poſeraõ em cima as armas,& todos os mantimẽtos, poluora, & roupas: & logo ſe ſe embarcou Manoel de Souſa no batel com ſua molher & filhos, & perto de trinta peſſoas principaes, em que entrauaõ Pantaliaõ de Sá, Triſtaõ de Souſa, Amador de Souſa,Diogo Mẽdez Dourado de Setuual,Balteſar de Siqueira, & outros: & com algũas eſpingardas & armas ſe poſeraõ em terra, & tornou o batel a deſẽbarcar os mais, & o meſmo fez a manchua, & aſsi fizeraõ tres ou coatro caminhos: & em vm delles ſe alagou a manchua,& ſe afogaraõ alguns homẽs, em que entrou vm filho de Bernardo Rodriguez. O Meſtre & Piloto eſtiueraõ ſempre na nao a te ſe deſembarcar tudo: & acertou de quebrar a amarra do mar, auẽdo ja tres dias que eſtauaõ ſurtos, pello que ſe embarcaraõ no batel ja com tanto trabalho,por vir crecendo o vento,que chegou a terra feito pedaços, ficando na nao perto de quinhentas peſſoas, em que entrauaõ duzentos Portugueſes cõ o contra Meſtre,& Guardiaõ.

Vendoſſe os da nao ſem batel, largaraõ a amarra do mar, & foraõ alando pella da terra,a te aſſentar a nao no fundo, & como deu nelle logo ſe abrio em duas partes,& d'ahi a menos de hũa hora ſe abrio toda, vindo toda a caixaria acima. Os da nao ſe lançaraõ as caixas & tauoas: & das pancadas & afogados morreraõ corenta Portugueſes,& ſetenta eſcrauos,& todos os mais foraõ a terra com muitas feridas dos paos,& pregos, & a nao em menos de duas horas ſe desfez toda de feiçaõ, que naõ foi a terra ter tauoa,nem pao, que paſſaſſe de hũa braça.

## CAPITVLO XXII.

*Do que fez Manoel de Souſa de Sepulueda, depois de eſtar em terra. E do que lhe aconteceo no caminho. E da muito piadoſa,& laſtimoſa morte de ſua molher & filhos:& de como elle ſe meteo pello mato onde deſapareceo.*

Poſtos

POSTOS todos em terra, vẽdo Manoel de Sousa perdidas as esperanças de poder fazer o carauelaõ, por naõ auer de que, por q̃ o mar destroçou a nao como dissemos: assentou por conselho de todos irẽ buscar o rio de Lourenço Marquez, a onde todos os annos vinhaõ nauios de Moçambique ao resgate do marfim. E por que auia muitos feridos, & doentes, entranqueirouse pera esperar ate todos sararem: porque ali tinhaõ agoa, & mantimentos que da nao saluaraõ. E auendo tres dias que ali estauaõ, lhes appareceraõ noue Cafres em cima de vm monte, a onde estiueraõ duas horas, & se tornaraõ sem poderem auer fala delles. E parecendo bem a Manoel de Sousa, se fosse descobrir se auia alg̃ua pouoaçaõ perto, & se achauaõ alguns mantimentos, despidio a isso vm mulato marinheiro com vm Cafre pera falar a lingoa. Estes andaraõ pella terra dous dias, sem acharem mais que h̃uas casas palhaças despouoadas, por q̃ parece que os moradores dellas fogiraõ de medo dos nossos.

Depois disto lhes appareceraõ sete Cafres sobre aquel outro, que traziaõ h̃ua vaca presa, & acenando os nossos deceraõ abaixo, & Manoel de Sousa se apartou com coatro homens pera lhe ir falar, & pera os segurar, como fez, de feiçaõ, que os trouxe a te o arrayal, & mostrandolhe pregos folgaraõ de os ver, & pondose a preço com a vaca, appareceraõ no outro outros cinco Cafres, q̃ falaraõ a estes pella lingoa, & em os estes ouuindo, largando tudo, & tomando a sua vaca se foraõ recolhendo.

Manoel de Sousa de Sepulueda posto que tinha necessidade a deixou leuar, por que os naõ quis escandalizar. Ali estiueraõ dez dias em que a gente conualeceo, & vẽdoos Manoel de Sousa saõs, & em estado que podiaõ caminhar lhes fez h̃ua breue exortaçaõ, em que os animou aos trabalhos, lembrandolhes a merce que Deos lhes fizera em os naõ afogar no mar, & que elle que os posera em terra, teria cuidado delles, pedindolhes muito a todos que o naõ desemparassem, nem deixassem só, posto que elle naõ podesse caminhar tãto por causa de sua molher & filhos, o que todos lhe prometeraõ, & assentaraõ q̃ caminhassem sempre de longo da praya, por que era milhor caminho, & assi se começaraõ a pór na ordem seguinte.

Manoel de Sousa de Sepulueda com sua molher & filhos & oitenta Portugueses, & sem escrauos na vamguarda: & na dianteirá delle o Mestre & Piloto, com todos os homens do mar, com h̃ua bandeira, & vm crucifixo erguido. Na retaguarda Pantaliaõ de Sá, com todos os mais Portugueses, & escrauos,

uos, que ſeriaõ perto de duzentas peſſoas. Neſta ordem ſe apartaraõ daquelle lugar em que deraõ, que eſtauaõ em trinta & vm graos do Sul aos ſete dias de Iulho. E come çaraõ a caminhar indo dona Lianor em vm andor às coſtas dos Cafres: & andaraõ todo aquelle mes com muito trabalho, que em todos aquelles dias não comeraõ mais que arroz, & algũas fruitas do mato, ſem acharem couſas que reſgatar: & yão tam fracos que de não poderem andar ficaraõ por eſſes matos dez, ou doze peſſoas, & no fim deſte mes não tinhaõ andado pella coſta mais que trinta legoas (paſſando de cento as que rodearaõ, por cauſas dos rios, & de outros inconueniẽtes.) Eſte dia deraõ rebate a Manoel de Souſa de Sepulueda, q̃ lhe ficaua atras perto de meya legoa vm filho ſeu baſtardo de idade de dez annos, que caminhaua ás coſtas de vm Cafre, que aſsi elle, como o menino cairão no chaõ de fracos da fome. Manoel de Souſa de Sepulueda ſe deteue, & prometeo quinhentos cruzados a quem lho foſſe buſcar o que ninguem quis fazer por ſer ja noite, & auerem medo das alimarias brauas, que por todo aquelle caminho acharaõ. Iſto ſintio eſte fidalgo tanto que eſteue pera endoudecer, & encomendandoo a Deos foi ſeguindo ſeu caminho, a onde tambem lhe ficou Antonio de ſam Payo, ſobrinho de Lopo Vaz de ſam Payo, & cinco, ou ſeys Portugueſes outros, & alguns eſcrauos: & aſsi todos os dias daqui por diante lhe ficauão duas, & tres peſſoas de não poderem comſigo, que logo eraõ comidas dos Tigres, & pera ficar ſe apartauão dos que caminhauão com taõ grandes laſtimas, que não auia coraçaõ que ſe não interneceſſe, & que não ſentiſſe mais aquillo, que os trabalhos em que todos ſe viaõ, que eraõ bem grandes.

Neſte caminho pelejaraõ algũas vezes com Cafres, que ſairaõ aos ſaltear, a quem ſempre fizeroã afaſtar bem eſcandalizados: & em vm aſſalto que foi apertado mataram com hũa azagaya Diogo Mẽdez Dourado, que ſempre nas brigas ſe apreſentaua diante de todos fazendo marauilhas. E como a fortuna nunca começa por pouco, não faltou genero de tormento que eſtes perdidos não paſſaſſem: porque quando achauam fruitas nos matos, ou cranguejos, & peixe nas prayas q̃ o mar lançaua fora, que elles comiam por banquete, faltaualhes a a agoa, que he mal ſem repairo: & aconteceo venderſe vm quartilho della por dez cruzados. E porque a cobiça dos homens ate no eſtremo naõ deixa de fazer ſeu officio, nam faltaram algũs que ſe metiaõ pello ſertam arriſcados a todo o perigo, a buſcar agoa pera venderem: & aſsi em vm caldeiram,

que

que leuaria quatro canadas (porq̃ não leuauão outra vasilha mayor) faziaõ cem cruzados, & Manoel de Sousa de Sepuleda lho compraua,& por sua maõ repartia a agoa igualmente,não tomando pera si mais, antes da sua ração partia com dous filhinhos de peito, que lhes leuauão escrauos, & escrauas.

E porque nunca faltassem auentureiros que fossem buscar esta agoa, não lhe punha preço, se não o que elles querião. Desta maneira,& com estes trabalhos,& outros (que nossa historia não sofre particularizar) caminharaõ dous meses & meyo, ate se meterem pello sertão, porque totalmente pello caminho da praya lhe ya faltando tudo: & chegou o estremo a comerem alimarias que achauão mortas pellos matos: & ouue pessoas que se sustentarão com pòs de ossos torrados de que fazião algum bolo, & algũas papas. E chegou a cousa a se comprar hũa pelle de cabra seca por quinze cruzados, que se lançou de molho, & se comeo.

No cabo de tres meses chegarão à terra de vm Rey chamado Oinhaca, que viuia ja perto do rio do Spirito sancto, que era vm homem grande, bem assombrado, velho com hũa veneranda barba toda branca: & por ter algum parecer com o Gouernador Garcia de Sà, lhe poseraõ o seu nome, Lourenço Marques, & Antonio Caldeira, que foraõ os primeiros Portugueses que por aquella para ragem andarão:& asi era homem de muito boa condiçaõ, & amigo dos Portugueses. Este Rey sabẽdo dos que vinhão perdidos, os foy buscar, & agasalhou na sua pouoação: & sabendo a determinação de Manoel de Sousa de Sepulueda que era passar auante, lhe pedio q̃ o não fizesse, & se deixasse ficar a te vir o nauio do resgate de Moçambique onde se poderia ir, & q̃ entre tanto lhe daria tudo o que na sua terra ouuesse: & que não tratasse doutra cousa, porque se passasse dali auia de ser roubado, & maltratado de vm Rey que viuia a diante chamado Osumo, que era mao homem. Manoel de Sousa lhe agradeceo o conselho, mas dissellhe que forçado auia de passar, porque se não atreuia a esperar ali vm anno.

Vendo Elrey sua determinação lhe pedio se detiuesse ali algũs dias & que lhe desse algũa gente perà irem com alguns capitaens seus a darem em vm vesinho que lhe fazia guerra: Manoel de Sousa de Sepulueda lhe disse, que o faria pello seruir, & pedio a Pantalião de Sà que fosse naquella jornada, & lhe deu vinte homens. Forão estes longe em companhia dos Cafres, & derão na pouoação do imigo,& lha queimarão, & destruirão & tomarão todo o gado, com que

se re-

ſe recolheraõ. Iſtó eſtimou muito aquelle Rey, & partio com os noſſos das prezas: niſto ſe detiueraõ cinco dias, & paſſados elles ſe deſpediraõ do Rey que os foy acompanhando, & foraõ caminhando com determinação de rodearem a barra de Lourenço Marques, & paſſarem os rios por cima, o que foy ſua perdiçaõ. Aquelle dia chegarão a hũ rio que ſe chama Belygane, que entra na barra de Lourenço Marques, aonde entraõ outros tres chamados Anzate, Ofumo, & Manhiça, como milhor ſe verá na deſcripſaõ q̃ fazemos de toda eſta Cafraria na decima decada.

Chegados os noſſos áquelle rio pedirão a Elrey que lhe mandaſſe dar algũas almadias que ali auia, o que elle fez: & Manoel de Souſa lhe pedio que ſe foſſe, & q̃ os deixaſſe paſſar à ſua vontade. Os noſſos paſſaraõ a outra báda, & foraõ caminhando cinco dias, em q̃ andaraõ vinte legoas, a te chegarem ao rio de Anzate ja de noyte, & ſe agaſalharaõ em hũ areal a onde não auia agoa: & áquella noyte ſe ouueraõ de perder de ſede, ao q̃ acodio Manoel de Souſa de Sepulueda, & mãdou buſcar agoa q̃ lhe ficaua atras hũ bom eſpaço, & por caldeiraõ della que lhe trouxeraõ deu cẽ cruzados, ao outro dia lhe chegaraõ tres almadias q̃ vinhão da outra bãda: & os negros dellas diſſeraõ, q̃ auia poucos dias q̃ dali partira o nauio do reſgate pera Moçãbique. Neſtas almadias paſſaraõ os noſſos pera a outra bãda, & jà Manoel de Souſa ya taõ mal tratado do miolo, das vigias, & trabalhos, q̃ indo na almadia com ſua molher, & filhos, lhe deu hũa mania, & arrãcou pera os Cafres q̃ remauaõ, dizendo: ah perros a onde me leuais? os negros cõ o medo ſe lançaraõ ao mar, & dona Lianor ſe lançou com elle, dizendolhe: tà ſenhor, que he iſto? eſte he o voſſo ſiſo, & prudencia? Manoel de Souſa de Sepulueda tornou ſobre ſi, & quietouſe.

He muito pera conſiderar, que não ſey que eſpirito lhe dezia, quẽ o leuauaõ a parte, em que auia de ver morrer ſua molher, & filhos ao deſemparo, & q̃ eſperaua por elle o mais deſauenturado, & miſerauel genero de morte que ſe podia imaginar. Paſſados à outra bãda, achouſe Manoel de Souſa de Sepulueda muito mal do miolo, & da cabeça, a que lhe acodiraõ com toalhas ouentes que ſua molher lhe punha cõ muitas lagrymas: por que mais a cortou ver ſeu marido daquella maneira, que todos os trabalhos que atè entaõ tinha paſſado.

Poſtos da outra bãda foraõ caminhãdo, guiados de algũs Cafres da terra, que ſe offereceraõ a os leuar a onde eſtaua o ſeu Rey. Ia neſte tempo não auia mais de cento & vinte peſſoas, & dona Lianor

taõ fermosa, taõ mimosa, & delicada, caminhaua a pè descalça, ajudando a leuar os filhos, hora ella, hora algũas escrauas que ainda lhe ficaraõ, com tanto sofrimento, & com tanta prudencia, que ella era a que consolaua, & animaua a todos, sendo com elles igual nos trabalhos das fomes, das sedes, & dos cançassos. Desta maneira chegaraõ â terra do Rey q̃ se chamaua Ofumo: & antes de entrarẽ na sua pouoaçaõ acharaõ hũ recado seu, em q̃ lhes mandaua q̃ se agasalhassẽ fora ao pè de hũas aruores que lhes mostraraõ, & que ali lhes dariaõ tudo o de que tiuessem necessidade: & assi se agasalharaõ todos naquelle lugar, a onde lhes começaraõ a correr mantimẽtos, que lhes resgatauaõ por pregos: & ali se detiuerão cinco dias: & como Manoel de Sousa ya com melanconias, & quasi alienado, ja se não gouernauaõ por elle, sem embargo de sempre lhe darẽ razaõ de tudo. Elle, a quẽ ja os trabalhos leuauaõ em estado, q̃ naõ estauaõ pera mais, determinou de não passar dali, & esperar a te vir o nauio do trato, & pera isso se foi ver com o Rey, & lhe pedio lhes mandasse dar casas pera se aposentarem na sua pouoaçaõ: Elrey lhe disse que si, mas q̃ toda aquella gente naõ podia estar ali junta, por causa dos poucos mantimentos que auia na terra: que ficasse elle na aldea cõ as pessoas que quisesse, & que todos os mais se repartissem pellos lugares visinhos, aonde lhes mandaria das casas, & mantimentos: mas q̃ era necessario (pera os seus se fiarem delles, aonde quer que estiuessem, pera que naõ cuidassẽ q̃ eraõ ladroẽs) mãdarlhe entregar todas as armas, & que elle as mãdaria guardar em hũa casa, pera lhas tornarem a entregar, quando viesse o nauio de Moçambique. Manoel de Sousa lhe respondeo que o faria (porque o tinha por amigo dos Portugueses, pois com elles tinha comercio) & ajuntãdo os seus lhes disse.

Que elle ja não podia cõtinuar mais os trabalhos do caminho, por causa de sua molher & filhos: que pois elle estaua em parte a onde todos os annos vinha nauio de Moçãbique: mais seguro lhe era esperar ali por elle q̃ tornar a nouos trabalhos, pera que ja sua molher não estaua, que elle estaua resoluto em se deixar ficar ali: & se Deos fosse seruido, & tiuesse determinado que acabasse ali cõ toda sua familia, que elle era muito cõtente, & que os q̃ quisessem passar adiante o podiaõ fazer, & q̃ lhes pedia, que se Deos os leuasse a terra de Portugueses, trabalhassem por que lhe mandassem logo algũa embarcaçaõ em que se fosse: & que os que quisessem ficar com elle o podiaõ fazer, mas que era necessario entregarem as armas a Elrey, pera se segurar delles:

porque

porque ja q̃ se metiaõ em seu poder, era necessario mostraremlhe confiãça, ao menos pera q̃ os seus não cuidassem que lhe podiaõ fazer mal os nossos, & que assi remediauão tanta desauentura, quanta lhes estaua pella proa, se quisessem passar dali.

Alguns forão de parecer que se entregassem as armas, mas outros não, & destes foi dona Lianor, q̃ disse a seu marido, que nas armas estaua todo o seu remedio, que lhe pedia por amor de Deos que tal não fizesse. Mas como Manoel de Sousa de Sepulueda não ya jà em si, tomou as armas, em que entrauaõ coatro espingardas, & as entregou ao Rey, do que elle teue pouca culpa, porque jà não sabia o que fazia, & toda foi dos q̃ lhe consentirãõ entregalas. Repartio Elrey os Portugueses pellos seus Ancoses, que saõ como capitaẽs das pouoaçoẽs, pera q̃ os leuassem consigo, ficando Manoel de Sousa de Sepulueda com sua molher, & filhos, & perto de vinte pessoas na pouoaçaõ do Rey. Os Ancoses tãto que lhes entregaraõ os Portugueses sem armas, antes de chegarem a suas pouoaçoens os despiraõ, & roubaraõ, sem lhes deixarẽ cousa algũa, & sobre isso lhes deraõ muita infinita pancada, & os lançaraõ fora das aldeas. Tanto que os mais Portugueses se apartaraõ, logo o Rey fez o mesmo a Manoel de Sousa de Sepulueda (porque esta foi sua tẽçaõ de lhes tirar as armas) & lhes tomou tudo o q̃ leuauão: que se affirma que sò naquella companhia auia mais de cem mil cruzados de pedraria, & joyas: & não lhes tocando nas pessoas lhes disse, que se fossem logo fora de sua pouoação, q̃ lhes não queria fazer mais mal. (Isto acabou de endoudecer Manoel de Sousa de Sepulueda, em q̃ sua molher trazia os olhos) & tomandoo pella maõ lhe disse que se fosse logo fora da sua pouoação, por que aquillo eraõ castigos de Deos, & q̃ fosse elle louuado cõ tudo: & tomando hũ dos filhinhos no colo, dãdo o outro as escrauas, começou a caminhar pera fora, leuando o marido pella maõ, com tãto sofrimẽto, & paciẽcia q̃ espãtou a todos. Ya cõ elle Duarte Fernãdez, cõtra mestre do Galeaõ, cõ os mais que cõ elle ficaraõ na aldea, & o Piloto Andre Vaz, que nunca os quis deixar. Os outros roubados, & espancados, em que entraua Pantaliaõ de Sa, & os mais Fidalgos, & caualeiros despois de lãçados fora das aldeas, tornaraõse a ajuntar a paragens, & asi fizeraõ hũ corpo de nouẽta pessoas: mas como yaõ sem armas, & sem cousa algũa, cõ q̃ podessem resgatar o q̃ auiaõ de comer: & sobre tudo já taõ fracos, & debilitados do caminho q̃ escassamẽte podiaõ cõsigo, auorrecidos da vida se foraõ metendo por esses matos, tomãdo desuairados ca-

minhos,comendo das fruitas brauas,& raizes das eruas fazẽdo cõta com Deos, & com suas almas, como homens que yaõ em estado que cada dia ficauão por esses caminhos mortos de fome.

Manoel de Sousa de Sepulueda com os da sua companhia foi seguindo o caminho do rio de Manheça,cõ determinaçaõ de se deixarem ficar nelle, se aquelle Rey lho consintisse: & indo asi tornaraõ os Cafres a dar nelles,& isso q̃ ficou sobre os corpos foi roubado dixandoos nùs: & dona Lianor, quando os Cafres a quiseraõ despir,o não quis consintir, antes às bofetadas,& ás dẽtadas como lioa magoada se defendia(por que antes queria que a matassem q̃ despirenna. Manoel de Sousa de Sepulueda vendo sua amada esposa naquelle estado,& os filhinhos no chaõ chorando,parece que a magoa & dor lhe resuscitou o intendimento ( coma acontece à candea que se quer apagar, dar antes disso mayor claridade) & tornando sobre si mais algum tanto, se chegou à molher,& tomandoa antre seus braços, lhe disse, senhora deixaiuos despir,& lẽbreuos que todos nacemos nùs, & pois disto he Deos seruido, se de vos contẽte,que elle auerá por bem, que seja isto em penitencia de nossos peccados: com isto se deixou despir,não lhe deixando aquelles brutos desumanos cousa algũa com que se podesse cobrir. Vendosse ella nùa, assentouse no chaõ, & espalhou os seus fermosissimos & cõpridos cabellos por diante,com o rosto todo baixo, porq̃ a podessem cobrir,& asi com as maõs fez hũa coua na area onde se meteo a te a cinta, sem mais se querer aleuantar dali.Os homẽs da companhia vendo dona Lianor, foraõse afastando de magoa & vergonha. Vẽdo ella a Andre Vaz o Piloto que viraua as costas pera se ir,chamou por elle,& lhe disse.

Bẽ vedes Piloto como estamos, & q̃ ja naõ podemos passar daqui, onde parece tem Deos ordenado q̃ eu & meus filhos acabemos por meus peccados, iuos muito embora fazei por vos saluar,& encomẽdanios a Deos:& se fordes à India & a Portugal em algũ tẽpo, dizei como nos deixastes a Manoel de Sousa & a mim com meus filhos. Andre Vaz enternecido de magoa daquelle piadoso espectaculo virou as costas,sem responder nada, mas todo banhado em lagrimas, & foi continuando seu caminho a pos os outros que yaõ ja diante. Manoel de Sousa cõ todos aquelles infortunos & magoas,não se esqueceo da necessidade da molher &dos tẽros mininos q̃estauão chorãdo com fome,foise aos matos a buscar algũa cousa pera lhes har,& quãdo tornou cõ algũas fruitas brauas,achou ja hũ dos mininos morto,& dona Lianor como pasmada

com

com os olhos nelle,&com o outro no colo. Elle pondo os olhos fitos nella, & no minino morto, ficou asi vm pequeno espaço sem falar cousa algũa : passado elle fez hũa coua na area, & por sua mão o enterrou , lançandolhe a derradeira bençaõ.

Feito isto tornouse ao mato a buscar mais frutas pera a molher, & pera o outro minino,& quando tornou achou ambos falecidos, & cinco escrauas suas sobre os corpos com grandes gritos, & prãtos: vendo Manoel de Sousa de Sepulueda aquella desauentura, apartou dali as escrauas, & assentouse perto da molher, com o rosto sobre hũa maõ, & os olhos nella:& asi esteue espaço de meya hora, sem chorar,nẽ dizer palaura. Passado aquelle termo,leuantouse, & começou a fazer hũa coua com ajuda das escrauas (sempre sem falar cousa algũa)& tomando a molher nos braços,chegando o seu rosto ao della vm pouco,a deitou na coua com o filho : & depois de a cobrir sem dizer cousa algũa às moças,se tornou a meter pello mato,aonde desapareceo,sem mais se saber delle, & sempre se presumio que os Tigres o comeraõ.

As escrauas tanto que se elle apartou , tomaraõ seu caminho cõ grande pressa ate encontrarem a outra companhia do Piloto : & destas passaraõ á India tres,q̃ contarão a morte de dona Lianor , & filhos,porque sò ellas a viraõ.Era isto no mes de Agosto , em que auia seis meses que auião partido. Os da companhia que hiaõ diãte com Pantalião de Sà,& da de Manoel de Sousa de Sepulueda , que seguirão o Piloto Andre Vaz , se forão metendo por esse sertão,por onde morrerão de fome , & com tantos trabalhos, que só oito Portugueses escaparão,em que entrauáõ Pantaliaõ de Sà , Tristão de Sousa, Balthesar de Siqueira, Manoel de Crasto feitor da nao , & o Piloto Andre Vaz, & quatorze escrauos , que derão com os Cafres mais domesticos, que lhes dauaõ algũa pouquidade,principalmente a Pantaliaõ de Sà que se fingio chocarreiro , & chegaua às portas dos Cafres balhando , & fazendo momos,& todos lhe dauaõ por isso algum milho. E andando espalhados pellas aldeas, sem esperança de poderẽ ir a India,quis Deos que fosse vm Pangayo(em que ya vm parente de Diogo de Mesquita,que estaua por capitaõ em Moçambique) ao cabo das correntes ao rio de Iuhambane a resgatar marfim: & dos Cafres que vinhaõ do sertaõ ao resgate,souberaõ como pella terra dẽtro andauaõ Portugueses perdidos:pello que o capitaõ doPangayo,mandou algũas pessoas de recado com contas , & outras cousas,pera os ir resgatar se estiuessem catiuos.

Estes homẽs foraõ dar cõ elles,

& foi o seu aluoroço tamanho, de verem homens conhecidos, & de saberem que tinhão nauio perto, que de prazer perderão a memoria de todos os trabalhos passados & assi se foraõ pera onde estaua o Pangayo, resgatando pellos caminhos todas as cousas de q̃ tinhaõ necessidade abastadamente. Chegando a Iuhambane foraõ muito festejados do capitaõ do Pangayo (que nos parece que era vm Ioaõ Salgado) que os agasalhou, vestio, & curou muito bem, dandolhes tudo o de que tinhão necessidade: daly os leuou a Moçambique; a onde chegarão a vinte, & cinco de Mayo de cincoenta, & tres.

O Capitão Diogo de Mesquita os foy buscar à praya, & leuou comsigo Pantaliáo de Sà, & Tristão de Sousa, & os mais repartio por casas de casados ricos, aonde lhes derão todo o necessario: & dona Luiza molher de Diogo de Mesquita curou muito bem os seus hospedes como se foraõ seus irmãos. E dandolhes Diogo de Mesquita todo o dinheiro que quiserão, se partiraõ pera a India. Depois correo o tempo de feiçaõ, que por morte de Diogo de Mesquita veyo Pantaliaõ de Sà a casar com sua molher, & assi esteue duas vezes por capitao de Moçambique.

*Fim do Nono Liuro.*

LIVRO

# LIVRO DECIMO DA SEXTA DECADA DA HISTORIA DA INDIA.

## CAPITVLO I.

*De como o Turco mãdou hũa armada de vinte & cinco Galès, de que era general Pirbec pera Baçorà: & do que aconteceo a algũas Galès com os noßos nauios naquelle estreito.*

TANTO que o Turco soube que a armada Portuguesa, em que dom Antaõ de Noronha foi (como dissemos no capitulo quarto do nono liuro) entrou naquelle estreito de Baçorà, pera fauorecer os Arabios, & Gizares: & que sem duuida lhe tomara aquella cidade senaõ fora o ardil de que o Baxà vsou, (receandose que viesse a perder aquella fortaleza, & que os Portugueses metessem pé nella, o que seria em descredito, & detrimento de seu Estado, & sobre tudo ficaria perdendo as esperanças de se fazer senhor de todo aquelle estreito Persico, porque lhe ficarião fechando aquella garganta do rio Eufrates, por onde suas armadas forçado auiaõ de sahir pera fora.) Determinou de prouer nisso, & segurar aquella fortaleza, & mandou com muita pressa negociar vinte & cinco Galès das que estauaõ em Suez, & elegeo pera capitaõ, & general desta jornada Pirbec, vm grande cossairo, homem muito determinado: & lhe deu por regimento, que fizesse em Alexandria, & outros portos mil & duzentos homens, & que se metesse nas Galès, & se fosse a Baçorà, aonde acharia regimento do que auia de fazer: & que por nenhum caso tomasse Mascate, nem Ormuz, nem tocasse em cousa nenhũa dos Portugueses, & que trabalhasse muito por passar a Baçorà, sem ser visto delles.

Despedido Pirbec se passou a Suez, & gastou todo este inuerno passado em reformar as Galès, & em as aparelhar. O Turco tanto q̃ o despidio, mandou hũa instrução ao Baxá de Baçorà, em que lhe mandaua que tiuesse prestes quinze mil homẽs, & muitas terradas, & outras embarcaçoens: & que como Pirbec chegasse com as Galès, fosse pòr cerco à fortaleza de Ormuz: & naõ se aleuãtasse della

ſem a tomar. Pirbec tanto que teue as Galès negociadas as pos no mar para partir em Iulho. Eſtas nouas correraõ logo pelo eſtreito, & chegaraõ a Ormuz ja em Mayo, tempo em que naõ podiaõ auiſar o Viſorrey, nem ſe ſabia mais certeza, que aquillo que andaua geralmente na boca dos eſtrangeiros. Pello que querendoſe Dom Aluaro de Noronha capitaõ d'aquella fortaleza certificar da verdade, deſpidio vm nauio ligeiro, de que fez capitaõ Fernão Diaz Ceſar, ſoldado velho, & muito bõ caualeiro (q̃ ja andaua em trajos de mercador, & tinha de ſeu perto de vinte mil cruzados) & deulhe por regimento que ſe foſſe à coſta de Xael, & que eſperaſſe os nauios que auião de vir de Meca pera Caxem, Cãphar, & todos os mais portos, & que ſoubeſſe a certeza das Galès, & quantas erão, & ſe ſabiaõ pera onde ſe negociauão.

Partido Fernão Diaz Ceſar, foiſe pór naquella paragem, & ouue fala de algũas embarcaçoés, & lhe affirmarão ficarem vinte, & cinco Galès em Suez ja no mar, & q̃ corria fama geralmente, que ſe yaõ meter em Baçorà. Com eſtas nouas ſe recolheo em Iunho, & as deu a Dõ Aluaro de Noronha. E ſabendo a certeza mandou logo recolher todos os mantimentos, agoa, lenha, madeira, tauoado, & outras muitas couſas pera dentro da fortaleza. E deſpidio logo dous nauios ligeiros, em que mandou Simão da Coſta, & Miguel Collaço, & lhes deu por regimento que ſe foſſem pòr no cabo de Roſalgate, ate que ſe acabaſſe o mes d'Agoſto, que era a mouçaõ em q̃ vem de Meca pera aquelle eſtreito, & que auendo viſta das Galès ſendo mais de vinte, Simão da Coſta ſe fizeſſe na volta da India, & foſſe dar as nouas ao Viſorrey, & que Miguel Collaço voltaſſe pera Ormuz, & foſſe dando auiſo a todas aquellas pouoaçoés de Coriate, Calayate, Maſcate, & outras pera eſtarem negociadas, & ſobre auiſo.

Partidos eſtes nauios ſe foraõ pòr no cabo de Roſalgate, aonde ſe deixarão eſtar com grande vigia. E ſendo na entrada d'Agoſto ouuerão viſta de cinco Galès que Pirbec tinha mandado diante, em que vinha vm ſeu filho, que vinha deſcobrindo ſe auia na boca do eſtreito alguns nauios Portugueſes. Simão da Coſta tanto que vio as velas, & ſe affirmou ſerem Galès, ſe foy ſaindo pera o mar, pera deſcobrir ſe auia mais que aquellas, & não vendo mais tornouſe pera dentro, porque não pode ſofrer o vento Ponente, que era mui to rijo. Miguel Collaço tanto que vio as Galès, voltou de longo da Coſta, & foy dando auiſo a todas as pouoaçoés.

Eſtaua em Maſcate por capitaõ vm Ioão de Lixboa, que o Viſorrey

rey dom Afonſo de Noronha tinha mandado ali fazer hũ forte, por lho mandar Elrey aſsi no ſeu regimento, por ſegurar os Portugueſes, que ſempre eſtauaõ naquella pouoaçaõ. Eſte Ioão de Lixboa tinha começado eſte forte na cabeça da ſerra de Bacalá, que fica ſobre a barra, & auia tres meſes que trabalhaua nelle, & o tinha ainda imperfeito. Tanto que lhe deraõ as nouas das Galès, logo embarcou ſua molher em hũa terrada, & outras de Portugueſes q̃ ali auia, & mandou cõ ellas Bartolameu Diaz de Moraes, & Apolynario Mendez por velhos, pera que ſe foſſem pera Ormuz: & Ioão de Lixboa com ſeſſenta Portugueſes que ali auia ſe recolheo acima ao forte, & meteo dentro todos os mantimentos, lenha, agoa, & moniçoẽs que tinha, & fortificouſe o milhor que pode. O filho de Pirbec no tempo que Simaõ da Coſta voltou pera a terra, ouue viſta delle, & metendo o baſtardo o foi ſeguindo: & como o vento era rijo, & os mares grandes, & a fuſta pequena, yaſe afogando de feiçaõ, que chegou a Gale do filho de Pirbec a ella, & por deſejar de tomar a todos viuos naõ quis meter a fuſta no fundo, & ſe foi deſuiando de maneira, que lhe ficou debaixo dos remos. E auendoſſe todos por perdidos, o bombardeiro, & hũ ſoldado que yaõ de proa, lãçaraõ as maõs aos remos pera ſe ſaluarẽ na Galè, porque antes queriaõ ficar catiuos que afogarẽſe. Simaõ da Coſta, que era homem muito eſperto, não deſcoroçoou, antes encomendandoſſe a noſſa Senhora do Roſairo: vendo que a Galè ſe ya deſuiando da Fuſta, & que lhe ya ficando a gilavento, esforçãdo os marinheiros foi preparando a vela, que lhe ficou abatida, & metẽdo de lò tudo o q̃ pode, foi deixando a Galè abalrauento, ficandolhe dependurados nos remos o ſaldado, & o bombardeiro, que os Turcos recolheraõ.

Vendo o filho de Pirbec q̃ por ſeu deſcuido ſe lhe ya aquella Fuſta, que bolinaua mais que elle, a foi ſeguindo, atirãdolhe bombardadas Simaõ da Coſta foi animãdo os marinheiros deitandolhes dinheiro na coxia pera mais os obrigar, & foi forçando a vela da fuſta tudo o que pode tirando pera balrauento, de feiçaõ, que conhecidamente lhe ficaua ja a Galè, que ſempre o perſeguio a te anoitecer, que perdeo a Fuſta da viſta. Simaõ da Coſta vẽdoſſe deſapreſſado, tanto que eſcureceo mudou o rumo, & ſe foi paſſando à coſta de Perſia, & de longo della foi tomar Ormuz, a onde deu as nouas das cinco Galès que cauſaraõ tamanho aluoroço em todos, que ſe começou a deſpejar a cidada: a gente miuda pera à banda do Magoſtaõ, & a principal, & mais rica pera a ilha de Queixo

me-

me,que està perto de Ormuz. Elrey & Gualiz se recolherão pera a fortaleza com suas molheres,& ri quezas, & dom Aluaro de Noronha capitão della se recolheo dẽtro com todos os Portugueses, & se começou a fortificar o milhor q̃ pode. E fazendo alardo de toda a gente, achou perto de nouecẽtos homens, porque estauão mais de trezentos da nao Caranja do reino de que era capitão Ayres Moniz, que foi tomar Ormuz por não ter tempo pera passar à India, como temos dito atras no capitolo decimo sexto do nono liuro. Antre toda esta gente tinha dom Aluaro de Noronha na fortaleza mais de mil espingardas,& muitas moniçoẽs & armas.

## CAPITVLO II.

*De como Pirbec passou pera Mascate: & como o feitor de Calayate partio com recado pera Goa: & de como os Turcos desembarcarão em Mascate, & do cerco que poserão à fortaleza: & de como os de dentro se lhe entregarão a partido.*

TANTO que o filho de Pirbec perdeo Simão da Costa de vista, tornou a voltar, & quando amanheceo achouse à vista da outra costa de Arabia, auante de Mascate: pello que lhe foi forçado tornar em busca do pay, como fez. E quis a desauentura que tanto auante como o lugar de Alfação, encontrasse a terrada em q̃ vinhão as molheres de Ioão de Lixboa,& as outras:& tomandoas comsigo, a Bertolameu Diaz, & a Apolinario Mendez mandou meter a banco da sua Galè:& com esta preza chegou a Mascate, a onde ja achou seu pay: por que Pirbec como vinha muito atras cõ a armada toda, quãdo entrou o estreito não achou nouas das Galès em que tinha mãdado o filho, nem sabia o que lhe tinha acontecido com as nossas Fustas,& parecendolhe que o acharia em Mascate foi de lõgo da costa pera o buscar: & passando por Calayate onde estaua hũ Esteuão Gomez por feitor, tanto q̃ vio passar as Galès, como era muito determinado, & valente homẽ, se meteo em hũ Tarrãquim muito pequeno, & deu à vela pera ir auisar ao Visorrey,& de sua jornada adiante daremos rezão.

Pirbec tanto que achou o filho aluoroçado com a preza, entrou pella barra de Mascate dentro, & sem embargo de saber como os Portugueses estauão fortificados, desembarcou em terra sem achar resistencia,& saqueou a pouoação que estaua despejada, a onde ainda achou muitas fazendas que se

não

naõ poderaõ recolher. E desejoso de leuar os Portugueses ao Turco de presente, tratou de os cercar, & auer às maõs, pera o que mandou desembarcar algũas peças de artelharia: & querendoas passar acima, naõ poderaõ leuar mais que hũ caõ, por ser o caminho taõ ingreme, que com muito trabalho sobiaõ por elle os homens. Sobida esta peça acima, se pos elle com todos os Turcos em cima de hũ tezo que ficaua padrasto ao forte, & ali se fortificou & plantou seus bestiaens, & se cercou de velos & tranqueiras muito fortes. Dali começou a dar sua bataria, & a cometter os nossos por muitos assaltos, & como o forte ficaua muito descuberto às suas estancias, metiaõlhes dentro todos os pilouros com que lhe feriaõ muitos: mas tambem os nossos os escandalizauaõ muy bẽ, Durou isto dezoito dias continuos, em que os Portugueses se defenderaõ com muito valor: mas como naõ estauaõ muito prouidos, nem cuidaraõ que os Turcos se detiuessem ali tanto tẽpo, começoulhes a faltar a agoa, & mantimentos, & esses poucos que auia, se yão repartindo com grande prouisaõ, por que lhes abrangesse mais alguns dias. O Pirbec vendo os Portugueses tão determinados, desenganado de os entrar por força, & que o tempo se lhe ya gastando, determinou de os apalpar com os partidos q̃ quisessem: & asi lhes mandou bradar por hũ Ioão da Barca Portuguez arrenegado que trazia cõsigo. E vindo a fala com os de dentro lhes disse, que Pirbec mandaua dizer ao capitão, que se lhe desse lincença mãdaria falar com elle hũ homem sobre cousas q̃ importauão muito. O Ioão de Lixboa tomando parecer com todos sobre o que faria, assentouse que se ouuisse, & dandolhe recado foi o mesmo Ioão da Barca, & disse ao capitão, que o Baxà lhe pedia q̃ não quisesse ir por diante cõm sua teima, que bem sabia as necessidades em que estauão, que se entregassem a elle, que lhes daria as vidas a todos, & embarcaçoens pera se passarem à India. Com isto lhe disse mais o arrenegado Ioão da Barca muitas cousas das grandezas & liberalidades de Pirbec, affirmandolhe que lhe auia de comprir o que lhe pormetia: & que se não quisesse aceitar seus partidos que soubese em certo, que se não auia de aleuantar de sobre aquelle forte sem o entrar, & que não auia de dar a vida a hũ só.

Depois do capitão o ouuir o mãdou deter, & pòs em conselho aquelle negocio, apontando as difficuldades que auia, & a falta de tudo. E debatido antre todos, assentarão que fosse o capitão Ioão de Lixboa, com hũ padre da Cõpanhia que ali estaua a se verem com Pirbec, & a concluir com elle

os partidos, & que o que elles cõcluiſſem, elles o auiaõ por feito. Com iſto ſe foraõ ambos em companhia do arrenegado Ioão da Barca ao Baxà, q̃ os recebeo muy bem E aſſentados todos, moſtrandolhes o Baxà grande beneuolencia, lhes diſſe: que elle não queria naquelle negocio mayor honra, q̃ ſaber o Turco tomar elle hũa fortaleza aos Portugueſes: que ás peſſoas de todos os que dentro eſtauaõ, lhes ſeguraua as vidas, & liberdades pera que ſe podeſſem ir pera onde quiſeſſem. Niſto ſe eſprayou tanto que aceitou Ioão de Lixboa os partidos, & o Baxà lhe paſſou hũ largo ſaluo conduto em nome do Turco, com q̃ Ioão de Lixboa mandou dizer a todos os que eſtauão no forte que ſe foſſom logo pera elle como fizeraõ. E como o Baxà os teue comſigo, quebrandolhes a palaura (como todos os Turcos fazem) os meteo a todos a banco nas Galèes: & mãdou embarcar a artelharia do forte, & toda a fazenda que dentro tinhaõ recolhida, que era muita. Feito iſto ſe embarcou, deixando o forte vazio.

As peſſoas principaes que ali foraõ catiuos com Ioão de Lixboa, foraõ Andre & Diogo Feyo, ambos irmãos naturaes da ilha da Madeira, que depois forão caſados & cidadaõs de Goa. Baſtiaõ Criado d'Abreu, que depois foi capitaõ de Tarapor, & Maym, Manoel Caſtelaõ, Antonio Lopez de Oliueira, Diogo Luis, Manoel Diaz, Antonio Pinto, & outros caſados, & caualeiros nobres & honrados.

## CAPITVLO III.

### *De como a armada dos Turcos chegou a Ormuz: & do cerco que poſeraõ â fortaleza & do que aconteceo em todo o diſcurſo delle.*

PARTIDO o Baxa Pirbec de Maſcate, em poucos dias foi ter a Ormuz, & apareceo a armada hũ dia de grande ſerração, & foi demandar da outra banda de Chaurú, a onde pòs logo toda a gente em terra. O capitaõ dom Aluaro de Noronha, poſto que andaua doente de quartans, ſayo fora da fortaleza com ſeiſcentos homens, deixando os mais em guarda della, & poſto em muito boa ordem foi eſperar os Turcos no campo, & chegou a te a cruz de fora da cidade, donde mãdou eſpiar os imigos, & ſoube eſtarem todos poſtos em terra. E tomando parecer ſobre o que faria, aſſentaraõ que ſe recolheſſem pera a fortaleza, a te verem o que determinauão os imigos, como logo fizerão. Dom Aluaro de Noronha todo aquelle

dia

dia & noite passou cõ grãdes vigias sobre os Turcos, & proueo nas naos que estauaõ no porto, q̃ eraõ coréta, por q̃ lhas naõ tomassẽ: & cõ muita breuidade as mãdou despejar, & atraçar á fortaleza debaixo do baluarte as mais dellas desemmasteadas, & a nao Caranja do reino q̃ era muito grãde mãdou q̃ á chegassem tudo o q̃ podessem, como os officiaes fizeraõ, lançãdo lhe por baixo do leme grossos viradores, & amarrados á fortaleza, porq̃ a naõ podessẽ leuar, & dẽtro nella mãdou Ayres Moniz Barreto (q̃ era seu capitaõ) meter o seu Mestre (q̃ era o Rachachona) affamado em seu officio, & com elle todos os Grumetes, & o Cõdestabre com os bombardeiros, pera terem a artelharia sempre preparada.

Dõ Aluaro de Noronha depois de prouer nas naos, o fez tambẽ na defensaõ da fortaleza, por esta maneira. No baluarte santo Andre pós por capitaõ dõ Frãcisco d'Almeida, filho de dõ Pedro d'Almeida d'Euora, & lhe deu duzentos & coréta homẽs. No baluarte Sãctiago, q̃ cae sobre o jogo da bola, pós Gõçalo Guedes de Reboredo, caualeiro muito esforçado cõ cẽto & trinta soldados. O baluarte da varanda tomou o capitaõ pera si cõ cẽ homens de sua obrigaçaõ. E no muro q̃ corre deste baluarte pera o de santo Andre, pós Ayres Moniz Barreto cõ cincoenta homẽs. E no outro pano q̃ corre pera o de Sanctiago, pós Manoel de Sousa d'alcunha, o fino macho, irmaõ de Fernaõ de Sousa de Castello brãco cõ trinta homens. Da banda do mar pós Antonio Correa, caualeiro hõrado, casado, rico (q̃ casou sua filha com dom Antonio de Noronha, q̃ depois foi capitaõ de Cochim, em quẽ muitas vezes auemos de falar) & lhe deu sessenta homens. No baluarte do meyo estaua o Alcaide mór, q̃ era vm foaõ homẽ da obrigaçaõ do Cõde de Vimioso, cõ coréta homẽs. No meyo da torre da menagẽ sobre os almazẽs, estaua Elrey cõ sua molher & filhos, & o Guazil & Miraberús, justiça mór do reino cõ suas familias. A outra soldadesca q̃ naõ coube nas estancias ficou de fora com alguns sobre roldas, q̃ o capitaõ ordenou pera acodirẽ a onde fosse necessario. O Pirbec dormio aq̃lla noite em terra, & ao outro dia mandou desembarcar a artelharia cõ q̃ determinaua bater a fortaleza: & aquella foi marchando ate se pór á vista della: assentãdo o exercito naquella parte a onde esteue a alfãdega velha, & se começou logo a fortificar cõ muita madeira q̃ acharaõ na cidade, pedra, & terra, q̃ tudo acharaõ á maõ. Ao outro dia plantaraõ seus bestiaẽs & trincheiras na forma seguinte.

Na ponta da alfãdega velha poseraõ vm bestiaõ cõ trespeças grossas, de corenta arrates de pilouro de ferro coado. Desta estan-

cia corria hũa tranqueira forte, atraueſſando o terreiro da fortaleza:& defrõte das caſas do capitaõ fizeraõ outro beſtiaõ, em ꝙ poſeraõ outras cinco peças groſſas,hũas de pilouro de ferro,outros de pedra. D'aqui foi corrẽdo a trãqueira a te a frontaria da fortaleza,em ꝙ fizeraõ vm angulo mũy forte, por cauſa da bataria, & d'ali foi correndo a tranqueira a te o mar, cõ tres beſtiaens mais, com cinco peças groſſas cada vm, ficando a frontaria da fortaleza cercada de mar a mar: & em cima dos terrados das caſas d'Elrey, ſe poſeraõ duas peças groſſas, por ꝙ ſe deſcobria d'ahi a fortaleza toda mũy bẽ. Plãtadas eſtas eſtãcias na forma ꝙ diſſemos,começaraõ os Turcos a bater a fortaleza de todas as partes,cõ muita furia & braueza, & cõ a meſma lhe reſpõderaõ della:& como os muros eraõ de gueche, os pilouros de pedra das peças groſſas, ficauaõ metidos no muro, & encaixados de maneira (meyos dẽtro,& meyos fora) que ainda que os poſeraõ de induſtria, naõ ſe fizera a mór cõpaſſo, & ali ficauaõ,a onde a te oje eſtaõ.

O capitaõ deſejou de auiſar o Viſorrey,& mãdou negociar hũa Fuſta ꝙ eſtaua varada ao pé da fortaleza,& deſpidio nella Pero Fernãdez de Carualho,que á noite dos coatro dias do cerco ſe afaſtou da fortaleza, & ſe foi a remo, a te ſe pór da outra bãda do Magoſtaõ: & d'ali foi corrẽdo a coſta a te o cabo de Iaſques,dõde tomou o caminho ordinario.E porque eſta Fuſta poderia correr algũ perigo,d'ahi a outros dous dias deſpidio outra, em ꝙ mãdou vm morador de Ormuz chamado Coſmo Aluarez, ꝙ tomou a meſma derrota. Os Turcos foraõ cõtinuãdo ſua bataria,ſẽ fazerẽ dano algũ á fortaleza, recebẽdo elles della muitos: porque o Cõdeſtabre, ꝙ era natural de Nauarra era taõ grãde official,ꝙ muitas vezes lhe metia os pilouros pellas bocas das ſuas bõbardas, cõ ꝙ lhas fazia arrebẽtar, & muitas lhes mataraõ muita gẽte,& lhes desfez os beſtiaens, ꝙ elles logo reformaraõ,mas cõ muito trabalho.Os ſoldados Portugueſes ꝙ na India ſaõ muito ſoltos & afoutos,enfadados de eſtarẽ encurralados, bradauaõ publicamẽte por batalha,requerẽdo ao capitaõ ꝙ lhes mãdaſſe abrir as portas,ꝙ elles queriaõ ir ganhar as eſtancias dos imigos, & tomarlhes toda ſua artelharia.O capitaõ os moderou cõ muita brandura, affirmandolhes ꝙ como foſſe tempo o faria, mas ꝙ por entaõ naõ lhes conuinha,porꝙ naõ tinha informaçaõ algũa da copia dos imigos: porꝙ ſe auiaõ de julgar pello numero das Galés,o menos auiaõ de ſer,mais de tres mil homẽs,ꝙ ſe quietaſſem, por que trataua de ver ſe podia auer algũa eſpia ás maõs,& ꝙ como ſe certificaſſe da verdade, elle lhes faria a todos

a von-

a võtade. Disto se naõ satisfizeraõ os soldados, & andauaõ quasi como amotinados, & ainda os azedauaõ mais os Turcos, por q̃ tanto q̃ se acabaua a bataria, de noite lhe diziaõ do arrayal muitas cousas q̃ lhes soauaõ mal, chamãdolhes cocorins, q̃ quer dizer galinhas, & q̃ naõ prestauaõ pera cousa algũa, q̃ estauaõ em expoeirados, cõ outras cousas a este som: mas os soldados se desempulhauaõ, dizendolhes, q̃ falauaõ elles, por que o seu capitaõ lhes naõ daua licença pera os irem lá buscar, por que se lha a elles deraõ ouueraõ de achar lioens & naõ galinhas: mas que tempo viria em que lho mostrariaõ. Cõ isto, & por esta causa murmurauaõ do capitaõ publicamẽte, mas dom Aluaro de Noronha: como aq̃lla fortaleza era a mais importãte de todas as da India, por q̃ com ella tinhaõ os Reys de Portugal posto vm grande freyo á insolencia do Turco, queriase segurar, por q̃ naõ tinha certeza do q̃ ya no exercito. E como andaua de coartans, intristeciaõno aquellas cousas, & malenconizauaõno mais.

Gõçalo Guedes de Reboredo capitaõ do baluarte Sanctiago, vẽdo quãto o capitaõ desejaua auer ás maõs hũa espia, se lhe offereceo pera lha ir tomar, & elle lhe aceitou o offerecimento, & mandou fazer prestes pera de noite com cẽ homens. Pera esta saida se lhe offereceraõ todos os fidalgos & caualeiros hõrados que na fortaleza auia, a q̃ o capitaõ naõ quis dar licença. Prestes todos no coarto da modorra, estando ja o postigo da fortaleza aberto pera sairem pera fora: ou que receasse dom Aluaro de Noronha algum desastre, ou q̃ sospeitasse q̃ eraõ sintidos, tornou a mandar recolher Gonçalo Guedez, do que todos os que com elle yaõ ficaraõ muito tristes.

A bataria se foi continuando, mas vẽdo Pirbec o pouco dano q̃ fazia a fortaleza, determinou de se leuantar, & primeiro que o fizesse virou a artelharia pera as naos, & todo vm dia as bateo, descarregãdo nellas aquella tempestade & trouoada de pilouros, de que os mais embaçaraõ na nao do reino, que lhes ficaua mais em bateria, mas della tambem o visitaraõ com hũa fermosa salua, com que lhe mataraõ alguns, trabalhando o seu Mestre com todos os marinheiros muito bem, por que com muita presteza acodiraõ a tapar alguns rombos que lhe fizeraõ.

## CAPITVLO IIII.

*De como os Turcos aleuantaraõ o cerco: & dos recados q̃ passaraõ antre Pirbec & o capitaõ: & de como os imigos xaquearaõ a ilha de Queixome.*

AO outro dia depois que iſto paſſou, mãdou Pirbec embarcar a artelharia, & aquella noite q̃ ſe auia de recolher chegou á fala cõ os da fortaleza vm Ioaõ Balieiro bõbardeiro de Maſcate q̃ tambẽ foi catiuo, & diſſe q̃ diſſeſſem ao capitaõ, q̃ bẽ podia mandar reſgatar toda a gente de Maſcate, q̃ ali eſtaua catiua, por q̃ Pirbec lhe queria fazer eſſe ſeruiço, dizendolhe a voltas diſto muitos louuores do Baxá, engrãdecẽdoo muito cõ palauras, q̃ lhe faziaõ dizer. O capitaõ entaõ ſoube o ſuceſſo de Maſcate, porq̃ ate entaõ naõ tiuera nouas algũas, do q̃ ficou muito triſte. E por q̃ naõ ſabia o q̃ era paſſado naquelle negocio, nem o modo de como catiuaraõ os de Maſcate, naõ quis q̃ ſe reſpõdeſſe couſa algũa ao Balieiro. Vẽdo o Baxá q̃ lhe naõ falauaõ a propoſito mãdou ſaluar a fortaleza pera ſe embarcar, & della lhe reſpõderaõ com outra tamanha q̃ eſpantou aos imigos, por q̃ durou mais de duas horas ſem ceſſar: por q̃ nunca os Turcos cuidaraõ q̃ dentro naquella fortaleza auia tanto cabedal: & logo ſe começaraõ a embarcar, auendo vinte dias que tinhaõ cercados os noſſos, & ao recolher ſe meteraõ pella cidade a roubar com tamanha deſordem, que quaeſquer trezentos homens que nelles deraõ os desbarataraõ de todo.

Depois dos Turcos deſtruirem & arrazarem a cidade ſe embarcaraõ, & ſe afaſtaraõ de largo. D'ali deſpidio o Pirbec hũa bateira de hũa Galé que chegou perto da fortaleza, & capeou com hũa bandeira branca, & chegados á fala com os do baluarte de ſobre o jogo da bola, diſſeraõ della, que traziaõ vm recado do Baxá pera o capitaõ: elle lhe mandou abrir, & deſembarcou vm Comitre Italiano, & com elle Bertolameu Rodriguez de Moraes, & Apolinario Mendez, & a molher de Ioaõ de Lixboa, & o ſoldado, & o bombardeiro da Fuſta de Simaõ da Coſta (como diſſemos que ficaraõ depẽdurados nos remos da Galé do filho de Pirbec) & leuados todos ao capitaõ lhe diſſe o Comitre, que o Baxá lhe fazia ſeruiço d'aquelles homens & molher, & de vm rico arco & coldre que leuaua na maõ: & que ſe quiſeſſe reſgatar toda a gente de Maſcate, que elle eſperaria por iſſo. O capitaõ depois que ouuio o Comitre o mãdou meter no tronco, cõ todas as peſſoas q̃ cõ elle vinhaõ, a te os marinheiros da barquinha, & ali os teue dous dias: ao terceiro os mandou leuar diãte de ſi, & os veſtio de eſcarlata a todos, & diſſe ao Comitre, que tornaſſe a leuar a molher de Ioaõ de Lixboa, & Bertolameu Rodriguez de Moraes, & Apolinario Mẽdez, & que diſſeſſe ao Baxá, que elle naõ reſgataua homens Portugueſes

gueſes taõ fracos,que aſsi ſe entregaraõ ſem primeiro ſerem eſpedaçados, & que aquella molher a tornaſſem a entregar a ſeu marido,porque a te nella queria executar a culpa delle. E que o ſoldado & bõbardeiro da Fuſta de Simaõ da Coſta tomaua, por que naõ tinhaõ culpa, por cujo reſgate lhe mandaua aquellas peças, dãdolhe logo vm fermoſo bacio & jarro de prata dourados de beſtiaẽs, & cõ iſſo tambem vm rico arcabuz, & hũa fermoſa eſpada & rodela, & q̃ diſſeſſe ao Baxá que aquelles eraõ os preſentes com que os capitaẽs d'Elrey de Portugal agaſalhauaõ os vaſſalos do Turco. Com iſto os mandou embarcar, ſem lhe dar couſa algũa dos prantos & lagrimas d'aquella pobre molher, & dos dous velhos.

Chegados á Galé,& dado o recado ao Baxá,mandou tanto que foi noite lançar na ilha pello meſmo Comitre,a molher de Ioaõ de Lixboa,& os dous velhos: & leuãdoſſe prepaſſou por hũa nao de vm Portuguez que ficou da outra banda deſpejada,& dandolhe toa a leuou comſigo,& ſe paſſou á ilha de Queixome: por que foi auiſado que todo o recheyo da cidade de Ormuz eſtaua nella. E deſembarcando ſem reſiſtencia algũa, a entrou & ſaqueou: & encheo ás Galés de riquezas, por que auia nella mais de trinta mercadores, de corenta,trinta,& vinte mil cruzados, em que entraua vm Iudeu Eſpanhol,chamado Salamaõ,que tinha de ſeu oitenta mil cruzados em ouro, perolas, pedraria, & outras fazendas,que tudo lhe tomaraõ,& o catiuaraõ com ſua molher & familia. E da gente q̃ eſtaua na ilha,que eraõ perto de vinte mil peſſoas, catiuaraõ os Turcos as que quiſeraõ, fazendo grandes cruezas & deſumanidades.

Eſtá eſta ilha de Queixome afaſtada da de Ormuz pera a coſta de Arabia duas legoas,ſerá de trinta de comprido, & de duas, & em partes de tres de largo: começa em vm lugar chamado Laphta, & acaba em outro que ſe chama Cirimiaõ, que he a ponta mais de dentro. Os Turcos andaraõ nella muitos dias,por que a correraõ toda,& depois de fartos & cheyos ſe embarcaraõ, & ſe foraõ pera Baçorá. A molher de Ioaõ de Lixboa,& os dous velhos foraõ ter á fortaleza. O capitaõ tinha mandado alguns terranquins ligeiros a vigiar os Turcos, & trazendolhe nouas que ja eraõ recolhidos pera Baçorá,ſe foi Elrey,& o Guazil pera a cidade, que acharaõ deſtroida & aſſolada, & logo começou a correr á gente que eſtaua da outra banda, & ſe tornou a pouoar & reformar.

## CAPITVLO V.

*Do recado que chegou a Goa das Galês: & de como dom Diogo de Noronha o Corcôs, & dõ Antonio de Noronha partiraõ pera Ormuz em duas Fustas: & de como o Visorrey dom Afonso de Noronha se preparou pera ir em pessoa a socorro: & da fala que fez na camara de Goa, pedindolhes ajuda & emprestimo.*

ESTEVAM Gomez feitor de Calayate, que atras deixamos partido pera Goa em o Tarranquim, foi atrauessando aquelle grande golfo atè auer vista da terra de Baçaim: & entrando dentro deu recado á cidade: & depois de tomar agoa & mantimentos partio pera Goa. Causou em Baçaim grã de aluoroço a noua dos Turcos,& se começaraõ a fazer algũas pessoas prestes pera irem de socorro a Ormuz, & primeiro que todos foi Antonio de Sá o Rume (vm fidalgo em que muitas vezes temos falado nestas nossas decadas) este se embarcou em vm Catur ligeiro com vinte soldados, & ao outro dia se fez á vela,ferrolhando no mar todos os marinheiros em cadeas que logo pera isso leuou em segredo: por que determinaua de passar por antre as Gales dos Rumes,& naõ queria que cõ o medo se lançassem ao mar.E tãta pressa se deu no caminho q̃ em vinte dias foi tomar Ormuz, andando ainda os Turcos na ilha de Queixome,& o capitaõ o recebeo com muitas honras. Esteuaõ Gomez chegou a Goa por fim d'Agosto,cousa que foi espantosa aos homens,em hũa taõ pequena embarcaçaõ atrauessar em tẽpo taõ forte vm taõ grande & perigoso golfaõ.

Chegado este homem a Goa se foi ver com o Visorrey,& lhe deu as nouas da armada dos Turcos, & de quantas Galés eraõ,por que as contou elle muito deuagar. O Visorrey posto que lhe causou aquillo algũa alteraçaõ,todauia logo determinou de acodir aquelle negocio em pessoa : & mandou chamar os fidalgos & capitaens do conselho a quem deu conta do q̃ passaua, & lhes declarou que sua tençaõ era embarcarse logo, pedindolhes que se fizessem prestes pera o acompanharem . Todos lho louuaraõ muito, & se lhes offereceraõ com muito gosto.

Saydos d'ali, logo dom Diogo de Noronha o Corcós, & seu primo dom Antonio de Noronha irmaõ de dom Aluaro de Noronha capitaõ de Ormuz, foraõ tomar cada vm seu nauio de remo, & ajun-

& ajuntando parentes & amigos, embarcandose cada vm com cincoenta soldados,& ao outro dia se fizeraõ á vela pera Ormuz, & foraõ seguindo seu caminho em q̃ os deixaremos a te tornar a elles.

As nouas se espalharaõ logo pella cidade,aque acodiraõ todos, velhos & moços a se offerecerem ao Visorrey, sendo dos primeiros os cidadaõs,que sempre nas semelhantes necessidades seruiraõ Elrey com as fazendas & pessoas. O Visorrey se foi á ribeira das armadas,& com muita pressa mandou preparar os Galeoens, Carauelas, Galés,& Fustas: & como na ribeira auia ainda mais de quinhentos homens do mar,repartindosse por todas as embarcaçoens, as foraõ preparando sem confusaõ, nem estoruo de vns & outros, pella boa ordem q̃ naquelle negocio ouue.

A primeira cousa que o Visorrey fez,foi despidir dous nauios ligeiros, vm pera ir pellas fortalezas do Norte, com cartas ás cidades,& a pessoas particulares,em q̃ lhes apresentaua a necessidade presente,pedindolhes ajuda de gente & nauios. O outro nauio, de q̃ era capitaõ Fernaõ Farto, bom caualeiro, & grande homem do mar, pera ir a Ormuz com cartas pera o capitaõ, em que lhe affirmaua ficar no mar pera o ir socorrer, & que a pos este chegaria. O Visorrey ficou dando pressa ás cousas, mandando ajuntar mantimentos, & ordenar moniçoẽs, & todas as mais cousas necessarias pera a jornada. E porque o Estado estaua falto de dinheiro se quis valer da cidade,como sempre os Gouernadores & Visorreys fizeraõ: & estãdo os Vereadores em camara se foi a ella,acompanhado dos capitaens & fidalgos velhos, & assentado em seu lugar lhes fez esta fala.

A natureza vniuersal mãy de todas as cousas tem posto os homens em tanta obrigaçaõ,que por ella,& pella conseruar, muitas vezes se offereceraõ a grandes perigos,& acabaraõ cousas que quasi pareciaõ impossiueis pera se poderem cometer. E ainda por esta rezaõ chamamos geralmente á terra onde nacemos nossa natureza,por que parece q̃ ali nos obrigou a ser mais inclinados,com particular affeiçaõ: & da criaçaõ que nella recebemos, vem muitas vezes alcançarmos saude em nossas infirmidades, por proprio beneficio da natureza:mas eu verdadeiramente tenho por muito certo, ser a propria natureza dos Portugueses,mostrarem sua opiniaõ, & lealdade no seruiço do seu Rey & Senhor: como muitas vezes se vio por experiencia dos mũy grandes feitos que nos reinos de Portugal, & nas partes de Africa, & nestas da India, cõ muito valor & esforço fizeraõ, & acabaraõ, auendo muitas & mũy assinaladas vitorias

com muito menos gente, & desigual poder dos imigos. E por isso praticando os Castelhanos no dano que receberaõ na batalha real, com grande espãto, pella desigual dade dos poderes & gente: disse Elrey de Castella que naõ se espãtassem, que impossiuel era desbaratarse vm pay de dez mil filhos: que tal era Elrey de Portugal dos Portugueses, & elles do seu Rey. E que Elrey meu senhor mais propriamẽte tenha este nome de pay de seus vassalos, claro parece pellas muitas honras, & grandes merces que continuamente delle recebemos, & pello amor, & boa võtade com que nos trata. E por esta rezaõ, pella confiança que sey que elle tem de vós, & eu em seu nome sempre depois q̃ a esta terra vim, tenho por mũy certo que todos estaes alegres, & vfanos, de em nosso tempo socederem cousas, em q̃ fazendo grandes & asinalados seruiços a Deos, & a S. A. possais mostrar o amor, & lealdade, a q̃ vossa natureza vos inclina, & traz obrigados: & que na India sejaõ feitos muitos seruiços de grande qualidade & merecimento, nenhum se pode igualar a este, pella qualidade do negocio, & da parte, em que espero em nosso Senhor se faça. Por que Diu, & outras fortalezas podemse chamar membros particulares da India: mas Ormuz (a que he necessario socorrer, por estar em perigo, segundo tenho sabido, & com armada de Turcos sobre elle) he corpo de que todos os membros recebem sustancia, & se sostem: por que alem da renda que S. A. nelle tem, a mór parte da desta cidade della lhe vem: nẽ a India se podera sustentar sem a contrataçaõ de Ormuz.

Donde se infere que o Estado da India todo pende da defensaõ & segurança d'aquella fortaleza: & por os Turcos terem sabido por experiencia, naõ poderem por outra parte fazer dano na India (pello muito que receberaõ quando a ella vieraõ) determinaõ por todas suas forças na tomada, & destruiçaõ de Ormuz, a que com grande presteza, & muito poder he necessario acodir, & socorrer. E pois esta cidade & os moradores della taõ bem tem seruido, & mostrado sua lealdade, em todos os perigos & necessidades passadas: nesta q̃ he mũy differente, & de muito mayor qualidade & obrigaçaõ: naõ se espera que o façaõ menos, nem com menos vontade, & mais tendome por vosso capitaõ, q̃ taõ obrigado sou, asi por mim, como pellos de que descendo, a morrer pello seruiço de meu Rey & senhor: & principalmente pello de S. A. de quem tantas honras & merces tenho recebido: o que asi mesmo farey por seus vassalos, & particularmente pellos desta cidade, pella vontade & amor q̃ delles tenho conhecido.

Pello

Pello que alem de vos notificar as nouas que tenho (que he como digo eſtarem os Turcos ſobre Ormuz com groſſa armada, & os perigos que diſſo podem recrecer) vos peço que pera ſeu ſocorro me queiraes ajudar com empreſtar a S. A. cincoenta mil pardaos pera me fazer preſtes, & os repartais antre todos de maneira que ſe poſſaõ auer ſem eſcandalo:& cada vm folgue de em preſtar aquilo que boamente lhe couber a ſua parte, pois he pera tanto ſeruiço de Deos, & de ſua Alteza,& pera ſegurança deſta terra,& de voſſas molheres & filhos: pera o que eſpero que vos naõ falte o fauor & ajuda de noſſo Senhor em que todos crémos & deuemos confiar, que nos dará vitoria pera gloria & louuor de ſeu ſanto nome. E o dinheiro vos ſerá tornado por Diogo Soarez cõtratador das terras firmes, que diſſo fará obrigaçaõ, & nos quarteis deſte anno de ſeu arrendamento, que hora entra, volos irá pagando, & eu darei pera iſſo as prouiſoens que vos forem neceſſarias,pera que com effeito ſejaes pagos. Alem diſſo o ſabera S. A. por minhas cartas, pera que com honras & merces vos ſatisfaça, & eu em ſeu nome ficarei na meſma obrigaçaõ pera ſempre.

Acabada a fala aleuantouſe o Vereador mais velho,& em nome de todos lhe reſpondeo: que bem viaõ quaõ neceſſario era acodirſe áquella neceſsidade,porque a fortaleza de Ormuz era a chaue de toda a India, & cabeça d'aquelle comercio da Perſia, & Arabia, titulo de que os Reys de Portugal tanto ſe jactauaõ,que toda a cidade em geral, & cada vm dos ſeus cidadaõs por ſi eſtauaõ muito preſtes pera ſeruirem o ſeu Rey com ſuas peſſoas, fazendas, nauios, Fuſtas, dinheiro, & com tudo o mais que podeſſem: por que poſto que em todas as neceſsidades paſſadas ſempre aſsi o fizeraõ, que na preſente,que era ſobre todas, & mais em negocio de Turcos,imigos do nome Chriſtaõ, naõ auia quem ſe podeſſe eſcuſar, antes agora cõ dobradas forças, & deſejos ſe offereciaõ com tudo o que a fortuna lhes deu, & que eſtauaõ pezaroſos de naõ ſer a poſſe conforme aos deſejos que todos tinhaõ. O Viſorrey lhe deu os agardecimẽtos, aſsi da parte d'Elrey,como da ſua.Os Vereadores começaraõ logo a tirar pello pouo, & naõ ſem algũa deſordem,& ajuntaraõ vinte mil pardaos, que leuaraõ ao Viſorrey, com que ſe começou a negociar & lançar a armada ao mar.

(∴)

CAPI-

## CAPITVLO VII.

*Da armada que este anno de cincoenta & dous partio do reino, de que era capitaõ mór Fernaõ Soarez d'Albergaria: & de como o Visorrey dom Afonso de Noronha se embarcou pera Ormuz, & das nouas que no caminho teue das Galês serem recolhidas: & de como despidio dõ Antaõ de Noronha cõ hũa grossa armada pera aquella fortaleza: & de como mandou Francisco Barreto com poderes de Gouernador a Cochim, a fazer a carga das naos do reino.*

ANDANDO o Visorrey dando pressa a sua embarcaçaõ, sendo oito de Setẽbro, chegaraõ á barra de Goa tres naos, de seis que este Abril passado de cincoẽta & dous tinhaõ partido do reino, de que era capitaõ mór Fernaõ Soarez d'Albergaria, que vinha na nao saõ Boauentura. Os outros capitaens que com elle chegaraõ, foraõ, Francisco da Cunha, na nao saõ Pedro. Bras da Sylua de Sanctarem em saõ Felipe. As tres naos que faltauaõ, eraõ a Barrileira, de que era capitaõ dõ Iorge de Meneses Baroche: & Sanctiago em q̃ vinha Antonio Diaz de Figueiredo, que ambos ficaraõ inuernando em Moçambique. Da outra nao, que era o Zambuco, vinha por capitaõ Antonio Moniz Barreto, despachado com a fortaleza de Baçaim, & vindo demandar a costa da India, foi varar no rio de Seitapór, trinta legoas de Goa, & a gẽte toda se saluou em terra, com a mór parte da fazenda. Estas naos trouxeraõ nouas, como o Principe dom Ioaõ ficaua casado com a Princesa dona Ioana filha do Emperador Carlos Quinto, que era sua prima com irmã, sendo elle de idade de desasseis annos. Estas nouas festejou o Visorrey muito.

Com a chegada destas naos se começou o Visorrey a embarcar, dando despacho a muitos negocios, por que ya arriscado a naõ poder tornar se naõ em Março. E por que lhe tinhaõ chegado nouas da morte de dom Ioaõ Anriquez capitaõ de Ceilaõ, despachou pera aquella fortaleza dom Duarte Deça, & assi o fez tambẽ ás naos de Malaca, em que mandou o Licenciado Francisco Aluarez pera ir tomar residencia a dom Pedro da Sylua da Gama, & pera fazer outras cousas q̃ conuinhaõ ao seruiço d'Elrey.

Nestas naos se embarcou o padre Mestre Francisco da cõpanhia de IESV, que ya pera passar á prouincia

uincia de China, a cujo Rey leuaua vm rico preſente que Elrey de Portugal lhe mandaua, pera por meyo delle ver ſe ſe podia dilatar naquella grande regiaõ a fé de Chriſto, & aquelle anno lhe tinhaõ vindo breues que o Summo Pontifice lhe mandaua de Nuncio Apoſtolico da India.

Deſpachadas eſtas couſas ſe embarcou o Viſorrey no fim de Outubro, & deu á vela com hũa armada de mais de oitenta nauios, em que auia mais de trinta groſſos. Os fidalgos & capitaens que neſta jornada o acõpanharaõ ſaõ os ſeguintes. Dom Fernando de Meneſes filho do Viſorrey, dom Antaõ de Noronha ſeu ſobrinho, dom Diogo de Souſa, Gonçalo Pereira Marramaque, dom Ioaõ d'Almeida, Aluaro de Mendoça, Pero Botelho, Heitor de Mello Pereira, dom Martinho da Cunha: & dom Lopo da Cunha ambos irmaõs de dom Pedro da Cunha capitaõ môr das Galés do reino, Pero de Tayde Inferno, Fernaõ de Caſtanhoſo fidalgo Caſtelhano, caualeiro da ordem de Sanctiago, Diogo Aluarez Tellez, Baſtiaõ de Sá, Afonſo Pereira de Lacerda, Miguel Rodriguez Coutinho, d'alcunha fios ſecos, Franciſco de Mello Pereira, Iorge de Mendoça, Antonio Moniz Barreto, Martim Afonſo de Miranda, Pero Barreto Rolim, Antonio Peſſoa, Vaſco da Cunha, Antonio de Souſa Coutinho o coxo, dom Pedro de Souſa, Ioaõ Fernandez de Vaſconcellos, dom Felipe de Craſto, & outros muitos fidalgos & caualeiros que logo adiante nomearemos.

Dada a vela foraõ ſua derrota com ventos Leuantes proſperos, & em poucos dias foraõ tomar Diu. Ali achou o Viſorrey vm nauio ligeiro que vinha de Ormuz com cartas de dõ Aluaro de Noronha, em que lhe fazia a ſaber ſerem as Galés recolhidas pera Baçorá, & lhe daua muito miuda cõta de todas as couſas acontecidas, aſsi em Maſcate, como em Ormuz. O Viſorrey ſintio muito o negocio de Maſcate. Logo ſe eſpalharaõ as nouas das Galés ſerem idas, o que todos ſintiraõ muito: por que yaõ aluoroçados pera prouarem a maõ com elles. O Viſorrey mandou chamar os capitaens velhos, & lhes moſtrou a carta, & pós em conſelho o que faria naquelle negocio. Viſto por todos aquellas couſas aſſentaraõ, q̃ pois os Turcos eraõ recolhidos, q̃ mandaſſe hũa boa armada pera andar no eſtreito de Ormuz, & pera no inuerno ſe recolher áquella fortaleza, pella ſegurar, & que o Viſorrey ſe tornaſſe pera Goa.

Com eſta reſoluçaõ deſpidio o Viſorrey logo ſeu ſobrinho dom Antaõ de Noronha, com doze nauios groſſos, & vinte ligeiros. Dos grandes eraõ capitaens (a fora dõ

Antaõ de Noronha q̃ ya no Galeaõ ſaõ Lourenço) Gonçalo Pereira Marramaque no Galeaõ Camorim, Fernaõ de Caſtanhoſo em ſaõ Pedro, Belchior Botelho no de ſaõ Thome, dom Ioaõ d'Almeida no de ſanta Cruz, Franciſco da Coſta, Aluaro de Mendoça, Pero Botelho, dom Manoel Maſcarenhas, Luis Aluarez da Cunha, Diogo de Mello da Cunha, & dom Ieronymo de Caſtello branco em Carauelas. Nas Fuſtas yaõ dõ Diogo de Tayde, Iorge Pereira Coutinho, Diogo de Mendoça, Ioaõ de Mello de Brito, Duarte Paym de Mello, Vicente de França, Gil de Goes, Ioaõ Aluarez Pereira, Ioaõ de Siqueira, Gomez Ferreira, & Pero Ferreira ſeu irmaõ, Vicente de Souſa, Antonio de Betancor, Diogo Pereira, Gonçalo de Moraes de Souſa, Ioaõ Serraõ, Martim Barbudo, Ruy Lopez, Antaõ de Seixas, Ruy Fernãdez, & outros. O Viſorrey deu por regimento a dom Antaõ, que andaſſe no eſtreito a te Abril, & que ſe recolheſſe a Ormuz, & que tomaſſe entrega da fortaleza, por que acabaua dom Aluaro de Noronha ſeu tempo, & que entregaſſe a armada a dõ Diogo de Noronha que la eſtaua, pera andar nella a te Outubro, & que ſe recolheſſe a Goa.

Deſpidida eſta armada voltou o Viſorrey pera Baçaim, a onde lhe chegaraõ nouas de Cochim, q̃ os Reys de Diamper, & Pimenta continuauaõ na guerra cõtra o de Cochim, & que deixaua de correr a pimenta pera as naos.

Vendo o Viſorrey quaõ neceſſario era acodir áquellas couſas, elegeo a Franciſco Barreto, q̃ acabara de ſer capitaõ de Baçaim (a quem ſocedeo Franciſco de Sá de Meneſes, dos ocolos, & lhe deu todos os ſeus poderes, aſsi na juſtiça, como na fazenda, com titulo de Gouernador, pera em quanto eſtiueſſe em Cochim correndo cõ a carga das naos. Franciſco Barreto ſe partio logo, & leuou vinte nauios ligeiros, & de ſua jornada adiante daremos rezaõ. Eſta eleiçaõ foi muito eſtranhada d'alguns fidalgos, que falaraõ nella em publico, principalmente dom Diogo d'Almeida, filho do Contador mór, & Franciſco de Sá, dos oculos: & outros que cuidauaõ merecer milhor aquelle lugar. O Viſorrey ficou em Baçaim, dando deſpacho a muitas couſas, & eſperando pellas ſegundas nouas de Ormuz. E auendo perto de vm mes que ali eſtaua, vieraõ nouas de Pero Lopez de Souſa capitaõ de Diu que era falecido, que o Viſorrey tinha deixado enfermo, & por naõ auer prouidos cometeo o Viſorrey cõ ella a dom Diogo d'Almeida, que a aceitou dizendo, que agora que o ſeruiço d'Elrey tinha delle neceſsidade, aceitaua a ſeruintia da fortaleza, de que elle enjeitara ſeis annos, por que ſoubeſſe

Elrey

Elrey q̃ o naõ fazia por cobiçoſo: que bem ſe via, que ya a ſeruir, & naõ a fazer proueito.

## CAPITVLO VII.

### *De como Diogo de Mello capitaõ de Ceilaõ, prendeo Tribuly Pandar pay d'Elrey: & das couſas que neſte tempo aconteceraõ em Malaca, no principio da capitania de dom Aluaro de Tayde.*

SOCEDERAM tantas couſas juntas neſte meſmo tẽpo, que naõ foi poſsiuel poder continuar cõ ellas por ſua ordem, por q̃ as mais importãtes & ſuſtãciaes lhes occuparaõ o lugar, & aſsi daremos a eſtas vm pequeno de vago, pera cõtinuarmos com as q̃ ſocederaõ na entrada deſte veraõ, aſsi em Ceilaõ, como em Malaca, & por iſſo continuaremos com ellas juntas, couſa de q̃ ſempre fugimos, por q̃ trabalhamos muito pellas ſeparar & cõtar per ſi, pera ſe acharem diuididas quando ſe buſcarem: Mas aqui naõ guardaremos agora eſta ordem, por q̃ he aſsi neceſſario. E continuando cõ as couſas de Ceilaõ, falecido dom Ioaõ Anriquez, depois de eſtarem concertado cõ Tribuly Pandar, & com Elrey ſeu filho pera irem contra o Madune, ſocedeo Diogo de Mello Coutinho (como atras fica dito no capitolo decimo nono, do liuro nono, deſta ſexta decada) que tanto que tomou poſſe da fortaleza, achando nas inſtruçoens que o Viſorrey deixou a dom Ioaõ Anriquez, que prendeſſe o Tribuly, tratou de o fazer ſem dar conta a peſſoa algũa. E vendoſſe com Elrey lhe pedio & requereo que mãdaſſe vir ſeu pay a Cota, por que tinha que falar com elles ambos couſas que cõpriaõ ao ſeruiço d'El rey de Portugal. Elrey auendo q̃ Diogo de Mello naõ boliria com elle, mandou chamar o pay, que veyo logo a Cota. Diogo de Mello tanto que ſoube ſer chegado, eſtando em Columbo ſe foi lá, & em caſa d'Elrey o prendeo, ſem Elrey bolir comſigo, & o leuou pera Columbo, & o meteo em hũa torre que ſeruia de guardar a poluora, & lhe lançou hũa forte adoba de ferro.

A molher de Tribuly mãy d'Elrey, tanto que vio o marido preſo ſolicitou a mór parte da gente da Cota, & ſe ſayo della, & ſe foi pera o lugar de Reigaõ, donde tratou de ſua ſoltura: & auendo tres dias q̃ iſto tinha ſocedido, chegou dom Duarte Deça que ya por capitaõ, & logo tomou poſſe de Columbo. Elrey ſe foi ver com elle, & lhe pedio que ſoltaſſe ſeu pay: o que elle naõ quis fazer, antes lhe eſtreitou a priſaõ: & aſsi o

o deixaremos ate ſeu tempo, por continuarmos com as couſas de Malaca.

O Abril paſſado, como fica dito no capitolo decimo nono do nono liuro, deixamos embarcado pera aquella fortaleza dom Aluaro de Tayde, por que nella ſocedia a ſeu irmaõ dom Pedro da Sylua, que tinha ainda vm anno por ſeruir, & quis dom Aluaro de Tayde anticiparſe tanto, & ir eſperar lá aquelle tempo, por ſe tirar das deſpezas de Goa: & o Viſorrey lhe paſſou prouiſoens de capitaõ mór do mar de Malaca, & de todas aquellas partes: & ſegundo nos parece, que o iſentou nas couſas da armada da jurdiçaõ de ſeu irmaõ.

Chegado elle áquella fortaleza foi bem recebido do irmaõ,& dos moradores, que logo no Iulho ſeguinte dia da Viſitaçaõ o elegeraõ por Prouedor da Miſericordia. E como dom Pedro da Sylua eſtaua mal quiſto de todos, & dom Aluaro de Tayde lhe ya ſoceder, começaraõ os moradores a continuar com elle, & grangealo. Tomado dom Pedro da Sylua diſto, & d'outras couſas que com iſſo ſocederaõ, quebron com o irmaõ, & chegaraõ a ſe deſordenarem, & a deſcomporem vm com o outro: & dom Pedro da Sylua clamaua & dizia, que ſeu irmaõ com capa de miſericordia lhe ya roubar a ſua fortaleza. Aſsi que eſtando na mór rotura que podia ſer, em fim de Outubro chegaraõ as naos da India em que ya o Licenciado Franciſco Aluarez tomar a reſidencia de dom Pedro da Sylua com que logo começou a correr.

O Padre Meſtre Franciſco da Companhia, eſtaua concertàdo côm Diogo Pereira, pera vir da Sunda a onde eſtaua ao tomar áquella cidade pera o leuar á China: Diogo Pereira como foi tempo veyo eſperar ſeu recado ao eſtreito de Sincápura, a onde o padre lhe eſcreueo que eſperaua por elle: com eſte recado ſe foi a Malaca, & ſorgio naquelle porto, & o padre começou a embarcar o ſeu fato pera ſe partirem. Dom Aluaro de Tayde, ou por que tiueſſe algum eſcandalo de Diogo Pereira, ou por que quiſeſſe dar os proueitos d'aquella viagem a vm homem de ſua obrigaçaõ, mãdoulhe dizer que naõ auia de ir na ſua nao aquella viagem, por que compria aſsi ao ſeruiço d'Elrey. Diogo Pireira como a nao era ſua,& viera ali ſó a tomar o padre Meſtre Franciſco alegou de ſeu direito, ſem lhe valer couſa algũa, nem lhe poder ſer bom o Licenceado Fráciſco Aluarez: por que aquellas couſas eraõ no mar, a onde dom Aluaro de Tayde tinha toda a jurdiçaõ. A iſto acodio o padre Meſtre Franciſco: & Bernaldim de Souſa,& outras peſ-

ſoas, mas todas naõ poderaõ acabar couſa algũa,ſem poderem tirar dom Aluaro de ſua teima: antes meteo na nao vm homem de ſua obrigaçaõ chamado Afonſo de Rojes, que foi na nao, & Diogo Pereira ficou em terra. Taõ eſcãdalizado ficou deſte negocio o padre Meſtre Franciſco, que ao embarcar no cais ſacodio os çapatos dizendo,q̃ nem o pó de taõ má terra queria leuar comſigo.

Dom Pedro da Sylua ſentio tanto aquelle negocio, por ſer feito a vm Religioſo d'aquella ſorte, que largou a fortaleza, & a entregou nas maõs do Licenceado Franciſco Aluarez, dizendo que naõ queria mais ſer capitaõ. E aſſi ficou Franciſco Aluarez ſeruindo alguns meſes que lhe faltauaõ, & depois entregou a capitania a dom Aluaro de Tayde. Tanto que eſte fidalgo tomou poſſe da fortaleza, logo mandou tomar os lemes a todas as naos que auia no porto, aſsi d'Elrey como de partes, dizendo que tinha nouas do Achem, ſobre o que teue algũas rezoens com Bernaldim de Souſa, por que lhe naõ quis dar o da ſua Carauela, ficando quebrados,ſendo d'antes grandes amigos. Eſtaua ali hũa nao que ya pera a Sunda, de que era capitaõ Gonçalo Vaz de Carualho,a quem o Viſorrey deu aquellas viagens, dom Aluaro de Tayde lhe diſſe que eraõ ſuas, que o Viſorrey lhas naõ podia dar, & q̃ os capitaẽs de Malaca eſtauaõ de poſſe de as mandar fazer por ſua conta,q̃ cõpria ao ſeruiço d'Elrey ficar naquella fortaleza, por q̃ eſperaua por Achens: & mãdou meter na nao vm criado ſeu chamado Ioaõ Pedroſa: & diſſe a Gonçalo Vaz de Carualho, que bem podia mandar trazer por ſua conta certos bares de pimenta. Gonçalo Vaz vendo aquella ſem razaõ diſſimulou,& ſendo tempo em que a nao ſe auia de partir,mandou meter em ſegredo dez ou doze ſoldados nella, q̃ ſe eſconderaõ em hũa camara, & o dia que ſe auia de fazer á vela, pedio licença a dom Aluaro de Tayde pera ir a ella, & mandar recolher as ſuas ancoras, & as amarras. Dom Aluaro lha deu, & elle ſe foi á nao, & leuada a ancora, & ſoltas as velas ſairaõ os ſoldados da camara, & tomaraõ o criado de dom Aluaro nos braços, & deraõ com elle em vm balaõ, & o mãdaraõ pera Malaca. Dom Aluaro como ſoube o caſo ficou taõ apaixonado, que eſteue pera ir ate a Sũda a pós a nao: mas Gonçalo Vaz de Carualho foi fazer ſua viagẽ. Bernaldim de Souſa,como dom Aluaro tinha tomados os lemes a todas as embarcaçoens,& eſtauaõ quebrados o capitaõ & elle: mandou diſsimuladamẽte embarcar o ſeu fato,& ó dia em q̃ eſperaua de ſe fazer á vela, tẽdo preſtes de noite hũa embarca

çaõ ligeira, ſe embarcou nella, & paſſando pella praya a onde os le mes eſtauaõ, dando cabo ao ſeu, deu com elle no mar,& o leuou á Carauela,& metendoo em ſeu lugar deu logo á vela.

Ao outro dia pela menham deraõ logo rebate a dom Aluaro, que foi ſua paixaõ tanta, que ſe foi ao cais, & ſe embarcou em hũa Fuſta, & foi a pos Bernaldim de Souſa, & chegando a elle lhe bradou que amainaſſe. Bernaldim de Souſa lhe diſſe que ſe recolheſſe, & ſe foſſe pera a ſua fortaleza, que aquelles feitos eraõ de mancebo. Em fim paſſadas algũas rezoens dom Aluaro ſe recolheo a Malaca, & mandou fazer vm termo, em que ouue Bernaldim de Souſa & todos os que com elle yaõ por aleuantados: & toda a fazenda que lhe ficou, que era muita, & vinha repartida pellos Galeoens de Maluco, tomou, & a julgou por perdida,& a carregou pera Elrey, & a mandou entregue a peſſoas abonadas pera na India a darem ao Viſorrey. Dom Pedro da Sylua ſe embarcou poucos dias depois no Galeaõ Sãtiago em q̃ tinha ido ao ſocorro de Malaca Ioaõ Anriquez: & dom Ioaõ Coutinho no ſeu Galeaõ, & todas as mais naos. Eo Licenceado Frãciſco Aluarez tambem ſe embarcou neſta companhia, com a reſidencia de dom Pedro da Sylua: & com hũa deuaſſa que tirou das couſas de dom Aluaro de Tayde.

Dom Pedro da Sylua ſe encõtrou no mar com Bernaldim de Souſa,que cuidou que ſe tomaſſe do que elle tinha paſſado com ſeu irmaõ:mas elle ya muito lõge diſſo,por lhe parecerem muito mal aquellas couſas: & ſaluandoſe foraõ jũtos ate Ceilaõ,& deſembarcaraõ em Gale, & d'ali foraõ por terra a Colũbo, onde ſe detiueraõ algũs dias,indo viſitar a priſaõ Tribuly Pandar,& o conſolaraõ, & ſe lhe offereceraõ pera falarẽ ao Viſorrey em ſeus negocios. E depois de tomarẽ algũas couſas neceſſarias ſe embarcaraõ & partiraõ pera Cochim. E por q̃ nos eſqueceo de continuar cõ dom Rodrigo de Meneſes que veyo de Maluco, & teue aquellas differenças com Bernaldim de Souſa, o faremos aqui.

Chegados elle & Bernaldim de Souſa a Malaca, ſempre ſe ficou Bernaldim de Souſa temẽdo delle porq̃ ſe ouue elle por muito afrontado, do modo cõ q̃ procedeo cõ elle.E ficando aſsi em Malaca ſem ſe encontrarem,veyo dom Rodrigo a adoecer de hũas febres, & o dia q̃ tomou a purga,foi ella tal, q̃ começou a arder por dẽtro,& a gritar por agoa, dizendo que ſe lhe abrazauaõ as entranhas, & com eſta anguſtia morreo logo. Naõ deixou deſe ſoſpeitar,q̃Bernaldim de Souſa peitara o boticairo pera lhe dar peçonha:& naõ faltou quẽ o eſcreueſſe ao Viſorrey. Foi eſte dom

dom Rodrigo filho de dom Antaõ d'Almada, capitaõ da cidade de Lixboa, & estaua despachado com a capitania de Diu, era bom fidalgo, & de muito grande opiniaõ,& bom caualeiro.

## CAPITVLO VIII.

*Das cousas que aconteceraõ a Francisco Barreto em Cochim: & de como dom Pedro da Sylua, & Bernaldim de Sousa chegaraõ a Goa: & do que o Visorrey dom Afonso de Noronha fez.*

DEIXAMOS atras no capitolo sexto deste decimo liuro Frãcisco Barreto partido de Baçaim, & seguindo sua jornada tomou Goa a onde se deteue pouco, & passou adiante a te Cochim,a onde começou a tratar da carga das naos,pera que faltaua pimenta: por que aquelles Principes Malauares do Chembe & Bardela lhe impidiaõ a passagem,& traziaõ nos rios suas manchuas de que andaua por capitaõ mór vm Malauar Christaõ nacido em Cochim,chamado Vaco. Este por saber muito bem aquelles esteiros, como quem se criou nelles, daua nos mór trabalho,que se fora hũa armada muito poderosa: por que elle só bastou pera pór toda a cidade em reuolta,& ainda a armada de Francisco Barreto (por que pella falta da pimenta lhe foi necessario acodir aos rios com toda a armada.) Vasco andaua em hũa manchua muito ligeira de dous lemes:& como aquellas ilhas saõ muito retalhadas de esteiros, estreitos, & intricados,elle só salteaua os mercadores que vinhaõ com pimenta,& metia toda a armada cada hora em afrontas: por que andaua no meyo della,de esteiro em esteiro, de ilha em ilha, sem lhe poderem fazer dano algum. E quando os nossos estauaõ mais descuidados, daua de supito nos nauios, & passaua por elles,& lhes deitaua muitas panelas de poluora, com que os abrazaua, & trataua mal: por q̃ por sua muita ligeireza chegaua quando queria, & recolhiase quãdo lhe era necessario,sem auer quẽ lhe podesse chegar, por que tanto remaua pera tras como pera diãte, & como era taõ ligeiro,& naõ daua volta pera fogir por ter dous lemes, naõ auia cousa que o podesse alcançar.

Nisto se gastou todo o mes de Dezembro, & Francisco Barreto se recolheo a Cochim, deixando nos rios Ioaõ Peixoto, caualeiro muito honrado, natural de Guimaraens,por capitaõ mór de dez ou doze nauios,pera ficar fauorecendo algũa pimenta que ainda corria: As naos foraõse carregãdo

com trabalho pella falta que auia de carga : & ſendo ja alguns dias de Ianeiro andados, chegaraõ os Galeoens de dom Pedro da Sylua, & de Bernaldim de Souſa : & porque faltauaõ drogas pera a carga, comprou Franciſco Barreto a Bernaldim de Souſa pera Elrey, coatrocentos & dezaſeis quintaes de crauo, a treze xerafins o quintal ſujo de pao & baſtaõ. E tambem tomou a outras peſſoas o crauo q̃ lhe pareceo, q̃ ſe lhes pagou muito bem. Tomada a carga deraõ as naos á vela pera Portugal, & tiueraõ todas muito boa viagem.

Franciſco Barreto mandou recolher os nauios que trazia nos rios, & ſe partio pera a coſta do Malauar, a onde andou todo o reſto do veraõ, & em Março ſe foi inuernar a Goa. O Viſorrey depois que no Norte deu ordem a muitas couſas, aſsi em Baçaim, como em Chaul, & que teue as ſegundas nouas de Ormuz, deu á vela pera Goa, a onde chegou no fim de Feuereiro. Poucos dias depois delle chegaraõ os nauios com dõ Pedro da Sylua, & Bernaldim de Souſa, & o Licenciado Franciſco Aluarez, & apreſentando a reſidẽcia de dom Pedro da Sylua, ſe lhe acharaõ culpas obrigatorias ao prenderem, & o mandaraõ liurar: & foi condenado em algũa couſa.

O Viſorrey deſpidio em Feuereiro Pero de Tayde Inferno cõ vm Galeaõ, & dez nauios de remo, com regimento que foſſe ao eſtreito de Meca, eſperar algũas naos do Achem, & que ſe foſſe inuernar a Ormuz, & que entregaſſe a armada a dom Diogo de Noronha que lá acharia. Bernaldim de Souſa achou em Goa cartas d'Elrey muito honroſas, & com ellas hũa patente em q̃ lhe fazia merce da capitania de Ormuz, em que entraria logo, por q̃ naõ auia prouido algum diãte delle: com a patente foi logo requerer a poſſe ao Viſorrey, que lhe elle naõ quis dar porque tinha por dar reſidencia, & alem diſto lhe tinhaõ mandado culpas de Malaca, em que o culpauaõ na morte de dom Rodrigo de Meneſes: & o Viſorrey lhe diſſe que naõ podia entrar na fortaleza ſem primeiro dar reſidencia, que nas naos que auiaõ de partir lha mandaria tirar, & que entaõ o deſpacharia. Naõ faltaraõ induzidores que lhe diſſeraõ, que o Viſorrey o entretinha por naõ mandar tirar d'aquella fortaleza ſeu ſobrinho dom Antaõ de Noronha, com outras couſas que baſtaraõ pera quebrar com o Viſorrey, ſe tiuera menos prudencia: mas elle diſsimulou tudo, & naõ ſe quis dar por agrauado do Viſorrey, antes ſempre o acompanhou, & aſsi o Viſorrey foi taõ grande ſeu amigo, que todos os negocios de importãcia praticaua primeiro com elle que com os outros fidalgos, & lhe fazia tudo o que lhe pedia, & daua

daua cargos & despachos a muitas pessoas por sua ordem.

Era Bernaldim de Sousa muito auisado, facil, & de grande conuersaçaõ. E tanto, que os mais dos dias Sanctos, & Domingos ajuntaua quinze & vinte de caualo seus vizinhos & amigos, casados todos (por que geralmente era muito bem quisto) & elle com elles, vestido de loba azul de chamalote, cingido pella cinta, com vm barrete vermelho na cabeça (por que os fidalgos d'aquelle tempo naõ punhaõ sua vaidade em capotes, & calças, se naõ em muitos soldados recolhidos em suas casas) & com todos de caualo saya ao terreiro do paço, & tanto que o Visorrey chegaua á genela, acenaualhe com a maõ, & lhe dizia: Ah senhor sahi ca pera fora, no campo de saõ Lazaro vos espero, & voltaua com sua companhia pera elle. O Visorrey mandaua tocar a caualgar, & com todos os fidalgos se ya ao campo: & lá lhe saya Bernaldim de Sousa, com os companheiros de emboscadas, & escaramuçauaõ, & folgauaõ, & como cansauaõ deitauaõse na relua, & conuersauaõ com discursos graues, praticando sobre os negocios da India, & d'ali se recolhiaõ. E esta facilidade dos Visorreys d'aquelle tempo obrigaua aos homẽs a muitas cousas.

Era taõ pontual, que andando passeando em vm caualo que tinha muito fermoso, passou por elle vm casado, rico, & grande seu amigo, & lhe disse, se queria vender aquelle caualo, que lhe faria dar muito dinheiro por elle: elle lhe respondeo que naõ. E virandosse pera outro fidalgo que andaua com elle disse, má terra he a India, pareceuos que em Portugal me perguntara ninguem, se queria vender o meu caualo em que andasse? Trouxemos isto, por que vimos este primor taõ trocado, q̃ os mesmos fidalgos andauaõ pellas ruas conuidando com os seus caualos pera lhos comprarem.

O Visorrey começou a entrar no despacho das cousas de Malaca & Maluco: & mandou o Licenciado Gaspar Iorge q̃ era desembargador pera ir a Malaca deuassar do caso da morte de dom Rodrigo de Meneses (por que a residencia de Bernaldim de Sousa das cousas de Maluco ja la era encomendada ao Ouuidor) & pera tirar deuassa dos casos de dom Aluaro de Tayde. E despachou dõ Iorge Deça, que era prouido da capitania da carreira de Maluco, & lhe deu vm Galeaõ com muitos prouimentos pera aquella fortaleza. E asi despidio alguns capitaens com soldados pera irem iruernar a Cochim, & a Cranganor. Depois destes nauios partidos pera fora se serrou o inuerno.

## CAPITVLO IX.

*De hũa armada de Malauares que foi â coſta da Peſcaria, & dos danos que por ella andou fazendo: & de como Gil Fernandez de Carualho armou alguns nauios â ſua cuſta, & a foi buſcar: & de como encontrou eſta armada, & pelejou com ella, & a deſbaratou & tomou.*

DEPOIS de Franciſco Barreto ſer partido da coſta do Malauar pera Goa, que foi em Março: offereceoſe vm Rume que viuia a ſoldo do Camorim a ir eſperar as naos de Bengala, & ſaquear toda a coſta da Peſcaria, & as cidades de Negapataõ, & ſaõ Thome, prometendolhe hũas muito grandes prezas. E como o Camorim neſte negocio do mar nunca entra com cabedal algum, mais que com licença pera quem quiſer armar nauios o poder fazer, a deu facilmẽte a eſte, a quem logo ſe lhe offerecerão pera eſta jornada muitos, & ſe começarão a negociar de nauios, artelharia, moniçoens, & ſoldados, & em poucos dias ſe ajuntarão de differentes portos catorze nauios mũy fermoſos, & mũy bem petrechados, & com todos ſe fez o Rume á vela, indo elle em hũa Galeota latina grande & poſſante: & fazendoſſe na volta do Sul, paſſarão o cabo de Comorim: & correndo a coſta da outra banda chegarão ao porto de Ponicale, a onde eſtaua por capitaõ Manoel Rodriguez Coutinho, fidalgo honrado, que ali tinha ſua molher & familia: & pera ſua guarda tinha vm forte de taipa q̃ cercaua a pouoaçaõ que era de Chriſtaõs, & aſsi elle era capitaõ de toda aquella coſta da Peſcaria.

Eſtá eſta pouoaçaõ de Ponicale em hũa ponta da terra que ſe cortou por hũa parte, & ficou em ilha (por q̃ era toda cercada de agoa.) Chegada eſta armada, lançou logo o Rume em terra perto de quinhentos homens pera irem cometer a pouoaçaõ. Manoel Rodriguez Coutinho acodio á praya cõ ſetenta Portugueſes que ali auia, em que entrauaõ alguns caualeiros muito honrados, & cõ os Chriſtaõs da pouoaçaõ, que acodirão com ſuas armas, remeterão com os imigos, & trauarão com elles hũa fermoſa batalha, em que os noſſos pelejarão mũy bem, aſsinalandoſſe antre todos vm Antonio Franco de Guſmaõ, que leuaua a bandeira, ou guiaõ: por que pondoſſe diante de todos como vm liaõ endereitou com vm Abexim que trazia a bandeira do Rume & liandoſſe com elle o tomou, & deu com elle no chaõ, & o matou ás punhaladas, & tomandolhe a

bandeira

bandeira remeteo de nouo com os imigos, seguindoo todos os Portugueses, & de feiçaõ apertaraõ com elles que os fizeraõ lançar ao mar. O Rume que estaua na proa da sua Galeota, vendo o estrago dos seus, & a sua bandeira perdida, & o pequeno numero dos nossos, começou a bradar com os seus, afrōtandoos, & espancandoos, fazendoos lançar outra vez ao mar: & elle com toda a mais gente, que seriaõ perto de mil & quinhentos por todos, se pós em terra. Os nossos vendo a multidaõ dos imigos desempararaõ os mais delles ao capitaõ, & foraõse recolhendo pera a pouoaçaõ. Manoel Rodriguez Coutinho ficou com sô desasete companheiros, em que entrauaõ Nuno Pita, Antonio Camello seu irmaõ: Esteuaõ de Lemos, & Antonio Franco: mas cō estes taõ poucos fez rosto aos imigos, por que a honra naõ lhes daua lugar pera lhes virarem as costas. Vendo todauia Nuno Pita q̃ aquillo parecia mais temeridade que esforço, chegouse a elle, & tomandoo por vm braço, & lhe disse: que determinaes senhor? naõ vedes quaõ poucos somos? pera q̃ he perdermonos em cousa q̃ naõ ganhamos honra? recolhamonos, & ponhamos em cobro vossa molher & filhos, que he o que mais importa. Manoel Rodriguez Coutinho ouuindo aquillo, foi virādo com os companheiros, que nunca o deixaraõ, & de quando em quādo fazendo rosto a os imigos com as espingardas, com que derribaraõ alguns, & quis a desauentura que dessem hũa espingardada a Manoel Rodriguez Coutinho, de que cayo logo, mas os cōpanheiros o leuaraõ nos braços, & o recolheraõ pera a pouoaçaõ, que acharaõ ja despejada: por que como viraõ ir os primeiros em disbarato, logo todos se passaraõ da outra banda do esteiro, que eraõ terras de Bisme Naique, vm vassalo do Rey de Canará. Manoel Rodriguez Coutinho mandou tambem passar sua molher & filhos, & elle com os que o seguiraõ tambem o fizeraõ.

Os Mouros entraraõ a pouoaçaõ, & a roubaraõ, & escalaraõ, tomando toda a fazenda que Manoel Rodriguez Coutinho, & os mais Portugueses ali tinhaõ: por que naõ saluaraõ mais que o que leuaraõ sobre si. Os Malauares depois que escalaraõ & roubaraõ tudo, se tornaraõ a embarcar, & se foraõ pella costa adiante.

O Bisme Naique da outra bāda, tanto que teue rebate d'aquelle negocio, acodio com sete ou oito mil homens, & achando todos os Portugueses nas suas terras dālhe a cobiça de vm grande resgate, lançou maõ de todos, & os prendeo. Manoel Rodriguez Coutinho despidio recados mūy apressados a Cochim, tratando de seu

resgate

resgate com o Naique (que por q̃ se resgatassem mais depressa & milhor, os tratou muito mal, & lhes estreitou as prizoens.) Os recados que partiraõ pera Cochim, foraõ em poucos dias na cidade,& se deraõ ao capitaõ.

Estaua entaõ naquella cidade de Cochim Gil Fernãdez de Carualho, que auia pouco era chegado,depois d'aquelle honroso & esforçado feito que fez em Malaca, em tempo de dom Pedro da Sylua capitaõ d'aquella fortaleza, & auida aquella grande vitoria (como dissemos atras no capitulo nono do liuro nono) se tornou pera Quedá a fazer seu negocio: & depois de carregar de pimenta se foi a Bengala,a onde a vendeo,& carregou de outras fazendas com q̃ era chegado.

Corrẽdo as nouas por Cochim da armada Malauar, & do negocio de Ponicale, pós toda aquella cidade em reuoltas, por que bem entenderaõ que naõ auia ali de parar o mal. Gil Fernandez de Carualho se foi logo á camara, a onde estauaõ os Vereadores, & capitaõ, & lhes disse,que elle estaua muito prestes pera acodir áquelle negocio, por q̃ pera o seruiço de Deos, & d'Elrey, tinha muito dinheiro, & muita obrigaçaõ, & vontade, q̃ lhe dessem nauios, & artelharia q̃ elle naõ tinha, que todos os soldados, & mantimentos, elle os embarcaria a sua custa, por que pera aquellas & outras semelhantes necessidades queria o que tinha. A cidade lhe agardeceo muito aquelle seruiço,que queria fazer a Deos & a Elrey,& lhe disse que lhe dariaõ coatro nauios, & artelharia pera elles. Gil Fernandez de Carualho lhos aceitou, & logo se foi pór na praça a onde se fazem os leiloẽs,armando mesa,& mandando lançar pregoẽs,offerecendo de sua casa dez pardaos a cada soldado que com elle se quisesse embarcar: & assi começou a pagar a todos os que acodiraõ que foraõ cẽto & setenta, & por outra parte mandou comprar todos os mantimẽtos & cousas necessarias, que se embarcaraõ logo nos coatro nauios ,que a cidade lhe mandou pór no cais. Gil Fernãdez de Carualho mandou negociar pera sua pessoa hũa fermosa Galeota, o q̃ tudo se fez em tres dias, & se embarcou no fim d'Abril.

Dada a vela foi seguindo sua derrota ate dobrar o cabo de Comorim,& de longo da costa foi na demanda dos parós, & chegou a Calecare a onde os imigos estauaõ: & como ya com vento escasso naõ pode dobrar a restinga,em que se perdeo Manoel de Macedo (como na coarta decada no capitulo vndecimo do liuro setimo temos dito.) Vm capitaõ de vm nauio da sua companhia, que se chamaua Lourenço Coelho, natural de Tangere que ya diante, foi desaten-

deſatentadamẽte varar por cima da ponta da reſtinga a onde ficou em ſeco. O Rume capitaõ mór dos Malauares que eſtaua da outra banda, vendo varar aquelle nauio, mandou cinco ou ſeis a elle pera o tomarem. Chegaraõ eſtes nauios & acharaõ os noſſos metidos no ſeu, ſem nũca o quererẽ largar, & abalroãdo por todas as partes, tiueraõ com elle hũa fermoſa batalha á viſta de Gil Fernandez de Carualho, que lhe naõ pode ſocorrer por ſer o vento contrairo, & muito rijo. Lourenço Coelho com ſeus companheiros poſto q̃ eſtauaõ em ſeco cõ o nauio, quando ſe viraõ abalroados, poſeraõſe em defenſaõ, & fizeraõ tudo o que o valor Portuguez lhes pedia, ſuſtentandoſſe em dano dos imigos muitas horas. Mas como o numero era taõ deſigual, & elles naõ ſe quiſeraõ render, foraõ todos mortos a eſpada: ficando ſó vm muito atalſalhado, que ſe meteo debaixo do jugo da Fuſta.

Vencida a batalha por elles, deraõ os imigos cabo ao noſſo nauio, & o tiraraõ pera fora, & o leuaraõ a viſta de Gil Fernandez de Carualho, que lhe naõ pode valer. Gil Fernandez de Carualho voltou pera a ilha das Lebres, que era perto, a onde achou vm nauio de Portugueſes, & tomandoo cõſigo ao outro dia, quis noſſo Senhor (por ſer veſpora do ſeu triũpho da Aſcenſaõ, que foi aos catorze dias do mes de Mayo) que ſe mudaſſe o tempo, & lhe ficaſſe proſpero, & dando á vela foi em buſca dos imigos. E ao outro dia pella menhã que era de ſua glorioſa Aſcenſaõ, ouue viſta da armada imiga junto do lugar de Calecare: & pondoſſe em armas a foi demandar, & acometteo com grãde determinaçaõ, põdo elle a proa na Galeota do Rume, dandolhe aquella primeira ſurriada com que lhe mataraõ muitos: & lançandoſſe dentro com os ſeus, teue hũa muito arriſcada batalha, por que o Rume era muito caualeiro, & leuaua perto de duzentos homens na ſua Galeota. Os outros coatro nauios da noſſa companhia tambem abalroaraõ cada vm cõ o ſeu, & depois de grãdes refertas os rẽderaõ, & inueſtiraõ outros. Gil Fernandez de Carualho, depois de muitas horas, & de ter feito grande eſtrago nos imigos, deu com os mais ao mar, a onde tambem ſe ſaluou o Rume, & ſe foi pera a terra que era perto.

Rendida aquella Galeota, que era a mais importante, ſe foi meter no meyo das outras, & as falcoadas deſaparelhou duas, & inuiſtio com outras, que logo ſe lhe deſpejaraõ, ficandolhe os nauios nas maõs. Em fim quando foi ſobre a tarde toda a armada era rendida: & os nauios ficaraõ em poder dos noſſos, ſem eſcapar vm ſó, que ate a Fuſta de Lourenço Coe-

lho foi tomada com o ſoldado ainda viuo,que ſe tinha eſcondido debaixo do jugo.

Alcançada taõ grande vitoria, foiſe Gil Fernandez de Carualho pera a coſta de Negapataõ, pera onde leuou todos os nauios, & inuernou naquella cidade. Eſtas nouas correraõ logo a Cochim, & d'ahi a Goa,& foraõ taõ eſtimadas & feſtejadas, que lhe fizeraõ logo cantigas, que ſe cantauaõ nas folias (que entaõ auia muitas, por q̃ tudo o d'aquelle tempo era alegria,& boas vẽturas) & dizia hũa. Gil Fernandez de Carualho, tomou os parós a quinze de Mayo.

O Biſme Naique,tãto que ſoube da grande vitoria que a noſſa armada ouue dos Malauares, logo ſe concertou com Manoel Rodriguez Coutinho, no reſgate das peſſoas de todos,& os largou,ficãdolhe em refens do preço o Padre Anrique Anriquez da Companhia: & depois de ſerem em Punicale, ajuntaraõ o dinheiro, & o mandaraõ. Os Parauaz (que ſaõ os peſcadores do aljofar,d'aquelle lugar) vendo que Manoel Rodriguez Coutinho ficaua muito pobre, lhe deraõ de ſeruiço vm dia de peſcaria, que foraõ fazer á ſua conta,& foi ſua ventura tal, q̃ lhe rendeo ſete ou oito mil pardaos. Gil Fernãdez de Carualho tomou nos Parós toda a fazenda de Manoel Rodriguez Coutinho,& dos mais Portugueſes, & o que pode ſaluar das maõs dos ſoldados,que foraõ os veſtidos & joyas de ſua molher,& algũas peças, que tudo lhe mandou.

## CAPITVLO X.

*Do que aconteceo a dom Antaõ de Noronha na jornada a te Ormuz: & do que fez Pirbec tanto que chegou a Baçorâ: & do que mais paſſou dom Antaõ de Noronha, a te entregar a armada a dom Diogo de Noronha.*

PARTIDO O dom Antaõ de Noronha com a armada pera Ormuz (como atras diſſemos no capitolo ſexto deſte decimo liuro) curſandolhe ſempre bós tempos,chegou áquella fortaleza no fim de Nouembro, a onde ja auia mais de vm mes,que dom Diogo,& dõ Antonio de Noronha eraõ chegados. O capitaõ dom Aluaro de Noronha lhe fez grande recebimento,& o pouo todo, que ainda eſtaua aſſombrado das Galés. Dõ Antaõ de Noronha deſpidio logo Gomez de Siqueira, & Luis d'Aguiar (dous grandes Catureiros) pera irem a te dentro de Baçorá vigiar as Galés,dandolhes por regimento,que vm lhe trouxeſſe nouas do que achaſſe, & o outro ſe deixaſ-

deixaſſe ficar lá a te ſeu recado, ficando dom Antaõ negociando & prouendo a ſua armada de nouo.

Aqui ſe conta delle hũa couſa q̃ ſe lhe notou a grande prudencia, & artefício, como elle realmente tinha, & foi eſta. Coſtumaõ os Reys de Ormuz, quando chega algum capitaõ mór áquella fortaleza mandalo viſitar com preſentes de brincos & corioſidades, conforme á peſſoa, & á armada que leua: & por que dom Antaõ de Noronha por ambas aq̃llas couſas auia q̃ eſtaua no ſegundo lugar da India, querẽdo q̃ todos o eſtimaſsẽ niſſo, ſabendo q̃ Elrey o auia de mandar viſitar com vm preſente, quis que foſſe mayor que todos os que ate entaõ mandara aos capitaẽs que ali tinhaõ vindo: & pera iſſo ſe fiou de vm letrado que ali eſtaua por Veador da fazẽda, que era de ſua obrigaçaõ, & grãde amigo d'Elrey. Eſte eſtando vm dia praticando com Elrey, lhe deu elle conta do preſente que queria mandar a dõ Antaõ de Noronha. O Bacharel lhe diſſe, que lhe mãdaſſe o mayor, & o mais rico q̃ podeſſe, que elle faria com dom Antaõ que lho tornaſſe depois: porq̃ naõ queria mais q̃ acreditarſe cõ os homens, & que pera ſegurança diſſo lhe daria vm aſsinado do meſmo dom Antaõ, & outro ſeu. Elrey o fez aſsi: & eſtando vm dia dom Antaõ de Noronha, com dõ Diogo de Noronha, dom Antonio, & todos, ou os mais dos fidalgos, & caualeiros de ſua armada, chegou a viſitaçaõ d'Elrey, & o preſente, que valia dez ou doze mil cruzados, por que era vm fio de perolas, riquiſsimo, algũas peças d'ouro & prata corioſas, alcatifas grandes, & pequenas, mũy finas, & outras couſas. Aceitado o preſente em publico, tanto que foi noite o tornou a mandar a Elrey pello Bacharel, que recolheo os aſſinados que diſto lhe tinha paſſado. Contamos iſto, por que he neceſſario pera outras couſas que adiante auemos de tocar: & agora os deixaremos por vm pouco, por que he neceſſario continuar com o Pirbec.

Partido eſte Turco de Ormuz, com o recheyo que diſſemos, foi ter a Baçorá a onde ſe deixou ficar. O Baxá de Baçorá tanto que ſoube que elle deſembarcara em Maſcate & Ormuz, contra o regimento do Turco, deſpidio logo pella poſta recado diſſo a Conſtantinopla. Diſto foi auiſado o Pirbec, & como era ſagaz & prudẽte, tomou todo o recheyo de Maſcate, & de Ormuz, & Lareca, q̃ mõtaria mais de vm milhaõ d'ouro, & embarcou tudo em tres Galés ligeiras, & ferrolhou nellas todos os Portugueſes q̃ catiuou em Maſcate & partioſe de Baçorá cõ tẽçaõ de ſe ir a Conſtantinopla deitar aos pés do Turco cõ todas aquellas riquezas, pera com iſſo o abrandar:

por q̃ eſtaua certo q̃ ſe eſperaſſe re cado ſeu em Baçorá, q̃ lhe auia de mandar cortar a cabeça.

Partido de Baçorá tomou a der rota de longo da coſta de Arabia, & tãto auãte como Catifa de noite deu hũa das Galés em hũa reſtin ga a onde ſe desfez, & eſpedaçou: como iſto era de noite, & os Portu gueſes q̃ yaõ aferrolhados naõ ſabiaõ a terra, receãdo de ſe afogaré ſe deixaraõ ficar na Galé ja deſaferrolhados. Pirbec q̃ ya diante achãdo logo a Galé menos, tornou a voltar atras, & chegãdo á reſtinga, achou a Galé quebrada, & toda a gente nella, & deitando barquinhas fora, mãdou recolher todos, & os Portugueſes q̃ foraõ taõ mofinos, q̃ podendoſſe ſaluar em terra que era perto ſe deixaraõ ficar. Os Turcos recolheraõ as mais das couſas da Galé & foraõ ſeguin do ſua derrota.

Os noſſos nauios que andauaõ vigiando as Galés, tanto que ſairaõ de Baçorá, logo ouueraõ viſta dellas, & deixouſe ficar o Siqueira, vigiandoas, indo ſempre á ſua viſta. E o Luis d'Aguiar ſe foi com recado a Ormuz, com a mór preſſa que pode: & chegando áquella fortaleza deu rebate a dom Antaõ de Noronha, que logo ſe embarcou com muita preſſa, & com elle dom Diogo, & dom Antonio de Noronha: & ao partir de Ormuz chegou a elles o Siqueira, & lhes diſſe, que as Galés yaõ de longo da Coſta de Arabia pera fora: dõ Antaõ tornou a voltar a pos ellas, indo os Galeoens a meya boroa, & a armada de remo de longo da coſta, & diante de todos o Siqueira, & Aguiar, pera deſcobrirem todas as enceadas, por que lhe naõ ficaſſem atras. Era iſto no més de Feuereiro em que curſaõ os ventos xamais, que ſaõ os Noroeſtes, que dentro naquelle eſtreito ſaõ mũy tormentoſos: & aſsi teue a armada tanto trabalho q̃ eſteue perdida, com hũa tormenta desfeita que lhes deu, com que correraõ cõ velas pequenas a te defronte de Maſcate: & ſendo viſta a armada da terra, lhe ſayo Fernaõ Diaz Ceſar em vm Terranquim, & diſſe a dom Antaõ de Noronha que o dia d'antes paſſaraõ as duas Galés á viſta da terra. Dom Antaõ mandou dar todas as velas, & as foi ſeguindo, mandando diante os nauios de remo, pera as embaraçarem ſe as achaſſem: & chegou a te o cabo de Roſalgate ſem auer viſta dellas. Ali tomou parecer ſobre o que faria, & ſe as ſeguiria a te o eſtreito de Meca: & aſſentouſe que ja naõ era mouçaõ, por q̃ ventauaõ os ponentes, & que a armada naõ ya apercebida pera iſſo, mas que foſſe eſperar as naos de Iuda na ribeira de Teue, & as reco lheſſe, & ſe foſſe com ellas pera Ormuz, & aſsi o fez que logo voltou pera aquella ribeira, a onde eſteue a te todo Abril, & ainda al-

guns

guns dias de Mayo,& recolheo todos os nauios. Ali foi ter Pero de Tayde Inferno cõ toda ſua armada,eſtando dom Antaõ de Noronha pera dar á vela.

Eſte fidalgo tanto que partio de Goa,foi demãdar as portas do eſtreito,a onde eſteue a te aquelle tempo, ſem lhe acontecer couſa notauel,nem auer viſta do Pirbec, por que parece que paſſou de noite por elle. Dom Antaõ de Noronha tanto que vio a ſua armada teue com elle comprimento ſobre as bandeiras, & todauia Pero de Tayde tirou a ſua,& o foi ſeguindo a te Ormuz, a onde dom Antaõ de Noronha tomou poſſe da fortaleza, & entregou a armada a dom Diogo de Noronha o Corcós.Pero de Tayde Inferno achou vm regimento do Viſorrey, em q̃ lhe mandaua entregaſſe a ſua armada a dom Diogo de Noronha Corcós,como logo fez: & ſe embarcou com elle por ſeu ſoldado no Galeaõ ſaõ Lourenço. Dom Diogo tanto que tomou poſſe da armada a mandou negociar & reformar, & dom Antaõ de Noronha lhe fez paga aos ſoldados, & lhes ordenou meſas que ſe lhes deraõ todo o tempo que ali eſtiueraõ. Dõ Diogo de Noronha deſpidio alguns nauios ligeiros pera andarem de Ormuz a te Baçorá em paragens pera auerem fala das Gales,& lhe mandarem cada dous dias recado do que ſe lá paſſaua.

## CAPITVLO XI.

### *De como Franciſco Lopez de Souſa chegou a Maluco, & das couſas que fez: & de como faleceo: & das differenças que ouue ſobre quem ſocederia naquella capitania: & das couſas que ſobre iſſo fez o Rey.*

DEIXAMOS Frãciſco Lopez de Souſa o anno paſſado partido de Malaca pera Maluco, & tendo boa viagẽ chegou á fortaleza em Dezẽbro paſſado,& Balteſar Velloſo lhe entregou a fortaleza,com cujas obrigaçoẽs começou a correr,& a primeira couſa q̃ fez foi apreſentar a Elrey a prouiſaõ do Viſorrey q̃ tãbem leuou,em q̃ mãdaua q̃ nenhũa peſſoa vẽdeſſe crauo, nẽ o cõpraſſe,ſe naõ de cabeça, & limpo de pao & baſtaõ, pellos incõuenientes q̃ atras diſſemos. Eſte Rey como deſejaua de ſe moſtrar muito leal a todos os mandados dos Viſorreys & Gouernadores,mãdou apregoar a prouiſaõ por todas ſuas ilhas,o q̃ tomaraõ muito mal todos ſeus vaſſalos,aſsi pella muita perda q̃ recebiaõ,como pello muito grãde trabalho q̃ ſe lhes offerecia no alimpar do crauo,mas Elrey trabalhou tanto niſſo q̃ os quietou,& fez cõ elles q̃ obedeceſſem aos mandados do Viſorrey,& aſsi

começaraõ logo a vender o crauo limpo, & a carregarſe no Galeaõ da carreira. Socedeo mais em ſua entrada, dizeremlhe os padres da Companhia, que era ſeruiço de Deos, mãdarem com elles alguns Portugueſes ao lugar de Camaſo (que era d'Elrey de Tidore) diuidir, & apartar os Chriſtaõs q̃ ali viuiaõ dos Mouros & Gẽtios, por q̃ viuiaõ todos meſturados, & muitos Chriſtaõs caſados com Mouras & Gentias, & muitas molheres Chriſtans pella meſma maneira: o que era contra a ley de Deos, & grãde perturbaçaõ d'aquella Chriſtandade. Iſto praticou o capitaõ com Elrey, & lhe pedio algũas Corocoras pera mãdar áquelle negocio cõ os padres. Elrey lhe diſſe q̃ aquella obra era tamanha q̃ ſe ambos ſe naõ achaſſem em peſſoa nella, naõ ſe poderia fazer couſa algũa, por q̃ receaua grandes alteraçoẽs & mouimẽtos, & q̃ elle eſtaua preſtes pera iſſo. O capitaõ lhe agardeceo aquelle conſelho, & lançou maõ dos comprimentos, pedindolhe q̃ ſe fizeſſe preſtes, o q̃ elle logo fez, & ambos ſe embarcaraõ em ſuas Corocoras, leuando o capitaõ cem Portugueſes, & deixou a fortaleza entregue a Gabriel Rabello.

Chegados ao lugar do Toloco duas legoas de Camaſo, deixaraõ ſe ficar Elrey & o capitaõ, & mandaraõ vm padre da Companhia, & com elle Baſtiaõ Velloſo, & Pero de Ramos com algũs Portugueſes, pera irem fazer aquella diligẽcia. Chegados eſtes homẽs a Camaſo, começou o padre a diuidir, & apartar os Gẽtios & Mouros dos Chriſtaõs, as molheres dos maridos, & elles dellas: pays de filhos, & filhos de pays: de maneira, que tal ordẽ tiueraõ, q̃ ficaraõ os Chriſtaõs todos ſobre ſi, & os mais em bairros q̃ pera iſſo lhes ordenaraõ. E os q̃ ſe naõ quiſeraõ apartar das molheres Chriſtãs, & aſsi meſmo as Gẽtias, ou Mouras, q̃ quiſeraõ viuer cõ ſeus maridos, receberaõ a agoa do ſanto bautiſmo.

Feita eſta obra ſem alteraçaõ algũa, ſe tornaraõ pera o Toloco, a onde eſtaua Elrey, & o capitaõ. Vẽdo Elrey aquelle negocio, que elle tinha por muito duuidoſo, & difficultoſo, mouido de ſua boa inclinaçaõ, & natureza, diſſe ao padre. Hora ja que vos padre vieſtes a fazer hũa obra taõ ſancta, como foi apartar os Chriſtaõs dos Mouros: eu tambem quero que ſe faça em mim juſtiça pois eu vos fauoreci, pera a fazerdes nos outros. Eu trago á muitos annos hũa molher Chriſtã por manceba, nunca Deos queira que eu fique com ella: & mandandoa vir logo lha entregou. O capitaõ & o padre paſmaraõ d'aquella obra, & lha louuaraõ & engrandeceraõ muito: & logo ordenaraõ caſar a molher, como fizeraõ, ajudandoa todos cõ ſeu quinhaõ.

Elrey de Tidore, como ncũa foi amigo

amigo dos Portuguefes,& defejaua velos acabados,& fora d'aquellas ilhas, fabendo que eftaua o capitaõ no Toloco, em poder d'Elrey de Ternate, defpidio hũa Corocora muito ligeira com hũa carta pera Elrey, em que lhe dizia, q̃ pois tinha em fua maõ o capitaõ &os Portuguefes, que lhe feria muito facil matalos,& que depois tomariaõ a fortaleza, & ficariaõ liures de fua fojeiçaõ. Elrey como era bom homem, tornou a defpidir a Corocora,& refpondeo a Elrey, que o naõ aconfelhaua bem naquelle negocio, q̃ antes tinhaõ todos obrigaçaõ de pouparem as vidas dos Portuguefes: por q̃ depois que elles entraraõ naquellas ilhas, foraõ todos os dellas ricos, honrados,& politicos: fendo d'antes pobres & barbaros. E pofto q̃ Elrey quis encobrir ifto, por naõ homiziar aquelle Rey com o capitaõ,pellos parentefcos que com elle tinha: elle o veyo a faber, & difsimulou com o negocio. Acabado tudo ao que foraõ, fe recolheraõ pera Ternate, a onde o capitaõ adoeceo logo de hũas febres mortaes, de que ao feteno dia faleceo, com grande magoa de todos,por que era muito bom fidalgo. E abrindoffe feu teftamento, achoufe nelle nomeado por capitaõ Chriftouaõ de Sá,que de Malaca fe tornou cõ elle. Felipe d'Aguiar, que era Alcaide mór, acodio a requerer a capitania,conforme ao regimento,& trazia ja cõfigo alguns foldados, & quis lançar maõ das chaues da fortaleza com oniaõ, eftando Francifco Lopez de Soufa ainda arquejando. A ifto acodio Elrey,& o Ouuidor, & vẽdo a coufa reuolta, tomou a menagem ao Alcaide mór,& o mandou pera a torre, & lendo o teftamento do capitaõ,entregou a fortaleza a Chriftouaõ de Sá. Feito ifto trataraõ de enterrar o capitaõ, como logo fe fez, & lhe fizeraõ feus officios com muita folennidade, a que Elrey com fer Mouro fe achou veftido de dó á Portuguefa.

Paffado o officio fe affentou Elrey á porta da fortaleza, a onde fe ajuntou todo o pouo, & mãdou foltar o Alcaide mór a feu requerimento pera o ouuir de fua juftiça,& elle lhe requereo a poffe d'aquella fortaleza, por que lhe pertencia conforme á ordenaçaõ do liuro vinte, titulo dos Alcaides mores: & com ifto aprefentou vm regimento do Gouernador Nuno da Cunha,em que mandaua, que por morte dos capitaens focedeffem os Alcaides mores. Chriftouaõ de Sá acodio dizendo,que elle eftaua ja de poffe da capitania por virtude da verba do teftamento,& que alem diffo viera da India prouido da capitania d'aquella fortaleza por hũa prouifaõ do Gouernador Garcia de Sá. Sobre ifto debateraõ ambos,& começou

a auer aluoroço, a que Elrey acodio,& os apaziguou,& por fim de todas as pretençoens se louuaraõ ambos em Elrey, do que o Ouuidor fez vm termo asinado por elles. Acabado isto fez Elrey a todos os Portuguesesesta breue fala.

Ninguem vos pode negar valerosos Portugueses,que antes que viesseis a estas ilhas, eramos todos barbaros,& sem policia, nem ordẽ algũa boa de gouerno: & que todo o bom que oje temos, de vos o tomamos & aprendemos,por que vos gouernaes por rezaõ & justiça,por homens doutos & letrados, que endireitaõ as cousas tortas, pello que o vosso gouerno & ordẽ das cousas he tudo sancto,& bom, & he rezaõ que todos o sigamos, & imitemos. E pois asi he peçouos que me digais a qual destes direitos que estes douspretensores alegaõ por si eide obedecer, pera q̃ Elrey de Portugal meu senhor seja bem seruido, por que vos eide lançar a culpa do erro se o ouuer, & a elle dareis conta de tudo, por que eu desejo de acertar em seu seruiço.

Acabada a fala estiueraõ todos calados por vm espaço, & depois sayo de antre todos hũa voz que dizia, eu obedeço a Christouaõ de Sá, que está ja de posse: a isto disseraõ todos o mesmo. Vendo Elrey aquillo, deu a sentença por elle, & lhe tornou de nouo a dar posse da fortaleza. Do que tudo o Ouuidor fez vm auto asinado por Elrey,& por todos:& com isto se quietaraõ os tumultos.

## CAPITOLO XII.

*Das cousas que este anno aconteceraõ em Ceilaõ: & de como Tribuly Pandar, que estaua preso se fez Christaõ, & fugio da prisaõ, & dos danos que fez, & de outras cousas.*

DEIXAMOS as cousas de Ceilaõ,com a prisaõ de Tribuly Pandar,pay d'Elrey da Cota, & com a chegada de dom Duarte Deça: agora continuaremos com as cousas que este veraõ socederaõ. Entregue dom Duarte da capitania de Ceilaõ, tratou Elrey com elle sobre a soltura de seu pay, fazendolhe muito grandes partidos, & dandolhe todas as seguranças que quisesse, sem o poder acabar com elle. Corriaõ com este Principe os padres de saõ Francisco, a quem rogou que o fizessem Christaõ, porque estaua afeiçoado ás cousas da nossa fé, & por que em ninguẽ achara humanidade & caridade se naõ nelles. Os padres estimaraõ aquillo muito, & o catechizaraõ, & bautizaraõ, sem darem conta disso ao capitaõ,por que receauaõ de lho impedirem, mas depois de feito

feito lho fizeraõ a ſaber. Dõ Duarte ſintio o tãto, por ſe fazer aquillo ſem lho communicarem, que logo mandou lançar ao Tribuly, vm façanhoſo grilhaõ, & fechalo a hũa corrente, & tirarlhe a comunicaçaõ dos frades, por cujo meyo elle cuidaua tiueſſe algum remedio, & todas as outras conſolaçoẽs que vm preſo podia ter, como o q̃ pos aquelle atribulado Principe em grande deſeſperaçaõ. A molher mãy d'Elrey (que como diſſemos, eſcandalizada da priſaõ do marido ſe tinha paſſado pera o lugar do Reigaõ) como era molher prudente, & varonil, ſendo auiſada do mao tratamẽto que ſe fazia ao marido, tratou de o tirar d'ali por induſtria, ja que naõ podia ſer por força. E tendo pratica com algũas peſſoas de que ſe confiou, Portugueſes, que tambem eſtauaõ eſcãdalizados d'aquelles exceſſos, peitou tanto, & deu tanto, que ordenaraõ hũa mina no quintal dos padres, a onde a priſaõ reſpondia, q̃ foi dar no lugar em que Tribuly eſtaua: & por ella o tiraraõ hũa noite, & foi lançado fora da fortaleza. Ao outro dia que deraõ rebate ao capitaõ d'aquelle negocio acodio a fazer ſuas diligencias, & prendeo algũas peſſoas contra quẽ ſe naõ prouou couſa algũa, & deſpidio logo recado ao Viſorrey do que era paſſado. O Tribuly tanto que ſe vio fora da priſaõ, como leuaua no coraçaõ a magoa do mao tratamento, que lhe fizeraõ, ajuntando muita gente que a molher lhe tinha mandado, ſe foi pera a banda de Gale, & todas as igreijas, & Chriſtaõs que achou, foi pondo a ferro & a fogo, ſem perdoar a couſa algũa, & chegãdo a Gale fez o meſmo, & queimou hũa fermoſa nao que ali eſtaua ja acabada, & no eſtaleiro, que era de vm Miguel Fernãdez: & paſſando a Reigaõ tomou a molher, & ſe foi pera o lugar de Pelande, que ſeria da Cota oito legoas, com tençaõ de fazer aos Portugueſes toda a guerra que podeſſe.

Elrey ſeu filho tanto que teue auiſo de ſua fogida, & ſoube os danos que fora fazendo, pezoulhe muito, & lhe mandou pedir q̃ naõ quiſeſſe proſeguir mais naquelle negocio, nem lembrarſe do agrauo que lhe fizeraõ: mas que poſeſſe os olhos no Madune ſeu imigo, que fora cauſa de todos aquelles trabalhos, & que ſe ajuntaſſem todos em ſeu dano, porque d'outra maneira perderſeya aquelle reino: & iſto meſmo praticou com o capitaõ, & lhe pedio, que eſquecidas as couſas paſſadas trataſſem das preſentes, & que ſe armaſſem todos contra o Madune, que eſtaua poderoſo, & alterado cõ aquellas deſauenças: & que ſoubeſſe de certo, que ſe ſe naõ acodia a iſto muito de propoſito, que ſe auia de perder toda aquella ilha, & ficar em poder do Rey imigo, & que

Elrey de Portugal era o que nisso mais perdia, pois era senhor d'aquelle reino da Cota, & o comercio d'aquella canela lhe importaua muito.

Dom Duarte Deça considerando todas aquellas cousas se cõcertou com Elrey contra o Madune, metendo na liga o Tribuly Pandar, pera que fosse do lugar de Pelande, a onde estaua com a sua gẽte contra Ceitauaca: & que Elrey mandasse o Camareiro mór com todo o poder, & cincoenta Portugueses que lhe daria. Estes concertos jurou o capitaõ de comprir sobre vm Missal, & Elrey lhe deu logo mil cruzados pera ajuda dos gastos dos cincoenta soldados, & começou a negociar as cousas pera a jornada, pondo no campo o Camareiro mór perto de tres mil homens, & quando esperaua pellos Portugueses que dom Duarte Deça ficou de lhe mandar, faltoulhe com todos, mandandolhe dizer que os soldados naõ queriaõ seruir sem paga, que lhe mandasse mais dinheiro pera isso. Elrey como estaua roubado, & despeso, naõ teue que lhe mandar, mas o Camareiro mór tirou hũa arelhana de ouro, que valeria quinhẽtos cruzados, & lha mandou pera que pagasse os cincoenta soldados. Dõ Duarte recebeo a arelhana, & lhe respondeo com vinte soldados q̃ lhe mandou, & por capitaõ delles Ioaõ Coelho. Elrey sintio muito faltarlhe asi dom Duarte Deça com o que tinha jurado, & naõ deixou de mandar proseguir na empreza: & despidio o Camareiro mór com ordem, que se fosse ver com o Principe das Corlas pera o meter na liga. Partido o Camareiro mór chegou ao lugar de Madabe, a onde se vio cõ aquelle Principe, & concertou com elle q̃ o ajudasse contra o Madune por aquella banda, & lhe deixou coatrocentos homens pera ajuntar cõ a sua gente. Feito isto cometeo o Camareiro mór com os Portugueses as terras do Madune por hũa parte, o Principe das Corlas pella outra, & o Tribuly Pandar pella outra de Pelande. Pella parte por onde o Camareiro mór entrou lhe sayo ao encontro o capitaõ geral do Madune, com quem tiueraõ os nossos algũs recontros, em q̃ o desbarataraõ. Dom Duarte Deça (ou que o Madune o mãdasse peitar em segredo) sabendo esta conjuraçaõ, pera que naõ fauorecesse o Rey da Cota, ou que elle por cobiça do que d'elle esperaua se lhe offerecesse, ou como quer que fosse, elles trouxeraõ antre si intelligencias, que naõ foraõ taõ secretas, que o Tribuly Pãdar as naõ viesse a saber, & auisou disso logo ao filho.

Vendo Elrey tamanha maldade, como era muito amigo dos Portugueses, receandosse d'algũa traiçaõ, mandou recolher todos com

como o Camareiro mór. O Tribuly vendo aquella injustiça do capitaõ, & como por cima do que jurara se carteaua com o Madune, quis tambem remediarse, & sanearse cõ elle, & asſi entraraõ em concertos, que se vieraõ a cõcluir por esta maneira:

Que o Tribuly Pandar casasse cõ hũa filha do Madune ja viuua, q̃ tinha hũa filha, & q̃ esta casasse cõ seu filho segũdo irmaõ d'Elrey, & disto fizeraõ seus assentos, q̃ logo se publicaraõ. Elrey tanto que o soube sintio o muito, por q̃ entendeo da malicia do Madune, que todos aquelles concertos eraõ pera segurar o Tribuly seu pay, pera vir a lhe tomar o reino, que era o q̃ elle pretendia. A Raynha velha auó d'Elrey, & do Madune (q̃ era hũa senhora muito graue, & de grã de prudencia) vẽdo Elrey da Cota desemparado a te de seu proprio pay, tomou comsigo o Camareiro mór, & se foi ao lugar de Reigaõ a onde o Tribuly estaua, & vendosse com elle lhe fez sobre este negocio hũa fala muito honrosa, que teue tanta força, que lhe fez remouer todos os partidos que tinha feito com o Madune, tornãdo a pór as cousas de seu filho em milhores esperanças: & quis Deos que acodisse esta senhora primeiro que se consumassem os Matrimonios, com o Tribuly, por que se asſi naõ fora tudo se perdera.

Declaradas estas cousas, foi dõ Duarte Deça desapossado, & em seu lugar socedeo Fernaõ Carualho, Alcaide mór de Columbo. Elrey, o Tribuly Pandar seu pay, & o Principe das Corlas (que por ordem da Raynha velha tornaraõ a jurar noua liga) se fizeraõ prestes pera proseguirem na guerra, pedindo ajuda de cincoẽta soldados a Fernaõ Carualho que lhos offereceo, & elles lhe deraõ logo quinhentos cruzados pera suas despezas. Postos todos em cãpo, quãdo Elrey mandou pedir os soldados ao capitaõ, mandouselhe escusar, com dizer que andauaõ pella costa de Columbo alguns nauios Malauares, & que ya acodir por lhes naõ saquearem a terra: & asſi se foi sem lhes mandar soldados, nem dinheiro. Vendo Elrey quãto de mal em pior lhe ya com aquelles capitaens, naõ desistio da empreza, & mandou proseguir nella. Os conjurados entraraõ pellas terras do Madune, & lhe desbarataraõ seus capitaens muitas vezes, & o chegaraõ a estado, que mandou pedir misericordia ao irmaõ, que como era bom homem a teue delle: & fizeraõ nouas pazes, com se effectuarem os casamentos que estauaõ concertados. Neste estado deixamos estas cousas.

CAPI-

## CAPITVLO XIII.

*De como o Turco teue o recado do Baxâ de Baçorâ, das cousas que Pirbec fez em Mascate & Ormuz: & de como mandou Moradobec que lhe tornasse quinze Gales ao porto de Moçâ: & de como Pirbec chegou à corte, & o Turco lhe mandou cortar a cabeça: & de como dom Diogo de Noronha se encontrou com Moradobec: & da muito notauel batalha que as Galês tiueraõ, com o Galeaõ de Gonçalo Pereira Marramaque.*

TANTO que Pirbec chegou a Baçorá (como atras dissemos no capitolo decimo deste decimo liuro) logo o Baxá auisou pella posta o Graõ Turco das cousas q̃ fizera em Mascate & Ormuz, & de como era partido com tres Galés: & que ficaua na fortaleza de Ormuz hũa poderosa armada de Portugueses que acodio a seu socorro. Com estas cartas lhe chegou tambem recado, que nas portas do estreito de Meca ficaua outra armada (que era a de Pero de Tayde Inferno.) E receandosse o Turco que lhe entrasse a te a casa do seu falso profeta, & que lha destruissem de todo (por que ficaua aquelle estreito desemparado) assentou mandar leuar quinze Galés, das que Pirbec passou a Baçorá, pera o estreito de Meca, pera sua guarda & defensaõ.

Isto soube Moradobec capitaõ que foi de Catifa, que andaua na corte muito desconfiado de largar taõ depressa aquella fortaleza a dõ Antaõ de Noronha como atras dissemos no capitolo decimo coarto, do liuro nono. E querendo remediar a quebra que por elle passara, meteo suas valias pera q̃ lhe dessem aquella jornada, & assi lha concedeo o Turco, & o despidio logo pella posta, dandolhe por regimento que se fosse a Baçorá, & que das Galés que la leuara Pirbec tomasse quinze, & com ellas se fosse pera o estreito de Meca, & andasse em guarda delle: & que as mais Galés ficassem em Baçorá fazendo guerra aos Gisares.

Partido este Moradobec, a menos de vm mes chegou Pirbec a Constantinopla: por que chegando a Suez com as Galés as varou, & tomou todos os tisouros & Portugueses catiuos em camelos, & se passou a Alexandria, & d'ali por mar a Constantinopla, a onde chegou muito confiado nas riquezas que leuaua, & com tudo se apresentou aos pés do Turco. Mas como este senhor ainda que barbaro, naõ

ro, naõ consinte corromper suas leys,nem seus mandados com tisouros,ou priuanças,ali logo mandou cortar a cabeça a Pirbec por quebrantador de seus regimentos, & os Portugueses mandou meter nas Galés a banco : donde a mór parte depois se resgataraõ & vieraõ á India.

E tornando a Moradobec,deuse tanta pressa que chegou a Baçorá no fim de Iulho : & negoceando quinze Galés que lhe milhor pareceraõ, metendolhe a milhor artelharia,& os milhores soldados de todas ellas,se sayo pera fora em Agosto. Dõ Diogo de Noronha tambem na entrada deste mes se tinha partido de Ormuz com toda a sua armada, & se foi pór no cabo de Moçandaõ,& d'ali despidio Gomez de Siqueira, & Luis d'Aguiar,com regimento q̃ fossem ate Baçorá,a tomar fala das Galés & que vm as ficasse vigiãdo,& outro lhe trouxesse recado do que achasse dellas.

Chegados estes nauios á boca do rio Eufrates,tomaraõ vm Tarranquim com alguns Mouros,que lhes disseraõ como Moradobec ficaua no mar com as Galés pera sair pera fora. Com este recado se partio vm dos nauios, & o outro ficou vigiando. Chegado este recado a dom Diogo de Noronha, preparou a sua armada muito bẽ, & tornou a mandar o nauio pera se ajuntar com o outro, pera lhe trazerem recado como fossem saidas,& elle se deixou andar do cabo de Moçãdaõ,a te a ilha de Angaõ,a onde as Galés forçado auiaõ de vir demandar. E sendo ja fim d'Agosto,chegaraõ as fustas a dom Diogo de Noronha, & lhe disseraõ que ali atras vinhaõ quinze Galés,& a pos este recado começaraõ de aparecer todos á vela,de longo da costa de Persia,com vento Ponente. Dom Diogo de Noronha estaua surto com toda a armada da banda de Arabia, & em lhe dando o recado mandou leuar ancora,& dar á vela,& foi atrauessando á costa de Persia: & chegando a tiro de bombarda das Galés se pos com ellas ás bombardadas : por que naõ ousou de se chegar mais á terra, pera onde as Galés vaõ metendo de ló tudo o que podiaõ,& desparando tambẽ sua artelharia : & quis a desauentura que acertasse vm tiro da coxia no Galeaõ do capitaõ mór ao lume da agoa, pella banda de gilauento,que o varou dentro,& começou a fazer tanta agoa, que se ya ao fundo. Os officiaes acodindo abaixo, viraõ o Galeaõ que se ya alagando,& requereraõ ao capitaõ mór que voltasse em outro bordo,por que se perdiaõ. Dom Diogo de Noronha o consintio ainda que contra sua vontade, & os officiaes viraraõ no outro bordo, & foraõ deitando rombos cõ muita pressa. Era isto ás dez horas

do

do dia, em que o vento começou á calmar, & os Galeoens ficaraõ anhotos por eſſe mar, ſem gouernarem, diuididos,& apartados de feiçaõ, que o Galeaõ de Gonçalo Pereira Marramaque ficou da bãda de Perſia, afaſtado de toda a mais armada vm tiro de Eſpera. Moradobec vendo os fauores do tempo,tomou as velas, & foi com todas as Galés demãdar o Galeaõ de Gonçalo Pereira, & chegando a elle o rodearaõ por todas as partes,& o começaraõ a bater furioſamente,deſcarregando nelle hũa prolixa tempeſtade de pilouros:& depois que deſpendiaõ todas as cargas, tornauaõſe a afaſtar, & a carregar de nouo, & a dar ſua bataria por eſta ordem. Gonçalo Pereira Marramaque tinha no ſeu Galeaõ cento & vinte homẽs, em que entrauaõ muitos fidalgos & caualeiros, muito nobres & esforçados: & vẽdo que as Galés o demandauaõ,poſeraõſe em armas,& guarneceraõ o Galeaõ de ſuas arrombadas, tomando os fidalgos a artelharia á ſua cõta com os bõbardeiros: & aſsi com grande determinaçaõ eſperaraõ os imigos, em quem deſpararaõ tambem ſua artelharia,que ſe empregou de feiçaõ, que lhes deſaparelharaõ as mais das Galés. Mas como o Galeaõ pelejaua a pé quedo(como la dizem)ſem ſe mouer de vm lugar, & as Galés por cauſa do remo ſe chegauaõ,& recolhiaõ cada vez q̃ queriaõ: poſeraõ o Galeaõ em eſtado,que lhe naõ ficou couſa em que pór os olhos: porque todas as obras de cima eſtauaõ desfeitas em muitas rachas que feriraõ todos os do Galeaõ, á mezena toda quebrada, os maſtos ambos rachados por muitas partes,& as vergas com as velas por eſſe mar.Mas aſſi eſtaua o piadoſo Galeaõ no meyo de todas as Galés como vm fermoſo & forte baluarte, deitando chamas de fogo,& coriſcos por todas as partes: & todos os ſoldados ainda que feridos de muitas feridas,taõ esforçados,& animoſos, q̃ deſejauaõ que as Galés os cometeſſem de bordo a bordo, pera ſatisfazerem nos Turcos o furor cõ que todos andauaõ. Gonçalo Pereira Marramaque moſtrou eſte dia os quilates de ſeu ſangue & eſforço,apreſentandoſſe ſempre nos lugares mais perigoſos, ainda que ali naõ auia algum que o naõ foſſe,& eſtiueſſe: & em tudo era cõpanheiro de todos, aſsi nos trabalhos,como nas feridas,por que tãbem trazia tres muito crueis frechadas por ſeu corpo.

Dom Diogo de Noronha vendo aquella braueza,& que naõ podia ſocorrer o ſeu Galeaõ, esbrauejaua como homẽ ſem ſiſo,queixandoſſe de ſaõ Lourenço por q̃ lhe naõ daua vento, pera o ſocorrer,dizendolhe que era vm mancebo,& que lhe roubaua ſua honra: & com eſta paixaõ mandou

eſquipar

eſquipar todos os bateis dos Galeoẽs,&darlhes toas,pera ver ſe podiaõ chegar algũa couſa,mas tudo era em vaõ , & deſpidio todos os nauios de remo pera q̃ foſsẽ fauorecer o Galeaõ, no q̃ ſeus capitaẽs trabalharaõ bem, chegando algũs muito perto das Galés: mas como ellas tinhaõ rodeado oGaleaõ,naõ foi poſsiuel poderẽ chegar a elle. Gõçalo Pereira naõ lhe ficaua couſa algũa por fazer,por q̃ tudo corria,& tudo via cõ os olhos fazẽdo bem o officio de capitaõ muito animoſo & prudẽte. O Meſtre,& o Piloto q̃ eſte dia trabalharaõ como Aliſátes , naõ ſe reſguardando dos perigos,foraõ mortos de eſpingardadas,por q̃ de todas as partes chouiaõ pilouros & fogo,& nuuẽs de frechas ſobre o Galeaõ,de q̃ todos os noſſos andauaõ empenados por muitas partes . Em fim todos pelejaraõ tãto q̃ naõ ouue algum q̃ naõ tiueſſe inueja aos companheiros que tinhaõ a par de ſi.

Frãciſco da Cunha homẽ fidalgo pelejou ſempre cõ vm falcaõ com muito valor & deſtreza, fazẽdo tiros taõ certos,como ſe toda a vida vſara aquelle officio. E poſto q̃ eſta batalha era merecedora de ſe engrandecer cõ mais alto eſtilo,& com muitas mais palauras , nos o deixamos de fazer,porque nos falta pera iſſo tudo: baſta que a briga durou a te horas de veſpora,em q̃ a viraçaõ começou a ventar, & os Galeoẽs ſe foraõ chegãdo. Moradobec tanto q̃ vio ventar o vento, achandoſſe cõ todas as Galés deſtroçadas, ouue por milhor conſelho tornarſe pera Baçorá,& tomãdo o remo em punho ſe encoſtou á coſta de Perſia,& de longo della tornou a voltar pera dentro, ficãdolhe a nao q̃ era de Ioaõ Nunez Homem,que he a que Pirbec tomou em Ormuz, que leuauaõ carregada da artelharia , moniçoens, & mantimentos,pera prouimento da armada.

Dõ Diogo de Noronha chegou ao Galeaõ de Gõçalo Pereira Marramaque,q̃ ſe naõ via delle mais q̃ o caſco,& metendoſſe no batel foi a elle: Gonçalo Pereira o eſperou a bordo cõ todos os ſeus ſoldados, banhados em ſeu proprio ſangue, & cheyos de poluora,& ſuor,&empenados de muitas frechas por todas as partes . Sobindo dõ Diogo de Noronha acima,foi Gõçalo Pereira Marramaque pera o abraçar & elle lhe diſſe afaſtaiuos ſenhor pera lá,que a vos naõ quero eu abraçar,nada ſe vos deue,por que o que vos fizeſtes,voſſo ſangue & hõra vos obrigou a iſſo,& do ventre de voſſa mãy trouxeſtes eſſas obrigaçoẽs: a eſtes ſoldados ſi,& abraçou a todos vm & vm,enchendoſſe de ſeu ſangue,& de ſeu ſuór, dizendo a todos palauras de muitos & grandes louuores.

As peſſoas principaes que aqui ſe acharaõ com Gonçalo Pereira Marramaque, ſaõ as ſeguintes.

dom Afonſo Anriquez,Luis Freire d'Andrade, que foi capitaõ de Chaul, & ſuſtentou o famoſo cerco que o Zamaluco pós áquella fortaleza o anno de ſetenta & vm. Iorge de Souſa ſeu tio, Andre Pereira de Eerredo, dom Lionis Pereira,filho do Conde da Feira, dõ Luis Pereira,Manoel Furtado,Machado, Sebaſtiaõ Machado, Diogo Nunez Pedroſo, Vaſco de Reboredo,Lionel Pereira, Franciſco da Cunha, Chriſtouaõ d'Araujo Euangelho,& outros muitos fidalgos,& caualeiros. Dom Diogo de Noronha deixou algũas Fuſtas cõ Gonçalo Pereira pera o leuarem a Ormuz, & elle cõ a mais armada foi a pos ás Galés,que yaõ cozidas cõ a terra. Os noſſos nauios ligeiros foraõ demandar a nao q̃ lhes ya fogindo,a te a vararem na ilha de Queixome a onde os Turcos ſe lançaraõ ao mar pera ſe ſaluarem em terra, mas a mór parte delles pereceraõ á eſpada, ficando a nao cõ todo ſeu recheyo em poder dos noſſos.Dõ Diogo de Noronha foi ſeguindo as Galés,q̃ ſe foraõ metẽdo per antre as ilhas & a terra firme, a onde os noſſos Galeoẽs naõ podiaõ chegar,& aſsi foraõ ate entrarẽ pella boca do eſtreito de Baçorá,& rio Eufrates dẽtro, ſeguindoas a noſſa armada ſete dias cõtinos,ate as enſacar. Dõ Diogo de Noronha tãto q̃ as vio recolhidas, naõ tendo ali mais q̃ fazer voltou pera Moçandaõ,a onde ſe deixou andar em quanto duraraõ os Ponentes: & como ſe acabaraõ ſe foi pera Ormuz, negociarſe pera ſe partir pera a India, como tinha por regimento.

## CAPITVLO XIIII.

*Da armada q̃ eſte anno de cincoenta & tres partio do reino,de q̃ era capitaõ môr Fernaõ d'Aluarez Cabral. E das couſas em q̃ Elrey mãdou prouer: & de como o Viſorrey dom Afonſo de Noronha partio pera Cochim.*

ENTRANDO o veraõ ſendo poucos dias de Setembro, chegaraõ á barra de Goa duas naos do reino,hũa de q̃ era capitaõ dõ Iorge de Meneſes o Baroche,da cõpanhia de Fernaõ Soarez d'Albergaria,q̃ ficou o anno paſſado inuernãdo em Moçambique:& a outra era a nao ſaõ Bẽto,em q̃ vinha Fernaõ d'Aluarez Cabral,q̃ o Março atras paſſado de 52. tinha partido do reino por capitaõ mór de coatro naos, & dellas ſó eſta chegou a Goa. Das que faltauaõ eraõ capitaens, Belchior de Souſa da nao Sancta Cruz,que com tempo arribou ao reino.Dom Payo de Noronha da nao Roſairo, que ficou inuernãdo em Moçambique. E Ruy Pereira da Camara, que foi

foi em Nouẽbro tomar Cochim, como adiãte diremos. O Visorrey recebeo muito bẽ o capitaõ mór q̃ lhe entregou o saco das vias, a onde achou algũas instruçoẽs, de cousas em q̃ Elrey mãdaua prouer logo, & de algũas daremos rezaõ, porque conuem asi á historia.

Achou o Visorrey vm aluara, em que lhe mandaua Elrey que logo tanto q̃ aquelle visse, tornasse a Elrey de Ceilaõ todo o dinheiro & joyas q̃ lhe tomara, & q̃ sendo algũas vẽdidas se lhe pagassem pella aualiaçaõ, por q̃ se ouue Elrey por muito deseruido das cousas que o Visorrey vsou cõ aquelle Rey, de q̃ o reprendeo por cartas. O Visorrey começou logo a dar execuçaõ ao aluara, & despidio o Galeaõ da carreira de Ceilaõ, a onde mãdou embarcar Afõso Pereira de Lacerda, q̃ proueo da capitania d'aquella ilha, mãdando vir dom Duarte Deça, & por elle mandou áquelle Rey todas as joyas q̃ ainda estauaõ por vẽder: & dos mais q̃ poderiaõ ser perto de duzẽtos mil pardaos, ficou feita declaraçaõ na receita de Belchior Botelho (sobre quem tudo estaua carregado) pera se lhe ir pagãdo pouco & pouco: mas de tudo naõ logrou o pobre Rey vinte mil pardaos, por pedaços, & por peças q̃ lhe mãdaraõ, porq̃ tudo o mais se lhe descõtou, parte nas pareas, & a mór quãtidade em dadiuas & merces q̃ fez a capitaẽs, Alcaides móres, Secretarios, fidalgos, officiaes, & criados dos Visorreys, & Gouernadores. E nestas dadiuas se cõprio bẽ aquelle adajo velho q̃ diz: Mouro q̃ naõ podes auer, dao por tua alma. Asi este Rey vẽdo q̃ naõ podia arrãcar das maõs dos Gouernadores, q̃ depois socederaõ ate Mathias d'Albuquerque, o q̃ se lhe diuia: fazia merces largas aos q̃ lhas pediaõ, q̃ se pagauaõ por intelligẽcias q̃ pera isso todos tinhaõ: injustiça muito grãde, & muito vsada na India, naõ se pagar aos homẽs o dinheiro, a fusta, o mãtimento, o cairo, & tudo o mais q̃ se toma pera as armadas, & pagarse a outros com quẽ se elles concertaõ pella terça parte. E deixando esta materia, & outras em que vimos pouca satisfaçaõ, & menos emenda, tornemos a nosso fio. Ficou este Rey puxãdo pellos Gouernadores & Visorreys pella sua diuida, sem nũca lha poder arrãcar das maõs, a te o anno de cincoẽta & oito, q̃ sendo Gouernador Francisco Barreto, vẽdo quãto aquelle Rey apertaua cõ elle, pós aquelle negocio em Relaçaõ, depois do procurador d'Elrey vir cõ vm libello cõtra aquelle Rey, pellos desembargadores foi sentẽciado, q̃ naõ estaua Elrey obrigado a lhe pagar cousa algũa, por q̃ muito mais tinha despendido o estado em armadas que lhe mandaua de socorro.

Esta sentença párece que naõ ouue por boa Elrey dom Felipe, depois que socedeo nos reinos de

Portugal, por que no anno de oitenta & cinco paſſou vm aluara, aſsinado pello Cardeal Alberto regente do reino,em que mandaua que naõ ſe fizeſſe mais pagamẽto ás peſſoas a quem aquelle Rey da Cota deſſe ſuas diuidas, & que á conta dellas lhe deſsẽ cada anno o q̃ lhe coſtumauaõ a dar de entretimento,q̃ eraõ mil pardaos,como milhor & mais largamẽte declararemos na noſſa decima decada,por q̃ aqui naõ fazemos mais q̃ referilo, por irem eſtas couſas todas juntas.

Mandou Elrey tambem outro aluara em q̃ mandaua que prendeſſe Bernaldim de Souſa, & que lhe tomaſſem toda ſua fazẽda:por que fora meter Elrey Aeiro de poſſe do reino de Maluco,& ſegundo nos diſſeraõ,que o mandaua Elrey leuar preſo pera o reino,mas eſtes papeis nem os vimos , nẽ os achamos. E pera fazer eſta execuçaõ, mandou Elrey na nao , com Fernaõ d'Aluarez Cabral , o Licenceado Antonio Rodriguez de Gãboa,porque a naõ quis fiar de Pero Soarez,irmaõ de Andre Soarez q̃ na India ſeruia de procurador da coroa:porq̃ tinha obrigaçoẽs á caſa do Gouernador de Lixboa , irmaõ de Bernaldim de Souſa. Eſta execuçaõ aſsi crua mãdaua Elrey fazer,porq̃ lhe eſcreueo Iurdaõ de Freitas de Maluco,q̃ fora muito cõtra ſeu ſeruiço,leuar Bernaldim de Souſa Elrey Aeiro a Maluco,& metelo de poſſe d'aquelle reino:porq̃ como todos os deſgoſtos paſſados antre Elrey dõ Ioaõ,& o Emperador Carlos V. ſeu cunhado, foraõ ſobre o direito das ilhas de Maluco,cujas differenças ceſſaraõ pello empenho , de q̃ na 4. decada no cap. 1. do liuro 7. fizemos mẽçaõ: q̃ tãto q̃ os Reys Catholicos tornaſſem os trezentos & cincoenta mil cruzados,logo ſe tornaria a contẽder ſobre o meſmo direito, como os pouos de Eſpanha muitas vezes lhe requereraõ. O q̃ naõ poderia fazer ſe Bernaldim de Souſa naõ metera de poſſe Elrey Aeiro, tendoa elle Iurdaõ de Freitas tomado por Elrey dom Ioaõ de Portugal , por virtude do teſtamento d'Elrey dom Manoel,que morreo em Malaca,porq̃ ſe ficaua acabando as contendas todas:porq̃ ja Elrey de Portugal,alem do direito q̃ alegaua da poſſe & propriedade, ficaualhe agora muito milhor pella herãça,como verdadeiro herdeiro d'Elrey dom Manoel de Maluco,q̃ o conſtituyo por eſſe,por naõ ter filhos, nem irmaõs legitimos. E como iſto importaua tanto , & Elrey naõ tinha outra informaçaõ mais q̃ a que lhe mandou Iurdaõ de Freitas,mandaua fazer aquella execuçaõ em Bernaldim de Souſa,eſtando elle ſem culpa, pois fora por mandado do ſeu Gouernador,ſobre ſentença dada na Relaçaõ de Goa,porque julgaraõ Elrey Aeiro por Rey de Maluco:& pera o mete-

o meteré de posse delle, mandou o Gouernador dom Ioaõ de Castro a Bernaldim de Sousa, como no principio desta sexta decada no capitulo 4. do liuro 1. fica dito.

O Visorrey como estaua informado daquelle negocio, & sabia a pouca, ou nengũa culpa que Bernaldim de Sousa tinha, o mandou prender, & escreuerlhe a fazenda, pera milhor se poder liurar. E vẽdo que lhe era necessario acodir às cousas de Cochim, pella guerra que o Rey da Pimenta lhe fazia, começou a se preparar, & a fazer pagamento aos soldados, & a pòr a armada no mar. E dando despacho a muitas cousas apressadamẽte, entregando o gouerno aos deputados se embarcou no fim de Nouembro, & deu logo à vela cõ toda armada, que era de mais de cem velas. Os capitaẽs que o acõpanharaõ nesta jornada, dos que podemos saber os nomes saõ os seguientes.

Seu filho dom Fernãdo de Meneses, Bastiaõ de Sà, Vasco da Cunha, dom Antonio de Noronha, Francisco de Mello Pereira, & Frãcisco de Sousa em Galès: Dom Pedro da Sylua da Gama, Antonio Moniz Barreto, Francisco Barreto, dom Ioaõ d'Almeida filho do Contador mòr, & Pero de Tayde Infernõ em Galeotas latinas. Gil Fernandez de Carualho, Fernaõ de Castanhoso & Belchior Botelho emGaleoen s. Pero Botelho Aluaro de Mendoça, Manoel Mascarenhas, Luis Aluarez da Cunha, Diogo de Mello da Cunha, & Afonso Basto em Carauelas. O Veador da fazenda Simaõ Botelho, Gomez da Sylua, Duarte Paez de Mello, Iorge Pereira Coutinho, dom Diogo de Tayde, dom Ieronymo de Castello branco, Gil de Goes, Gomez Furtado, & outros muitos fidalgos & caualeiros em Fustas. O Visorrey ya embarcado na Galè Reliquias, & com elle Bernaldim de Sousa, que ja estaua solto pera se liurar, & lhe tinha recebido sua contrariedade, & dom Aluaro de Noronha, filho do Visorrey dom Garcia, que tinha ja chegado de Ormuz de ser capitaõ & outros muitos fidalgos velhos: & dada a vela foraõ seguindo sua derrota.

## CAPITOLO XV.

*De algũas cousas que acõteceraõ ao Visorrey dom Afonso de Noronha a te chegar a Cochim: & dos conselhos q̃ tomou sobre dar no Chembe: & de como se assentou darẽ nas ilhas alagadas, & de como as destruiraõ.*

CHEGANDO o Visorrey a Cananor, chegou a elle hũa Fusta que vinha de

Cochim,que trazia as vias da nao de que era capitaõ Ruy Pereira da Camara, que auia poucos dias que era chegado àquella cidade. O Visorrey as abrio,& achou nellas hũ aluara em que lhe mandaua que se naõ seruisse em cousa algũa de dõ Diogo de Almeida filho do Contador mòr,por que o tinha riscado de seus liuros,pellas razoens que atras dissemos no capitolo decimo sexto do liuro nono.O Visorrey sintio aquillo muito por ser amigo daquelle fidàlgo,& por que tinha elle partes pera puxarem por elle todos os Visorreys & gouernadores. E por q̃ não podia remediar aquelle negocio, por lhe naõ deixar Elrey lugar algũ aberto pera, isso tratou logo de o mandar tirar da fortaleza de Diu em que estaua: porque soubesse Elrey pellas naos o como compria seus mandados: & pera isso cometeo alguns fidalgos pera irem tomar posse daquella fortaleza, pera se dom Diogo vir pera elle: mas nenhum a quis aceitar, assi por naõ irem desapossar dom Diogo d'Almeida,como por naõ se embaraçarem por dous ou tres meses naquelle negocio: por que tinha aquelle anno vindo do reino aquella capitania a dõ Diogo de Noronha o Corcòs:que como chegasse de Ormuz, forçado auia de ir entrar nella,Sò dõ Iorge de Meneses Baroche a aceitou, o que lhe todos estranharaõ,porq̃ diziaõ que aquella diligẽcia auia o Visorrey de mandar fazer por hũ Desembargador: que aquillo era mais profissaõ de hũ bacharel, que de hũ fidalgo taõ honrado,& sobre isso lhe fizeraõ muitas trouas:mas elle por cima de tudo se partio logo em hũa Fusta muito ligeira, & foi seu caminho em que o deixaremos.

Dom Diogo de Noronha o Corcós, chegou a Goa com toda sua armada,poucos dias depois do Visorrey ser partido, & tomando mantimentos & agoa, deu logo à vela apos elle, & o foi tomar na barra de Cochim: por que foi o Visorrey fazendo detença em Cananor & Chale. O Visorrey o recebeo bem, & a todos os seus capitaens, principalmente a Gonçalo Pereira Marramaque,pella grãde vitoria que ouue das Galès. O Visorrey deixando fora todos os Galeoens & Carauelas,entrou pella barra dentro nas Galès,& em todos os nauios de remo: & passando pella cidade, due o saluou soberbissimamente,foi aquella noite sorgir no castello de cima, a onde foi visitado dos Vereadores, & principaes da cidade.

Ali teue hũ conselho geral em que se assentou que desembarcasse no Chembe,& destruisse aquelle reino. Com esta resoluçaõ foi sorgir com toda a armada defronte do Chembe. Ali teue outro cõselho em que os principaes de Cochim

chim tornaraõ a reuogar o passado, dizendo que naõ era bem que dessem no Chembe, porque tinhaõ espias, que estaua aquelle Rey muito fortificado, & com grã de poder, & q̃ se arriscaria a muito mas q̃ dessem no Pagode de Baiqueta, que he na mesma ilha, & q̃ o destruissem & assolassem? porq̃ era a mòr afronta & dano que se podia fazer áquelle Rey.

Com este parecer foi o Visorrey sorgir com toda a armada defronte deste Pagode: & ordenando a desembarcaçaõ em terra, se deteue nisso por espaço de tres dias. No cabo delle tornou a auer outro conselho, em que se assentou que fossem dar nas ilhas alagadas, que eraõ daquelle Rey, por ser o mais importante rendiméto de seu reino, & de que Elrey se sustentaua, por serem de palmares fertillissimos, que era toda sua sustancia. Com esta vltima resoluçaõ se leuou o Visorrey, & foi sorgir no mar largo, defronte de Tecancute, & alı ordenou a desembarcaçaõ no modo que auia de ser, que foi por esta maneira.

Que o Visorrey com os capitaés & gente de sua armada desembarcassem pella banda do Sul: Ioaõ da Fonseca capitaõ de Cochim cõ todos os casados, & gente d'Elrey de Cochim pella banda do Norte: pera o q̃ se ordenaraõ muitos Tones, & embarcaçoés pequenas pera entraré por aquelles esteiros.

Assentado isto mandou o Visorrey a Frãcisco Barreto, & a Bernaldim de Sousa que fossem cada hũ em seu nauio ligeiro ver, & notar a parte por onde elle auia de desembarcar, pera verem se tinha algum impedimento. Estes fidalgos se embarcaraõ em os nauios & foraõ ambos juntos demandar o rio: & antes de chegarem a elle algum espaço, acharaõ o Siqueira Malauar, que era o homem q̃ milhor sabia todas aquellas entradas que todos: & sabendo ao que yaõ, chegouse a Bernaldim de Sousa, & lhe disse que naõ yaõ bẽ, porq̃ se entrasem o rio que nenhum delles auia de tornar. por que esta ua atrauessado de estacadas grossas, & que era taõ estreito que naõ podiaõ voltar nelle, & que os imigos de cima das barranceiras os auiaõ de matar hũ & hũ ás frechadas & espingardadas. Bernaldim de Sousa lhe respondeo, que fosse elle dizer aquillo ao Visorrey, porque elles naõ auiaõ de deixar de ir seu caminho. O Siqueira voltou para a Galè, & disse ao Visorrey, que para que arriscaua aquelles fidalgos, que os mandasse recolher porque yaõ perdidos, q̃ quem auia de entrar o rio, auia de passar auante, porque naõ podia tornar a voltar: que deuia de entrar com todo o poder, & ir desem barcar na cidade, & que perigasse quem perigasse: porque forçado na entrada auia d'auer dano. O

Visorrey mandou logo capear as Fustas,pera que se tornassem.Bernaldim de Sousa depois que se apartou delle,chegouse a Francisco Barreto,& lhe perguntou se ya cõ fessado,& com isso lhe contou tudo o que passara com o Siqueira: Ouuindo Frãcisco Barreto aquillo lhe perguntou o que fariaõ? ja naõ ha que tomar conselho lhe respondeo Bernaldim de Sousa,se naõ passar auante, & encomendar a Deos,& foi remando. Em quanto estiueraõ nestas praticas vio hũ pagem de Bernaldim de Sousa capear,& lhe disse,& Bernaldim de Sousa pelejou com elle,& lhe disse que se calasse. E passando auante lhe atiraraõ hũa bombardada, & a pos ella despidio o Visorey a sua manchua apos elles. A bombardada disse Francisco Barreto a Bernaldim de Sousa, que aquillo era chamalos,Bernaldim de Sousa lhe respondeo que bem podia ser que fosse outra cousa,& foi remãdo a te que a manchua chegou a elles, & lhes disse que o Visorrey os chamaua. Com isto voltaraõ ambos de milhor vontade do que yaõ:o que naõ fizeraõ ao primeiro sinal por pura desconfiança.

Recolhidos à Galè, mandou o Visorrey negociar as Fustas todas, & fazer arrombadas, pera o outro dia desembarcar. E tanto que rõpeo a manhã, abalou o Visorrey com todos os nauios ligeiros : & seu filho dom Fernando de Meneses,& Francisco Barreto na dianteira , & diante delles o Siqueira, & os mais capitaens Malauares.E chegando as estacadas as arrancaraõ com muito trabalho, & risco porque os imigos de cima dos valos descarregaraõ sobre elles nuuens de frechas , com que feriraõ muitos dos nossos. Tirado este impedimento, entraraõ os nauios todos a fio a te chegarem às ilhas em q̃ auiaõ de desembarcar, onde saltaraõ dom Fernando de Menesos , & Francisco Barreto com suas bandeiras,o que fizeraõ a poder de bombardadas,& espingardadas.

Franqueada a desembarcaçaõ chegou o Visorrey a terra, & desembarcou com todo o poder , & cemeçou a assolar, & destruir, & por a ferro & a fogo todas aquellas ihlas daquella parte, matando & catiuando muita gente : & depois de naõ auer cousa algũa em pè,se tornou a embarcar, & se foi pera a armada. Ioaõ da Fonseca capitaõ de Cochim com a gente de sua companhia , desembarcaraõ pella parte do Norte,& entraraõ naquelles esteiros,que estauaõ tambem intupidos cõ estacadas , & depois de as desfazerem , & arrancarem saltaraõ em terra, & meteraõ tudo a ferro & a fogo, matãdo & catiuando muita gente. Depois que Ioaõ da Fonseca fez a mòr destruiçaõ q̃ podia ser, mandou seu filho Antonio de Siqueira com

ra com recado ao Viſorrey do q̃ *era paſſado, que elle eſtimou muito*, a vitoria que tinha auido, por naõ perder naquella jornada mais que vm homem, & logo o deſpidio mandando dizer a Ioaõ d'Afonſeca que ſe recolheſſe pera elle, como fez.

O Viſorrey vendo que tinha bem caſtigado aquelle Rey, & q̃ era neceſſario acodir á carga das naos, ſe partio pera Cochim, deixando por aquelles rios Gomez da Sylua, com doze ou quinze em barcaçoens ligeiras pera ir continuando na guerra. Neſte eſtado os deixaremos vm pouco por que he neceſſario continuarmos com o que neſte tempo ſocedeo em Cambaya.

## CAPITVLO XVI.

*Das reuoltas que ouue no reino de Cambaya, por morte de Soltaõ Mahamude: & de como dom Diogo d'Almeida deu na cidade de Diu, & a deſtruyo.*

SOLTAM Mahamude Rey de Cãbaya era taõ mao, & taõ cruel, q̃ auorrecia a todos os vaſſalos. E de muitas brutalidades q̃ delle ſe contaõ, ſó duas diremos, pera proua baſtante de ſua maldade. Hũa dellas he: tinha eſte barbaro trezentas molheres de ſuas portas a dentro, de que vſaua: deſtas, toda a que emprenhaua delle (por que d'outrem naõ podia ſer pello grande reſguardo com que as tinha) tanto que era de tempo, lhe mandaua abrir a barriga, & tirarlhe o filho, ainda palpitando, recreandoſſe naquella deſumanidade. A outra he: coſtumaua elle ir muitas vezes a vns paços de prazer que tinha fora da cidade, em q̃ eſtaua o mais rico & corioſo jardim de quantos lemos de todos os Emperadores do mundo, porq̃ deixando agoas, fontes, eſguichos, tanques, boninas, & eruas freſquiſſimas & ſuaues: todas as aruores de todas as ſortes das do Oriente que ali tinha, que eraõ muitas, todos os ſeus troncos, dos pés do chaõ a te a rama eraõ forrados de veludos de cores, de borcados riquiſsimos, & de outras ſedas muito corioſas, que todos os veroens as renouauaõ, por que nos inuernos apodreciaõ a mór parte. Auia neſte jardim todas as aues brauas, & domeſticas que ſe podiaõ imaginar, & todas as alimarias, porcos, veados, gazellas: & todas as mais que elle coſtumaua a montear. Andando eſte barbaro vm dia neſte jardim á caſſa com ſuas molheres, correndo a pos vm veado, cayo do caualo, & ficou dependurado por vm pé, leuandoo o cauallo a raſto vm eſpaço. Hũa d'aquellas

las molheres que ficou mais perto delle, teue tal acordo que arrãcou de vm alfange, & cortando o loro do estribo ficou Elrey no chaõ estirado vm pouco, & mal tratado: & o caualo passou por diante. Leuantandosse Elrey em lugar de pagar á pobre molher a vida que lhe deu (porque sem duuida o caualo o espedaçara, se ella o naõ liurara) chegandosse a ella a matou, dizẽdo, que molher de tamanho animo, & determinaçaõ, tambem o poderia vm dia matar.

Deste barbaro cruel se affirma, que de moço se começou criar cõ peçonha, & assi como veyo a ser Rey, logo começou a vsar de espantosas cruezas, & a temerse de tudo, & de todos, naõ se fiando de cousa algũa (que este he o mór trabalho que todos os tyrannos tem, & a mór vingança que se lhe pode desejar, como se lé de Dionysio de Cicilia, que falaua ás partes de cima de vm eirado, & que nunca fazia a barba, por naõ entregar a garganta nas maõs d'algum barbeiro: & affirmaõ os escritores q̃ elle mesmo a fazia com tiçoẽs de fogo.) Asi este tyranno Soltaõ Mahamude naõ se fiaua de pessoa algũa, mais que de vm pagem que lhe tinha a chaue da sua agoa que elle criou de minino sempre dentro na sua camara, donde lhe nunca saya, que se chamaua Borandim. Este, ou que fosse induzido d'alguns, ou que o demonio lhe metesse em cabeça que podia ser Rey: estando o Mahamude dormindo hũa noite o matou ás punhaladas, & meteo em segredo no paço alguns capitaens de sua valia. Morto Elrey, mandou Borandim logo recado a todos os capitaens principaes que na corte auia a chamalos da parte d'Elrey, & asi como chegauaõ os recolhia pera dentro & lá os mataua: & isto fez a dezassete. Só dous chamados Mostafa Carman, & Bearcan Abexim, deixou viuos recolhidos em hũa camara, porque eraõ grãdes seus amigos, & tratou de os grãgear, pera que elles consintissem em sua tyrannia, & o sustentassem nella.

Antre os capitaẽs que chamaraõ foi vm Aimiticaõ Gentio de naçaõ, que se tinha feito Mouro. Este como era muito prudente, & preuenido, dandolhe o recado da parte d'Elrey a desoras, cousa naõ costumada, parecendolhe mal aquelle negocio se sayo logo fora da cidade, & foise meter em hũa Mesquita. Borandim tanto que amanheceo, tomou as insignias reaes, & se pós na cadeira, & mandou chamar Mostafa Carman, & Bearcan, & lhe fez grandes promessas, pera que lhe fizessem a veneraçaõ como a seu Rey, o que fez Bearcan Abexim: mas Mostafa Carman dissimulando com o negocio, saindosse pera fora se pós em vm caualo muito ligeiro, & se

partio

partio pella posta pera Baroche a dar rebate a Madre Maluco, gêro de Cogeçofar,que era vm dos Regedores do reino.

A morte d'Elrey diuulgouse logo pella cidade,& acodirão todos ao paço a saberem o que aquillo era. Antre todos estes foi Xauascan Guzarate de nação, capitão muito animoso, & de grande posse: & entrando na casa em q̃ Borandim estaua, que o vio com as insignias de Rey,ficou embaraçado,Borandim lhe disse que lhe fizesse a veneração como a seu Rey que elle lhe faria muitas honras & merces. O Xauescan, que era homem muito determinado, entendendo que o Rey era morto, embebeo vm arco, & deu cõ hũa frecha pellos peitos a Borandim dizendo,que elle não fazia veneração a vm escrauo d'Elrey. Borandim cayo logo morto,& indosse o Xauascan recolhẽdo, as molheres d'Elrey que estauão nas janelas q̃ cayão sobre a casa em que isto passou,vendo cair o Borandim,embebeo hũa dellas vm arco, & atrauessou o Xauascan por hũa espadoa com hũa seta,dando com elle logo morto no chão.

Os criados da casa d'Elrey acodirão ao paço,& achandoo morto o enterrarão com pompa real, em hũa Mesquita muito rica, & fermosa, que pera isso tinha feita, & o mesmo fizerão os criados dos capitaens q̃ Borandim tinha mortos,& ao mesmo Borandim,ficando assi a cousa aquelle dia,& o outro, sem saberem determinar o q̃ auião de fazer.

Mostafa Carman, que partio pella posta pera Baroche, deuse tanta pressa, que chegou aquella noite: & dando as nouas a Madre Maluco do que passaua, logo ao outro dia ajuntando dez ou doze mil homens, partirão pella posta pera a corte: & o mesmo fez Itimitican que se tinha acolhido pera hũa villa sua pera d'ali se pór em cobro. E assi acodio outro capitão chamado Cide Mombareque, que tambem era de grande posse,& cada vm destes tinha dez ou doze mil homens de sua obrigação.

Estes todos chegarão á corte juntamente,& entrando nos paços souberão tudo o que era passado: & vendosse sem Rey,composerão se antre si de feição, que repartirão todos os tisouros reais irmammente,ficando todos tres de posse dos paços, & o Madre Maluco leuantou vm arco com vm coldre de frechas,sobre vm alto do throno real,& lhe fizerão todos a veneração como a Rey, ate se mandar trazer vm moço, que Madre Maluco dizia q̃ era filho do Rey morto, & que se criara em hũa aldea em muito segredo, por que a mãy tanto que se sintio prenhe, temẽdosse que Elrey a matasse, como fazia a todas,soubesse encobrir

brir de maneira, que nunca ſe ſintio ſeu parto, nem emprenhidaõ: & parindo o minino teue modo com que o deu a quem o leuou eſcondidamente ſem ſe ſaber:& ſó Madre Maluco dizia que ſabia delle: mas outros affirmauaõ que tal naõ era,& que o fingia o Madre Maluco filho d'Elrey, pera cõ aquella capa ficar tyrannizando o reino.

Em fim como quer que foſſe elle mandou trazer o moço que ſe chamaua Hamedoxá,que ſeria de ſete ou oito annos, que foi auido por filho d'Elrey, & aſſentado na ſua cadeira,& ali venerado por tal de todos os capitaens: ficando em poder de Madre Maluco, como Regedor, & peſſoa principal pera o criar como ſeu Ayo: naõ tendo o moço eleiçaõ de querer em nenhũa couſa,por que tudo gouernaua, & mandaua o Ayo abſolutamente,ſem lhe ninguem ir a maõ, pella muita poſſe que tinha.

Deuulgadas eſtas nouas por todas as prouincias do reino,logo os Gouernadores dellas lãçaraõ maõ de tudo o que tinhaõ, entendẽdo que o Madre Maluco trataua de tyranizar o reino. Os capitaẽs que ſe leuantaraõ ſaõ os ſeguintes.

Cide Mombareque com as cidades de Cambayete, Mamadaba,Deolcá,& outras.

Alucan com a cidade de Damaõ: & com todas as ſuas Tanadarias,deſde Bolcar, a te o rio de Agaçaim. Abixcan Abexim cõ as terras de Diu deſda ſerra de Vná,ate a de Iunager,& fez ſua reſidencia na villa de Nouanager duas legoas de Diu, de cuja cidade tambem lançou maõ, & mandou meter nella vm capitaõ Abexim chamado Cide Elal, & mandou Embaixadores a dom Diogo d'Almeida capitaõ d'aquella fortaleza a lhe pedir pazes cõ as condiçoens que eſtauaõ feitas: & que ficaſſe a Alfandega corrẽdo,a metade pera Elrey de Portugal, & a outra pera o Cide Elal: & que teriaõ ambos ſeus officiaes nella,como eſtaua aſſentado pello contrato das pazes que fez dom Garcia de Noronha,&depois dõ Eſteuaõ da Gama.

Tartarcan ſe aleuantou com a ſerra de Iunager,que era couſa inexpugnauilliſsima, & com toda a ſua comarca, que ſe eſtendia ate o Pagode de Iaquete:& mais de vinte legoas pello ſertaõ dentro. Paſſado Cide Elal á cidade de Diu, pós logo officiaes na Alfandega, & renouou a fortaleza velha, que eſtaua ſobre vm tezo fora da cidade,que foi a antiga de Meliqueás, & ſe meteo nella com trezentos homens de guarniçaõ. E como todos os Mouros ſaõ per natureza ſoberbos,& entenderaõ no ſeu capitaõ inclinaçaõ contra os noſſos, tanto que ſe encontrauaõ na ſua cidade, a onde os noſſos ſoldados Portugueſes vaõ comprar as couſas

ſas

ſas que auiaõ miſter,faziaõlhes afrontas,& vexaçoens, & deſprezos grandes, que elles ſofriaõ por que lho tinha aſsi encomendado o capitaõ. Em fim chegou a couſa a tanto, que mandou dom Diogo d'Almeida recado ao Cide Elal, pera que proueſſe naquillo, & caſtigaſſe os ſeus ſoldados, por que naõ vieſſem a rompimento com os Portugueſes, por que ſe lhe tinhaõ ſofrido muitas couſas, era por lho elle aſsi ter mandado: por que deſejaua de conſeruar com elle a amiſade,& viſinhança: & q̃ ſe naõ proueſſe naquillo,q̃ o faria elle cõ dar licença aos ſeus pera ſe ſatisfazerem de quẽ os agrauaſſe. O Abexim reſpondeolhe bem, & com grandes comprimentos, mas todauia os ſeus naõ ſe emendaraõ, nẽ deixaraõ de vſar ſua ſoberba: encontrando os noſſos como os achauaõ na ſua cidade, de má feiçaõ: trocendolhes os bigodes, & outras roncas ſemelhantes.

Dom Diogo d'Almeida, a quẽ os ſoldados fizeraõ queixume,vẽdo que todo o mais ſofrimento ficaua em deſcredito, determinou de caſtigar os Mouros: & ajuntando os Portugueſes que auia na fortaleza,que ſeriaõ perto de quinhẽtos, deixando o Alcaide mór em guarda da fortaleza com alguns, deu hũa madrugada na cidade, & cometendo as caſas dos Mouros, que eraõ conhecidas (por que nos naturaes naõ quiſeraõ tocar) & entrandoas mataraõ todos os que acharaõ ſem perdoarem a algum aſſolandolhes,&deſtruindolhes as caſas,& roubãdolhes as fazendas, fazendolhes tamanhas deſumanidades, que foi eſpanto. E como vio que eſtaua ſatisfeito ſe recolheo a ſeu ſaluo, ſẽ o capitaõ Abexim lhe ſair, nem ouſar a bolir comſigo: antes mandou recado a dom Diogo d'Almeida pedindolhe perdaõ do paſſado, & que tornaſſem a correr em amiſades. E deſta maneira ficaraõ os Mouros taõ domeſticos, que a onde viaõ vm Portugues ſe deſuiauaõ. Poucos dias depois diſto paſſado,chegou a Diu dom Iorge Baroche com as prouiſoens do Viſorrey, pera lhe dom Diogo d'Almeida entregar a fortaleza, o que elle logo fez, & ſe embarcou no meſmo nauio em que dom Iorge foi: & com os Noroeſtes rijos veyo em oito dias a Cochim, & tomou ainda o Viſorrey ſobre o Chẽbe.

## CAPITVLO XVII.

*Das pazes que o Viſorrey dom Afonſo de Noronha fez com o Rey de Chembe. E das naos que partiraõ pera o reino: & de como ſe perdeo a nao ſaõ Bento na coſta da Cafraria.*

RECOLHIDO o Visorrey em Cochim, começou a dar pressa ás Naos do reino: & como naõ eraõ mais que duas, bastou pera a carga dellas hũa pouca pimenta que auia feita, & outra que veyo de Coulaõ: & coas mais drogas as acabou de encher & carregar. Gomez da Sylua que q̃ o Visorrey deixou entre aquellas ilhas, andou por ellas fazendo tanta guerra, cortando & destroindo seus palmares, & fazendas: & catiuandolhe tanta gente, que pós áquelle Rey em necessidade de mandar pedir pazes ao Visorrey, & pera isto lhe despidio seus Embaixadores, que o Visorrey ouuio, & começaraõ a tratar de pazes, que se assentaraõ na forma seguinte.

Que aquelle Rey deixaria correr por seus rios pimenta pera as Naos, & tornariaõ a ficar fixas as perfilhaçoens que tinha feito com Elrey de Cochim. E que o Visorrey lhe largaria as ilhas alagadas, que tinha tomadas. E lhe soltaria todos os capitaens q̃ na guerra foraõ presos.

Assentado isto, mandou o Visorrey recolher Gomez da Sylua, & largou logo a gente que estaua catiua: & deixou ordem a Ioaõ d'Afonseca capitaõ d'aquella cidade pera ir meter aquelle Rey de posse das ilhas que lhe tinha tomado, o que elle depois no inuerno mandou fazer por seu filho Antonio de Siqueira. O Visorrey por que era ja cabo do veraõ se recolheo pera Goa ficando aquelle Rey da pimenta correndo com as pazes com as cautelas & inuençoens com que o costumaõ fazer todos aquelles Reys Gentios.

As Naos do reino partiraõ a te quinze de Ianeiro d'este anno de cincoenta & coatro: & na Nao capitaina com Fernaõ d'Aluarez Cabral se embarcou dom Aluaro de Noronha, filho do Visorrey dom Garcia de Noronha, que tinha acabado de seruir a capitania de Ormuz. Esta nao se foi perder na costa da Cafraria, antes da agoada de saõ Bras, saluandosse a gente della em algũas jangadas, que foraõ ter a terra: mas a em que ya Fernaõ d'Aluarez Cabral, & dom Aluaro de Noronha se virou, & elle com toda a gente de sua obrigaçaõ se afogaraõ. A mais gente que chegou a terra se fiz em vm escoadraõ, & foraõ caminhãdo por ella: & alguns chegaraõ depois a Moçambique. Contamos esta viagem asi em soma, por q̃ naõ soubemos as particularidades della.

(·:·)

CAPI-

## CAPITOLO XVIII.

*Das couſas em que o Viſorrey dõ Afonſo de Noronha proueo, & de como mandou ſeu filho dõ Fernando de Meneſes cõ hũa armada ao eſtreito. E da ſentẽça q̃ ſe deu contra dõ Aluaro de Tayde capitaõ de Malaca. E dos capitaẽs q̃ foraõ entrar em ſuas fortalezas: & do que aconteceo na jornada a dom Franciſco de Meneſes ate chegar a Ormuz.*

CHEGADO o Viſorrey dom Afonſo de Noronha a Goa: a primeira couſa em q̃ entendeo foi em ordenar hũa armada pera ſeu filho dõ Fernãdo ir ao eſtreito de Meca, & de lá ir inuernar a Ormuz, pera eſperar as Galés ſe ſaiſsẽ de Baçorá em Agoſto: & mandou pagar mil & duzentos homens pera eſta jornada,& tãta preſſa lhe deu q̃ no fim de Feuereiro a teue toda preſtes pera dar á vela. Bernaldim de Souſa q̃ eſtaua deſpachado pera ir entrar na capitania de Ormuz,andaua pejado de dõ Fernãdo ir inuernar áq̃lla fortaleza,porq̃ por filho do Viſorrey auia de querer leuar poderes ſobre tudo: & como era muito ſeu amigo tratou de ſe deſuiar de deſgoſtos.E vẽdoſſe cõ elle lhe diſſe,q̃ ſe elle ya a Ormuz, cõ poderes ſobre tudo,q̃ lho diſſeſſe,q̃ ſe deixaria ficar,pera ir entrar naquella fortaleza em Outubro, por q̃ era ſeu ſeruidor,& naõ queria q̃ ouueſſe antre elles algũ deſgoſto ſobre a jurdiçaõ.Dõ Fernando lhe reſpõdeo,q̃ elle naõ leuaua poderes algũs na fortaleza,a onde elle era capitaõ, mais q̃ os que lhe elle lá deſſe. Bernaldim de Souſa ficou com iſſo deſaliuado.

Poſta a armada na barra, foi o Viſorrey fazela á vela, deitando grãdes bençoẽs a ſeu filho & a todos. Era eſta armada de ſeis Galeoẽs,ſeis Carauelas,& vinte & cinco ou ſeis Fuſtas mũy bẽ negociadas.Dos Galeoẽs eraõ capitaẽs,dõ Fernando de Meneſes filho do Viſorrey,do Galeaõ ſaõ Mattheus: Gomez da Sylua, fidalgo Galego, do de ſancta Cruz: Gõçalo Falcaõ do de ſaõ Sebaſtiaõ: dom Aluaro Gõçaluez de Tayde do de Sãctiago: dom Aluaro da Sylueira do de ſaõ Lourẽço: Balteſar Gomez feitor da armada,do Galeaõ ſaõ Thome,em q̃ leuaua muitas moniçoẽs, mãtimẽtos,& outras couſas pera a armada.Das Carauelas eraõ capitaens Nuno Aluarez de Craſto, Antonio de Valadares, dom Manoel Maſcarenhas,Iorge de Moura,dom Ieronymo de Caſtel branco, & dõ Fernando de Monroyo fidalgo Caſtelhano. Os capitaens das Fuſtas eraõ dõ Duarte de Vaſcõcellos, Iorge Pereira Coutinho, Frãciſco de Souſa,Damiaõ de Sou

ſa,Ruy de Craſto, Antonio Lopez de Carualho, Ioaõ de Mello da Cunha,Ioaõ Pereira,Diogo de Mendoça de Vaſconcellos, Ioaõ Mendez do Rio, Ioaõ Teixeira Pinto,Simaõ da Coſta, Simaõ de Souſa,Aluaro de Craſto,Antonio d'Almeida,Inofre do Soueral,Gõçalo Guedes, Baſtiaõ de Macedo, Antonio d'Eſpindola, Manoel de Siqueira,Ioaõ Vieira, Belchior Pirez,Pedraluarez de Cananor, Eitor Nunez,Coſmo Aluarez,Franciſco Sanches,Gaſpar da Barca, & outros. Dada a vela foraõ ſeguindo ſua jornada a que logo tornaremos.

Partida a armada entrou logo o Viſorrey no deſpacho das couſas que auiaõ de ir pera fora:& mãdou dar preſſa aos feitos ꝗ corriaõ contra Bernaldim de Souſa,pellas culpas que lhe Elrey mandou do reino, & contra dom Aluaro de Tayde da Gama capitaõ de Malaca: & depois de correrem ſeus termos foraõ concluſos á relaçaõ, & os deſembargadores pronũciaraõ,que Bernaldim de Souſa naõ tinha culpas nas couſas que lhe poſeraõ, por coanto fora por mandado do Gouernador dom Ioaõ de Caſtro a meter Elrey Aeiro de poſſe do reino de Maluco,por hũa ſentença que elle diſſo ouuera na meſma relaçaõ de Goa,de que no principio deſta decada, no capitolo coarto do liuro primeiro fizemos mẽçaõ,& que foſſe entrar na ſua fortaleza,&que ſe lhe tornaſſe toda a fazenda que lhe eſtaua ſoceſtada. E no feito de dom Aluaro de Tayde da Gama por lhe acharem culpas graues, pronunciaraõ que foſſe preſo pera o reino, com os autos de ſuas culpas:& que foſſe vm deſembargador deſapoſſalo: & que dom Antonio de Noronha, filho do Viſorrey dõ Garcia de Noronha foſſe entrar na fortaleza de Malaca de que era prouido.

Dadas eſtas ſentenças,ordenou logo o Viſorrey que foſſe o Licẽceado Antonio Rodriguez de Gãboa a Malaca dar a execuçaõ a ſentença contra dom Aluaro de Tayde da Gama, & a meter dom Antonio de poſſe d'aqlla fortaleza: & no meſmo tẽpo deſpachou Iorge de Mendoça pera ir entrar na capitania de Chaul:& dõ Diogo de Noronha na de Diu: & Anrique de Macedo na de Cananor: & dõ Duarte Deça na de Maluco, por terẽ vindo nouas da morte de Frãciſco Lopez de Souſa. E por ꝗ todos eſtes capitaẽs auiaõ de dar as menagẽs de ſuas fortalezas, ordenou o Viſorrey ꝗ o fizeſsem todos jũtos em vm dia:& pera aqlle auto (ꝗ quis ꝗ foſſe feito cõ grande ſolẽnidade) mandou armar a ſalla grãde cõ eſtrado,& docel: & mandou recado a todos os officiaes da fazẽda & juſtiça: & a todos os fidalgos,& capitaẽs, pera ſe acharẽ aqlle dia preſentes,os mais galãtes

& bem

& bẽ tratados q̃ podesſẽ, como fizeraõ, indo todos os q̃ auiaõ de dar as menagẽs,de plumas, & medalhas,ſóBernaldim de Souſa naõ mudou o trajo ordinario,de que ſe tomou o Viſorrey muito,auẽdo q̃ o fizera em deſpreſo d'aq̃lle auto, & os fidalgos amigos de Bernaldim de Souſa galãtearaõ com elle ſobre iſſo: & vm delles lhe diſſe, q̃ auia elle de dar algũa hora cinco d'apar dos paos: ao q̃ lhe elle reſpódeo,eſſes ſenhores capitaẽs q̃ vẽ dar a menagẽ, he lhes neceſſario virem a eſte auto com ſeixinhos na boca, q̃ eu ja ſou noiuo velho. Em fim o Viſorrey fez aquelle auto com grande cerimonia, & tomou as menagẽs a todos,& os deſpidio,& logo ſe começaraõ a embarcar pera ſuas fortalezas.

E por q̃ as couſas de Diu eſtauaõ arroinadas, pellas alteraçoens q̃ atras cõtamos no cap. 16. deſte liuro 10. ordenou o Viſorrey trezẽtos homẽs cõ ſeus capitaẽs pera lhes irẽ dar meſas,q̃ ſaõ os ſeguintes. Dõ Ioaõ d'Almeida filho do Contador mór, Ioaõ Lopez Leitaõ,pagem da lãça do Principe dõ Ioaõ,Triſtaõ Vaz da Veiga,Felipe Carneiro ſobrinho de Pero d'Alcaçoua, Fernaõ de Caſtanhoſo, a fora outros fidalgos q̃ foraõ inuernar áq̃lla fortaleza por amor de dõ Diogo de Noronha,& pella guerra q̃ ſe eſperaua. O Viſorrey encomẽdou a dõ Diogo de Noronha, que trabalhaſſe por tomar a fortaleza aos Mouros, & lançalos fora da ilha.

Pera Ormuz pagou o Viſorrey quinhentos homẽs,q̃ repartio por coatro ou cinco nauios de mercadores de alto bordo,q̃ auiaõ de ir em companhia de Bernaldim de Souſa,a quem o Viſorrey deu vm fermoſo Galeaõ, de q̃ era capitaõ Ruy de Craſto, em q̃ yaõ embarcados trezẽtos homens,& lhe deu mais dous nauios de remo,cõ regimento q̃ como chegaſſe a Ormuz entregaſſe a gẽte a dõ Fernãdo de Meneſes,& o Galeaõ a dõ Antaõ de Noronha,pera ſe vir nelle pera a India.Eſtes capitaẽs partiraõ por todo o mes de Março, & logo ſe ſerrou o inuerno de Goa em q̃ naõ ha q̃ fazer,& por iſſo continuaremos cõ dõ Fernando de Meneſes.

Partida eſta armada de Goa foi ſeguindo ſua derrota a te mõte de Felix,a onde ſe deixou andar eſperando pellas naos do Achem & Cambaya, ſobre q̃ teue grãdes vigias,& mãdou algũas Fuſtas ligeiras q̃ foſſem ás portas do eſtreito a tomar fala das Galés. Eſtes nauios tomaraõ algũas Geluas de mercadores,de quẽ ſouberaõ q̃ no porto de Meca naõ auia mais q̃ as tres ou coatro Galeotas de que era capitaõ Cafar, que foi cõ quẽ Luis Figueira pelejou, & recolhẽdoſſe cõ eſte recado o deraõ ao capitaõ mór. Era ja iſto entrada d'Abril, tẽpo em q̃ lhe era neceſſario recolheremſe a Ormuz,o que fizeraõ

ſem acharem couſa algũa.

Dada á vela foraõ correndo a coſta de Arabia, & chegãdo á fortaleza de Dofar, ſorgio com toda a armada, por q̃ leuaua dom Fernando por regimento de ſeu pay que lançaſſe della os Fartaquins, q̃ ſe tornaraõ a meter dentro. Ao outro dia ſe paſſou toda a gẽte da armada aos nauios de remo,& bateis dos Galeoens, & Carauelas,& cometeraõ a terra a onde os noſſos deſembarcaraõ com trabalho por cauſa da quebrãça dos mares q̃ ali ſaõ muito ſoberbos. Os Fartaquins ſairaõ da fortaleza perto de trezẽtos em caualos Arabios,& camelos q̃ pera iſſo trazem inſinados,& ſe começaraõ a baralhar cõ os primeiros q̃ ſairaõ em terra,me tẽdoſſe antre elles como brutos,ſẽ temor da morte, derribãdo & ferindo d'aq̃lle primeiro encontro dez ou doze dos noſſos, em q̃ entraua Ioaõ Velho capitaõ de vm nauio,Lopo Gõçaluez Maracote, & Thome Figueira caualeiros muito honrados. Os noſſos que yaõ deſembarcando d'euagar por cauſa dos mares,vẽdo os q̃ eſtauaõ em terra trauados cõ os imigos, com aquelle furor,ſe lançaraõ ao mar pera ſe acharẽ com os cõpanheiros naquella enuolta. A noſſa eſpingardaria fez grãde eſtrago nos imigos, & dos primeiros tiros lhes derribaraõ muitos, vns mortos & outros feridos q̃ logo foraõ recolhidos. Os Fartaquins vendoſſe apertados da arcabuzaria ſe recolheraõ pera a fortaleza,& trataraõ de ſe defenderem nella.Dom Fernando de Meneſes deſembarcou emterra cõtoda a gẽte,&chamãdo a ſi os capitaẽs tomou cõ elles cõſelho ſobre o q̃ faria: & aſſentaraõ q̃ ſe naõ cometeſſe a fortaleza,ja q̃ ſe naõ podia deſembarcar a artelharia pera ſe bater. Cõ eſta reſoluçaõ ſe foraõ embarcar adiante d'aquelle poſto vm tiro de Eſpera a onde fazia mais remanço pera as embarcaçoens chegarem.

Recolhidos nellas deraõ á vela,& foraõ corrẽdo a coſta de Arabia,Curia,Muria, Matraca, Amacieira,& os Palheiros,a te dobrarẽ o cabo de Roſalgate. D'ali foraõ a Maſcate a onde a armada groſſa entrou,& dom Fernando a entregou a Manoel de Vaſconcellos(de q̃ falamos muitas vezes no cerco de Diu,na quinta decada,no liuro 4.cap.1.& 6.) q̃ foi ſogro de Diogo de Meſquita, & de Pãtaliaõ de Sá,q̃ era vm fidalgo velho de muito bõ intendimento, q̃ o Viſorrey mãdou embarcado com ſeu filho pera o aconſelhar em tudo: por q̃ auia de ficar ali cõ ella inuernãdo, & dõ Fernando era lhe neceſſario paſſar a Ormuz. E ſabendo q̃ Bernaldim de Souſa naõ era ainda paſſado auante,deſpidio cinco nauios de remo a eſperalo ao cabo de Roſalgate, & pera recolherem os nauios de mercadores.

Chegados eſtes nauios ao cabo,

veyo logo ter cõ elles. Bernaldim de Sousa: & porq̃ o vẽto era põteiro, mudouse aos nauios de remo, & foi ter a Mascate, a onde achou dõ Fernãdo q̃ o recebeo bem: d'ahi a poucos dias chegarão as naos da cõpanhia de Bernaldim de Sousa, & cõ ellas se partio elle & dom Fernando pera Ormuz, a onde forão muito festejados, & dom Antão de Noronha entregou a fortaleza a Bernaldim de Sousa, & tomou posse do seu Galeão, que logo mandou pera Mascate a inuernar com os outros.

## CAPITVLO XIX.

*De como dom Diogo de Noronha capitão de Diu tomou a fortaleza aos Mouros. E da gente que Abiscan mãdou de socorro: & do recontro q̃ com ella teue Fernão de Castanhoso, em que foi morto com dezassete soldados. E de como dom Diogo de Noronha acodio, & lançou os Mouros fora da ilha.*

PARTIDO dõ Diogo de Noronha de Ormuz, chegou a Diu no fim de Abril, & dõ Iorge lhe entregou a fortaleza, & se embarcou logo pera a outra costa. Entregue dõ Diogo da fortaleza, tomou informação das cousas da ilha, & soube como o Cide Elal, Abexim, não deixaua de vsar de sua natureza, nẽ nũca seria bõ visinho naquella ilha por sua soberba: por q̃ os seus esquecidos do castigo q̃ lhe deu dõ Diogo d'Almeida, como dissemos no cap. 16. deste liuro 10. não deixauão de assoberbar os officiaes Portugueses q̃ estauão na alfandega, & de se encontrarẽ cõ os q̃ yão á cidade fazẽdolhes despresos & afrõtas, q̃ elles sofrião por lho ter assi mandado o capitão. E querẽdo vsar do regimẽto q̃ lhe o Visorrey deu sobre aquelle negocio determinou de tirar d'ali aq̃lle visinho, & desfazer aq̃lla fortaleza, pera o q̃ se fez prestes, & deu recado aos capitães, que repartirão moniçoẽs pellos soldados, & mãdarão fazer escadas pera cometerẽ a fortaleza á escala vista. Prestes tudo sayo o capitão hũa tarde a horas de vespora da fortaleza, a onde deixou sò velhos & mãcos: & mãdou q̃ se fechassẽ as portas, & cõ seiscentos homẽs repartidos por suas bãdeiras, ao som de muitos tãbores & pifaros atrauessou a cidade, que se lhe despejou toda de medo.

O Cide Elal tãto q̃ teue rebate de como o capitão ya, recolheose na fortaleza cõ toda a gẽte q̃ pode, cõ determinação de se defender. Os nossos chegarão á fortaleza, & cõ grãdes estrõdos, gritas, & determinação acometerão, aruorandolhe logo muitas escadas, por onde começa-

começaraõ a ſobir, & dos primeiros foi Felipe Carneiro, a q̃ deraõ hũa eſpingardada por hũa perna de q̃ ficou ſempre manquejãdo,& a Alexãdre de Souſa hũa frechada na maõ,& outros muitos. Vẽdo dõ Diogo de Noronha q̃ pellas eſcadas ſe naõ podia entrar a fortaleza,mandou trazer muita lenha & palha, pera queimar as portas, & em lhe põdo o fogo mãdou gritar aos de cima, por Coge Abrahaõ Iudeu,q̃ ſe entregaſsẽ,& q̃ lhes daria as vidas,& q̃ queria mãdar falar cõ Abiſcan: de cima lhe reſpõderaõ q̃ mãdaſſe embora, & lãçaraõlhe hũa eſcada de cordas pera iſſo. Dõ Diogo de Noronha mãdou ſobir acima Coge Abrahaõ,q̃ ainda oje viue,&lhe deu o ſeu anel de ſinete pera credito do q̃diſſeſſe.

Poſto Coge Ahrahaõ em cima diſſe ao capitaõ que dõ Diogo de Noronha lhe mãdaua dizer q̃ lhe entregaſſe a fortaleza,&q̃ deixaria ſair della todos os q̃ lá eſtauaõ ſaluas ſuas peſſoas: & q̃ pera penhor de ſua palaura mãdaua aq̃lle anel de ſuas armas: O Abexim tomou parecer cõ os ſeus ſobre o q̃ faria, & aſſentaraõ q̃ aceitaſsẽ os partidos,& em recados q̃ foraõ & vieraõ ſobre iſto ſe gaſtou a noite toda,& em amanhecẽdo abriraõ as portas,& ſe ſairaõ todos da fortaleza ſẽ leuarẽ mais q̃ ſuas peſſoas,deixãdo dẽtro ate as armas,& ſe foraõ recolhendo liuremente pera ſe paſſarem á outra banda.

Dõ Diogo de Noronha depois dos ſoldados eſcalarẽ a fortaleza, a mãdou derribar por muitos trabalhadores & eſcrauos q̃ pera iſſo leuaua,cõ muitos picoẽs & aluioẽs.

E eſtãdo neſta obra lhe deraõ rebate,q̃ pello paſſo do Callado paſſauaõ da outra bãda muitos Mouros, & q̃ era ali chegado Abiſcan cõ coatro mil homẽs pera ſocorrer a fortaleza,porq̃ logo foi auiſado pella poſta. Dõ Diogo de Noronha deſpidio logo Fernaõ de Caſtanhoſo cõ cento & vinte homẽs,q̃ partio taõ apreſſadamẽte, q̃ naõ eſperou por todos os q̃ auiaõ de ir cõ elle: & chegãdo ao cãpo, deu cõ mais de trezẽtos de caualo, pello q̃ lhe foi forçado recolherſe: neſta retirada ſe lhe deſmãdaraõ os ſeus,& elle ſe achou com ſó deſaſſete q̃ ſempre o ſeguiraõ. E vendo q̃ os imigos o yaõ entrando ſe recolheo a vm tezo todo de hũa lagea, a onde os caualos naõ podiaõ chegar:ali ſe fizeraõ os noſſos fortes,& cõ ſuas eſpingardas ſe defenderaõ valeroſamente. Os Mouros vẽdoos naq̃lle poſto, decendoſſe dos caualos os rodearaõ, & cometeraõ mũy determinadamẽte. Fernaõ de Caſtanhoſo cõ os companheiros pondo as coſtas vns nos outros pelejaraõ mũy animoſamẽte,derribãdo muitos dos imigos, mas como o numero era taõ deſigual, foraõ todos mortos ás frechadas, por que ſe naõ atreueraõ os Mouros cometelos á eſpada,

pellas

pellas façanhas,& cousas que com ella lhes viaõ fazer.

Mortos estes esforçados caualeiros,os imigos lhes abriraõ os peitos,& lhes tiraraõ aqlles grãdes, & mũy animosos coraçoẽs, q̃ ainda estauaõ palpitando, pera os leuarẽ de presente a Abiscan,& de todos os q̃ se aqui acolheraõ sõ dous escaparaõ,q̃ se recolheraõ,& escõderaõ em hũa vaza. Dom Diogo de Noronha teue rebate de como os da cõpanhia de Fernaõ de Castanhoso vinhaõ fogindo,& dãdolhe a paixaõ tomou o guiaõ de Christo apar de si,& abalou pera o cãpo cõ todo o corpo da gẽte. Luis Cabral q̃ era feitor de Diu, caualeiro mũy hõrado & esforçado, vẽdo ir asi dõ Diogo cheyo de colora,& tẽdo informaçaõ como o cãpo estaua ja cheyo de imigos, chegouse a elle & o liou dizẽdo, q̃ lhe requeria da parte d'Elrey q̃ naõ passasse d'ali,porq̃ a fortaleza d'Elrey ficaua sõ, & q̃ poderiaõ os imigos ir por outra parte & tomarẽna:& ainda q̃ naõ tentassẽ isto,se lhe acontecesse vm desastre tudo se perderia. Dõ Diogo como a paixaõ o tinha cego, desasindosse delle lhe disse: como eu morrer, acabese tudo. Esta palaura soou mal a muitos,& pezoulhes de lha ouuirem: & a nós nos affirmaraõ algũas pessoas muito graues,que se escreueo a Elrey, & que isso fora causa de naõ soceder nas vias,por naõ querer Elrey entregar a India nas maõs de vm homẽ taõ arriscado.

Dom Diogo de Noronha foi caminhando pera o campo,& despidio Coge Abrahaõ em vm caualo muito fermoso,pera q̃ fosse ver onde os imigos estauaõ, & o q̃ faziaõ:o Iudeu passou adiãte & chegou ao lugar a onde Fernaõ de Castanhoso estaua morto cõ os cõpanheiros, & passando auãte descobrio os imigos q̃ naõ seriaõ mais q̃ aquelles q̃ pelejaraõ cõ Fernaõ de Castanhoso, q̃ estauaõ parados esperãdo por mais gẽte que vinha passando. E voltãdo chegou a dõ Diogo de Noronha, & lhe disse q̃ adiante tinha os imigos.E mandãdolhe q̃ o guiasse o fez : & como era Iudeu,& prudẽte, o foi desuiãdo do lugar em q̃ Fernaõ de Castanhoso estaua,de quẽ o capitaõ naõ sabia nouas: & disimulãdo Coge Abrahaõ se chegou a elle á orelha, & lhe disse em segredo o q̃ vira: & dõ Diogo lhe disse q̃ se callasse porq̃ os seus se naõ desbaratassem por si.E chegãdo á vista dos imigos,mãdou algũs capitaẽs q̃ os fossẽ cometer, o q̃ elles fizeraõ mũy determinadamẽte, os imigos naõ ousando aos esperar se foraõ recolhẽdo pera o passo,ate onde os nossos os seguiraõ, & os apertaraõ de maneira,q̃ os fizeraõ lãçar a agoa, & se passaraõ da outra banda.

Abiscan vẽdo os seus desbaratados mandou a tirar aos nossos cõ algũas bombardas que trazia acarretadas. Como o campo era

todo deſcuberto, receando dom Diogo que lhe mataſſem alguns, ſe foi recolhendo pera a cidade:& paſſando por onde os mortos eſtauaõ os mandou recolher á fortaleza,& darlhe hõroſas ſepulturas: & naõ ſe quis apartar da fortaleza que ſe eſtaua derribando, ate ſer toda poſta por terra. E como teue aquella obra acabada,ſe recolheo á cidade,& mandou fechar as portas,& repartio pello muro (que a cerca de mar a mar) trezentos homens: & pós pellas guaritas algũas peças pequenas de artelharia pera ſua defenſaõ: porque bem entendeo que Abiſcan auia de cometer a cidade, como fez ao outro dia, mas foilhe tambem defendida dos noſſos, que o fizeraõ recolher cõ muita gente morta.

Paſſado iſto deſpidio logo dõ Diogo de Noronha Coge Abrahaõ em vm catur ligeiro, & com elle vm Diogo Fernandez Caſtelhano,& por elle mandou dizer a Madre Maluco Regedor do reino,q̃ Abiſcan ſe aleuãtara cõ aq̃llas terras,& q̃ por lhe parecer q̃ ſeruia niſſo a Elrey de Cãbaya,o caſtigara,como traidor, & lhe tomara a fortaleza,& cidade de Diu, cõ toda a alfãdega,mas q̃ tudo era d'El rey de Cãbaya,& q̃ o entregaria a quẽ elle mãdaſſe. Eſte recado eſtimou muito Madre Maluco,& mã dou os agardecimẽtos a dõ Diogo de Noronha,& lhe eſcreueo q̃ Abiſcan ficaria na cidade de Nouanager,a onde Elrey mãdaua q̃ reſidiſſe, & q̃ naõ entẽdeſſe mais cõ os Portugueſes,& que lhe deixaſſe arrecadar a metade da alfandega q̃ lhe Elrey daua conforme aos cõ tratos das pazes,& ſobre iſto mandou vm largo formaõ a Abiſcan. Dom Diogo de Noronha folgou muito com a repoſta de Madre Maluco: & o Abiſcan mandou logo viſitar,& a tratar de pazes por lho mandar aſsi Madre Maluco: & concertaraõſe que correſſe a alfandega como d'antes: & que naõ foſſe mais o recebedor della Cide Elal,por q̃ fora o aluoroçador de todas as couſas paſſadas. Abiſcan o mandou tirar,& proueo em ſeu lugar d'outro Abexim chamado Cide Merjaõ. Neſte eſtado deixamos eſtas couſas ate tornar a ellas.

## CAPITVLO VLTIMO.

*De como o Turco mãdou outro capitaõ chamado Alecheluby, pera lhe leuar as Gales de Baçorâ a Suês: & de como ſayo de Baçorâ, & ſe encõtrou cõ a armada de dom Fernando de Meneſes, & lhe tomou ſeis Galès.*

RECOLHIDO Moradobec pera Baçorá cõ as Galés fogindo a dõ Diogo de Noronha, d'aquella grande batalha que teue com Gõçalo

çalo Pereira Marramaque, logo o Turco teue recado por terra do socesso,do que ficou mũy enfadado. Andaua na corte vm cossairo q̃ se chamaua Alecheluby,q̃ fora tisoureiro do Cairo,homẽ muito rico, & valido antre os Baxás. Este em chegãdo as nouas do que socedeo a Moradobec,o começou a vitupe rar diãte dos Baxás dizẽdo , q̃ homẽ q̃ entregara a fortaleza de Catifa aos Portugueses sem esperar golpe de espada, naõ se lhe ouuera d'entregar aquelle negocio nas maõs, offerecẽdosse aos Baxás pera elle passar aquellas quinze Galés a Suez,como o Turco mandaua. Os Baxás por que eraõ seus amigos lhe ouueraõ a jornada , & elle partio pella posta pera Baçorá,& tomando posse da armada, começou a negociar as quinze Ga lés muito bem pera partir na entrada d Agosto.

Dom Fernãdo de Meneses como entrou o més de Iulho, despidio tres nauios de que eraõ capitaẽs Gomez de Siqueira,Luis d'Aguiar , & Bastiaõ de Macedo da obrigaçaõ do Conde da Vidigueira,& deulhes por regimento que se fossem pór na boca do estreito de Baçorá,& vigiasẽ as Galés:& q̃ das nouas q̃ achasẽ o auisasẽ por vm delles:& q̃ sempre os dous ficariaõ em vigia ate as Galés sairẽ. Estes capitaẽs se foraõ pór na para gẽ q̃ lhes mãdauaõ , onde se deixaraõ estar:& de algũas terradas q̃ tomaraõ souberaõ como era chegado Alecheluby,& q̃ ficaua ja cõ as Galés no mar,negociãdoas pera sair pera fora.Cõ este auiso partio o Gomez de Siqueira.

Bernaldim de Sousa teue tal maneira,q̃ mãdou algũas espias a saber das Galés,q̃ se foraõ em Terranquins feitos pescadores, pescãdo dẽtro no estreito , & leuauaõ o peixe a vender ás Galés, & viaõ,& notauaõ tudo sem ninguem se recear delles , & cada dous dias era Bernaldim de Sousa auisado do que se passaua.

Alecheluby tendo as Galés prestes,sendo ja alguns dias d'Agosto sayo cõ ellas fora do estreito . Os nossos nauios q̃ lá andauaõ,tãto q̃ ouueraõ vista dellas voltaraõ pera Ormuz,& deraõ as nouas a dõ Fernãdo de Meneses,q̃ no mesmo dia se embarcou nos nauios ligeiros q̃ tinha prestes,& partio pera Masca te a se meter na sua armada, & sair em busca das Galés, & em sua cõpanhia foi dõ Antaõ de Noronha em hũa Galeota cõ corenta soldados & fidalgos. Chegãdo áquelle porto tomãdo depressa algũas cousas necessarias,se embarcou nos Galeoẽs,& cõ toda a armada tornou a voltar em busca das Galés.

Bernaldim de Sousa tanto q̃ se partio dõ Fernando de Meneses, armou vm Galeaõ q̃ ali estaua de vm Gomez Farinha,& tres ou coatro naos de mercadores,& lhes meteo artelharia,& muitas moniçoẽs

& soldados,& se embarcou no Galeaó,com tençaõ de tanto q̃ as Galés passassẽ, irse pór na boca do estreito de Baçorá,porq̃ se as Galés viessẽ fogindo da armada de dom Fernando de Meneses,lhes tiuesse as portas fechadas,pera se naõ poderẽ recolher,& asi naõ escaparia nenhũa,& disto auisou a dom Fernando por Terranquins muito ligeiros,auisandoo q̃ se as Galés lhe fogissẽ pera dentro as seguisse ate Baçorá a onde elle estaria,& q̃ asi lhe ficariaõ as Galés no meyo, & se perderiaõ todas: discurso & ardil de muito grande capitaõ.

Dõ Fernãdo de Meneses tãto q̃ sayo de Mascate foi corrẽdo a costa de Arabia pera dẽtro em busca das Galés,& mãdou diãte algũs catures ligeiros pera as espiarem, estes chegãdo ao cabo de Moçandaõ ouueraõ vista das Galés, que eraõ quinze, & todas vinhaõ em hũa ála,& voltãdo ao capitaõ mór lhe deraõ recado de como vinhaõ atras. Dõ Fernando negociou os seus Galeoens,& deu ordẽ no modo de como auiaõ de cometer as Galés,& indo adiãte encontrouse cõ ellas,& mãdou as Fustas & Carauelas por mais ligeiras pera pegarem com ellas como fizeraõ, ateandosse antre todos hũa fermosa batalha de bombardadas.

Alecheluby tanto q̃ vio a nossa armada, deixouse ir á vela, & foi arribando pera terra,& despidindo sua artelharia. Dom Antaõ de Noronha q̃ ya no seu Galeaõ,meteose em hũa Galeota cõ muitos fidalgos & soldados, & foi demãdar o capitaõ mór pera se meter cõ elle,por lho ter asi escrito o Visorrey, & que seu filho naõ fizesse cousa algũa sem elle. O vento ya refrescãdo, & as Galés arribando pera terra,ficandolhe o Galeaõ de Gomez da Sylua muito perto ás bõbardadas cõ ellas,& sabia dom Antaõ q̃ leuaua pouca gẽte, por q̃ cõ a pressa lhe ficaraõ todos em Ormuz. E receãdo q̃ lhe acõtecesse algũ desastre,por estar vm pouco desuiado da armada,pedio aos fidalgos q̃ cõ elle yaõ, q̃ se fossem meter naquelle Galeaõ, q̃ era asi necessario ao seruiço d'Elrey,& tomando o remo chegou a elle arriscado ás Galés o cometerẽ, & deitãdolhe dẽtro vinte & tantos homẽs voltou pera o Galeaõ do capitaõ mór,onde se meteo. As Galés foraõ arribãdo pera terra,& se recolheraõ na enceada de Lima, a onde os Galeoẽs naõ podiaõ chegar. Dom Fernando de Meneses vendosse atalhado tomou cõselho sobre o q̃ faria, porq̃ as Gales yaõ fazendo sua derrota cozidas com a terra,& vns diziaõ hũa cousa, outros outra: mas vm piloto velho & antigo,q̃ ya na armada, de quẽ parece q̃ falou o Espirito Sancto, disse q̃ os ventos eraõ Oestes, & Oessuduestes pella proa,& que os Galeoẽs naquelle bordo per nenhum caso poderiaõ sordir auãte,

nem

nem tomar Maſcate: q̃ era de parecer q̃ ſe fizeſſem na volta da coſta de Perſia, & que della na outra volta poderiaõ tomar Maſcate (por que elle o anno paſſado indo em hũa nao do capitaõ de Ormuz pera Bengala naq̃lla meſma mouçaõ, tomara aquella derrota, & q̃ pella outra coſta achara os ventos galernos, & fora correndo á vontade: & q̃ do cabo de Iaſques atraueſſara, & fora tomar Maſcate muito folgadamẽte.) Parecẽdo aquillo bẽ a todos, voltaraõ no outro bordo, & foraõ ferrar Maſcate, deixãdo o capitaõ mór os nauios mais ligeiros pera vigiarẽ as Galés.

Chegada a armada áq̃lle porto ſorgio na baya, & mãdou o capitaõ mór fazer agoa & lenha, & deſpidio mais nauios ligeiros a eſpiar as Galés. Neſtes dias q̃ aqui eſteue ſe notaraõ dous caſos notaueis. Vm delles foi: eſtando a armada ſurta na baya, entrou vm dia por ella dentro vm monſtro marinho muito mayor que hũa balea, & da mais eſtranha feiçaõ que nunca ſe vio: & chegãdo ao Galeaõ de dõ Fernando de Meneſes, o rodeou muito deuagar. Os Mouros da terra tendo rebate, ſe embarcaraõ alguns peſcadores em vm grande & fermoſo Terranquim, & tomãdo betas groſſas amarradas hũas nas outras, fizeraõ vm grande laço, & pondolhe ſuas iſcas foi as o monſtro demandar, & dando no laço ficou preſo. Os Moutros tanto q̃ o ſintiraõ foraõlhe largãdo as betas todas, dandolhe fugalaça por q̃ os naõ meteſſe no fundo, leuandoos o monſtro á toa pella barra fora: porq̃ com a força q̃ era mũy grande, foi dando pancadas, & tirando pella terrada, no q̃ ſe gaſtaraõ muitas horas. Canſada aquella alimaria, poſeraõſe os Arabios aos remos, & foraõ remando pera dentro, leuandoa a pos ſi a te a enceada de Mocalachina, & lançando os cabos em terra foraõ amarrados em parte ſegura: & ajuntandoſſe muita gente, alaraõ por elles, & poſeraõ o monſtro á borda da agoa, a onde o desfizeraõ, pello naõ poderem trazer a terra.

A outra couſa que ſe notou foi: hũa noite antes de pelejarem cõ as Galés, viraõ correr pello ceo vm Cometa deſſes errantes, muito grande & fogoſo, & ſe foi desfazer naquella parte em q̃ depois os noſſos tomaraõ as Galés, q̃ durou muito grande eſpaço. Eſtando a armada aſsi ſurta chegaraõ as Fuſtas q̃ as foraõ eſpiar, & diſſeraõ ao capitaõ mór, q̃ as Galés ficauaõ aos ilheos de Soar, doze legoas de Maſcate. Com eſtas nouas ſe leuou, & mandou embandeirar a armada, & deu á vela em buſca das Galés: & aos vinte & cinco dias do mes d'Agoſto, dia de ſaõ Luis Confeſſor ás noue horas do dia ou ueraõ viſta dellas.

O Alecheluby vendo os Galeoẽs cuidou que eraõ naos de merca-

dores,por q̃ tinha deixado atras a armada cõ tẽpos taõ roins, q̃ depois q̃ a perdeo de vista a te li, pós quinze dias, & pareceolhe q̃ se tinha tornado pera Ormuz. As Galés vinhaõ todas a remo de longo da terra a fio com o vento pella proa: & aos ilheos que estaõ duas legoas de Mascate se encontraraõ na mais fermosa & limpa praya q̃ ha em toda a costa de Arabia. O capitaõ mór foi cingindo o már cõ toda a sua armada,porq̃ as Galés lhe naõ podessem escapar,& as foi demandando cõ os nauios de remo diante,& as Carauelas logo a pos elles,& os Galeoens estendidos pello mar todos embandeirados,que era hũa fermosa cousa de ver. O Alecheluby vendosse encurralado á terra,& q̃ pera voltar pera tras ja o naõ podia fazer, determinou de passar a remo cozido com a terra pellas proas dos nossos nauios, & foraõ forçando o remo pera vingarem hũa ponta que ali lançaua ao mar. Dõ Fernando de Meneses chegou cõ o seu Galeaõ ate dar em oito braças,q̃ mãdou lançar ferro, & as Carauelas foraõ arribando a terra sobre as Galés. O Alecheluby com noue Galés as mais ligeiras,q̃ ya diante, vingou a ponta primeiro q̃ as nossas Carauelas chegasse,& as seis q̃ ficaraõ mais atras, naõ a poderaõ passar. As Carauelas q̃ eraõ nauios mais pequenos,& ligeiros,foraõse metendo bem a terra: a de dom Ieronymo de Castel branco q̃ va diante de todos foi prepassando pello Galeaõ do capitaõ mór. Dõ Antonio de Castelbranco irmaõ de dom Ieronymo q̃ ya com dom Fernando de Meneses, vendo ir o irmaõ diante de todos, se pós em cima do chapiteo,& bradou pello irmaõ dizendo: Ah rapaz varame essa Carauela: o dom Ieronymo o fez assi: por que metendo de ló tudo o que pode chegou a terra pella proa das Galés,& quis Deos que neste tempo desse do Galeaõ do capitaõ mór hũa bombardada em hũa Galé q̃ ya diante com q̃ a atrauessou,& as outras foraõ encalhar nella. Ao mesmo tempo chegou dõ Ieronymo de Castelbranco,& atrauessouse antre as Galés, pondo a Carauela em seco no meyo de duas dellas,sobre quem lançou tanto fogo q̃ as abrazou.Dom Manoel Mascarenhas q̃ va logo pegado a dom Ieronymo de Castelbranco chegou ás Gales em q̃ elle estaua aferrado,& lançou tãto fogo sobre hũa que a abrazou, & passou adiante, & ferrou em outra. Dom Ieronymo lançouse cõ quinze ou vinte soldados em hũa das Galés em que estaua encalhado,& á espada a axorou matando todos os Turcos.

As outras Carauelas foraõ chegãdo, & ferraraõ cada hũa da sua: Antonio de Valadares, & dõ Fernando de Monroy, tanto que posseraõ as proas em as Galés,logo se

baldea-

baldearaõ dentro, & á eſpada & rodela tiueraõ hũa aſpera batalha com os Turcos, & por fim della mataraõ muitos,& os mais ſe lançaraõ ao mar.

Dom Manoel Maſcarenhas depois que axorou hũa das Galés,das em que dom Ieronymo eſtaua encalhado, foi pór a proa n'outra q̃ tambem rendeo.

Dom Ieronymo de Caſtelbrãco,depois que rendeo as ſuas duas Galés mandou lançar vm virador ao már,& alandoſſe por elle ſe tirou do ſeco,& leuou as Galés com ſigo,confeſſando publicamente, q̃ dom Manoel Maſcarenhas rendera & abraſára hũa dellas,do que a dom Manoel lhe naõ deu couſa algũa.

Rendidas as ſeis Galés, a gente dellas que ſe lançou ao mar foi toda morta pella das noſſas Fuſtas (que ſe meteraõ antre as Galés & a terra) ſem darem vida a peſſoa algũa. Alecheluby que tinha paſſado a ponta com noue Galés foiſe pór ao mar da noſſa armada, & eſteue olhando a briga,& vendo as Galés rendidas deu a vela, & ſe fez na volta da outra coſta, com tençaõ de ſe paſſar a Cambaya, porque a Conſtãtinopla naõ auia de ir por que o Turco eſtaua certo cortarlhe a cabeça. As noſſas Carauelas vendo ir as Galés, largaraõ as velas, & as foraõ ſeguindo ate a coſta da India.

Dom Fernando de Meneſes cõ aquella vitoria ſe recolheo a Maſcate pera ſe curarem algũs feridos que auia,que os capitaens das Carauelas paſſaraõ ás Fuſtas,& as ſeis Galés mandou reformar & concertar, & reſgatou a chuſma das maõs dos ſoldados, & as mandou benzer pellos ſacerdotes, & lhes pos a todas nomes pera ſerem conhecidas, & as repartio por fidalgos capitaens das Fuſtas.

A Gale ſancta Elena a Baſtiaõ de Macedo, ſancta Luzia a Manoel de Siqueira. A Conceiçaõ a Baltaſar Monteiro: A Vitoria a Gomez de Siqueira: Sanctiago a Iorge Pereira: E ſaõ Miguel a Gõçalo Guedes. Tomaraõſe neſtas Galés corenta & ſete peças d'artelharia de bronzo, em que entrauaõ Baſaliſcos, Eſperas, & Canhoens forçados de ate corenta arrates de pilouro,& outros camelos & aguias.

Dom Fernando de Meneſes em quanto prouia a armada deſpidio vm nauio ligeiro com as nouas da vitoria a ſeu pay, & elle ficou refazendo a armada. As noſſas Carauelas que yaõ ſeguindo as Galés deraõlhe caſſa a te a coſta da India,as ſete ſe recolheraõ a *Surrate*,a onde as Carauelas de dom Ieronymo de Caſtelbranco, de Nuno de Craſto,& de dom Manoel Maſcarenhas as enſacaraõ,& ſe deixaraõ ficar ſobre a barra. As outras duas Galés foraõ ſeguindo dom Fernando de Monroy,& An

tonio

tonio de Valadares, que as acoſſaraõ de maneira q̃ as fizeraõ varar, hũa em Damaõ, & outra em Danú, a onde ſe eſpedaçaraõ, & elles ſe paſſaraõ a Baçaim. Franciſco de Sá de Meneſes capitaõ d'aquelli fortaleza ſabendo o que paſſaua, & de como as outras Galés eſtauaõ recolhidas em Surrate, negociou dez ou doze nauios em que ſe embarcou, & ſe foi pór ſobre aquella barra em companhia das Carauelas.

Chegando eſtas nouas a Iorge de Mendoça capitaõ de Chaul, armou com muita preſſa outros dez ou doze nauios em que ſe embarcou, & ſe foi ajuntar com Franciſco de Sá. Era ja iſto perto de vinte de Setembro, & aos vinte & tres ſorgio na barra de Goa dom Pedro Maſcarenhas que vinha por Viſorrey da India. E por que as couſas que mais ſocederaõ entraõ em ſeu tempo as guardaremos pera a ſetima decada ſeguinte, em q̃ com o fauor diuino entraremos, dando primeiro fim a eſta ſexta a gloria & honra de Deos noſſo Senhor que viue & reina pera ſempre. Amen.

## Fim da Sexta Decada.